OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

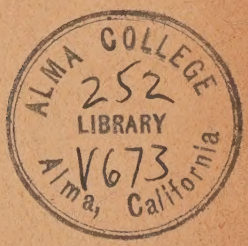
ST. IGNATIUS' CHURCH,
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON

SERMÕES

VOLUME VI

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
Rua das Carmelitas, 144
1907

0109

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina LINOTYPE

SERMÃO

DO

Santissimo Sacramento*

Em dia do Corpo de Deus

Prégado na Igreja e Convento da Encarnação

Hic est panis, qui de cœlo descendit. [1]

I

Celebra hoje esta Igreja o que celebram todas; mas nenhuma com tanta obrigação, nenhuma com tanta propriedade. Nas outras é a solemnidade propria do dia, nesta é do dia, e do logar. Andam tão ligados entre si estes dois soberanos mysterios — Encarnação e Sacramento — que a mesma sabedoria e eloquencia divina, para prégar as grandezas do Sacramento, se valeu das excellencias da Encarnação: *Hic est panis, qui de cœlo descendit.* [2] Este é o pão, diz Christo, que desceu do céu. Mas quando desceu do céu este pão? Não no dia em que se instituiu o mysterio do Sacramento, senão no dia em que se obrou o da Encarnação. Assim o confessamos todos com os joelhos em

---

* Sobre este sermão, escreve o doutissimo padre Honorati, dizendo que é elle um compendio theologico do tractado da Eucharistia, podendo considerar-se como fundamento dos outros prégados por Vieira sobre o mesmo assumpto.

Vê-se nelles quão inexhaurivel é a eloquencia do grande orador, pois fallando do mesmo argumento em tempos e logares diversos, discorre sempre com idêas e argumentações quasi sempre novas; de sorte que um sermão não se parece em nada com o outro e não se sabe de entre todos qual seja o mais primoroso.

[1] *Joan.*, VI.

[2] *Joan.*, VI, 59.

terra: *Descendit de cœlis, et Incarnatus est.* De maneira, que no mesmo Texto do thema, temos dois dias, e dois mysterios. O dia, e o mysterio do Sacramento: *Hic est panis:* e o dia, e o mysterio da Encarnação: *Qui de cœlo descendit:* o dia e o mysterio do Sacramento, conforme a celebridade; e o dia e mysterio da Encarnação, conforme o logar. Havendo pois de ser o sermão (como é bem que seja) não do corpo de Deus vagamente, senão do corpo de Deus na Encarnação; e havendo de tomar as medidas ao discurso pelo mesmo corpo de Christo, não só em quanto corpo de Deus sacramentado, senão tambem em quanto corpo de Deus encarnado; digo que o dia da Encarnação, e o dia do Sacramento, ambos são dias do corpo de Deus; mas com grande differença. O dia da Encarnação é o dia do corpo de Deus, porque no dia da Encarnação desceu Deus a tomar condições de corpo: e o dia do Sacramento tambem é o dia do corpo de Deus, porque no dia do Sacramento subiu o mesmo corpo a tomar attributos de Deus. Isto é o que determino prégar hoje; mas ainda não acertei a o dizer com os termos grandes que pede a magestade da materia. Para que eu a saiba, e me saiba declarar melhor, recorramos á fonte da graça, que está presente: *Ave Maria.*

II

Hic est panis, qui de cœlo descendit

O Apostolo S. Paulo, fallando da segunda parte deste Texto, isto é, de quando o Verbo divino desceu do céu a vestir-se de nossa carne, diz estas notaveis palavras: *Cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo: sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo.* [1] Quer dizer: Sendo o Eterno Verbo igual ao Padre em tudo, e não podendo deixar de o ser, fazendo-se porém homem, e similhante em tudo aos outros homens, de tal maneira encolheu e sumiu em si mesmo os attributos de sua

[1] *Philip.*, II, 6 e 7.

divindade e grandeza, que não se viam nem appareciam nelle depois de encarnado mais que os vazios da mesma divindade. Esta é a propria e rigorosa significação daquelle *exinanivit semetipsum:* e assim foi. Era o Verbo pela divindade espirito, e pela Encarnação teve corpo: era pela divindade immenso, e pela Encarnação ficou limitado: era pela divindade infinito, e pela Encarnação ficou finito: era pela divindade eterno, e pela Encarnação ficou temporal: era pela divindade invisivel, e pela Encarnação viam-no os olhos: era pela divindade immortal e impassivel, e pela Encarnação já padecia e estava sujeito á morte. Não são grandes vazios da divindade estes? Tão grandes, e tão profundos, que só a comprehensão de Paulo os póde de alguma maneira sondar: *Exinanivit semetipsum.* Mas aguarde trinta e tres annos a mesma divindade encarnada, e sahirá com igual ou maior milagre ao mundo o Sacramento do altar. Para que? Para que os vazios da divindade na Encarnação se tornassem a encher no Sacramento. Agora acertei a me declarar. Assim como pela Encarnação a divindade de Christo se despiu dos attributos de Deus, e se vestiu das propriedades de corpo; assim o mesmo corpo de Christo pelo Sacramento se despiu das propriedades de corpo, e se vestiu dos attributos de Deus. E este foi o modo mais que admiravel com que os vazios da divindade na Encarnação, se encheram e restauraram pelo Sacramento. Ora vede.

Pela Encarnação (como diziamos), Deus que era espiritual, ficou corporeo, com partes distinctas e extensas; pelo Sacramento, Christo que era e é corporeo, ficou espiritual todo em todo, e todo em qualquer parte, como espirito. Pela Encarnação, Deus, que era immenso, ficou limitado a um só logar; pelo Sacramento, Christo, que era limitado, ficou immenso, e está em todos os logares do mundo. Pela Encarnação, Deus, que era eterno, ficou temporal, e assim nasceu, viveu, e morreu em tempo; pelo Sacramento, Christo, que era temporal, se tornou a eternizar sem termo nem limite na duração. Pela Encarnação, Deus, que era infinito, ficou finito, como o são ambas as partes da humanidade; pelo Sacramento, Christo, que era finito, não tem fim, porque está infinitamente multiplicado. Pela Encarnação, Deus, que era invisivel, ficou visivel, e assim o viam os homens; pelo Sacramento,

Christo, que era visivel, ficou invisivel, porque nem o vêmos, nem o podemos vêr. Pela Encarnação, finalmente, Deus que era immortal e impassivel, ficou mortal e passivel, e padeceu e morreu pelos homens; pelo Sacramento, Christo, que era mortal e passivel, ficou impassivel e immortal, porque no estado e vida de sacramentado, é incapaz de padecer nem morrer. E que é cada differença destas, e muito mais todas juntas, senão estarem hoje cheios no corpo de Christo pelo Sacramento os vazios com que no mesmo corpo se occultou a divindade pela Encarnação: e ser o corpo de Christo sacramentado por todos os attributos divinos corpo de Deus?

No Capitulo quinto do Apocalypse viu S. João uma coisa notavel, e ouviu outra mais notavel. O que viu foi um throno de grande magestade, cercado de toda a côrte do céu, e sobre elle um Cordeiro em pé, mas como morto: *Agnum stantem tanquam occisum.* [1] O que ouviu foram as vozes de todos aquelles cortezãos, e de muitos córos de Anjos, que cantando e acclamando, diziam: Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber a virtude e a divindade: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem.* [2] Este Cordeiro não jazendo como morto, senão em pé como vivo, é o Cordeiro de Deus, que tira os peccados do mundo, Christo Redemptor nosso: mas é Christo, e o mesmo Christo, não em outro estado, ou de qualquer outro modo, senão em quanto sacramentado. Assim o entendem commummente os Interpretes deste logar: e as mesmas palavras do Texto o declaram com grande propriedade, porque não dizem que o Cordeiro estava morto como vivo, senão vivo como morto: *Stantem tanquam occisum.* Isto é o que crêmos propria e distinctamente, e o que nos ensina a fé no mysterio do Sacramento. A palavra *tanquam* significa representação, e não realidade: e o mesmo Christo sacramentado, que na realidade está no Sacramento tão vivo como no céu, no mesmo Sacramento por representação está morto como na cruz. Por isso as palavras da consagração na hostia põem o corpo como dividido do sangue, e no calix o sangue como dividido do corpo,

[1] *Apocal.*, v, 6.
[2] *Ibid.*, 12.

tudo em significação da morte, na qual (e de nenhum modo sem ella) se aprefeiçôa e consumma o Sacrificio. E por isso tambem em fórma, e com nome de cordeiro: porque desde o cordeiro de Abel na Lei da natureza, se sacrificava tambem na Lei escripta em figura de cordeiro o mesmo Christo. Assim o ensinou S. André ao proconsul Egeas, dizendo: *Ego omnipotenti Deo, qui unus, et verus est, immolo quotidie immaculatum Agnum, cujus carnem postquam omnis populus credentium manducaverit, integer perseverat, et vivus.*

Supposto, pois, que o Cordeiro vivo, e como morto, que S. João viu, era Christo, e Christo sacramentado: entrem agora as segundas e mais admiraveis palavras do Texto, com que os applausos e acclamações de toda a côrte celestial cantavam, e diziam ao Cordeiro, que elle era digno de receber a virtude e divindade: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem.* O mesmo S. João nota que este cantico era novo: *Cantabant canticum novum;* e parece que não era novo, senão antigo, e que já tinha de antiguidade, quando menos, trinta e quatro annos, que tantos se podem contar desde o dia da encarnação do Verbo, até o dia da instituição do Sacramento. Quando se fez o Filho de Deus homem, e quando se uniu á humanidade de Christo a divindade? Não ha duvida que no dia da Encarnação. Pois se o receber Christo em quanto homem a divindade, pertence ao mesmo Christo em quanto encarnado: que novidade é agora a deste cantico, em que toda a côrte do céu lhe dá o parabem de receber a divindade, não na Encarnação, em quanto Deus encarnado, senão no Sacramento, e em quanto Cordeiro sacramentado: *Dignus est Agnus accipere divinitatem?* A palavra *dignus* ainda aperta e accrescenta mais a duvida: porque *dignus* significa merecimento, e a união hypostatica, em que a natureza divina se uniu com a humana, nem a mereceu, nem a podia merecer a humanidade de Christo: pois se foi divindade, e divindade merecida, como se diz que Christo é digno de a receber, e que a recebeu como sacramentado? A razão altissima e nova, como lhe chama S. João, é a que eu tenho dito, e vou provando. Porque duas vezes e por dois modos differentes recebeu Christo a divindade: a primeira na Encarnação, em que Deus, do modo que era possivel, se despiu dos attributos de Deus, vestindo-se do corpo humano: a segunda no Sa-

cramento, em que Christo, do modo tambem que podia ser, enchendo em si os vazios da divindade, revestiu o mesmo corpo das propriedades de Deus. Onde se deve muito notar a propriedade das palavras *accipere divinitatem;* porque no mysterio da Encarnação não foi o corpo mais propriamente o que recebeu a divindade, senão a divindade a que recebeu o corpo: *Verbum caro factum est:* porém no mysterio do Sacramento, assim como a divindade na Encarnação foi a que propriamente recebeu o corpo, assim o corpo propriamente foi o que recebeu a divindade: *Dignus est Agnus accipere divinitatem.*

Prégando o mesmo Christo aos que tinha sustentado com o milagre dos cinco pães, alli começou a revelar o mysterio do Sacramento, exhortando-os a que comessem de outro melhor pão, que elle lhes daria, o qual era pão de vida, não temporal, mas eterna: *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis.* [1] E para que não duvidassem da virtude deste maravilhoso pão, accrescentou que Deus tinha impresso nelle o seu sigillo, ou sinete: *Hunc enim Pater signavit Deus.* [2] A palavra *signavit* vale o mesmo que *sigillavit:* assim se lê no Texto original. Saibamos agora: e qual foi a figura, ou imagem que estava aberta neste sinete? Todos os Santos Padres concordam, em que era a figura e imagem da divindade: e essa força tem o nome de Deus accrescentado ao de Padre: *Hunc Patre signavit Deus:* modo de fallar em Christo singular nesta occasião. Mas se Christo falla de si em quanto homem e em quanto sacramentado: em quanto homem, *quem Filius hominis dabit vobis;* e em quanto sacramentado, *cibum qui permanet in vitam æternam,* porque prova os poderes desta virtude com o sinete da divindade, que Deus imprimiu nelle? Não se poderá melhor confirmar o altissimo pensamento em que estamos. Aquella hostia, em que a nossa fé crê e adora o corpo de Christo, é uma obrêa consagrada, em que Deus imprimiu o seu sinete: e como neste sinete estava aberta a imagem e figura da divindade, com todos seus attributos, tambem na mesma hostia ficou impressa a similhança de

[1] *Joan.*, VI, 27.
[2] *Ibid.*

todos elles, e por isso se acham todos no Sacramento. Ainda falta a maior propriedade e energia da metaphora do sinete de que usou o Senhor, para que melhor entendessemos todo o mysterio. O que no sinete está cavado e vazio, é o que na materia em que se imprime fica relevado e cheio, e assim ficaram cheios no Sacramento os vazios da Encarnação: *Exinanivit semetipsum: hunc Pater sigillavit Deus.* Na Encarnação todos os attributos divinos vazios, e no Sacramento cheios: na Encarnação todos sumidos, e no Sacramento todos relevados.

III

Por este modo ficou o corpo de Christo no Sacramento revestido dos attributos divinos, e com maior propriedade corpo de Deus. Corpo de Deus, porque espiritual; corpo de Deus, porque immenso; corpo de Deus, porque eterno, corpo de Deus, porque infinito; corpo de Deus, porque invisivel; corpo de Deus, porque immortal; corpo de Deus, porque impassivel. E isto é o que agora, parte por parte, e attributo por attributo, ha de ir mostrando o nosso discurso. Mas porque todas estas maravilhas de seu corpo divinisado foram ordenadas por Christo para nosso remedio e proveito, de tal maneira as irei provando no Sacramento, que juntamente mostrarei, como o mesmo Sacramento nol-as communica todas a nós. Elle se digne de me ajudar e assistir com nova graça, em materia tão alta e tão difficultosa.

A primeira propriedade, tão natural da divindade como alheia do corpo, que é ser Deus espirito, assim como foi o primeiro vazio com que o mesmo Deus se eximiu na Encarnação, assim é tambem o primeiro attributo com que Christo o restaurou e encheu no Sacramento, no qual está seu corpo sacramentado sem occupar logar, e com todas as condições de espirito. Assim o ensina a Fé; e para o provar com a Escriptura, é necessario que nos engolfemos em um pégo sem fundo, qual é o Capitulo sexto de S. João, em que já começamos a entrar. Por occasião do milagre referido dos cinco pães, que é o principio deste Capitulo, falla Christo, na maior parte de todo elle,

do pão que desceu do céu — o Santissimo Sacramento do altar. Uma vez diz: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis:* [1] Senão comerdes a minha carne, e beberdes o meu sangue, não tereis vida: outra vez mais brevemente: *Qui manducat me, ipse vivet propter me:* [2] Quem me comer a mim, viverá por mim. E além destes dois logares do mesmo Capitulo, nelle promette outras muitas vezes e por muitos modos a todos os que o comerem a mesma vida. Mas não se póde encarecer o grande abalo, perturbação, e escandalo, que esta doutrina causou, não só nos ouvintes de fóra, senão nos mesmos Discipulos da escóla de Christo, muitos dos quaes só por este ponto se sahiram della. Quando ouviam ao Senhor, que lhe haviam de comer a carne e beber o sangue, parecia-lhes coisa horrenda e barbara: quando ouviam por outra phrase, que o haviam de comer a elle, o que não significava parte do mesmo corpo de Christo, senão todo inteiro, parecia-lhes impossivel, que um homem houvesse de metter dentro em si a outro: e quando em um e outro caso ouviam, que aquella carne, e aquelle corpo lhes havia de dar vida, parecia-lhes que este effeito era contra toda a razão natural, porque o que dá vida ao homem, não é a carne, nem o corpo, senão o espirito: como se viu no espirito que Deus infundiu no barro de Adão, e na vida que a alma dá aos nossos corpos, a qual em faltando, não vivem. Atéqui a murmuração, a duvida e o escandalo dos ouvintes: vamos agora á resposta do divino Mestre.

O que Christo respondeu, foram estas palavras: *Hoc vos scandalizat? Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam.* [3] Isto vos escandaliza? Que seria se me visseis subir ao céu, d'onde desci? E quanto ás duvidas do que me ouvistes, o que vos digo é, que o espirito é o que dá a vida; que a carne nenhuma coisa aproveita. Pois se Christo fallava de sua carne, e da mesma carne dizia, que havia de dar vida aos que a comessem, como agora

---

[1] *Joan.*, VI, 54.
[2] *Ibid.*, 58.
[3] *Ibid.*, 62, 63 e 64.

diz, que a carne nenhuma coisa aproveita, e que o espirito é o que dá a vida? E' tão difficultosa essa sentença, que deixados os delirios dos hereges, os Santos Padres, e Doutores catholicos se dividem na exposição della em sete opiniões. A ultima, e singular de Amonio, [1] Padre grego, é, a meu vêr, a que melhor penetrou o sentido de Christo, e resolve todas as duvidas dos incredulos, com a verdade do mesmo Sacramento. O corpo de Christo no Sacramento não está com as condições naturaes de corpo, senão com as sobrenaturaes e milagrosas de espirito; e por isso neste logar chamou o Senhor espirito á sua propria carne: *Spiritum hic vocat plenam vivifici spiritus virtute carnem, manet enim caro:* são as palavras de Amonio. E como a carne de Christo no Sacramento, não deixando de ser carne, é carne com todas as condições de espirito; nem a carne comida deste modo podia causar horror, que era a primeira duvida, nem o corpo do mesmo modo podia ter impedimento para todo e inteiro entrar em outro corpo, que era a segunda: nem era contra a razão natural, senão muito conforme a ella, que sendo espirito vivificasse e désse vida, que era a terceira. E desta sorte, desfeitas todas as difficuldades, se fica verificando com summa propriedade, e com adequada resposta a todas as objecções, a sentença de Christo: *Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam.* Porque a carne não obra alli como carne, o que só como carne não podia; mas obra como espirito e como carne espiritualisada, o que é proprio do espirito. E d'aqui fica declarada a grande e exacta correspondencia com que este primeiro vazio da Encarnação se restaurou com o primeiro cheio do Sacramento. Porque na Encarnação a divindade do Verbo se vestiu da corporeidade da carne: e no Sacramento a carne de Christo se vestiu da incorporeidade do espirito. A phrase particular de que usam os Santos no mysterio da Encarnação, é chamar a Deus incorporado, e da mesma usa a Igreja cantando na festa da Epiphania: *Ducem salutis cœlitus incorporatum gignere.* Pois assim como na Encarnação se contrahiu o vacuo da divindade pelo incorporado, assim no Sacramento restaurou e encheu o corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo.

---

[1] Amonius citatus à Maldonato.

Sobre as palavras: *Verbum caro factum est, et habitavit in nobis*, [1] repara o cardeal Caetano em dizer o Evangelista, que unindo-se o Verbo á nossa carne, habitou em nós. Parece que mais propriamente havia de dizer, que habitou comnosco, ou entre nós, como verdadeiramente habitou Christo com os homens: pois porque não diz, que habitou entre nós, ou comnosco, senão em nós? Agudamente perguntado; mas com muito maior agudeza respondido: *Dixit hoc, ne errares, existimando quod Verbum ex hoc quod factum est caro, impedimentum esse ad habitandum spiritualiter in animis nostris.* Deus, em quanto Deus, habita e sempre habitou em nós: *In ipso enim vivimus, movemur, et sumus.* [2] E antes de Deus se vestir de nossa carne, nenhuma duvida tinha, nem podia ter, que Deus sendo espirito, estivesse e habitasse dentro em nós; porém depois que Deus se vestiu do nosso corpo, podia cuidar alguem que esse mesmo corpo podia ser impedimento para que deixasse de estar em nós, porquanto dois corpos não podem estar juntos no mesmo logar: para tirar pois este erro, disse nomeadamente o Evangelista, que o Verbo, depois de se fazer carne, não só habitou comnosco, senão em nós: *Caro factum est, et habitavit in nobis.* Atéqui Caetano, o qual, porém, declara que isto se ha de entender, não corporalmente do seu corpo nos nossos corpos, senão espiritualmente da sua alma nas nossas almas: e assim foi no mysterio da Encarnação precisamente. Mas depois que sobre o mysterio da Encarnação o mesmo Verbo encarnado accrescentou o do Sacramento, não só habita Christo em nós espiritualmente quanto á alma, senão corporalmente quanto ao corpo: porque estando o mesmo corpo espiritualisado no Sacramento, como espirito póde estar juntamente o seu corpo dentro do nosso, sem o impedimento de um corpo excluir o outro. E esta é uma nova e altissima razão porque nas mesmas palavras não disse o Evangelista, que o Verbo se fizera homem, senão que se fizera carne: *Verbum caro factum est:* porque sendo a carne a propria e immediata materia do Sacramento: *Caro mea vere est cibus;* por meio da mesma carne sacramentada havia Christo de ha-

[1] *Joan.*, I, 14.
[2] *Act.*, XVII, 82.

bitar não só comnosco, senão propriamente em nós: *Et habitavit in nobis.*

Desta maneira encheu Christo no Sacramento o primeiro vazio da divindade na Encarnação, espiritualisando o seu corpo, e fazendo-o espirito, assim como Deus, que é espirito, se tinha feito corpo. Mas esta admiravel transformação, não só a obrou Christo em seu corpo sacramentado, senão que tambem, como prometti, por meio do mesmo corpo sacramentado nol-a communica a nós. Abre bem a bocca, que eu t'a encherei, disse Deus a David: *Dilata os tuum, et implebo illud.* [1] Estas palavras se entendem do divinissimo Sacramento, do qual se diz no mesmo Psalmo: *Cibavit eos ex adipe frumenti.* [2] E diz Deus, que elle é o que lhe encherá a bocca: *Et ego implebo illud:* porque só Deus póde encher a capacidade da nossa alma, e não com outra coisa, senão comsigo mesmo, como faz no Sacramento: *Et ego implebo illud, me ipso,* commenta Hugo Cardeal. Abriu pois a bocca David, como Deus o tinha convidado: e que lhe succedeu? *Os meum aperuit, et attraxi spiritum:* [3] Abri a bocca, e o que recebi nella, e por ella, e o com que Deus m'a encheu, tudo foi espirito. Pois se a promessa de Deus tinha sido, que lh'a encheria com seu corpo sacramentado, apertemos mais esta supposição com a auctoridade do Doutor Maximo S. Jeronymo no mesmo logar: *Vis comedere ipsum Deum tuum, et Salvatorem? Audi quid dicat: Dilata os tuum, et implebo illud. Dilatate ora vestra, ipse est et Dominus, et panis: ipse hortatur nos ut comedamus, et ipse noster est cibus.* [4] Pois se a promessa, digo, de Deus feita a David, era que lhe havia de encher a bocca comsigo mesmo, e com seu corpo sacramentado; como abrindo a bocca o mesmo David, o que recebeu, não foi corpo, senão espirito: *Os meum aperui, et attraxi spiritum?* Porque o corpo de Christo assim como está no Sacramento transformado em si, assim está tambem transformado para nós: em si tranformado em espirito, para caber sem extensão debaixo das especies que o cobrem, e para nós transformado em espirito, para caber

---

[1] *Psalm.* LXXX, 11.
[2] *Ibid.*, 17.
[3] *Psalm.* CXVIII, 131.
[4] Hieronym. in hunc locum.

sem a mesma extensão dentro dos corpos dos que o commungam: em si transformado de corpo em espirito, e em nós transformando-nos de corporaes em espirituaes. Expressamente S. Bernardo: *Transformatur manducans in naturam cibi: corpus enim Christi manducare nihil est aliud, quam corpus Christi effici.* E porque seria coisa muito dilatada confirmar a verdade destes maravilhosos effeitos, com os exemplos delle: baste por prova o mesmo S. Bernardo, que não só o disse, mas o experimentou em si mesmo, vivendo em corpo por virtude do mesmo corpo, como se não tivera corpo, andando vestido de carne, como se fôra espirito, podendo dizer com S. Paulo: *Spiritu vivimus, spiritu et ambulemus.* [1]

IV

O segundo vazio da divindade, é a immensidade divina, a qual, pelo mysterio da Encarnação, se limitou a um só logar, qual era o que occupava a sagrada humanidade. Houve hereges, que, entendendo este mysterio ás avessas, tiveram para si que, pela união hypostatica, a humanidade se fizera immensa, e estava como Deus em toda a parte, e por isso foram chamados Ubiquitarios. Mas não foi a humanidade a que, pela união com o Verbo, se estendeu á immensidade divina, senão a immensidade divina a que, pela communicação dos idiomas, se estreitou á limitação humana, sendo verdadeiro dizer, que Deus foi concebido em Nazareth, que nasceu em Belem, que prégou em tal e tal logar de Judéa e Galiléa, e morreu em Jérusalem. Desta immensidade, porém, de que Deus se despiu pela Encarnação, se revestiu outra vez pelo Sacramento, no qual o corpo de Christo, ou reproduzido, ou multiplicando as presenças, sendo um só, e o mesmo, está no mesmo tempo em todas as partes do mundo.

No mesmo mundo, e na mesma hora em que Christo instituiu o Sacramento, se estava vendo para confirmação da nossa fé, um milagre natural desta mesma

[1] *Galat.*, v, 25.

multiplicação das suas presenças. A hora em que Christo instituiu o Sacramento, era já a primeira ou segunda da noite: *In qua nocte tradebatur:* [1] e que é o que vêem então os nossos olhos neste hemispherio? Vêem que, ausentando-se o sol de nós, por uma presença sua de que nos priva, se nos deixa multiplicado em tantas presenças, quanto é o numero sem numero das estrellas; porque cada uma dellas não é outra coisa, senão um espelho do mesmo sol, em que elle, sendo um só e ausente, se nos torna a fazer presente, multiplicado tantas vezes, e em tantos logares, quantos são, desde o Oriente a Poente, e desde o Septentrião ao Meio Dia, os de todo o mundo que vemos. Isto mesmo é o que fez o nosso divino Sol Christo, sacramentando seu sacratissimo corpo. Ausentou-se de nós segundo a presença natural; mas por esta presença se deixou comnosco em tantas outras, quantos são os logares e altares de todo o mundo, em que verdadeira e realmente sendo um só, e o mesmo, está multiplicado no Sacramento. Vêde a propriedade com que assim o escreveu o Propheta Malachias.

Queixava-se Deus de os filhos de Israël, á imitação de Caim, sacrificarem e offerecerem em seus altares, não o melhor e mais precioso, como era decente, senão o peior, e mais vil, e os confunde com estas notaveis palavras: *Non est mihi voluntas in vobis, et munus non suscipiam de manu vestra: ab ortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus: et in omni loco sacrificatur, et offertur nomini meo oblatio munda.* [2] Desenganae-vos, que não quero vossos sacrificios, nem aceitarei vossas offertas: e porque não cuideis que me farão falta, sabei, para confusão vossa, e da vossa Jerusalém, em que só tenho Templo, e sou conhecido, que virá tempo em que desde o oriente até o poente, em todos os logares do mundo, e entre todas as gentes, se offerecerá e sacrificará a meu nome, não muitos sacrificios, e impuros, como os vossos, senão um purissimo e santissimo. E que sacrificio é este? Posto que todos os Santos Padres e Doutores dizem, que é o Santissimo Sacramento da Eucharistia, não temos necessidade de sua auctoridade, porque

[1] *I.ª ad Corinth.*, II, 23.
[2] *Malach.*, I, 10 e 11.

assim o tem definido (e é de fé) o sagrado Concilio Tridentino. Só accrescento, que a palavra hebréa, que responde a *oblatio munda*, significa uma offerta particular, chamada Mincha, a qual se fazia, como as nossas hostias, da flôr da farinha, e no Levitico se chama Sacrificio. Este sacrificio, pois, a que não falta a propriedade das especies de pão, é o sacrificio do corpo de Christo sacramentado, o qual enchendo o vazio da immensidade divina, encolhida e escondida na Encarnação, se estende immensamente desde o oriente ao occaso, por todas as partes e logares do mundo: *Ab ortu enim solis usque ad occasum in omni loco sacrificatur, et offertur nomini meo oblatio munda.*

Assim como os soldados do Calvario partiram em quatro partes as vestiduras de Christo, assim as quatro partes do mundo (diz S. Cyrillo) repartiram entre si a carne do mesmo Christo sacramentado, da qual se tinha vestido o Verbo: *Quatuor orbis paræs ad salutem reductæ indumentum Verbi, hoc est, carnem ejus impartibiliter partiti sunt.* [1] E nota elegantemente o Santo Padre, que nesta repartição, ou partição, não houve partir: *Impartibiliter partiti sunt;* porque communicando-se o Senhor, e santificando a todos e a cada um por meio de sua carne na alma e no corpo, e estando presente em todas as partes do mundo, não está nellas como parte, senão todo, sendo um só e o mesmo: *In singulos enim partibiliter transiens, et animam, et corpus eorum per carnem suam sanctificans, impartibiliter atque integre in omnibus est, cum unus ubique sit nullo modo divisus.* Até aqui o grande Cyrillo; não se podendo mais largamente estender a immensidade que Christo tem no Sacramento, que na brevidade daquellas duas palavras, *unus ubique:* um em toda a parte.

E para que se veja como o mesmo Senhor sacramentado communica esta immensidade aos homens, ponhamo-nos no Cenaculo de Jerusalem. O primeiro acto em que Christo começou a exercitar esta sua immensidade, foi quando, entregando o pão consagrado nas mãos dos Apostolos, lhes disse, que o dividissem entre si: *Dividite inter vos.* [2] Dividiram o pão

---

[1] Cyrill. Lib. XII in Joan., Cap. XXXII.
[2] *Luc.*, XXII, 17.

e o sagrado corpo, que até então, nas mãos do Senhor, estava em um só logar, logo ficou em doze logares. Agora pergunto: E assim como Christo communicou aos Apostolos seu corpo por aquelle modo immenso, communicou-lhes tambem a mesma immensidade? Creio e digo que sim. E essa foi a razão porque o Senhor não admittiu á primeira meza em que se consagrou o Sacramento, senão aquelles mesmos doze a quem havia de encarregar a conversão de todo o mundo. Sendo coisa mui difficultosa de entender, que tão poucos homens, e de vidas que não foram largas, podessem em tão pouco tempo penetrar todas as terras, e prégar a todas as nações do mundo, senão fossem multiplicando as presenças como Christo no Sacramento. Os Evangelistas só dizem dos Apostolos, *Prædicaverunt ub que;* [1] mas assim como Christo sacramentado *unus ubique*, primeiro esteve em uma só parte, depois em todas, assim elles umas vezes estavam firmes em um só logar, e outras vezes multiplicados em muitos.

Atégora não é isto mais que conjectura minha, o que eu me não atrevêra a dizer, se o não pudéra provar. Fallando David dos mesmos Apostolos, como affirma S. Paulo, e é de fé, diz, que as vozes de sua prégação se ouviram em todo o mundo até os ultimos fins d'elle: *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.* [2] E se pedirmos ao mesmo David, que nos declare com alguma comparação, como sendo os Apostolos tão poucos, se póde estender a sua prégação a tão remotas distancias? Responde, que do mesmo modo com que os céus prégam e apregoam a gloria de Deus de dia e de noite: *Cœli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum: dies diei eructat Verbum et nox nocti indicat scientiam.* [3] E como prégam os céus de dia e de noite? De dia prégam de um só logar, que é o do sol: de noite prégam de muitos logares, que são os dos outros planetas e das estrellas. Pois assim prégavam os Apostolos, já cada um como um em um só logar, e já cada um como muitos em muitos logares,

---

[1] *Marc.*, XVI, 20.
[2] *Psalm.* XVIII, 5.
[3] *Ibid.*, 2 e 3.

confirmando admiravelmente com esta similhança que a sua immensidade e multiplicação de presenças a tinham recebido de Christo sacramentado, o qual, como fica dito, na noite em que instituiu o Santissimo Sacramento, ausentando-se de nós como sol, se deixou multiplicado no mesmo Sacramento como nas estrellas.

E se alguem replicar: porque não dizem isto os Historiadores que escreveram as vidas e peregrinações dos Apostolos? Respondo, que sim dizem, e que só na supposição do que digo se podem conciliar. Muitos Auctores assignalam a cada um dos Apostolos varias regiões e gentes a quem prégaram, o que outros porém negam, fundados sómente na chronologia dos tempos, por onde são julgadas por apocriphas aquellas historias. Mas se suppozermos, como devemos suppor, que no mesmo tempo por multiplicação das presenças assistiam os Apostolos em diversos logares, tudo facilmente se verifica com grande gloria do Evangelho. Nem causará grande admiração este milagre aos que considerarem a necessidade delle, porque se estando o mundo tão cheio de ministros do mesmo Evangelho, sabemos que concedeu Deus esta graça de apparecer em partes muito distantes a S. Martinho, a S. Gemeniano, a S. Trontano, a S. Antonio de Padua, a S. Francisco de Assis, a S. Francisco Xavier, e a outros muitos para fins de muito menor importancia: [1] quanto mais para a conversão universal do mundo, sendo os instrumentos della tão poucos? Finalmente, se a S. Bazilio foi licito dizer de si mesmo *nullo loco circumscriptus sum:* e a Enodio chamar a Epiphanio *in opere vir immensus*, quem negará a participação desta immensidade á immensidade daquellas obras, que sem ella eram incompossiveis?

Assim multiplicou Christo as suas presenças, assim multiplicaram os Apostolos as suas, e assim devemos nós multiplicar as nossas para assistir ao divinissimo Sacramento em toda a parte. O nosso corpo não é capaz naturalmente desta multiplicação ou immensidade; mas a nossa alma sim, e a nossa memoria, a qual só nos pediu o mesmo Senhor na instituição deste immenso mysterio: *Ubicumque fuerit corpus, illuc*

[1] Nazian. Orat. 20.

congregabuntur et aquilæ: [1] notae a palavra *ubicumque*, em toda a parte. Em toda a parte, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias. E que corpo e que aguias são estas? O corpo, responde S. Ambrosio, é o corpo do mesmo Christo no Sacramento, e as aguias são as almas de sublime e levantado espirito, que com as azas do pensamento e do affecto o assistem, adoram e veneram em todas as partes do mundo: *Est corpus de quo dictum est, caro mea vere est cibus, circa hoc corpus aquilæ sunt, quæ alis circunstant spiritualibus.* [2] Este é o modo com que nossas almas, pelo pensamento e memoria immensas hão de assistir, adorar e louvar sempre ao mesmo Senhor em todo logar, como David exhortava á sua, que o fizesse: *In omni loco dominationis ejus benedic anima mea Domino.* [3]

V

O terceiro vazio da divindade na Encarnação foi o da sua eternidade, fazendo-se temporal, nascendo, e vivendo em tempo o que era eterno. Mas desde a mesma eternidade jurou Deus de dar a seu Filho encarnado uma tal prerogativa com que podesse maravilhosamente encher este grande vazio, que foi o sacerdocio eterno segundo a ordem de Melchisedech: *Juravit Dominus, et non pœnitebit eum, tu es sacerdos in æternum secundum ordinem Melchisedech.* [4] Chama-se o sacerdocio de Christo, sacerdocio segundo a ordem de Melchisedech, não quanto á dignidade, como se Melchisedech (que foi sacerdote da Lei da natureza) o instituisse, mas quanto á similhança da victima e materia do sacrificio, porque não sacrificava cordeiros como Abel, nem outras rezes ou aves, como Abrahão, senão pão e vinho, que é a materia do sacrificio da Lei da graça e Sacramento de Christo: *Melchisedech proferens panem et vinum: erat enim sacerdos Dei altis-*

---

[1] *Luc.*, XVII, 37.
[2] *Ambros. in Luc.*, C. 17.
[3] *Psalm.* CII, 22.
[4] *Psalm.* CIX, 4.

simi. [1] E chama-se sacerdocio eterno, porque não acabou como o sacerdocio de Arão. No sacerdocio de Arão acabou o sacerdocio, e acabava o sacerdote: acabou o sacerdocio, porque se acabou aquella Lei, a qual necessariamente ha de acabar quando o sacerdocio acaba, como doutamente define o Apostolo S. Paulo: *Translato enim sacerdotio, necesse est, ut et legis translatio fiat.* [2] E acabava o sacerdote, porque morrendo um sacerdote, lhe succedia outro, como succedeu a Arão seu filho Eleazaro, e a Eleazaro os demais: o que não foi, nem podia ser na pessoa immortal de Christo, como notou o mesmo S. Paulo: *Et alii quidem plures facti sunt Sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere, hic autem eo quod maneat in æternum, sempiternum habet sacerdotium.* [3]

Mas posto que o sacerdocio de Christo seja eterno, e eterno o mesmo sacerdote Christo, parece que se não segue, que o vazio da eternidade do Verbo na Encarnação, se supprisse ou enchesse no Sacramento, porque o Sacramento não é, nem ha de ser eterno, e só dura, e ha de durar até o fim do mundo, e acabar juntamente com elle. Depois do fim do mundo só ha de haver céu e inferno: os do inferno não são capazes de sacrificio, nem de Sacramento: os do céu não hão mister um, nem outro. Não hão mister o sacrificio, porque são justos, e já não podem crescer na graça: nem hão mister o Sacramento, porque a presença de Christo, que criam e veneravam encuberta e invisivel, lá a teem descuberta aos olhos, e a gozam manifesta; logo se o sacrificio e Sacramento do altar não ha de durar mais que este mundo, e ha de ter fim como elle, segue-se que não é eterno. Esta mesma duvida excitou S. Thomaz na questão vinte e duas da terceira parte, e responde que no sacrificio se devem considerar duas coisas: a oblação e a consummação: a oblação em que se offerece o sacrificio, e a consummação em que se consegue o fim, e se logram os effeitos delle. [4] A oblação pertence a este mundo, e a consummação ao outro. Por isso S. Paulo chamou

---

[1] *Genes.*, XIV, 18.
[2] *Hebr.*, VII, 12.
[3] *Ibid.*, XXIII, 24.
[4] Div. Thom. p. 3. q. 22. art. 5.

a Christo, *Pontifex futurorum bonorum:* [1] Pontifice e Sacerdote dos bens futuros, porque os bens futuros, que são os que se gozam e hão de gozar no céu, são os que Christo nos mereceu pelo seu sacrificio. E posto que a oblação neste mundo fosse temporal e em tempo, a consummação no céu ha de durar por toda a eternidade; e por isso é eterna, como disse o mesmo S. Paulo: *Una oblatione consummavit in sempiternum sanctificatos.* [2]

No Levitico temos uma excellente figura desta differença e desta ordem no dia chamado das Expiações. Mandava Deus que o Summo Sacerdote não entrasse no *Sancta Sanctorum*, sem primeiro fóra delle offerecer o sacrificio, que no mesmo logar dispõe a Lei: *Ne ingrediatur sanctuarium, quod est intra velum, nisi hæc ante fecerit: vitulum pro peccato offeret, et arietem in holocaustum: his ritè celebratis, ultra velum intrabit in sancta.* [3] E porque razão, ou com que mysterio se havia de offerecer primeiro e fóra do *Sancta Sanctorum*, e não depois e dentro nelle? Porque o Summo Sacerdote significava a Christo, o *Sancta Sanctorum* o céu, o sacrificio o da morte de Christo na cruz ou no altar, onde se representa a mesma morte: e este sacrificio não se havia de offerecer depois, senão antes, nem no *Sancta Sanctorum*, senão fóra delle. Não depois, isto é, na eternidade, senão antes e em tempo, em quanto dura o mundo: nem no *Sancta Sanctorum*, isto é, no céu, senão fóra delle, e na terra. Assim foi quanto á oblação, e assim ha de ser quanto á consummação, não de outro, senão do mesmo sacrificio. Foi quanto á oblação; porque na terra offereceu Christo o sacrificio da cruz como hoje offerece o do altar, e offerecerá até o fim do mundo: e ha de ser quanto á consummação, porque no céu ha de consummar Christo o mesmo sacrificio, communicando-nos os effeitos delle, que consistem na vista clara de Deus por toda a eternidade: e por isso o Sacerdote e o sacrificio, um e outro eterno.

Tudo isto viu S. João no céu, como já tinha visto o Cordeiro vivo depois de morto, e glorioso depois

---

[1] *Hebr.*, IX, 11.
[2] *Hebr.*, X, 14.
[3] *Lev.*, XVI, 2, 3, 11, 12.

de sacrificado. Falla o Evangelista Propheta da cidade de Jerusalem triumphante, que é o céu, e diz que a claridade de Deus a allumia, e que o lume sáe do Cordeiro: *Nam claritas Dei illuminavit eam, et lucerna ejus est Agnus.* Fallou S. João como o primeiro e maior Theologo da Igreja. Para os bemaventurados verem claramente a Deus, é necessario que os seus entendimentos sejam elevados por uma claridade sobrenatural, a que os Theologos chamam lume da gloria, e isto é o que viu e diz o Evangelista. A claridade de Deus, que allumia a cidade da Jerusalem celeste, é a vista clara do mesmo Deus: *Claritas Dei illuminavit eam:* e o lume da gloria, sem o qual se não póde vêr a Deus, esse sáe do Cordeiro: *Et lucerna ejus est Agnus.* Mas porque sáe o lume da gloria, não do objecto essencial da mesma gloria, que é Deus, e claramente visto, senão do Cordeiro, que é Christo, o qual S. João viu como sacrificado? Porque esse foi o fim e esses são os effeitos do mesmo sacrificio offerecido na terra e consummado no céu: offerecido em tempo, e consummado na eternidade, e por isso tão eterno como o mesmo sacerdote: *Tu es sacerdos in æternum.*

Esta eternidade é a que faz eterno o Santissimo Sacramento, ainda que a oblação do sacrificio em que se consagra o mesmo Sacramento haja de ter fim, e acabar com o mundo. E posto que esta eternidade, em que não ha duvida, basta para prova do meu intento: e isto é o que ensina o Doutor Angelico, allegando os mesmos Textos do Apocalypse e Levitico, proximamente citados, eu comtudo accrescento, que o divinissimo Sacramento não só é e será eterno no céu pela eternidade de seus effeitos, senão tambem de sua propria substancia; porque depois do fim do mundo, quando já não haverá altares nem sacrarios na terra, se conservará eternamente no mesmo céu uma hostia consagrada. Assim o consideram e presumem muitos Auctores asceticos e contemplativos, cuja opinião para mim não é menos provavel que pia. No dia do Juizo ha de apparecer no céu, com o mesmo supremo Juiz, a sua cruz: *Tunc parebit signum Filii hominis in cœlo.* E que cruz ha de ser esta? S. João Chrysostomo, com muitos outros Doutores, diz que ha de ser a mesma em que Christo foi crucificado no Calvario, e assim o prophetisou a Sibylla:

O' lignum felix, in quo Deus ipse pependit !
Nec te terra capit, sed cœli tecta videbis.
Cum renovata Dei facies ignita micabit. [1]

Supposto, pois, que a cruz de Christo dividida hoje em infinitas partes, se ha de recolher outra vez de todo o mundo, e reunir-se com maior milagre, que o da resurreição dos mortos á sua inteireza, e conservar-se eternamente no céu; porque se negará similhante privilegio ao pão vivo e vital, que desceu do mesmo céu ? Se um lenho morto, secco e duro, mereceu ser sublimado a tanta dignidade, e eternizado nella, só porque foi sanctificado com o contacto do corpo de Christo, e matizado com seu sangue; o Sacramento, que contem todo o mesmo corpo e sangue, e foi instituido para dar vida eterna aos homens, porque carecerá da mesma eternidade ? Foi tanto o respeito que o Verbo encarnado guardou áquella partesinha de carne e sangue, que recebeu das entranhas purissimas de sua Mãe, que nunca consentiu, que o calor natural, como naturalmente costuma, a gastasse e consumisse, e, como diz S. Agostinho, ainda depois de resuscitado a conserva e conservará eternamente em si mesmo: *Caro Christi quamvis gloria resurrectionis fuerit magnificata, eadem tamen mansit, quæ sumpta est de Maria.* [2] E que aggravo fariamos a este mesmo respeito e amôr, se imaginassemos do mesmo Christo, que haja de permittir ao tempo, que assim como ha de consumir e acabar o mundo, assim consuma e acabe com elle um Sacramento em que não só está uma parte da sua carne e sangue, senão toda em todo, e toda em qualquer parte ? Digamos logo e creamos piamente, que assim como a hostia consagrada se preservou muitas vezes de outros incendios, assim se preservará do incendio universal do mundo, para que, como pão dos Anjos que comeram os homens, a adorem eternamente no céu homens e Anjos.

Os mesmos Auctores, e outros (e não com leve conjectura) attribuem similhante prerogativa ao livro dos Evangelhos; não porque os outros Livros Sagrados não contenham a palavra divina; mas porque esta foi pro-

---

[1] Sibylla lib. 6. Carm.
[2] August. Serm. de Assumptione B. V.

nunciada pelo proprio Filho de Deus: *Novissime loquutus est nobis in Filio:* [1] e assim como no dia do Juizo apparecerá a cruz, assim estará aberto e patente o Evangelho para serem julgados por elle, uns porque o não creram, outros porque o não guardaram. No seu Apocalypse diz S. João, que pelo meio do céu viu voar um Anjo, o qual tinha na mão um Evangelho eterno: *Habentem Evangelium æternum:* [2] e com grandes vozes avisava a todo o genero humano, que temessem a Deus por ser chegado o dia do Juizo: *Quia venit hora judicii ejus.* De sorte que tambem no dia do Juizo apparecerá o Evangelho. E se perguntarmos porque se chama Evangelho eterno, responde S. Jeronymo que a razão e mysterio é, porque o Evangelho neste mundo foi temporal e prégado temporalmente, mas no céu durará por toda a eternidade: *Sempiternum futurum in cœlis, ad comparationem videlicet hujus nostri Evangelii, quod temporale est, et in transituro mundo, ac sæculo prædicatum.* [3] Com o mesmo sentido disse David: *In æternum, Domine, verbum tuum permanet in cœlo:* [4] onde o *verbum tuum, Domine*, propria e particularmente significa o Evangelho, ao qual tantas vezes chama S. Paulo *Evangelium Christi.* E se o livro dos Evangelhos, por ser palavra de Christo, merece justamente ser perpetuado na eternidade do céu, quanto mais a maior obra das suas palavras e o sagrado e consagrado volume do divinissimo Sacramento, que tambem Ezechiel recebeu da mão de outro Anjo, e comeu em fórma de livro? S. João, que escreveu o seu Evangelho depois dos outros Evangelistas, confessa e protesta no fim, que as maravilhas que o Filho de Deus obrou neste mundo, foram tantas que, se se houvessem de escrever, não caberiam no mesmo mundo os livros. Logo se no céu ha de durar eternamente o Evangelho, em que se contém parte sómente das mesmas maravilhas, com maior razão, e em supplemento do mesmo Evangelho, se deve lá eternisar o Sacramento, em que estão resumidas todas: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit*

---

[1] *Hebr.*, I, 2.
[2] *Apoc.*, XIV, 6.
[3] Hieron Epist., ad Auctum.
[4] *Psalm.* CXVIII, 89.

timentibus se? [1] Finalmente, o Sacramento é o penhor da gloria que o céu nos deu nesta vida: e quando, depois do fim do mundo se desempenhar e nos metter de posse da gloria, então se restituirá o mesmo céu, e tornará a receber o seu penhor. Em summa, que assim como a cruz de Christo e o livro dos Evangelhos não hão de acabar com o mundo, mas ser eternos, assim e com mais justificada providencia o Sacramento em uma hostia consagrada.

E para que não pareça que estas tres excepções são totalmente reservadas ao conhecimento divino e secreto, de nenhum modo revelado, ao menos naquella parte da Escriptura Sagrada, em que as figuras do futuro se pintavam na historia do passado; lembremo-nos da Arca do Testamento, na qual conservou Deus tres coisas entre todas as daquelle tempo singulares: a Vara de Moysés, as taboas da Lei, e, com maior milagre, a urna do Manná, o qual era tão corruptivel, que não durava mais que um dia. E com que mysterio estas tres coisas sómente, e todas na Arca? A Arca encerrada no *Sancta Sanctorum*, na qual residia Deus presencialmente sobre azas de Cherubins, representava o que David chama céu do céu, que é o Empireo: *Cœlum cœli Domino:* [2] e o mysterio mais proprio, e mais proporcionado de toda esta representação, ou não é, ou não parece que póde ser outro, senão que conservará Deus eternamente no céu, a cruz significada na Vara, o Evangelho significado na Lei, e o Santissimo Sacramento significado no Manná. Por isso o mesmo Christo, alludindo á Arca do Testamento, deu ao mesmo Sacramento o nome de Testamento, e eterno: *Novi, et æterni Testamenti.* Ao mesmo fim podemos dizer, que está preparado no céu aquelle altar, que lá viu S. João: *Vidi subtus altare animas interfectorum propter verbum Dei.* [3] E que peças, pergunto eu, mais proprias, e mais dignas de ornar um altar, que uma Cruz, o Santissimo Sacramento, e um livro dos Evangelhos?

Provado assim, por um modo com certeza, e por outro com probabilidade, como o corpo de Christo sacra-

---

[1] *Psalm.* CX, 44.
[2] *Psalm.* CXIII, 16.
[3] *Apocal.*, VI, 8.

mentado logra e logrará para sempre o attributo de eterno; só resta mostrar como o mesmo corpo, que por amôr de nós se sacramentou, communica aos que o commungam a mesma eternidade. Esta é a segunda obrigação, e a mais difficultosa que acompanha todos os nossos assumptos; mas neste carece de toda a difficuldade pela asseveração tão clara e tão expressa com que o mesmo Senhor nos certificou desta verdade, dizendo: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* [1] Mal cuidou Adão, que nunca elle, nem seus filhos, ouvissem tal oraculo, quando viu o caminho da arvore da vida defendido por um Cherubim com uma espada de fogo, só para impedir totalmente, que comendo daquelle fructo, não vivesse eternamente: *Collocavit ante Paradisum Cherubim, et flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vitæ. Ne forte sumat etiam de ligno vitæ, et vivat in æternum.* [2] Perguntam agora os Expositores, se está ainda este Cherubim guardando o que guardava: e se não está, quando embainhou ou apagou a espada? Respondem commummente, que a apagaram as aguas, e inundação do diluvio, o qual tambem dizem, que destruiu e desbaratou o Paraizo e suas arvores: mas tudo isto é incerto. Se o diluvio não derrocou nem seccou a oliveira, d'onde a pomba trouxe o ramo verde; porque havia de arrancar ou derrubar as arvores do Paraizo, e mais a da vida, que Deus quiz guardar? Se o mesmo diluvio não afogou no mesmo Paraizo a Enoch, como havia de tirar da sua estancia ao Cherubim, que não respira com ar, nem se afoga com agua? E se elle, como dizem os mesmos Auctores, não só guardava dos homens aquelles fructos, senão tambem do demonio, para que com elles nos não tentasse; como se havia de apagar com agua o fogo da espada, que os mesmos demonios temiam mais que o do inferno? Dígam, pois, os Interpretes, ou presumam adivinhar como quizerem, que eu só digo, e com toda a certeza affirmo, que o Cherubim deixou a sua estancia, e embainhou ou apagou a sua espada na mesma hora ditosissima em que o soberano Restaurador das ruinas de Adão instituiu o Santissimo Sacramento; porque en-

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Gen.*, III, 24 e 22.

tão cessou o fim daquella prohibição, e daquella guarda. A guarda e a prohibição, era para que o homem comendo não vivesse eternamente: *Ne sumat de ligno vitæ, et vivat in æternum.* E como Christo, instituindo o Sacramento, deu faculdade a todos os filhos de Adão, para que comendo vivessem eternamente; então apagou o Cherubim a espada, e deixou a sua estancia, e não só ficou franqueado o caminho da arvore da vida, senão a mesma arvore transplantada por todo o mundo, para que todos os que, pelo que comeu o mesmo Adão, ficámos condemnados á morte, não de outro modo, senão tambem comendo, vivamos eternamente: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

VI

Muito me dilatei em encher estes primeiros tres vazios da divindade: e porque ainda nos restam quatro, será força, quanto fôr possivel, reduzil-os a maior brevidade. O quarto, é a immortalidade feita mortal, o quinto, a impassibilidade feita passivel: e de ambos pela mesma razão, e por serem tão connexos, trataremos juntamente. Digo, pois, que se na Encarnação a immortalidade divina, do modo que podia ser, se fez mortal, e a impassibilidade passivel; o corpo de Christo no Sacramento de tal sorte suppriu e encheu estes dois vazios da divindade, que sendo naturalmente corpo mortal, ficou immortal, e sendo naturalmente passivel, ficou impassivel.

Com serem tantas as figuras do Santissimo Sacramento, que se leem, e o precederam na Sagrada Escriptura, a primeira que nos propõe a Igreja, é a do sacrificio de Isaac: *In figuris præsignatur, cum Isaac immolatur.* Mas se bem se considera a historia tão sabida do mesmo Isaac, parece que se não póde representar nella o Sacramento, porque verdadeiramente não foi sacrificio. Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho Isaac, e quando já a victima estava sobre o altar, a espada desembainhada, e entre o golpe e a garganta do filho só havia dois dedos de distancia, teve Deus mão no braço do pae. Logo, assim o golpe como o sacrificio, tudo ficou no ar. E o mesmo Deus o provou, porque alli e no mesmo instante appareceu

atado um cordeiro, no qual Abrahão acabou de executar o golpe, e este foi o que morreu, e foi sacrificado. Pois se o cordeiro foi o morto, e Isaac ficou vivo, como foi Isaac figura do sacrificio de Christo? Por isso mesmo; e com a maior propriedade que se podia imaginar. Christo não foi uma só vez sacrificado, senão duas: uma vez na cruz, outra vez no Sacramento; e primeiro no Sacramento, e depois na cruz, assim como primeiro foi sacrificado Isaac, e depois o cordeiro. O cordeiro morreu e padeceu, porque foi figura do sacrificio da cruz, no qual o corpo natural de Christo, como mortal e passivel, padeceu e morreu: porém Isaac foi figura do sacrificio do altar; e por isso, sendo sacrificado, não morreu nem padeceu: porque o corpo de Christo no Sacramento está immortal e impassivel. Excellentemente Ruperto: *Christus immolatur, et tamen impassibilis permanet et vivus, quemadmodum illic Isaac immolatus, et tamen gladio non est attactus.* [1] Se em Isaac se executára o golpe, e morrêra, seria figura do sacrificio da cruz, em que o corpo natural de Christo padeceu e morreu: mas porque posto sobre o altar não padeceu nem morreu, por isso foi figura do sacrificio do altar, em que o mesmo corpo sacramentado se conserva immortal e impassivel: *Impassibilis permanet et vivus.*

As palavras omnipotentes com que Christo instituiu e obrou um tão milagroso mysterio, foram: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur:* Este é o meu corpo, que por vós será entregue. E porque não disse o Senhor, que por vós morto ou crucificado, senão entregue? A palavra *tradetur* significa entrega por traição, e tal foi a entrega que fez Judas do mesmo corpo de Christo aos Judeus, uma vez em quanto corpo natural, e outra vez em quanto sacramentado. Muitos e graves Auctores, entre os quaes é Santo Thomaz, entendem que quando Christo disse a todos os Apostolos: *Accipite, et manducate*, Judas tomou nas mãos o pão sacramentado, mas não o comeu. E para que saibamos o que fez delle, accrescenta Theophilato, que o escondeu e levou aos Principes dos Sacerdotes, quando com elles foi ajustar a venda: *Panem accepit, et non comedit, sed occultavit, ut manifestaret Judæis,*

[1] Rupert Lib. 6, in Genes. Cap. 32.

quod corpus suum vocaret. Depois desta primeira traição, e entrega feita por Judas, então executou elle a segunda, que foi a da prisão no Horto. O que supposto, pergunto: Porque razão, ou com que mysterio quiz Christo que duas vezes fosse entregue aos Judeus seu corpo, uma no estado natural, e outra no de sacramentado? Sem duvida, para que posto de um e de outro modo nas mãos de seus inimigos, até elles, o seu odio, a sua raiva, e as suas mãos, experimentassem o que podiam ou não podiam sobre o corpo do Redemptor, que para o sèr, se poz nellas. O corpo natural poderam-no atormentar e matar, e por isso o crucificaram, e lhe tiraram a vida: o corpo sacramentado tambem o quizeram crucificar e matar; mas não poderam. Ouvi agora o que por ventura nunca ouvistes. E' caso que revelou o mesmo Christo por bocca do propheta Jeremias, fallando dos Judeus: *Cogitaverunt super me consilia, dicentes: Mittamus lignum in panem ejus, et eradamus eum de terra viventium.* [1] O *lignum*, é a cruz; o *panem ejus*, é o pão consagrado: e diz o Senhor, que resolveram em conselho, de pôr o seu pão na cruz, e o crucificar para lhe tirarem a vida. Assim entendem este Texto pela figura Hypallage, Tertulliano, Lactancio, S. Thomaz, Joachim, Maldonado, e outros. E quando esta execução, por se applicarem os Principes dos Sacerdotes á do Calvario, se não verificasse na occasião referida por Theophilato; é certo que em outros tempos depois, roubaram e esconderam os Judeus, como Judas, a hostia consagrada, e lhe deram muitas punhaladas: mas com que effeito? Algumas vezes manou della copioso sangue, em prova de que debaixo daquellas especies exteriores se encerra realmente o verdadeiro corpo de Christo: e outras vezes cessou este prodigio, nem viram signal ou effeito algum da sua impiedade sacrilega, para que a cegueira judaica se desenganasse, que se na cruz lhe poderam tirar a vida, porque estava nella mortal e passivel, no Sacramento lhe não podem fazer damno punhaes, cravos, nem lanças; porque está alli tão immortal e impassivel, como no céu. No céu immortal e impassivel; porque depois de morto se immortalisou pela resurreição; e no Sacramento tambem immortal e impassivel; porque antes

[1] *Jer.*, XI, 19.

da morte se tinha já immortalisado pela consagração. Bem se encheu e suppriu logo nesta immortalidade e impassibilidade do corpo de Christo sacramentado, a immortalidade e impassibilidade divina, de que o Verbo na Encarnação se tinha exinanido.

E que estes dois effeitos de immortal e impassivel se nos communiquem a nós no Sacramento; um dos principaes motivos da sua instituição o prova quanto á immortalidade. Assim como Deus feito homem quiz morrer na arvore da cruz para se vingar do demonio, que com outra arvore tinha enganado aos primeiros homens, assim traçou com sua infinita sabedoria e omnipotencia, que nós o comessemos no Sacramento, para continuar e consummar a mesma vingança, fazendo verdadeiras nelle as duas mentiras, com que o mesmo demonio falsamente tinha acreditado a virtude daquella fructa. O que o demonio prometteu a Eva, foi, que se comessem da fructa da arvore vedada, não só não morreriam, mas ficariam como deuses: *Nequaquam morte moriemini, et eritis sicut dii.* [1] Ah, sim, demonio, diz Christo, pois isto mesmo que tu mentindo fingiste, farei eu verdadeiro, e inventarei um tal genero de manjar, que comendo-o os homens, não só fiquem endeusados, *sicut dii*, senão tambem immortaes: *Nequaquam morte moriemini.* Assim o fez a seu tempo o mesmo Senhor, e assim declarou, que este fôra o seu intento, quando tão expressamente disse: *Hic est panis de cœlo descendens, ut si quis ex ipso manducaverit, non moriatur.* De sorte, que não ha duvida, em que o corpo de Christo commungado em quanto no Sacramento está immortal e impassivel, destes dois soberanos attributos nos communica o primeiro, que é a immortalidade.

Sobre o segundo, porém, que é o da impassibilidade, se recorrermos á experiencia, a mesma experiencia parece que o faz difficultoso. De todas as Historias Ecclesiasticas consta, que no tempo dos Neros e Diocecianos, quando os Christãos eram tirados dos carceres, ou para adorar os idolos, ou para padecer exquisitissimos tormentos; lembrados da sentença de David: *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tri-*

[1] *Genes.*, III, 4 e 6.

bulant me: [1] primeiro se armavam com o Santissimo Sacramento. Assim armados entravam em tão perigosas batalhas, assim pelejavam, assim venciam; mas com tão differentes modos de vencer, que a mesma victoria parece que punha em duvida a fortaleza e virtude das armas. Uns martyres caminhavam sobre os espinhos como sobre flôres, outros a cada passo quedavam, lhes brotavam dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos eram os espinhos: uns lançados com pedras ao pescoço no mar, respiravam debaixo das ondas, e sahiam vivos ás praias, outros morriam afogados: uns vestidos de laminas ardentes, ou mettidos nas fornalhas, não lhes fazia mal o fogo; outros ardiam, e ficavam desfeitos em cinza: uns expostos no amphitheatro aos leões e tigres, eram reverenciados das feras, outros despedaçados e comidos da sua voracidade e fereza: uns estendidos nos eculeos, nas catastas, nas grelhas, riam-se dos tyrannos: outros invocavam o nome do Deus por quem padeciam, com o qual na bocca exhalavam constantemente a vida. Pois se todos pelejavam armados com o mesmo Santissimo Sacramento, como a uns communicava o impassivel corpo de Christo a sua impassibilidade, não consentindo que padecessem, e a outros não, deixando-os padecer?

Respondo, que a uns e a outros fazia o Divinissimo Sacramento impassiveis; mas com differente milagre: a uns impassiveis pela impassibilidade; a outros impassiveis pela paciencia. Oiçamos ao mestre de um dos mesmos tyrannos, e o maior delles, que foi Nero. *Forte fortiter adversa: hoc est quo Deum antecedatis*, diz Seneca: Padecei forte e constantemente, advertindo, que isto é só aquillo em que podeis exceder ao mesmo Deus. E porque? *Ille extra patientiam est, vos supra patientiam.* Porque Deus é impassivel por natureza, vós sel-o-heis superiormente pela paciencia. No que toca ao exceder a Deus, falla Seneca como gentio; mas na impassibilidade da paciencia oiçamos nós aos Santos Padres. S. Pedro Veronense poz em questão se ha de chamar impassivel a fortaleza, que padece tão constantemente, como se não padecêra: *Incertum est utrum impassibilis judicetur, cum aliquid passa, quasi*

[1] *Psalm.*, XXII, 5.

nihil passa sit, inveniatur. Porém S. João Chrysostomo sobre as palavras de S. Paulo: *Omnia suffert,* [1] não com duvida, mas como proposição certa e evidente, affirma que o que assim soffre e padece, já tem passado de homem passivel á impassibilidade dos Anjos: *Traductus est ad ipsam angelorum impatibilitatem.* Assim que, ou por impassibilidade, fazendo que não padeçam, ou por paciencia tão forte e invencivel como se não padeceram, faz o corpo de Christo sacramentado impassiveis aos que o comem. E já póde ser em confirmação da primeira, e desta segunda prerogativa, que por isso David disse do mesmo Sacramento: *Panem angelorum manducavit homo.* [2] Se os Anjos não consagram, nem comem, nem podem consagrar, nem comer este divino pão, como lhes póde convir o nome de pão de Anjos; senão porque faz immortaes e impassiveis, como Anjos, aos homens que o comem?

VII

O sexto e grandissimo vazio da divindade do Verbo na Encarnação, é a infinidade com que, sendo por natureza infinito, se fez finito. Mas tambem o corpo de Christo no Sacramento, suppriu e enche admiravelmente este vazio. Em todas as partes da quantidade da hostia, por minimas e imperceptiveis que sejam, está inteiramente todo o corpo de Christo. Perguntemos agora aos philosophos, quantas são as partes da quantidade? As duas opiniões mais celebres concordam em que são infinitas: e só differem em que genero de infinidade; porque uns defendem que são actualmente infinitas, o qual infinito se chama categorematico, outros só admittem que sejam infinitas potencialmente, o qual infinito se chama syncategorematico. E porque esta segunda opinião é a mais commum, e as partes que admitte neste genero de infinito não podem ser menos infinitas que as do outro, conformando-me com ella, digo assim: *Infinitum est, cujus semper aliquid extra licet accipere.* O infinito, como

[1] *1.ª ad Corinth.*, XIII, 7.
[2] *Psal.*, LXXVII, 25.

define Aristoteles, é aquillo cujas partes, por mais e mais que se dividam, sempre restam outras mais em que se possa dividir. Estando pois o corpo de Christo todo em toda a hostia, e todo em qualquer parte della, por minima que seja, e sendo potencialmente na mesma hostia tantas as partes da quantidade, que, por mais que se divida, sempre se póde dividir mais e mais sem fim, bem se segue, como concluem todos os theologos, que está o corpo de Christo no Sacramento, não finita, senão infinitamente.

E posto que esta verdade a não alcancem os sentidos, antes se enganem nella, em um mesmo exemplo fez Christo, que a provasse o gosto, que a apalpassem as mãos, e que a vissem os olhos. Deu o mesmo Senhor de comer a cinco mil homens (afóra a outra multidão de mulheres e meninos, porque o seguiam as familias inteiras) com cinco pães sómente, os quaes cresceram de sorte, que depois de satisfeitos todos, recolheram os Apostolos das sobras doze alcofas. Mas de que módo cresceu tanto este pão, sendo tão pouco? *Frangentis fragmenta succedunt, et fallunt semper per fracta frangentes.* Cresceu tanto aquella quantidade de pão, sendo tão pequena, diz S. Hylario, porque quanto mais e mais se dividia, tanto mais e mais se multiplicava. Tomou Christo o pão em suas sagradas mãos, partiu-o, e quanto mais o partia, tanto mais crescia nas mãos de Christo: deu-o Christo aos Apostolos, e quanto os Apostolos mais o partiam, tanto mais crescia nas mãos dos Apostolos: davam-no os Apostolos aos paes, partiam-no os paes, e tanto mais crescia nas mãos dos homens: davam-no os paes ás mães, partiam-no as mães, e tanto mais crescia nas mãos das mulheres: davam-no as mães aos filhos, partiam-no os filhos, e tanto mais crescia nas mãos dos meninos. Desta maneira partiam todos, e comeram todos: e porque o pão quanto mais e mais se partia, tanto mais e mais se multiplicava, por isso sendo tão pouco, sobejou tanto; e se o numero da gente fosse maior, sobejaria muito mais. Tanto assim, que quando os doze Apostolos repartiram entre si o mundo, se cada um levára comsigo a sua alcofa, não seria necessario que os lavradores arassem a terra, nem semeassem, nem segassem, nem recolhessem, porque aquellas mesmas sobras de pão tantas vezes partidas, partindo-se mais e mais, bastariam a sustentar o mundo.

E porque ninguem duvide, que do mais partir nascia o mais crescer, combinemos este milagre com outro similhante. Em outra occasião, e em outro deserto, deu o mesmo Christo de comer a quatro mil homens com sete pães: e recolhendo-se tambem as sobras foram as alcofas que se encheram sete. Pouca arithmetica é necessaria para reparar na differença destes numeros em um e outro caso. No primeiro, os que comeram eram mais, e os pães eram menos: porque os que comeram eram cinco mil, e os pães cinco. No segundo, os que comeram eram menos, e os pães eram mais; porque os que comeram eram quatro mil, e os pães sete. Logo por boa conta parece, que mais havia de sobejar neste segundo milagre, que no primeiro. Qual foi pois a razão porque quando os que comeram, eram mais, e os pães menos, sobejou mais; e quando os que comeram, eram menos, e os pães mais, sobejou menos? A razão é manifesta, como eu dizia, porque do mais partir, nascia o mais crescer. No primeiro milagre, como os que comiam eram mais, foi necessario partir mais, e por isso cresceu o pão mais: no segundo, como os que comiam eram menos, e os pães mais, foi necessario partir menos, e por isso cresceu menos. E que pertendeu Christo Senhor nosso com esta evidencia tão sensivel aos olhos, ás mãos, e ao gosto? Egregiamente S. Paulino: *Populos quinque panibus Christus implevit, esurientes fidem carnaliter satians, spiritualiter irrigans.* O milagre dos cinco pães foi o prologo com que o divino Mestre quiz dispôr os animos dos homens para a fé do Sacramento de seu corpo, do qual tratou naquella occasião tão largamente, que tudo o que ensina a Igreja, e o mesmo Evangelho que hoje canta, é uma só parte daquella doutrina. Por isso fez o Senhor, que o pão sendo tão pouco, sensivel e palpavelmente crescesse sempre mais e mais entre as mãos dos mesmos que o partiam, para que não duvidassem crêr, que em tão pequena quantidade como a de uma hostia se podia comprehender toda a grandeza sem fim de um infinito, e que não só finita, senão infinitamente estava nella seu corpo. Esta é a infinidade, de que diz S. Thomaz: *Esse Christum in hostia semel in actu, infinities in potentia:* [1] porque

[1] D. Th. in 4. Dist. 10. q. 1. Art. 3. explicatus à Suario in 3. p. Dist. 48. Sect. 1.

estando todo Christo em toda a hostia, e todo em qualquer parte, se estas actualmente se dividirem, estará tambem actualmente em todas, e sempre mais, e mais sem fim, porque o não tem.

Sendo pois esta manifesta infinidade, a com que o corpo de Christo no Sacramento suppriu a infinidade do Verbo escondida na Encarnação; só resta saber (o que não parece facil) como nos communica tambem a nós a mesma infinidade? Digo que nos communica Christo no Sacramento a infinidade de seu corpo, fazendo que assim como é infinito o manjar que nos dá a comer, seja tambem infinita a fome, ou nós infinitos na fome com que o comermos. O manjar syncategorematicè infinito, e a fome tambem infinita syncategorematicè. Texto expresso do Espirito Santo no Capitulo vinte e quatro do Ecclesiastico: *Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient.* [1] Christo na hostia dá a comer seu corpo, e no calix dá a beber seu sangue: mas o mesmo corpo causa tal fome aos que o comem, e o mesmo sangue tal sede aos que o bebem, ambas syncategorematicè infinitas, que os que o comem, quanto mais e mais comem, tanto mais e mais desejam comer: *Qui edunt me, adhuc esurient:* e os que bebem, quanto mais e mais bebem, tanto mais e mais desejam beber: *Et qui bibunt me, adhuc sitient.*

Não seria o divino Sacramento manjar do céu, senão causára estes effeitos tão contrarios aos da terra. Nos manjares da terra, (diz S. Gregorio) á fome succede o comer, ao comer a fartura, e á fartura o fastio: *In illis appetitus saturitatem, saturitas fastidium generat:* [2] porém, nos do céu, posto que tambem á fome succede o comer, e ao comer a fartura, á fartura não succede o fastio, senão outra vez a fome: *In istis autem appetitus saturitatem, saturitas appetitum parit:* d'onde se segue (conclue o santo) que aquelle que mais e quanto mais come, este mais e tanto mais fica faminto: *Tantoque amplius à comedente esuriuntur, quanto amplius ab esuriente comeduntur.* Notae a repetição e connexão de um e outro *amplius: amplius ab esuriente, amplius à comedente:* mais o que come, e mais o que tem fome, porque a comida e a fome successiva e reciprocamente

[1] *Eccl.*, XXIV, 29.
[2] Gregor. Homil. 36 in Evang.

se causam uma a outra. E deste *mais e mais* que crescendo sempre não póde ter fim, se fórma o infinito dos que assim comem; porque como ao mais e mais da fome, se segue o mais e mais da fartura, e ao mais e mais da fartura, o mais e mais da fome; ou estes fartos e famintos hão de deixar de comer, ou, se comem, hão de continuar mais e mais infinitamente. O milagre do deserto teve fim, porque sobejou o pão, e faltou a fome: sobejou o pão: *Superaverunt fragmenta:* [1] faltou a fome: *Saturati sunt.* [2] Mas no milagre do Sacramento, nem o pão póde sobejar, nem a fome faltar. A fome não póde faltar; porque nasce do pão; e o pão não póde sobejar, porque a mesma fome que delle nasce, o come. E por isso nem o milagre, nem a fome, nem o pão, nem os que o comem, podem chegar jámais a ter fim, nem a deixar de participar por este modo o modo de infinidade, que o corpo de Christo tem no Sacramento. No seu altar mandava Deus que sempre ardesse fogo: *Ignis in altari semper ardebit.* [3] E porque? Porque o fogo nunca diz, basta: *Ignis nunquam dicit, sufficit:* [4] e como a materia do altar era inconsumptivel, e o fogo que della se sustentava insaciavel; nem o insaciavel do que comia, nem o inconsumptivel do que se dava a comer, podiam deixar de ser perpetuos: *In altari semper ardebit.* Finalmente, este era o mysterio que depois se verificou no Sacramento do altar, assim quanto ao corpo, como ao sangue de Christo; porque sendo os que o comem insaturavelmente famintos, e os que o bebem, insaciavelmente sequiosos; nem aos que comem póde faltar jámais a fome, nem aos que bebem a sêde: *Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient.*

VIII

Finalmente, o ultimo attributo de que o Verbo se despiu, vestindo-se de nossa carne, foi a invisibilidade divina, fazendo-se de invisivel, visivel. E' o que disse

---

[1] *Joan.*, VI, 12.
[2] *Marc.*, VIII, 8.
[3] *Levit.*, VI, 12.
[4] *Prov.*, XXX, 16.

o Prophela Baruch: *Post hæc in terris visus est, et cum hominibus conversatus est:* [1] e por isso o mesmo Evangelista S. João tanto que disse: *Verbum caro factum est;* ajuntou logo; *et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre.* [2] Mas se o Verbo vestindo-se de corpo humano, e manifestando-se a nossos olhos, de invisivel se fez visivel; o mesmo corpo, para recuperar a invisibilidade perdida na Encarnação, depois de visivel e visto, encobrindo-se outra vez aos nossos olhos, se tornou a fazer invisivel no Sacramento. Esta primeira parte do nosso assumpto não ha mister prova; porque a invisibilidade só se póde vêr, não vendo, como nós não vêmos ao mesmo Christo, que crêmos e adoramos presente, mais firmemente que se o viramos. Mas a segunda parte do mesmo assumpto, em que alégora mostrámos que as mesmas propriedades da divindade exinanida, não só as recupera em si Christo sacramentado, mas tambem nol-as communica a nós, como se póde verificar, ou provar no attributo da invisibilidade? Se fôra n'outro logar, seria difficultoso, neste em que estamos, é evidente.

Fallando a Esposa santa de Christo sacramentado, diz que está encuberto e invisivel detraz daquella parede dos accidentes: *En ipse stat post parietem nostrum.* [3] Assim entendem este logar commummente os Interpretes. Olhae agora para aquella parede e para estas paredes. Detraz daquella parede está o Esposo: dentro destas paredes estão as Esposas: alli o Esposo invisivel, aqui as Esposas tambem invisiveis. Que maior e mais estreita invisibilidade, que aquella que não por um dia, nem por muitos, senão para sempre se negou e se escondeu aos olhos do mundo? Tal é a invisibilidade de Christo no Sacramento, e tal a das Esposas do mesmo Christo. Essa é a grande energia com que a Esposa chamou parede áquelles accidentes: *Post parietem nostrum.* Podera-lhe chamar véu, podera-lhe chamar nuvem. No Templo de Jerusalem o que fazia invisivel o Propiciatorio em que estava figurado Christo, era o véu que cobria o *Sancta Sanctorum:*

---

[1] *Baruch.*, III, 38.
[2] *Joan.*, I, 14.
[3] *Cant.*, II, 9.

Sanctuarium quod est intra velum: [1] no monte Olivete a que tambem tirou dos olhos dos Discipulos ao mesmo Christo subindo ao céu, foi uma nuvem: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum.* [2] Pois se os accidentes daquella hostia são os que nos tiram dos olhos e nos fazem invisivel o Esposo sacramentado, por que lhe não chama a Esposa véu ou nuvem, senão parede. *post parietem?* Porque o véu póde-se correr, e a nuvem póde-se mudar, porém a parede é impedimento firme, immovel e immudavel. E este é o modo e encerramento perpetuo com que naquella parede e nestas paredes o Esposo e as Esposas estão para sempre escondidas aos olhos humanos.

O Propheta Isaias, fallando com Christo no Sacramento, diz: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israël Salvator:* [3] Verdadeiramente, Senhor, vós sois Deus escondido, Deus escondido e Salvador. E fallando do mysterio da Encarnação, diz que a escondida conceberá: *Ecce abscondita concipiet.* [4] Assim se lê no original hebreu, em cuja lingua, escondida e Virgem, tem o mesmo significado. Christo Deus escondido no Sacramento, e as virgens consagradas a Christo, escondidas na Encarnação. Nem é maravilha que debaixo deste sagrado nome já então fosse exemplar a Virgem das virgens ás que depois a haviam de seguir: *Adducentur regi virgines post eam.* [5] E pois estamos no ultimo attributo da divindade recuperado por Christo no Sacramento, e communicado a estes generosos espiritos, que por seu amôr em corpo se fizeram invisiveis, que lhe posso eu dizer por fim, senão o que lhe diz S. Paulo: *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo, in Deo?* [6] Estaes mortos, diz o Apostolo, *Mortui estis*, e não diz demasiado, porque uma vida encerrada entre quatro paredes, nem vista, nem visivel, que outro nome lhe vem mais proprio, que o de morta e sepultada? Assim encareceu Job o estado da sua sepultura, não tanto pelo enterrado, quanto

[1] *Levit.*, XVI, 2.
[2] *Act.*, I, 9.
[3] *Isai.*, XLV, 15.
[4] *Ibid.*, VII, 14 (text. heb.)
[5] *Psal.*, XLIV, 15.
[6] *Col.*, III, 3.

pelo invisivel: *Nec aspiciet me visus hominis:* [1] nem me verão jámais os olhos dos homens. Mas posto que esta vossa vida, por escondida e invisivel, pareça aos outros morta e sepultada, considerae-vos, para vossa consolação, onde está escondida e com quem; escondida com Christo e escondida em Deus: *Et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* Está escondida com Christo, porque tambem Christo está escondido no Sacramento; e está escondida em Deus, porque quanto mais retirada dos olhos humanos, tanto mais se não tiram nunca della os olhos divinos. E sendo esta tão grande consolação, ainda é maior a com que conclue S. Paulo: *Cum Christus apparuerit vita vestra, tunc et vos apparebitis cum ipso in gloria:* [2] Christo, que agora é a vossa vida, e alli está como vós invisivel e escondido, virá aquelle dia ultimo, em que ha de apparecer e ser visto de todo o mundo; e então tambem vós haveis de apparecer, e verão os olhos, a que agora vos negaes, quão precioso é, e quão agradavel aos divinos, que só vos vêm, o invisivel desta vossa clausura; porque assim como agora imitastes a Christo na sua invisibilidade, assim elle visivelmente, nos olhos de todo o mundo, vos ha de coroar com a sua mesma gloria: *Et vos apparebitis cum ipso in gloria.*

IX

Bem acabava aqui o sermão; mas em dia e solemnidade tão universal, obrigação é precisa, que digamos uma palavra para todos. Se o corpo de Christo no Sacramento enche os vazios da divindade, quanto mais facilmente encherá os da nossa necessidade? Tudo Deus creou vazio, mas logo encheu tudo. Vazia creou a terra: *Terra autem erat inanis, et vacua:* [3] mas logo a encheu por dentro de thesouros, e por fóra de plantas e animaes: vazio creou o céu, mas logo o encheu por dentro de Gerarchias, e por fóra de sol, lua e estrellas; vazio creou o mar e o ar, mas logo encheu o ar de tanta

[1] *Job.*, VII, 8.
[2] *Col.*, III, 4.
[3] *Genes.*, I, 2.

variedade de aves, e o mar de tão infinita multidão de peixes: vazios creou aos primeiros homens como vasos de barro; mas logo os encheu de justiça original e de tantos outros dotes e graças. Tão natural é á divina bondade, que foi, é, e será sempre a mesma, encher os vazios de suas creaturas: e assim encherá os da nossa necessidade e pobreza, muito melhor que o oleo de Eliseu, por muitos que sejam, *vasa vacua non pauca.* [1] Antigamente na Lei, que era de rigor, mandava Deus que ninguem apparecesse em sua presença com as mãos vazias: *Non apparebis in conspectu meo vacuus:* [2] porém hoje que estamos na Lei da graça, a todos nos exhorta o mesmo Senhor, que não só lhe presentemos vazias as mãos, senão tambem, e muito mais, os corações e os desejos, para nol-os encher abundantissimamente do que elle melhor sabe dar, que nós pedir. Quando os irmãos de José foram buscar pão ao Egypto, todos levavam os saccos vazios, e todos os trouxeram cheios, e nelles juntamente o preço, porque este divino pão, que naquelle se representava, era pão de graça. E depois que Deus, pelo beneficio da Encarnação, se fez irmão nosso, não seria tão bom irmão como José, se recorrendo aos celleiros de sua liberalidade, que no mesmo pão estão encerrados, nos não despachasse cheios e ricos de tudo o que a nossa necessidade lhe presentasse vazio. Chegae, chegae (diz S. Thomaz, Arcebispo de Valença) chegae, não a esta fonte, senão a este oceano immenso de graças, que a todos deseja, a todos chama, a todos espera, e por maiores, e de maior fundo que sejam os vazios de vossa necessidade, cada um encherá os seus até não poder levar mais: *Oceanus est gratiarum immensus, vas suum quisque ad summum replet.*

Mas é tanta (de quem me queixarei?) é tanta a fraqueza da nossa fé, é tão pouca a estimação que fazemos dos bens do céu, que nem de graça os queremos. Ouvi o que diz a similhantes almas até um poeta gentio: *O curvas animas hominum, et cœlestium inanes!* Oh almas dos homens, tão brutas e irracionaes como as dos mesmos brutos: *curvas*, porque sempre andaes encurvadas e inclinadas para a terra, e por isso vazias

[1] *4.º Livr. dos Reis*, IV, 3.
[2] *Exod.*, XXIII, 15.

dos bens do céu, *et cœlestium inanes!* Por mais que uma alma fosse senhora de toda a terra, e desde a a terra ao céu senhora de todo o mundo, sempre ficaria vazia, porque só Deus a póde encher. E tendo nós a Deus tão perto, quantas almas ha indignas deste nome, que se não chegam a elle, senão por força e a mais não poder de anno em anno? Elle chamou-se pão de cada dia, para que todos os dias o comessemos, como faziam os primeiros christãos: e somos chegados a tempo em que se tem por grande christandade e devoção commungar todos os mezes. Que bem compete aos que nem isto fazem, as palavras de Job! *Sic et ego habui menses vacuos.* [1] Devendo ser os dias cheios, até os mezes são vazios. Passa-se um mez e outro mez, passa-se um jubileu e outro jubileu, e nem a importancia da graça, nem a conveniencia das graças (como se não houvera fé, nem outra vida; como se não houvera inferno nem purgatorio) nos permittem os vicios, de que estão cheias as nossas almas, que por meio da contrição e confissão as presentemos áquella sagrada meza vazias.

Vazias assim dos peccados as nossas almas, (se somos christãos ou d'aqui por diante o queremos ser) o que deve procurar cada um de nós com verdadeira resolução, são duas coisas: a primeira, encher a alma com a graça, para que não esteja vazia: a segunda, encher a graça com obras christãs, para que perseveremos na mesma graça. Qual é a razão ou defeito, porque os que se confessam e commungam e se poem em graça de Deus, não perseveram na graça muitos dias, e talvez no mesmo dia a perdem? A razão e o defeito é, porque ainda que enchemos a alma com a graça, não enchemos a graça com as obras, sem as quaes ella não póde permanecer. Consideremos, e pesemos bem o que diz S. Paulo de si, e o que nos aconselha a nós. O que nos aconselha o Apostolo, que foi ao céu e tornou, é, que não tenhamos a graça vazia: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis:* [2] e o que nos diz de si, é, que a graça que recebeu de Deus, nunca a teve vazia, e por isso permaneceu sempre nella: *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed gratia ejus semper in*

---

[1] *Job.*, VII, 3.
[2] *2.ª ad Corinth.*, VI, 1.

me manet. [1] Sendo a graça tão contraria á natureza, só nisto se parece a natureza com a graça, ou a graça com a natureza. A natureza de nenhum modo admitte, nem permitte vacuo, d'onde nasceu o proloquio, *Non datur vacuum in rerum natura.* E essa é a philosophia, porque nos elementos e mixtos, ou espontaneamente e por si mesmas, ou obrigadas da arte, vêmos tantos effeitos, que parecem milagrosos, e verdadeiramente são naturaes. Vêmos subir a agua e a terra, vêmos descer o ar e o fogo, vêmos romperem-se os marmores e estalar os bronzes, tudo por acudirem a impedir o vacuo ou vazio, o qual, se houvesse na natureza, pereceria todo o mundo. O mesmo aconteceria (e acontece) á graça, se nella houvesse vacuo: e por isso o devemos resistir com todas as forças: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis.* Se a graça em nós nunca estiver vazia, como em S. Paulo: *Gratia ejus in me vacua non fuit:* tambem será em nós como nelle sempre permanente: *Et gratia ejus in me manet.*

E se me perguntaes como estará a graça sempre cheia e nunca vazia? Respondo, que enchendo os vazios que na alma occupavam os vicios, primeiro com os actos, e depois com os habitos das virtudes contrarias. Em logar da soberba entre em nossas almas a humildade, em logar da intemperança entre a pureza, em logar da inveja a caridade, em logar da ira a mansidão; em logar da gula a sobriedade, em logar da ambição o desprezo do mundo, em logar da vingança o perdão das injurias, em logar do odio o amôr do proximo, ainda que seja o maior inimigo: finalmente, em uma palavra, por mais que a natureza corrupta e mal habituada repugne, que o alto e leve desça, e o baixo e pesado suba: porque desta maneira nos conformaremos com todo o exemplar do nosso assumpto, imitando a Deus na Encarnação, que desceu a tomar condições de corpo, e a Christo no Sacramento, cujo corpo subiu a participar os attributos de Deus, os quaes nós tambem gosaremos eternamente na meza da gloria por graça do mesmo pão, que para nós sua birmos desceu do céu: *Hic est panis, qui de cœlo descendit.*

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, xv, 10. Ex adit Eccles.

SERMÃO

DO

Santissimo Sacramento*

Exposto na Igreja de S. Lourenço In Damaso, nos dias do Carnaval, Em Roma. Anno de 1674.

TRADUZIDO DE ITALIANO

Tentat vos Dominus Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non? [1]

I

Maior espectaculo, ó Tybre, vês estes dias tu nas margens soberbamente habitadas de tuas ribeiras, daquelle que viu antigamente o Jordão nas soledades do seu deserto, quando o demonio tentou a Christo. Alli se viu Deus tentado; aqui se vê Deus tentador: *Tentat vos Dominus Deus vester.* Maior espectaculo, ó Roma, vês estes dias tu nas tuas praças, palacios, e templos, daquelle que viste antigamente no teu barbaro amphitheatro, quando os novos professores do christianismo eram deitados ás feras. Alli, com tormentos e mortes, se provava a fé: aqui, entre jogos e passatempos, se prova o amôr: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?*

Terriveis dias são estes, e terrivel concurso de tempo, senhores meus. Nos outros tempos, e por toda a

---

* Este sermão é muito figurado e a modo de panegyrico, ainda que o assumpto é moral, commenta ainda o padre Honorati. Estylo eloquente, pensamentos sublimes, imagens encantadoras.

[1] *Deuter.*, XIII.

roda do anno, os tentadores dos homens são tres: nestes dias são quatro; e o quarto, maior e mais poderoso que todos. Nos outros tempos tenta o mundo, tenta o diabo, tenta a carne: nestes dias não só tenta a carne, o diabo, o mundo, e mais fortemente que nunca; mas Deus tambem nos tenta: *Tentat vos Dominus Deus vester.* Porque cuidaes que sáe Deus de seus sacrarios? Porque cuidaes que se põe Deus em publico nestes dias, senão para tentar tambem elle publicamente no tempo das tentações publicas? Os tres tentadores universaes sempre tentam como inimigos, mas não sempre como inimigos descobertos: porém nestes dias, quando os homens, com tão estranhos disfarces, se cobrem a cara, o mundo, diabo e carne, tentam a cara descoberta. Por isso no mesmo tempo se descobre Deus para tentar elle tambem descobertamente. Mas a que fim? Não a fim de ajudar, tentando a nossos inimigos, mas a fim de provar e descobrir, tentando, quaes são os seus amigos: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* Esta é a propriedade natural das palavras que propuz, e esta será a materia não menos propria do meu discurso. Deus tentador: Roma tentada: Os que amam, ou não amam a Deus, publicamente conhecidos. Os pontos são tres, mas eu por brevidade os reduzirei a um só: e comecemos.

II

Tentat vos Dominus Deus vester. Deus nos tenta? Deus tentador? Estupenda e temerosa palavra, e ao parecer indigna e indecente! Mas não é ainda esta a minha maior admiração. Deus tentador, e tentador no Sacramento? Aqui está a difficuldade, aqui o assombro. O Santissimo Sacramento do altar, não é o peito forte com que Deus nos arma contra todas as tentações? Aquella hostia consagrada não é o escudo dobrado, humano, e divino juntamente, com que se defende a Igreja? E que nos atrevamos a dizer, sem escandalo da piedade, que o toma Deus por instrumento de nos tentar: *Tentat vos Dominus Deus vester!* Nestes dias sim.

Tumultuou o povo no deserto contra Moysés, e foi

o tumulto de Carnaval: *Utinam mortui essemus in Ægypto, quando sedabamus super ollas carnium.* [1] Egypto, memorias da gentilidade, gosto e appetite depravado, intemperanças de gula, em fim, carne. E que fez Deus então para apagar a rebellião, e moderar a desordem deste appetite bruto? *Dixit autem Dominus ad Moysen: Ego pluam vobis panes de cœlo:* [2] Moysés, não é bem que o meu povo se lembre do Egypto, e daquillo que tinha e o deleitava, quando vivia entre gentios; eu lhe darei pão do céu. De maneira que a primeira origem do manná, e a primeira instituição do Sacramento em figura, foi para apartar e descarnar os homens dos appetites e costumes que chamaes carnavalescos, e para desarraigar do seu povo as memorias e reliquias da gentilidade, quaes são as que ainda se conservam entre os christãos nestes dias. Bem. E teve mais algum outro fim Deus em dar o manná ao seu povo? Sim; o que eu digo. Não só lhe deu o manná para o tirar daquelle vicio, senão tambem para o tentar. Ouvi o que ajuntou Deus ás palavras referidas: *Ego pluam vobis panes de cœlo: egrediatur populus, et colligat, ut tentem eum, utrum ambulet in lege mea, an non?* [3] Eu darei o manná ao povo: elle sahirá a o recolher: e eu com isto o tentarei, se obedece á minha Lei, ou não. Este foi o segundo fim, porque deu Deus o manná. O primeiro para remedio: o segundo para tentação: o primeiro para apartar o povo dos costumes profanos do Egypto: o segundo para tentar e provar o mesmo povo, se obedecia e amava a Deus, ou não: *Ut tentem eum, utrum ambulet in lege mea, an non?* Que é em proprios termos o fim e sentido das nossas palavras: *Tentat vos Dominus Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?*

Já temos a Deus tentador, e tentador no Carnaval, e tentador com o Sacramento, e que o fim de nos tentar neste tempo, e com este mysterio, é para provar nosso amôr. Mas em que consiste a energia desta tentação, o exame desta duvida, e a averiguação desta prova? Consiste em se conhecer, e constar publicamente, se póde

---

[1] *Exod.*, XVI, 3.
[2] *Ibid.*, 4.
[3] *Ibid.*

mais em nós a fé, que a vista, e se deixamos o gosto do que se vê, pelo amôr do que se não vê? Tornemos ao deserto, e prosigamos a mesma historia.

Depois de alguns dias, que não foram muitos, tornou aquelle povo mal acostumado e rebelde, a cahir na mesma tentação. Lembravam-se, como d'antes, dos comeres profanos do Egypto, e das grosserias vís que lá tinham por regalo, e diziam com grande aborrecimento que o manná os enfastiava: *Anima nostra nauseat super cibo isto.* [1] Este é um dos logares da Escriptura mais difficultosos de entender. Porque o manná (como consta do mesmo Texto sagrado) continha em si os sabores de todos os manjares: *Deserviens uniuscujusque voluntati*: [2] diz a Sabedoria. E David: *Omnem escam abominata est anima eorum.* [3] Pois se o manná continha todos os sabores, como podia causar fastio? Aquelle fastio não era por demasiada fartura, nem por falta de fome, ou vontade de comer; porque no mesmo tempo suspiravam pelas olhas do Egypto. Logo se o manná não só de prato a prato, mas de boccado a boccado, podia variar os sabores, e os hebreus quando comiam se assentavam sempre a uma meza mais abundante, e exquisitamente provida, que a do seu Pharaó, e tinham nella juntos os sabores de quanto nada no mar, vôa no ar, e pasce ou nasce na terra, como não tiravam o fastio de um sabor com a mudança e variedade do outro? E se alguem me disser que a delicadeza de manjares tão preciosos, não era para o paladar grosseiro e servil de uma gente pouco antes escrava, donde vinha dizerem elles: *In mentem nobis veniunt cucumeres, et pepones, porrique, et cepe, et allia:* [4] os sabores destas verduras rusticas, e de quaesquer outras baixezas villãs e grosseiras, tambem se continham no mesmo manná. Como logo lhes causava, nem podia causar fastio? Os doutores terão lido muitas soluções desta grande duvida: mas eu cuido que vos hei de dar a litteral e verdadeira. Digo que o fastio do manná não estava no gosto, estava nos olhos. O que gostavam os hebreus, era tudo quanto queriam:

[1] *Num.*, XXI, 5.
[2] *Sap.*, XVI, 21.
[3] *Psal.*, CVI, 18.
[4] *Num.*, XI, 5.

mas o que viam era sómente manná. Manná ao jantar, manná á ceia, manná hoje, manná ámanhã, sempre manná. E como toda a variedade era para o gosto, e para os olhos, não havia variedade, nem differença, os olhos eram os que se enfastiavam. Não é exposição minha, senão confissão sua. Elles o dizem no mesmo Texto: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi Man:* [1] Os nossos olhos não vêem outra coisa mais que manná. E como não viam mais que manná, por isso o não podiam vêr, por isso se enfastiavam delle, e tornavam com desejos ao Egypto.

Oh divino manná, e verdadeiro pão do céu! Crêmos e confessamos que estão encerrados debaixo desses accidentes todos os gostos e delicias da alma: mas *Anima nostra nauseat super cibo isto;* porque *Nihil respiciunt oculi nostri nisi Man.* Esta foi a tentação antigamente, com que Deus tentou o povo israelitico no manná: *Ut tentem eum.* Esta é hoje a tentação com que tenta o povo catholico no Sacramento: *Tentat vos Dominus Deus vester.* Os Hebreus (excepto um Moysés, e os poucos que o seguiam) os Christãos (excepto outro Moysés, e os poucos que o seguem) todos vêmos rendidos á tentação, porque todos gostam mais das mezas profanas e abominaveis do Egypto, que daquelle pão do céu. A razão desta semrazão tão grande, em uns e outros, é a mesma: nos Hebreus, porque não viam mais que manná: nos Christãos, porque não vemos mais que aquelles accidentes brancos: *Nihil respiciunt oculi nostri nisi Man.* Oh fraqueza da fé, oh cegueira e tyrannia dos olhos humanos! Tenta Deus nestes dias, e tenta o mundo; e uma e outra tentação põem o laço nos olhos: mas a de Deus nos olhos fechados, a do mundo nos olhos abertos. Deus tenta com a sua presença encoberta, o mundo tenta com as suas representações publicas. E como aquellas representações se vêem, e esta presença não se póde vêr, em vez de triumphar a fortaleza da fé contra os appetites e enganos da vista, triumpha a tyrannia da vista contra as obrigações da fé. Se Christo, como está presente, corresse aquella cortina que o encobre, subitamente se veria nesta Igreja a transfiguração do Thabôr, e toda a cidade de Pedro diria com o mesmo Pedro: *Bonum*

[1] *Num.*, XI, 6.

est nos hic esse. [1] Mas Christo não quer vencer o mundo com armas iguaes. Põe-se em campo contra elle invisivel a nossos olhos, porque vem a fazer prova de nossa fé, e do nosso amôr: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?*

III

Notavel caso é, que quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse:* [2] digam os Evangelistas, que estava fóra de si: *Nesciens quid diceret.* Quer estar sempre com Christo, e está fóra de si? Antes dissera eu, que nunca esteve mais em si que quando quiz estar sempre com Christo. Pois porque mereceu uma tal censura o fervor e amôr de Pedro? Porque disse que queria estar com Christo, quando viu descobertos os resplandores de sua gloria, sendo que isto havia de dizer, quando depois se lhe encobriram com a nuvem que sobreveio. No theatro do Thabôr representaram-se successivamente duas scenas muito diversas. Na primeira appareceu a magestade de Christo, como sol resplandecente, descoberto e coroado de raios: *Resplenduit facies ejus sicut sol.* [3] Na segunda desceu e atravessou-se uma nuvem que eclipsou toda aquella gloria, e a encobriu aos olhos dos Apostolos: *Nubes obumbravit eos.* E que disse agora Pedro? Nada. Pois agora é que elle havia de dizer: *Bonum est nos hic esse:* porque querer estar com Christo, quando se mostra e deixa vêr com toda a sua gloria e magestade, nem é fé, nem é amôr, nem é pensamento digno da Cabeça da Igreja. Por isso a mesma nuvem, que lhe tolheu o sentido da vista, lhe abriu e espertou logo o sentido da fé: *Et ecce vox de nube, dicens: ipsum audite.* [4] A prova da verdadeira fé, e a fineza do verdadeiro amôr, não é seguir ao sol quando elle se deixa vêr claro e formoso com toda a pompa de seus raios, senão quando se nega aos olhos, escondido e encoberto de nuvens. Vêde-o no espelho da natureza.

---

[1] *Math.*, XVII, 4. Luc. IX, 33.
[2] *Luc.*, IX, 33.
[3] *Math.*, XVII, 2.
[4] *Math.*, XVII, 5.

Aquella flôr, a que o gyro do sol deu o nome, chamada dos gregos helyotropio, immovel, e com perpetuo movimento, jámais deixa de seguir e acompanhar a seu amado planeta. Quando o sol nasce, se lhe inclina e o sauda, quando sobe, se levanta com elle, quando está no zenith, o contempla direita, quando desce se torna a dobrar, e quando finalmente chega ao occaso, com nova e profunda inclinação se despede delle. Grande milagre da natureza! Grande fineza de amôr! Mas onde está o mais fino desta fineza? Descobriu e ponderou-o Plinio com uma reflexão tão admiravel como a da mesma flôr: *Heliotropii miraculum sæpius diximus cum sole se circumagentis etiam nubilo die. Tantus sideris amôr est.* Maravilha é, e fineza prodigiosa, que aquella flôr amante do sol, sem se poder mover de um logar, o siga sempre em roda, acompanhando seu curso; mas o mais maravilhoso desta maravilha, e o mais fino desta fineza (diz Plinio) é que não só segue e acompanha o sol, quando se lhe mostra claro e resplandecente, senão quando se esconde e se cobre de nuvens: *Etiam nubilo die: Tantus sideris amôr est.* Mas passemos da escóla da natureza á da graça, e vejamos se ha nella alguma flôr similhante. Desejou Moysés vêr a Deus, e pediu-lhe que lhe mostrasse seu rosto: *Ostende mihi faciem tuam.* [1] Foi-lhe respondido que não era possivel nesta vida: *Non videbit me homo, et vivet.* [2] E que vos parece que faria Moysés com este desengano? Não o disse elle na sua historia: mas disse-o por elle S. Paulo com altissima ponderação: *Invisibilem tanquam videns sustinuit.* [3] Desenganado Moysés de poder vêr a Deus, foi tal a sua fineza, que fazia não o vendo, o que havia de fazer se o vira. Que havia de fazer Moysés se vira a Deus? Havia de estar sempre com os olhos fixos nelle, sem jámais se apartar de sua vista e de sua presença. Pois isto que havia de fazer se o vira, isto mesmo fazia não o vendo: *Invisibilem tanquam videns sustinuit.*

Assim provou Moysés o seu amôr, e assim prova Deus nestes dias, e quer que provemos o nosso: *Ut*

---

[1] *Exod.*, XXXIII, 13.
[2] *Ibid.*, 20.
[3] *Heb.*, XI, 27.

palam fiat, utrum diligatis eum? Mostra-se-nos o Sol Divino encoberto com aquella nuvem que o faz invisivel, para provar se póde tanto em nós a fé, como a vista, e se o assistimos e acompanhamos não o vendo, como se o viramos. Os que assim o fizerem, bem podem tomar por divisa do seu amôr a fineza natural do helyotropio, e a sobrenatural de Moysés. E será o corpo e alma da empreza igualmente discreta. O corpo um helyotropio voltado ao sol, coberto de nuvens, e a alma, a lettra de S. Paulo: *Invisibilem tanquam videns.* Não cuide que ama a Christo, quem não antepõe sua presença invisivel a tudo quanto se vê e póde vêr no mundo. Lá vos chamam a vêr, aqui a não vêr, porque a prova do verdadeiro amôr não está em amar vendo, senão em amar sem vêr. Amar e vêr é bemaventurança: amar sem vêr amôr. O mesmo mundo o confessa.' Toda a gala do amôr qual é? Vós o pintaes nú como a verdade, e assim ha de ser se é amôr. Qual é logo a sua gala? Toda a gala do amôr é a sua venda. Vendado e despido; porque quando não tem uso dos olhos, se descobre o amôr: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum?*

Dae-me agora licença para que examine um passo vulgar de Isaias, o qual cada dia apparece nos pulpitos; mas para mim ainda é occulto e novo. Viu Isaias aquelles Serafins, que todos sabem, e o que eu não sei entender é, como os ditos Serafins assistiam a Deus e não viam a Deus. Assistiam a Deus, porque estavam diante do throno de Deus: *Seraphim stabant super illud.* [1] Não viam a Deus, porque com a interposição das azas cobriam os olhos proprios e a face do mesmo Deus: *Velabant faciem ejus.* [2] Aqui está o ponto da minha difficuldade. E folgára que me disseram os doutos, que Serafins são aquelles que assistem a Deus e não vêem a Deus. E' certo e de fé, que todos os espiritos angelicos estão sempre vendo a face de Deus: *Angeli eorum semper vident faciem patris, qui in cœlis est.* [3] Os Serafins não só são Anjos, senão os supremos Anjos da suprema gerarchia: logo tambem é certo que todos os Serafins vêem sempre a Deus e com visão mais alta e mais immediata que todos os

[1] *Isai.*, VI, 2.
[2] *Ibid.*
[3] *Math.*, XVIII, 10.

outros Anjos. Que Serafins são logo estes que assistem a Deus e não vêem a Deus? Senhores meus, estes Serafins não vêem a Deus, mas eu vejo estes Serafins. Dizei-me. Todos os que concorreis a esta Igreja a adorar e acompanhar a Christo sacramentado naquelle throno, assistis a Deus? Sim. Vêdes a Deus? Não. Pois estes são os Serafins que assistem a Deus, e não vêem a Deus. Não são Serafins do céu, são Serafins da terra: não são Serafins anjos, são Serafins homens. E porque estes Serafins veem a assistir e veem a não vêr, por isso as mesmas azas que os trazem, os param e os cegam juntamente: *Volabant, stabant, velabant.* Neste sentido interpretam a visão de Isaias, dos Padres Gregos S. Cyrillo, e dos Latinos S. Jeronymo. Mas eu não quero outro Expositor, que o mesmo Texto. Digo que a visão não era no céu senão na terra. Assim o diz o Texto: *Plena est omnis terra gloria ejus.* [1] Digo que o logar da terra era a Igreja. Assim o diz o Texto: *Et ea quæ sub ipso erant, replebant templum.* [2] Digo que nessa Igreja estava impedida a vista e o uso dos olhos. Assim o diz o Texto: *Et domus repleta est fumo.* [3]

Mas se os chamados Serafins, que assistiam nessa terra, nessa Igreja e nessa invisibilidade de Deus, são os homens, porque lhes não chama Isaias homens, nem Anjos, nem Archanjos, nem Cherubins, senão Serafins? Por isso mesmo. Porque assistem a Deus sem o vêr. Os Serafins são aquelles espiritos ardentes, a quem o amôr de Deus deu o nome, porque entre todas as Gerarchias, e sobre todas amam a Deus mais que todos. E porque a circumstancia de amar e assistir a Deus sem o vêrem é a maior prova, a maior fineza e o gráu mais alto e mais sublime a que póde subir ou voar o amôr, por isso lhes chama o propheta Serafins, mas Serafins com os olhos vendados.

Perdoae-me, Serafins do céu. Vós tendes lá o nome, e cá está o amôr. Vós lá assistis e amaes, mas vêdes. Cá assistimos, amamos, e não vemos. Esta unica gloria é propria da terra, e propria de Deus. Propria da terra: *Plena est omnis terra*, porque amar

---

[1] *Isai.*, VI, 3.
[2] *Ibid.*, 1.
[3] *Ibid.*, 4.

sem vêr a Deus é gloria que não ha, nem houve, nem haverá nunca no céu. E propria de Deus: *Gloria ejus*, porque Deus no céu dá a gloria, aqui recebe-a. No céu dá Deus a gloria aos bemaventurados, na terra, vós que o assistis, daes a gloria a Deus. Deus no céu dá a gloria aos bemaventurados, porque deixando-se vêr e amar, faz aos bemaventurados gloriosos. Vós na terra daes a gloria a Deus, porque amando-o sem o vêr, vós o glorificaes. No céu Deus é o glorificador, e os bemaventurados os glorificados: na terra vós sois os glorificadores, e Deus o glorificado e o glorioso: *Plena est omnis terra gloria ejus.* Tanto vae de amar vendo, a amar sem vêr!

E porque o intento de Christo nestes dias é tentar e provar o nosso amôr: *Tentat vos, utrum diligatis eum, an non?* por isso se presenta a nossa fé, e não a nossos olhos, não vestido de magestade e gloria, senão armado de invisibilidade. Aquelle grande guerreiro David, aconselhava a Deus, se queria render e trazer tudo a si, que se armasse de sua formosura, e que a belleza de seu rosto fosse a sua espada: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime, Specie tua, et pulchritudine tua intende, prosperè procede, et regna.* [1] Mas assim como David não acceitou as armas de Saül, assim Christo não acceita estas armas de David. E quando o mundo, para nos levar após si, faz publico e pomposo theatro aos olhos de tudo o que o engenho e novidade póde inventar agradavel e deleitoso, elle pelo contrario debaixo daquelles disfarces esconde todos os thesouros de sua formosura; confiado de nossa fé e do nosso amôr, que invisivel será adorado; que não visto será assistido; e que escondido e encoberto será descobertamente amado: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum?*

IV

Esta é, senhores, a tentação com que Deus nos tenta, digna da generosidade e grandeza, e do coração amoroso de tão soberano Tentador: *Tentat vos*

[1] *Psal.* XLIV, 4 e 5.

Dominus Deus vester. Agora toca a nós, ou resistir e vencer a tentação, ou cahir: ou ser da multidão vulgar dos que por summa fraqueza e indignidade seguem o mundo, ou ser do numero generoso e verdadeiramente christão, dos que, deixando ao mundo as suas loucuras, seguem e assistem a Christo, e professam publicamente nestes dias, ser do partido dos que o amam: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* Toda a tentação e toda a victoria está entre um sim, e um não. Ou vêr, ou não vêr: ou amar, ou não amar. Atégora *Utrum diligatis eum, an non?* é problema. Vós o haveis de resolver, e os vossos olhos. De boa vontade o disputára eu largamente por uma e outra parte. Mas porque a brevidade do tempo m'o não permitte, eu vol-o proporei já disputado e resoluto na Escriptura, e prodigiosamente representado. Tornemos ás ribeiras do Jordão.

Entrou no Jordão a Arca do Testamento, e subitamente as aguas do rio se dividiram em duas partes, ou em duas parcialidades. A parte superior, como extatica e attonita á presença da Arca, tornou atraz e parou, e assim esteve immovel. A parte inferior, deixando-se levar da inclinação natural, e impeto da corrente, não parou, e correu ao mar. Esta é a famosa historia que todos os annos nestes dias se representa em Roma. A Arca do Testamento, na qual se encerrava toda a grandeza e magestade de Deus, é o Divinissimo Sacramento, o Jordão, que se dividiu, não é o Tybre, mas a cidade do Tybre, que tambem tem suas correntes e suas divisões. A parte superior, que reverente parou á presença da Arca, são aquelles que assistem e acompanham a este Senhor. A parte inferior, que se retirou e correu ao mar, são os que o deixam e desacompanham, e se vão com a corrente onde os chama o mundo.

A' vista desta differença tão notavel falla David com o rio, e diz assim: *Quid est tibi mare, quòd fugisti; et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* [1] Jordão parado, Jordão fugitivo, que divisão é esta, e que resolução tão diversa? Tu que paras, porque paras? E tu que foges, de quem foges? Se a causa é a mesma, o rio o mesmo, e a natureza de uma e

[1] *Psal.* CXIII, 5.

de outra parte a mesma, porque são os movimentos tão contrarios? Responde David pela parte do Jordão superior e parado, e diz que parou cortez e obsequioso, porque reconheceu e reverenciou na Arca a presença do Deus de Jacob: *A facie Domini, á facie Dei Jacob.* [1] Chamava-se a Arca, face de Deus, pela particular assistencia com que Deus invisivelmente residia nella. E d'aqui se segue tambem que todo o verso de David se ha de entender (como nós o entendemos) da passagem do Jordão, porque na passagem do mar Vermelho ainda não havia Arca. Mas se bastava dizer que parou o Jordão: *A facie Dei*, porque accrescentou nomeadamente o Propheta, que esse Deus era Deus de Jacob: *A facie Dei Jacob*? Seria por ventura, para differenciar o Deus verdadeiro (qual era o de Jacob) dos deuses falsos e fabulosos, que em diversas figuras adoravam naquelle tempo os gentios? Verdadeiramente, senhores, que quem não pára aqui a reverenciar e assistir áquella divina Arca, ou não crê que está alli o verdadeiro Deus, ou tem outros deuses falsos e torpes, a quem mais ama e adora. Mas não é este só o mysterio, nem foi esta só a fineza do Jordão. Nota neste passo a Glossa, que não disse o Propheta: *A facie Dei Israël*, senão: *A facie Dei Jacob.* Este Patriarcha tinha dois nomes: o de Jacob, que lhe puzeram os homens, e o de Israël, que lhe deu Deus. Pois porque se não chama Deus neste caso Deus de Israël, senão Deus de Jacob? Com grande mysterio. Jacob quer dizer: *Luctator*, o Luctador: Israël quer dizer: *Videns Deum*, o que vê a Deus. E como Deus estava invisivelmente na Arca, e o Jordão parou a Deus invisivel, por isso Deus se não chama aqui Deus do que vê a Deus: *Deus Israël*, porque foi Deus reverenciado e não visto. Chama-se porém com segundo mysterio, e com maior energia: *Deus Jacob:* Deus do Luctador, porque o Jordão, resistindo ao pezo das aguas, e refreando o impeto da corrente, luctou fortemente contra a inclinação precipitosa da propria natureza, e a venceu gloriosamente. De maneira que se ajuntaram neste milagre do Jordão as duas circumstancias, que necessariamente concorrem nos que assistem a Christo sacramentado nestes dias.

[1] *Ibid.*, 7.

A primeira luctar como Jacob, e vencer o impeto da inclinação natural, que os leva a seguir a corrente. A segunda parar e assistir aqui immovelmente a Deus, mas não a Deus visto, como Deus de Israël, senão a Deus invisivel, como Deus de Jacob.

Assim respondeu David pela parte superior do Jordão, que parou e reverenciou a Arca. Mas pela parte inferior que correu ao mar, e lhe voltou as costas, como foi acção tão irracional, tão precipitada, e tão feia, condemnou-a e affrontou-a o Propheta com a admiração da sua mesma indignidade, perguntando-lhe porque fugia de Deus: *Quid est tibi mare, quòd fugisti?* Mas se era rio, porque lhe chama mar? E se era o Jordão, porque lhe não chama Jordão? O nome que lhe tirou, e o que lhe deu, ambos foram declaração da censura que merecia. O rio que corre ao mar seguindo a propria natureza, vae buscar sua perdição: alli perde o nome e o sèr: porque já não é rio, é mar. Assim foi buscar o seu naufragio e o seu castigo aquella indigna parte do Jordão, que vollou as costas á Arca. E posto que esta razão bastava para lhe negar o Propheta o nome de Jordão, ainda o fez com maior mysterio, e mais claro documento e reprehensão dos que nestes dias o imitam: *Jordanis*, quer dizer *Fluvius judicii:* o rio do juizo. E como podia ser digna de tal nome uma parte do mesmo rio, tão precipitada, tão furiosa, e sem juizo, que por seguir o impeto e costume da natureza, deixou de assistir á Arca de Deus, e fugiu de sua presença? Prezem-se agora de entendidos e discretos os que se apartam ou fogem da mesma presença, para vêr e auctorisar com a sua as loucuras do mundo, nos dias em que elle mais que nunca perde o sizo. E se quereis vêr quão alheia de juizo é similhante resolução, ponderae-a commigo debaixo da allegoria do mesmo rio, e ouvi-me fallar com elle com as mesmas palavras do Propheta.

Quid est tibi mare, quòd fugisti? Rio precipitado e infeliz, que te deixaste arrebatar da furia da corrente, e fugiste da presença da Arca de Deus, dize-me de que foges tu, e porquê? Que mal te tem feito aquelle Senhor, para fugires delle? De um Deus que te busca; de um Deus que vem em pessoa a santificar-te; de um Deus que (sendo tu dos Amorrheus) te quer fazer seu; de um Deus que te quer livrar da servidão da gentilidade; de um Deus que se mette todo

dentro de ti mesmo; deste Deus tão amoroso foges tu? Dize-me, assim eu te veja tornar atraz: *Quid est tibi:* que fructo, que proveito, que interesse tens em deixar e te apartar de Deus? Se te move o costume inveterado da tua corrente, não vês tu que é melhor e mais são conselho, emendar os costumes máus antes de chegar ao Mar Morto, onde tu caminhas? Se te leva o impeto e inclinação natural, não vês que a outra parte de ti mesmo, sendo da mesma natureza: *Conversus est retrorsum?* Se elle não seguiu o teu exemplo, porque não imitarás tu o seu? Se o não fazes por virtude, ao menos o deves fazer por reputação, e por honra. Não vês que aquelle Jordão, que teve mão em si, e parou á presença da Arca, quanto mais está parado, tanto mais cresce e se exalta? Não vês que elle é o milagroso, o admirado, o reverenciado, o louvado, o chamado santo? Que é logo o que te leva? Que é o que váes buscar aonde tão arrebatadamente caminhas: *Quid est tibi mare, quòd fugisti?*

V

Naquella palavra *mare* temos todo o *quid est*, ou todo o porquê da admiração do Propheta, e isso mesmo tanto para admirar e estranhar, que apenas se póde dizer sem indecencia. Mas não é muito que se diga, pois se vê. Aquelle mar aonde foi parar a parte do Jordão que não parou, é o que nós hoje chamamos Mar Morto, e naquelle tempo se chamava: *Vallis Salinarum*, porque sendo esteril de pescado, e de toda a coisa vivente, só se tirava delle sal. Pois para correr ao Valle do Sal, se ha de deixar a presença e reverencia da Arca? Para correr ao Valle do Sal se ha de fugir de Deus? Assim é. Para correr ao Valle do Sal, e do sal que algumas vezes é assaz mordaz e picante. Tudo o que vae vêr e ouvir o passatempo e gosto vão destes dias, que outras coisas são senão aquellas que a antiga Roma chamava *Sales*, e a moderna *Sali*? Graças, chistes, motes, facecias, bufonerias, metamorphoses de trajos, equivocos de pessoas, transfigurações dos sexos e da especie, machinas jocosas, invenções ridiculas, em fim quanto sabe excogitar o engenho, a subtileza, e a ociosidade para mover a riso.

Que diria a severidade do vosso Catão, se tal visse? Para isto se vêem cheias as praças, as ruas, os balcões, os theatros: todos a rir, e tudo para rir! E que sendo em summa tão leve e tão ridicula a tentação, triumphe comtudo o mundo de nós, e pareça que triumpha do mesmo Deus! Senhor, Senhor, quasi estava para vos representar a minha dôr, que seria maior decencia de vossa divina auctoridade, retirar-vos ao *Sancta Sanctorum* de vossos sacrarios, que apparecer em publico nestes dias. Seja riso aquelle riso, mas não seja irrisão vossa. Riam-se os homens do que vêem, e do que fazem, mas não pareça que se riem de vós, pois fazem tão pouca conta de vossa presença. Saibam porém os que assim deixam a Deus, e o trocam ou vendem por tão vil preço, que Deus, como prégou S. Paulo: *Non irridetur:* [1] e que lá está guardado um *Væ* da justiça para este riso: *Væ vobis, qui ridetis, quia plorabitis!* [2]

Esta é, senhores, a representação que vos prometti do vosso problema: *Utrum diligatis eum, an non?* Disputado na historia do Jordão, e resoluto diversamente por ambas as partes: uma que parou reverente á presença da Arca: outra que voltou as costas, e correu ao mar. Veja agora cada um, qual destas partes ou partidos se resolve a seguir? E porque toda a tentação de amar ou não amar a Deus nestes dias, se vem a resumir no que se resume a religião ou vaidade delles, que é sacrificar ou não sacrificar o riso; disponhamo-nos animosamente para o sacrificio, e tomemos por exemplar delle um vencedor famoso de similhante tentação, e tentação tambem de Deus como a nossa.

Tentou Deus a Abrahão, para provar seu amôr. São os termos com que falla a Escriptura: *Tentavit Deus Abraham.* [3] A tentação foi, que lhe sacrificasse Isaac, o seu amado. E diz S. Paulo, que esta tentação de Abrahão, e sacrificio de Isaac, foi parabola de Deus: *Unde eum in parabolam accepit* [4] Mas como foi parabola, se é historia verdadeira? Não quer dizer o Apos-

---

[1] *Gal.*, VI, 7.
[2] *Luc.*, VI, 25.
[3] *Gen.*, XXII, 1.
[4] *Heb.*, XI, 19.

tolo, que não fosse verdadeira historia. Quer dizer, que foi historia e parabola juntamente: historia pelo que era, parabola, pelo que significava. Saibamos agora. E que significa Isaac, e o seu sacrificio? Isaac significa riso. E ainda que pareça materia de riso, este riso, na significação de Deus, é a materia de toda a tentação; e este riso é o que Deus nos manda sacrificar. S. Bernardo: *Dicitur tibi, ut immoles Isaac tuum, Isaac enim interpretatur risus.* Sabeis (diz Bernardo) o que Deus manda que lhe sacrifiquemos, quando manda sacrificar Isaac? Manda que lhe sacrifiquemos o riso. Quando mandou a Abrahão que sacrificasse o seu Isaac, mandou-lhe que sacrificasse o seu filho; e esta foi a historia. Quando nos manda que sacrifiquemos o nosso Isaac, manda-nos que sacrifiquemos o nosso riso: e esta foi a parabola: *Eum in parabolam accepit.*

Todos estamos tentados por Deus, como Abrahão: *Tentat vos Dominus Deus vester.* Todos estamos tentados como elle, para fazer prova do nosso amôr: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non?* Se ha quem se atreva a sacrificar o seu Isaac, suba com Abrahão ao monte, para o imitar. E note bem a gentileza daquelle grande coração, e daquelle braço: *O' formidabile spectaculum! Amor in prolem, Deique dilectio judicio contendunt, et judex ensifer instat Abrahamus, et gladio jus dicit.* O' formidavel espectaculo! (diz S. Basilio de Seleucia). Litigavam no coração de Abrahão dois amôres, ambos grandes, ambos fortes, ambos difficultosos de vencer: o amôr de Deus, e o amôr de Isaac. Por parte de Deus advogava a fé: por parte de Isaac contradizia toda a natureza. E Abrahão, posto no meio destes dois affectos, era o juiz que com a espada havia de pronunciar a sentença. Tal é a controversia, ó christão, que tu has de decidir neste ponto: *Utrum diligatis eum, an non?* Se amas verdadeiramente a Deus, ha de morrer Isaac; se Isaac vive, não amas a Deus. O céu por parte de Deus, a terra por parte do mundo, esperam suspensos a tua resolução: tu és o juiz, dá a sentença: que dizes? Sim, ou não? Oh como me parece, fieis amadores de Christo, estar vendo em cada um de vós outro Abrahão com o braço e com a espada levantada, para cortar a cabeça a este Isaac, não innocente, mas réo; não legitimo, mas adulterino; não digno de viver, mas de

morrer de uma vez, e acabar para sempre. Morra, morra Isaac, viva Christo, viva o Divinissimo Sacramento. Mas que é o que vejo? Não um Anjo do céu, como o de Abrahão, mas um Anjo do inferno, que da parte do mundo e do appetite vos brada, vos tem mão no braço, e vos faz cahir a espada. Tal é a fraqueza de nossa fé, tal a covardia de nossos corações. Em fim este anno será como os demais, e se cumprirá a parabola inteiramente. Viverá Isaac, e o sacrificado será o Cordeiro. Vós, Senhor, sereis o deixado, e o mundo o buscado e o seguido. Vós estareis aqui quasi só, e Roma no Corso e nos theatros.

Notou o mesmo S. Basilio (como já o tinha escripto Josépho) que Abrahão teve sempre o caso em segredo, e nem quando recebeu o mandamento de Deus, nem quando apparelhou e partiu ao sacrificio, deu conta ou noticia delle a Sara. E a razão foi (diz o Santo) porque ainda que Abrahão venerava e tinha grande conceito da fé, da devoção e da piedade de Sara, considerou comtudo o genio feminil, e temeu que, como mulher e mãe, não tivesse valor para consentir no sacrificio: *Ego quidem ejus animum suspicio, sed genium vereor.* Conheceu o animo, mas temeu o genio. Esta é tambem a razão da minha desconfiança: reverenceio, mas receio: *Suspicio sed vereor.* Abrahão era o pae dos crentes, e Sara a mãe. O pae dos crentes teve valor para fazer o sacrificio, a mãe dos crentes não. E quem é a mãe de todos os crentes senão tu, ó Roma?

VI

Roma, eu não tenho auctoridade, nem confiança, nem lingua, para te dizer neste caso o que sinto; mas ouve tu o que te diz com igual auctoridade e eloquencia o teu Doutor Maximo, Jeronymo. No mesmo tempo em que S. Damaso edificava esta mesma Igreja em que estamos, escreveu S. Jeronymo a Roma, [1] a qual então andava em grande parte enganada com as larguezas e delicias que approvava o impio Joveniano, mais conformes aos idolatras de *Jove* (de quem elle

[1] Hier. contra Jovenianum,

tinha o nome) que aos adoradores de Christo: e diz assim o grande Padre: *Urbs potens, urbs orbis domina, urbs Apostoli voce laudata, interpretare tuum vocabulum.* Cidade potentissima, cidade dominadora e senhora do mundo, cidade louvada, não por bocca do teu Apollo, senão pelo oraculo de Paulo: *Te alloquor*, comtigo fallo: e não te digo outra coisa, senão que interpretes o teu nome: *Interpretare tuum vocabulum. Roma, aut fortitudinis nomen est apud Græcos, aut celsitudinis juxta Hebræos. Serva quod diceris: virtus te excelsam faciat, non voluptas humilem.* O Grego, quando diz Roma, quer dizer a forte: o Hebreu, quando diz Roma, quer dizer a excelsa: o Christão (accrescentemos nós) quando diz Roma, quer dizer a santa. E será bem que Roma, a forte, não resista a uma tentação tão leve? Será bem que Roma, a excelsa, se abata a uma indecencia tão ridicula? Será bem que Roma, a santa, deixe a fonte da santidade por seguir a corrente da vaidade? Rir-se-ha, e mofará o Grego; rir-se-ha, e zombará o Hebreu; chorará, e envergonhar-se-ha o Christão. Pelo que, Roma, minha (diz Jeronymo) *Serva quod diceris.* Se te chamas Roma, sê Roma, sê forte, sê excelsa, sê santa.

E vós, senhores Romanos, generosos filhos desta aguia: *Magnarum alarum*, lembrae-vos das palavras que a vós em primeiro logar, e a todos os que reconhecem por Mãe e Cabeça esta santa cidade, disse em confiança de vossa piedade, o Senhor que está presente: *Ubicumque fuerit corpus, illic congregabuntur, et aquilæ:* [1] Aonde estiver meu corpo, alli correrão as aguias: *Corpus in altari, aquilæ vos estis*, diz Santo Ambrosio. Não se tenha por aguia (que tudo o mais de quem tenho fallado atégora, é vulgo) não se tenha por aguia legitima e verdadeira, a que aqui não vier fazer prova da agudeza de sua vista, e da fineza de seu amôr. A aguia natural prova os seus verdadeiros filhos aos raios do sol descoberto: a aguia divina prova os seus nas sombras do Sol escondido. Com esta nobilissima circumstancia sacrifiquem os vossos olhos a Deus tudo o que nestes dias deixarem de vêr. Se assim o fizerdes, como de vossa generosidade e piedade se deve esperar, será o vosso sacrificio,

[1] *Matth.*, XXIV, 28.

por esta circumstancia, ainda mais precioso e mais grato a Deus que o de Abrahão. Notae. Quando Deus mandou a Abrahão que lhe sacrificasse o seu Isaac, disse desta maneira: *Vade in terram visionis, atque ibi offeres.* [1] Vae á terra da visão, vae á terra onde me viste, e onde me vês, e ahi offerece o sacrificio. Na differença de *ibi* a *ibi* está a vantagem da fineza. Fazer sacrificio a Deus no logar onde se vê Deus, não é maravilha; mas fazel-o no logar onde Deus não se vê essa é a maravilha, essa é a fineza, e esta será a gloria do vosso sacrificio. Se o não vêr a Deus, que temos presente, é a tentação com que elle vos tenta: *Tentat vos Dominus Deus vester;* não o vêr e amal-o; não o vêr e assistil-o; não o vêr e acompanhal-o sempre, seja a prova manifesta e publica de vosso amòr: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non.*

[1] *Genes.*, XXII, 2.

SERMÃO

DO

Santissimo Sacramento *

Prégado em Santa Engracia, no Anno de 1642

Hic est panis, qui de cœlo descendit. [1]

I

Este é o pão que desceu do céu, diz Christo Redemptor nosso por S. João, affirmando a real e verdadeira presença de seu corpo santissimo, debaixo das especies sacramentaes. Assim o entende a Igreja, assim o confirmam as Escripturas, assim o definem os Concilios, assim o cremos firmemente os fieis catholicos: mas neste logar, e nestas circumstancias, na memoria do atrevimento sacrilego, na consideração da ousadia heretica, que hoje gloriosamente detestamos, quasi parece que não é este o pão que desceu do céu.

Duas coisas teve este caso, ou duas circumstancias considero nelle, uma da parte de Deus, outra da parte dos homens; as quaes ambas vistas a pouco lume de fé, parece que deixam duvidosa a verdade deste Sacramento. Que podessem chegar os homens por

---

* Não menos util que engenhoso é o assumpto deste sermão que não é dos mais eloquentes, mas nem por isso deixa de ser admiravel e digno do grande orador *(Crysosth. Port.*, vol. 2.º, pag. 189.

[1] *Joan.*, VI.

summa irreverencia a pôr mãos injuriosas naquella hostia consagrada, e que creamos que está ali Deus; Deus, diante cujo acatamento as potestades do céu, as columnas do firmamento tremem! Deus, cuja omnipotente magestade os mesmos animaes brutos, dobrando os joelhos irracionaes, adoram! Deus, cuja infinita grandeza até as creaturas insensiveis dentro na incapacidade do seu ser, confessam mudas, e reconhecem sujeitas! E que aos ministros hereticos de tanta maldade, nem lhes pasmassem os braços sacrilegos, como ao impio Jeroboão, quando levantou a mão para o Propheta! Nem chovesse sobre elles raios e diluvios de fogo o céu, como sobre os soldados atrevidos, que intentaram prender a Elias! Nem a terra indignada se abrisse em boccas vingativas, e os tragasse vivos, como a Dathão, e Abiron! Nem cahissem subita e temerosamente mortos como Ananias e Zafira, aos pés de Pedro! Nem apparecessem feitos pedaços nesta Igreja como amanheceu o idolo Dagon, á vista da Arca do Testamento! Que tenham tanto atrevimento os homens, e que seja Deus a quem offendem! Que tenha tanto soffrimento o offendido, e que seja Deus quem não resiste! Suspendem tanto a admiração, e são tão grandes circumstancias estas, que não só deixam pasmado o juizo que as considera, senão que vistas com olhos humanos, parece que mettem em escrupulos a mesma fé, e querem fique duvidosa a verdade divina deste Sacramento.

Por parte desta verdade, e em defeza da Fé Catholica deste mysterio, determino sahir hoje a campo, ou seja contra os erros da heresia, ou seja contra a fraqueza do entendimento humano. E para que a victoria da fé fique mais gloriosa vencendo a seus inimigos com suas proprias armas, satisfarei ás admirações do entendimento com os mesmos motivos dellas, e socegarei os escrupulos da razão pelos mesmos fundamentos, de que se levantam. O mesmo atrevimento dos homens, e o mesmo soffrimento de Deus neste caso será a prova (que não quero hoje outra) da verdade do mysterio que adoramos. Neste sentido verificarei as palavras do thema, não tomadas absolutamente, senão trazidas em particular, e applicadas ás circumstancias do caso: *Hic est panis, qui de cœlo descendit. Hic*, Este, contra o qual se mostraram tão atrevidos os homens, offendendo-o com in-

jurias; *Hic*, Este, no qual se mostrou tão soffrido Deus, não os castigando com prodigios; *Hic est panis, qui de cœlo descendit:* Este mesmo, e por isto mesmo, é o verdadeiro pão, que desceu do céu, Christo Deus e Redemptor nosso. Esta é a materia sobre que havemos de fallar; e ainda que na casa em que estamos de Santa Engracia parece que é devida a graça, peçamol-a ao Espirito Santo por intercessão da Mãe da graça: *Ave Maria.*

II

Hic est panis, qui de cœlo descendit

Do atrevimento dos homens, e do soffrimento de Deus, que são as duas circumstancias deste caso, prometti confirmar a fé do Santissimo Sacramento, que adoramos; e as consequencias em que me fundo são estas. Prova-se do atrevimento humano; porque a infidelidade dos hereges é argumento da nossa verdade. Prova-se do soffrimento divino; porque a paciencia de Christo é argumento de sua presença. Os hereges negam-o? Logo é verdade. Christo soffre-o? Logo está presente. Estas duas consequencias são as que havemos de provar. Vamos primeiro ao caso.

Consagrou Christo seu corpo na Ceia, deu o pão consagrado a todos os Discipulos, para que o commungassem. E fallando o Evangelista de Judas, diz assim: *Cum accepisset ille buccellam, exivit continuo. Cum ergo exisset, dixit Jesus: Nunc clarificatus est Filius hominis.* [1] Tanto que Judas recebeu o boccado do pão, levantou-se logo da meza, e sahiu do Cenaculo; e no ponto em que sahiu, disse Christo: Agora começam as minhas glorias, agora será manifesta a fé de minha divindade, agora serei conhecido no mundo, e reverenciado por Filho de Deus. Este é o verdadeiro sentido das palavras: *Nunc clarificatus est Filius hominis*, e assim as declaram conformemente todos os sagrados Interpretes. Mas antes que ponderemos a consequencia admiravel deste Tex-

[1] *Joan.*, XIII, 30.

to, é necessario saber como se houve Judas com o Sacramento, quando a elle chegou. Christo Senhor nosso, não commungou aos Discipulos, applicando á bocca de cada um o Sacramento, como agora fazemos; mas como eram todos sacerdotes, ou alli os consagrava por taes, deu-lhes o pão sacramentado, para que elles o repartissem entre si: assim o diz o Texto de S. Lucas: *Accipite, et dividite inter vos.* [1] Chegou-lhe pois ás mãos de Judas a parte que lhe coube de pão consagrado: e agora pergunto eu: que fez Judas desta sua parte, commungou-a, ou não a commungou? E' opinião de Theophylacto, e de muitos Doutores daquelle tempo, que Judas, ainda que recebeu nas mãos o Sacramento, que o não metteu na bocca, nem o commungou. E dizem que a isso alludiu Christo, quando, dando o calix aos Discipulos, accrescentou aquella palavra *omnes: Bibite ex eo omnes:* Bebei todos, porque não tinham comido todos: os onze sim; Judas não. Supposto, pois, que Judas tomou nas mãos, como os demais, o Sacramento, e o não commungou, como os demais; que fez delle? Diga-o Theophylacto com suas mesmas palavras: *Judas panem accepit, sed non comedit; et occultavit illum, ut monstraret Judæis, quod panem corpus suum vocaret Jesus:* Judas ainda que tomou na mão o pão consagrado, que Christo deu a todos, não o comeu, nem o commungou como os demais, senão levou-o comsigo furtado e escondido para o mostrar aos Judeus, e arguir e condemnar a seu Mestre, dizendo que aquelle pão affirmava elle que era seu corpo. Este foi o fim e o intento com que Judas sahiu do Cenaculo, não com o Santissimo Sacramento commungado, senão roubado, como no caso presente, não o levando dentro no peito, senão nas mãos: *Cum accepisset buccellam, exivit continuo.*

Vamos agora á consequencia de Christo, á vista deste sacrilegio, e desta impiedade de Judas: *Et cum exisset, dixit Jesus:* E tanto que sahiu Judas, disse Jesus: *Nunc clarificatus est Filius hominis:* Agora serei conhecido, agora serei honrado, agora serei crido, agora serei glorificado. Ha mais notavel consequencia? Quando Judas nega a verdade do Santissimo Sacramento, quando Judas o leva roubado, para com os Judeus zombar delle, e o affrontar, então diz

[1] *Luc.*, XXII, 17.

Christo que está a opinião da sua fé mais gloriosa, e as glorias de sua divindade mais declaradas: *Nunc clarificatus est Filius hominis?* Se dissera, que então ficavam escurecidas, mais coherente ficava; mas, affirmar que mais declaradas? Sim. Porque ainda que os atrevimentos e infidelidades dos hereges se ordenam a escurecer e infamar as glorias da fé de Christo, por esse mesmo caminho fica ella mais declarada, e mais acreditada. Quanto a auctoridade do mysterio perde de respeito, tanto a verdade da fé ganha de auctoridade. Encontram-se nos hereges com uma gloriosa implicação seus intentos, e nossa fé; porque o credito que lhe negam, é credito que lhe dão. Negam-lhe o credito, porque a não creem; dão-lhe credito, porque a acreditam: quanto por elles menos crida, tanto para com todos mais acreditada. Oiçamos a Origenes, cujas palavras, se eu acerto a ponderal-as, são valente testemunho desta verdade.

Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia, initium glorificandi Filii hominis fuit exitus Judæ: Depois de confirmada a fé de Christo (diz Origenes) com o testimunho dos milagres, e com o testimunho da Transfiguração, quando Judas sahiu do Cenaculo, então a deu o Senhor por verdadeiramente acreditada. Grande dizer, mas difficultoso em theologia. Os dois maiores fundamentos da nossa fé, são, primeiro a auctoridade divina; segundo, a manifestação dos milagres. Na auctoridade divina se funda, como em razão formal de crer; com os milagres se confirma como com obras sobrenaturaes, testimunhas sem suspeita da mesma auctoridade. Assim o escreveu S. Paulo aos hebreus fallando da nossa fé; *Quæ cùm initium accepisset enarrari per Dominum, ab eis, qui audierunt, in nos confirmata est, contestante Deo signis, et portentis.* [1] Com estes dois testimunhos tinha Christo fundado e confirmado a fé de sua divindade, quando Judas sahiu da Ceia: com o testimunho dos milagres nos ultimos tres annos da vida, em que obrou tantos como sabemos: com o testimunho da auctoridade divina na Transfiguração, em que foi ouvida claramente a voz do Padre, que dizia: *Hic est Filius meus dilectus, in quo*

[1] *Hebr.*, II, 3 e 4.

mihi complacui: [1] Este é meu Filho amado, em que muito me agradei. Pois se a fé da Divindade de Christo estava fundada e demonstrada com os dois maiores argumentos e testemunhos della; com o testemunho da omnipotencia nos milagres, com o testimunho da auctoridade divina na Transfiguração: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia;* como se diz, que então acabou de ficar acreditada e declarada, quando Judas sahiu do Cenaculo? Quando Judas levou roubado o Santissimo Sacramento, para elle e os Judeus desprezarem como vã, e negarem a fé deste mysterio? Não se podéra mais encarecer a verdade do que dizemos. E' tão forte argumento, e tão evidente testimunho de nossa fé a mesma infidelidade dos hereges, e daquelles, principalmente, que neste sacrosanto mysterio o offendem e negam, que depois de confirmada com o testimunho dos milagres, e com o testimunho da auctoridade divina: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia;* em quanto lhe faltava o testimunho da infidelidade dos hereges, em quanto lhe faltava o testimunho dos desprezos e zombarias de Judas e dos Judeus, achou Christo que não estava cabalmente acreditada sua fé, e depois disso, sim: *Nunc clarificatus est Filius hominis: initium glorificandi Filii hominis, fuit exitus Judæ.*

III

Agora entram as particulares demonstrações, com que prometti provar a evidencia deste mysterio. Os hereges negam-n'o? Logo é verdade. Christo soffre-os? Logo está presente. Começando pela primeira, parece coisa difficultosa e ainda impossivel, que o erro e infidelidade, com que os hereges negam o mysterio da fé catholica, seja argumento certo, e consequencia infallivel da mesma fé. Toda a razão formal e motivo da nossa fé, como já disse, é a auctoridade divina. Deus disse-o: logo é verdade. Mas que tambem seja motivo de crer os mysterios da fé, a auctoridade, ou asseveração contraria? E que se infira

[1] *Matth.*, III, 17.

por boa consequencia: o herege nega-o; logo é verdade? Sim. E a razão em que se funda esta consequencia, é, porque andam os eixos do lume da razão tão encontrados nos entendimentos dos hereges, que creem pelos motivos de negar, e negam pelos motivos de crer. Texto expresso de Christo Redemptor nosso. Fez Christo aquella celebre pergunta aos Judeus: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* [1] Se vos digo verdade, por que me não credes? Não responderam á questão os perguntados; mas o Senhor lhes respondeu no mesmo Capitulo, por estas palavras: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi.* [2] Sabeis, incredulos, por que não me credes? é por que eu vos digo a verdade. Clara sentença, mas difficultosa. A causa formal objectiva (como fallam os philosophos), ou a razão e motivo, por que damos credito ás coisas, é o ser e verdade dellas. Assim o ensina Aristoteles, o dicta o lume natural, e o obra a experiencia de cada um. Pois se a verdade das coisas é a razão e o motivo por que os entendimentos racionaes se persuadem a crer: como diz Christo, que os Judeus o não criam, porque lhes dizia a verdade: *Si veritatem dico vobis, non creditis?* A verdade, que é a razão de crer, póde ser razão de não crer? Nos entendimentos dos hereges, sim. Anda tão perturbado o lume racional nos entendimentos dos hereges, e os dictames do discurso tão encontrados com as consequencias da razão, que creem pelos motivos, por que haviam de negar, e negam pelos motivos, por que haviam de crer: e como o motivo de crer, é a verdade, e o motivo de negar é a mentira: por isso creem a mentira, só por que é mentira, e negam a verdade só por que é verdade: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi.* Não é sentido imaginado, senão germano e litteral do Texto: assim o entende, com S. Agostinho e S. Chrysostomo, aquelle grande commentador dos Evangelistas, e, na minha opinião, o mais litteral e mais solido do nosso seculo, o doutissimo Maldonado. *Mihi ideo non creditis* (diz elle), *quia ego non mendacium, sicut pater*

[1] *Joan.*, VIII, 46.
[2] *Ibid.*, 45.

vester diabolus, sed veritatem loquor: si enim mendacium loquerer, crederitis utique mihi assueti credere diaboli mendaciis: sed ob hoc ipsum mihi non creditis, ob quod maxime credere deberetis, quia veritatem nimirum vobis dico. Notem-se muito estas ultimas palavras, nas quaes se diz claramente, que o *propter quod*, e a razão formal de crer, é nos hereges razão de negar: *Sed ob hoc ipsum mihi non creditis, ob quod maxime credere deberetis.*

Posto que as palavras e oraculos da bocca de Christo são maiores que todo outro testimunho, ou exemplo humano; para que nós entendamos melhor, e mais claramente o Texto referido, o quero confirmar com dois famosos casos, um do Velho, outro do Novo Testamento. Sahiram os filhos de Israël do Egypto, com tantos e tão portentosos milagres, como sabemos: chegaram aos desertos do monte Sinay tres mezes depois; sóbe Moysés ao monte a receber de Deus a Lei, e porque se deteve quarenta dias, cançados de esperar, os que agora se não cançam depois de mil e seiscentos annos, pediram a Arão que lhes fizesse um Deus, a quem seguissem, pois de seu irmão Moysés não sabiam o que era feito. Deteve-se Arão alguns dias; instaram fortemente: pede em fim as arrecadas de oiro suas, e de suas mulheres e filhos, segundo o uso da nação naquelle tempo), as quaes derretidas e fundidas, sahiu a imagem de um bezerro: e posta esta sobre um altar, com pregão publico por todos os arraiaes, se lhe dedicou solemnidade para o dia seguinte, dizendo que aquelles eram os deuses que tinham libertado o povo do captiveiro do Egypto: *Hi sunt dii tui Israël, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* [1] Até aqui parece isto fabula, ou farça: o que se segue é, que verdadeiramente adoraram o bezerro, e lhe offereceram sacrificios, e com jogos e festas o celebraram. Se o não dissera assim a Escriptura Sagrada, ninguem pudéra crêr tal loucura de homens com juizo. Dizei-me: quando sahistes libertados da terra do Egypto, e quando foi feito este Deus, a quem vós chamaes deuses? O bezerro com quatro pés, e duas pontas na testa, foi fundido hontem: do Egypto

[1] *Exod.*, XXXII, 4.

(como consta do mesmo Texto) ha mais de quatorze mezes, que sahistes: pois como póde este Deus, ou como poderam estes deuses, que ainda não eram, libertar-vos do Egypto tantos mezes antes? Não eram, e poderam libertar? Não eram, e poderam fazer tantos milagres? Aquelle oiro, de que foram fundidas estas divindades, não o trazieis pendurado das vossas orelhas todo este tempo? Pois como antes de ter fórma nem figura, nem vida, nem sentido, nem ser, poderam obrar o que crêdes? Póde haver mais clara e manifesta implicação? Não póde. E se vós tivereis uso de razão, ao pregoeiro, e ao que mandou apregoar esta nova divindade, havieis de queimar no mesmo fogo em que ella foi fundida. Mas isto mesmo é serdes vós, como então começastes a ser, hereges da verdadeira fé. Negastes a verdade, e crestes a mais clara e manifesta mentira; porque é natural instincto do vosso entendimento crer pelos motivos de negar, e negar pelos motivos de crêr.

O caso do Testamento Novo, ainda em certo modo é mais notavel. Mandou o Senado de Jerusalem embaixadores a S. João Baptista no deserto, pedindo-lhe que declarasse se era elle o Messias esperado e promettido na Lei; porque estavam aparelhados para o adorar e reconhecer. Foi esta embaixada dos ministros da Synagoga muito acertada no tempo, mas muito errada na pessoa: foi acertada no tempo, porque cerradas as hebdomadas de Daniel, e traspassado o sceptro de Judá aos Romanos, segundo a verdade das prophecias, era certo que estava o Messias no mundo: e foi errada na pessoa, porque esta embaixada havia de ir dirigida a Christo e não ao Baptista, como as mesmas prophecias, que eram mais vulgares entre os hebreus, o gritavam claramente. A prophecia de Jacob dizia, que o Messias havia de ser da tribu de Judá: Christo era da tribu de Judá, o Baptista da tribu de Levi. A prophecia de Micheas dizia, que o Messias havia de nascer em Bethlem, e o Baptista nasceu nas montanhas da Judeia. A prophecia de Isaias dizia, que o Messias havia de dar pés a mancos, vista a cegos, falla a mudos, etc.; Christo fez infinitos milagres deste genero, e o Baptista nenhum: *Joannes nullum signum fecit.* Pois se todas as razões dictavam que Christo era o verdadeiro Messias, e nenhuma estava por parte do Baptista; porque se resolvem estes homens a crêr

e adorar o Baptista, e não querem reconhecer, antes negam a Christo? Porque? Por isso mesmo. Negavam a Christo, porque tinham motivos de o crer; e criam no Baptista, porque tinham motivos de o negar. Eram aquelles de quem diz o Propheta: *Erraverunt ab utero, loquuti sunt falsa:* [1] e quem erra por natureza, não acerta por razão. Se os entendimentos destes homens se governaram humana e desapaixonadamente pelos dictames da razão, crendo e negando, creram em Christo, e não creram no Baptista. Mas como elles eram infieis, e como taes procediam cega e irracionalmente, crendo pelos motivos de negar, e negando pelos motivos de crer, por isso encontraram aqui a resolução com os motivos; e ao Baptista, a quem tinham razão de negar, criam; e a Christo, a quem tinham razão de crer, negavam.

E porque os hereges (fechemos agora o nosso argumento), porque os hereges negam pelos motivos de crer, e crêm pelos motivos de negar, bem se segue, que é maior credito de nossa fé ser negada por elles, que ser crida. Por isso Christo Senhor nosso mandou calar ao demonio, quando lhe chamava Filho de Deus; porque ha pessoas, que affrontam com os louvores, como com as injurias acreditam. Tal foi a de Nero, de quem disse Tertulliano, que não podia ter maior abono a santidade da nossa fé, que ser perseguida por tão mau homem: *Tali dedicatione damnationis nostræ etiam gloriamur; qui enim scit illum intelligere, patet non nisi aliquod grande bonum à Nerone damnatum.* São as palavras de Tertulliano merecedoras de virem a tempo que nos poderamos deter em as ponderar. Assim que, os erros da perfidia herética, são argumentos da fé catholica; os sollecismos da sua infidelidade, são syllogismos da nossa verdade; mas syllogismos e argumentos que a logica de Aristoteles não alcançou, porque se prova nelles o que se nega, antes o mesmo negar-se é concluir que se deve conceder. D'aqui se entenderá a energia com que S. João Evangelista referiu no caso acima a resposta que o Baptista deu aos embaixadores de Jérusalem: *Confessus est, et non negavit; et confessus est: quia non sum ego Christus:* [2] Confessou o Baptis-

[1] *Psalm.* LVII, *4.*
[2] *Joan.*, I, 20.

ta, e não negou; e confessou que não era elle Christo. Pergunto: Não bastava dizer, que confessou? Para que accrescenta, que confessou, e não negou: *Et confessus est, et non negavit?* E' sem duvida pelo que imos dizendo; porque os Sacerdotes e Levitas, que offereciam a divindade ao Baptista, tambem confessavam a Christo; mas com esta differença — que o Baptista confessava confessando, e elles confessavam negando: como se dissera, ou insinuara o Evangelista: Confessou o Baptista a Christo, e tambem os que negavam o confessaram, bem que por differente modo, como com diversa intenção; porque os Judeus, quando negavam, confessaram; e o Baptista confessou e não negou: *Confessus est, et non negavit.*

Não se escandalize logo a Fé por se vêr negada por hereges no maior de seus mysterios; antes se glorie na memoria e na presença, vendo-se confirmada com dobrados testimunhos: com o dos hereges sacrilegos, que injuriosamente a negaram; e com a dos fieis catholicos, que tão firme, tão devota, e tão gloriosamente a confessam. Notou S. Pedro Damião advertidamente, que em abono da divindade de Christo não só testimunharam as luzes, mas tambem as trevas: *Habuit testimonium lucis, et habuit testimonium tenebrarum: Habuit testimonium lucis, quia claritas stellæ illustravit Magos; habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebræ factæ sunt super universam faciem terræ.* Testimunharam pela fé de Christo em seu nascimento as luzes: em sua morte as trevas: as luzes guiando com uma estrella aos Magos: as trevas escurecendo com universal eclipse o mundo; mas ainda que com tão differentes effeitos, umas allumiavam, outras escureciam, todas conformemente testimunhavam. Tão claro testimunho deram as trevas com seus eclipses, como as luzes com seus resplandores. O mesmo digo do Santissimo Sacramento nesta casa e neste caso: *Habuit testimonium lucis, et habuit testimonium tenebrarum.* Aqui teve Christo o testimunho das luzes, e aqui teve o testimunho das trevas. As trevas da heresia escureceram, as luzes da nobreza illustraram, que cada uma havia de obrar como quem era: mas tão illustre testimunho deram as trevas escurecendo, como dão as luzes illustrando. Grande testimunho é da presença de Christo, que a confesse a maior nobreza da terra; mas não

é menor testimunho dessa mesma verdade, que a negue a maior cegueira do mundo. As luzes no nascimento arrastaram as purpuras dos reis; mas as trevas na morte persuadiram os entendimentos dos philosophos: e assim como daquellas trevas naturaes colligiu o Areopagita, que era Deus o que padecia; assim destas trevas hereticas devemos colligir nós, que é Deus, o que offenderam: *Hic est panis, qui de cœlo descendit.*

IV

O segundo argumento desta verdade de nossa Fé, era o soffrimento divino; porque a paciencia de Christo no Sacramento é prova de sua presença. Soffreu Christo que os hereges puzessem as mãos naquella hostia, e não os castigou? Signal é que está alli presente. Caminhava em uma carroça a Arca do Testamento para a cidade de David, e como em um mau passo estivesse a perigo de cahir, acudiu o sacerdote Oza para a sustentar; mas apenas tinha applicado a mão, quando cahiu em terra subitamente, e d'alli o levaram para a sepultura. Isto se refere no sexto Capitulo do segundo Livro dos Reis: e se da historia do Testamento Velho passarmos á do Novo, acharemos no Capitulo dezoito de S. João, que um ministro do pontifice levantou sacrilego a mão para Christo, e imprimindo-a com furia no sagrado rosto, ficou vivo e sem castigo. Notavel desigualdade! Se porque se atreve a pôr a mão na Arca, morre Oza: como fica o ministro infame com a vida depois de tão horrendo atrevimento? Todo o respeito que se devia e se dava á Arca do Testamento, não era por ser figura do Verbo encarnado? Pois se as injurias feitas ao retrato assim se castigam, como se não castigam tambem as injurias feitas á Pessoa? Porque cá era a Pessoa; lá era o retrato. Na Arca do Testamento estava Deus por presença figurativa; na humanidade de Christo estava Deus por presença real e verdadeira; e onde tinha mais verdadeira presença, ahi havia de dar maiores mostras de paciencia. Não póde soffrer acenos a Arca, porque não tinha de Deus mais que a figura: póde soffrer injurias em seu rosto Christo, porque tinha de Deus a realidade. Oh Senhor, que bem

mostraes, que debaixo desses accidentes de pão está vossa real e verdadeira presença! Os hereges obraram como quem são: vós obrastes como quem sois: os homens negaram-vos, vós não vos negastes. Consagraram os Hebreus divindade á similhança bruta de um bezerro: teve impulsos Deus de castigar tão grande atrevimento assolando-os a todos, como mereciam; mas deixou-se vencer a ira divina das orações de Moysés: não os castigou. Poz os olhos nesta acção S. Paulino, como os podera pôr no caso presente, e vendo os offensores na terra sem castigo, e Deus no céu offendido sem vingança, depois de larga admiração resolveu-se assim: *Deum homines negaverunt, et Deus se ipsum non negavit.* O caso é que os homens negaram a Deus, mas Deus não se negou a si: os homens negaram a Deus; porque idolatraram: Deus não se negou a si, porque os soffreu. Cuidaria alguem que se portou Deus naquella occasião menos cuidadoso dos foros de sua honra, menos zeloso dos pundonores de sua divindade; mas não foi assim, diz S. Paulino: não levar da espada contra os homens, foi defender e acudir por sua honra poderosamente; porque na paciencia, com que os soffreu, refutou a falsidade, com que o negaram. Vós dizeis que não sou Deus? pois hei de mostrar que o sou: hei vos de soffrer: *Deum homines negaverunt, et Deus se ipsum non negavit.*

E senão, pergunto, e responda-me o entendimento mais escrupuloso: Se quando os sacrilegos chegaram a pôr a mão na hostia, fizera Christo algum portentoso milagre, ou derrubando-os por terra, ou enterrando-os vivos, não disseramos que era argumento grande de sua divindade e presença? Sim: pois tanto mostrou Christo a verdade do seu ser, e de sua presença em se deixar maltratar, como se castigara severa e prodigiosamente os que assim o trataram. Vieram os Judeus prender a Christo Redemptor nosso ao Horto; perguntou-lhes o Senhor a quem buscavam; e como dissessem que a Jesus Nazareno, respondeu: *Ego sum:* [1] Eu sou. E foi tão poderosa esta palavra, que no mesmo instante cahiram por terra todos os soldados: *Abierunt retrorsum.* Não

[1] *Joan.*, XVIII, 5.

desistiram com este desengano os perfidos ministros (que não sabe escarmentar a infidelidade): vendo-os resolutos, tornou o Senhor a lhes perguntar quem buscavam; e como respondessem que a Jesus Nazareno, disse o Senhor: *Dixi vobis, quia ego sum:* [1] Já vos disse que eu sou: e dizendo isto lhe puzeram as mãos, e o prenderam: *Cohors ergo et ministri comprehenderunt Jesum, et ligaverunt eum.* [2] O que aqui pondero, e o em que muito reparo é, que com um *Ego sum*, derrubou Christo a seus inimigos, e com um *Ego sum*, lhes deu licença para que puzessem nelle as mãos sacrilegas. Se a palavra, *Eu sou*, foi tão poderosa, que derrubou um exercito de soldados; porque toma Christo por meio de se entregar, e de se deixar prender, a mesma palavra, *Eu sou?* A razão é, porque quiz ensinar Christo áquelles hereges, que tanto mostrava ser elle em os soffrer, como mostrava ser elle em os derrubar. Não cuideis, hereges, que fica menoscabada a verdade de meu ser na temeridade de vossos atrevimentos; porque eu sou, quando vos derrubo; e eu sou, quando vos soffro: quando dou comvosco por terra, *Ego sum:* quando vos dou licença para que me ponhaes as mãos tambem, *Ego sum*, porque tanto se prova a verdade de meu ser nos milagres de minha omnipotencia, como nas permissões de minha paciencia. *Ego sum*, nos milagres de minha omnipotencia: *Et abierunt retrorsum: Ego sum* nos extremos de minha paciencia. *Et manus injecerunt in Jesum.*

V

Antes se entre a omnipotencia e paciencia quizermos fazer comparação, mais mostra Christo que o é na fortaleza de soffrido, que na grandeza de todo poderoso. Estava Christo pregado na cruz, chegaram os Judeus, e fizeram-lhe este partido: *Si Filius Dei es, descende de cruce:* [3] Eia, Senhor, venhamos a concerto: se sois Filho de Deus, como dizeis, descei

[1] *Joan.*, XVIII, 8.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Math.*, XXVII, 40.

dessa cruz, e creremos que o sois. Quando isto li, pareceu-me que o Senhor acceitasse logo o partido; mas eu leio que não lhes respondeu palavra, e se deixou estar crucificado. Pois se Christo não pertendia outra coisa mais que a fé dos homens, e os homens queriam crêr, se se descesse da cruz: porque se não desceu? Deixou de descer Christo da cruz, não por não querer dar motivos de fé aos homens, senão porque lhes quiz dar os mais qualificados. O Senhor estava padecendo na cruz, elles queriam que descesse della; e era menor prova de sua divindade o descer, que o padecer. S. Athanasio: *Non descendendo, sed permanendo in cruce Filius Dei agnosci voluit; multo enim magis mors Salvatoris fidem hominibus attulit, quam descensus attulisset.* Admiravelmente! Não quiz o Senhor descer, para que cressem nelle; mas para que cressem nelle deixou-se padecer; porque muito mais provava ser Filho de Deus padecendo, do que descendo. Descendo, mostrava-se sobrenaturalmente poderoso; padecendo, mostrava-se sobrenaturalmente soffrido: e mais prova de divindade eram os milagres de sua paciencia, que os milagres da sua omnipotencia. Bem se viu: porque depois de mostrar sua omnipotencia no Horto, derrubando-os, crucificaram-n'o: e depois de mostrar sua paciencia no Calvario, adoraram-n'o: *Verè Filius Dei erat iste*, [1] disse o capitão dos mesmos soldados. Mal argumenta logo a infidelidade em duvidar da presença de Christo no Sacramento, pelo vêr tão soffrido em suas injurias, porque antes da sua paciencia se prova evidentemente sua presença: *Hoc est Corpus meum:* Este é meu corpo, disse Christo na instituição do Santissimo Sacramento estando com o pão nas mãos; e sendo uma coisa tão nova, e tão difficultosa, com que o provou? Ouvi as palavras seguintes: *Hoc est Corpus meum, quod pro vobis tradetur:* [2] Este é o meu corpo, que por vós ha de ser entregue. Allegou as injurias futuras, que os Judeus haviam de fazer em seu corpo, quando affirmava a verdadeira presença, com que o deixava encoberto e invisivel no Sacramento. Depois de dizer: *Hoc est corpus meum*, quando parece havia de dar

[1] *Math.*, XXVII, 34.
[2] *1.ª ad Corinth.*, XI, 24.

provas de sua presença, deu provas de sua paciencia: *Quod pro vobis tradetur.* Porque a paciencia de Christo é a mais qualificada prova de sua presença. Deu-me confiança para o dizer assim S. Cyrillo, que em similhantes palavras philosophou da mesma maneira. O que Christo disse na Ceia consagrando seu corpo, tinha já dito no Capitulo sexto de S. João, promettendo de o consagrar: *Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita:* O pão que hei de dar a comer aos homens, é o mesmo corpo que hei de entregar á morte pela salvação do mundo. Diz agora S. Cyrillo: *Panis, quem ego dabo ad manducandum, est illa ipsa caro, quam in morte pro mundi vita daturus sum; eo enim ipso quod bis dicit dare, indicat se diversis dandi modis loqui; nec enim posterius prioris (ut quidam putant) explicatio est, sed potius probatio.* Grandes palavras estas ultimas. Quando Christo diz que ha de deixar seu corpo debaixo das especies de pão, accrescenta, que é o mesmo corpo, que havia de entregar nas mãos dos homens; e isto, diz S. Cyrillo, não foi explicação de ser, o que deixava, seu corpo, senão prova de que o era: *Nec enim posterius prioris explicatio est, sed potius probatio.* A evidencia com que padeceu, fez prova da inevidencia com que se deixou: encobrem-n'o os accidentes, descobre-o a paciencia: até agora era mysterio encoberto, agora é Sacramento manifesto: para que entendamos que se não encontra a magnanimidade de sua paciencia com a verdade de sua presença, antes de uma se infere outra. Soffre? Pois está presente: *Hic est panis, qui de cœlo descendit.*

VI

Este sois, Senhor, este sois: este é o summo de vossa grandeza; este é o summo de vossa Magestade; este é o summo de vosso poder. Pouco conhece a omnipotencia de vossa divindade, quem a não reconhece e adora mais descoberta e manifesta na vossa paciencia. Podeis desfazer, podeis destruir, podeis assolar, podeis anniquilar o mundo em castigo e vingança de vossas offensas, e parecendo que este é todo o vosso poder, ainda podeis mais: e que? Podeis perdoar,

podeis não castigar, nem vingar essas mesmas offensas. Assim o crê e canta sem adulação vossa mesma Igreja: *Qui omnipotentiam tuam parcendo maximè, et miserando manifestas:* Vós sois, diz, aquella omnipotente divindade, que em perdoar, e não castigar, em soffrer, e não vingar, ostenta mais o summo poder de sua omnipotencia. Muito nos peza de que houvesse entre nós tão pouca fé, que se atrevesse a offender vossa occulta Magestade debaixo da sombra desses accidentes invisivel. Porém nós que invisivel, e sem a vermos a cremos tão claramente, como se a viramos, em distinguir o castigo da satisfação, imitamos, quanto nos é possivel, os primores soberanos de vossa justiça. Assim como castigastes a infidelidade de Adão com a sentença de morte, assim castigou esta o zelo vigilantissimo de Portugal com a morte mais severa. Mas porque Adão e um sugeito de barro não podia satisfazer á infinita Magestade de Deus offendido, assim como mandou Deus seu proprio Filho, para que elle em pessoa satisfizesse por aquella culpa: assim o fez, e faz nestes tres dias Lisboa, no modo que lhe é possivel. Os reis, os principes, a primeira e mais illustre nobreza são as deidades cá da terra: essas tendes, Senhor, prostradas diante desse throno, todas com nome de perpetuos escravos desse sacrosanto mysterio: para que vossa mesma Magestade offendida, se digne de acceitar a sua fé, a sua adoração, e o seu profundissimo conhecimento e obsequio, em satisfação e desaggravo desta offensa,

SERMÃO

DO

Santissimo Sacramento*

Prégado em Santa Engracia, no anno de 1645

Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus. [1]

I

Duas palavras de mais, ou uma duas vezes repetida, achava eu com facil reparo na clausula que propuz do Evangelho: *Verè cibus: verè potus.* [2] Todos os mysterios da fé, todos os Sacramentos da Igreja são verdadeiros mysterios, e verdadeiros Sacramentos; com tudo se attentamente lermos todos os Evangelistas, se attentamente advertirmos todas as palavras de Christo, acharemos que nenhum outro mysterio, em nenhum outro Sacramento, senão no da Eucharistia, ratificou o Senhor aquella palavra: *verè*, verdadeiramente. Instituiu Christo o Sacramento da Penitencia e disse: *Quorum remiseritis peccata, remittuntur eis:* [3] A quem perdoardes os peccados, serão perdoados: e não disse *verè*, verdadeiramente perdoados. Instituiu o sacramento do Baptismo e disse: *Qui*

---

* Tambem este sermão, commenta o padre Honorati, é, quanto á fórma, um dos mais originaes do nosso facundissimo orador. E' elle polemico-panegyrico. Note-se e variedade e poesia d'este discurso, tão proprias dos sermões panegyricos.

[1] *Joan.*, VI.

[2] *Joan.*, VI, 56.

[3] *Ibid.*, XX, 23.

crediderit et baptizatus fuerit, salvus erit: [1] Quem crer e fôr baptisado, será salvo: mas não disse *verè*, verdadeiramente salvo. Pois se nos outros mysterios, se nos outros Sacramentos não expressou o Soberano Senhor, nem ratificou a verdade de seus effeitos, no Sacramento de seu corpo e sangue, porque a confirma com tão particular expressão? Porque a ratifica uma e outra vez: *Verè est cibus, verè est potus?* Nas maiores alturas sempre são mais occasionados os precipicios; e como o mysterio da Eucharistia é o mais alto de todos os mysterios, como o Sacramento do corpo e sangue de Christo é o mais levantado de todos os Sacramentos, previu o Senhor que havia de achar nelle a fraqueza e descobrir a malicia maiores occasiões de o duvidar. Haviam-no de duvidar os sentidos, e haviam-no de duvidar as potencias; havia-o de duvidar a sciencia, e havia-o de duvidar a ignorancia; havia-o de duvidar o escrupulo, e havia-o de duvidar a curiosidade; e onde estava mais occasionada a duvida, era bem que ficasse mais expressa e mais ratificada a verdade. Por isso ratificou a verdade de seu corpo debaixo das especies da hostia: *Cárо mea verè est cibus;* por isso ratificou a verdade de seu sangue debaixo das especies do calix: *Et sanguis meus verè est potus.*

Supposta esta intelligencia, que não é menos que do Concilio Tridentino, e supposta a occasião desta solemnidade, instituida para desaggravar a verdade deste soberano mysterio, vendo-me eu hoje neste verdadeiramente grande theatro da fé, determino sustentar contra todos os inimigos della a verdade infallivel daquelle *Verè, verè est cibus, verè est potus.* Estas duas conclusões de Christo havemos de defender hoje com sua graça. E porque os principios da fé, contra aquelles que a negam, ou não valem, ou não querem que valham, ainda que infalliveis, ponho de parte o escudo da mesma fé, e sahindo a campo em tudo com armas iguaes, argumentarei sómente hoje com as da razão. O mysterio da Eucharistia chama-se mysterio da fé por antonomasia: *Hic est calix sanguinis mei, novi et æterni testamenti, mysterium fidei:* mas hoje, com novidade, póde ser

[1] *Marc.*, XVI, 15.

que nunca ouvida, faremos o mysterio da fé mysterio da razão. Sahirão a argumentar contra a verdade deste mysterio não só os inimigos declarados della, mas todos os que, por qualquer via, a podem difficultar, e serão sete: Um judeu, um gentio, um herege, um philosopho, um politico, um devoto, e o mesmo demonio. Todos estes porão suas duvidas, e a todos satisfará a razão. E para que a victoria seja mais gloriosa, vencendo a cada um com suas proprias armas, ao judeu responderá a razão com as Escripturas do Testamento Velho: ao gentio com as suas fabulas: ao herege com o Evangelho: ao philosopho com a natureza: ao politico com a conveniencia: ao devoto com os seus affectos: e ao demonio com as suas tentações. Temos a materia. Para que seja a gloria de nossa santa fé, e honra do Divinissimo Sacramento, peçamos áquella Senhora, que deu a Deus a carne e sangue, de que se instituiu este mysterio, e não é menos interessada na victoria de seus inimigos, nos alcance a luz, o esforço, e a graça, que para tão nova batalha havemos mister. *Ave Maria.*

II

Caro mea verè est cibus et sanguis meus verè est potus. O primeiro inimigo de Christo que temos em campo contra a verdade naquelle sacrosanto mysterio, é o judeu. Judaica perfidia foi, como se crê, a que deu causa á dôr, e occasião á gloria deste grande dia. Mas para convencer o judeu, e o sujeitar á fé do mysterio da Eucharistia, não ha mister a razão as nossas Escripturas, bastam-lhe as suas mesmas. A primeira, e maior duvida que tiveram os Judeus contra a verdade deste Sacramento, foi a possibilidade delle. *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* [1] Como póde este (diziam) darnos a comer sua carne? Não é possivel. E Christo que lhes respondeu? *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis:* [2] Se não comerdes a minha car-

[1] *Joan.*, VI, 53.
[2] *Ibid.*, 54.

ne e beberdes o meu sangue, não tereis vida. Senhor, com licença de vossa sabedoria divina: a questão dos Judeus era duvidarem da possibilidade deste mysterio, e as duvidas postas em presença do mestre, soltam-se com a explicação, e não com o castigo. Se estes homens duvidam da possibilidade do mysterio, dizei-lhes como é possivel, e declarae-lhes o modo com que póde ser, e ficarão satisfeitos. Pois porque seguiu Christo neste caso outro caminho tão differente, e em logar de lhes dar a explicação, os ameaçou com o castigo? A razão foi porque os que duvidavam neste passo eram os Judeus: *Litigabant ergo Judæi* [1] e para os Judeus conhecerem a possibilidade daquelle mysterio, não é necessaria a doutrina de Christo, basta-lhes a das suas Escripturas, e a razão. Provo do mesmo Texto. *Litigabant ergo Judæi:* Diz que os Judeus litigavam uns contra os outros sobre o caso. Se litigavam, logo uns diziam que sim, outros que não: os que diziam que sim, davam razões para ser possivel: os que diziam que não, davam razões para o não ser: e eram tão efficazes as razões dos que diziam que sim, que não teve Christo necessidade de dar as suas: por isso acudiu á pertinacia com o castigo, e não á duvida com a explicação. Tres coisas concorriam nesta demanda: a duvida do mysterio, a malicia dos que o negavam, e a razão dos que o defendiam: e quando Christo parece que havia de acudir á duvida com a explicação, acudiu á malicia com o castigo; porque os argumentos dos que negavam o mysterio já estavam convencidos na razão, dos que o defendiam. De maneira que para convencer ao judaismo da possibilidade do Sacramento da Eucharistia, não é necessaria a fé, nem a doutrina de Christo: basta a fé e a razão dos mesmos Judeus.

E senão, desçamos em particular aos impossiveis, que neste mysterio reconhece, ou se lhe representam ao Judeu. *Quomodo potest?* Diz o Judeu que o mysterio da Eucharistia, na forma em que o cremos os Christãos, nem é possivel, quanto á substancia, nem quanto ao modo. Não é possivel quanto á substancia; porque (como diz Moysés no Exodo, [2] e Salomão no

[1] *Joan.*, VI, 52.
[2] *Exod.*, XXXIII, 20.

3.º dos Reis) [1] Deus é immenso e invisivel, e o immenso não se póde limitar a tão pequena esphera, nem o invisivel reduzir-se ao que se vê. E não é possivel quanto ao modo, porque (como diz David nos Psalmos) [2] o auctor dos milagres é só Deus, e o sugeito dos milagres são as creaturas: sendo logo o sacerdote creatura, como póde fazer milagres em Deus, e converter em Corpo de Deus a substancia do pão: *Quomodo potest?* Para satisfazer a razão ás apparencias destes dois impossiveis, não tem necessidade de ir buscar razões a outros entendimentos, porque no entendimento dos mesmos Judeus as tem ambas concedidas e convencidas.

Em quanto Moysés se detinha no monte recebendo a Lei, cançados os Judeus (que agora não cançam) de esperar, disseram assim a Arão: *Fac nobis Eloim, qui nos præcedat:* [3] Arão, fazei-nos um Deus que possamos vêr e seguir, e vá diante de nós nesta viagem. Notae a palavra *Eloim*, que não só significa Deus, senão o Deus verdadeiro, que creou o céu e a terra. Assim o escreveu Moysés nas primeiras palavras que escreveu: *In principio creavit Eloim cœlum et terram.* [4] Esta proposta pois dos Judeus tinha dois grandes reparos: o primeiro, que pediram a um homem que lhes fizesse Deus: o segundo, que pediram isto a Arão, e não a outro homem. Não sabiam os Hebreus que Deus é immenso, e que occupa todo o logar? Pois como lhe pediam que fizesse um Deus que podesse mudar de logar, e ir diante? Não sabiam que Deus é invisivel, e fóra da esphera e objecto dos olhos humanos? Pois como pediam que lhes fizesse um Deus que podessem vêr e seguir? Tudo isto quer dizer: *Qui nos præcedat.* E já que pediam esta grande obra, e este grande milagre a um homem, não estavam alli outras grandes pessoas, cabeças das Tribus, e governadores do povo; e sobre todos não estava Hur nomeado pelo mesmo Moysés por adjuncto de Arão, em quanto durasse a sua ausencia: *Habetis Aaron, et Hur; si quid natum fuerit quæstionis referetis ad*

---

[1] *3.º Livr. dos Reis,* VIII, 27.
[2] *Psalm.* LXXI, 18, 135 e 4.
[3] *Exod.*, XXXII, 1.
[4] *Gen.*, I, 1.

eos ? [1] Pois porque não pediram a Hur, ou a algum dos outros, que obrasse essa maravilha, senão a Arão, e só a Arão ? Aqui vereis quão racionaes são, e quão conformes ao entendimento humano os mysterios da Fé Catholica. Ainda quando os Judeus foram hereges da sua fé, não poderam negar a razão da nossa. Pediram os Judeus a Arão, que lhes fizesse um Deus que podessem vêr e seguir ; porque entenderam que ainda que Deus era immenso e invisivel, sem menoscabo de sua grandeza se podia limitar a menor esphera, e sem perigo de sua invisibilidade se podia encobrir debaixo de alguma figura, e signal visivel. E escolheram por ministro desta maravilha a Arão, que era o sacerdote, e não a outrem: porque entenderam tambem que acção tão sobrenatural e milagrosa, como pôr a Deus debaixo de especies creadas, não podia competir a outro, senão ao sacerdote. Eis aqui o que os Judeus pediram então e eis aqui o que nós adoramos hoje: um Deus debaixo de especies visiveis, posto nellas milagrosamente por ministerio dos sacerdotes. Os Judeus foram os que traçaram o mysterio, e nós somos os que o gosamos: elles fizeram a petição, e nós recebemos o despacho: elles erraram, e nós não podemos errar. E em que esteve a differença ? Esteve só a differença, em que elles creram que se podia fazer esta maravilha por auctoridade humana: *Fac nobis Eloim, qui nos præcedat;* e nós cremos que só se faz e se póde fazer por auctoridade divina: *Hoc facite in meam commemorationem.* [2] E que crendo o Judeu, que se podia fazer por poder humano, não creia que se possa fazer por omnipotencia divina: *Quomodo potest!* Não é isto só erro de fé, é cegueira de razão.

E senão, ajude-se a razão da experiencia. Quando os Judeus neste caso adoraram o bezerro, no mesmo dia os castigou Deus, matando mais de vinte mil delles. [3] E' assim ? Logo bem se segue que está Deus na hostia consagrada. Provo a consequencia. Se Deus (ponhamos este impossivel) se Deus não está naquella hostia, todos os Christãos somos idolatras, como o foram os Judeus quando adoraram o bezerro. E'

[1] *Exod.*, XXIV, 14.
[2] *Luc.*, XXII, 19.
[3] *Exod.*, XXXII, 28.

certo: porque em tal caso reconhecemos divindade, onde a não ha. Pois se somos idolatras, porque nos não castiga Deus, assim como castigou aos Judeus? Aperto a duvida: porque os Judeus adoraram o bezerro uma só vez, os Christãos adoramos a hostia consagrada ha mil e seiscentos annos: os Judeus adoraram o bezerro em um só logar; os Christãos adoramos o Sacramento em todas as partes do mundo: os Judeus, que adoraram o bezerro, eram de uma só nação; e os Christãos que adoram o Sacramento, são de todas as nações do universo. Ainda falta o mais forçoso argumento. Muitos dos que creem, e adoram este soberano mysterio, são Hebreus da mesma nação verdadeiramente convertidos á fé: o mesmo Auctor e Instituidor delle, Christo Redemptor e Senhor nosso, era Hebreu: os primeiros que o adoraram, creram e commungaram (que foram os Apostolos e Discipulos) eram tambem Hebreus, e esses mesmos Hebreus foram os primeiros sacerdotes que o consagraram, e os primeiros prégadores que o levaram, promulgaram, fundaram e estabeleceram por todo o mundo. Pois se Deus é o mesmo, e os adoradores deste mysterio os mesmos; porque os não castiga Deus a elles e a nós, como castigou aos antigos Hebreus? Se adorar aquella hostia é idolatria, como foi adorar o bezerro, porque soffre Deus mil e seiscentos annos na face de todo o mundo, o que não soffreu um dia em um deserto? E' porque elles foram verdadeiramente idolatras, e nós somos verdadeiros fieis: é porque elles, adorando o bezerro, reconheciam divindade onde a não havia; e nós, adorando aquella hostia consagrada, reconhecemos divindade onde verdadeiramente está Deus. De maneira, Judeu, que com as tuas mesmas Escripturas, e com o teu mesmo entendimento, te está convencendo a razão a mesma verdade que negas, e os mesmos impossiveis ou difficuldades que finges.

Mas vamos continuando e discorrendo por todas as difficuldades deste mysterio, e veremos como os Judeus as teem já crido todas nas suas Escripturas. O Sacramento da Eucharistia, por antonomasia, é mysterio do Testamento Novo: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine.* [1] Mas de tal modo é

[1] *1.ª ad Corinth.*, XI, 25.

mysterio novo, e do Testamento Novo, que todas as suas difficuldades se creram e se tiraram no Velho. Grande difficuldade é deste mysterio, que o pão se converta em corpo de Christo, e o vinho em seu sangue: mas se o Judeu crê nas suas Escripturas, que a mulher de Lot se converteu em estatua; [1] se crê, que a vara de Moysés se converteu em serpente; [2] se crê, que o rio Nilo se converteu em sangue; [3] que razão tem para não crêr que o pão se converte em corpo de Christo? Grande difficuldade é deste mysterio que se conservem os accidentes fóra do sugeito, e que subsistam por si sem o arrimo da substancia: mas se o Judeu crê que a luz, que é accidente do sol, foi creada ao primeiro dia; [4] e o sol, que é a substancia da luz, foi creado ao quarto, que razão tem para não crêr que existam os accidentes de pão que vemos, onde não tem substancia de pão que os sustente? Grande difficuldade é neste mysterio, que lhe receba tanto o que commungou toda a hostia, como o que recebeu uma pequena parte: [5] mas se o Judeu crê que quando seus paes iam colher o Manná ao campo, os que colhiam muito, e os que colhiam pouco, todos se achavam igualmente com a mesma medida, que razão tem para não crêr, que assim os que recebem parte, como os que recebem toda a hostia, commungam todo Christo? Finalmente é grande difficuldade neste mysterio, que todas as maravilhas delle se obrem com quatro palavras, e que esteja Deus sujeito, e como obediente ás do sacerdote: mas se o Judeu crê que a tres palavras de Josuë obedeceu Deus, e parou o sol; [6] e que por não crêr Moysés que bastavam palavras para converter a penha em fonte, foi condemnado a não entrar na Terra de Promissão, que razão tem para não crêr que bastam as palavras do sacerdote, para que Christo desça e o pão se mude? De maneira que para o Judeu confessar a possibilidade

---

[1] *Genes.*, XIX, 26.
[2] *Exod.*, IV, 3.
[3] *Ibid.*, VII, 17.
[4] *Genes.*, I, 4; Ita S. Basil. Naz. Theodoret. et alii apud Suar. de op. sex. dier.
[5] *Exod.*, XVI, 18.
[6] *Josuë*, X, 12. Obediente Deo voci hominis. *Num.*, XX, 8.

no mysterio da Eucharistia, em que tropeça, não lhe é necessaria nova fé, nem a nossa, basta-lhe a velha e a sua, ajudada só da razão. O que creu nas suas Escripturas é o que aqui lhe manda crêr a fé, só com esta differença, que aqui mandam-se-lhe crêr por junto os milagres, que lá creu repartidos. O seu Propheta o disse: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit timentibus se.* [1] Fez uma memoria Deus das suas maravilhas no pão que deu a comer aos que o temem. De sorte que a memoria é nova, mas as maravilhas são antigas: lá estavam divididas, aqui estão compendiadas.

Donde é muito para notar ácerca do *Memoriam fecit*, que quando Christo instituiu e se deixou no Sacramento não pediu mais que memoria: *In mei memoriam facietis.* E porque não pediu entendimento e vontade? Christo neste mysterio pretendia amôr e fé: para o amôr era necessaria vontade: para a fé entendimento: pois porque se cança em encommendar a memoria? Porque o logar, onde Christo instituiu este mysterio era Jérusalem, e as pessoas diante de quem o instituiu eram os Judeus, e para Jerusalem e os Judeus crerem e amarem este mysterio, não lhes é necessario discorrerem com o entendimento, nem applicarem nova vontade, basta que se lembrem com a memoria: lembrem-se do que creram na sua Lei, e não duvidarão de adorar o que nós cremos na nossa. Nenhuma nação do mundo tem mais facilitada a fé do Santissimo Sacramento que os Judeus, porque as outras nações, para crerem, hão mister entendimento e vontade; o Judeu, para crêr, basta-lhe a memoria. Lembrem-se e crerão. De sorte que a infidelidade nos Judeus, não é tanto infidelidade, quanto esquecimento: não crêm, porque se não lembram. E se basta a memoria para crerem, quanto mais bastará o discurso e a razão? Confessem pois convencidos della a verdade infallivel daquelle *verè: verè est cibus: verè est potus.*

III

Ao gentio tambem lhe parece impossivel este mysterio; e a maior difficuldade que acha nelle são as mes-

[1] *Psalm.* CX, 4.

mas palavras de Christo: *Caro mea verè est cibus: et sanguis meus verè est potus.* Como é possivel, diz o gentio, que seja Deus quem diz que lhe comam a carne e lhe bebam o sangue? Quando Atreo deu a comer a Thyestes a carne de seu filho, [1] diz a gentilidade que fez tal horror este caso á mesma natureza, que o sol contra seu curso tornou atraz, por não contaminar a pureza de seus raios, dando luz a tão abominavel meza. Como póde logo ser Deus quem diz que lhe comam a carne, e lhe bebam o sangue? E como podem ser homens os que comem e bebem o sangue a seu proprio Deus? Pareceu tão forçoso este argumento e tão deshumana acção a Averroes, commentador de Aristoteles, que só por não ser de uma Lei em que era obrigado a comer seu Deus, não quiz ser christão, e se deixou morrer gentio.

Aos argumentos dos gentios prometteu a razão que responderia com as suas fabulas: e porque não pareça pouco solido este novo modo de responder, oiçamos primeiro a Tertulliano. [2] Argumentando contra a gentilidade Tertulliano no seu Apologetico, disse, que as fabulas dos gentios faziam mais criveis os mysterios dos Christãos. Parece proposição difficultosa, porque as fabulas dos gentios são mentiras, são fingimentos; os mysterios dos Christãos são verdades infalliveis: como logo póde ser, que a mentira accrescente credito á verdade? O mesmo Tertulliano se explicou com o juizo que costuma: *Fideliora sunt nostra, magisque credenda, quorum imagines quoque fidem invenerunt.* As fabulas dos gentios, se bem se consideram, são uns arremedos, são umas similhanças, são umas imagens, ou imaginações dos mysterios dos Christãos. E se os gentios deram fé ao arremedado sómente dos nossos mysterios, porque a não hão de dar ao verdadeiro delles? Se creram e adoraram os retratos, porque hão de duvidar a crença e negar a adoração aos originaes? *Fideliora, magisque credenda, quorum imagines quoque fidem invenerunt.* Com a sua mesma idolatria está convencendo a razão aos gentios, para que não possam negar a fé; porque nenhuma coisa lhes propõe tão difficultosa de

[1] *Sen. in Thyest. Act.*, 4.
[2] *Tertul. Apol.*, Cap. 21 e 23.

crêr a fé, que elles a não tenham já concedido e confessado nas suas fabulas. D'aqui se entenderá a razão e providencia altissima que Deus teve para permittir a idolatria no mundo. E qual foi? Para que a mesma idolatria abrisse caminho á fé, e facilitasse no entendimento dos homens a crença de tão altos e tão secretos mysterios, como os que Deus tinha guardado para a Lei da graça. Assim como Deus neste mundo creou um homem para pae de todos os homens, que foi Adão, assim fez outro homem para pae de todos os crentes, que foi Abrahão. A um deu o primado da natureza, a outro a primazia da fé. Mas esse mesmo Abrahão, se bem lhe examinarmos a vida, acharemos que antes de crêr no verdadeiro Deus, foi idolatra: *Thare pater Abrahæ, et Nachor, servierunt que Diis alienis.* [1] Pois idolatra Abrahão, que ha de ser pae de todos os crentes? Sim, e por isso mesmo. Permittiu Deus que o pae da fé fosse filho da idolatria, porque a idolatria é degrau e successão para a fé. A porta da fé é a credulidade, como dizem os theologos, porque antes de uma coisa ser crida, ha de julgar o entendimento que é crivel; e isto é o que fez a idolatria no mundo, vindo diante da fé. A idolatria semeou a credibilidade, e a fé colheu a crença: a idolatria com as fabulas começou a fazer os gentios credulos, e a fé com os mysterios acabou de fazer crentes. Como a fé é crença de coisas verdadeiras e difficultosas, a idolatria facilitou o difficultoso, e logo a fé introduziu o verdadeiro. As repugnancias que tem a fé, é o grande, o arduo, o escuro, e o sobrenatural dos mysterios: crêr o que vejo, e confessar o que não entendo: e estas repugnancias já a idolatria as tinha vencido nas fabulas, quando a fé as convenceu nos mysterios.

Supposta esta verdade ficam mui faceis de crêr aos gentios quaesquer difficuldades, que se lhe representem no Sacramento do altar, porque tudo o que nós cremos neste mysterio, creram elles primeiro nas suas fabulas. Se os gentios criam que no pão comiam um Deus, e no vinho bebiam outro: no pão a Ceres, e no vinho a Bacco, que lhes fica para cre-

[1] *Josuë*, XXIV, 2. Ita Masius hic. Phil. de Abrah. Genebrard. et Hebræi.

rem, que debaixo das especies do pão comemos a carne, e debaixo das especies do vinho bebemos o sangue do nosso Deus? Se comessemos a carne e sangue em propria especie, seria horror da natureza; mas debaixo das especies alheias, tão naturaes como as de pão e vinho, nenhum horror faz, nem póde fazer, ainda a quem tenha a vista tão mimosa, e o gosto tão achacado como Averroës.

Em todos os outros impossiveis que se representam ao gentio neste mysterio, corre o mesmo. Parece impossivel neste mysterio, que a substancia do pão passe a ser corpo de Christo: parece impossivel que a quantidade do corpo e a quantidade do pão occupem um só logar na mesma hostia: parece impossivel que o mesmo manjar cause morte, e cause vida: parece impossivel que o mesmo Christo esteja juntamente no céu e mais na terra: parece impossivel que desça Deus cada dia á terra para se unir com o homem e o levar ao céu: e parece finalmente impossivel que o homem comendo se transforme, com um boccado, de homem em Deus. Mas se os gentios criam (desfaçamos todos estes impossiveis) se os gentios criam, que Daphne se converteu em louro, que Narciso se converteu em flôr, que Niobe se converteu em marmore, Hippomenes em leão, e Arethusa em fonte, [1] que razão lhes fica para duvidar, que o pão se converte em corpo, e o vinho em sangue de Christo? Se os gentios criam que no corpo de Gerião havia tres corpos, [2] que razão teem para duvidar que a quantidade do corpo de Christo, e a quantidade do pão, sendo duas, occupem um só logar na mesma hostia? Se os gentios criam que a espada de Achilles feriu a Thelepho, [3] quando inimigo, e que a mesma espada o sarou depois, quando reconciliado, que razão teem para duvidar, que o mesmo corpo de Christo é morte para os obstinados, e vida para os arrependidos? Se os gentios criam que Hecate estava juntamente no céu, na terra e no inferno; no céu com nome de Lua, [4]

[1] Ovid. 1 e 3 *Metamorph.*— Statin. Sylv. — Ovid. 10 *Metamorph.*—Livr. 4.º *Fast.*
[2] Virg., *Æneid.* 8.
[3] Ovid., *de Remed.*, L. 2.
[4] Virg., *Æneid.* 4.

na terra com nome de Diana, no inferno com nome de Proserpina; que razão teem para duvidar que o mesmo Christo está no céu e na terra, e em diversos logares della juntamente? Se os gentios criam, que Jupiter desceu á terra em chuva de oiro, [1] para render e obrigar a Danae, e em figura de aguia para levar ao céu a Ganymedes; [2] que razão lhes fica para duvidar, que desça Deus á terra em outros dois disfarces para render e se unir com os homens nesta vida, e para os levar ao céu na outra? Finalmente se os gentios creem que Glauco, mastigando uma herva, mudou a natureza, e se converteu em Deus do mar; [3] que difficuldade teem para crêr, que por meio daquelle manjar soberano mudem os christãos a natureza, e de humanos fiquem divinos? Assim que não lhes fica razão nenhuma de duvidar neste mysterio aos gentios, porque tudo o que se manda crêr no Sacramento, creram elles primeiro nas suas fabulas.

Nem cuide alguem que é descredito de nossa religião, parecerem-se os seus mysterios com as fabulas dos gentios; porque antes esse é o maior credito da fé, e o maior abono da omnipotencia. Louva David os mysterios da Lei escripta, e encarece-os por comparação ás fabulas dos gentios: *Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua.* [4] Louva S. Pedro os mysterios da Lei da graça, e encarece-os por comparação ás fabulas da mesma gentilidade: *Non enim doctas fabulas secuti notam facimus vobis virtutem, et præsentiam Jesu Christi.* [5] Notavel comparação, e notavel conformidade entre as duas maiores columnas da Lei velha e nova! Se David e Pedro querem encarecer os mysterios divinos da fé por comparação á gentilidade, porque os não comparam com as historias dos gentios, senão com as fabulas? A profissão da historia é dizer verdade; e as historias dos gentios tiveram feitos heroicos, e casos famosissimos, com se vê nas dos Gregos e dos Romanos. Pois

---

[1] Horat., L. 3, Ode 16.
[2] Virg., *Æneid.*
[3] Ovid., 14, *Metamorph.*
[4] *Psalm.* CXVIII, 85.
[5] *2.º Petri*, I, 16.

porque comparam David e Pedro os mysterios sagrados, não ás historias, senão ás fabulas? Porque as historias contam o que os homens fizeram, e as fabulas contam o que os homens fingiram; e vencer Deus aos homens no que puderam fazer, não é argumento de sua grandeza: mas vencer Deus aos homens no que souberam fingir, esse é o louvor cabal de seu poder. Que chegassem as obras de sua Omnipotencia, onde chegaram os fingimentos de nossa imaginação! Que chegasse a Omnipotencia Divina, obrando, onde chegou a imaginação humana, fingindo! Grande poder! Grande sabedoria! Grande Deus! Isto é o que adoramos e confessamos naquelle mysterio. As fabulas dos gentios foram imaginações fingidas das maravilhas daquelle mysterio, e as maravilhas daquelle mysterio são existencias verdadeiras das suas fabulas. Pois se as creram na imaginação, porque as hão de negar na realidade? Confesse logo o gentio convencido da razão a verdade manifesta daquelle *verè;* e diga: *Verè est cibus: verè est potus.*

IV

O herege, como inimigo domestico, argumenta com o Evangelho, e das palavras de Christo fórma armas contra o mesmo Christo. Crê e pretende provar que o que está debaixo das especies sacramentaes, é verdadeira substancia de pão, e argue desta maneira: Christo, no Evangelho, chama muitas vezes pão a este mysterio: *Hic est panis, qui de cœlo descendit. Qui manducat hunc panem vivet in æternum.* [1] Christo chama-lhe pão? Logo é pão. Provo a consequencia, diz o herege. Porque a razão porque os catholicos cremos que na hostia está a substancia do corpo de Christo, é porque Christo disse: *Hoc est corpus meum.* [2] Este é meu corpo. Pois se na hostia está a substancia do corpo, porque Christo disse: *Hoc est corpus meum*, tambem na hostia está a substancia de pão, porque Christo disse: *Hic est panis.*

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Math.*, XXVI, 26.

Responde a razão facilmente. Chama Christo pão á hostia consagrada, sem ser pão, porque ainda que não é pão, foi pão; ainda que não é pão, parece pão; e para ter o nome, não é necessario ser, basta haver sido; não é necessario ser, basta parecer. Prova-o a razão com o mesmo Evangelho: *Panis, quem ego dabo, caro mea est.* [1] O pão que eu vos hei de dar, diz Christo, é meu corpo. Pois se é corpo, porque lhe chama pão? E se lhe chama pão, porque lhe chama corpo? Chama-lhe corpo pelo que é, e chama-lhe pão pelo que foi: chama-lhe corpo pelo que é; e chama-lhe pão pelo que parece. Aquella hostia não é pão: mas foi pão e parece pão, e basta o parecer e o haver sido, para se chamar assim. E porque não possa dizer o herege que isto é explicação humana e nossa, veja elle e vejam todos como esta é a phrase e o modo de fallar de Deus e de suas Escripturas. Convertida a vara de Moysés (que tambem se chama de Arão) em serpente, convertidas tambem em serpentes as varas dos Magos de Pharaó, investiu a serpente de Moysés as outras, e diz assim o Texto: *Virga Aaron devoravit virgas eorum:* [2] A vara de Moysés comeu as varas dos Egypcios. Parece que não havia de dizer assim. As serpentes dos Egypcios não as comeu a vara de Moysés senão a serpente de Moysés, porque a vara não podia comer, senão a serpente. Pois se a serpente foi a que comeu, porque se diz que comeu a vara? Porque a serpente de Moysés tinha sido vara de Moysés, e para a serpente se chamar vara, basta que tenha sido vara, ainda que seja serpente. O mesmo passa neste mysterio. A hostia consagrada, que agora é corpo de Christo, tinha sido pão; e para a hostia, que é corpo de Christo, se chamar pão, basta que tenha sido pão, ainda que seja corpo de Christo. De sorte que sem ser pão, se póde chamar pão, não porque o é, senão porque o foi. Da mesma maneira se chama pão, não porque o é, senão porque o parece. Refere o Texto sagrado a creação dos planetas e astros celestes, e diz que fez Deus duas luzes, ou lumieiras (como lhes chama o Texto) maiores que todas, que são o sol e a lua: *Fecit duo luminaria*

[1] *Joan.*, VI, 52.
[2] *Exod.*, VII, 12.

magna. [1] Se consultarmos a astrologia havemos de achar que a maior de todas as luzes celestes é o sol, e a menor de todas é a lua. Pois se a lua é o menor de todos os astros, porque se chama maior? Que se chame maior o sol, é devido este nome á sua grandeza: mas chamar-se maior a lua? Sim. O sol chama-se maior, porque o é, a lua chama-se maior, porque o parece. Todos os astros são maiores que a lua, mas a lua parece maior que todos, e basta que pareça maior, ainda que o não seja, para que se chame maior. Assim, nem mais nem menos, aquella sagrada hostia: não é pão, mas parece pão, porque ficaram nella os accidentes de pão, em que topam os nossos sentidos, e basta que pareça pão, ainda que o não seja, para que se chame pão: *Hic est panis.*

E se acaso algum herege se não deixar convencer destes exemplos, por serem do Testamento Velho (que alguns delles negaram, como os Manicheus) no Testamento Novo temos os mesmos e ainda (se póde ser) mais claros. Nas bodas de Caná de Galiléa, quando o architriclino, ou regente da meza, provou o vinho milagroso, diz o Evangelista S. João, que gostou a agua feita vinho: *Gustavit architriclinus aquam vinum factam.* [2] Na manhã da Resurreição, quando as Marias entraram no Sepulchro, diz o Evangelista S. Marcos que viram um mancebo vestido de branco, assentado á parte direita: *Viderunt juvenem sedentem à dextris coopertum stola candida.* [3] E este mancebo, diz S. Matheus, que era um Anjo: *Angelus enim Domini descendit de cœlo, et revolvit lapidem, et sedebat super eum.* [4] Nestes dois casos tem o herege ambos os seus reparos. O vinho milagroso, depois da conversão, era verdadeiro vinho: o Anjo que viram as Marias vestido de branco, tambem era verdadeiro Anjo. Pois se o vinho verdadeiramente e na substancia era vinho, como lhe chama ainda agua o Evangelista S. João: *Aquam vinum factam?* E se o Anjo verdadeiramente e na substancia era Anjo, como lhe chama homem o Evangelista S. Marcos: *Viderunt juvenem sedentem?* Ambos fallaram como Evangelis-

---

[1] *Gen.*, I, 16.
[2] *Joan.*, II, 9.
[3] *Marc.*, XVI, 5.
[4] *Math.*, XXVIII, 2.

tas e ambos com verdade e propriedade natural. S. João chamou agua ao vinho, porque ainda que já não era agua senão vinho, tinha sido agua: *Aquam vinum factam.* E S. Marcos chamou ao Anjo homem, porque ainda que não era homem, senão Anjo, na figura e no trajo parecia homem: *Juvenem sedentem coopertum stola candida.* O mesmo acontece na hostia consagrada, e por isso fallou della Christo como os seus Evangelistas fallaram do vinho milagroso, e do Anjo disfarçado. Assim como a substancia da agua se tinha convertido em substancia de vinho, e comtudo se chama agua depois da conversão, não porque fosse ainda agua, senão porque o tinha sido, assim o corpo de Christo no Sacramento se chama pão, não porque seja pão, senão porque o foi. E assim como o Anjo na substancia era verdadeiro Anjo, e comtudo se chama homem, porque vinha disfarçado em trajos de homem e parecia homem, assim o corpo de Christo debaixo das especies sacramentaes se chama pão, não porque seja pão, senão porque parece pão: *Hic est panis.*

Sim, mas d'aqui mesmo insta e argumenta o herege, que assim como Christo chamou pão á hostia sem ser pão, assim lhe podia chamar seu corpo, sem ser seu corpo. Não podia, diz a rasão, e d'ahi mesmo o prova e convence admiravelmente. A hostia póde-se chamar pão sem ser pão, porque foi pão e parece pão, mas não se póde chamar corpo de Christo sem ser corpo de Christo, porque nem o foi, nem o parece. De um de tres modos se póde chamar a hostia corpo de Christo, ou porque o é, ou porque o foi, ou porque o parece. Porque o parece, não, porque aquella hostia depois de consagrada não parece corpo de Christo. Porque o foi, não, porque aquella hostia antes de consagrada não foi corpo de Christo. Logo, se se chama corpo de Christo, é porque verdadeiramente o é, e porque não fica outro verdadeiro sentido, em que as palavras de Christo se possam verificar.

Contra, replica ainda o herege obstinadamente. Christo na Escriptura chama-se pedra: chama-se cordeiro: chama-se vide. Chama-se pedra, porque assim o disse S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra, petra autem erat Christus.* [1] Chama-se cordeiro

[1] *1.ª Ad. Cor.*, x, 4.

porque assim o disse S. João Baptista: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi.* [1] Chama-se vide; porque o mesmo Christo o disse fallando de si: *Ego sum vitis, vos palmites.* [2] E comtudo, nem Christo foi pedra, nem parece pedra, nem é pedra: nem foi cordeiro, nem parece cordeiro, nem é cordeiro: nem foi vide, nem parece vide, nem é vide: logo, ainda que o Sacramento se chame pão, porque foi pão e parece pão, bem se póde chamar corpo de Christo, sem ser corpo de Christo, assim como se chama pedra, cordeiro e vide, sem ser vide, cordeiro, nem pedra. Bemdita seja, Senhor, a vossa sabedoria e providencia, que contra toda a pertinacia e astucia de tão obstinados inimigos de nossa fé deixastes armada vossa Igreja e defendida a verdade desse soberano mysterio com uma só palavra: *Verè.* Entre o sentido verdadeiro e o metaphorico ha esta differença: que o sentido metaphorico significa sómente similhança; o verdadeiro significa realidade. E para tirar toda esta equivocação e qualquer outra duvida, o mesmo instituidor do Sacramento, Christo, declarou e repetiu uma e outra vez, que o sentido em que fallava, assim de seu corpo, como de seu sangue, não era metaphorico senão verdadeiro. Verdadeiro na significação do corpo: *Caro mea verè est cibus:* e verdadeiro na significação do sangue: *Et sanguis meus verè est potus.*

Se eu dissera a Luthero e Calvino, que eram homens, claro está que haviam de entender que fallava em sentido verdadeiro, porque ainda que foram dois monstros tão irracionaes, eram compostos de alma e corpo. Mas se eu lhes dissera, que eram duas serpentes venenosas, que eram dois lobos do rebanho de Christo, que eram duas pestes do mundo e da Igreja, tambem haviam de entender, que fallava em sentido metaphorico. Pois a mesma differença vae do Texto de Christo a esses Textos mal interpretados, que elles allegam contra a verdade do Sacramento. Chama S. Paulo a Christo pedra, porque assim como da pedra do deserto, de que elle fallava, brotou a fonte perenne de que bebia o povo de Deus, assim de Christo manaram e manam as fontes da graça de que se

[1] *Joan.*, I, 29.
[2] *Ibid.*, XV, 5.

alimenta o povo christão. Chama o Baptista a Christo cordeiro, porque assim como na Lei antiga se sacrificavam cordeiros para applacar a Deus offendido, assim Christo, figurado nelles, se sacrificou na cruz pelos peccados do mundo. E chama-se finalmente o mesmo Christo vide, porque assim como a vara cortada ou separada da vide não póde dar fructo, assim os que se separam de Christo e de sua Igreja, como os hereges, não podem fazer obra boa nem meritoria. Deste modo é Christo pedra, é cordeiro, é vide; mas não por realidade, senão por similhança: e não em sentido verdadeiro, senão no metaphorico. Porém quando o mesmo Senhor falla de seu corpo e de seu sangue, como o corpo e sangue de sua sagrada humanidade era verdadeiro corpo e verdadeiro sangue, e não metaphorico, tambem o sentido em que falla, não póde ser metaphorico, senão verdadeiro. E senão respondam-me estes dois heresiarchas, e digam-me se o corpo de Christo, que foi immolado na cruz, e o sangue que foi derramado no Calvario, era verdadeiro corpo e verdadeiro sangue de Christo? Ambos elles confessam que sim. Pois esse mesmo corpo que foi immolado na cruz, é o que nos deu Christo a comer na hostia; e por isso disse: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur.* E esse mesmo sangue que foi derramado no Calvario é o que nos deu a beber no calix, e por isso disse: *Hic est calix sanguinis mei, qui pro vobis effundetur.* Emmudeça logo o herege, tape a bocca impia e blasphema, e creia e confesse com as mãos atadas a verdade daquelle *verè: verè est cibus: verè est potus.*

V

O philosopho (que é gente tão cega pela presumpção, como os que agora vimos pela infidelidade) cuida que tem fortissimos argumentos contra este mysterio: e diz que não póde ser verdadeiro por muitos principios. Primeiro: porque as naturezas e substancias das coisas são immudaveis: logo o que era substancia de pão, não se póde converter em substancia de Christo. Segundo: porque o todo é maior que a parte, e a parte menor que o todo: logo se todo

Christo está em toda a hostia, todo Christo não póde estar em qualquer parte della. Terceiro: porque o entendimento deve julgar conforme as especies dos sentidos, que são as portas de todo o conhecimento humano: os sentidos cheiram, gostam, e apalpam pão: logo pão é, e não corpo de Christo o que está naquella hostia. Com a natureza argumenta o philosopho, e com a mesma natureza o ha de convencer a razão, e muito facilmente e sem trabalho; porque com a fé ser sobrenatural, a melhor ou mais facil mestra da fé, é a natureza. Os Prophetas, que foram os que prégaram e ensinaram os mysterios da fé aos homens, não os mandou Deus ao mundo no tempo da Lei da natureza, senão no tempo que se seguiu depois della, que foi o da Escripta. E porque? Douta e avisadamente Tertulliano: *Præmisit tibi naturam magistram submissurus et prophetiam, quò facilius crederes prophetiæ discipulus naturæ.* [1] Deu Deus primeiro aos homens por mestra a natureza, havendo-lhes de dar depois a prophecia, porque as obras da natureza são rudimentos dos mysterios da graça; e muito mais facilmente aprenderiam os homens o que se lhes ensinasse na escóla da fé, tendo sido primeiro discipulos da natureza: *Quò facilius crederes prophetiæ discipulus naturæ.* Se queres ser mestre na fé, faze-te discipulo da natureza, porque os exemplos da natureza te desatarão as difficuldades da fé. Oiça pois o philosopho, discipulo da natureza, por mais graduado que seja nella, e verá como lhe desfaz a razão, com os principios de sua mesma escóla, todos os argumentos, que tem contra a fé daquelle mysterio.

A' primeira difficuldade responde a razão, que não tem a philosophia que se espantar de lhe dizer a fé que a substancia do pão se converte na substancia do corpo, e a substancia do vinho na substancia do sangue de Christo, porque este milagre vemos sensivelmente cada dia na nutrição natural do corpo humano. Na nutrição natural do corpo humano a substancia do pão e do vinho não se converte em substancia de carne e sangue? Pois se a natureza é poderosa para converter pão e vinho em carne e sangue, em espaço de oito horas, porque não será po-

[1] *Tertul.*

deroso Deus a converter pão e vinho, em substancia de carne e sangue, em menos tempo? Para confessar este milagre não é necessario crêr que Deus é mais poderoso que a natureza; basta conceder que é mais apressado. O que a natureza faz devagar, porque o não fará Deus um pouco mais depressa? Os dois milagres celebres que Christo fez em pão e vinho, foram o das bodas de Caná, e o do deserto: [1] Nas bodas converteu a agua em vinho, no deserto com cinco pães deu de comer a cinco mil homens. [2] Um reparo a ambos os casos. Para Christo dar pão no deserto não tinha necessidade de se aproveitar dos cinco pães: para Christo dar vinho nas bodas não tinha necessidade de que as jarras se enchessem de agua. Pois porque não quiz dar vinho senão convertido de agua? Porque não quiz dar pão senão multiplicado de pães? A razão foi, diz S. Agostinho, porque quiz que nos exemplos da natureza se facilitasse a fé das suas maravilhas. [3] Na multiplicação dos pães fez o que faz a terra: na conversão do vinho fez o que fazem as vides. Na multiplicação dos pães fez o que faz a terra; porque a terra semeam-lhe pouco pão, e dá muito: na conversão do vinho fez o que fazem as vides; porque as vides a agua que chove do céu, convertem-na em vinho. Isto fez Christo no deserto: isto fez Christo nas bodas. No deserto de pouco pão fez muito; nas bodas de agua fez vinho. Mas se Christo fez o que faz a terra, se Christo fez o que fazem as vides, em que esteve o milagre? Esteve o milagre em que Christo fez em um instante o que a terra e as vides fazem em seis mezes. Oh que boa doutrina esta se fôra hoje o seu dia! De maneira que o que distingue as obras de Deus, em quanto auctor sobrenatural, das obras da natureza, é a pressa ou o vagar com que se fazem. Milagres feitos de vagar são obras da natureza: obras da natureza feitas depressa são milagres. Isto é o que passa no nosso mysterio. Converter pão e vinho em carne e sangue, assim como o faz Christo no Sacramento, assim o faz a natureza na nutrição; mas com esta differença, que

[1] *Joan.*, II, 1.
[2] *Math.*, XIV, 19.
[3] Aug. Tract., 24 in Joan.

a natureza fal-o em muitas horas, e Christo em um instante. Pois, philosopho, o que a natureza faz devagar, o Auctor da natureza e da graça, porque o não fará depressa?

O impossivel de estar todo em todo, e todo em qualquer parte, tambem o descrerá o philosopho, e confessará facilmente que é possivel, se tornar á escóla da natureza. Tome o philosopho nas mãos um espelho de crystal, veja-se nelle, e verá uma só figura. Quebre logo esse espelho, e que verá? Verá tantas vezes multiplicada a mesma figura, quantas são as partes do crystal: e tão inteira e perfeita nas partes grandes e maiores, como nas pequenas, como nas menores, como nas minimas. Pois assim como um crystal inteiro é um só espelho, e dividido são muitos espelhos; assim aquelle circulo branco de pão, inteiro é uma só hostia, e partido são muitas hostias. E assim como se parte o crystal sem se partir a figura, assim se parte a hostia sem se partir o corpo de Christo. E assim como a figura está em todo o crystal e toda em qualquer parte delle, ainda que seja muito pequena, assim em toda a hostia está todo Christo e todo em qualquer parte della, por menor e minima que seja. E assim, finalmente, como o rosto que se vê no crystal dividido em tantas partes, é sempre um só e o mesmo, e sómente se multiplicam as imagens delle, assim tambem o corpo de Christo, que está na hostia, dividido em tantas partes é sempre um só corpo, e sómente se multiplicam as suas presenças. Lá o objecto é um só, e as imagens são muitas; cá da mesma maneira as presenças são muitas; mas o objecto é um só. Póde haver similhança mais viva? Póde haver propriedade mais propria? Parece que creou Deus o mysterio do crystal só para espelho do Sacramento. Assim o disse David e o entendeu a Igreja: *Mittit crystallum suam sicut buccellas.* [1] Deita Deus os seus crystaes do céu á terra como boccados de pão. Notavel, como peregrina comparação! Que similhança teem os boccados de pão com o crystal, ou o crystal com os boccados de pão? Com os boccados do pão usual da vossa meza, nenhuma; mas com os boccados de pão sacramental da meza da Eucharistia, toda aquella similhança ma-

[1] *Psal.*, CXLVII, 17. Eccles. in Officio de Sacramento.

ravilhosa que vistes. Porque tudo o que no crystal se vê, como por vidraças, é o que passa dentro no Sacramento com as cortinas corridas. Assim como no crystal se vê por milagre manifesto da natureza o todo, sem occupar mais que a parte; a divisão sem destruir a inteireza, e a multiplicação sem exceder a singularidade, assim na hostia, com occulta e sobrenatural maravilha, o mesmo corpo de Christo é um, e infinitamente multiplicado, dividido, e sempre inteiro, e tão todo na parte como no todo.

E que não haja o philosopho de crêr aos olhos, ainda que lhe digam contestamente que alli está pão; a mesma natureza lh'o ensina com um notavel exemplo. No iris ou arco celeste, todos os nossos olhos jurarão que estão vendo variedade de côres, e comtudo ensina a verdadeira philosophia que naquelle arco não ha côres, senão agua e luz. Pois se a philosophia ensina que não ha côr onde os olhos estão vendo côr, que muito que ensine a fé que não ha pão onde os olhos parece que vêem pão? Por isso dizia David, fallando de seus olhos, uma coisa muito digna de reparar, em que ninguem repara: *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua.* [1] Senhor, revelae-me os olhos, e considerarei vossas maravilhas. Parece que havia de dizer o propheta: Senhor, revelae-me vossas maravilhas para que eu as conheça: mas revelae-me os olhos para que conheça vossas maravilhas! Sim, porque muitas vezes os olhos contradizem as maravilhas de Deus, como se vê no mysterio da Eucharistia. E para entender similhantes maravilhas são necessarias duas revelações: uma revelação nas maravilhas, para que o entendimento as conheça, outra revelação nos olhos, para que a vista as não contradiga. Mas esta segunda revelação não é necessario que a faça Deus, basta que a faça a razão. Se a vista se engana nas obras da natureza, nas que são sobre a natureza, como se não ha de enganar? E se em um arco de luz e nuvem assim erram e desatinam os olhos, em um circulo de nuvem sem luz, que credito se lhes ha de dar? Emende logo o philosopho a vista com o discurso, e confesse, ensinado da natureza e convencido da razão, a verdade indubitavel daquelle *verè: Verè est cibus: verè est potus.*

---

[1] *Psal.* CXVIII., 18.

VI

Agora se seguia o politico; mas fique para o fim e entre em seu logar o diabo, que talvez não seja desacertada esta troca. Tempos houve em que os demonios fallavam, e o mundo os ouvia; mas depois que ouviu os politicos ainda é peior mundo. O diabo como soberbo e como sciente (que é dobrada soberba ou dobrada inchação, como lhe chamou S. Paulo: *(Scientia inflat:)* [1] argumenta assim: Se os homens commungaram a Christo no Sacramento, foram como Deus: os homens não podem ser como Deus, logo não commungam a Christo no Sacramento. A consequencia (diz o diabo) é tão evidente como minha: a supposição não a podem negar os homens porque é sua. Se os homens commungaram a Christo, foram como Deus; o mesmo Texto o diz: *In me manet, et ego in illo.* [2] E que os homens não possam ser como Deus, eu o digo e eu o padeço, diz o demonio, que se eu não intentára no céu ser como Deus, não pagára hoje este impossivel, como o estou pagando. Pois se a mim, se a Lucifer, se á mais nobre de todas as creaturas é impossivel a similhança do Altissimo: *Similis ero Altissimo*, [3] ao homem vil, feito de barro, como ha de ser possivel não só a similhança, mas a transformação, que isso quer dizer — elle em mim, e eu nelle? Crerem os homens esta loucura é não se conhecerem a si, nem nos conhecerem a nós. Nós, ainda que perseguidos, somos Anjos, que quem nos póde roubar o logar não nos póde tirar a natureza. E se o Manná, que tanto era menos nobre, se chamou pão de Anjos, [4] o corpo do Filho de Deus, que excede ao Manná com infinita nobreza, como ha de ser pão de homens!

A' ultima parte deste soberbo argumento do demonio responde a razão com a causa de sua mesma cahida. Depois que Deus uniu a si a natureza humana, e não a angelica: *Nusquam angelos apprehen-*

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, VIII, 1.
[2] *Joan.*, VI, 57.
[3] *Isai.*, XIV, 14.
[4] *Psal.*, LXXVII, 15.

dit, sed semen Abrahæ apprehendit, [1] não ha que espantar que os homens sejam em tudo preferidos aos Anjos. Nesta primeira admiração, e neste primeiro assombro, se sumiram todos os espantos. E quanto ao impossivel de os homens comendo poderem ser como Deus, não argumenta o diabo contra nós, argumenta contra si. O primeiro inventor (ninguem se espante do que digo) o primeiro inventor da traça ou do desenho do mysterio da Eucharistia foi o demonio. Quando o demonio tentou a Eva, disse-lhe assim: *In quocumque die comederitis, eritis sicut Dii.* [2] Comei do pomo vedado, porque no dia que comerdes, ficareis como Deus. Eis aqui o mysterio da Eucharistia, não só quanto á substancia, senão tambem quanto aos effeitos. Quanto á substancia, porque diz o demonio que está a divindade em um pomo; quanto aos effeitos, porque diz que comendo o homem ha de ficar como Deus. Pois vem cá, diabo: *De ore tuo judico.* [3] Se tu dizes que o homem comendo ficará como Deus, e que no pomo daquella arvore está encoberta a divindade, como negas que póde estar encoberta a divindade debaixo das especies de pão; e que comendo o homem póde ficar como Deus? O que Christo nos concedeu neste mysterio é o que o diabo nos prometteu no paraiso. Fez Christo verdadeira a mentira do diabo, para desta maneira o vencer a elle e nos desaffrontar a nós. Naquelle encontro do paraiso ficou o demonio vencedor, e o homem affrontado: vencedor o demonio, porque enganou: affrontado o homem, porque ficou enganado, despojado, perdido. Pois que remedio para desaffrontar o homem e o vingar do demonio? O remedio foi fazer Christo da sua promessa dadiva, e da sua tentação Sacramento: e assim o fez. Da promessa do demonio fez dadiva, porque nos deu a comer a divindade que elle nos prometteria comendo; e fez da sua tentação Sacramento, porque consagrou debaixo das especies de pão o que elle fingira debaixo das apparencias do pomo. De sorte que o demonio ficou vencido, porque a sua mentira ficou ver-

---

[1] *Ad. Heb.*, II., 16.
[2] *Genes.*, III, 5.
[3] *Luc.*, XIX, 22.

dade, e o homem desaffrontado, porque o seu engano ficou fé. O que creram nossos primeiros paes no paraiso, é o que nós cremos no Sacramento: elles erradamente ao diabo, nós acertadamente a Deus.

D'aqui se segue que neste mysterio nem o diabo póde ser tentador, nem o homem tentado. O diabo não póde ser tentador, porque se o diabo me quizer tentar na fé do mysterio da Eucharistia, respondo-lhe eu assim: Quando tu, diabo, fallaste a Eva, ou mentiste, ou disseste verdade: se mentiste, não te devo crêr, porque quem mentiu então tambem mentirá agora. E se fallaste verdade, tambem não devo crêr-te, porque se fallaste verdade, póde Deus pôr divindade naquelle pomo. Pois se Deus póde pôr divindade em um boccado, isso mesmo que tu concedes é o que eu creio. Vae-te embora, ou na má hora. Tambem o homem não póde ser tentado, porque se o homem (é pensamento de Ruperto) se o homem creu ao diabo, quando lhe disse que comendo seria como Deus, como ha de deixar de crêr a Deus, quando lhe diz o mesmo? Principalmente que o que o diabo dizia, não cabia na esphera da omnipotencia, e o que diz Christo sim. A omnipotencia de Deus, em quanto auctor da natureza, tem menor esphera que a mesma omnipotencia de Deus, em quanto auctor da graça, porque a omnipotencia de Deus, em quanto auctor da natureza, só póde produzir effeitos naturaes, e por virtude natural não podia estar a divindade em um pomo. A omnipotencia de Deus, em quanto auctor da graça, póde produzir effeitos sobrenaturaes; e por virtude sobrenatural póde a divindade estar em um boccado. Pois se os homens foram tão innocentes que creram um impossivel ao diabo, porque hão de ser tão irracionaes que neguem um possivel a Deus? Desengane-se logo o demonio que neste mysterio não só nos não póde vencer, mas nem ainda nos póde tentar: e confesse obrigado de sua mesma tentação a verdade daquelle *verè*, que, como pae da mentira, tem feito negar a tantos: *Verè est cibus: verè est potus.*

VII

O devoto (não por falta de fé, mas por excesso de amôr, e mais queixoso dos accidentes, que duvidoso

da substancia) por parte do seu affecto argue assim com o mesmo Christo. A minha fé com os olhos fechados crê firmemente, Senhor, que estaes nesse Sacramento, mas o meu amôr com os olhos abertos não póde entender nem penetrar como seja possivel esta verdade? Se partindo-vos da terra, quizestes ficar na terra, foi para satisfação do vosso amôr, e allivio do nosso; para credito de vossas finezas, e para remedio de nossas saudades. Assim o disse aquelle grande interprete dos segredos de vosso coração neste mysterio: *De sua contristatis absentia solatium singulare reliquit.* [1] Pois se ficastes para nossa consolação, como vos encobris a nossos olhos? Se foi amôr o ficar, como póde ser amôr o ficar desse modo? Ficar, e ficar encoberto, antes é martyrio do desejo que allivio da saudade. Por certo não eram esses antigamente os estylos de vosso amôr, nem da sua paciencia: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* [2] Havia sim (entre vós e a alma vossa querida) uma parede; mas com a parede ser sua, havia nella uma gelozia vossa por onde a vieis, e por onde vos via. Para não podermos vêr vossa divindade é nossa a parede deste corpo, mas para não vermos vossa humanidade, vossa é a parede desses accidentes. Pois se os impedimentos e estorvos da vista são vossos, e o vosso amôr é omnipotente, como quereis que creia o meu amôr uma tão grande implicação do vosso, como é amarme tanto, e não vos deixardes vêr? A fé o crê muito a seu pezar, mas o amôr não o soffre, nem o alcança, nem o póde deixar de ter por impossivel.

Assim o argue amorosamente queixosa a devoção; mas tem facil e mui inteira resposta a sua piedade. A um affecto amoroso da alma responde a razão com outro affecto mais amoroso de Christo, e diz que maior amôr é em Christo o não se deixar vêr, do que na devoção o desejar vel-o. Ainda que Christo se não deixa vêr de nós, é certo que se deixou comnosco: mas deixou-se de maneira que o não possamos vêr, porque ficou mais seu amôr de nossos desejos que de nossos olhos. O fim para que Christo

[1] D. Thomaz. Opusc., 57.
[2] *Cant.*, II, 9.

se deixou no Sacramento foi para que os homens o amassemos. E sendo que o maior conhecimento é causa do maior amôr, amam os homens mais finamente a Christo desejado por saudades, do que gosado por vista. Se eu me não engano tenho bem imaginada a prova desta verdade. Saudoso S. Paulo de se vêr com Christo, dizia assim: *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo.* [1] Oh quem me dera que a minha alma se desatara e desunira do corpo para poder estar com Christo! Sendo isto assim, se perguntarmos aos Theologos se as almas que estão vendo a Christo teem algum desejo? Resolvem todos que sim, e que desejam unir-se com os seus corpos. Pois (difficulto agora e parece que apertadamente): se as almas que estão vendo a Christo desejam unir-se a seus corpos, porque diz a alma de S. Paulo que desejara desatar-se de seu corpo para ir vêr a Christo: *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo?* A razão é porque Christo em respeito das almas dos bemaventurados é gosado por vista, e em respeito da alma de S. Paulo era desejado por saudades: e o amôr de Christo desejado por saudades, é muito mais efficaz nesta parte, ou mais affectuoso, ou mais impaciente que o mesmo amôr de Christo gosado por vista. Christo, gosado por vista, ainda deixa amôr a uma alma para desejar unir-se a seu corpo: mas Christo, desejado por saudades, até a união de seu proprio corpo lhe faz aborrecivel: *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo.* E como a Christo lhe vae melhor com as nossas saudades, que com os nossos olhos, por isso se quiz deixar em disfarce de desejado, e não em trajos de visto. Descoberto para os olhos, não; encoberto, sim, para as saudades. Conheça logo a nossa devoção que é fineza, e não implicação do amôr de Christo, o deixar-se invisivel naquelle mysterio, e confesse não só a nossa fé com os olhos fechados, senão o nosso amôr com os olhos abertos, a verdade amorosa daquelle *verè: Verè est cibus: verè est potus.*

[1] *Ad. Phil.*, I, 23.

VIII

Ultimamente argumenta o politico, e do mesmo caso que deu occasião a esta solemnidade, infere não estar a pessoa soberana de Christo naquella hostia. Os principes de nenhuma coisa são nem devem ser mais zelosos que de sua auctoridade. Já arriscar e expor a soberania da propria pessoa a poder vir ás mãos de seus inimigos, antes perdera um principe a vida e mil vidas, que consentir tal affronta. E senão lembre-se a fé do primeiro rei de Israël. Perdida a batalha dos montes de Gelboë contra os Philisteus, achava-se Saül tão mal ferido que nem se podia retirar, nem defender. E que resolução tomou neste caso? Tira-me por esta espada, disse ao seu pagem da lança, e mata-me: *Ne fortè veniant incircumcisi isti, et interficiant me illudentes mihi:* [1] porque não venham estes infieis e me tirem a vida, perdendo-me o respeito. Pelo respeito e pela auctoridade o havia, e não pela vida, pois se mandava matar. Não teve animo o creado para o executar; e lançando-se o mesmo Saül sobre a ponta da sua espada cahiu morto, por não cahir nas mãos de seus inimigos. Assim estimam os principes, e assim devem estimar mais a auctoridade que a vida. Pois se tanto preço tem na estimação dos monarchas supremos a auctoridade e soberania de suas pessoas, se antes quer um rei generoso tirar-se a vida por suas mãos, que poder vir ás de seus inimigos, como é possivel, nem crivel, que o Principe da Gloria, Christo, que o Rei dos homens e dos Anjos, que o Monarcha universal do céu e da terra, deixasse tão mal guardada sua auctoridade, e tão pouco defendido seu respeito, como é força que o esteja, cercado só de uns accidentes de pão? Como é possivel, nem crivel que deixasse tão arriscada e exposta a Magestade Divina de sua pessoa a cahir nas mãos infieis e sacrilegas de seus inimigos, como publicam as memorias deste dia, e a occasião e o nome destes desaggravos?

Aos outros argumentos respondi pela razão com o que estudei: a este respondo com o que vejo. Onde

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXXI, 4.

se conquistam veneraçõcs não se perde auctoridade. Estes são os dictames de Deus, esta foi sempre sua razão de estado. Permittiu o que choramos, para conseguir o que vemos. Que maior exaltação da fé, que maior confusão da heresia, que maior honra de Christo? Tanto rende a Deus uma offensa, quando é a christandade a que a sente, e a nobreza a que a desaggrava! As magestades e altezas do mundo, os grandes, os titulos, os prelados, as religiões, todos prostrados por terra, todos servindo de joelhos, todos confessando-se por escravos humildes, e adorando como a supremo Senhor aquella soberana Magestade, sempre veneravel e sempre veneranda, mas muito mais quando offendida. Veja agora o politico se perde Deus auctoridade, ou se conquista honra e gloria quando permitte uma indecencia? Dizia este mesmo Senhor: (que sempre é o mesmo, e sempre se parece comsigo) *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum:* [1] Quando eu fôr levantado da terra em uma cruz, hei de trazer tudo a mim. A affronta da cruz foi a maior que padeceu nem podia padecer Christo a mãos da infidelidade e temeridade humana; mas as consequencias dessa mesma affronta, diz o Senhor que haviam de ser as suas maiores glorias, trazendo tudo a si. Assim mostrou e vae ainda mostrando o cumprimento desta prophecia pelo discurso dos tempos na fé universal do mundo, quasi todo já trazido ao conhecimento, obediencia e veneração de Christo. Mas se quizermos apertar mais a significação e energia daquelle si: *Si exaltatus fuero à terra;* nos obsequios de José e Nicodemus se verificou na mesma cruz o *Omnia traham ad me ipsum.* José, como notou S. Marcos, era nobre: *Nobilis decurio:* [2] Nicodemus, como notou S. João, era principe: *Princeps Judæorum.* [3] E como Christo desde a sua cruz havia de trazer a si a nobreza, e os principes, por isso diz que havia de trazer a si tudo: *Omnia traham ad me ipsum;* porque os principes e a nobreza é o tudo dos reinos. Escolheu Christo aos nobres e senhores para que o tirassem do affrontoso supplicio

[1] *Joan.*, XII, 32.
[2] *Marc.*, XV, 43.
[3] *Joan.*, III, 1.

e fizessem as honras a seu corpo, porque honrar o corpo de Christo affrontado, é acção que anda avinculada á nobreza. E quando assim trouxe a si a nobreza, diz que havia de trazer a si: *omnia*, e não *omnes*: tudo, e não todos; porque os nobres não são todos, mas são tudo. Bem se cumpriu esta promessa então, mas muito melhor cumprida a vemos agora: *Omnia traham ad me ipsum:* Tudo o que ha em Portugal, aqui o tem Christo a seus pés.

Que fez este dia tão solemne, e esta Igreja tão celebre, senão uma injuria de Christo? Quando o soldado infiel deu a lançada a Christo, sahiram do lado ferido todos os Sacramentos. E disse judiciosamente Tertulliano: *Ut de injuria lateris ejus tota formaretur Ecclesia:* [1] Que de uma injuria do corpo de Christo se formou toda a Igreja. O que Tertulliano disse da Igreja universal podemos nós dizer desta material: que se fundou esta nova Igreja de uma injuria do corpo de Christo. Mas são muito de reparar os termos de Tertulliano, que da injuria do corpo de Christo não diz que se formaram só os fundamentos, senão toda a Igreja: *Tota formaretur Ecclesia.* Vemos levantados os fundamentos desta nova Igreja muito nobres, muito sumptuosos, muito magnificos, e muito conformes aos animos generosos de seus illustres fundadores; mas sente muito a piedade christã e portugueza, vêr a fabrica parada ha tantos annos. Quando no interrompido, ou ameaçado desta obra se pudera presumir descuido, assaz desculpado ficava com a variedade e estreiteza dos tempos: mas quando esta estreiteza é mais publica e conhecida; tanto maior louvor merece o novo e presente zelo com que se trata de levar a fabrica por diante e não parar, até se pôr em sua perfeição, sendo o primeiro exemplo o de sua magestade, que Deus nos guarde, cuja real liberalidade quer ter uma grande parte nesta obra, como em todas as de piedade.

Os tempos parece que estão pedindo que se edifiquem antes muros e castellos, que templos; mas esse privilegio tem nomeadamente os templos do Santissimo Sacramento, que são as melhores fortificações dos reinos. Edificou a divina sabedoria um templo:

[1] *Tertul.*

Sapientia ædificavit sibi domum. [1] Dedicou este templo ao Santissimo Sacramento: *Miscuit vinum et proposuit mensam.* E que se seguiu d'aqui? *Misit ancillas suas, ut vocarent ad arcem, et ad mœnia civitatis.* Os que serviam naquelle templo como os que servem neste, era com nome de escravos, e a esses escravos mandou o Senhor que chamassem para a fortaleza e para os muros da cidade. Pois como? O que se edificou era templo ao Santissimo Sacramento, e o recado com que se convocava a gente para o templo, dizia que viesse para os muros, e para as fortalezas da cidade: *Ad arcem et ad mœnia civitatis?* Sim; que os templos do Santissimo Sacramento são os mais fortes muros, são as mais inexpugnaveis fortalezas das cidades e dos reinos. Edifique-se, leve-se por diante esta fabrica que ella será os mais fortes muros de Lisboa: ella será a mais inexpugnavel fortaleza de Portugal. E acabará de conhecer o politico a razão de estado de Deus, que quando se expõe a cahir nas mãos de seus inimigos, é para mais nos defender dos nossos; e para fundar sobre suas injurias o edificio de suas glorias, aprendendo e confessando na politica deste altissimo conselho de Christo a verdade secretissima e sacratissima daquelle *Verè: Verè est cibus: verè est potus.*

IX

Divinissimo Sacramento, real e verdadeiro corpo de Christo; Deus encoberto debaixo de substancia de carne, Homem encoberto debaixo de accidentes de pão: o philosopho, o devoto, o politico, como christãos e catholicos, e com o philosopho toda a nossa sciencia e todas as sciencias; com o devoto toda a nossa piedade e todos os nossos affectos, com o politico toda a nossa conveniencia, e todos os nossos interesses, e todos os que estamos presentes, com tudo, o que sabemos, o que amamos e o que esperamos, obedientes á fé e guiados pela razão, ás escuras e com luz, com os olhos fechados, mas abertos; pro-

[1] *Prov.*, IX, 1.

fundamente prostrados ante a magestade tremenda de vosso divino e humano acatamento, cremos, confessamos e adoramos a verdade infallivel de vossa real presença debaixo da cortina sem substancia desses accidentes visiveis. E com confiança, Senhor, da clemencia com que nos soffre vosso amôr, e da benignidade com que acceita a tibieza de nossos obsequios, nos offerecemos, nos dedicamos, nos entregamos todos a elle em perpetua obrigação de o servir como escravos, posto que indignissimos, desse soberano Sacramento. Augmentae, Senhor, pela grandeza de vossa misericordia esta familia vossa: e pois que o judeu obstinado, o herege cego, e o gentio ignorante não sabem nem querem orar por si, nós oramos e pedimos por elles a vós Soberano Pastor, que de todos haveis de fazer um rebanho. [1] Ensinae, Senhor, a ignorancia do gentio, allumiae a cegueira do herege, abrandae á obstinação do judeu. E para que a maldade e astucia do demonio tentador os não engane, chegue já a execução de vossa justiça, e acabe o mundo de vêr atada sua rebeldia naquellas cadeias, e fechada naquelle carcere, que ha tantos annos lhe está ameaçado e promettido. Para que desta maneira unidas todas as seitas do mundo [2] na concordia de uma só Fé e Religião, se forme de todas estas seis vozes uma total consonancia e perpetua harmonia, cantando todas em todas as quatro partes do mundo, até o fim delle, e confessando alternadamente a muitas vozes, e juntas em uma só voz, a sagrada, consagrada verdade daquelle *verè. Verè est cibus: verè est potus.*

[1] *Apoc.*, XX, 2 e 3: Apprehendit serpentem antiquum, qui est Diabolus, et Satanas, et misit eum in abyssum, et clausit, ut non seducat amplius gentes.

[2] *Ad Ephesios*, IV, 13: Donec occuramus omnes in unitatem fidei et agnitionem Filii Dei in virum perfectum etc.

SERMÃO

DO

Santissimo Sacramento*

Prégado em Santa Engracia, no Anno de 1662

Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo. [1]

I

Aggravado e satisfeito: queixoso e agradecido: offendido e obrigado considera o meu sentimento neste dia e neste logar a vossa encoberta Magestade, Todo-Poderoso Senhor. Aggravado e satisfeito: mas como satisfeito, se aggravado? Queixoso e agradecido: mas como agradecido, se queixoso? Offendido e obrigado: mas como obrigado, se offendido? No mesmo dia, no mesmo logar, no mesmo mysterio, na mesma Pessoa de Christo, como podem caber juntas obrigação e offensa: agradecimento e queixa: satisfação e aggravo? Eu direi como, e isto é o que venho dizer. Oiçame a nobreza illustrissima de Portugal, porque com ella é o caso. Para que ainda por esta circumstancia cresça, e se suspenda mais a nossa admiração. Está Christo naquelle soberano mysterio obrigado e juntamente offendido: agradecido e juntamente queixoso: satis-

---

* Este sermão é um dos melhores, dos mais modelares, prégados por Vieira. O seu assumpto é nobilissimo pois que visava a reconciliar entre si os animos da nobreza do Reino, dividida pelas desordens da Côrte de D. Affonso 6.º.

[1] *Joan.*, VI.

feito e juntamente aggravado; porque a mesma piedade portugueza que celebra os seus desaggravos hoje, nem hoje cessa de multiplicar os seus aggravos. Naquelle altar e nesta meza logra e padece Christo os dois extremos desta tão notavel differença. Naquelle altar em quanto Sacramento; nesta meza em quanto Communhão; naquelle altar em quanto o adoramos; nesta meza em quanto o recebemos.

O sagrado mysterio da Eucharistia (no sentido em que o meu discurso o distingue) ou se póde considerar em quanto Sacramento precisamente, que faz presente a Christo; ou em quanto Communhão. Em quanto Sacramento, foi instituido para o Senhor estar comnosco: em quanto Communhão foi instituido para estar em nós. Em quanto Sacramento, para residir nos nossos altares: em quanto Communhão, para entrar nos nossos corações. D'aqui se segue, que a Communhão foi um *plus ultra* do Sacramento. No Sacramento chegou o amôr a tirar a Christo do céu e pôl-o em nossos altares, para que ahi o adorassemos como mysterio da fé: na Communhão passou o amôr a tirar a Christo dos altares e mettel-o em nossos corações, para que ahi o abraçassemos como mysterio da caridade. Estes são os dois effeitos maravilhosos, que, para mais e mais nos obrigar, obra Christo no mysterio da Eucharistia: e estas são as duas considerações, em que juntamente está recebendo de nós, alli desaggravos, e aqui aggravos. Desaggravado em quanto o adoramos em nossos altares; aggravado, em quanto o recebemos em nossos corações: desaggravado em quanto está comnosco: aggravado, em quanto está em nós: desaggravado em quanto mysterio da fé; aggravado em quanto mysterio da caridade: desaggravado, em fim, em quanto não commungado; e aggravado em quanto Communhão.

Tenho dito, mas não me tenho declarado. O modo (verdadeiramente digno de seus auctores) com que a nobreza illustrissima de Portugal desaggrava em publicas demonstrações aquelle divino mysterio em quanto Sacramento, não é necessario que eu o repita aos ouvidos, e mais quando os olhos o estão lendo em tão elegante escriptura. Este paraiso da vista trasladado do céu á terra; esta grandeza, esta riqueza, esta magestade; este culto exterior, verdadeiramente divino, de que Deus sempre se agradou tanto,

ainda antes de ter corpo; esta assistencia das magestades e altezas; esta frequencia de tudo o illustre e grande da côrte de Portugal; estas adorações e estes obsequios; este zelo e esta piedade; esta fé e este amôr, ambos com os olhos abertos; este nome e este instituto de escravos; estes tozões lançados ao peito, como ferretes dos corações; tudo isto são desaggravos e satisfações gloriosas daquelle sacrosanto mysterio: contra a perfidia, contra a cegueira, contra a obstinação, contra o atrevimento, contra o desatino heretico.

Mas se Christo neste dia, e neste logar, está tão honrado, e tão desaggravado, em quanto Sacramento, como póde estar offendido e aggravado, em quanto Communhão? Melhor fôra não se poder dizer como: mas é lastima que se possa dizer, e é força que se diga. Côrte nobilissima de Portugal, fallemos claro. A vossa fé e a vossa piedade, é a que desaggrava a verdade daquelle mysterio, em quanto Sacramento; e a vossa desunião, e a vossa discordia, é a que aggrava o mesmo mysterio, e a mesma verdade, em quanto Communhão. Vamos ao Evangelho.

II

Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo. [1] Quem come o meu corpo, e bebe o meu sangue (diz Christo) está em mim, e eu estou nelle. Se perguntarmos aos Interpretes o entendimento destas palavras, todos respondem que significam uma união real e verdadeira, com que por meio da Communhão ficamos unidos a Christo. Isto dizem os Expositores e os Theologos communmente; mas eu, com licença sua, tenho para mim, que neste mysterio não ha só uma união, senão duas, e essas mui differentes: uma união, com que Christo nos quiz unir comsigo; e outra união, com que nos quiz unir comnosco. O effeito da primeira união, é estarmos unidos com Christo: o effeito da segunda união, é estarmos unidos entre nós.

[1] *Joan.*, VI, 57.

Ponderemos o nosso Texto: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem:* Quem come o meu corpo, e bebe o meu sangue: *In me manet, et ego in illo:* está em mim, e eu estou nelle. Reparo muito nesta duplicação de termos: elle em mim, e eu nelle. Se Christo na Communhão pertendêra sómente unir-se comnosco, um destes termos bastava, e o outro era superfluo. Provo. Porque para estas duas mãos estarem unidas, basta que a direita esteja na esquerda, ou a esquerda na direita. Da mesma maneira para Christo e nós estarmos unidos, basta que nós estejamos em Christo: *In me manet;* ou que Christo esteja em nós: *Et ego in illo.* Pois se para explicar a união que ha entre Christo e o que communga, bastava qualquer destes termos; porque os dobra e multiplica Christo? Por isso mesmo. Dobra Christo e multiplica os termos, porque tambem a união se dobra e se multiplica. Se a união fôra uma só, bastava dizer: *In me manet:* ou *ego in illo:* mas diz: *In me manet, et ego in illo* duplicadamente, para significar as duas uniões que obra aquelle mysterio: uma união immediata com que nos unimos a Christo, e outra união mediata, com que mediante Christo nos unimos entre nós. Notae os termos destas uniões, e vereis como são distinctas. Uma união se termina de nós a Christo: *In me manet:* e outra união se termina de Christo a nós: *Et ego in illo.* Pela união que se termina de Christo a nós, fica Christo unido comnosco: pela união que se termina de nós a Christo, ficamos nós unidos entre nós. Mais claro. Pela união que se termina de Christo a nós, fica Christo unido a cada um de nós, e como dividido de si: pela união que se termina de cada um de nós a Christo, ficamos todos unidos com Christo, e todos unidos entre nós.

Esta ultima proposição é toda a difficuldade, e toda a novidade deste assumpto, dizer que por meio da união sacramental, com que na Communhão nos unimos a Christo, ficamos não só unidos com elle, senão tambem unidos entre nós. E como esta verdade grande é a pedra fundamental de todo o discurso, mostral-a-hei com o exemplo, proval-a-hei com a Escriptura, confirmal-a-hei com os Santos, e até os mesmos accidentes do Sacramento, e o mesmo nome de Communhão nos servirão de prova.

Começando por esta ultima, pergunto: que quer

dizer Communhão? O nome Communhão, *Communio*, não é inventado por homens, senão imposto por Deus, e tirado das Escripturas Sagradas em muitos logares do Testamento Novo. E que quer dizer *Communio?* Quer dizer: *Communis unio:* união commum. Assim explicam sua etymologia todos os Interpretes. De maneira, que dando Christo nome á communhão, não lhe poz o nome da união particular que temos com elle, senão da união commum que causa entre nós. A união que cada um de nós tem com Christo no Sacramento, é união particular: a união que mediante Christo temos todos entre nós, é união commum; e esta união commum, como effeito principal, e ultimadamente pertendido por Christo, é a que dá o ser e o nome á communhão: *Communio: communis unio.* Mas como póde ser que da união particular nasça a união commum? Como póde ser que por ficar cada um de nós unido com Christo, fiquemos todos tambem unidos entre nós? Agora entra o exemplo.

E' proloquio dos philosophos, que quando dois extremos distinctos se unem a um terceiro, ficam tambem unidos entre si. Dois ramos de uma grande arvore são muito distinctos, e muito distantes; mas porque se unem ao mesmo tronco, ficam tambem unidos um com o outro. E' o exemplo de que usou Christo na mesma meza em que acabava de commungar aos Discipulos: *Ego sum vitis, vos palmites:* [1] Eu sou a vide, e vós os ramos: e assim como os ramos, pela união que teem com a vide, ficam unidos entre si, assim os que commungamos o corpo de Christo, pela união que temos com Christo, ficamos unidos entre nós. Parece-vos humilde comparação esta? Ora remontae o pensamento sobre as nuvens, sobre os céus, sobre as estrellas, sobre os Anjos, e ouvi a similhança incomparavel e incomprehensivel com que o mesmo Christo se declara, ou se communica com seu Padre. A primeira comparação foi de homem a homens, a segunda é de Deus a Deus. Na sobremeza da instituição do Santissimo Sacramento, fez Christo oração ao Padre Eterno: *Pater sancte, serva eos, ut sint unum, sicut nos unum su-*

[1] *Joan.*, XV, 5.

mus: [1] Eterno Pae, encommendo debaixo de vossa divina protecção os homens de quem nesta hora me aparto; e o que vos peço para elles, é que sejam tão unidos entre si, como nós o somos entre nós: *Ut sint unum, sicut nos unum sumus.* Só por esta comparação deviamos infinito amôr, e eterno agradecimento a Christo. Mas é ella tão alta e tão sublime, que só o Padre, com quem o Filho fallava, a podia comprehender. Pede Christo ao Padre que sejam os homens uma só coisa: *Ut sint unum:* e parece que pede um impossivel. Como póde ser que tantos homens, que são coisas tão diversas, e tão distantes, sejam uma só: *Ut sint unum?* Só no mysterio da Eucharistia se pudéra conseguir esta possibilidade, e só no mysterio da Trindade se pudéra achar esta similhança. A maior maravilha do mysterio da Trindade, é haver nelle multidão e unidade, muitas pessoas, e uma essencia. E o que faz no mysterio da Trindade a unidade, faz no mysterio da Eucharistia a união. A pessoa do Padre é distincta do Filho, e do Espirito Santo: a pessoa do Filho é distincta do Espirito Santo, e do Padre: a pessoa do Espirito Santo é distincta do Padre e do Filho: e comtudo são um só Deus. Porque? Porque se unem todas (não fallo bem) porque se identificam todas em uma só essencia. Identifica-se o Padre com a essencia divina: o Filho com a essencia divina: o Espirito Santo com a essencia divina: e como a divina essencia é uma só, e unissima, como lhe chamou S. Bernardo; ainda que as tres Pessoas sejam realmente distinctas, podem ser, e são uma só divindade; podem ser, e são um só Deus. O mesmo passa no mysterio soberano da Eucharistia, só com chamarmos aqui união, o que lá se chama unidade. Chegam todos os homens áquella sagrada meza: eu que commungo, uno-me com Christo; vós que commungaes, unis-vos com Christo; o outro que communga, une-se com Christo; e por meio desta união com Christo ficamos unidos tambem entre nós: *Ut sint unum, sicut nos unum sumus.*

Quereis Escriptura mais clara? Texto de S. Paulo expresso na primeira Epistola aos Corinthios: *Unum corpus multi sumus, omnes qui de uno pane,*

[1] *Joan.*, XVII, 11 e 22.

et de uno calice participamus. [1] Não se pudéra declarar mais breve e mais maravilhosamente o effeito, a causa, e todo o mysterio. Somos muitos um só corpo, diz a maior trombeta da verdade, S. Paulo: *Unum corpus multi sumus.* E estes muitos, quem são, glorioso Apostolo? São todos os homens? Não. São todos os christãos? Não. Pois quem são logo? São todos aquelles que comemos um pão, e bebemos um calix, todos aquelles que commungamos: *Omnes qui de uno pane, et de uno calice participamus.* Vède a consequencia do Apostolo, se é em termos a nossa. Como o pão é um, *de uno pane;* e como o calix tambem um, *de uno calice;* infere e conclue a theologia de Paulo, que tambem os que participamos e nos unimos a este um, por necessaria consequencia havemos de ficar unidos: *Unum corpus multi sumus, qui de uno pane, et de uno calice participamus.*

Santos que confirmem a verdade deste pensamento, não temos mais que dois, mas de grande antiguidade e auctoridade em ambas as Igrejas. Da Igreja Grega, S. Cyrillo Alexandrino, da Latina o maior lume de uma e outra, S. Agostinho: *Et si multi sumus* (diz S. Cyrillo) *unum tamen in eo sumus, omnes enim uno participamus.* E Santo Agostinho: *Quia igitur corpus Christi sumus qui corpus Christi accipimus, non solum capiti per dilectionem, sed etiam cum membris nostris invicem uniri debemus.* Não me detenho, nem é necessario, em romancear as palavras destes grandes Padres, porque o mesmo que elles resumiram em tão poucas, é o que nós atégora dissemos em mais dilatado discurso.

Por conclusão de todo elle, oiçamos o ultimo testemunho que prometti dos mesmos accidentes sacramentaes. Consagrou Christo seu corpo e sangue debaixo de pão e vinho. E porque mais escolheu o Senhor esta materia vulgar para tão soberano Sacramento, que alguma outra de quantas tinha creado? Sem duvida para que os mesmos accidentes visiveis (que é o que só naquelle Sacramento occultissimo percebem os sentidos) nos estivessem prégando e apregoando por fóra os effeitos maravilhosos que lá

[1] *1.ª ad Cor.*, x, 17.

se obram por dentro. Não reparaes (diz S. Agostinho) que a materia da hostia, e a do calix, a materia que cobre o corpo, e a que disfarça o sangue, uma e outra é composta de coisas, que sendo primeiro muitas, se fazem uma? O pão, materia do corpo, que foi antes, e que é depois, senão muitos grãos de trigo unidos e amassados em uma hostia? O vinho, materia do calix, que foi antes, e que é depois, senão muitos cachos e muitos bagos espremidos e unidos em um licor? E porque, ou para que? Para que naquellas paredes de fóra vejam os olhos o que crê a fé por dentro: e para que aquella obra exterior da natureza seja testemunho visivel e manifesto da virtude interior e occulta da graça. Assim como os accidentes sacramentaes são composição de muitas coisas unidas em uma, assim o effeito do Sacramento é união de muitos homens unidos entre si. Este é o mysterio daquelles accidentes sagrados, e este o documento divino que a fé nos está prégando e ensinando nelles. Mas não é pensamento ou consideração só minha (diz S. Agostinho) senão tradição recebida dos antigos Padres da Igreja, que mais chegados ás fontes da verdade beberam dellas primeiro, e depois nos descobriram este segredo. *Propterea* (são palavras do grande Doutor) *sicut etiam ante nos hoc intellexerunt homines Dei, Dominus noster Jesus Christus corpus, et sanguinem suum in eis rebus commendavit, quæ ad unum aliquid rediguntur ex multis. Namque aliud in unum ex multis granis conficitur, aliud in unum ex multis acinis confluit.* De sorte, como diziamos, que o mysterio do Sacramento em quanto communhão visto ao lume da fé, visto ao lume da razão, e visto ainda ao lume dos olhos, não só é união de Christo aos que commungam, senão tambem, mediante o mesmo Christo, união dos que commungam entre si: *In me manet, et ego in illo.*

III

Sendo pois o fim de Christo naquelle Sacramento, ou naquella officina de amôr não só unir-se comnosco, senão unir-nos entre nós: sendo o fim de Christo em se nos dar a comer, ou a commungar, introduzir-se aos nossos corações para os concordar e unir entre si: e sendo o mesmo Christo não só o mediatario, senão

tambem o meio desta união, vêde se tem justas causas de estar queixoso, de estar offendido, e de estar aggravado. Tanta communhão, e tão pouca união? O' que aggravo, ó que offensa, ó que affronta tão publica, e tão injuriosa de Christo commungado! Os hereges fizeram um aggravo áquelle Senhor, e nós que professamos seus desaggravos, atrevo-me a dizer que lhe fazemos outro igual. Grande aggravo foi o que commetteram neste logar os hereges contra Christo sacramentado; mas não é menor o aggravo que commettem os mesmos que o veem desaggravar, porque não só é aggravo, senão tambem herezia. Herezia? Sim. E ninguem se offenda da palavra, porque não é minha, senão do mesmo aggravado, Christo, por bocca do maior interprete do Sacramento, S. Paulo.

Concorriam os Corinthios a commungar juntos como nós commungamos, e havia entre elles discordias e dissenções, posto que não tão pezadas como as nossas. Soube S. Paulo o que passava, e diz-lhes assim por escripto: *Convenientibus vobis in Ecclesiam, audio scissuras esse inter vos, et ex parte credo; nam oportet hæreses esse:* [1] Quando vindes commungar, oiço que ha desuniões entre vós, e em parte o creio; porque é força que haja herezias. Notaveis consequencias são hoje as de S. Paulo. De maneira que porque é força que haja herezias, crê S. Paulo que ha desuniões entre os que commungam? E porque ha desuniões entre os que commungam, d'ahi infere, que é força haver herezias? A herezia é peccado contra a fé, a desunião é peccado contra a caridade. Como chama logo S. Paulo á desunião, herezia? Divinamente o Apostolo. Porque era desunião de homens que commungavam. A desunião entre os outros homens, é peccado contra a caridade; a desunião entre os que commungam, é delicto contra a fé, e por isso herezia: *Nam oportet hæreses esse.* Mas porque, ou como? Porque é, ou como é peccado contra a fé, a desunião dos que commungam? Porque a communhão, como diziamos, é união commum entre os commungantes; e quem depois de commungar não tem união, nega e desmente a verdade da communhão. Não a nega com a palavra, mas nega-a com a obra:

[1] *1.ª ad Cor.*, XI, 18 e 19.

Confitentur se nosse Deum, factis autem negant. [1] Ha herezias que se dizem, e herezias que se fazem; e tal é esta dos que commungam, e andam desunidos. Os hereges obstinados dizem que o Sacramento não é Sacramento; e os catholicos desunidos fazem que a Communhão não seja Communhão. O mesmo Apostolo o disse assim continuando o seu discurso: *Convenientibus vobis in unum, jam non est Dominicam cœnam manducare:* [2] Commungar como vós commungaes, commungados e desunidos, isso não é commungar: *Non est Dominicam cœnam manducare.* Julgae agora se é especie de herezia a vossa desunião, e em certo modo mais damnosa, e mais cruel que a dos mesmos hereges. O herege nega o Sacramento, mas não faz que o Sacramento não seja Sacramento: vós confessaes a communhão, mas fazeis que a communhão não seja communhão: *Non est Dominicam cœnam manducare.* Os hereges dizem *não é*, e nós fazemos *que não seja: Non est.* Os hereges são blasphemadores daquelle mysterio, e nós destruidores delle. Os hereges negam-lhe a essencia, nós desmentimos-lhe a virtude: os hereges desfazem nelle, mas nós desfazemol-o a elle. O' que desgraça nossa! O' que injuria daquelle soberano mysterio! Muito apesar dos hereges ha e ha de haver sempre Sacramento: mas muito apesar de Christo nós fazemos que já não haja communhão: *Convenientibus vobis in unum, jam non est Dominicam cœnam manducare.*

Por reverencia de nossa fé, e de nossa piedade, que ponderemos e sintamos bem aquelle *jam non est.* A herezia é contradição do Sacramento, a desunião é contraditoria da communhão. Por isso o Apostolo chamou a este commungar, não commungar: *Jam non est Dominicam cœnam manducare.* De maneira que a desunião dos que commungam inclue um *non est* da communhão. A fé diz: *Est:* a desunião diz: *Non est:* e desunião que inclue um *não é* contra a communhão, vêde outra vez se é e se póde chamar herezia: *Oportet hæreses esse.* Não será herezia contra o Sacramento, em quanto mysterio da fé; mas será herezia contra o Sacramento, em quanto mysterio

[1] *Ad Tit.*, I, 16.
[2] *1.ª ad Cor.*, II, 20.

da caridade: não será herezia de palavra, pela qual vos queimem na terra; mas será herezia de obra, pela qual ardereis no inferno. E porque diz S. Paulo que cria isto em parte, e não em todo: *Et ex parte credo?* Porque os Corinthos verdadeiramentem eram como nós somos hoje: muita fé, muita piedade, muito zelo, muita reverencia ao mysterio da Eucharistia: mas como S. Paulo por uma parte os via tão devotos, e por outra tão desunidos: por uma parte tão amigos da communhão, e por outra tão inimigos da união: por uma parte com o Sacramento no peito (e ao peito) e por outra com o odio nos corações; não acabava de se deliberar S. Paulo se eram os Corinthios inteiramente catholicos, ou se tinham parte de hereges: e por seu modo tudo eram. Eram catholicos do Sacramento, e hereges da communhão. E isto é o que nós somos: catholicos no que professamos, e hereges no que fazemos: catholicos de bocca para com Deus, e hereges de coração para com os homens: catholicos da fé, e hereges da caridade: em fim, catholicos do Sacramento, e hereges da communhão: *Oportet hæreses esse.*

Para ultima ponderação deste aggravo, sejam exemplo aos grandes de Portugal, dois tambem grandes de outro reino em que se professava a mesma fé, posto que não tanta, nem tão pura. Levado Christo a casa de Pilatos, e remettido por elle a Herodes, diz assim o Evangelista S. Lucas: *Facti sunt amici Herodes, et Pilatus in illa die; nam antea inimici erant ad invicem:* [1] Naquelle dia se fizeram amigos Pilatos e Herodes, porque d'antes eram inimigos. Pois saibamos: disse Christo alguma coisa a estes dois ministros? Persuadiu-os, exhortou-os, rogou-os a que se reconciliassem, a que não escandalizassem o povo, a que não violassem a paz, e caridade publica? Nada disto fez Christo; antes não lhes fallou nem uma só palavra. Pois se Christo não disse coisa alguma a Herodes, nem a Pilatos: se mudo foi presentado, e mudo esteve diante delles, como os fez, ou se fizeram amigos? Aqui vereis a efficacia do corpo de Christo para causar união entre homens desunidos. Bastou que o corpo de Christo mudo entrasse em casa daquelles dois homens tão

[1] *Luc.*, XXIII, 12.

grandes, que eram os maiores da côrte de Jerusalem, para que logo, sem mais diligencia, estando discordes, se unissem, e sendo inimigos capitaes, se fizessem amigos. O' que grande confusão para a nossa fé! O' que affronta para a nossa desunião! Que entre Christo uma vez em casa de Pilatos e Herodes, e que logo se reconciliem, e se façam amigos: e que entre o mesmo Christo (que não é outro) tantas vezes nos nossos corações, e que as nossas inimizades, e as nossas desuniões fiquem tão inteiras, tão duras, e tão obstinadas como dantes? As inimizades de Pilatos e Herodes eram duvidas de jurisdições, desconfianças de auctoridade, ciumes do favor e graça do Cesar, e todos aquelles achaques de que adoecem tão gravemente os que occupam os postos supremos. E que vencendo Christo todos estes reparos em Pilatos e Herodes sem nenhum empenho, os não possa vencer nem derrubar em nós, empenhando nisso todo o corpo e todo o sangue? Se cada um quer conhecer nesta parte aonde chega sua fé e sua religião, considere quem foi Pilatos, e quem foi Herodes, e onde estão hoje. Pilatos crucificou a Christo, Herodes zombou de Christo: Pilatos e Herodes foram dois homens precitos, e são hoje dois condemnados, que estão ardendo, e hão de arder eternamente no inferno: e obrou Christo só entrado em suas casas, o que não obra, commungado em nossos corações. Mas que digo o que obra, sendo os effeitos tão enormemente contrarios? Acabamos de comer o corpo de Christo no Sacramento, e logo partimos a nos comer uns a outros: acabamos de commungar o sangue de Christo, e alli mesmo desejamos beber o sangue aos que alli comnosco o commungaram. Vêde se está bem justificada a queixa, se está bem provada a offensa, se está bem conhecido (posto que nunca assaz ponderado) este segundo e novo aggravo. Assim se quebraram na dureza de nossos peitos as mais fortes e finas settas do amôr de Christo: assim se mallogrou na resistencia de nossas vontades, e na rebeldia obstinada de nossas desuniões, o maior invento de sua sabedoria, e o maior empenho de seu poder. E este fim teve o fim daquelle prodigioso desejo, com que traçou o amoroso Senhor unir-nos a si, para nos unir entre nós: *In me manet, et ego in illo.*

IV

Temos demonstrado o aggravo, mas quem se atreverá a persuadir o remedio? Desaggravamos o aggravo alheio, e quem ha de desaggravar o nosso? Desaggravamos o aggravo heretico, e quem ha de desaggravar o catholico? Desaggravamos o aggravo do Sacramento, e quem ha de desaggravar o aggravo da Communhão? Como homens, como christãos e como illustres corre por conta da nobreza de Portugal esta nova satisfação e desaggravo. E estes mesmos tres respeitos nos descobrem tres motivos delle. Onde a desunião é o aggravo, o desaggravo não póde ser outro senão a união. Tres motivos pois de união nos descobrem os mesmos tres respeitos que concorrem nesta congregação illustrissima. Motivo de união como christãos: motivo de união como homens: motivo de união como illustres. Como christãos o motivo da fé: como homens o motivo da conveniencia: como illustres o motivo da honra. Do motivo da fé como a christãos não direi palavra, porque se o não convenceu o discurso passado, não vejo meio de o persuadir. Os dois motivos da conveniencia e da honra são os que agora quizera apertar. Atégora me ouvistes como christãos, dae-me agora attenção como homens e como illustres.

V

Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem. Assim como as duas clausulas das palavras que já ponderamos, nos deram as duas uniões, assim as presentes, que tambem são duas, nos hão de dar os dois motivos. Todos os Padres e Expositores reparam muito em que a claridade e providencia de Christo não só nos désse sua carne, senão tambem seu sangue: e este mesmo reparo que por si só, e sem outro respeito, é muito bem fundado em seguimento do nosso discurso, e sobre a supposição de tudo o que até-qui temos dito, se esforça ainda e se aperta muito mais. Para a união comsigo e entre nós, que era o

intento de Christo, bastava dar-nos só o corpo, ou só o sangue: porque tanta virtude e efficacia tem o corpo só, e o sangue só, como o corpo e o sangue juntamente. Pois porque razão nos deu o Senhor não só a carne, senão tambem o sangue? *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem?* Porque para a união que pertendia, não só nos quiz dar os effeitos, senão tambem os motivos. Como aquella união dependia do seu poder, e mais da nossa vontade, eram necessarios meios que obrassem a união, e meios que nos affeiçoassem a ella. Para obrar a união, bastava só o corpo, ou só o sangue de Christo; mas para nos affeiçoar a ella, foi necessario o corpo e mais o sangue: o corpo, para nos dar um motivo, e o sangue, para nos dar outro. E que motivos foram estes? O da conveniencia e o da honra. Deu-nos a carne para nos sustentar, deu-nos o sangue para nos ennobrecer. E não podia dar-nos maiores motivos para nos unir. Porque o primeiro levava comsigo a conveniencia da conservação, e o segundo o pundonor da nobreza.

Começando por esta segunda (a que sempre é devido o primeiro logar), o sangue com que Christo nos ennobrece no Sacramento, não só é meio da união que pertende, senão motivo mui forte para nos unir; porque não ha coisa mais contraria á verdadeira nobreza que a desunião: *Qui bibit meum sanguinem, in me manet.* Fez Abrahão um sacrificio a Deus, em que offereceu certo numero de aves, e outro de animaes terrestres, e diz o Texto sagrado, que dividiu os animaes, e que não dividiu as aves: *Tollens universa hæc, divisit ea per medium, aves autem non divisit.* [1] Pois se o sacrificio era o mesmo, consagrado ao mesmo Deus, e offerecido pelo mesmo sacerdote, supposto que se dividem os animaes, as aves tambem porque se não dividem? Sabeis porque? (diz S. Ambrosio) Porque as aves eram de melhor elemento e de melhor nascimento. Na creação do mundo os animaes nasceram da terra e ficaram na terra: as aves nasceram da agua e passaram á região do ar. E como os animaes terrestres eram de baixo nascimento, e de baixo elemento, admittiam divisão: porém as aves, que

[1] *Gen.*, XV, 10.

eram de nascimento claro, e de elemento sublime, achou Abrahão que era contra sua natural nobreza o dividil-as: *Aves autem non divisit.* Nobreza nobilissima de Portugal, alli está o verdadeiro sacrificio figurado no sacrificio de Abrahão. Será bem que neste sacrificio veja o mundo as aves divididas? Antes de vir ao sacrificio podem as aves fazer bandos: antes de vir ao sacrificio podem as aves estar divididas; mas depois de offerecidas áquelle altar, já não admittem divisão: *Aves autem non divisit.*

E porque não pareça esta união reverencia do sacrificio, e não qualidade natural da mesma nobreza, saiamos do templo ás praças, e ainda da fé ao gentilismo. A estatua de Nabuchodonosor dos pés á cabeça era composta daquella variedade de metaes que todos sabemos. A cabeça de oiro, o peito de prata, o ventre de bronze, do ventre aos pés de ferro, os pés de ferro e de barro. E nota o Texto sagrado, que o ferro e o barro dos pés não estavam unidos: *Sicuti ferrum misceri non potest testæ, etc.* [1] De maneira que o oiro estava unido com a prata, e a prata estava unida com o bronze, mas o barro dos pés não estava unido com o ferro. Olhae por onde rendeu a estatua, olhae onde estava a desunião; nos pés e no barro. A parte mais baixa da estatua eram os pés, a materia mais vil dos metaes era o ferro e o barro; e onde estava a maior baixeza, e a maior vileza, alli se achou a desunião. Pelo contrario, o mais alto da estatua era a cabeça e o peito: o mais illustre dos metaes era o oiro e a prata, e o que na estatua era o mais alto e o mais illustre, isso era o que estava unido. A' cabeça e ao peito, ao oiro e á prata não lhes faltavam seus altibaixos em que poder tropeçar a desunião. A prata podéra dizer que era mais branca que o oiro; o oiro podéra dizer que tinha mais quilates que a prata; a cabeça podéra dizer que tinha mais juizo que o peito; o peito poderá dizer que tinha mais coração que a cabeça. Mas como a cabeça e o peito, como o oiro e a prata eram o mais alto e o mais illustre, todos se compunham entre si, todos estavam unidos.

Quiz Nabuco emendar o erro, ou melhorar a fortuna da estatua que vira, e mandou fazer outra es-

[1] *Dan.*, II, 43.

tatua, dos pés até á cabeça toda de oiro: *Fecit statuam auream.* [1] E esta estatua toda de oiro tinha alguma desunião? Nenhuma. Como tudo era illustre, tudo estava unido. Tão propria qualidade, e tão proprio attributo é da nobreza a união! Mas se esta estatua toda de oiro (vêde o que agora digo) se esta estatua toda de oiro tivera alguma desunião, ainda que a desunião fôra na cabeça, tambem havia de ter pés de barro. Pés de barro? Pois como assim, se da cabeça até os pés toda a estatua era de oiro, e se a desunião, como suppomos, não estava nos pés, senão na cabeça? Por isso mesmo. Porque oiro sem união é barro: e cabeça sem união é pés. Não havemos de ir longe buscar a prova. Quando esta mesma estatua de Nabuco se desfez em pó e foi levada dos ventos por esses ares, diz Daniel (que é o auctor desta prodigiosa historia) que se desfez o oiro, a prata, o bronze, e todos os outros metaes, e que todos se converteram em pó de terra: *Quasi in favillam æstivæ areæ.* [2] Aqui é o meu reparo e grande reparo. Que os pés de barro se convertessem em pó de terra, bem está: mas o ferro parece que se havia de converter em pó de ferro, e o bronze em pó de bronze, e a prata em pó de prata, e o oiro em pó de oiro, ou em oiro em pó. Mas não foi assim o caso. Pois porque razão o oiro da cabeça, e os metaes dos outros membros se converteram em pó de terra como o barro dos pés? Porque quando se desfez a estatua desuniram-se todos os membros e desuniram-se todos os metaes; e como houve desunião, o oiro e todos os outros metaes logo foram barro; a cabeça e todos os outros membros logo foram pés. Por isso todo o pó foi de pés de barro: *Quasi in favillam æstivæ areæ.* Por mais alta que esteja a cabeça, se não está unida, é pés; por mais illustre que seja o oiro, se não está unido, é barro. Nobreza e desunida não póde ser, porque em sendo desunida, logo deixa de ser nobreza, logo é vileza.

Ora eu tive curiosidade de averiguar o nascimento á desunião, e consultando não os vossos nobiliarios, senão os livros da verdade, achei nas Escripturas Sagradas, que não ha desunião que não seja vil de

---

[1] *Dan.*, III, 1.
[2] *Ibid.*, II, 35.

nascimento, ou de um, ou de dois, ou de tres, ou de todos os quatro costados. Toda a desunião quanta ha no mundo, e muito mais nas côrtes, ou nasce do vicio vil da ambição, ou do vicio vil da inveja, ou do vicio vil da vingança. Para que venha a prova mais em seu logar, vejamol-o em quatro irmandades illustres, que todas se prezavam muito de seus nascimentos. Houve desunião entre Caïn e Abel, e nasceu a desunião da inveja de Cain: houve desunião entre Esaü e Jacob, e nasceu a desunião da ambição de Esaü: houve desunião entre Absalão e Amnon, e nasceu a desunião da vingança de Absalão: houve desunião entre o filho Prodigo e o outro filho, e nasceu a desunião da cobiça do Prodigo. Se se examinar bem o nascimento de qualquer desunião honrada, achar-se-ha que não ha desunião que não nasça de alguma destas vilezas: e se se examinar melhor, achar-se-ha que não ha desunião, que não nasça de todas quatro. Todas teem (e senão diga-o a consciencia de cada um) todas teem sua parte de ambição, sua parte de cobiça, sua parte de inveja, e sua parte de vingança. E desunião que nasce de quatro vilezas, como póde deixar de ser vil e vilissima? Nobreza e desunida, torno a dizer que não é possivel, porque em sendo desunião logo é vileza.

Só vejo que poderá replicar alguma advertencia critica, que bem póde um homem estar desunido sem ser culpado na desunião. Depois que houve desunião entre Cain e Abel, bem póde Cain ser o desunido, e Abel o innocente, porque póde a desunião estar da parte de Cain, e não da parte de Abel. Concedo tudo. Ainda que a desunião não póde ser senão entre dois, a culpa da desunião bem póde ser uma só: mas o culpado nesse caso sempre ha de ser quem eu tenho dito. Entre os unidos sempre a união está da parte do mais nobre, e entre os desunidos sempre a desunião está da parte do mais vil. O ferro e o barro dos pés da estatua estavam desunidos; e de que parte esteve a desunião? E' certo que esteve da parte do barro, que era o mais vil. Provo, porque o ferro na mesma estatua estava unido com o bronze: logo a falta de união não ficava por parte do ferro, senão pela do barro. Se entre o ferro e o barro havia quebra, claro está que o barro era e não o ferro o que havia de quebrar. A união, assim como todas as outras

coisas, sempre quebra pelo mais fraco; e quem é sempre o mais fraco, senão o mais vil? De sorte que entre os desunidos sempre a desunião está da parte do menos nobre.

E que entre os unidos esteja a união da parte do mais nobre, tambem é facil de comprovar. Os homens mais unidos que houve no mundo foram Jonathas e David: Jonathas era principe filho d'el-rei Saül: David naquelle tempo não era mais que um soldado de fortuna muito valente, mas filho de um pastor. E de qual destas partes vos parece que estaria a união? Todos hão de dizer, que da parte de David, porque até os philosophos naturaes dizem, que donde está a dependencia, d'ahi está a união: e posto que David fundava os seus despachos na funda, e não no favor, em fim era vassallo, e Jonathas prińcipe. Consta comtudo que estava a união da parte de Jonathas, e não da parte de David. E' verdade expressa do Texto: *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David.* [1] Notae. Não diz que a alma de David se uniu á alma de Jonathas, senão a alma de Jonathas á alma de David; porque como Jonathas era o mais nobre, uma vez que estavam unidos, havia de estar a união da sua parte: da parte de David estava a fortuna: da parte de Jonathas a união.

Ah Jonathas de Portugal, se seguireis todos este generoso exemplo! Bem creio que a causa de se não comporem muitas inimizades, e de se não unirem muitas desuniões, é aquella desconfiança, ou aquelle pundonor de nenhum querer ser o primeiro que concorra para a união. O' que errados, e que mal entendidos brios! O mais nobre, o mais illustre, o mais principe, o mais Jonathas, o de sangue mais real, esse ha de ser o primeiro que concorra, que procure, que deseje, que solicite, que concerte a união. *Quis sicut Deus?* Fidalguia endeusada de Portugal, quem como Deus? Havia desunião entre Deus e o homem, e qual foi o que solicitou a união? Não foi o homem, senão Deus. Elle foi o que desceu do céu, elle foi o que cortou pela magestade, elle foi o que abraçou os homens, e o que se lançou a seus pés com estupendo exemplo, só por se unir com elles e os fazer seus amigos. Lem-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVIII, 1.

bremo-nos que depois que commungamos, somos sangue de Deus. Se o sangue de vossos avós fizer alguma repugnancia a esta união, o sangue de Deus, que é o mais honrado, vos inclinará e levará logo a ella. Este sangue com que Christo nos ennobreceu no Sacramento, não só é sangue seu absolutamente, senão sangue seu em quanto derramado: *Qui pro vobis, et pro multis effundetur.* [1] E para que derramou Christo este sangue? Só para afogar desuniões, e para matar inimizades, e as tirar do mundo. *Interficiens inimicitias in semetipso* [2] diz S. Paulo: que matou Christo as inimizades em si mesmo. Os homens matam os inimigos. Christo matou as inimizades; e matou-as em si mesmo: *In semetipso:* porque como as inimizades e os odios estão em nossos corações, dentro em nós mesmos se hão de matar. Ora em reverencia do sangue de Christo, que neste ponto cada um de nós mate todas as inimizades no seu coração. Morram, morram as inimizades, morram os odios, morram as desuniões, e só viva a paz, a amizade, a concordia, e aquella tão desejada união que Christo pertendeu entre nós, quando nos ennobreceu com seu sangue: *Qui bibit meum sanguinem, in me manet.*

VI

Passando á segunda consideração (que era a da conveniencia) digo da mesma maneira, que o corpo ou carne com que Christo nos sustenta no Sacramento, não só é meio para a união que deseja entre nós, senão motivo egualmente forte, e ainda mais efficaz para nos unir: *Qui manducat meam carnem, in me manet.* E porque? Porque não ha coisa mais alheia da conservação, nem mais contraria a ella, que a desunião. Quem se não póde sustentar nem conservar desunido, porque se não ha de unir? Deus me dê sua graça para declarar este ponto, como eu o entendo, e como elle ha mister, pois não é só de muita, se não de toda a importancia.

---

[1] *Math.*, XXVI, 28.
[2] *Ephes.*, II, 16.

As obras da natureza e as da arte todas se conservam e permanecem na união: e todas na união se desfazem, se destroem e se acabam. Esta machina tão bem composta do mundo, com ser obra de braço omnipotente, que é o que a sustenta e a conserva, senão a perpetua e constante união de suas partes? Não vêmos o cuidado vigilantissimo com que a natureza anda sempre em vella sobre este ponto principal de sua conservação, violentando-se a si mesma (se é necessario) e fazendo subir os corpos pezados e descer os leves, só para impedir os damnos daquella desunião a que os philosophos chamam vacuo? Seis mil annos ha que dura o universo, sem se sentir, nem vêr nelle o menor signal de desunião, e por isso dura tanto: e quando finalmente chegar seu fim, a falta, ou a rotura desta união será o ultimo paroxysmo de que ha de morrer o mundo. Esse foi o pensamento profundo do grão-principe da Igreja, S. Pedro, o qual chamou ao fim do mundo desunião do universo: e para dizer que todas as coisas se hão de acabar, disse que todas se hão de desunir: *Cum igitur hæc omnia dissolvenda sint.* [1] Toda a vida (ainda das coisas que não teem vida) não é mais que uma união. Uma união de pedras é edificio: uma união de taboas é navio: uma união de homens é exercito. E sem esta união tudo perde o nome, e mais o ser. O edificio sem união, é ruina: o navio sem união, é naufragio: o exercito sem união, é despojo. Até o homem (cuja vida consiste na união de alma e corpo) com união é homem, sem união é cadaver. A maior obra da sabedoria, e da omnipotencia divina, que foi o composto ineffavel de Christo, consistia em duas uniões: uma união entre o corpo e a alma, e outra união entre a humanidade e o Verbo. Quando perdeu a primeira união, deixou de ser homem: se perdêra a segunda, deixára de ser Deus. O' Deus! O' homens! que só a vossa união vos ha de conservar, e só a vossa desunião vos póde perder.

Perdeu-se a nossa estatua de Nabuco (que bem lhe podemos chamar nossa, pois nos servimos tanto della). Vejamos quem a perdeu. Estava ella em pé, robusta, ufana e soberba, promettendo-se duração eterna na

[1] *2. Pet.*, III, 11.

riqueza, na formosura e na dureza dos metaes de que era composta; arranca-se uma pedra do monte, tocalhe nos pés de repente, e no mesmo ponto cahiu a estatua, desappareceram os metaes, e não ficaram della e delles mais que o logar e as cinzas. Notavel caso; mas mais notavel o tiro! Sei eu que a pedra de David foi direita á cabeça do gigante. Pois se a pedra do gigante tirou á cabeça, a da estatua porque tira aos pés? Não vos lembra que nos pés da estatua estava a desunião entre o barro e o ferro? Pois por isso o tiro se encaminhou aos pés, e não a outra parte, porque onde havia a desunião, alli estava certa a ruina. Nos corpos inteiros e unidos, como era o gigante, o melhor tiro é á cabeça; mas em corpos onde ha desunião, como era o da estatua, o mais seguro tiro é ao desunido, ainda que sejam os pés.

E adverti que não são necessarias muitas desuniões para uma total ruina. Unido estava o oiro, unida estava a prata, unido estava o bronze, e ainda o mesmo ferro em parte estava unido; mas bastou uma só desunião para dar com tudo em terra. Faça cada um muito escrupulo de sua desunião, porque póde ser que della dependa ou a ruina, ou a conservação da estatua. Cuida a providencia politica, que os reinos se conservam com ferro e com bronze, e sobre tudo com oiro, e com prata; e é engano. O que sustenta e conserva os reinos é a união. Muito ferro e muito bronze, muito oiro e muita prata tinha a estatua, mas porque lhe faltou a união, não lhe serviram de mais todos esses metaes bellicos e ricos, que de accrescentar maior pezo para a cahida. Ainda não tenho dito a maior admiração. O oiro e a cabeça significava o imperio dos Assyrios: a prata, o peito e os braços significavam o imperio dos Persas: o bronze da cintura até o joelho significava o imperio dos Gregos: o ferro do joelho até os pés significava o imperio dos Romanos; e bastou uma só desunião para derrubar e desfazer quatro imperios, dos mais valentes, dos mais poderosos, dos mais sabios e dos mais bem governados homens do mundo. Se quatro imperios com uma só desunião se arruinam e acabam: um reino e não muito grande, dividido em muitas desuniões, que se póde temer delle?

Ainda falta que ponderar, e é a corôa de tudo. A pedra que fez aquelle tiro fatal, com que de um golpe

obrou tamanho estrago, que mão, e que impulso foi o que a tirou? O' caso estupendo e inaudito! *Abscissus est lapis sine manibus.* [1] Ninguem poz a mão na pedra, ella por si se despegou, cahiu, e rodou do monte, e desfez o que desfez. Aqui vereis quão facil é a ruina e quão apparelhada está onde ha desunião. Para derrubar um reino e muitos reinos onde ha desunião, não são necessarias baterias, não são necessarios canhões, não são necessarios trabucos, não são necessarias ballas, nem polvora; basta uma pedra: *lapis.* Para derrubar um reino e muitos reinos onde falta união, não são necessarios exercitos, não são necessarias campanhas, não são necessarias batalhas, não são necessarios cavallos, não são necessarios homens, nem um homem, nem um braço, nem uma mão: *Sine manibus.* Nós temos muito boas mãos, e o sabem muito bem nossos competidores; mas se não tivermos união, nem elles haverão mister mãos para nós, nem a nós nos hão de valer as nossas.

VII

Pois se na união está o remedio, e na desunião a ruina, porque nos não aconselharemos com a nossa mesma desunião, para nos unirmos? Será bem que nos demos nós as batalhas, para que nossos inimigos logrem as victorias? Não sabemos que a nossa desunião é a maior victoria que lhe podemos dar, como a nossa união a maior guerra que lhe podemos fazer? *Pax nostra bellum illi est*, disse lá o Tertulliano. Que importa que nos cancemos em fechar as cidades de muros, se a brecha está aberta nos corações? Que importa (outra vez) que fortifiquemos e muremos as cidades, se dentro dos muros e dentro da maior cidade temos a mais arriscada guerra, e o mais perigoso inimigo? Não basta que para conquistar Portugal convoque Castella todas as nações: tambem nós nos havemos de armar contra nós? Que todas as nações de Europa se alistem contra Portugal, ó que gloria! Mas

[1] *Dan.*, II, 45.

que na guerra de Portugal se vejam tambem portuguezes contra portuguezes, ó que desgraça, por lhe não chamar outro nome! Que aggravo, pergunto, e que offensa nos fez Portugal; ou que nos tem desmerecido a patria? Será justo que possa mais comnosco o odio particular, que o amôr publico? Será justo que por levantar uma casa, e abaixar outra, queiramos assolar todo o reino? Póde haver resolução mais mal entendida, que lançar a pique o navio em que vou embarcado, só porque meu inimigo se afogue? Mas vamos a esse inimigo. Já que esse inimigo e esse odio é tão irreconciliavel, porque não mataes esse inimigo? Responde a vossa bizarria que o não mataes, porque não ha causas para tanto. Agora vos convenci. Basta que a vossa desunião não tem causas para matar um homem, e tem causas par matar um reino?

Pois estae certos que só a vossa desunião o póde matar. *Omne regnum in se ipsum divisum desolabitur*: [1] Todo o reino desunido será assolado. E se alguem cuida que sendo assolado o reino, póde a sua casa ficar em pé, engana-se muito enganado. E senão veja o que continua Christo: *Et domus supra domum cadet.* [2] O reino dividido será assolado, e umas casas cahirão sobre as outras casas. Notae bem. Se umas casas hão de cahir sobre as outras casas, segue-se que as mais altas hão de cahir primeiro. Das casas mais humildes será a oppressão; mas das mais altas ha de ser a ruina. Pois se a ruina universal do reino, se a particular da casa de cada um não tem outro reparo, nem outra resistencia, nem outra conservação segura mais que a da nossa união; porque nos não uniremos todos? O' quem pudéra examinar este porquê! Os porquês desta desunião nenhuma coisa valem, nenhuma coisa montam, nenhuma coisa pezam, e as consequencias della montam tudo, pezam tudo, e levam tudo. Senhor, para vós só apello. Espero na efficacia daquelle divino mysterio, Sacramento de amôr e de união, que de tal maneira ha de resistir á força destas razões, e com tal força ha de unir a resistencia de nossas vontades, domando a rebeldia de nossos animos, quebrando a dureza de nossos affectos, e allu-

[1] *Luc.*, XI, 17.
[2] *Ibid.*

miando a cegueira e vaidade de nossos juizos, que hoje (neste grande dia) havemos de sahir de sua presença todos unidos com Christo, e todos unidos entre nós. Áquelle Senhor havemos de dever nossa conservação, nossa defeza, e nossa victoria, porque a elle havemos de dever nossa união: *In me manet, et ego in illo.*

Mas porque não pareça a algum menos confiado que prometto e fio dos poderes da união mais do que della se deve esperar; quero conceder liberalmente tudo o que presumem contra nossa conservação assim os inimigos, como os neutraes, uns discorrendo com a vontade, outros com o entendimento. Não metto neste numero os nossos, porque desses nenhum ha que receie ou suspeite que podemos ser vencidos, ou conquistados. E verdadeiramente elles teem razão na experiencia, na qual se reforça ainda mais o meu argumento. Se mal unidos fizemos tanto, bem unidos que faremos? Se mal unidos temos sido tão duros e tão impenetraveis, bem unidos e inteiros, quem nos romperá, ou quem nos resistirá? Mas tornemos aos que menos nos conhecem, e discorrem de fóra. Quando Portugal tão inopinadamente se restituiu á sua liberdade, fizeram juizo sobre nossa conservação todos os politicos da Europa: uns a julgaram por arriscada e duvidosa: outros (e não eram poucos) por temeraria e impossivel. Assim o blazonam ainda hoje e o espalham pelo mundo nossos competidores: e segundo a fé desta voz, ou deste sonido obram tambem ainda em nosso despeito os adoradores daquella potencia. Já os poderam ter desenganado vinte e dois annos de conservação, e vinte e dois de victorias. Se medem a monarchia de que nos separamos, como gigante, contem-lhe bem os golpes da cabeça e verão que Portugal é David. Mas quando a nossa conservação (como elles cuidam, ou dizem sem o cuidar) fôra empreza verdadeiramente impossivel, ainda digo e torno a dizer, que na nossa união estava segura, porque ella faria impossivel esse impossivel, e ainda outros maiores.

Antes que os homens depois do diluvio se dividissem a povoar o mundo, tomaram uma resolução notavel, e se a não referira a Escriptura, totalmente incrivel: *Venite, faciamus nobis civitatem et turrim, cujus culmen pertingat ad cœlum, et celebremus no-*

men nostrum, antequam dividamur: [1] Antes que nos dividamos (diziam) deixemos celebre o nosso nome, e fabriquemos uma cidade e uma torre, cuja altura chegue ao céu, e cujas ameias vão topetar com as estrellas. Não sei se reparastes no termo, *antequam dividamur:* antes que nos dividamos. Bem sabiam elles já (com saberem por outra via tão pouco) que depois de divididos não podiam fazer coisa grande, nem merecedora de nome. Tomada a resolução, mãos á obra, começaram a edificar a torre. O que agora se segue parece a fabula dos filhos da terra, e a guerra dos gigantes com Jupiter. Diz o Texto, que desceu Deus a vêr o que intentavam os filhos de Adão, e que disse (devia de ser aos Anjos, que o acompanhavam) estas palavras: *Unus est populus, et unum labium omnibus, nec desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant: venite igitur, descendamus, et confundamus ibi linguam eorum:* [2] Estes homens (diz Deus) estão unidos, e todos fallam pela mesma lingua: não hão de desistir do que começaram até não levarem a obra ao cabo; pelo que importa dividil-os, e confundir-lhes as linguas: vamos logo a fazel-o assim. O' poderes, ó prodigios da união! Vêde bem que coisa são homens unidos. De maneira que se fôra possivel alguma força, ou potencia no mundo que désse receio e cuidado a Deus, essa força e esse poder havia de ser o de homens unidos: e se dentro dos muros de diamante do céu se podessem temer assaltos e combates de fóra, só de homens unidos, e que fallassem todos pela mesma lingua, se poderam temer. Finalmente, querendo o mesmo Deus estorvar e resistir intentos de homens unidos, não tomou outro meio, nem teve outra traça mais prompta com que o fazer, senão com os desunir. Mas vamos ao ponto rijo da nossa supposição.

Levantar esta torre era empreza por muitos titulos impossivel: impossivel pelo sitio, impossivel pela materia, impossivel pela conducção, e por outras mil coisas, impossivel. Era impossivel pelo sitio, porque em toda a redondeza do mundo não havia campo ou terreno capaz em que lançar os fundamentos a tão

[1] *Gen.*, XI, 4.
[2] *Gen.*, II, 6 e 7.

enorme edificio. Era impossivel pela materia, porque todo o globo da terra, ainda que se minasse até o centro, não podia ministrar materiaes bastantes para a fabrica de tão immensas muralhas. Era impossivel pela conducção, porque em muitos centos e em muitos milhares de annos não chegaria a se guindar uma pedra a tão inaccessivel altura. E dado que fosse crescendo e subindo a machina da torre, em tocando á segunda região do ar, a todos havia de matar o agudissimo frio, e o mesmo ar, que em seu puro elemento é incapaz da respiração. Finalmente, quando podessem escapar deste inimigo, lá acima os estava esperando a esphera do fogo, ou o fogo sem esphera, em que todos sem remedio haviam de morrer abrazados. Pois se era totalmente impossivel, ou se tantos impossiveis envolvia aquella insana empreza, como suppõe, e affirma Deus que seus fabricadores a haviam de continuar e levar ao cabo: *Nec desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant?* Era obra impossivel, e haviam-a de fazer? Era impossivel e haviam-a de acabar? Sim, que tudo isso podem homens unidos. O que é impossivel á arte e á natureza, é possivel á união. Valorosos portuguezes, já que com tanta resolução e ventura começastes a edificar esta torre, não permittaes, que a vossa desunião a faça Babel. A nossa empreza é grande, foi arriscada, será trabalhosa, mas não é impossivel: porém quando fôra uma e muitas vezes impossivel, haja em nós união, que todos esses impossiveis ficarão vencidos.

VIII

E porque não fique sem resposta a razão vulgar e famosa em que se funda a esperança de nossos emulos, quero satisfazel-a. Todo o fundamento de sua opinião, e todo o Achilles da sua teima é a desigualdade da nossa competencia. Contam mais legoas nas suas terras, contam mais cidades nos seus reinos, contam e fazem muito por contar mais soldados nos seus exercitos, e dizem que a fortuna e a victoria sempre se põe da parte dos mais mosqueteiros, posto que ella não o faz assim, ao menos nos nossos campos. As victorias de portuguezes nunca se alcançaram por

arithmetica, sempre vencemos poucos a muitos. Mas quando ás nossas batalhas lhes importara ser a tantos por tantos, com a vantagem só da nossa união podemos igualar e exceder largamente o numero de nossos inimigos. Desunidos somos menos, unidos seremos muitos mais. E porque? Porque assim como é natureza da união, de muitos fazer um; assim é milagre da união, de poucos fazer muitos.

No Cap. xxxii do Deuteronomio promette Deus assistir poderosamente na guerra aos que o servirem, e explicando o excesso deste favor e desta assistencia, diz assim: *Quomodo persequatur unus mille, et duo fugent decem millia:* [1] Tal será o animo que infundirei em vossos corações, e o esforço com que armarei vossos braços, que um de vós vença e ponha em fugida a mil de seus inimigos, e dois a dez mil. Bem entendo eu a grandeza deste favor, mas a proporção desta conta não a entendo. Se um ha de vencer a mil, segue-se que dois hão de vencer a dois mil: mas Deus não diz assim: senão: um a mil, e dois a dez mil: *Unus mille, et duo decem millia.* Pois se um vence a mil, dois porque não hão de vencer a dois mil, senão a dez mil? Porque essa é a vantagem e a maravilha da união. Ora vêde. Em um ha unidade, mas não póde haver união: em dois, que são duas unidades, já pode haver união; e vae tanto de haver união a não haver união entre os homens, que um homem antes da união é um, e dois homens depois da união são dez. E como dois por virtude e beneficio da união se multiplicam em dez, bem se segue que, se um vence a mil, dois hão de vencer a dez mil: *Unus mille, et duo decem millia.* De sorte que para sermos mais dos que somos (quando assim nos importara) não é necessario multiplicar homens, basta unir corações. Se a união de dois unidos faz dez, e de dez pela mesma conta duzentos, e de duzentos dois mil; sendo tantos mil os que temos, e estando unidos, vêde se somos inconquistaveis a toda Hespanha, a toda Europa, e ao mundo todo.

Finalmente, atando o fim de todo o discurso com o principio, acabo com dizer, ou lembrar, que esta ultima maravilha da união suppõe necessariamente a

---

[1] *Deut.*, xxxii, 30.

primeira, assim como as propriedades suppõem a natureza. A natureza da união é unir, a propriedade multiplicar: e para que a união faça de poucos muitos, é necessario que de muitos e de todos faça primeiro um só. Quando el-rei Saül convocou todas suas gentes para a defeza da cidade de Jabéz cercada pelos Ammonitas, ajuntaram-se de Israël e Judá trezentos e trinta mil homens. E nota o Texto sagrado, que acudiram todos tão unidos como se fôram um só: *Egressi sunt quasi vir unus fueruntque filiorum Israël trecenta millia, virorum autem Juda triginta millia.*[1] Não somos, nem havemos mister trezentos mil homens para a defeza do nosso reino; mas se formos unidos como um só: *quasi vir unus:* seremos muitos mais do que somos e muitos mais dos que havemos mister. E esta é com toda a propridade a união que Christo sacramentado pretende de nós, e a que obram nos corações que lhe não resistem os poderes soberanos daquelle sacrosanto mysterio. Não só quer Christo de nós qualquer união, senão uma união tão estreita, tão forte, tão inteira e tão unida, que de união passe a ser unidade. Assim o estão clamando as primeiras palavras do nosso Texto, ou a primeira palavra delle, que só nos restava por ponderar: *Qui manducat.* Reparae que não diz Christo: aquelles que me comem, senão, aquelle que me come: *Qui manducat:* falla de singular, e não de plural: falla de um, e não de muitos; porque o fim porque Christo se dá a commungar a todos, é para que todos os que o commungarem se unão em um só. Fallando do Mannâ, falla de muitos: *Non sicut manducaverunt Patres vestri manna,* [2] porque o Mannâ, depois de o comerem muitos, ainda ficavam muitos: *Manducaverunt:* mas o corpo de Christo não é assim; porque depois de o comerem muitos, já não ficam, nem devem ficar muitos, senão um só: *Qui manducat.* O Mannâ que comiam os filhos de Israël não era um só em todos, senão diverso para cada um delles: e como os Mannás comidos eram muitos, ficavam tambem muitos os que o comiam. Dava-lhes o Mannâ os sabores, porque os tinha, mas não lhes dava, nem lhes podia dar a uni-

[1] *1.º Livr. dos Reis,* II, 7 e 8.
[2] *Joan.,* VI, 59.

dade, porque a não tinha. Porém o corpo de Christo, a quem commungamos, como é um só e o mesmo em todos os que commungam, a mesma unidade que tem e conserva comido, communica a todos os que o comem. E assim todos, por mais e mais que sejam, ficam não já muitos, senão um só: *Qui manducat.*

VIII

Com esta união (nobreza illustrissima de Portugal) com esta união tão unida e tão uma, ficarão gloriosamente satisfeitas as justas queixas daquelle segundo, posto que não pertendido aggravo. E o mesmo aggravado Senhor ficará tão servido e tão obrigado em quanto o commungamos nesta meza, quão satisfeito e quão agradecido nos está em quanto o veneramos naquelle altar. Com esta união tão unida e tão uma, ficaremos todos, não só unidos, senão aúnados com Christo, entre nós, e comnosco: unidos pela união: *In me manet, et ego in illo:* e aúnados pela unidade: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem.*

E vós, Senhor (que não quero exhortar aos homens, senão orar-vos e pedir-vos a vós): vós, Senhor, que nesse throno ardente de vosso mais subido amôr todo sois unidade, e todo sois união; vós que em todas as vossas obras mostrastes a efficacia e suavidade de vossa omnipotencia em unir os extremos de maior difficuldade e resistencia: vós que nas obras da creação unistes extremos tão oppostos como corpo e espirito: vós que nas obras da redempção unistes extremos tão distantes como homem e Deus: vós que nas obras da justificação unistes extremos tão desproporcionados como natureza e graça: com a graça, com a efficacia e com a suavidade desse omnipotente mysterio vencei as repugnancias de nossos affectos, abrandae a dureza de nossos corações, dobrae a resistencia de nossas vontades, e quebrantae a rebeldia de nossos vãos e mal entendidos juizos. Domae, abatei, sujeitae, e ponde rendido a vossos pés tudo aquillo que póde impedir a verdadeira concordia e união deste reino todo vosso; para que unidos o defendamos, unidos o conservemos, unidos logremos nelle os argumentos

e felicidades, que lhe tendes promettido: e unidos finalmente vos sirvamos, e recebamos de tal modo nesse soberano mysterio, que conservando sempre inteira e perfeita unidade em vós, e commosco, na terra perpetuamente vos louvemos em união de graça, e no céu eternamente vos gozemos em união de gloria. ***Ad quam, etc.***

SERMÃO

DA

DOMINGA DECIMA-SEXTA

POST PENTECOSTEN

Recumbe in novissimo loco. [1]

I

Todas as vezes que o Filho de Deus se assentou á meza dos homens, sempre foi o melhor prato a sua doutrina. Comia o que regulava a temperança, e ensinava o que dictava a prudencia. A materia era a que lhe dava a occasião, e elle sobre a occasião estendia, illustrava, e definia a materia. Os documentos todos eram divinos, e não só moraes, senão ainda politicos. E digo moraes e politicos, porque tal foi a doutrina do presente Evangelho. Os que então com nome auctorisado, e hoje com significação odiosa, se chamam phariseus, eram os Religiosos daquelle tempo. Diz pois o Evangelista S. Lucas, que convidando um principe dos phariseus, isto é, um prelado daquelles Religiosos, a Christo Redemptor nosso, para que quizesse honrar a sua meza em um dia de festa, que era o sabbado, acceitou o benignissimo Senhor o convite. Acceitou, posto que não faltava quem murmurasse o acceitar. Parecia-lhes aos murmuradores, que similhantes convites eram menos conformes á austeridade da vida, e á auctoridade e profissão de um Mestre descido do céu. Mas a

---

* A fórma de argumentação seguida n'este discurso é uma das mais oratorias e que produzem melhor effeito, commenta o padre Honorati.

[1] *Luc.*, XIV.

razão que o Senhor tinha para se não escusar, mostravam depois os effeitos muito diversos, e de outra mais levantada esphera, como tambem se viu no caso presente.

A tenção dos phariseus era pharisaica; porque lhe armaram a Christo com um hydropico, a vêr se o curava naquelle dia, para o poderem calumniar de quebrantador do sabbado: *Sabbato manducare panem, et ipsi observant eum.* [1] Não os levou alli a observancia, senão a observação: não a observancia do dia, mas a observação do convidado. E que fez o Senhor, que lhes conhecia os corações? Acceitou a meza como um homem, dissimulou a malicia como Deus; e no que obrou como Deus, e reprehendeu e ensinou como Mestre, mostrou que era Deus e homem. Curou ao hydropico, e depois tratou de os curar a elles: ao hydropico, tocando-o com a mão, e a elles pondo-lhes as mãos, e muito bem postas. Não ha vicio mais descortez, que a soberba, nem mais descomedido, que a ambição. Como carece da modestia por dentro, tambem lhe falta a urbanidade por fóra. Não diz o Evangelista o logar que déssem na meza a Christo: mas diz que os convidados sem cortezia, nem urbanidade, todos procuravam, e ainda contendiam sobre os primeiros logares. Esta foi a occasião, e este o ponto da doutrina, por isso moral, e juntamente politico.

Fez Deus este mundo em fórma circular, como a meza ou taboia redonda dos Pares de França, para evitar a contenda dos logares, não sendo justo, que desigualasse o logar os que tinha feito eguaes a natureza. Mas como a soberba e ambição pervertesse a egualdade desta ordem, com outra ordem desordenada de primeiros, segundos, até ultimos logares, e os phariseus na meza affectassem os primeiros: este foi o vicio que o Senhor observou nos seus observadores. *Intendens, quomodo primos accubitos eligerent:* [2] Olhava (diz o Evangelista) com particular attenção para o que faziam os convidados, e para o modo com que o faziam: o que faziam, era tomarem por propria eleição os primeiros logares: *primos accubitus;* e o modo com que o faziam: *quomodo*, era intro-

[1] *Luc.*, XIV, 1.
[2] *Ibid.*, XIV, 7.

duzindo-se nelles sem nenhum modo de modestia, respeito, nem cortezia. Na eleição dos logares notava-os o Senhor de pouco juizo, e no modo de cada um se preferir, e antepôr aos outros, de pouca urbanidade: e estes dois desprimores nascidos ambos do mesmo vicio da ambição e soberba, reprehendeu e emendou o soberano Mestre tambem com um só documento: *Cùm vocatus fueris ad nuptias, recumbe in novissimo loco:* [1] Quando fordes convidado á casa e á meza alheia, não deveis tomar os primeiros logares, senão o ultimo. E porque? Porque não succeda vir o senhor da casa, a quem pertence a repartição dos logares, e vos mande levantar do que tomastes, e o dê a outro melhor, e mais honrado que vós. Então vos achareis com affronta no ultimo logar, porque fostes tão descomedido, que vos atrevestes a tomar o primeiro: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere.* [2]

Esta foi a historia daquelle caso e daquelle dia, a que o mesmo Evangelista tambem chama parabola: *Dicebat autem et ad invitatos parabolam.* Mas se era historia, como era parabola? Tudo era. Era historia quanto ao successo, e era parabola quanto á doutrina. Quanto ao successo, era historia particular para os presentes; e quanto á doutrina, era parabola universal para todos. A todos e a cada um prega hoje Christo: *Recumbe in novissimo loco.* E haverá neste mundo quem escolha por propria eleição, e se contente com o ultimo logar? Difficultoso ponto para se entender, e muito mais difficultoso para se persuadir. Por isso tomei por thema esta unica e admiravel sentença, e ella só será toda a materia do meu discurso. *Ave Maria.*

II

Recumbe in novissimo loco.

Todo o homem neste mundo deseja melhorar de logar. E nenhum se acha em tal posto, por levantado e accomodado que seja, que não procure subir a ou-

[1] *Luc.*, XIV, 10.
[2] *Ibid.*, 9.

tro melhor. E' propria esta inclinação da natureza racional, como se fôra razão, e não appetite. Primeiro nasceu no céu com os primeiros racionaes, que são os Anjos, e depois se propagou na terra com os segundos, que somos os homens. Lucifer no céu tendo a suprema cadeira entre as Gerarchias, não aquietou naquelle logar, e quiz egualar o seu com o do mesmo Deus: *Exaltabo solium meum; similis ero Altissimo.* [1] Adão na terra tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos, não coube nem se contentou com um imperio tão vasto, e em uma côrte tão deliciosa como o Paraiso: tambem quiz melhorar de logar: *Eritis sicut dii.* [2] E que filho ha deste primeiro pae, de que todos nascemos, que não herdasse delle a altiveza sempre inquieta desta mesma paixão? O lettrado, o soldado, o fidalgo, o titulo, o de grande nome, e o que não tem nome, com o cuidado e desejo nunca jámais satisfeito nem socegado, todos trabalham, e se desvelam por adiantar e melhorar de logar. Só parece que deviam viver isentos de similhante sujeição os que deixaram o mundo, e professam o desprezo delle; mas lá os segue e sujeita o mesmo mundo a que lhe paguem este duro, e voluntario tributo.

Coisa foi digna de admiração, que os Discipulos de Christo, antes de descer sobre elles o Espirito Santo, contendessem sobre qual era o maior: *Quis eorum videretur esse major?* [3] A occasião, porém, e o motivo desta contenda ainda é muito mais admiravel. E qual foi? Acabava o Senhor de lhes revelar que ia a Jérusalem a morrer, e no mesmo ponto contenderam todos sobre a maioria: porque logo aspirou cada um a lhe succeder no logar. Do imperador Trajano disse Plinio, que ninguem o conhecia tão pouco a elle, nem se conhecia tão pouco a si que tivesse ousadia de lhe succeder: *Nemo est tam tui, quàm ignarus sui, ut locum ipsum post te concupiscat.* [4] E tiveram atrevimento doze pescadores, para quererem succeder ao mesmo Filho de Deus, e lhe pleitear o logar ainda em vida.

---

[1] *Isai.*, XIV, 13 e 14.
[2] *Genes.*, III, 5.
[3] *Luc.*, XXII, 24.
[4] Plin. in Panegy.

III

Para refutar e convencer este abuso universal, não só das guerras e competencias, mas ainda das pertenções pacificas do melhor logar; não deixarei de referir primeiro tres opiniões, ou supposições tiradas da sagrada Escriptura, as quaes não só condemnam esta ambição tão profundamente arraigada nos corações humanos, mas totalmente cortam as raizes a toda a nossa questão. A primeira nega absolutamente o que suppomos, e diz que não ha logares. Porque? Porque tudo isto que no mundo se chama logar, por alto e levantado que pareça, bem examinado, é nada: *Vidi impium superexaltatum, et elevatum sicut cedros Libani: transivi, et ecce non erat, et non est inventus locus ejus:* [1] Vi ao ambicioso, diz David, levantado sobre os outros homens, como os cedros do Libano sobre as outras arvores: dei dois passos adiante, e quando voltei os olhos para o tornar a vêr, já o não achei a elle, nem ao seu logar. Aqui está o ponto da admiração: *Et non est inventus locus ejus.* Que David a tão poucos passos não achasse ao ambicioso que tinha visto tão levantado, a ninguem deve admirar, porque para fazer similhantes mudanças, nem a morte, nem a fortuna hão mister muito tempo. Não o achou, *et non erat*, porque, ou tinha cahido do estado, ou tinha acabado a vida: mas que não achasse David o logar onde o tinha visto, *non est inventus locus ejus?* Sim, responde Carthusiano, e o prova Aristoteles: *Locus enim et locatum sunt simul, secundùm philosophum, subtracto ergo locato, et locus non manet.* O logar, e quem está nelle, segundo a verdadeira philosophia, são tão reciprocamente dependentes um do outro, que faltando o que estava no logar, nem elle, nem o mesmo logar podem subsistir: e por isso disse bem David, que tanto que desappareceu o ambicioso e poderoso, nem a elle o póde vêr, nem achar o logar onde estivera: *Et non est inventus locus ejus.*

E se esta consequencia é verdadeira no logar que chamam physico, no logar moral de que fallamos,

[1] *Psal.*, XXXVI, 35 e 36.

ainda é mais certa, segundo a definição do mesmo philosopho. Aristoteles, definindo o logar, diz que é a superfície ambiente do que está nelle. E quando o logar não é o ambiente do homem, senão o homem o ambiente do logar, como no nosso caso; muito melhor se segue, que faltando a superfície ao chamado logar, nem é logar, nem coisa alguma. E se não é coisa alguma, como o havia de achar David? Mas tornemos a apertar mais esta proposição, pois o mesmo David no mesmo plano a repete duas vezes: uma vez dizendo que buscou, e não achou o logar: *Quæsivi, et non est inventus locus ejus;* [1] e outra vez dizendo, que se nós o buscarmos, tambem o não acharemos: *Quæres locum ejus, et non invenies.* [2] Pergunto: Este mesmo logar que David buscou, e não achou, não é o mesmo que o ambicioso occupou antes de morrer ou cahir? Sim. E este logar que occupou antes de morrer ou cahir, não é o mesmo que herdou, ou pertendeu antes de o occupar? Sim tambem: pois se pertendido, occupado e deixado, era o mesmo logar, porque o não achou David depois de deixado? Porque depois de deixado, era o mesmo que d'antes tinha sido; e pertendido, possuido e deixado, sempre foi nada. Elegante, e doutamente Hugo Cardeal: *Non est inventus locus ejus: quòd sua dignitas nulla erat, et suum esse non esse erat.* Não se achou o logar do que estava levantado como os cedros do Libano, porque o ser dos que neste mundo se chamam logares, não é ser, é não ser: *Suum esse non esse erat.* E se os mesmos chamados logares, ou pertendidos, ou possuidos, ou deixados, não são coisa alguma; bem se conclue que neste mundo não ha logares. E isto que não é, nem ha, é o que com tanto desvelo amam e buscam os pertendentes da vaidade, e da mentira: *Ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?* [3]

A segunda supposição, seguindo o sentimento vulgar e commum, admitte que no mundo ha logares; mas nega que haja logar melhor. E porque? Porque a melhoria não está no logar, senão na pessoa que o occupa. Por alto ou baixo que seja o logar, se sois

---

[1] *Psal.* XXXVI.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Psal.*, IV, 3.

bom, será o vosso logar bom, e se sois melhor, será melhor; mas se fordes máu e peior, tambem será máu, e mais que máu o vosso logar. Diz Christo Senhor nosso, que sobre a cadeira de Moysés se assentaram os Escribas e Phariseus: *Super cathedram Moysi sederunt Scribæ, et Pharisæi.* [1] E quem foi Moysés, e quem eram os Escribas e Phariseus? Moysés foi o maior santo do seu tempo, e os Escribas e Phariseus eram os mais máus homens do seu. Pois se estavam assentados na mesma cadeira de Moysés, porque não eram como elle? Porque os homens são os que dão a bondade ou melhoria aos logares, e não os logares aos homens. Se fordes bom, ainda que a cadeira seja dos Escribas e Phariseus, será bom o vosso logar; e se fordes máu, ainda que a cadeira seja de Moysés, nem por isso o vosso logar será bom. Que melhor logar que o céu e o paraizo? E nem o céu fez bom a Lucifer, nem o paraizo fez bom a Adão. Jeremias tão bom era no carcere como no pulpito; e Job tão bom no muladar como no seu palacio. Melhor logar era no mar o navio, que o ventre da baleia, e Jonas foi melhor no ventre da baleia que no navio. Assim que, os logares por si mesmos não são máus nem bons, nem ha logar melhor ou peior. O logar que hoje tem S. Mathias, não foi o mesmo de Judas? O mesmo, e não outro. Se fordes como Judas, não vos ha de fazer bom o logar de S. Mathias, e se fôrdes como S. Mathias, não vos ha de fazer máu o logar de Judas. Se quereis ter o melhor logar de todos, fazei por ser o melhor de todos, e logo o vosso logar, qualquer que seja, será tambem o melhor. Mas todos querem melhorar de logar, e ninguem quer melhorar de vida. Succede-lhes aos ambiciosos, o que aos peregrinos, diz Socrates. O peregrino sempre anda mudando de logar em logar, e nunca melhora, porque sempre se leva a si comsigo: *Quia miraris nihil tibi peregrinationes prodesse, cùm te circumferas?* [2] Como quereis melhorar de logar, se vos levaes a vós comvosco? Deixae-vos a vós, e como vós fordes outro, logo o vosso logar será melhor. Se sois o mesmo, ainda que subaes ao pinaculo do Templo, nunca sahireis do logar

[1] *Matth.*, XXIII, 2.
[2] *Apud Senec.*, lib. 3. Ep. 38.

onde estaes; e se fordes outro, e muito outro, sem sahir do logar onde estaes, vos vereis subido ao mais alto do Templo. Em conclusão, que não ha logares melhores nem peiores, para que ninguem se descontente do seu, senão de si.

A terceira supposição admitte melhores logares; mas diz que estes só os ha no céu, e não na terra. E porque? Porque todos os logares da terra, por melhores que sejam ou pareçam, mais são alheios que nossos, mais para os deixar que para os possuir, mais para os perder que para os lograr. Os logares da terra são passagem, só o do céu é assento: os da terra são de poucos dias, o do céu ha de durar para sempre. Quando Christo Senhor nosso partiu deste mundo para o céu, a razão com que consolou aos Apostolos saudosos de sua ausencia, foi, dizendo que ia adiante a preparar-lhes o logar: *Vado parare vobis locum;* [1] sendo porém o motivo desta consolação o logar, mais perto estavam os logares em que o Senhor os deixava, que o logar que lhes havia de preparar; porque sendo este futuro e distante, parece que vinha a ser consolar uma ausencia com outra. Naquella ultima hora em que Jacob morrendo se apartou de seus filhos (que tambem eram doze) a consolação com que lhes enxugou as lagrimas, foi a repartição das terras em que os deixava accomodados a todos. E se para os doze Patriarchas eram motivo de consolação na ausencia de seu pae tão pequenos logares da terra, quaes podiam caber a cada um dividida a Judéa em doze partes; quanto maior podia ser para os Apostolos todo o mundo, quão grande é repartido entre elles? Diga pois Christo a Pedro, que lhe deixa Roma e a Italia, diga a Jacobo, que lhe deixa as Hespanhas, a João a Asia, a André a Grecia, a Filippe a Sythia, a Bartholomeu a Armenia, a Mattheus a Ethiopia, a Thomé a India, a Simão o Egypto, a Thadeu a Arabia e a Persia, e ao outro Jacobo, o Menor, Jérusalem e a mesma Judéa de que era cabeça. Pois se eram tão immensamente grandes os logares em que Christo deixava aos seus Apostolos, e com tão suprema dignidade e jurisdição sobre todos elles; porque os não consola o Senhor com a consideração destes logares presentes,

[1] *Joan.*, XIV, 2.

senão com o logar futuro que lhes ia preparar? Porque este era logar no céu, os outros na terra. E nesta só palavra se encerram ambas as razões que no principio apontámos. Os logares da terra são passagem, o do céu é assento. Por isso quando S. Pedro perguntou a Christo: *Quid ergo erit nobis?* [1] O que o Senhor lhe respondeu, foi: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël.* [2] Não lhes respondeu ás barcas e redes que tinham deixado, com as dignidades que haviam de ter neste mundo, senão com as cadeiras em que se haviam de assentar no dia do Juizo; porque só o de que se ha de tomar posse naquelle dia tem assento, o de cá tudo é passagem. E porque mais? Porque só o logar que então nos couber é nosso, e os desta vida mais são alheios que proprios, por mais larga que seja a mesma vida. Ninguem logrou, nem ha de lograr o Pontificado mais annos que S. Pedro, e comtudo já tem succedido no mesmo logar duzentos e trinta e sete Pontifices, e não se sabe quantos virão depois: para que vejaes se era mais alheio que seu. Só é nosso, ou seja no céu ou fóra delle, o logar que houvermos de ter para sempre. Esse foi o documento e energia tremenda com que o mesmo principe dos Apostolos, disse que Judas perdera o apostolado; para que? *Ut abiret in locum suum;* [3] para ir ao logar que era seu. O que teve neste mundo e entre os Apostolos, era alheio, porque era de S. Mathias, e dos que lhe haviam de succeder; o que tem no inferno entre dois demonios, esse era o seu, porque esse é o que ha de durar por toda a eternidade. E se isto succedeu a um homem chamado por Deus, e eleito por Christo, onde irão parar as negociações, os subornos, as adulações, e as simonias com que se procuram e alcançam os logares que hão de durar poucos dias, sem memoria da eternidade, nem temor da conta?

---

[1] *Math.*, XIX, 27.
[2] *Ibid.*, 28.
[3] *Act.*, I, 25.

IV

Estes são os tres fundamentos, ou as tres suppositções geraes, com que não só se impugna a ambição dos melhores logares, mas se cortam as raizes a quanto ella deseja. Porque a primira, como vimos, diz absolutamente que não ha logares: a segunda concede que ha logares, mas nega haver algum que seja melhor: a terceira defende que ha logar e melhor logar, mas não na terra, senão no céu. Isto posto com razão, e tambem com curiosidade estarão esperando todos qual destas partes é a que eu pertendo persuadir. Primeiramente respondo que nenhuma dellas. Porque contra a primeira, sigo que ha logares, contra a segunda, que ha logar melhor, e contra a terceira, que este melhor logar não está no céu, (de que agora não fallo) senão na terra. Admittindo pois com o commum sentimento que ha logares, e uns melhores que outros, o que pertendo hoje declarar, é: entre todos os logares do mundo qual seja o melhor. Não póde haver materia mais digna de toda a attenção, e tanto mais, quanto já cada um a tem resoluto comsigo, e lhe parece sem controversia. No Evangelho temos o parecer dos phariseus, e o conselho de Christo. Os phariseus teem para si que o melhor logar do mundo é o primeiro: *Quomodo primos accubitus eligerent.* Christo pelo contrario aconselha que tomemos o ultimo logar: *Recumbe in novissimo loco.* E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, não se póde contrariar, e a dos phariseus, por ser dos phariseus, parece que já está convencida; com tudo a de Christo todos a rejeitam, e a dos phariseus todos a seguem. Assim o vemos hoje, e já em seu tempo, com ser tão visinho ao de Christo, o provava com a experiencia Tertulliano: *Ad primum locum certamen omnium contendit: secundum solamen habet, victoriam non habet.* O desejo, a pertenção, e a vontade de todos os homens, é sobre quem ha de levar o primeiro logar, e tão porfiada e unicamente o primeiro, que o segundo logar, ainda que seja alguma consolação, de nenhum modo é victoria. E se ninguem se contenta com o segundo logar, porque não é o primeiro, posto que acima de si veja um só, e abaixo de si todos os outros, quem haverá

que se contente com o ultimo? Nos famosos jogos olympicos que se celebravam na Grecia, e eram provocados á contenda todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos e terceiros premios: e comtudo diz S. Paulo que um só levava o premio: *Omnes in stadio currunt, sed unus accipit bravium;* [1] porque o premio a que todos aspiravam era o primeiro, e só os que se adiantavam na carreira aos demais, e conseguiam o primeiro logar, eram os estimados por vencedores, e laureados com a corôa. E se S. Paulo depois de Christo, e escrevendo a christãos, quaes eram os Corinthios, lhes propõe este exemplo, posto que nascido entre os gentios, quem se atreverá a persuadir a qualquer homem, que o melhor logar é o ultimo? Digo a persuadir, e não a crêr, porque basta ser conselho de Christo para que o creamos. Mas este ponto que não persuade a fé, como o persuadirá a razão?

Ora esta será hoje a minha empreza: demonstrar a todos os homens, que o melhor logar do mundo é o ultimo: e não só para a outra vida, senão para esta: nem só para a virtude, senão para a commodidade: nem só para a mortificação, senão para o gosto; nem só para a humildade, senão para a honra. E tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco.*

V

A primeira prerogativa do ultimo logar é ser muito facil de conseguir. Aos outros logares, ainda que não sejam os mais altos, chega-se tarde e com difficuldade: ao ultimo, logo e facilmente. Não é mais difficultoso o subir que o descer? Pois esta é a razão ainda natural da grande facilidade com que o ultimo logar se consegue. Aos outros caminha-se a passo lento, subindo; ao ultimo, quasi sem dar passo, descendo. Quando el-rei Ezechias desejou que Deus lhe confirmasse os annos de vida que lhe promettera, com algum milagre, poz o propheta Isaias na eleição do mesmo rei, que escolhesse um de dois: ou que o sol

[1] *1.ª ad Corinth.*, IX, 24.

descesse dez linhas, ou que subisse outras tantas. E porque estando Ezechias na cama não podia vêr o sol, e só podia vêr a sombra no relogio do palacio, que desde a mesma cama se descobria, foi a proposta esta: *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?* [1] Quer vossa magestade que a sombra suba, ou que desça dez linhas? A mesma proposta, conforme o sitio em que o sol se achava naquella hora, mostrava bem que não seria menos milagre o de descerem as sombras, que o de subirem. Comtudo o rei sem mais especulação respondeu em continente, que não queria que descessem, senão que subissem, dando por razão que o descer era facil: *Facile est umbram crescere decem lineis; nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus* [2] Assim respondeu Ezechias, não como mathematico, segundo a observação particular daquelle caso, mas como prudente principe, e tão amigo da fama como da vida, segundo as regras geraes da experiencia; e disse bem. O seu intento era acreditar o milagre pela difficuldade do movimento do sol, e por isso disse com tanta resolução, que não queria que descesse, senão que subisse, porque natural e experimentalmente tão difficultoso é sempre o subir, como facil o descer. A setta para subir, segue violentamente as forças do arco e do impulso, mas para descer não tem necessidade de braço alheio, a mesma natureza a leva sem violencia ao baixo, e quanto mais baixo, tanto mais depressa. A barquinha posta na vêa do rio, com a vela tomada e os remos recolhidos, levada só do impeto da corrente como em hombros alheios, tão descançadamente desce, como apressada. Pelo contrario, ao subir pelo mesmo rio acima, seja o vento embora tão forte que quasi rebente as velas, e os remeiros tão robustos que quebrem os remos, mais é a agua que suam que a que vencem. Nós mesmos para subir a um monte, é com tanta difficuldade e molestia, que a propria respiração se cança e se aperta, mas para descer ao fundo do valle o mesmo pezo do corpo o ajuda, aligeira e move: e mais levados que andando, chegamos sem cançar ao logar mais baixo

[1] *4.º Livr. dos Reis*, xx, 9.
[2] *Ibid.*, 10.

e ultimo. Tão facil é o descer, e tão difficultoso o subir!

Digam agora os que subiram aos primeiros logares, quão difficultosamente subiram. A setta nos deu o exemplo no ar, a barquinha na agua, e nós mesmos na terra; mas nas côrtes, que são outro quarto elemento mais cheio de impedimentos e difficuldades, ainda é mais trabalhoso o subir. Tambem o podem dizer os que cançados da mesma subida tomaram por melhor conselho o parar; e muito mais os que depois dos trabalhos e molestias do subir, em vez de conseguir o logar, só alcançaram, e tarde, o desengano. Não assim o pertendente do que ninguem pertende, e o estimador do que ninguem estima, o qual contente com o ultimo logar, para descer com a setta não ha mister arco, para descer com a barquinha não ha mister remo, e para descer com o homem, e como homem, quasi não ha mister pés nem passos. As azas do favor, os impulsos do poder, e os cuidados da diligencia, tudo para elle são desprezos e riso; e quando os outros chegam cançados aos primeiros logares, onde hão de começar a cançar de novo, elle descançado se acha no ultimo, onde só repousa o verdadeiro descanço.

Não acho exemplo desta inclinação e desta facilidade entre os homens, porque a sua natural ambição mais os leva a subir pelo difficultoso que a descer pelo facil. Mas se elles se lembrarem da facilidade e felicidade com que a pedra de Daniel desceu do monte e derrubou a estatua de Nabuco, e trocou com ella o seu logar, de que a fez desapparecer com todos seus metaes: *Nullusque locus inventus est eis;* [1] naquelle espelho tosco e insensivel, verão estes mesmos dois erros do seu mal polido juizo. Desceu a pedra do monte, e não bateu a cabeça, nem os peitos, senão os pés da estatua, onde parou; porque este era o logar ultimo e o mais baixo, aonde a levava o pezo da sua natural inclinação. E nota e pondera muito o Texto, que a mesma pedra se arrancou e desceu do cume do monte sem mãos: *Abscissus lapis sine manibus.* [2] Porque? Porque esta é a facilidade e diffe-

[1] *Daniel*, II, 35.
[2] *Ibid.*, 34.

rença com que se desce ao logar mais baixo, e se não póde subir ao alto. Aquella pedra não era pequena, como commummente se cuida, senão muito grande. Tão grande, que sendo a estatura da estatua de sessenta covados, e os pés e espaço entre um e outro iguaes a esta grandeza, ella com o mesmo golpe os alcançou, e bateu a ambos. Agora pergunto: e quantas mãos, e quantas machinas seriam necessarias para subir esta grande pedra ao mesmo logar do monte d'onde tinha nascido? Mas onde não podia subir senão com muitas mãos e muitas machinas, ella desceu por si mesma sem necessidade de mãos proprias nem alheias: *sine manibus*. Oh cegueira da ambição humana! Dizei-me quantas mãos beijaes, dizei-me quantas mãos encheis, dizei-me quantas machinas fabricaes, para vos alar aonde quereis subir? E dizei-me tambem, quantas vezes desarmam em vão essas mesmas machinas, e essas mãos beijadas e cheias, quantas vezes vos deixam com as vossas vazias: porque elles alcançaram o que pertendiam de vós e não vos o que esperaveis delles. A pedra não derrubou a estatua para subir (como vós fazeis) pelas ruinas alheias; mas o logar que ella como soberba pisava, e tinha debaixo dos pés, esse mesmo, por ser o mais baixo e o ultimo, é o que tomou para si a pedra, e nelle descançou como em proprio centro.

Infinita coisa fôra se houvessemos de pôr em parallelo as difficuldades dos primeiros logares, e a facilidade do ultimo. Os logares que dependem da vontade e poder alheio, ou os distribue a justiça, ou são indulgencias da graça. Para a justiça é necessario o merecimento, para a graça é necessario o favor. E bastam estas duas coisas tão difficultosas de ajuntar? Não bastam. Abel tinha o merecimento e o favor, e o mesmo merecimento e favor foram o motivo de Caïn seu irmão lhe tirar a vida. Pois se com o merecimento e com o favor, o logar que veio a alcançar Abel foi o primeiro entre os mortos, não é melhor ter o ultimo entre os vivos, sem o trabalho de o merecer, nem o perigo de o não lograr? E se isto acouteceu nos tempos em que os homens se matavam sem ferro, e a graça e o favor se alcançava sem oiro, que será no tempo presente? Depois que as dignidades se fizeram venaes, os logares mais se alugam do que se alcançam; e não se dão a quem melhor os merece, senão

a quem mais caros os compra. O que se busca nos homens, são os que antigamente se chamavam talentos; e os que hoje teem o mesmo nome, se não estão engastados no mesmo metal, por singulares que sejam, não teem preço. Só o ultimo logar, porque não tem compradores, se não vende, e por isso só elle se consegue sem cabedal, e se logra sem despeza.

Considerae e medi bem os degráus, uns tão altos, outros tão baixos, por onde tropeçando, ajoelhando, e cahindo, ou se perde a pertenção, ou se chega finalmente a tomar posse do logar pertendido; e vereis quanto mais custa o alcançar que o merecer. A David para merecer, bastou-lhe derrubar um philistheu; mas para alcançar o merecido, foi-lhe necessario vencer a duzentos. E que ministro ha, ou official de ministro, que mais pelo inteiriçado que pelo inteiro, não seja um philistheu carrancudo e armado? Estaturas tão desmesuradas debalde as conquistareis com mesuras, que já se acabou o tempo em que os negocios se adiantavam com fazer pés atraz. As habilitações de pessoa, a fé dos officios, as certidões dos serviços, e a justificação das certidões, tudo não tem tantas lettras, quantas são as difficuldades com que nellas topam, e sempre a sorte é sua, e vosso o azar. Aos menores haveis de dar, que é menos, aos maiores haveis de pedir e rogar, que, em quem tem honra, é muito mais; ficando pendente a vossa esperança do seu agrado, e da hora e humor com que fostes ouvido. Nos conselheiros haveis de sollicitar a consulta, nos secretarios a penna, e no principe não só a resolução, mas na resolução o effeito; para que tudo, depois de pagar os direitos, não venha a ser uma folha de papel sellada com as armas reaes, as quaes haveis de conquistar de novo, para que chegue a ser alguma coisa o que ainda depois do despacho é nada. Emfim, que estes são os difficultosos e cançados degráus por onde sóbem, quando não cahem, os que alcançam os primeiros logares; e só aquelle que se contenta com o ultimo, nem serve, nem requere, nem pleitea, nem adula, nem roga, nem paga, nem deve, e sem depender de ministros, nem de tribunaes, nem do mesmo rei, elle é o que se consulta, e elle o que se faz a mercê, porque se despacha a si mesmo. E que podendo-me eu despachar a mim, haja de requerer diante de outrem? Não é mais facil o querer, que o requerer? Ouvi o

justa exclamação de S. Bernardo neste mesmo caso: *O perversitas! ó abusio filiorum Adam! quia cum ascendere difficillimum sit, descendere autem facillimum; ipsi et leviter ascendunt, et difficilius descendunt!* [1] Oh perversidade, oh abuso dos filhos de Adão! Que sendo difficultosissimo o subir, e facilimo o descer, elles perverlendo as leis da razão e da natureza, antes querem subir com difficuldade e trabalho, que descer com facilidade e descanço. E notae, que é tanta a facilidade e o descanço, que só fez Christo menção do descançar, não do descer. Não disse como a Zacheu: *descende*, senão, *recumbe;* porque o descer, ainda que facil, demanda passos, e o *recumbe*, que é estar recostado, como os Hebreus estavam á meza, só significa descanço com gosto, e sem trabalho: *Recumbe in novissimo loco.*

VI

A segunda prerogativa do ultimo logar é ser o mais seguro. Os outros logares quanto mais altos, tanto menos segurança teem: e a sua mesma altura é o prognostico certo da sua ruina. Não quero que vejamos esta pouca segurança em outro logar, senão naquelle mesmo que por ser o mais firme do mundo, lhe poz Deus o nome de firmamento. Annunciando Christo Senhor nosso os signaes do dia do Juizo, diz que o sol se escurecerá, que a lua não dará a sua luz, e que as estrellas cahirão do céu: *Sol obscurabitur, et luna non dabit lumen suum, et stellæ cadent de cœlo.* [2] Sobre este cahir das estrellas se dividem os Interpretes em muito differentes exposições: porque suppoem que estando as estrellas fixas no céu, e sendo o céu incorruptivel, não é possivel cahirem propriamente. Mas a mim (diz Maldonado discretamente) quando Aristoteles nega o que Christo affirma, parece-me que antes devo crêr a Christo, que a Aristoteles: *Magis enim Christo id affirmanti, quàm Aristoteli neganti fieri posse, credendum esse arbitror.* Supposto pois

[1] *Bernar. Serm., 2. de Ascens.*
[2] *Math.*, XXIV, 29.

que as estrellas verdadeira e propriamente hão de cahir, e o sol e a lua escurecer-se sómente: porque se não escurecem todos, ou caem todos? Que culpa, ou que causa teem as estrellas, para serem ellas só as que hão de cahir? Teem a culpa que tiveram desde que foram collocadas no céu, que é ser o seu logar o mais alto. A lua está no primeiro céu, o sol no quarto, as estrellas no oitavo, que é dos que alcança a nossa vista o supremo: e não é necessaria outra culpa, ou causa para serem ellas as que hão de cahir. Em todos os tres signaes seguiu Christo a natureza dos logares. No eclipse da lua seguiu a natureza do logar, porque no primeiro céu naturalmente a eclipsa a terra: no eclipse do sol seguiu a natureza do logar, porque no quarto céu naturalmente o eclipsa a lua; e no cahir das estrellas tambem seguiu a natureza do logar, porque no oitavo céu, sendo este o mais alto, tambem é natural o cahir.

Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio. Todo o logar mais alto que os outros, está sempre ameaçando a propria ruina, sem outra causa ou culpa, que o ser mais alto. Que culpa teem as torres e os montes para serem elles ameaçados dos trovões, e os feridos dos raios? Nenhuma outra senão a sua propria altura, e serem os logares mais levantados da terra. Parece que se dá por offendido o céu de se avisinharem mais a elle, como se todas as torres foram de Babel, e todos os montes os dos Gigantes. Quando Christo para nos dar exemplo se desafiou com o demonio, a primeira eleição do logar foi sua, provocando-o ao deserto: *Ductus est in desertum, ut tentaretur à diabolo.* [1] Mas a segunda e terceira eleição foram do mesmo demonio, levando elle a Christo aos logares que lhe pareceram mais a proposito para a tentação. O primeiro foi a torre do Templo de Jérusalem: *Assumpsit eum in sanctam civitatem, et statuit eum super pinnaculum Templi.* [2] O segundo foi um monte, o mais levantado que havia naquelle districto: *Iterum assumpsit eum in montem excelsum valdè.* [3] E porque razão a uma torre, e a um monte?

[1] *Math.*, IV, 1.
[2] *Ibid.*, 5.
[3] *Ibid.*, 8.

Porque em um e outro logar armava a derrubar a Christo. Na torre, sollicitando-o a que se precipitasse: *Mitte te deorsum:* [1] no monte, fazendo-lhe grandes promessas, para que cahisse: *Si cadens adoraveris me.* [2] Os que tanto anhelam á subida de similhantes logares, já que não podem vêr quem os leva, vejam ao menos aonde são levados. A torre era logar ecclesiastico e sagrado; o monte, logar secular e profano: na torre prometteu-lhe o demonio anjos; no monte offereceu-lhe mundos; mas como um e outro logar eram os mais altos, ou as offertas fossem do céu ou da terra, ou na Igreja ou fóra della, ambos eram egualmente os mais perigosos, e os mais aparelhados para a cahida.

Já muito antes tinha ensaiado o demonio esta mesma tragedia em duas grandes figuras de um e outro estado. Daniel era pessoa ecclesiastica dedicada ao serviço de Deus: Aman era ministro secular occupado nos negocios do mundo. Aman tinha o primeiro, e maior logar na côrte d'el-rei Assuero: Daniel tambem o primeiro, e maior na côrte d'el-rei Dario: mas quem é aquelle que na praça da metropole de Suzan, pregado em uma cruz de cincoenta covados, com a mais infame morte está acabando a vida? E' Aman. E quem é aquelle que na famosa cidade de Babylonia, levado por ministros da justiça, é lançado no lago dos leões para morrer despedaçado de suas unhas? E' Daniel. Pois Daniel tão estimado de Dario, e Aman tão valido de Assuero, ambos tão de repente cahidos, e mais sendo tão differentes na vida, como na profissão? Sim. Daniel servia a Deus, Aman servia ao mundo: Daniel era justo e santo, Aman era máo e preverso: mas levantados ao cume dos primeiros logares, nem a Aman lhe valeu a sua industria para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude para se defender da cahida. Mais admiravel foi ainda a de Daniel que a de Aman. Aman cahiu, porque perdeu a graça do rei: Daniel, tendo por si toda a graça do rei, toda ella lhe não bastou para que não cahisse. E parou aqui? Não: livrou Deus milagrosamente a Daniel das garras dos leões; e canonisado seu merecimento com um tão pu-

[1] *Math.*, IV, 6.
[2] *Ibid.*, 9.

blico e estupendo pregão do céu, o rei o restituiu outra vez ao logar que d'antes tinha. Mas o que agora se segue ainda foi maior prodigio. Foram tão poderosas e tão astutas as machinas de seus inimigos, que obrigaram ao mesmo rei a que elle o tornasse a metter no lago, e o entregasse outra vez á fome e voracidade das féras.

Oh bemaventurado, e só bem entendido aquelle que entre todos os logares do mundo sabe escolher um tal logar, do qual ninguem o possa derrubar, nem elle cahir. Dos logares altos é verdade que nem todos cahiram; mas tambem é certo que os mesmos que não cahiram, podiam cahir. E basta o poderem cahir para não estarem seguros. Como póde ser segurança a do mar, se sempre está sujeito á inconstancia dos ventos? Os Latinos teem dois nomes, com que declaram dois generos de segurança muito diversa: *Tutus*, e *securus*. *Tutus* significa a segurança do que não periga; *securus*, a segurança do que não periga, nem póde perigar. O doente que não ha de morrer, está *tutus* na febre aguda; mas não está *securus;* porque não está sem perigo, sem temor, e sem cuidado, que isso quer dizer: *securus*, *hoc est*, *sine cura*. Esta é a energia e elegancia daquella sentença de Seneca: *Scelera tuta esse*, *secura non possunt*. E este genero de segurança segura não só do perigo, senão tambem do temor e do cuidado, a qual nunca póde haver nos logares altos, é a que só se acha no ultimo. Quem está no logar alto, póde não cahir: mas quem está no ultimo não póde cahir, que é só a verdadeira segurança. E porque? Porque se do logar ultimo se pudera cahir, não seria o ultimo. Do logar alto póde-se cahir ao baixo, do baixo póde-se cahir ao infimo; mas do infimo, que é o ultimo, não se póde cahir, porque não ha para onde.

Este foi aquelle evidente argumento com que o Propheta Jeremias consolou a Jérusalem no caso da transmigração de Babylonia. Chorou o Propheta eloquentissimamente aquella transmigração com quatro abecedarios de lastimas, signalando a cada lettra um novo motivo de dôr: e chegando ao ultimo verso, e á ultima lettra, acabou com esta breve sentença: *Filia Sion*, *non addet ultra*, *ut transmigret te*. [1]

[1] *Thren.*, IV, 22.

A tua transmigração, o Jérusalem, foi o *non plus ultra* dos males, que te podia fazer Babylonia. Mas agora, que estás padecendo essa transmigração, tu a deves consolar não com outra coisa, senão com a mesma transmigração: Porque? Porque se ella foi o *non plus ultra* e o ultimo dos males, não póde passar d'ahi: *Non addet ultra, ut transmigret te.* Tão altamente exaggerou Jeremias o mal, quão subtilmente lhe excogitou o allivio. E' propriedade dos males ultimos isentarem de si mesmos a quem opprimem. A morte, que é o ultimo de todos os males, isenta da morte e faz immortaes aos que mata: porque nem ella os póde já matar, nem elles morrer. E este privilegio é o que logra na vida quem conheceu o bem do ultimo logar e se contenta com elle. Antes de se recolher a este fortissimo asylo, póde descer por vontade, póde cahir e póde ser derrubado por força: mas depois de estar no ultimo logar, nem a força alheia, nem a mesma vontade propria, nem todo o poder da fortuna o póde fazer cahir, nem descer. Accrescente a fortuna um degrau além do ultimo, e outro abaixo do infimo, o que Deus não póde fazer) e só então poderá descer quem está no infimo logar, e cahir quem está no ultimo.

Só quem soube fazer esta eleição desarmou a fortuna. Oh que glorioso trophéu! A fortuna despida de suas armas, e ao pé desses despojos aquelle verso: *Major sum quàm cui possuit fortuna nocere.* Assim se desarma a fortuna, que só é forte com as armas que nós lhe damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar e abater: e se eu me contento com o ultimo logar, nem ella me póde levantar, porque não quero, nem abater, porque não póde. Antes digo, que nem abater-me, nem levantar-me póde a fortuna, ainda que queira, porque temos os conceitos trocados. Levantar-me não, segundo o meu conceito, porque o que ella tem por melhor logar, esse é o que eu desprezo. E abater-me tambem não, segundo o seu conceito, porque o que ella tem por peior logar, esse é o que eu estimo. Abra os olhos a fortuna cega, e emende a falsa apparencia dos seus errados conceitos, e só então poderá fazer bem afortunados, tendo pelo melhor logar do mundo não o primeiro e mais alto, senão o mais baixo e ultimo. Só é verdadeiramente bem afortunado, quem não póde cahir;

e só não póde cahir quem não tem para onde. E porque não pareça, que dissimulo a subtileza de uma instancia que tem esta philosophia, dirá alguem que no mesmo logar ultimo, sem haver outro inferior e mais baixo, póde cahir quem está nelle: *Qui se existimat stare, videat ne cadat:* [1] Quem está em pé olhe não cáia: porque quem está em pé póde cahir dentro no mesmo logar, sem cahir para outro. E' o que disse judiciosamente o Poeta: *In se magna ruunt.* Mas esta instancia não tem logar no nosso caso: quem está em pé póde cahir no mesmo logar, mas não quem está deitado; e isso quer dizer, *recumbe.* Os que subiam e desciam pela escada de Jacob podiam cahir, mas elle que jazia ao pé da mesma escada no ultimo logar e deitado, estava seguro de poder cahir, e por isso dormia a somno solto: *Recumbe in novissimo loco.*

VII

A terceira prerogativa do ultimo logar sobre mais facil e mais seguro, é ser tambem o mais quieto, ou só elle quieto. Nesta perpetua roda em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se altera, tudo se muda, tudo está em continua agitação, sem consistencia nem firmeza; nem ha logar algum em que se gose de quietação e socego, senão unicamente o ultimo, e só por ser o ultimo. Opinião foi antiga de muitos philosophos, que não era o sol o que se movia e dava volta ao mundo, senão que permanecendo sempre fixo e immovel, esta terra em que estamos é a que sem nós o sentirmos se move e nos leva comsigo, e quando nos aparta do sol, faz a noite, e quando nol-o torna a mostrar, o dia. Mas esta opinião, ou imaginação mathematica, assim como resuscitou em nossos tempos, assim foi tambem condemnada como erronea, por ser expressamente encontrada com as Escripturas divinas. Do sol diz o Texto sagrado com palavras tão claras como a luz do mesmo sol, que elle é o que dá volta ao mundo, alluniando-o: *Oritur sol, et occidit, gyrat per meridiem, et flectitur ad aquilonem, lustrans universa in circuitu.* [2] E pelo contrario, da ter-

---

[1] *1.ª ad Cor.*, x, 12.
[2] *Eccles.*, i, 5 e 6.

ra diz, que ella está immovel e firme sem se mover, nem haver de mover jámais: *Terra autem in æternum stat.* [1] Pois se o sol, principe dos planetas, se move, e todos os astros e corpos celestes, de dia e de noite estão em perpetuo movimento, e abaixo do céu arrebatada com elle se move a esphera do fogo, e abaixo do fogo o ar e os ventos, e abaixo do ar a agua, ou correndo pepetuamente nos rios e nas fontes, ou indo e tornando ás praias no mar duas vezes no dia, ainda quando as tempestades o não levantam ás estrellas, ou abysmam ás areas; qual é a razão porque a terra no meio de todas estas agitações e tumultos da natureza, só ella está firme e immovel, só ella em perpetua quietação e socego: *Terra autem in æternum stat?* Não vêdes como neste immenso globo do universo só á terra, como centro delle, coube o ultimo logar do mundo? Pois essa é a razão por que só ella no mesmo mundo gosa de quietação e socego: *Causa stabilitatis, et immobilitatis terræ est ejus gravitas, quæ exigit infimum mundi locum*, commenta Cornelio. Em summa, que todos os outros logares, mais ou menos altos, são naturalmente inquietos, e só o infimo, o ultimo e mais baixo de todos, é o assento firme e o centro immovel da segura e perpetua quietação.

Oh se a terra tivera olhos e entendimento, e olhasse cá debaixo para o céu e para tudo o que se move entre o céu e a mesma terra, que contente estaria do seu ultimo logar, e que graças daria por elle ao auctor da natureza, vendo o curso e revolução sempre inquieta do sol, da lua e das estrellas, e a contínua batalha dos elementos, comendo-se uns aos outros, sem paz nem quietação, mas em perpetua conquista de dilatar cada um a propria esphera, e só ella pacifica e quieta por beneficio da ultima baixeza em que Deus a fez a base do mundo, e lhe deu por base o seu proprio centro: *Fundasti terram super stabilitatem suam?* [2] Mas o homem, que é terra com entendimento e olhos, se o mesmo Deus lh'os abriu de maneira que soube não querer outro logar senão o ultimo, elle é o que verdadeiramente logra a quieta paz e pacifica quietação do seu tão feliz como desconhecido estado, sem quem

[1] *Eccles.*, I, 4.
[2] *Psal.*, CIII, 5.

lh'o perturbe, nem altere. Batalhem os outros e comam-se sobre quem ha de subir e alcançar os logares mais altos; que eu (dirá) quanto mais olho para elles, e vejo de fóra os seus perigos e naufragios, tanto mais me satisfaço da minha paz, que das suas batalhas; da minha retirada, que das suas victorias; e da minha segura baixeza, que das suas inquietas alturas. Olhae que bem entenderam a inquietação de todas ellas vivos e mortos. Quando Saül, depois de morto Samuel, o tirou do fundo da terra, e o fez vir a este mundo, posto que por tão breve espaço, a razão porque Samuel se queixou delle não foi outra, senão porque o inquietára: *Quare inquietasti me, ut ascenderem?* [1] E Sidonio Apollinar, refutando o parabem de certo logar eminente a que fôra promovido um seu amigo, escreveu estas notaveis palavras. *Sed sententiæ tali nunquam ego assentior, ut fortunatos putem, qui reipublicæ præcipitibus et lubricis culminibus insistunt, hoc ipso, satis miseriores; quòd parum intelligunt inquietissimo se subjacère famulatui.* [2] Notae a palavra superlativa *inquietissimo*, com que um varão de tão alto juizo como Sidonio, não só chama servidão á dos logares altos, mas inquietissima servidão: *Inquietissimo famulatui.*

As causas naturaes desta inquietação dos logares altos, ou são as competencias dos que os procuram, ou as invejas dos que os desejam, ou o proprio desassocego dos mesmos logares, que ainda depois de adquiridos, nem elles aquietam, nem deixam aquietar a quem está nelles. Quanto ás competencias: porque pelejavam Jacob e Esaü nas entranhas de sua mãe: e Phares e Zarão que lhes succederam, não pelejavam nas entranhas da sua? Porque Jacob e Esaü ambos pertendiam o primeiro logar, e entre Phares e Zarão tão fóra estava de haver a mesma contenda, que tendo Zarão já na mão com a purpura a investidura do primeiro: *hic exiet prior*, tornou a retirar o braço para o dar a Phares. De sorte que nas mesmas entranhas maternas, onde houve dois que competiram sobre o primeiro logar, tudo foram inquietações e batalhas, e onde houve um só que quiz antes o ultimo que o primeiro, tudo foi paz e quietação. Isto quan-

[1] 1.º *Livr. dos Reis*, XXVIII, 15; *Text. Hebr.*
[2] 2.º Sidon Apollinans. Libr. 2.º Epist. 13.

to ás competencias. E quanto ás invejas? Maior caso ainda. Pediram os filhos do Zebedeu as duas cadeiras da mão direita e esquerda do reino de Christo: e com que tenção as pediram? Com tenção, diz S. João Chrysostomo, que S. Pedro, de quem só se temiam, lhes não levasse o primeiro logar ou primazia do reino: *Primatum hujus consessus impetrare, et præponi quidem se cæteris sciebant, Petrum verò sibi præferri formidantes dicere ausi sunt, ut unus à dextris, alter à sinistris sedeat.* [1] Os outros Discipulos, a quem os dois irmãos se viam preferidos, não lhes davam cuidado, e só de Pedro se temiam. Mas se João e Diogo eram os dois mais virtuosos do Apostolado, e os dois maiores amigos de Pedro, como o queriam excluir por esta via? Porque onde entra a inveja e a ambição de logares, não ha virtude nem amizade segura: o maior amigo vos ha de desviar, e o mais virtuoso se ha de introduzir. Os primeiros logares leve-os João e Diogo; e a S. Pedro? Nenhum logar. Por certo que não havia de haver esta inquietação no Apostolado, se o logar fôra o ultimo. O ultimo logar não tem invejosos, nem quem o escolheu por melhor tem que invejar; e onde não ha invejoso nem invejado, tudo está quieto. E basta isto? Não basta. Porque ainda que não haja competencia nem inveja que inquiete os logares altos, é nelles tão natural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se inquietam e a quem está nelles. Lucifer foi creado no céu, d'onde cahiu: *Quomodo cecidisti de cælo Lucifer;* [2] e comtudo dizia a sua ambição que havia de subir ao céu: *Qui dicebas in corde tuo: In cœlum conscendam.* [3] Pois, demonio, se tu estás no céu, como anhelas a subir ao mesmo céu? Como desejas o que já tens? Como pertendes o que já alcançaste? Como te inquieta o que já gozas? Como queres subir onde já subiste, e estar onde já estás? Porque o mesmo logar em que estava o inquietava de sorte, que estando nelle, não podia aquietar nelle. Por isso sem competencia nem inveja de outrem que o derrubasse, elle se derrubou a si mesmo. A Adão derrubou o demonio, ao demonio elle mesmo

[1] *Chrys. Homil. 66 in Math.*
[2] *Isai.*, XIV, 12.
[3] *Ibid.*, 13.

se derrubou, porque tanto o inquietou o logar que tinha, como se o não tivera.

Só o ultimo logar está livre destas inquietações e perigos, e não por outro privilegio ou immunidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamam baixos aquelles em que naufragam os navegantes. Não são baixos, senão os logares mais altos do mar, que em penhascos ou arêas se levantam no meio delle. Por isso nelles naufraga o mesmo mar, e se quebram e espedaçam as ondas. Ditosas as que sem querer sahir nem subir, se deixam estar no seu fundo, que essas só se conservam em paz, e gosam de inteira quietação; e se lá chegam os echos das que perigam e quebram, ellas descançam e dormem ao som das outras. Desta mesma quietação segura e firme, nos dá outro documento a terra naquelles grandes corpos a que concedeu a vida e negou os sentidos. Todas as arvores teem uma parte firme e outra movediça. A firme, que são as raizes, está no baixo; e a movediça, que são os ramos, no alto. Só alli tem jurisdição e imperio, ou a lisonja das virações, ou o açoite dos ventos. Todas na cabeça leves e inquietas, e só no pé seguras e firmes. No alto quebram-se os ramos, voam as folhas, cáem as flôres, e perdem-se antes de amadurecer os fructos; e só no baixo sustentam as raizes o tronco, e nelle as esperanças de recuperar em melhor anno todo o perdido. Oh mal ensinado juizo humano, que nem as plantas insensiveis, nem os elementos sem vida, bastam a te fazer sisudo! Aprende ao menos das creaturas sensitivas, e sejam as menores as que te ensinem.

O pardal e a rola, (diz David) souberam buscar e achar o logar mais conveniente á sua conservação: *Etenim passer invenit sibi domum, et turtur nidum sibi, ubi ponat pullos suos.* [1] E a que fim traz David este exemplo, e o põe em dois animalinhos de tão pouco vulto? Para que se envergonhem os homens, com todo o seu uso da razão, de não saberem escolher o logar que mais lhes convém. E são tão esquecidos e descuidados todos em fazer esta escolha, que se algum houve que a fizesse, foi por especial auxilio da graça divina. Assim continua o mesmo David com

[1] *Psal.*, LXXXIII, 4.

estas admiraveis palavras: *Beatus vir, cujus est auxilium abs te: ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco quem posuit.* [1] Bemaventurado, Senhor, aquelle homem a quem vós assistis com particular auxilio de vossa graça, porque este considerou todas as ascenções, isto é, todos os modos de subir com que os outros procuram alcançar os logares mais altos; porém elle escolheu para si o mais baixo de todos, e poz o seu no valle das lagrimas: *In valle lacrymarum, in loco quem posuit.* Mas que valle de lagrimas é este? O mundo vulgarmente chama-se valle de lagrimas; porém nem todo elle é valle, nem todo de lagrimas. Não é todo valle, porque tem campos, oiteiros e montes; e não é todo de lagrimas, porque tambem é de gostos, delicias e passatempos. Que valle é logo este, onde só o homem assistido da graça de Deus poz o seu logar: *In valle lacrymarum, in loco quem posuit?* E' o valle que fazem os montes das ascensões, isto é, os logares altos onde todos desejam subir, que elle considerou muito attentamente: *Ascensiones posuit in corde suo.* Os que subiram a estes logares altos, estão nos montes da alegria, porque conseguiram o que desejavam, e os que não poderam subir, estão no valle das lagrimas, por que todos choram e se choram de lhes não chegar o dia da sua ascenção, e de não serem promovidos aos logares que desejam. Neste valle, pois, que é de lagrimas e tristeza para os demais, neste mesmo e no mais fundo delle, que é o ultimo e mais baixo, poz o seu logar aquelle a quem Deus assistiu: porque não basta só para esta valente resolução, o entendimento e juizo proprio, mas é necessario o auxilio da graça divina: *Cujus est auxilium abs te;* auxilio de luz para o conhecer por melhor, auxilio de valor para o preferir a todos e até auxilio do amôr proprio para descançar sem engano unicamente nelle: *Recumbe in novissimo loco.*

[1] *Psalm.* LXXXIII, 6 e 7.

VIII

Temos visto como o ultimo logar, entre todos os do mundo, para alcançar é o mais facil, para conservar o mais seguro, e para lograr o mais quieto; prerogativas nelle singulares, pelas quaes deve ser preferido a todos os outros. Nem o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimação, porque se não fôra o ultimo, não as tivera. E' todo o logar ultimo, como o que coube a Benjamin na meza de José. Como os irmãos se assentaram á meza conforme as suas edades, a Benjamin, que era o mais moço, coube-lhe o ultimo logar. Foi, porém, coisa que os mesmos irmãos e todos os Egypcios muito admiraram, que fazendo José os pratos, o de Benjamin se avantajava sempre com notavel excesso a todos. Olhamos para o logar, e não olhamos para o prato. Oh se soubessemos tomar o sabor aos gostos e regalos puros e sinceros, que só no ultimo logar se acham, livres das amarguras e dissabores que em todos os outros logares, por altos e soberanos que sejam, ainda com os olhos cerrados, mal se podem tragar! Lá disse Democrito, que aquelle que se resolvesse a não desejar, poderia competir de felicidade com Jupiter; e esta felicidade sobrehumana só a depositou, não o falso, senão o verdadeiro Deus nos thesouros escondidos do ultimo logar. Só alli se vive sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependencia, e sem cuidado algum, nem ainda leve pensamento que a perturbe. Só alli o somno é descanço, o comer sustento, a respiração vital, e a vida, vida; porque só alli está a alma não dividida, mas inteira, e toda comsigo e dentro em si mesma, como tambem o homem todo em si, e fóra do mundo, porque não quer nada delle. E que não baste tudo isto para que o ultimo logar seja o mais estimado, o mais querido e o mais pertendido dos homens! Tanto póde com elles a falsa apprehensão daquelle nome de ultimo, com que reconhecendo-o no demais por tão avantajado e melhor, o reputam comtudo não só por menos honrado, mas por affrontoso, e por isso o desprezam e fogem delle!

Este é o ultimo engano que só nos resta por refutar, cuja intelligencia consiste em saber distinguir

no mesmo logar uma grande differença de ultimo a ultimo. O ultimo logar merecido por distribuição alheia, póde ser affrontoso; tomado por eleição propria, é o mais honrado. Quem voluntariamente e por eleição propria escolhe o ultimo logar do mundo, esse só usa do mesmo mundo como senhor delle. Dênos a primeira prova o mesmo mundo, não como vão e errado, mas cortez e entendido. Vistes passear na praça de palacio uma cochada de fidalgos: e qual delles é o senhor da carroça? O que vae no ultimo logar. Vistes os mesmos, ou outros em conversação, ou visita; e qual é o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que tem o ultimo logar na carroça, é o senhor da carroça; e assim como o que tem o ultimo logar na casa, é o senhor da casa; assim o que voluntariamente tem o ultimo logar do mundo, é o senhor do mundo. Não ponhamos a decisão na vontade dos homens, que póde ser errada, mas na do mesmo Deus, que é a regra de toda a razão e verdade. Começou e acabou Deus a grande obra da creação deste mundo em seis dias: mas porque ordem? Depois de crear no primeiro dia a luz, no terceiro creou as arvores e plantas, no quarto o sol, lua e estrellas, no quinto os peixes e aves, no sexto os animaes que andam ou se arrastam sobre a terra, e depois de povoados por este modo o céu, o ar, a agua e a mesma terra, della formou e creou o homem para dominar como senhor de tudo o que tinha creado. Assim o disse o mesmo Deus no mesmo acto em que o formou: *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram, ut præsit piscibus maris, et volatilibus cæli, et bestiis, universæque terræ.* [1] Pois se o homem era a primeira e mais nobre de todas as creaturas deste mundo, e creado para senhor dellas, porque o não creou Deus no primeiro logar, senão no ultimo? Por isso mesmo. Porque a honra e dignidade do ultimo logar do mundo só competia e era devida ao Senhor e dominador delle. Vêde agora se é honrado, e quão honrado é o ultimo logar: *Merito ergo postremus, quasi finis naturæ formatus: recte ergo novissimus, quasi totius summa operis, quasi causa mundi, propter quem facta sunt omnia*, diz

[1] *Genes.*, I, 26.

S. Ambrosio. Mas ainda não está dito o que excede quanto se póde dizer.

Deus, em quanto Deus, por ser infinito e immenso, é incapaz de logar: porém depois que desceu do céu a este mundo e se fez homem, havendo de ter logar entre os homens, que logar tomaria? O de Nazareth? O de Belem? O do Egypto? O do Calvario? Tal foi o logar que tomou sempre e em toda a parte, que vendo-o o Propheta Isaias, não teve outro nome com que se explicar, senão chamando-lhe o ultimo dos homens: *Novissimum virorum.*[1] E por que razão o ultimo, sendo sua a eleição do logar? Não porque tivesse para si, que a egualdade que tinha com o Eterno Padre, fosse alheia ou roubada, e não natural e propria, como notou S. Paulo; mas porque sendo tão Deus e tão supremo Senhor do universo, como o mesmo Padre, nem outro logar era capaz de sua grandeza, nem outro mais decente á sua soberania, nem outro, emfim, mais conforme á sua doutrina, senão aquelle mesmo á que hoje nos exhortou, o ultimo. Em um banquete a que el-rei Dionisio de Sicilia convidou as maiores personagens do seu reino, como puzesse no ultimo logar da meza a Aristippo, oraculo daquella edade, o que lhe disse o grande philosopho, foi: *Hunc plane locum decorare, et illustrem reddere voluisti.* Sem duvida, ó Dionisio, que hoje quizeste ennobrecer e fazer illustre este logar. E se assim honrou e illustrou Aristippo o ultimo logar só com se assentar nelle, que diremos depois que Deus o escolheu e tomou para si? *O novissimum et altissimum!* exclama S. Bernardo. Antes de Deus escolher este logar entre os homens, podia andar em opiniões se era honrado ou não o ultimo logar; mas depois que Deus o escolheu e tomou para si, intoleravel blasphemia seria dizer que não é o mais honrado de todos.

IX

Por fim só resta satisfazer á conclusão da parabola, na qual parece que desfez o Divino Mestre tudo o que

[1] *Isai*, LIII, 3.

temos dito, dando o Senhor a razão por que se não devem procurar os primeiros logares, senão o ultimo, porque virá (diz) o dono da casa e do convite, e se vos vir no ultimo logar, dir-vos-ha: *Amice, ascende superius*. [1] Amigo, subi para cima; e pelo contrario, se tiverdes tomado o primeiro, o que ouvireis será: *Da huic locum*. [2] Levantae-vos desse logar, e dae-o a este; e com grande confusão e vergonha vossa ficareis no ultimo: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere*. [3] Este dono da casa e do convite no fim da parabola é Deus, que segundo as nossas acções e deliberações as ha de premiar ou castigar; e não pondero que só ao que escolheu o ultimo logar chamou amigo: *Amice;* nem pondero que o que tinha tomado o primeiro logar, não ficou no segundo, nem no terceiro, mas desceu, ou foi lançado no ultimo; mas o que pondero e reparo, é que ao que elegeu o ultimo logar o premiou Deus com o primeiro, e ao que tomou o primeiro o castigou com o ultimo: logo se o ultimo logar se dá por castigo e o primeiro por premio, melhor parece que é o primeiro logar, que o ultimo.

Assim parece, porque não consideramos nos mesmos logares o onde e o quando. Onde e quando foi a eleição que os homens fizeram dos logares? Neste mundo. E onde e quando ha de ser a mudança com que Deus os ha de trocar? No outro. Pois essa é a razão da differença e da troca. No outro mundo é melhor o primeiro logar, neste o ultimo. E porque? Porque o céu é a patria de todos os bons, e de todos os bens, a terra a de todos os máus e de todos os males. Na terra tudo são soberbas, ambições, invejas, discordias, contendas, cavillações, enganos, falsidades, traições, violencias, e tratar cada um de subir, ainda que seja pelas ruinas alheias: e para escapar de todos estes males, maldades e malicias, não ha outro logar seguro e quieto senão o ultimo. Pelo contrario, no céu tudo é claridade, paz, concordia, amôr, contentamento, bemaventurança e estimar e gozar-se cada um do bem do outro, como do proprio, e por isso os primeiros logares de ninguem invejados, nem

[1] *Luc.*, XIV, 10.
[2] *Ibid.*, 9.
[3] *Ibid.*

pertendidos mas de todos approvados e venerados, sem receio que os inquiete de dentro, nem perigo que os perturbe de fóra, são tão firmes e perpetuos, como os mesmos bens e felicidades que logram.

E para que vejamos estas duas differenças estabelecidas por Deus desde o principio do mundo, uma na terra entre os elementos, e outra no céu entre os Anjos: oiçamos a Escriptura Sagrada. Na creação do mundo gastou seis dias, mas só cinco delles foram propriamente de creação. No primeiro creou, no terceiro creou, no quarto, no quinto e no sexto creou, e sómente no segundo não creou coisa alguma. Pois se o segundo dia foi totalmente esteril e infecundo, sem producção de nova creatura; em que gastou, e empregou Deus todo aquelle dia? Empregou-o todo em honrar e exaltar o ultimo logar, quanto elle merece. Diz o Texto, que no segundo dia dividiu Deus o elemento da agua, e levantou uma parte delle, e a poz sobre o firmamento a que chamou céu. Estas são aquellas aguas de que diz David: *Et aquæ omnes quæ super cœlos sunt, laudent nomen Domini:* [1] onde declara que o céu sobre que foram collocadas, é o supremo, e mais alto de todos. E donde lhe veio ao elemento da agua ser exaltado, o que Deus não fez a algum outro? Porque sendo a agua por natureza superior á terra, e sendo o logar da terra o ultimo, ella, deixando o sitio mais eminente em que fôra creada, correu espontaneamente a encher as concavidades da mesma terra, e se abraçou de tal sorte com ella no mesmo logar, que da agua e da terra se formou um só globo. E foi tão grata aos olhos de Deus esta acção, posto que natural, do elemento da agua, que havendo de lhe compensar como auctor da natureza um logar com outro logar, pelo ultimo a que se abateu na terra o levantou ao supremo do céu. Mas pois estamos no céu, vejamos quão contrario foi lá a este exemplo da agua elementar o do fogo racional, que isso quer dizer Serafim. Tinha o primeiro logar no céu entre o côro dos Serafins, Lucifer, e não se contentando com menos sua altiveza, que com subir ao supremo sobre todas as creaturas. Isto é o que revolvia no pensamento, quando disse: *Super astra Dei exaltabo so-*

[1] *Psal.*, CXLVIII, 4 e 5.

Cum meum: similis ero Altissimo. [1] E que lhe fez o mesmo Altissimo a quem affectou ser similhante? *Veruntamen ad infernum detraheris in profundum laci.* [2] Do céu o precipitou no inferno, e do supremo logar que affectou no empyreo, ao infimo dos abysmos. Assim castiga, ou premeia Deus, e assim troca os logares, sublimando até o supremo a quem se abateu ao ultimo; e derrubando até o ultimo a quem affectou o supremo. Tanto monta na parabola do nosso Evangelho, ou: *Amice, ascende superius*, ou *Incipias cum rubore novissimum locum tenere.*

A' vista deste eterno desengano, não é necessario inferir qual deve ser a resolução nesta vida dos que ainda teem livre a eleição dos logares. Mas que farão os que já conseguiram a sua, e por nascimento ou negociação, ou qualquer outra fortuna, estão postos nos primeiros? Facil é de dar o conselho, se não fôr difficultosa a resolução. Mas esta não corre por minha conta. Porque não farão os que teem menos que deixar, o que fizeram tantos reis e imperadores? Não tinham fé do céu nem do inferno Diocleciano e Maximiano, e só pela experiencia que tinham dos primeiros logares do mundo, cançados de o governar e mandar, ambos de commum consentimento renunciaram o imperio em um mesmo dia (que foi o de dezesete de fevereiro do anno de trezentos e quatro) Diocleciano em Nicomedia, e Maximiano em Milão. E quem não exclamará neste passo: oh cegueira do juizo humano! Oh fraqueza grande da nossa fé! Que dois gentios, e de má vida, tivessem valor para uma resolução como esta, e que sendo a medida dos logares com que nos levantamos sobre os nossos eguaes tão curta, baste a lisonja desta preferencia tão trabalhosa e incerta para a antepôrmos nesta vida á quietação e descanço da temporal, e á segurança da eterna!

Razões póde haver tão urgentes, e obrigações tão fortes, que não permittam romper estes laços: mas nos taes casos, que não podem ser senão muito raros, já que se não possam renunciar os logares, ao menos se deve renunciar o amôr. Mais estranhava

---

[1] *Isai.*, XIV, 13 e 14.
[2] *Ibid.*, 15.

Christo nos Escribas e Phariseus o amôr que tinhaṁ aos primeiros logares, que os mesmos logares: *Amant autem primos recubitus in cœnis, et primas cathedras in synagogis.* [1] Para serem tão arriscados como vemos os primeiros logares, basta serem primeiros, ainda que se não amem. Os Santos não os amavam, e comtudo se lê de todos, que os repugnavam e fugiam delles: mas se forem primeiros, e juntamente amados, então são muito mais perigosos e perniciosos, assim para os mesmos a quem incham e enganam, como para a Republica que arruinam. Estes mesmos Escribas e Phariseus amadores dos primeiros logares, foram os sollicitadores da morte de Christo, e os que puzeram o Filho de Deus em uma cruz: Porque? Só por não perderem os logares que tanto amavam: *Venient Romani, et tollent nostrum locum.* [2] Emfim, que se os primeiros logares se não amarem, serão menos os damnos que causarão, proprios e alhęios; mas, ou amados ou não amados, se os que estão nelles os não renunciarem de todo, e trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum modo poderão gosar a liberdade, a quietação e o descanço seguro, que tão largamente tenho mostrado, porque este privelegio só é concedido por Deus ao ultimo logar: *Recumbe in novissimo loco.*

---

[1] *Math.*, XXIII, 6.
[2] *Joann.*, XI, 48.

SERMÃO

DA

DOMINGA DECIMA NONA*

DEPOIS DO PENTECOSTES

Prégado na Cathedral da Bahia no Anno de 1639, na festa que se faz todos os mezes ao Santissimo Sacramento.

Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias. [1]

I

E' similhante o Reino do Céu a um homem rei. Vou repetindo e construindo o Texto do Evangelho, palavra por palavra. Tende advertencia, e fazei memoria de todas; porque teem mysterio, e todas nos hão de servir). E' similhante o Reino do Céu (diz Christo Redemptor nosso) a um homem rei, o qual fez bodas a seu filho. Chegado o dia, mandou a seus criados que fossem chamar os convidados para o banquete, e elles não quizeram vir. Tornou comtudo a mandar outros criados com outro recado nesta fórma: Dizei-lhe que venham, porque o banquete está apparelhado, e o gasto feito, as rezes e as aves mortas, e tudo preparado. Os convidados, porém, não fizeram caso desta segunda instancia: uns se foram para a sua lavoura, outros para a sua negociação, e alguns houve tão descomedidos, que prenderam os mesmos criados, e depois de muitas affrontas os mataram. Irou-se o rei, como era justo, mandou os seus exercitos a que

---

* N'este sermão é simplesmente admiravel a applicação eucharistica feita por Vieira na interpretação da parabola evangelica.

[1] *Math.*, XXII.

fossem castigar aquelles rebeldes, com ordem que não só matassem os homicidas, mas puzessem fogo a toda a cidade, e a queimassem. Executado assim, voltou-se o rei para os criados, e disse: o banquete está apparelhado, e pois os convidados não foram dignos, ide ás sahidas das ruas, e trazei quantos achardes. Foram: e ajuntando quantos encontraram máus e bons, todos trouxeram e introduziram, com que os logares do convite ficaram cheios. Então o rei entrou em pessoa na sala para os vêr á meza, e como notasse que entre elles estava um sem vestidura de bodas, estranhou-lhe a descortezia, dizendo: Amigo, como entraste aqui tão indecentemente vestido? Ó homem emmudeceu, e o rei mandou a seus ministros que atado de pés e mãos o lançassem fóra, e o levassem a um carcere subterraneo e escuro, chamado trevas exteriores. Alli não haverá (conclue Christo) senão choro, e ranger de dentes. Porque os chamados são muitos, e os escolhidos poucos.

Esta é, lettra por lettra, a historia ou parabola do Evangelho, para cuja intelligencia convém saber quem é o rei: quem o filho: quaes as bodas: qual o banquete: quem os convidados que vieram: quem os que não quizeram vir; e quem os criados que os foram chamar. O rei é o Eterno Padre: o filho é o Verbo, segunda Pessoa da Santissima Trindade: as bodas são a Encarnação do mesmo Filho de Deus, que se desposou com a natureza humana: o banquete é a gloria e bemaventurança do céu, que por meio deste mysterio se nos franqueou: os convidados que vieram, são os que se salvam: os que não quizeram vir, os que se condemnam; e os criados, finalmente, que os chamaram, são os prégadores. Supposto pois que este é o officio, e esta a obrigação do prégador, esta será tambem hoje a materia do sermão: *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* [1] Manda-me Deus, senhores, que vos chame para o banquete da gloria; e assim o farei. Mas quando vejo nesta mesma parabola, que chamados uma e outra vez os convidados, não quizeram vir; que razões vos posso eu allegar, ou de que meios me posso valer, para vos persuadir o que tantos prégadores mandados e escolhidos por Deus não persuadiram? Toda a minha confiança

[1] *Math.*, XXII, 3.

trago posta na virtude e efficacia do Evangelho: e assim vos não direi outra coisa, senão o que elle diz, e já ouvistes. Ponderarei sómente as suas palavras, e ponderal-as-hei todas sem deixar nenhuma: e para quanto disser e provar, não allegarei outra Escriptura, nem do Velho, nem do Novo Testamento, mais que o mesmo Evangelho. Se vos parece assumpto novo e difficultoso, por isso mesmo me deveis ajudar a pedir mais graça hoje que n'outras occasiões: *Ave Maria.*

II

Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias. Chamar os convidados para o banquete da Gloria, é assumpto que tomei, ou me mandou tomar o Evangelho. E não sendo este banquete senão o do Santissimo Sacramento, o que com repetida memoria de todos os mezes celebra hoje a vossa piedade: para que me deis attenção sem desgosto nem escrupulo, sabei que o mesmo Evangelho vos ha de livrar delle, e com propriedade e mysterio atégora não ouvido, nem de vós esperado.

Entrando pois na parabola que referi, a primeira coisa que ella suppõe para fundamento do muito que encerra, e nos ha de ensinar, é que todos os que estamos presentes, somos convidados para o banquete da Gloria. Para prova desta supposição, diz o Texto que chegado o dia das bodas mandou o rei alguns de seus criados, que fossem chamar os convidados para o banquete: *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* E como estes não quizessem vir, em vez de se mostrar offendido como homem, e como rei: *Homini regi:* para mostrar que debaixo desta metaphora era Deus, tornou a mandal-os chamar, não pelos mesmos, senão por outros criados: *Misit alios servos.* Quem fossem estes criados, assim os primeiros, como os segundos, declaram com excellente propriedade Origenes, S. Jeronymo, e Santo Thomaz. Os primeiros dizem, que foram os Prophetas, os segundos os Apostolos. Os Prophetas foram os primeiros; porque primeiro chamaram os convidados na Lei escripta: e os Apostolos foram os segundos; porque vindo depois

dos Prophetas, tambem chamaram os convidados na Lei da graça. D'aqui se segue com a mesma propriedade, que os convidados para o banquete da Gloria antes de virem os Apostolos nem os Prophetas, já estavam convidados. Antes dos Prophetas já estavam convidados; porque dos primeiros criados diz o Texto: *Misit servos suos vocare invitatos:* e antes dos Apostolos tambem estavam convidados; porque aos segundos creados disse o rei: *Dicite invitatis.* Pois se já estavam convidados antes de haver Apostolos nem Prophetas, e nem os Apostolos, nem os Prophetas, foram os que os convidaram, senão os que sómente os chamaram: quem os convidou? Não ha duvida que quem os convidou, foi o mesmo rei, pae do principe desposado, que é Deus. Mas quando? Alguns dizem que foram convidados *ab æterno*, quando Deus predestinou os homens para a Gloria. Mas isto não póde ser; porque convidar, e ser convidado, suppõe noticia reciproca, e os homens não podiam ser convidados, quando ainda não eram destinados ou predestinados: sim: logo se antes dos Apostolos e dos Prophetas, já estavam convidados, quando os convidou Deus? Convidou-os em Adão, quando lhe revelou, que não só o creára a elle, e a todos seus descendentes para o paraizo da terra nesta vida, senão para a gloria do céu na outra. Nem a verdade, ordem, e consequencia da parabola, se póde concordar d'outro modo com a verdadeira theologia. Em summa, que desde o principio do mundo, e desde Adão, assim como depois todos peccamos nelle, assim todos fomos convidados nelle para o banquete da Gloria; porque o fim para que todos nascemos, e fomos creados, é para servir a Deus na mesma vida, e o gozarmos na eternidade.

Supposta esta primeira verdade tão manifesta no nosso Evangelho; e supposto tambem que os successores dos Apostolos e Prophetas que foram chamar os convidados são os prégadores; o que a mim me toca hoje (como dizia) é chamar-vos tambem para o banquete, e persuadir-vos que vos não escuzeis ou condemneis em o não querer acceitar. Mas se o banquete é da Gloria; que posso eu dizer da grandeza, da magnificencia, e do summo gosto e gostos que Deus tem apparelhado nella para os que forem dignos de a gozar? Dos Prophetas e Apostolos que chamaram

os convidados para o banquete da gloria, só dois o viram. Um a viu de longe estando na terra, que foi Isaias, e outro a viu de perto sendo levado ao céu, que foi S. Paulo. E que é o que disseram um e outro do que lá viram? O que disseram ambos conformemente, é que se não póde dizer. Porque os bens e felicidades daquella patria bemaventurada, são tão diversos destes nossos, a que falsamente damos o mesmo nome, que excedem sem proporção nem medida a capacidade de todos nossos sentidos, e a esphera natural de todas nossas potencias. Pois se o mais allumiado nas coisas da bemaventurança entre os Prophetas, qual foi Isaias, e o mais allumiado e experimentado nellas entre os Apostolos, qual foi S. Paulo, não sabem dizer nada do que viram; que posso eu dizer do que não vi, nem mereço vêr? Mais ainda. Quando os primeiros criados do rei, que eram os Prophetas, foram chamar os convidados, diz o Texto, que elles não quizeram vir: *Nolebant venire:* [1] e quando os segundos criados, que eram os Apostolos, os chamaram, tambem diz, que não fizeram caso disso: *Illi autem neglexerunt.* [2] Pois se chamados com toda a eloquencia dos Prophetas, e com toda a efficacia dos Apostolos, se não persuadiram; que argumentos, ou que demonstrações vos posso eu fazer, para que entendaes o que elles não entenderam; para que queiraes o que elles não quizeram; para que estimeis o que elles desprezaram, e para que procureis e trabalheis por alcançar o que elles uma e outra vez rogados não admittiram?

III

Esta é a razão, Fieis, porque hoje me despedi de todas as outras Escripturas, e só com o Evangelho nua e seccamente considerado, quero fazer prova da vossa fé, e da sua graça. Em todas as outras Escripturas apenas se acham divididas tres coisas, as quaes Christo Senhor nosso poz juntas neste Evangelho, para

---

[1] *Math.*, XXII, 3.
[2] *Ibid.*, 5.

com ellas nos ensinar a fazer inteiro e cabal conceito da gloria, a que nos tem convidado. Propõe-nos esta gloria em metaphora de banquete, em que até os mais grosseiros sentidos são agudos; e as tres circumstancias notaveis que nelle pondera, e quer que ponderemos, são estas: Primeira, quem o tez? Segunda, para quem se fez? Terceira, quanto custou a fazel-o.

O rei que fez este banquete da gloria: *Qui fecit nuptias*, é Deus. Assim o entendem concordemente todos os Padres e Expositores: e se é Deus o que o fez: *Qui fecit;* quaes serão as delicias incomprehensiveis daquella meza celestial e divina, a qual fez e collocou deante de si o mesmo Deus, não só para ultima ostentação de sua magestade e grandeza, mas para fazer eternamente bemaventurados a todos os que se assentarem a ella? Tudo o que se póde imaginar e encarecer, se encerra na significação daquella immensa palavra: *Qui fecit.* O que o fez é a infinita sabedoria, o que o fez é a infinita omnipotencia, o que o fez é a infinita liberalidade, e o infinito amôr. Vêde que será o que fez? Os philosophos que não tinham fé pelas coisas que se vêem neste mundo inferior, entenderam que o auctor dellas era Deus. Nós que temos fé, havemos de argumentar ás avessas: e porque sabemos que o auctor das coisas do céu, que não vêmos, é Deus; d'ahi havemos de arguir quaes ellas serão. Mas não é isto o que pondero; mais alto é o fundo do nosso Texto.

Simile est Regnum Cœlorum homini regi, qui fecit nuptias filio suo. [1] E' similhante o reino do céu a um homem rei, que fez bodas a seu filho. Este homem rei, como dissemos ao principio, é Deus Padre, que fez as bodas a seu Filho quando o desposou e uniu com a natureza humana. Pois se é Deus Padre, porque se chama rei homem: *Homini regi?* Que se chame rei para significar a soberania de sua magestade, e a grandeza de seu poder, bem está; mas rei homem, parece impropriedade; porque o Padre Eterno ainda que fez homem a seu Filho, elle nem se fez, nem é homem. Diga logo a parabola: similhante é o reino do céu a um rei, e não a um rei homem, pois não é homem o rei de que falla. E se quer distiguir este rei dos

[1] *Math.*, XXII, 2.

outros reis, diga a um rei Deus, e não a um rei homem? *Homini regi.* Assim havia de ser, se a parabola não fôra do banquete da Gloria. Mas porque é do banquete da Gloria, sendo o Eterno Padre Deus, e não homem, chama-se comtudo homem, e não Deus; porque na magnificencia deste banquete, para que fosse mais magnifico, não obrou Deus como Deus, senão como homem. Ora vêde. O homem, quando se quer mostrar magnifico e grandioso, faz quanto póde; porém Deus, ainda que quizesse fazer quanto póde, não póde. A razão que a nós nos basta, deixadas outras, é muito clara, porque como Deus é omnipotente, por mais que faça, sempre lhe fica poder para fazer mais. E se podesse fazer quanto póde, exgotar-se-hia a omnipotencia, e não sendo omnipotente deixaria de ser Deus. Este é pois o modo com que Deus obra em todas as coisas, em que sempre faz menos do que póde, e póde mais do que faz. Porém no banquete da Gloria, como se obrára como homem, faz tudo o que póde, e não póde mais. Porque? Porque se dá a gostar e a gozar a si mesmo. A gloria immensa do mesmo Deus, que só elle comprehende, em que consiste? Consiste em se vêr, em se amar, em se gozar a si mesmo. Pois esse mesmo Deus, e esse mesmo summo bem, que Deus vê, é o que nós vêmos; esse mesmo que Deus ama, é o que nós amamos; e esse mesmo que Deus goza, é o que nós gozamos na Gloria; porque a sua meza e a nossa é a mesma. E isto é o que fez este rei Deus, como se fôra rei homem: *Homini regi, qui fecit.*

Dirá comtudo alguem, que não basta isto só para Deus obrar como homem na magnificencia da Gloria; porque os homens, quando se querem ostentar magnificos, não só fazem tudo o que podem, senão mais do que podem. Vemos que os reis homens depois de despender seus thesouros, ou os reconhecer menores que sua magnificencia, carregam de tributos sobre tributos os povos, para assim igualar á ostentação de sua grandeza. E os homens que não são reis, tambem fazem o mesmo; e por isso nas festas de um dia se empenham para toda a vida, e desherdam e empobrecem toda a sua descendencia. Logo para Deus obrar como homem na magnificencia do banquete da Gloria, não só havia de fazer quanto póde, senão mais do que póde. Assim é, e assim o faz Deus, se bem se considera. Obra Deus tanto como homem no ban-

quete da Gloria, que não só faz tudo o que póde, senão tambem mais do que póde; porque faz que gozemos nella o que elle não póde fazer. Deus póde fazer creaturas, e essas mais e mais perfeitas infinitamente; póde fazer mais e melhores mundos; póde fazer mais e melhores céus; mas fazer-se a si mesmo, ou outros como elle é, não póde, porque nem elle se fez a si. E isto que Deus não fez, nem póde fazer, faz que nós o gozemos no banquete da Gloria, sendo o mesmo Deus a primeira e a principal iguaria daquella meza divina. No nosso Texto o temos.

Quando o rei mandou a segunda vez chamar os convidados, a fórma do recado foi que viessem ás bodas, porque o banquete estava preparado: *Ecce prandium meum paravi: venite ad nuptias.* E supposta esta distinção das bodas, em quanto bodas e em quanto banquete, é muito para reparar que as bodas diz o Texto que as fez o rei: *Qui fecit nuptias filio suo;* porém o banquete não diz o rei que o fez, senão que o preparou: *Ecce prandium meum paravi.* Pois porque não diz tambem, que fez o banquete, assim como diz, que fez as bodas? Porque as bodas fel-as Deus, o banquete não o fez, preparou-o sómente. As bodas significam a Encarnação do Verbo: o banquete significa a gloria dos bemaventurados: e a Encarnação do Verbo fel-a Deus, porque fez a humanidade e a união hypostatica: porém a gloria dos bemaventurados não a fez, porque o objecto da gloria, e o que os bemaventurados nella gozam, é o mesmo Deus: e Deus nem se fez, nem se póde fazer. Mas este mesmo banquete da Gloria, que não diz que fez, diz altissima e propriisimamente que o preparou, porque elevando sobrenaturalmente o entendimento com que o vemos, com este que se chama lume da Gloria, o prepara e nos faz capazes de o gozar. De sorte que o banquete da gloria é um composto de tudo o que Deus póde fazer, e de mais do que póde. Da parte do objecto, que é Deus visto e gozado, é mais do que Deus póde fazer, porque Deus não se póde fazer a si mesmo. E da parte do sugeito, que é o bemaventurado que vê e goza a Deus, é tudo o que Deus póde; porque não póde Deus fazer mais que elevar a creatura a que o veja e goze, assim como elle é: e por este modo se verifica, que no banquete da Gloria faz Deus, como se fosse homem, não só tudo o que póde fazer, senão mais do que póde.

E que mais fazem os homens quando se querem mostrar magnificos? Se lhes não basta para isso o que teem de seu, pedem emprestado o que teem; e com o seu e o emprestado supprem a magnificencia da obra. Isto fazem ultimamente os homens, e isto é o que tambem fez Deus, como se obrasse como homem: *Homini regi.* O homem com os olhos da alma, que são espirituaes, se forem elevados, póde vêr a Deus; mas com os olhos do corpo, em que não é possivel tal elevação, não o póde vêr: e que fez Deus para que o homem não só com a alma, mas tambem com o corpo, o gozasse inteiramente no banquete da Gloria? O que fez Deus foi pedir emprestado á natureza humana o corpo que não tinha, e unindo por este modo ineffavel a divindade com a humanidade, o mesmo banquete da gloria, que tem por objecto a Deus, ficou não só divino, mas divino e humano juntamente: divino, para beatificar o homem na alma; e humano, para o beatificar no corpo. E' pensamento altissimo de S. Cypriano: *Deus homo factus est, ut homo haberet in Deo unde fieret plenè beatus: in anima videndo divinitatem, in corpore videndo humanitatem.* Sendo o homem composto de alma e corpo, se sómente visse a Deus com os olhos da alma, ficaria beatificado, como de meias, e não inteiramente: e como se Deus fizera a consideração de Epicteto (*Hoc inter epulandum considera, duos tibi excipiendos convivas, corpus, et animam*) vendo que em cada homem se haviam de assentar á sua meza dois convidados, um que é a alma, outro que é o corpo; para que um e outro recebesse o gosto, e tivesse a satisfação proporcionada á sua capacidade. A este fim, diz Cypriano, tomou Deus a natureza humana, e se vestiu do corpo que não tinha, fazendo-se hõmem, para que o homem, gozando no mesmo Deus a vista da divindade com os olhos da alma, e a vista da humanidade com os do corpo, fosse inteiramente bemaventurado: *Ut homo haberet in Deo unde fieret plenè beatus.* Aos Anjos, que são puros espiritos, basta-lhes, para ser inteiramente bemaventurados, vêr a divindade de Deus; porém ao homem, que é composto de espirito e corpo, não lhe bastava: por isso pois não lhe bastando tambem a Deus para nos fazer inteiramente bemaventurados no banquete da gloria, a natureza divina, que tinha, tomou emprestado da natureza humana o que lhe faltava; e deste

modo encheu as medidas, ou a immensidade de sua magnificencia, obrando não só como Deus, senão tambem como homem: *Homini regi, qui fecit.*

IV

Declarada a grandeza da gloria por parte de quem a fez, segue-se a segunda consideração, e maior ainda (se póde ser maior) em que vejamos e ponderemos para quem se fez. Naquella considerou-se o auctor da obra, que é o pae, nesta considerou-se o motivo, que é o filho: *Fecit nuptias filio suo.* Mas quem poderá declarar bastantemente a excellencia infinita deste soberano motivo, que só o mesmo pae comprehende? Os mais sublimes entendimentos, quando querem rastear de algum modo a realeza do banquete da gloria, do que vemos e experimentamos na terra conjecturam o que será no céu. Na terra poz Deus a meza aos homens, e é coisa tão digna de agradecimento como de admiração, que de seis dias em que creou o mundo, empregasse os tres maiores e mais fecundos só em prover esta meza. Tudo quanto nada no mar, tudo quanto voa no ar, tudo quanto nasce ou pasce na terra, são os simples que produziu a natureza, para que delles compuzesse e temperasse a arte o sustento e regalo do homem. As especies que se conteem debaixo destes quatro generos vastissimos, tão varias na formosura, tão exquisitas nos sabores, infinitas no numero, excedem sem limite a capacidade do gosto e dos outros sentidos. E que discurso ha que não pasme na consideração do poder, magnificencia e grandeza, com que mais parece quiz Deus enfastiar o appetite humano com a superfluidade da meza, que fartar a necessidade com a abundancia? D'aqui faz tres illações Santo Agostinho, comparando logar com logar, tempo com tempo, e pessoas com pessoas: *Si tanta facis nobis in carcere, quid ages in palatio? Si tanta solatia in hac die lachrymarum, quanta conferes in die nuptiarum? Quid dabit iis, quos prædestinavit ad vitam, qui hæc dedit, etiam iis, quos prædestinavit ad mortem?* Se Deus fez tantas delicias para o desterro e para o carcere, que será para a patria e para o palacio? Se assim nos sustenta e regala no tempo

das lagrimas, que será no dia das bodas? Se tudo isto creou tambem para os inimigos, que hão de arder no inferno, que será para os amigos, que o hão de gozar no céu? Esta é a differença que pondera, e o argumento e conjectura que faz Santo Agostinho. Mas com licença de seu alto entendimento, ou sem ella, o excesso que se argue do nosso Texto, é infinitamente maior. Não faz comparação de logar a logar, nem de tempo a tempo, nem de estado a estado, nem de pessoas a pessoas, ainda que sejam tão indignas umas como os precitos: *Quos prædestinavit ad mortem:* e tão dignas outras como os predestinados: *Quos prædestinavit ad vitam.* Mas abstrahindo de toda a comparação (porque a não ha) diz, que será o banquete, qual deve ser o das bodas do filho: *Qui fecit nuptias filio suo.* Considere quem o poder ou souber considerar, quanta é a summa grandeza e dignidade do filho, cujas bodas se festejam, tão infinito, tão immenso, e tão Deus como o proprio pae, e d'aqui fórme o conceito de qual será o banquete; porque toda a outra consequencia e conjectura feita de uns homens a outros homens, por mais amigos, por mais amados, por mais cheios de graça, por mais santos, e por mais dignos que sejam os que se hão de assentar áquella soberana meza, é infinitamente desegual á sua magnificencia.

Haverá porém quem cuide (e fundado no nosso mesmo Evangelho) que a grandeza e magnificencia da meza da Gloria, não se ha de medir com a dignidade do filho, senão com a dignidade dos convidados. Assim o disse o mesmo rei, quando elles não quizeram vir: *Sed qui invitati erant, non fuerunt digni.* [1] Não lhes chamou ingratos, descortezes, e descomedidos, como mereciam; o que sómente disse, é, que não foram dignos. E quem são os dignos ou indignos do banquete da gloria? Os dignos são os que teem merecimentos de boas obras, e os indignos os que os não teem. Não se segue d'aqui que os que não foram dignos de vir ao banquete, tambem não tinham sido dignos de ser chamados a elle; porque a dignidade, que faz dignos de ser chamados, funda-se na excellencia da natureza racional, capaz de ser elevada a vêr

[1] *Math.*, XXII, 8.

a Deus: e a dignidade que faz dignos de o vêr e gozar na gloria, funda-se na disposição da vontade e merecimento das boas obras. E d'aqui vem, que sendo o banquete o mesmo, uns o gozam mais, outros menos, segundo a maior ou menor dignidade, isto é, segundo o maior ou menor merecimento com que se fazem dignos. Logo se a porção ou gráus da gloria (que Deus não quiz que alcançassemos senão a titulo de premio) se mede, ou ha de medir no céu pelos merecimentos desta vida, e o merecimento humano, por grande e heroico que seja, sempre é curto e limitado: a mesma sentença do rei, com que diz que os convidados não foram dignos, não só se lhes nega a elles a dignidade, mas tambem diminue ao banquete; porque medido com os merecimentos, ainda dos dignos e muitos dignos, sempre será limitado.

Bem se inferia assim, se Deus fizera o banquete para nós por amôr de nós; mas o Evangelho nega a consequencia, e prova o contrario, pórque diz que o não fez o rei para os convidados por amôr dos convidados, senão para os convidados por amôr do filho: *Fecit nuptias filio suo.* Dizei-me: Quando nasce ou se desposa um principe primogenito, não se fazem festas reaes, com a maior grandeza, com a maior magestade, com o maior apparato e empenho que é possivel? E esse empenho e apparato das festas reaes, com quem se mede? com o merecimento do povo, que as ha de vêr e gozar, ou com o merecimento e grandeza do principe por quem se fazem? Claro está, que com o merecimento e grandeza do principe. Pois o mesmo passa no banquete do céu. A grandeza da gloria e bemaventurança, que havemos de gozar, não se mede pela estreiteza dos nossos merecimentos, que são limitados, senão pelos merecimentos e dignidade do principe, que é infinita. Os merecimentos nossos, fundados nos seus, só servem de ter melhor logar no banquete, assim como cá nas festas, uns teem logar mais alto, outros mais baixo: porém o vêr e gozar absolutamente, ou a grandeza do que se vê e se goza, não se mede pelos nossos merecimentos, senão pelos de Christo: porque se não foram os merecimentos de Christo, que é a causa de nossa predestinação, a ninguem se dera a gloria.

Considerae agora qual é a grandeza infinita do principe desposado nas bodas, e d'ahi podereis inferir qual

será a magnificencia do banquete feito para ellas. Assim o declarou com magestosa energia o mesmo rei. No recado que deu aos segundos criados, disse: *Ecce prandium meum paravi, venite ad nuptias.* [1] Notae, que não disse, está preparado o banquete, vinde ao banquete, senão: está preparado o banquete, vinde ás bodas. E porque? Porque as mesmas bodas por serem de quem eram, eram as que mais encareciam qual havia de ser o banquete. Como se dissera: Já uma vez não quizestes vir ao banquete, sem duvida, porque não tendes entendido qual elle é: e para que vos arrependaes de não ter querido, e venhaes com tanta ambição, como vontade, adverti e considerae qual será o banquete, pois é feito para as bodas de meu filho: *Venite ad nuptias.* Se o banquete fôra feito para vós, então o podereis estimar menos, mas sendo feito para o filho do rei, e havendo-vos de assentar á meza com elle, como vos podeis escusar? Assim conclue com mais alta e mais adequada consideração, que as primeiras, o mesmo Santo Agostinho: *Ubi erit unicus ejus, ibi erunt et illi: hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi.* Já não argumenta Agostinho da terra para o céu, nem dentro do mesmo céu com o merecimento e dignidade dos que Deus escolheu para a gloria, nem com a graça e amôr com que os escolheu. Não diz que os convidados se assentaram á meza com os Patriarchas, Apostolos e Martyres, que tanto padeceram e mereceram, nem com os Anjos e Archanjos, e as outras gerarchias supremas dos espiritos bemaventurados, nem finalmente, que terão logar com a mesma mãe de Deus, senão com o Filho: *Ubi erit unicus ejus, ibi erunt et illi.* Porque este é só o argumento cabal, e esta a medida adequada da magnificencia do banquete. Por iso ajunta com nova e canonica confirmação, que o gozaremos não só como herdeiros de Deus, senão como co-herdeiros de Christo: *Hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi.* Faz muita differença Agostinho, e considera grande vantagem em entrarmos no banquete da gloria, mais como co-herdeiros de Christo, que como herdeiros de Deus. E porque razão? Não por outra (que não póde ser outra) senão pela que ponderamos em todo este dis-

[1] *Math.*, XXII, 4.

curso. Porque entrar ao banquete como herdeiros de Deus, declara sómente a magnificencia de ser feito por Deus; porém entrar como co-herdeiros de Christo, accrescenta a vantagem não só de ser feito por Deus, mas por Deus, e para seu Filho: *Qui fecit nuptias filio suo.*

V

E se estas duas considerações ainda não chegam a nos persuadir de todo; passemos á terceira e ultima, de que se não póde passar. Na primeira vimos o auctor, na segunda o motivo, nesta veremos o preço. Na primeira o Auctor Omnipotente, que fez o banquete, na segunda o motivo immenso porque se fez, nesta terceira o preço infinito que custou o fazer-se. E se a primeira consideração foi incomprehensivelmente grande, e a segunda ainda maior; esta é tão superior a toda a admiração e encarecimento, que quasi excede a fé. Dirá (e com muita razão) a fé, que a quem póde tudo, não lhe póde custar nada fazer o que póde. Que podia logo custar ao Omnipotente fazer este banquete? O mesmo Omnipotente que é o rei que o fez, o disse. Vendo que os convidados se escusavam, mandou-lhes declarar os gastos que tinha feito, com este segundo recado: *Tauri mei, et altilia occisa sunt, et omnia parata, venite ad nuptias:* [1] Dizei-lhes que venham, porque as rezes e as aves já estão mortas, e tudo apparelhado. Pois para o banquete da gloria matou-se alguma coisa? Sim, e não menos que o Filho de Deus. Se Christo não morrêra, nenhum filho de Adão podia entrar na gloria, porque no paraizo da terra perdemos o direito que tinhamos ao do céu, e pela gula de um bocado ficámos excluidos do banquete. Morreu pois Christo, e derramou o preço infinito de seu sangue, e este preço infinito foi o custo que se fez, para de novo se comprar e preparar o que por tão pouco se tinha perdido. Pezae agora, se podeis, o preço daquella morte, e contae as gottas daquelle sangue, cada uma das quaes vale mais que

[1] *Math.*, XXII, 4.

infinitos mundos, e então podereis rastear de algum modo o valor incomprehensivel do que com elle se comprou. Este mundo que tanto nos leva os olhos e os corações, e tantas coisas tem deleitaveis, dignas do poder e liberalidade de seu Auctor, não custou a Deus mais que um aceno da sua vontade. E se quizera fabricar outro mundo mais precioso, em que a terra fôra oiro, o mar e os rios prata, as arêas perolas, os penhascos diamantes, as plantas esmeraldas, as flôres rubins e safiras, e os fructos e seus sabores proporcionados a esta riqueza e delicia, com outro aceno da mesma vontade, e sem mais tempo que um instante, o podéra crear de nada. Qual será logo o preço daquelle bem, ou summa de bens, que a este mesmo Deus, tão justo como poderoso, não custou menos que a morte e sangue de seu Filho? Mas ponderemos as palavras do Pae, que todas estão cheias de profundos mysterios, com que mais se declara este.

Tauri mei, et altilia occisa sunt: diz primeiramente o rei, que estão mortas as rezes e as aves para o banquete. E que rezes e aves são estas? Já se sabe que na parabola são o que soam, e no fundo della o que significam. Sendo pois o significado de umas e outras Christo morto, como dizem todos os Interpretes; as rezes, que são animaes da terra, significam a humanidade de Christo; e as aves, que são do céu, a divindade. E posto que a divindade seja immortal, de ambas se diz comtudo, que estão mortas: *Tauri mei, et altilia occisa sunt.* Porque como a natureza humana e a divina estão unidas em um supposto, não só morre Christo em quanto homem, mas tambem é verdadeiro dizer que morreu Deus. E não deve passar sem reparo o modo e distincção advertida, com que o rei fallou neste caso; porque ás rezes chama suas, e ás aves não: *Tauri mei, et altilia.* Pois se o rei é Deus, senhor de tudo, porque chama suas ás rezes, e não ás aves? Pela mesma razão que temos dito. Sobre a humanidade de Christo tem Deus dominio; sobre a divindade não tem, nem póde ter dominio, porque é o mesmo Deus: e como as rezes no composto ineffavel de Christo significam o que têm de humano, e as aves o que têm de divino; por isso o rei, que significa e representa a Deus, ás rezes chama suas, e ás aves não: *Tauri mei, et altilia:* como se nos dissesse: o humano, que ha em Christo é meu, o divino não é meu,

sou eu. Finalmente, a palavra *occisa sunt*, que significa, não qualquer morte, mas violenta, posto que propria para as rezes e aves do banquete, tambem a disse o rei com particular mysterio e energia; porque tal foi a morte de seu Filho, com que Deus nos preparou o banquete da gloria. Não morte natural (que bastára) mas violenta, e não com o sangue congelado nas veias, mas derramado dellas. No mesmo Texto temos o caso, e toda a historia delle singularmente descripta.

Quando o rei mandou segundo recado aos convidados, alguns delles foram tão insolentes e furiosos, que não só não quizeram vir, mas prenderam os criados do rei, e lhes fizeram muitas affrontas, e por fim os mataram: *Reliqui verò tenuerunt servos ejus, et contumeliis affectos occiderunt.* [1] Os criados que levavam este segundo recado, já dissemos que eram os Apostolos. Os convidados que os prenderam, affrontaram e mataram, não ha duvida que foram os cidadãos de Jérusalem, os quaes não só tiraram a vida a alguns delles, senão tambem ao Apostolo dos Apostolos, que foi o mesmo Christo, e de quem particularmente falla o Texto. Prova-se por muitos principios: Primeiro, porque Christo foi proprio e particular Apostolo do povo de Israël, como elle mesmo disse. Segundo, porque o rei que mandou os recados era o Padre Eterno, [2] e Christo foi immediatamente mandado pelo Padre, como os outros Apostolos immediatamente por Christo. Terceiro, porque de Christo se verifica com toda a propriedade o ser prezo, o ser affrontado com muitas injurias, e o ser cruelmente morto: *Tenuerunt servos ejus, et contumeliis affectos occiderunt.* Nem faz contra isto o nome de servo: *Servos ejus;* porque não obstante que alguns theologos tiveram para si, que Christo ainda em respeito de Deus se não podia chamar servo, é certo que em quanto homem, verdadeira e propriamente foi servo de Deus, e assim se póde e deve chamar, como depois de Santo Thomaz prova douta e diffusamente o Padre Soares.

Finalmente, para que conste com toda a evidencia, que o nosso Texto falla litteralmente da morte de Chris-

[1] *Math.*, XXII, 6.
[2] *Ibid.*, XV, 24.

to, vae por diante a historia, e diz que sabendo o rei o que aquelles homicidas tinham feito, mandou seus exercitos a que os fossem castigar, e não só os mataram e destruiram, mas tambem arrasaram e queimaram a sua cidade: *Missis exercitibus suis perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit.* [1] E que exercitos mandados por Deus (que é o rei) e que cidade assolada e abrazada foi esta? São Jeronymo: *Per hos exercitus romanos intelligimus sub Duce Vespasiano, et Tito, qui occisis Judææ populis, prævaricatricem incenderunt civitatem:* Estes exercitos (diz S. Jeronymo) foram os dos Romanos, governados por Vespasiano e Tito, os quaes, destruidos e mortos os povos de Judeia, assolaram e queimaram a cidade de Jérusalem, em pena do peccado da morte de Christo. O mesmo Senhor indo a morrer, e muitas vezes antes lh'o tinha assim prophetisado. E porque esta morte tão violenta e padecida em Jérusalem, foi a que no mesmo ponto abriu as portas do céu, e este o preço infinito que se dispendeu para o banquete da gloria: por isso o rei mandou dizer aos convidados, que já os gastos estavam feitos, e as rezes e aves mortas: *Tauri mei, et altilia occisa sunt.*

Mas aqui se deve notar uma differença admiravel entre o primeiro recado e o segundo. No primeiro recado só mandou o rei que fossem chamar os convidados: *Misit servos suos vocare invitatos ad nuptias.* No segundo recado não só os mandou chamar, mas accrescentou, que já que o banquete estava apparelhado, e o gasto feito: *Dicite invitatis: ecce prandium meum paravi, tauri mei, et altilia occisa sunt, et omnia parata.* Pois se os primeiros criados não levaram este recado; porque o levaram os segundos? E se estes haviam de dizer, e disseram, que já estava apparelhado o banquete, os primeiros porque não disseram o mesmo? Porque nem o podiam dizer com verdade, nem o rei lhes podia mandar que o dissessem. Os primeiros criados, como vimos, foram os Prophetas, os segundos os Apostolos. Os Prophetas foram antes da Encarnação e morte de Christo, os Apostolos foram depois de sua morte: e como por meio da morte de Christo se abriu o céu que estava fechado, e se pre-

[1] *Math.*, XXII, 7.

parou o banquete, que até então só estava promettido; por isso os primeiros criados não disseram, nem podiam dizer, que estava preparado o banquete, e os segundos sim: e por isso os que mereceram a gloria na Lei antiga, iam esperar ao Limbo, e os que a merecem agora na Lei da graça, entram logo a gozal-a.

E para que não fique sem ponderação a ultima clausula do recado, o que nelle disse o rei, é que tudo estava apparelhado: *Et omnia parata.* Tudo disse, porque tudo o que o homem póde querer, e tudo o que Deus póde dar, se comprehende no banquete da gloria. Mas não é isto o que pondero. O em que reparo, é que tendo dito no principio: *Ecce prandium meum paravi*, torne a repetir no fim: *Et omnia parata.* Se tinha dito que já estava apparelhado o seu banquete, porque torna a dizer que está apparelhado tudo? Porque antes da ultima clausula fez menção do que estava morto para o mesmo banquete, e antes da primeira não: e para vir em conhecimento do que é, ou póde ser o banquete da gloria, não se fórma tão grande conceito de dizer Deus, que é seu: *Prandium meum:* quanto de se entender que custou a morte de Deus: *Tauri mei, et altilia occisa sunt.* Por isso accrescentou depois: *Et omnia parata;* porque muito mais se encarece a grandeza do banquete por custar o que custou, do que por ser de quem é. E' de Deus, e custou a morte de Deus: logo muito mais se engrandece pelo preço, que pelo Auctor. Porque Deus que o fez como Omnipotente, póde fazer mais e menos; mas o mesmo Deus que o pagou como justo, não póde dar menos pelo que vale mais. Oh Deus sempre incomprehensivel; mas nunca com tanto excesso como neste mysterio! Sendo o Pae o que fez as bodas, e o Filho o desposado, que houvesse de morrer o desposado, para o Pae fazer o banquete das bodas! Pare a consideração neste pasmo, pois não póde passar d'aqui.

VI

Tem-nos mostrado o Evangelho dentro em si mesmo qual seja a magnificencia do banquete da Gloria pelo Auctor, pelo motivo, e pelo preço della, tudo infinito: infinito quem a fez, infinito por quem se fez, e

infinito o que custou fazer-se. Mas somos chegados a ponto em que o mesmo Evangelho parece que nos desfaz tudo o que com elle fizemos atégora. Não querendo vir os convidados ao primeiro e segundo recado, mandou o rei chamar outros, e depois que estiveram assentados á meza, quil-a honrar o mesmo rei com a magestade de sua presença: *Intravit, ut videret discumbentes.* [1] Não ha festa sem desar, e assim aconteceu nesta. Viu entre os demais um homem que não estava vestido com a decencia que convinha á realeza do banquete, estranhou o atrevimento, e mandou a seus ministros que o lançassem fóra, e atado de pés e mãos o levassem ao carcere. As palavras que disse o rei, foram: *Quomodo huc intrasti non habens vestem nuptialem?* [2] Como entraste aqui sem vestidura nupcial? A vestidura nupcial, como declaram todos os Padres e Expositores catholicos, é a graça de Deus. Sem graça de Deus é de fé, que ninguem póde entrar no céu: logo este banquete, de que atégora fallámos, não é, nem póde ser o banquete da Gloria. Mais: a gloria e bemaventurança do céu de sua propria natureza é perpetua e eterna, porque d'outra sorte não seria bemaventurança, e quem uma vez entrou na gloria, não póde sahir, nem ser privado della. Este homem que entrou e estava assentado á meza sem vestidura nupcial, foi lançado fóra do banquete: logo este banquete não é o da Gloria.

Este argumento é tão forte, que só o Divinissimo Sacramento do altar nos póde dar a solução delle tão verdadeira como admiravel, e tão propria deste dia como verdadeira. Respondo, que esta mesma meza no principio e na continuação da parabola era o banquete da Gloria; porém no fim da mesma parabola, a que agora chegamos, é o banquete do Sacramento. E porque á meza do Santissimo Sacramento póde haver homens tão atrevidos e sacrilegos, que cheguem com consciencia de peccado (o qual só Deus conhece, e os outros que estão á mesma meza não) por isso o rei, que é Deus, viu que um dos que estavam assentados a ella não tinha como os demais a vestidura da graça: *Et vidit ibi hominem non vestitum veste nuptiali.* Aos

[1] *Math.*, XXII, 11.
[2] *Ibid.*, 12.

que não quizeram vir ao banquete, em quanto banquete da gloria, disse o rei que não eram dignos: *Qui invitati erant, non fuerunt digni.* Porque ao banquete do céu, que é o da gloria, ninguem póde entrar, senão sómente os dignos; porém no banquete da terra, que é o Santissimo Sacramento, bem póde entrar algum que seja indigno, e por isso o rei, cujos olhos só vêem, e penetram as consciencias, viu que um dos que estavam á meza não trazia vestidura nupcial: *Non vestitum veste nuptiali.*

A distincção e differença bem vejo que estão vendo todos, que é muito verdadeira, e muito accommodada. Mas tambem vejo que egualmente duvidam da supposição della, e que me estão perguntando como póde, ou podia ser, que no mesmo dia, e na mesma parabola de Christo, a mesma meza, e o mesmo banquete, que começou em banquete da gloria, acabasse em banquete do Sacramento? Aqui está o ponto da maior difficuldade, Mas vêde como naturalmente foi assim, nem podia ser de outro modo. O banquete havia de ser ao jantar, que assim disse o rei: *Ecce prandium meum paravi:* e como os convidados não quizeram vir ao primeiro recado, e foi necessario ir o segundo, em que houve más respostas, prisões, injurias, e mortes: com estas dilações, que não se fizeram na mesma côrte do rei, senão na outra cidade, que refere o Texto, passaram-se as horas do jantar. Depois disto despachou o rei, e despediu os seus exercitos, para que fossem castigar os homicidas, e queimar a cidade rebelde, em que se gastou muito mais tempo. Finalmente, foram-se chamar outros homens que viessem substituir os logares dos convidados: e estes não se trouxeram de junto ao paço do rei, mas foram-se buscar por seu mandado ao fim da cidade, e ás sahidas das ruas: *Ite ad exitus viarum.* [1] Nestas diligencias, tantas e tão detençosas, posto que feitas a toda a pressa, passou-se forçosamente o resto do dia, com que o banquete veio a se fazer á noite, e já não foi jantar, como estava determinado, senão ceia. E como foi ceia, e não jantar, e as iguarias eram as mesmas, por isso tambem o que era banquete da gloria, se mudou em banquete do Sacramento.

---

[1] *Math.*, XXII, 9.

E qual é ou foi a razão desta tão notavel mudança? A razão clara e manifesta é porque entre a bemaventurança do céu, e o Sacramento na terra, não ha outra distincção, nem outra differença de banquete a banquete, senão ser um de dia, outro de noite; um com luz do sol, outro com luz de candeia; um com o lume da fé, que é escuro: um que se goza e se vê, outro que se goza sem se vêr. Não é certo que o mesmo Deus que se goza no céu, é o que está no Sacramento? Sim. Não é tambem certo, que lá se vê esse mesmo Deus, e cá não? Tambem. Pois essa é só a differença que ha entre o banquete da gloria no céu, e do Sacramento na terra. A gloria é o Sacramento com as cortinas corridas, o Sacramento é a gloria com as cortinas cerradas. Lá come-se Deus exposto e descoberto, aqui come-se coberto e encerrado. Se os que se assentaram hoje a esta mesma meza, parte foram cegos, e parte não, que differença havia de haver entre uns e outros? Os que tivessem olhos, haviam de comer, e vêr o que comiam; os cegos não haviam de vêr o que comiam, mas haviam de comer as mesmas iguarias que os outros. O mesmo nos succede a nós em comparação dos bemaventurados do céu. Elles comem e vêem, porque comem de dia; nós comemos e não vêmos, porque comemos de noite. E' verdade que ainda que de noite, comemos á luz da candeia, que é o lume da fé; mas este lume é de tal qualidade, que certifica, mas não mostra, porque, se mostrára o que certifica, já não fôra fé.

Quando o rei mandou ir prezo o que se assentou á meza sem vestidura nupcial, disse que o levassem á trevas exteriores: *Mittite eum in tenebras exteriores.* [1] E porque disse nomeadamente ás trevas exteriores, ou trevas de fóra? Para significar, como verdadeiramente era, que tambem dentro na mesma sala onde se fazia o banquete, havia trevas. As trevas do carcere, onde mandava levar o delinquente, eram trevas exteriores, e de fóra; as trevas da sala onde comiam os convidados, eram trevas interiores e de dentro. E quem fazia umas e outras trevas? As trevas do carcere fazia-as o escuro do logar, as trevas do banquete fazia-as o escuro da fé. Mas este escuro, ou esta escuridade da fé, tem tal excellencia, que tanto nos

[1] *Math.*, XXII, 13.

assegura a nós da verdade do que não vêmos, como a vista certifica aos bemaventurados da verdade do que vêem. Para vêr os convidados, diz o Texto, que entrou o rei: *Intravit rex, ut videret discumbentes.* E nota Abulense, que o fim e intento desta entrada foi: *Ut lætificaret epulantes, cum eis præsentiam suam exhiberet:* para alegrar aos que comiam, com a sua presença. Com a sua presença disse, e não com a sua vista, e disse bem; porque o que nos alegra e satisfaz no banquete do Sacramento, não é a evidencia da vista, senão a certeza da presença: por isso advertidamente o Texto não diz que entrou o rei para ser visto; senão para vêr: *Ut videret discumbentes.* No banquete do céu os que estão á meza, vê-os Deus, e elles vêem a Deus: no banquete do Sacramento não é a vista reciproca, senão de uma só das partes: Deus vê-nos a nós, e nós não o vêmos a elle; porque se a fé nos certifica da presença, a mesma fé nos encobre a vista.

Mas se o rei, como dissemos, é o Eterno Padre, e o que comemos no banquete do Sacramento é o corpo de Christo, como se diz, que entrou o Padre neste banquete? Porque não fôra egual o banquete do Sacramento ao banquete da gloria, se o Eterno Padre tambem não entrára nelle. Os bemaventurados não só vêem uma pessoa divina, senão todas, porque vêem a Deus como é, e Deus é um em essencia, e trino em pessoa. E se no Sacramento só estivera o corpo e sangue de Christo, e não a divindade, e a pessoa do Verbo, e as outras pessoas divinas, encerrára mais em si o banquete da gloria, que o do Sacramento. E' porém certo e de fé, que tanto encerra em si o Sacramento, quanto a gloria de todos os bemaventurados e a do mesmo Deus: não *ex vi verborum* (como fallam os Theologos) mas *concomitanter.* Ainda que por força das palavras da consagração só esteja no Sacramento o corpo e sangue de Christo; como esse corpo e sangue está unido á divindade, e a divindade não por união, mas por unidade e identidade, é inseparavel das Pessoas Divinas, por isso todas as Pessoas Divinas estão tambem no Sacramento, não como partes essenciaes, de que o mesmo Sacramento se componha; mas como partes (se assim se podem chamar) que necessariamente o acompanham e entram nelle. E esta é a verdade e propriedade com que o rei, que é o Padre, se diz que entrou ao banquete: *Intravit rex.*

E se o Sacramento, quanto á substancia, é o mesmo banquete, que o da gloria; quanto á grandeza e magnificencia com que se communica aos convidados, em tudo é similhante. No banquete da gloria repartem-se as iguarias, sem se partirem; porque Deus é indivisivel: e o mesmo passa no Sacramento: *Non confractus, non divisus, integer accipitur.* No banquete da gloria dá-se todo Deus a todos, e todo a cada um; e no Sacramento tanto recebe um como todos: *Sic totum omnibus, quod totum singulis.* No banquete da gloria por mais que cresçam os convidados, não se gastam, nem se diminuem os manjares: e no Sacramento, ainda que sejam muitos os que o recebem, nem por isso se diminue: *Sumit unus, sumunt mille, nec sumptus consumitur.* No banquete da gloria, sendo Deus Espirito, não só faz bemaventurados os espiritos, senão tambem os corpos; e no Sacramento, dando-nos Christo seu corpo, não só é refeição dos corpos, senão muito mais dos espiritos: *Ut duplicis substantiæ totum cibaret hominem.* No banquete da gloria os que vêem a Deus transformam-se no mesmo Deus; e no Sacramento os que comem a Christo tambem se transformam em Christo, o qual para isso sendo Deus se fez homem: *Ut homines Deos faceret factus homo.* No banquete da gloria em fim, gostam-se todos os deleites e delicias, que manam, como de fonte, da divindade; e no Sacramento tambem se gozam e se gostam, porque a duçura e suavidade de todos se bebe alli na sua propria fonte: *In quo spiritualis dulcedo in proprio fonte gustatur.* Assim o diz e ensina o Doutor Angelico Santo Thomaz, de quem são todos os Textos citados e de quem os tomou e approvou a Igreja.

VII

De tudo o que fica dito neste discurso, parece que bastantemente nos tem mostrado o nosso Evangelho, que o banquete que havia de ser jantar, veio a ser cêa, e que começando em convite da gloria, acabou em convite do Sacramento. O que agora resta é, que todos nos aproveitemos de um e outro, e que não sejamos tão ingratos a Deus, tão inimigos de nós mesmos, e tão faltos de entendimento e juizo, como os que

uma e outra vez chamados não quizeram vir. A primeira razão que nos deve animar a todos, é saber que a todos nos chama e está chamando Deus, e que, assim o banquete da gloria, como o do Sacramento, para todos os fez e tem apparelhado egualmente sem reserva, nem excepção de pessoas. Notou S. Paschasio, que este mesmo rei da nossa parabola, quando se diz que fez as bodas a seu filho, chama-se rei homem: *Homini regi;* porém depois que tratou do banquete, nunca mais se chamou homem; porque os reis homens convidam só aos principaes e aos grandes: o rei Deus não é assim: a todos convida, a todos chama, todos quer que se assentem á sua meza, ou seja no céu a da gloria, ou na terra a do Sacramento.

Depois que os convidados, descortezes ao primeiro e segundo recado, não quizeram vir, mandou o mesmo rei buscar outros que substituissem os seus logares; e a instrucção que deu aos criados, foi que sahissem ás ruas, e que chamassem para o banquete todos quantos achassem: *Ite ad exitus viarum, et quoscumque inveneritis, vocate ad nuptias.* [1] Pois para a meza do rei, e em uma celebridade tão real como a das bodas do principe seu primogenito, não se limitam as qualidades? Não se assignalam os postos? Não se faz menção de titulos ou estados, nem se distingue quaes hão de ser os chamados, e quaes os excluidos? Não. Chamae todos os que achardes pelas ruas; porque assim como as ruas são publicas e communs a todos, assim quero que o seja a minha meza: e assim foi. Diz o Texto, que os criados ajuntaram todos quantos acharam, máus e bons: *Congregaverunt omnes, quos invenerunt, malos et bonos:* [2] E destes achados e tirados das ruas, se encheram os logares do banquete: *Et impletæ sunt nuptiæ discumbentium.* E que quer dizer bons e máus: *Malos et bonos?* Quer dizer, como explicam a Glossa e os Doutores: *Cujuscumque conditionis homines, cujuscumque gradus, cujuscumque nationis:* de qualquer nação, de qualquer condição, de qualquer estado, de qualquer officio, de qualquer fortuna. O hebreu e o grego, o alto e o baixo, o grande e o pequeno, o rico e o pobre, o nobre e o plebeu, o senhor

[1] *Math.*, XXII, 9.
[2] *Ibid.*, 10.

e o escravo, o branco e o preto, todos, sem differença, nem exclusão. E notae, que antepõe o Texto os máus aos bons: *Malos et bonos*, isto é, os menos nobres aos mais honrados, porque esta é a maior honra e a maior magnificencia da meza de Deus. Assim o canta ao mesmo Deus no mesmo banquete, quem melhor lhe conhece a condição, que é a sua Igreja: *O' res mirabilis, manducat Dominium pauper, servus et humilis:* coisa admiravel, que coma á meza do Senhor, e ao mesmo Senhor, o servo, o pobre, o humilde! Mas se eu tivera licença para mudar um adverbio, e trocar a ordem a estes versos, não havia de dizer senão assim: *Manducat Dominum pauper, servus, et humilis? Ha ud res mirabilis:* Que o servo, o pobre, e o humilde se assente á meza do Senhor? Não é isto maravilha. Maravilha seria se o banquete fosse de algum rei da terra; mas sendo do Rei do céu, que creou a todos, e morreu por todos, como havia de distinguir na meza os que igualou na natureza, no preço e na graça? Cá fazemos estas distincções, e na outra vida veremos a vaidade dellas. Que confusão será dos grandes, vêr que o céu é dos pequenos? E que confusão a dos que teem tantos escravos, vêr o seu escravo assentado ao banquete da gloria, e que o senhor ficou de fóra?

Supposto, pois, que um e outro banquete é para todos, e Deus nos chama a todos para ambos, não nos descuidemos agora de frequentar o banquete da terra, para que o mesmo banquete da terra nos leve ao do céu. Alberto Magno, tão grande na sabedoria, como na piedade, em um excellente livro que compoz do Santissimo Sacramento, diz esta notavel sentença: *Id quod nunc in Sacramenti specie percipiendo Christum agimus, signum est, qualiter eumdem aliquando secundum dulcedinem suæ Deitatis in cœlesti beatitudine percipiemus.* Quereis saber se haveis de ir ao céu, e como lá haveis de ser recebido? Olhae se frequentaes cá o Santissimo Sacramento, e como o recebeis; porque o modo com que nesta vida recebemos o corpo de Christo no Sacramento é signal do modo com que na outra vida receberemos a divindade do mesmo Christo na gloria: *Id quod nunc percipiendo Christum agimus, signum est qualiter eumdem in beatitudine recipiemus.* Que esperança póde ter logo de gozar o banquete da gloria, ou quem despreza esta sagrada meza, como os primeiros convidados desprezaram a outra,

ou quem chega á mesma meza com tão pouca disposição e pureza de consciencia, como o que foi lançado della, e levado ao carcere das trevas, que é o inferno? Quando o rei deu esta sentença, disse que naquelle logar tão escuro e subterraneo haveria choro e ranger de dentes: *Ibi erit fletus, et stridor dentium.* [1] Onde se deve muito advertir, que dois tormentos, de que só fez menção, um é da bocca, outro dos olhos. No inferno ha muitos outros tormentos e mais terriveis com que o fogo e os demonios atormentam os condemnados; porque fez logo menção sómente destes dois, com que os mesmos condemnados se atormentam a si mesmos, e um dos olhos, outro da bocca? Porque como o comer a Deus tem por premio o vêr a Deus, e a culpa de o comer indecentemente tem por castigo não o vêr eternamente; a culpa de o comer indecentemente aquelle miseravel foi castigada na bocca, e o castigo de o não vêr eternamente foi executado nos olhos. Chorem eternamente os olhos, pois não hão de vêr a Deus em quanto Deus fôr Deus: *Ibit erit fletus.* E pois a bocca se atreveu a tocar e comer a Deus como não devera, morder-se-há tambem eternamente de raiva e desesperação com seus proprios dentes: *Et stridor dentium.*

D'aqui inferiu Christo Senhor nosso aquella tremenda conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci verò electi:* [2] porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos. Mas se os escolhidos são os que entraram com vestidura nupcial, e ficaram no banquete; e o não escolhido, que entrou indecentemente vestido, foi um só; como diz o Senhor e infere do successo desta mesma parabola, que os chamados são muitos e os escolhidos poucos? Esta duvida deu já muito em que entender aos Interpretes, mas tem facil solução. Porque os chamados não foram só os que vieram ao banquete, senão tambem os que não quizeram vir. E como todos os que vieram e não vieram, foram chamados, e ainda dos que vieram, um não foi escolhido, bem se infere que os chamados são muitos, e os escolhidos poucos. Poucos em respeito de todo o numero dos chamados, e menos ainda em respeito do desejo que Chris-

[1] *Math.*, XXII, 13.
[2] *Ibid.*, 14.

to tem, e do preço que despendeu para que todos se salvem. Porém o que sobre tudo faz ao nosso intento, é, que todos os chamados que vieram com vestidura nupcial ao banquete do Sacramento, todos foram escolhidos: *Pauci electi.* Poucos sim, mas escolhidos todos. E porque razão? Porque o fim dos chamados é a gloria; o pão dos escolhidos é o Sacramento; e todos os que usam bem do pão dos escolhidos, conseguem o fim dos chamados. Não ha fim sem meios; e todos os que se sabem aproveitar deste soberano meio tão apparelhado e tão facil; todos os que frequentam com a decencia e disposição que convem a meza do Santissimo Sacramento; todos os que comem e se sustentam do Pão dos escolhidos, que é o banquete de Deus na terra, todos conseguem o fim dos chamados, que é o do céu.

VIII

Grande consolação por certo, christãos, para todos os que assim o fazem: como egual desconsolação tambem e affronta e vergonha grande para os que por interesses, ou appetites tão vãos, como são todos os deste mundo, deixam o banquete divino do Sacramento, e perdem o da Gloria. Aquelles descortezes e mal entendidos, que, chamados ao banquete, não quizeram vir, diz o Texto, que um se foi para a sua lavoura, outro para a sua negociação: *Alius in villam suam: alius vero ad negotiationem suam.* [1] Vêde o que perderam, e porque? Que podia grangear um na sua negociação, e outro na sua lavoura, que tivesse comparação com o que desprezaram: *Illi autem neglexerunt?* [2] Chamanos Deus para o descanço e para estarmos assentados á sua meza, e nós antes queremos trabalhar e suar com o mundo, que descançar e regalar com Deus. Tanto podem comnosco as apparencias do presente, e tão pouco a fé e esperança do futuro. De ninguem se podia receiar menos esta desattenção, que dos mesmos a quem o rei mandou chamar. Mandou chamar os lavradores, que são os que foram para a sua lavoura: e

[1] *Math.*, XXII, 5.
[2] *Ibid.*

mercadores, que são os que foram para a sua negociação. E porque mais lavradores e mercadores, que gente de outro tracto, ou de outros officios? Porque assim o lavrador como o mercador, são homens que teem por exercicio e profissão accrescentar o cabedal. O lavrador semeia pouco para colher muito: o mercador compra por menos para vender por mais. E por isso mesmo, assim os lavradores, como aos mercadores, os devia trazer á meza do rei o seu proprio interesse. Que melhor lavoura que semear na terra, e colher no céu? E que maior mercancia, que vender o tempo, e comprar a eternidade? Oh eternidade engeitada! Oh Gloria desprezada! Oh céu, nem querido, nem crido!

Crêdes vós que vos chamaes christãos: crêdes que ha céu? Crêdes que ha gloria? Crêdes que ha eternidade? Dizeis que sim, de que eu duvido. Mas se é verdade que crêdes tudo isto que tenho dito; como o não quereis? Assim o diz o Evangelho, que não quizeram os que vós imitaes: *Et nolebant venire.* [1] Se tanto póde comvosco a lisonja do presente, e tão pouco a fé do futuro: porque não consideraes no presente esse mesmo presente, onde ha de vir a parar? Coisa muito digna de admiração é que dos primeiros e segundos chamados todos se escuzassem, e nenhum quizesse vir; e que os ultimos todos viessem, e nenhum se escuzasse! Os recados e os criados não eram do mesmo rei, e as bodas as mesmas? Que homens foram logo estes de juizos e vontades tão differentes, que nenhum repugnou, e todos quizeram vir? Olhae onde o rei os mandou buscar, e onde estavam quando vieram: *Ite ad exitus viarum:* [2] Ide aos fins dos caminhos: *Et quoscumque inveneritis, vocate:* e todos os que alli achardes, chamae a esses. Sabeis porque não acudimos ao chamado de Christo? E' porque não estamos nos fins dos caminhos. Os principios dos caminhos, que cada um toma para a sua vida, e tambem os meios delles são muito enganosos: os fins, e onde vão parar, esses são os que desenganam. Todas as cidades, e mais as côrtes (como esta era) teem tres estradas reaes por onde vae o fio da gente, e onde concorrem todas: a das ri-

[1] *Math.*, XXII, 3.
[2] *Ibid.*, 9.

quezas, a das honras, a dos deleites. Mas os que se pôem com a consideração, ou com os successos da mesma vida, onde essas estradas vão parar: *Ite ad exitus viarum;* estes são os que Deus busca, e estes os que acha: *Et quoscumque inveneritis, vocate.*

Tambem houve outra razão que muito moveu e obrigou as vontades dos que vieram em ultimo logar. Quando foram chamados os primeiros uma e outra vez, ainda o rei se não tinha irado: *Iratus est rex:* [1] ainda não tinha mostrado o rigor de sua justiça: *Perdidit homicidas illos, et civitatem illorum succendit:* E por isso não acceitaram o convite, nem respeitaram o recado, nem temeram o rei. Porém os outros que viram a benignidade do rei trocada em ira, os rebeldes feitos em quartos, e a cidade em cinzas; que viram arder sem excepção as casas humildes, os palacios soberbos, e as torres mais altas; como lhes não haviam de allumiar os olhos aquellas labaredas, e como lhes não havia de abrandar os corações, ainda que fossem de bronze, um tal incendio? Alguns abstrahindo da historia, e tomando em geral a culpa e o castigo, reconhecem neste fogo o do inferno, que é o ultimo paradeiro dos que desprezam o céu. E será bem que os interesses de tão pouco momento, e os gostos tão leves, e tão breves, como os desta vida, se vão lá pagar no inferno eternamente? Pois isto é o que querem, sem querer, os que tanto caso fazem do presente, e tão pouco do futuro; e por lograr o engano do que é (ou não é) não reparam no que ha de ser.

Disse o que querem sem querer; porque bem vejo que lá dentro nos vossos corações estaes dizendo, que se agora não quereis, haveis de querer depois, e que se agora sois como os primeiros, que não quizeram vir, depois sereis como os ultimos que vieram. Este é o engano commum, com que o demonio nos cega, e nos vae entretendo, até que nos leva, já perdidos, á condemnação. Pede-nos a vontade agora, e promette-nol-a para depois. Deus nos livre de uma vontade habituada a não querer; porque nunca quer. Olhae o que diz o Texto: *Et nolelant venire:* e elles não queriam vir. Não diz: *Noluerunt*, senão, *nolebant:* não

[1] *Math.*, XXII, 7.

diz que não quizeram, senão que não queriam. Se dissera não quizeram, significava um acto da vontade; mas dizendo não queriam, não significa acto, senão habito: e vontade habituada a não querer, nunca quer. Por isso não quizeram a primeira vez que foram chamados, nem a segunda em que os tornaram a chamar, e se os chamassem a terceira, tambem não haviam de querer. Mas se o rei foi tão bom, e tão benigno, que sem embargo de não quererem vir a primeira vez, os chamou a segunda, porque os não mandou tambem chamar terceira vez? Este é o mais tremendo ponto de toda esta materia. Ninguem se póde converter a Deus, sem Deus o chamar com a sua inspiração, e o prevenir com o auxilio de sua graça. E Deus ainda que nos chama uma e outra vez, se nós desprezamos a vocação, e não acudimos a esta, tambem elle subtrahe as suas inspirações, e nos nega justamente os seus auxilios. E que será da miseravel alma destituida dos auxilios de Deus? Ouvi a S. Gregorio Papa: *Nemo contemnat, nedum vocatus excuset, cum voluerit intrare non valeat:* Ninguem despreze a vocação e inspiração divina, porque se quando é chamado não quer ir, depois, ainda que queira, não poderá.

E para que nos desenganemos e conheçamos todos, que podemos chegar a tal estado em que totalmente não possamos, ainda que quizessemos; confirmemos a verdade desta doutrina de S. Gregorio, com a ultima clausula do nosso Evangelho, que só nos resta por ponderar. Mandou o rei que o que tinha vindo ao banquete sem vestidura nupcial, atado de pés e mãos, fosse lançado no carcere das trevas: *Ligatis manibus, et pedibus ejus, mittite eum in tenebras exteriores.* [1] E diz o Texto, que ouvindo o miseravel homem esta sentença, emmudeceu, e não disse palavra: *At ille obmutuit.* Este emmudecer, é o que mais me assombra e atemorisa. Homem miseravel, homem pusilanime, homem inimigo de si mesmo, e sem juizo, porque não appellas da sentença para o mesmo rei? Não vês que é tão clemente e piedoso, que ainda offendido, te chama amigo: *Amice, quomodo huc intrasti?* Não vês que o mesmo dia de tanta celebridade é muito apparelhado para o perdão? Se não tens com

[1] *Math.*, XXII, 13.

que escusar a tua culpa, porque a não confessas? Porque te não lanças aos pés do Pae, e lhe pedes misericordia por amôr do Filho, e pela mesma humanidade com que se desposou? Nada disto fez o miseravel, e nada disto podia fazer, ainda que quizesse, porque a mesma sentença em pena de sua culpa o inhabilitou para tudo. Nem podia vêr, porque estava condemnado ás trevas; nem se podia lançar aos pés do rei, porque tinha prezos os seus; nem podia bater nos peitos, porque tinha atadas as mãos; nem podia confessar seu peccado e pedir perdão, porque tinha emmudecida a lingua. E isto é o que acontece a quem assim como este entrou despedido da graça de Deus, chegou a ser despido dela. Os pés e mãos da alma, como diz Santo Agostinho, são o entendimento e vontade, de que se compõe o alvedrio, e este em faltando a graça de Deus, fica tão atado e escurecido, que nem uma luz tem para vêr, nem mãos para obrar, nem pés para se mover, nem lingua para dizer, pequei. Vêde se póde haver mais infeliz e mais tremendo estado; mas justamente merecido? Oh se Deus quizesse que ao menos nos fique muito impressa nas almas por ultimo documento a culpa, porque este miseravel homem perdeu o uso de todas as potencias e movimentos, e até a mesma falla com que se pudéra remediar de tudo. E qual foi esta culpa? Não foi outra, senão entrar ao banquete sem vestidura nupcial, isto é, chegar á meza do Santissimo Sacramento não estando em graça. Por isso emmudeceu de tal sorte, que não póde confessar sua culpa: por que é justo juizo de Deus castigar nas confissões o que se pecca nas communhões. Já que a bocca se atreveu a commungar em peccado, não tenha lingua para confessar seus peccados: *At ille obmutuit.*

Emmudeceu o homem por justo castigo: nós devemos emmudecer de horror e assombro: o Evangelho emmudeceu, porque já não tem palavra, que não esteja ponderada; e eu tambem emmudeço porque não tenho mais que dizer. Se a minha ignorancia e fibieza vos não soube chamar para o banquete, como devia, espero que interiormente o tenha feito a graça e inspirações divinas com tal efficacia, que frequentando nesta vida o do Santissimo Sacramento, mereçamos na outra alcançar o da Gloria.

SERMÃO

DA

Dominga Vigesima-Segunda

POSZ PENZECOSTEN *

Cujus est imago hæc, et superscriptio? Dicunt ei: Cæsaris. [1]

I

Não ha terra mais difficultosa de governar que a patria, nem ha mando mais mal soffrido, nem mais mal obedecido, que o dos eguaes. Vivendo os Hebreus governados por Deus, o qual no Propiciatorio respondia a todas suas consultas, e ordenava em voz clara o que se havia de fazer, foram elles tão mal aconselhados, que quizeram ser governados por homens, como as outras nações; e sendo tão soberbos, que desprezavam a todas em tudo o mais, neste ponto, que era a sua maior prerogativa, pediram ser similhantes a ellas: *Constitue nobis regem, sicut et universæ habent Nationes.* [2] Os primeiros governadores, pois, que Deus lhes concedeu com poder e soberania real, foram Saül e David: Saül que andava buscando as jumentas que se perderam a seu pae, e David que andava guardando as ovelhas do seu. Não fez differença das qualidades, porque todos eram filhos de Abrahão; nem a fez tambem dos officios, porque todos naquelle tempo viviam de suas lavoiras, e dos seus pastos. Só teve attenção ás pessoas e aos talentos; porque assim Saül como David debaixo do seu saial eram ho-

---

* Este sermão foi pregado na occasião em que o Estado do Maranhão se repartiu em dois Governos, e estes se deram a pessoas particulares moradoras da mesma terra.

[1] *Math.*, XXII.

[2] *1.º Livr. dos Reis*, VIII, 5.

mens de tão grandes espiritos, como logo mostraram as suas obras. Mas quaes foram os applausos com que foi recebida naquella republica, depois de tão apertadas instancias, a eleição destes dois governos? A terra era a patria, e os eleitos eram eguaes (como dizia) e não bastou que fosse um Saül e outro David, para serem bem aceitos. Alegraram-se os parentes, murmuraram os estranhos, e os demais (que eram quasi todos) ficaram descontentes. Não digo o que disseram, porque as coisas não eram para dizer, nem são para ouvir; só digo que estamos no mesmo caso. Temos repartido este nosso Estado em dois governos eguaes, e debaixo de suas cabeças, ambas naturaes da mesma terra, sem ser a da Promissão; e assim da parte das cabeças, como dos membros, assim da parte dos novos governadores, como dos subditos, se podem receiar, como já se temem, não pequenos inconvenientes. O recurso está longe, o remedio não póde chegar senão tarde; entretanto só vos peço que tomeis o melhor conselho. A obrigação dos prégadores, a quem a Escriptura chama Anjos da paz, é serem ministros da união e concordia: e porque esta devemos desejar todos, como bons christãos, como bons republicos, e como bons vassallos; para eu satisfazer á minha obrigação, não me occorre outro meio mais efficaz, que declarar a uns e a outros as suas. O meu intento será este, o Evangelho a guia, a Intercessora para a graça a Virgem Senhora nossa. Peçamol-a com aquella attenção que requer tão importante materia. *Ave Maria.*

II

Perguntado Christo Senhor nosso, como Mestre da Lei, se era licito aos Hebreus pagar tributo ao Cesar imperador dos Romanos, respondeu que lhe mostrassem primeiro a moeda do tributo: *Ostendite mihi numisma census.* [1] E como na moeda estivesse estampada uma figura com certas letras em roda, perguntou mais o Senhor, cuja era aquella imagem, e cujo o

[1] *Math.*, XXII, 19.

nome escripto nas lettras: *Cujus est imago hæc, et superscriptio?* [1] Responderam que a imagem e o nome era do mesmo Cesar: *Dicunt ei: Cæsaris.* Isto é o que conteem as palavras que propuz. O resto do Evangelho ficará para outra occasião, e tambem a moeda. Eu não quero para hoje mais que a imagem do Cesar, porque com as imagens dos Cesares hei de fallar.

Cujus est imago hæc? Todos os que governam são imagens de seus principes, porque os representam na pessoa, e no exercicio dos poderes. Começou este nome ou titulo de imagem no primeiro governo do mundo, dado não menos que por Deus ao primeiro homem, e não nas provisões do officio, senão antes da creação delle, e do mesmo que o havia de exercitar. *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram, et præsit.* [2] Façamos o homem (disse Deus) á nossa imagem e similhança, para que tenha a presidencia e governo do mundo. Sobre estas palavras é grave questão entre os Theologos, em que consista no homem o ser imagem de Deus? Os hereges Audeanos disseram que consistia na fórma e estatura do corpo. E tambem é heresia politica a de alguns principes, os quaes tanto se deixam levar dessas apparencias exteriores, que por ellas fazem a eleição das suas imagens. Tão pouco importa para o governo da republica a estatura, ou gentileza dos corpos, (diz Seneca) como para o governo da náu ser o pilolo formoso. Resolvem pois todos os Santos e Doutores catholicos, que a razão da imagem de Deus no homem consiste na alma adornada de tres potencias, em que representa ao mesmo Deus trino, e um. Porém S. Basilio e S. João Chrysostomo acrescentam, que a Adão particularmente deu Deus o titulo de imagem sua, porque lhe encarregou o governo do mundo, e que ajuntou á imagem a similhança: *ad imaginem, et similitudinem*, para que no mesmo governo se lembrasse Adão, que se devia fazer similhante quanto fosse possivel ao Supremo Senhor a quem representava: *Imaginem dixit ob principatus rationem, similitudinem, ut pro viribus humanis similes fiamus Deo.*

Oh quantos e quão excellentes documentos deixou

---

[1] *Math.*, XXII, 20.
[2] *Gen.*, I, 26.

Deus naquella primeira acção aos principes, de como deviam fazer e eleger as suas imagens! Todas as outras creaturas mandou-as Deus fazer, ou mandou que se fizessem; o homem que o havia de representar como sua imagem, e a quem havia de entregar o governo do seu mundo, fel-o com consulta e conselho, e não de homens, que ainda não havia, nem de Anjos, que já eram creados; mas das Tres Pessoas Divinas: *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram:* e para que? *Et præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis, universæque terræ:* para que governe os peixes do mar, as aves do ar, e os animaes da terra. E se para a eleição de quem ha de governar brutos se requer tanto apparato e prevenção de consultas e conselhos, na sabedoria do mesmo Deus, que será para eleger um homem que ha de governar homens? O caracter de imagem sua, pôl-o Deus por ventura na alma do homem, porque se não ha de entregar o governo a homens sem alma? Sim, mas não só por isso. Não basta que o que houver de governar seja homem com alma; mas é necessario que seja alma com homem. Se tiver alma, e boa alma, não quererá fazer mal; mas se juntamente não tiver actividade e resolução, e talento de homem, não fará coisa boa. Deu-lhe Deus memoria, entendimento e vontade: a memoria, para que se lembre da sua obrigação; o entendimento, para que saiba o que ha de mandar; e a vontade, para querer o que fôr melhor; e não homens de uma só potencia (que por isso fazem impotencias) e faltando-lhes a memoria e o entendimento, só teem má vontade. Com todas estas qualidades formou e aperfeiçoou a imagem que no governo do mundo havia de representar a Magestade Divina: bem assim como representam as magestades humanas os que em seu logar e com seus poderes governam estas, ou outras pequenas partes do mesmo mundo. A imagem do Cesar são só estava estampada na moeda, senão tambem, e muito mais, em quem governava a republica. Na moeda, era imagem morta; em quem governava, imagem viva; na moeda dava-lhe o cunho o valor, em quem governava davam-lhe as provisões o poder. E se de qualquer dellas se perguntasse: *Cujus est imago hæc:* cuja é esta imagem? De ambas se havia de responder em differente sentido, mas com a mesma verdade, que era imagem do Cesar: *Dicunt ei: Cæsaris.*

Supposta esta significação, nascida com o mundo e com a mesma natureza, de que são imagens dos principes os que governam em seu nome e os representam; se eu prégara em outra parte, havia de repartir o sermão em tres pontos. Primeiro, como hão os Cesares de fazer as suas imagens: segundo, como hão as imagens de representar os Cesares: terceiro, como os subditos e vassallos dos Cesares hão de reverenciar e obedecer ás mesmas imagens. Mas porque o primeiro ponto não pertence a esta terra, nem a este auditorio, tratarei sómente do segundo e do terceiro, que são tão proprios do logar como necessarios ao tempo.

III

Começando pois pela obrigação das imagens, assim como é grande dignidade haver de representar um principe supremo nos olhos do mundo (ou seja maior ou menor o theatro) assim é mui difficultoso e arriscado o acerto dessa grande representação. Facil no que toca ao poder, mas no mandar e obrar muito difficultosa e de poucos. Isso quiz significar o proverbio dos Antigos, quando disseram que a imagem de Mercurio não se faz de qualquer madeira: *Non ex quolibet ligno fit Mercurius.* E porque mais a imagem de Mercurio, que a de Jupiter, que era entre os Deuses a primeira e mais alta soberania? Porque Jupiter era Deus do poder, Mercurio da sabedoria e prudencia; e a magestade do poder qualquer a póde representar facilmente: as acções porém da sabedoria e prudencia são mui poucos os que sejam capazes de as compor e exercitar, como ellas requerem. Mais facil é parecer Jupiter, que Mercurio. Quando S. Paulo e S. Barnabé entraram em Licaonia, admirados aquelles gentios do que viam em ambos, disseram que os Deuses em similhança de homens tinham descido do céu á sua cidade, e a Barnabé chamavam Jupiter, e a Paulo Mercurio: *Vocabant Barnabam Jovem, Paulum verò Mercurium.* [1] Mas se

[1] *Act.*, XIV, 11.

Paulo, por tantas e tão excellentes prerogativas, era maior que Barnabé, porque deram a Barnabé, e não a Paulo, o nome de Jupiter, e a Paulo, e não a Barnabé, o de Mercurio? Porque Barnabé excedia na estatura e magestade da pessoa, Paulo na eloquencia, na sabedoria e na doutrina: *Quoniam ipse erat dux verbi:* [1] e a representação da sabedoria requere muito maior cabedal e muito maior homem, que a da magestade.

Subamos das deidades fabulosas á verdadeira, e ella nos dará a razão desta differença. O Verbo Eterno, como Filho natural de Deus Padre, é imagem perfeitissima do mesmo Deus. E porque no ser divino até os gentios consideravam duas eminencias superlativas, uma da summa bondade e outra da summa grandeza, por onde chamavam a Deus Optimo Maximo: declarando Salomão no Livro da Sabedoria a summa perfeição com que no Verbo se representam uma e outra, diz que é espelho sem macula da magestade de Deus, e imagem de sua bondade: *Speculum sine macula Dei majestatis, et imago bonitatis illius.* [2] O que só aqui reparo é que uma e a mesma representação, em quanto é da magestade, se chama espelho: *Speculum majestatis*; e em quanto é da bondade, se chama imagem: *Imago bonitatis illius.* E a razão desta differença, deixando por agora a theologica, e buscando sómente a moral, qual é, ou póde ser? E' a mesma que experimentamos na facilidade das imagens que vemos no espelho, e na difficuldade das que se mostram e representam em si mesmas. As imagens que se representam em si mesmas, ou são de pintura ou de esculptura. As de pintura fazem-se com muitos debuxos, muitas côres, muitas sombras, muitos claros, muitos escuros: as de esculptura com muito bater, muito cavar, muito polir, muitos cheios, muitos vazios: e umas e outras com muita arte, muita applicação, muito trabalho. Pelo contrario as imagens que se representam no espelho, ellas se pintam sem tinta e se entalham sem ferro, e apparecem perfeitas em um momento sem mais trabalho, ou artificio que uma reflexão natural. Pois por isso as da

[1] *Actos*, XIV, 11.
[2] *Sapient.*, VII, 26.

magestade se representam no espelho, porque a magestade e o poder, e a ostentação e execução delle é muito facil; porém as da bondade, que são as do bem mandar e bem obrar, e bem fazer a todos, representam-se nas outras imagens, ou pintadas ou esculpidas, porque estas são muito difficultosas e trabalhosas, e que requerem muita arte, muita sabedoria, muita proporção, muita regra. As imagens de escultura fazem-se tirando: as de pintura, pondo: para este tirar, é necessario muito desinteresse: para este pôr e acrescentar, muita egualdade: e para uma coisa e outra, muita prudencia, muita justiça, muita inteireza, muita constancia, e outras grandes virtudes, que mais facilmente faltam todas, do que se acham juntas.

Nas duas imagens de Jupiter e Mercurio, que se attribuiram aos dois Apostolos, temos o exemplo de tudo. A imagem de Jupiter pintava-se com um raio na mão, a de Mercurio com um baculo entre duas serpentes. E aqui se via bem quão facil é uma representação, e quão difficultosa outra. Fulminar raios, estremecer o mundo com trovões, escalar torres, derrubar casas, matar homens, fender de alto a baixo cedros, cyprestes, enzinhas, e todas as outras violencias, e damnos que causam os raios, tudo é muito facil ao poder, em quem abusar delle. Porém metter o bastão entre serpentes discordes e venenosas, e fazer que não se mordam, nem se despedacem: domar ferezas, amansar rebeldias, e reduzir a que vivam conforme a razão os que por natureza e costume não teem uso della, esta é a difficuldade grande em toda a parte, e na terra em que estamos, maior que em nenhuma outra. Menos ha de cincoenta annos que nesta terra se não conhecia o nome de rei, nem se tinha ouvido o de lei: e que difficuldade será fazer obedecer e guardar nella as leis dos reis? Desde o mesmo tempo se sustentam os que a conquistaram, não dos pastos de animaes domesticos, senão da caça e montaria de homens, e que difficuldade será ainda maior manter em paz e justiça os que só se manteem da guerra injusta? Esta é pois a primeira difficuldade geral deste governo, mas esta a obrigação e officio dos que nelle representam a imagem do Cesar.

IV

A segunda difficuldade que mais ainda impede e quasi impossibilita a boa representação destas imagens é que as imagens e o Cesar estão muito distantes. Quando responderam a Christo que aquella imagem era do Cesar, o Cesar estava em Roma, e a imagem em Jérusalem. Que será onde o Cesar e o rei está na Europa, e as imagens na America? O rei em um mundo, e os que o representam em outro? Até Deus se temeu destes longes, não porque não esteja em toda a parte e veja tudo, mas porque vê sem ser visto. Assim o mandou notificar ao mundo pelo Propheta Jeremias: *Putas ne Deus è vicino ego sum, et non Deus de longe?* [1] Cuidaes que eu sou Deus só de perto, e não de longe? Enganaes-vos; porque ainda que no céu tenha a minha côrte, tanto assisto na terra como no céu: *Cœlum et terram ego impleo.* [2] Houve comtudo homens tão ignorantes, que interpretando mal o verso de David: *Cœlum cœli Domino, terram autem dedit filiis hominum;* [3] cuidaram que porque Deus pozera a sua côrte no céu, demittira de si o dominio da terra e o dera aos homens. Não creio que os que governam as conquistas cuidem o mesmo, mas é certo que muitos as dominam tão despoticamente como se o cuidaram. Tão senhores se fazem dellas, como se ellas e elles não tiveram outro senhor. Tanto atrevimento lhes dá estar o principe longe, o recurso longe, o remedio longe, e até a verdade não só escurecida, mas opprimida dos mesmos longes! A rainha Sabá chamava bemaventurados os que serviam a el-rei Salomão em sua presença. E desta bemaventurança se privam em tempos de tão bons e tão justos reis como os nossos, os que por serviço seu e de Deus se expoem não só ás inclemencias dos climas, que é muito menos, mas ás furias dos longes, e a vêr e chorar de perto as perdas temporaes e eternas de que elles são causa.

---

[1] *Jerem.*, XXIII, 23.
[2] *Ibid.*, 24.
[3] *Psalm.* CXIII, 16.

Diz a parabola do Evangelho que partiu um rei para muito longe a conquistar um novo reino, e entretanto deixou encommendada a sua fazenda a tres criados, para que negociassem com ella. Destes tres criados um não negociou, mas não roubou; e os dois deram tão boa conta da sua obrigação, que dobraram o cabedal do rei, e mereceram delle grandes mercês. Ditoso tempo em que de tres criados de que fez confiança um rei, servindo não á sua vista, senão muito longe delle, os dois lhe acrescentaram a fazenda em dobro, e o menos diligente, posto que a não acrescentou, nem um seitil furtou della. Achar-se-ha hoje um par e meio de criados similhantes a estes? Nem em tres nem em trinta, nem em trezentos. E qual a razão? O mesmo Texto a deu narrativamente em bem clara prova do que imos dizendo. Diz o Texto, que foi o rei muito longe do seu reino a conquistar outro, mas para tornar outra vez: *Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum, et reverti.* [1] Quando os reis vão do seu reino ás conquistas, e das conquistas tornam ao reino, ainda que as conquistas estejam muito longe, aquelles longes têm depois os seus pertos; e por isso os criados na ausencia servem com tal respeito, ou tal medo, que na presença dão boa conta de si. Porém quando os reis não vão ás conquistas, ou ellas são tão remotas que não pódem lá ir; como os longes sempre são longes; quão longe está o rei dos creados, tão longe se poem elles das suas obrigações. Quando o rei vae do reino ás conquistas, e das conquistas torna ao reino, é rei do reino e mais das conquistas; mas quando o rei fica no reino, e ás conquistas manda só os criados, os criados são os reis das conquistas, e não o rei. O rei faz-os suas imagens, e elles fazem-se reis.

E quem lhes dá estes azos, ou estas azas, senão aquellas que os levam, e poem tão longe? De Roma a Jérusalem ainda tinham algum vigor os respeitos do Cesar: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris.* [2] Mas de Lisboa á India e ao Brazil, com todo o mar Oceano em meio? A fé, a obrigação, a obediencia, o respeito, tudo se esfria, tudo se marea, tudo re-

[1] *Luc.*, XIX, 12.
[2] *Joan.*, XIX, 12.

ferve. Vendo-se tão longe de quem os manda, como lá podem o que querem, não se contentam com querer o que podem. Levam os poderes de imagens, e tomam as omnipotencias de Cesares: e não de Augustos, ou Trajanos, para conservação e augmento da monarchia, mas de Tiberios, de Caligulas, de Neros, destruidores della: para que nos não admiremos das ruinas da nossa, nem lhes busquemos outra causa. Porque perdeu Adão com o Paraiso a monarchia do universo? Porque se não contentou com ser imagem de Deus, mas quiz ser como o mesmo Deus que o fizera sua imagem. A tentação com que o fez apostatar o demonio, foi com lhe dizer que seria como Deus. Mas se Adão já era como Deus, pois era sua imagem, que lhe prometteu de mais o demonio naquelle *sicut, eritis sicut dii?* [1] O equivoco do *sicut* foi verdadeiramente diabolico. Adão em quanto imagem de Deus já era como Deus na representação: mas não era como Deus na soberania, e isto é o que lhe prometteu o demonio. E como Adão se não contentou de ser como Deus só na representação, que era o que tinha por imagem, e quiz ser como Deus na soberania, que era o que lhe vedava a obediencia e o preceito, por isso quebrou o preceito, e negou a obediencia a Deus. E isto que fez Adão na Asia, é o que fazem na mesma Asia, e na nossa America os que, não se contentando com ser imagens dos reis, excedem tão exorbitantemente toda a medida e proporção de imagens, como agora veremos.

V

Antes de haver no mundo a arte da pintura (que começou depois do incendio de Troya) diz Plinio que se retratavam os homens cada um pela sua sombra. Punha-se o homem em pé, fazia sombra com o corpo interposto á luz do sol, e aquella sombra cortada pela mesma medida era a sua imagem. E como se podia conhecer a imagem, se não tinha feições por onde se distinguisse? Diz o mesmo Plinio, que para se co-

[1] *Gen.*, III, 5.

nhecer, lhe escreviam ao pé o nome de quem era: *Omnes umbra hominis circumducta: ideo et quos pingerent adscribere institutum.* Faziam-se os retratos naquella rudeza da arte, como em Portugal os que chamam ricos feitios, nos quaes as imagens se não conheceriam pela figura se o não dissesse o rotulo. E é lastima que prohibindo Alexandre que ninguem pudesse pintar a sua imagem senão Apelles, cá nos appareçam algumas figuras tão dessimilhantes dos soberanos originaes, que mais parecem ricos feitios que verdadeiras imagens do que ha de crêr a nossa fé que representam. Mas ainda tinham outra maior impropriedade as imagens cortadas pela medida da sombra, porque segundo o logar em que estivesse o sol, seriam sem nenhuma proporção muito maiores que os mesmos a quem representavam. E isto é o que se vê, como eu dizia, na Asia e na America e nas Indias Orientaes, onde nasce o sol e nas Occidentaes, onde se põe. Não póde haver similhança mais propria. A sombra, quando o sol está no Zenith, é muito pequenina, e toda se vos mette debaixo dos pés; mas quando o sol está no Oriente, ou no Occaso, essa mesma sombra se estende tão immensamente, que mal cabe dentro dos horisontes. Assim nem mais nem menos os que pertendem e alcançam os governos ultramarinos. Lá onde o sol está no Zenith, não só se mettem estas sombras debaixo dos pés do principe, senão tambem dos de seus ministros. Mas quando chegam áquellas Indias, onde nasce o sol, ou a estas, onde se põe, crescem tanto as mesmas sombras, que excedem muito a medida dos mesmos reis de que são imagens.

E' coisa muito notavel, e que por ventura não tendes advertido, quanto excedeu a medida de Nabucodonosor á grandeza daquella imagem que elle mandou fazer depois que viu em sonhos a da sua estatua. Diz a Historia Sagrada que tinha de altura ou comprimento sessenta covados: *Nabuchodonosor rex fecit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta.* [1] Agora pergunto: E quanto vinha a ser maior a grandeza desta imagem, que a estatura do mesmo rei a quem representava? Segundo as regras de Vitruvio, e a symetria e proporções de um corpo humano, o

[1] *Daniel*, III, 1.

dedo menor da mão, a que vulgarmente chamamos meminho, contém a decima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue d'aqui? Coisa verdadeiramente não sei se mais para admirar, se para rir. Segue-se que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já não é grande a insolencia de Roboão em dizer que era mais grosso o seu dedo meminho, que el-rei Salomão seu pae pela cintura. Mas qual será a daquelles vassallos, que sendo sómente imagens dos seus reïs, se fazem tanto maiores que elles, cá onde o sol se põe, ou lá onde o sol nasce, quanto é o excesso immenso com que a sombra se estende, sem outra medida, sem outra proporção, nem outro limite mais que o que no mar ou na terra fecha os horisontes. A imagem de Nabuco era de oiro, as suas são de sombra: mas como as artes que veem ou vão exercitar, são as da sólida e verdadeira alchimia, elles sabem converter essa sombra em oiro, e fazer-se melhor adorar que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuco para os seus adoradores não tinha premios, e para os que não adoravam tinha fornalhas. Lá e cá não é assim. Os que adoram e os que não adoram, todos ardem, porque todos, por diversos modos, ficam abrazados e consumidos.

Ainda me resta a maior dôr e o maior escandalo. E qual é? E' que quando estas imagens tornam para d'onde vieram, são taes as bullas de canonisação que levam comsigo, que merecem ser collocadas sobre os altares. Oh quem lhes puzera tambem diante as insignias dos seus milagres! Vêde que Xavieres da India, e que Anchietas do Brazil! E o peior é que se algum os não imitou, nem teve imitadores, esse é recebido sem applauso, e está sepultado sem culto. Mas não deixemos em silencio os milagres dos applaudidos. Nesses famosos santuarios da Europa, onde se veneram imagens milagrosas, alli se vêem penduradas as mortalhas, as muletas, as cadeias, as amarras, os pés, os braços, os olhos, as linguas, os corações dos que protestam naquelles votos dever-lhes miraculosamente todos estes beneficios. Deixadas pois as outras terras mais remotas, que tambem podem testemunhar neste caso, vós que me ouvis, que direis da vossa? Que milagres vistes nos já mortos? (que não fallo, nem quero que falleis nos vivos) E quaes seriam as merecidas insignias, ou trophéos dos mesmos milagres, com que

a verdade sem lisonja, e a memoria ainda com horror, lhes adornaria as sepulturas? Tambem alli se veriam mortalhas, não de poucos que resuscitassem, mas de infinitos e sem numero a quem tiraram a vida. Tambem se veriam cadeias, não dos que libertaram do captiveiro, mas das nações e povos inteiros, que sendo livres, fizeram captivos. Tambem se veriam amarras, não dos navios que salvaram, mas dos que fizeram naufragar e perder, sendo elles no mar e na terra a maior tormenta. Tambem se veriam muletas, não dos estropeados que sarassem, mas dos que sendo ricos e abastados, os deixaram mendigando por portas, e sem remedio. Tambem se veriam braços e pés, dos que sendo poderosos, só porque o eram, os enfraqueceu, derrubou, e opprimiu o seu injusto poder, sem mais razão que a violencia. Tambem se veriam, finalmente, os olhos que fizeram cegar com lagrimas, e os corações que afogaram em tristezas, em lastimas, e desesperações; e as linguas que emmudeceram sem poderem fallar, nem dar um ai, por lhes não ser licito clamar á terra, nem ainda gemer ao céu. Estes e outros são os milagres daquellas canonisadas imagens, que chegando aqui despidas e toscas, tornaram estofadas de brocado e oiro, e pintadas com as falsas côres com que enganaram a fama: por ella são recebidas em andores, e frequentadas com romarias.

VI

Atégora tenho representado aos nossos novos governadores e naturaes, o que não devem imitar nos estranhos. Nem creio lhes será difficultosa a abominação de tão perniciosos exemplos, não só como experimentados em todos, mas tambem como feridos e magoados. Saibam porém que nelles, como naturaes, concorre outra terceira difficuldade, que nos estranhos não tem logar. Porque? Porque ainda que uns e outros são imagens, elles são imagens com as raizes na terra. As imagens não só são obra dos estatuarios e pintores, senão tambem dos jardineiros. Uma das coisas mais curiosas que se vê nos jardins, onde as terras se cultivam mais primorosamente que nesta nossa, são varias figuras de murta, ou de outras plan-

tas formadas com tal artificio, proporção, e viveza de membros, que tirada a côr verde, em tudo o mais se não distinguem do natural que representam. Mas esta mesma representação é muito difficultosa de conservar. As outras imagens, ou sejam fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem diligencia nem cuidado, sempre conservam e representam a figura que lhes deu o artifice. Porém as que são formadas de plantas, como teem as raizes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se descompoem, e se fazem monstros. Isto mesmo succede, ou póde succeder aos que teem o governo da sua propria patria, e não por outra razão ou fundamento, senão porque teem as raizes na terra. Alli teem os parentes, alli os amigos, alli os inimigos, alli os interesses da fazenda, da familia, da pessoa; e qualquer destes humores ou respeitos, e muito mais todos juntos, podem descompôr de tal sorte a imagem e representação de quem governa, que nem apparencia lhe fique do que deve ser, e em tudo obre e seja o contrario do que é obrigado. Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos, não poderá vêr as coisas, nem ainda olhar para ellas sem paixão, que é a que troca as côres ás mesmas coisas, e faz que se vejam umas por outras. Se lhe tomar e occupar os ouvidos, não ouvirá as informações com que as deve examinar, ou ficará tão surdo que as não oiça, ainda que sejam clamores. Se lhe rebentar pela bocca, mandará o que deve prohibir, e prohibirá o que deve mandar, e as suas ordens serão desordens, e as suas sentenças aggravos. Finalmente, se sahir e vecejar pelos braços, e pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas e onde se experimentam maiores excessos, estenderá os braços aonde não chega a sua jurisdicção, e metterá a mão, e encherá as mãos do que não deve tocar.

Por certo que se os que tomaram sobre si estes encargos, se aconselharam, não digo commigo, senão com as mesmas plantas que teem as raizes na terra, ainda que os governos foram de maior supposição e auctoridade, os não haviam de aceitar. O primeiro apologo que se escreveu no mundo, (que é fabula com significação verdadeira) foi aquelle que refere a Sagrada Escriptura no Capitulo nono dos Juizes. Qui-

zeram (diz) as arvores fazer um rei que as governasse, e foram offerecer o governo á oliveira, a qual se escusou, dizendo que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens, e se allumiam os Deuses. Ouvida a escusa, foram á figueira, e tambem a figueira não quiz aceitar, dizendo que os seus figos eram muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro logar foram á vide, a qual disse que as suas uvas comidas eram o sabor, e bebidas a alegria do mundo, e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixal-o para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas, é que todas convieram em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada uma deixar os seus fructos. E houve alguem que dissesse, ou propozesse tal coisa a estas arvores? Houve alguem que dissesse á oliveira que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhes disseram e propozeram que quizessem aceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhes disseram e offereceram, e ninguem lhes fallou em haverem de deixar os seus fructos; porque se escusaram todas com os não quererem deixar? Porque entenderam, sem terem entendimento, que quem aceita o governo de outros, só ha de tratar delles, e não de si; e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular e proprio, não póde tratar do commum.

Saibamos agora, e não de outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o entenderam, se póde conseguir e exercitar com as raizes em terra? Assim as que o offereceram, como as que o não aceitaram, todas concordam que não. Que disseram as que offereceram o governo? Disseram a cada uma das outras: *Veni, et impera nobis.* [1] Vinde, e governae-nos. Vinde? Logo se ellas haviam de ir, haviam-se de arrancar do logar onde estavam, e deixar as suas raizes. E cada uma das que não aceitaram, que respondeu? Respondeu que não podia ir, porque movendo-se havia de deixar as suas raizes, e

[1] *Juizes*, IX, 12.

sem raizes não podia dar fructo: *Nunquid possum deserere pinguedinem meam, et venire, ut inter ligna promoveat?* [1] De maneira que, governar e governar bem, não póde ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commum, isso sim. E na mesma historia o temos, que ainda vae por diante. Vendo as arvores que as tres a que tinham offerecido o governo não quizeram aceitar, dix o Texto que se foram ter com o espinheiro, e lhe fizeram a mesma offerta. E que respondeu o espinheiro? E' resposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: *Veni, et impera super nos;* [2] e elle respondeu não só como espinheiro, senão como espinhado: *Si verè me regem vobis constituistis, venite, et sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno et devoret cedros Libani:* [3] Se verdadeiramente me daes o imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés, e por-vos á minha sombra e se houver alguma que repugne, sahirá tal fogo do espinheiro, que abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparaes na differença. As arvores que lhe offereceram o governo, disseram-lhe: *Veni;* e elle disse-lhes: *Venite.* Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem, deixa as suas raizes, e quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas.

VII

Esta é a particular difficuldade e o grande perigo em que estão de se não conformarem com o soberano original que representam as imagens que teem as raizes na terra. E' necessario, para se conservarem nesta nova representação, e para governarem como devem, que se apartem das suas proprias raizes. Olhae para todas as varas, desde a maior á menor, com que se governa a republica. Aquellas varas não

[1] *Juizes*, 9.
[2] *Ibid.*, 14.
[3] *Ibid.*, 15.

tiveram tambem suas raizes? Sim, tiveram. Mas para governarem e terem jurisdicção, todas foram primeiro cortadas das mesmas raizes, e por isso todas são varas secas. Que remedio logo para que as novas varas que nos governam, tendo como teem as raizes na terra, conservem a imagem do Cesar que representam? O melhor e antecipado remedio houvera sido escusarem-se, como fizeram as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem logar. O receio de poderem ser como o espinheiro, que prometteu sombras e ameaçou raios, tambem me não dá cuidado, porque todos conhecemos a moderação e modestia dos que aceitaram o governo. Mas porque os mesmos governos antes costumam mudar as condições dos homens, que conserval-as; o mais seguro meio de todos seria cortar as raizes. E quando a resolução de algum fosse tão animosa que assim o fizesse, eu me atrevia a lhe prometter da parte de Deus, que nem por isso lhe fariam falta. A vara de Arão não tinha raizes na terra, e comtudo reverdeceu, floresceu, e deu em meio dia o fructo que as raizes lhe não podiam dar em menos de um anno. Mas deixados os milagres a Deus, e recolhendo-nos aos limites da natureza, só vos aconselho que façaes com toda a applicação o que póde a diligencia e a industria. Que faz o jardineiro para conservar a representação das suas imagens, por mais que tenham as raizes na terra? Traz sempre os olhos postos na figura que representam, e contra todo o impeto do humor que as mesmas raizes naturalmente communicam á planta, já dobrando, já ligando, já decotando, conserva nellas a imagem tão proporcionada, inteira e sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore, ou fundido em bronze.

Tudo isto é necessario a quem ha de retratar, ou transfigurar em si, não outra, nem menor ou menos sagrada imagem, que a da mesma pessoa real a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar, e como? Ha de endireitar a intenção, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deus e ao rei. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, e siga o juizo e dictames da verdadeira razão. Ha de ligar e atar o appetite, que junto com o poder, é muito violento e rebelde, para que se não desenfreie. E, finalmente, se algum destes affectos quizer

brotar no que não é decente a tão soberana representação, decotal-o logo, e cortal-o para que a não descomponha; e se acaso se sente por dentro, não appareça fóra. A figura que haveis de trazer sempre diante dos olhos, é o mesmo rei de quem sois imagem: e não como ausente, senão como presente, nem como invisivel, senão como visto. Mas como póde isto ser, se elle está tão distante? Muito facilmente, se não tirardes os olhos do seu regimento, no qual vereis ao mesmo rei tão natural e vivamente retratado em sua propria figura, como se a tivereis presente. Dir-me-heis que no vosso regimento lêdes sim as palavras e firma do rei, mas não lhe vêdes a figura. Ora abri melhor os olhos, e logo a vereis; mas é necessario levantar o pensamento. S. Paulo diz que o Verbo Eterno é a figura da propria substancia do Padre: *Qui cùm sit splendor gloriæ, et figura substantiæ ejus.* [1] E que é, ou quer dizer o Verbo? E' e quer dizer a palavra. Pois a palavra de Deus é a figura da sua propria substancia: *Figura substantiæ ejus?* Sim. Porque toda a substancia, e todo o seu ser, imprimiu e exprimiu Deus na sua palavra, como propria, natural, e perfeitissima figura de si mesmo. E assim como Deus imprime e exprime a sua figura na sua palavra, assim os reis, que são os deuses da terra, se imprimem e estampam nas suas. De maneira que quem lê as palavras, a firma, e as ordens do rei nos seus regimentos, vê a propria figura do rei, ou vê ao rei em sua propria figura. Nunca o pincel de Apelles retratou tão felizmente a Alexandre, e o representou aos olhos tão proprio e tão vivo, como os reis no que escrevem e ordenam se retratam, ou reproduzem a si mesmos: *Sapiens in verbis producet seipsum:* diz o Espirito Santo. [2] Mas oiçamos a um rei.

No tempo em que os Godos dominaram a Italia, um dos reis que tiveram a fortuna de escrever com a penna de Cassiodoro, despachando seus regimentos a alguns ministros ausentes, que nunca o tinham visto, diz assim: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis, ut quibus non sum facie notus, fiam morum qualitate recognitus.* Quando chegarem a vossas mãos

[1] *Hebr.*, 1, 3.
[2] *Eccles.*, XX, 29.

estas minhas lettras, recebei-as como um espelho do meu coração, da minha vontade, e de mim mesmo; das quaes, pois me não conheceis pelo rosto, me conhecereis pelo animo. Notae agora o que acrescenta com juizo verdadeiramente real, e discrição e agudeza mais que de rei: *In hac me potius parte conspicite quæ latet præsentes: non est vobis damnum absentiæ meæ: utilius est mente nosse, quàm corpore.* Folgae diz) de me vêr antes no que vos escrevo, que em minha propria pessoa, entendendo que me vêdes melhor do que os que na minha côrte estão presentes; porque vereis o que elles não vêem, e sabereis de mim o que eu lhes encubro a elles: assim que por este modo nenhum damno recebereis da minha ausencia, nem a minha presença vos fará falta, porque na presença, como os demais, vêr-me-heis o rosto, e na ausencia, pelo que vos ordeno, vêr-me-heis a alma. Mas não deixemos sem ponderação chamar o rei ás suas ordens escriptas espelhos de si mesmo: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis.* A mais perfeita figura que inventou a natureza, e não póde imitar a arte, é a que se vê no espelho. Porque o que se vê nas côres da pintura, ou no vulto das estatuas, é só uma similhança e representação da pessoa, porém no espelho não se vê similhança ou representação, senão a mesma pessoa por reflexão das especies. O espelho não é outra coisa que um impedimento das especies com que vemos, o qual as não deixa passar, e tornam para os olhos. E assim como o espelho sendo impedimento da vista por meio da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que tambem é impedimento da vista, por meio da escriptura fica a mesma vista melhorada. Sem escriptura é a ausencia impedimento, com escriptura é espelho. Este espelho pois dos reis, em que mais vivamente se representa a sua mesma pessoa que na sua propria figura, é o que hão de trazer sempre diante dos olhos os que teem por obrigação e officio ser imagens do rei. Entendendo que em quanto observarem as ordens do seu regimento, serão imagens do Cesar; e pelo contrario, no ponto em que se não conformarem com ellas, perderão a similhança, a figura, e o ser de imagens suas.

Perguntam os Theologos, se Adão, pela desobediencia, perdeu o ser que tinha de imagem de Deus? E respondem geralmente que não; porque não perdeu

a memoria, entendimento e vontade, em que consistia a similhança de Deus trino e um, a que o mesmo Deus o tinha creado. Mas esta resposta tem necessidade de distincção. O mesmo homem de dois modos era imagem de Deus: um como imagem natural, outro como imagem politica. Em quanto creatura racional com a soberania do livre alvedrio em tres potencias, era imagem que naturalmente representava a Deus, a qual de nenhum modo podia perder, porque nella consistia a sua propria essencia. Porém em quanto senhor do mundo com o governo de todos os animaes, era loco-tenente do mesmo Deus, e imagem politica sua; e esta não só a podia perder Adão, senão que de facto a perdeu. Mas quando, e como? Tinha-lhe Deus dado por regimento, que guardasse o paraiso, e que nem elle nem sua mulher comessem do fructo da arvore vedada. E em quanto Adão guardou este regimento, (que não se sabe ao certo por quanto tempo foi) conservou inteiramente em si esta segunda imagem de Deus, sendo venerado e reconhecido por senhor, e obedecido no ar, no mar, e na terra de tudo quanto vivia nestes tres elementos. Porém depois que faltou á observancia do mesmo regimento, antes o quebrantou em tudo, não guardando o paraiso, porque deixou entrar nelle a serpente, nem se abstendo da arvore prohibida, porque consentiu que Eva comesse, comendo tambem elle, logo perdeu a imagem em que representava a Deus politicamente; e os animaes que já não viam, nem reconheciam nelle a imagem que tinha perdido, por instincto natural se rebellaram e lhe negaram a obediencia.

Vistes (diz elegantemente neste passo S. Chrysostomo) vistes a sujeição com que o vosso cão vos reconhece, a promptidão com que chamando acode, o amôr com que vos segue, e o alvoroço natural com que vindo de fóra vos sáe a receber, e a saltos vos festeja; e pelo contrario se vos disfarçastes, e cobristes o rosto com uma mascara, esse mesmo cão, ladrando, remette a vós, e como estranho, ou inimigo dá rebate contra vós em vossa propria casa? Pois isto mesmo succedeu a Adão com todos os animaes, depois que desobedecendo, mudou a figura e perdeu a imagem de Deus, que era o caracter visivel do dominio do universo que nelle tinha delegado. Tanto vae de guardarem ou não guardarem o regimento e ordens do

supremo principe os que elle substituiu em seu logar, para que como imagens suas o representem. Eu não me queixo das imagens emmascaradas, porque sei muito bem as côres com que honesta e modestamente se sabem tingir e fingir, em quanto assim lhes importa a suas pertenções; mas a minha queixa e de todos é que depois que se vêem feitas, ou enfeitadas em imagens, então tiram a mascara, e mostram descobertamente o que eram e sempre foram. Assim que não ha outro meio certo e seguro de se conservarem na inteira representação de imagens do Cesar, os que por mercê e auctoridade sua teem esse nome, senão a verdadeira e exacta observancia de suas ordens, e verem-se, comporem-se, e retratarem-se em seus regimentos, como em espelhos.

VIII

O dito atéqui basta (quando não sobeje) para que os nossos novamente eleitos tenham entendido o modo com que podem e devem satisfazer as obrigações de imagens do Cesar, em que sem outro exemplo se vêem de presente constituidos: que era o primeiro ponto da nossa proposta. O segundo pertence aos subditos e vassallos do mesmo Cesar, e é, como devem obedecer e reverenciar as mesmas imagens, em que todas as difficuldades que no primeiro discurso apontámos, estão facilitadas, e por isso será este muito breve.

Primeiramente nos subditos não occorre a difficuldade do acerto na indifferença, ou resolução do que se ha de obrar; porque esta só pertence a quem manda, e não a quem só deve obedecer: sendo privilegio singular da obediencia, que podendo errar quem manda, e errando muitas vezes, só o que obedece, ainda seguindo esses mesmos erros, sempre acerta. Do mesmo modo não estão expostos os subditos áquella terrivel tentação, em que mette as imagens dos Cesares o estar longe delles: porque se as imagens que os representam estão longe, os que se devem conformar com ellas, ainda que ellas sejam disformes, sempre as teem á vista. Finalmente, o serem imagens, que teem as raizes na terra, tão fóra está de ser inconveniente, que é o que mais convém a toda a republica.

Os que nasceram ou se crearam na mesma terra, como as qualidades de cada uma são differentes, e differentes os climas e influencias do céu que nellas dominam, e conhecem as inclinações e costumes, ou bons ou viciosos, dos que as habitam, e de tudo teem larga experiencia, assim podem suavemente promover o bem, assim sabem os meios efficazes e mais provados com que se póde obviar o mal. E de todas estas propriedades e noticias, não só importantes, mas totalmente necessarias, carecem os que veem de novo, e de fóra, sem lhes valer, como inexpertos, nenhuma sciencia, discurso ou juizo, por agudo e bem instruido que seja. Adão e Eva tinham sciencia infusa, e sabendo, como não podiam ignorar, que as cobras não fallavam, por informação de uma dellas, tendo-os Deus posto no Paraiso para governarem o mundo, o mundo e o Paraiso tudo perderam em poucas horas.

Pelo contrario, quiz Deus acudir ao perigo de se perder totalmente, em que o povo de Israël estava no Egypto; e a quem escolheu para esta grande empreza, de o conservar e livrar de tão poderosos inimigos? A pessoa que escolheu foi a de Moysés, o qual posto que vestido de pelles, e com um cajado na mão guardava ovelhas em um deserto, não tinha menos que quarenta annos de vida e experiencia do mesmo Egypto. No Egypto nascera, entre os Egypcios se creára, e nas escolas do Egypto aprendera quanto elles sabiam; e por isso não com outros instrumentos, senão com o mesmo cajado, venceu todas as difficuldades, e conseguiu felizmente a empreza, obrando os maiores milagres que jámais tinha visto, nem viu o mundo. Então queremos que remedeie os captiveiros do Egypto, e faça milagres no Egypto, quem nunca viu o Egypto. O Prophela Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse a Babylonia soccorrer a Daniel, que estava no lago dos Leões, prudentissimamente se escusou, dizendo que nunca vira a Babylonia, nem sabia onde estava tal lago: *Babylonem non vidi, et lacum nescio.* [1] E se foi a Babylonia, e tornou a Judeia, e fez em meio dia pelo ar o que um diligente caminheiro não podéra em meio anno, foi porque o mes-

[1] *Daniel*, XIV, 34.

mo Anjo que lhe deu o recado da parte de Deus, o levou e trouxe, e lhe mostrou o que nunca vira, e ensinou o que não sabia. Supposto, pois, que os que veem de mil legoas a esta nossa terra, tão nova para elles, como Babylonia para o Propheta, nem trazem, nem são trazidos de Anjos, em supprimento das experiencias que não teem; e quando começam a decorar os primeiros rudimentos dellas, se voltam outra vez para onde vieram; muito melhor providos estão hoje os logares que elles haviam de occupar, nos que com tanta capacidade de conhecimento, juizo, talento, e verdadeiro amôr da mesma terra, a cultivaram como propria, e não desfructaram como alheia. E quando do seu cuidado e trabalho colham algum fructo, esse, quando menos, ficará onde nasceu, que é o mesmo que semear-se de novo, e não dal-o a terra para que o leve o mar.

Todas estas razões de conveniencia e utilidade, persuadem no presente governo a prompta sujeição e alegre obediencia dos subditos, respeitando estas novas imagens do Cesar, com tanto maior propensão e vontade, quanto mais teem de naturaes, domesticas, e suas. Mas é tal a protervia da condição humana, e vicio tão proprio da patria, que por serem naturaes, domesticas, e suas as mesmas imagens, em vez de conciliarem maior veneração, obediencia e respeito, degeneram em desprezo, desobediencia e rebeldia. Assim lhe succedeu a Saül e David, sendo ambos eleitos por Deus, e os mais dignos do governo da sua patria. Uns obedeceram, outros se rebellaram, e em alguns durou a rebeldia não menos que sete annos inteiros, até que a experiencia do seu erro os sujeitou á razão. E se buscarmos as raizes a este vicio, acharemos que todo elle nasce da egualdade das pessoas, presumindo cada um que a elle se devia a eleição do logar, e a preferencia. A eleição do summo sacerdocio na pessoa de Arão, foi tão mal recebida de muitos, que Dathan, Abiron, e Coré, levantaram tal tumulto no povo, que para Deus o socegar e castigar os rebeldes, se abriu subitamente a terra, e vivos foram sepultados no inferno com todas suas casas e familias, e abrazados com fogo do céu mais de quatorze mil homens que seguiram a mesma rebellião. E porque a seguiram? Porque muitos delles eram eguaes, e parentes de Arão, e não soffriam que lhes fosse pre-

ferido. Mas tanto sente Deus, e tão severamente castiga a cegueira de similhantes ambições, tendo dado por lei ao mesmo povo, que quando em algum tempo houvessem de eleger quem os governasse a todos, não fosse outrem, senão de seus irmãos, e de nenhum modo homem estranho: *Non poteris alterius gentis hominem regem facere, qui non sit frater tuus.* [1] Finalmente, se como diz Christo Senhor nosso, o bom pastor é aquelle que conhece as suas ovelhas, e as suas ovelhas o conhecem a elle: *Ego sum Pastor bonus, et cognosco oves meas, et cognoscunt me meæ;* [2] como as poderá governar, e encaminhar bem o estranho, (e mais se fôr mercenario) que nem elle as conhece a ellas, nem ellas a elle?

IX

Mas contra tudo isto se levanta aquella politica mais seguida pelo costume, que approvada pelos exemplos, a qual tem persuadido ao mundo que só olhe, ou se deixe cegar do resplendor das imagens, sem advertir que a representação em que ellas consistem, posta em qualquer materia, sempre é a mesma. Quem verdadeiramente crê em Christo, tanto adora em um crucifixo de oiro, como em outro de chumbo. Querem comtudo os lisongeiros e os lisongeados que só se devam os governos e só sejam aptos para elles os nomes pomposos e appellidos illustres: como se as acções e feitos honrosos se não hajam de esperar com maior razão daquelles que querem adquirir a honra, que dos que cuidam e dizem, que já a teem. O mesmo lustre dos illustres lhes tira o temor e os enche, ou incha de immunidades, que lhes dão confiança para grandes ousadias; e das ousadias grandes nascem maiores ruinas. O mais illustre dos elementos, o mais alto por logar, e o mais nobre por qualidade, é o fogo, e delle se accendem os raios no céu, e se ateam os incendios na terra. O seu natural onde chega é levantar fumaças, e fazer cinzas, e não é ac-

[1] *Deut.*, I, 15.
[2] *Joan.*, X, 14.

commodado instrumento para edificar e conservar cidades o que costuma abrazar Troyas. Os outros elementos servem-nos de graça, e só o fogo á nossa custa, porque para servir ha de ter que queimar, e se não queima, não serve. Tal é a luz do mais illustre elemento, e tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Não era illustre David, e foi illustrissimo seu filho Salomão; e o reino que sustentou e amplificou o que não era illustre, perdeu e desbaratou o illustrissimo.

No apologo que referimos da Escriptura Sagrada, em que as arvores buscaram e elegeram quem as governasse, é muito para notar que aquellas a que offereceram o governo, foram a oliveira, a figueira e a vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleição. Reparae agora nos appellidos de figueira, vide, e oliveira, que todos são honrados, mas de nobreza do meio. E porque não fizeram as arvores este mesmo offerecimento aos cedros, ás palmeiras e aos cyprestes? Não são estas arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, as mais illustres? Pois porque não entraram em consideração para querer a verde e florente republica das plantas, que ellas a governassem? Por isso mesmo; porque eram as mais altas e as mais illustres. O alto e o illustre é bom para o bizarro e ostentoso, mas não para o util e necessario. As arvores não as fez Deus para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens. Que importa que a sua altura ou altiveza seja muita se o seu fructo é pouco? A quem sustentaram jámais os cedros, as palmas, ou os cyprestes? Pelo contrario a figueira é a que saboreia o mundo, a oliveira a que o alumia, a vide a que o alegra; e todas entre as plantas as que mais o sustentam. O que diz a Escriptura das outras tres arvores altissimas e illustrissimas, é que todas buscam a sua exaltação nos montes mais levantados: *Quasi cedrus exaltata sum in Libano et quasi cypressus in monte Sion: quasi palma exaltata sum in Cades.* [1] Honremse embora com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação, senão quem tracte do nosso remedio. Os cedros, as palmas e os cyprestes são os gigantes das ar-

[1] *Eccles.*, XXIV, 17 e 18.

vores; e o que trouxeram os gigantes á terra, não foi menos que o diluvio. Oh que duro seria o governo daquelle soberbo triumvirato no forte do cedro inflexivel: no rugoso da palma, aspero; e no funesto do cypreste, triste! Porém o das outras arvores de meã estatura, seria egual, seria moderado, seria suave, que por isso todas allegaram a sua doçura. E isto é pelas mesmas razões o que devemos esperar do nosso.

Sendo pois tão particulares as conveniencias do novo governo nas imagens que temos presentes do nosso felicissimo Cesar, que Deus guarde, seja tambem nova e mais exacta que nunca a sujeição, respeito e reverencia, com que todos os vassallos da mesma magestade os venerem e obedeçam, não só como se a real pessoa estivera presente, senão em certo modo ainda muito mais. Tenho observado, assim no céu como na terra, que mais estimam os supremos monarchas os obsequios que se fazem a suas imagens que a suas proprias pessoas. Lembra-me haver lido em S. Agostinho, no Livro dos seus Commentarios sobre os Psalmos, que residindo em Roma no tempo em que ainda não estava desterrada de todo a idolatria, se admirava muito de que os homens fossem ao templo do sol, de que hoje se vêem não pequenos vestigios, e que alli de dia e não de noite adorassem a imagem do mesmo sol com as costas muitas vezes voltadas a elle! Pois se tinham o sol presente, porque não adoravam ao sol, senão a sua imagem? Porque entendeu a religião ou superstição dos Romanos, governada pelos primores da sua propria politica, que muito maior magestade era do monarcha dos planetas ser venerado de tão longe em sua imagem, do que adorado em si mesmo, posto que visto. Ao menos assim é certo que o julgou a soberania de Nabucodonosor, quando se reputava em sua soberba, não só senhor, mas Deus de todo o mundo. Fez aquella estatua de oiro de tão desmedida grandeza, como sabemos, e com as fornalhas accezas contra os que a não adorassem, mandou que ao som de trombetas todos dobrassem os joelhos diante della. Pois se Nabucodonosor estava presente, porque não mandou que o adorassem a elle, senão a sua estatua? Porque era maior ostentação e gloria da sua que chamava omnipotencia, ser venerado e adorado na imagem que o representava, que em sua propria pessoa.

Só em uma circumstancia obrou Nabuco como desconfiado, que foi em fazer a mesma imagem de oiro. Faze-a, rei, de pedra, e serão as suas adorações para ella muito mais reverentes, e para ti muito mais gloriosas. Na estatua de oiro póde parecer que adoram a materia, e não a fórma, o preço do metal e não a representação da imagem. Onde a materia das imagens é menos preciosa, alli está a fé e a reverencia mais fina. E esta é a fineza do nosso caso, adorando, respeitando e obedecendo o original soberano do nosso Cesar, não nas imagens de oiro, que atégora cá se mandavam, senão nos marmores naturaes e domesticos da nossa mesma terra. Se o effeito fôr qual se espera, e eu me estou promettendo desta mudança da mão do Altissimo, o presente governo será tão aceito a Deus e ao rei, que sua magestade o confirme e faça perpetuo, com menos despeza sua, com grandes utilidades nossas, e com tão conhecidas melhoras e augmento do serviço real, e divino, que com summa paz, quietação e concordia se verifique em todo este Estado o que Christo respondeu á pergunta que hoje lhe fizeram no Evangelho, isto é, que a Deus se dê o de Deus, e o de Cesar a Cesar: *Reddite quæ sunt Cæsaris, Cæsari, et quæ sunt Dei, Deo.*

SERMÃO

DA

Dominga Vigesima-Segunda

POST PENTECOSTEN *

Prégado na Sé de Lisboa, no anno de 1649

Licet censum dare Cæsari, an non? [1]

I

Toda a materia do Evangelho que acabamos de ouvir, é um escrupulo dos Escribas e Phariseus, e um caso de consciencia, que vieram perguntar a Christo. Bemdita seja a graça divina, que já os Escribas e Phariseus são escrupulosos, e já tractam de sua consciencia com tanto cuidado, aquelles mesmos dos quaes se publicava por estes pulpitos, que eram homens sem consciencia! Vamos ao caso. Como naquelle tempo todo o mundo obedecia aos Romanos, tinha mandado o Cesar, ou imperador Tiberio, que o mesmo mundo, isto é, todos os subditos do seu imperio, sem excepção de nação ou pessoa, em reconhecimento de sujeição e vassallagem, pagassem certo tributo. E como o povo de Israël, que era uma das nações sujeitas aos Romanos, ou cresse, ou presumisse, que a titulo de ser povo de Deus devia ser isento desta regra geral, e que abaixo do mesmo Deus, a quem pagava os dizimos, a nenhum poder era obrigado a pagar tributo: sobre esta presumpção se fundava o escrupulo dos Escribas e Phariseus, e sobre este escrupulo o

---

* E' verdadeiramente singular a forma como termina este douto e pratico sermão. E' unico na serie dos sermões maravilhosos de Vieira, cheio d'artificio e engenho, sem o parecer.

[1] *Math.*, XXII.

caso de consciencia, em que vieram consultar a Christo. Assim que, toda a questão, ou proposta, se resumia nas palavras, que propuz: *Licet censum dare Cæsari, an non?* Se era licito, ou não, aos Hebreus pagar tributo ao Cesar.

Torno a dar graças a Deus, porque não posso deixar de reconhecer neste caso e neste escrupulo muitas circumstancias, que me edificam não pouco. Primeiramente os Phariseus (nome hoje tão mal soante entre nós) eram os Religiosos daquella nação, e os Escribas, os Doutores da mesma Lei: e é resolução verdadeiramente admiravel, que em ponto de religião e lettras se não fiem só de si, e se queiram sujeitar ao juizo e parecer de outrem. Tambem noto muito, que o tributo do Cesar era uma moeda de pouco preço chamada drachma; e sendo a materia venial, argumento é de consciencias muito delicadas e timoratas fazerem tanto escrupulo della. Aperta e adianta mais este bom conceito, que a questão não era sobre impôr o tributo, em que podia haver injustiça, senão em o haver de pagar, que sendo, como sempre é, por força e não por vontade propria, esta os livrara de todo o peccado. Finalmente, o mesmo tributo era imposto não menos que pelo supremo poder dos Cesares, imperadores romanos: e no caso em que Christo resolvesse que não era licito ao povo de Israël pagal-o, os mesmos Escribas e Phariseus se expunham a resistir a Tiberio, homem não só tenacissimo do que mandava, mas de condição cruel, com que parece estavam deliberados a dar a vida em defeza da religião e da patria.

Por todas estas razões (as quaes posto que eu as tenha proposto, tambem para mim são escrupulosas) determino tratar hoje uma materia tão importante, como não usada, e assim será todo este sermão o sermão dos escrupulos. E' doutrina que toca a todos, e mais aos grandes que aos pequenos, mas nem por isso receio que lhes seja pouco agradavel. Em toda a Sagrada Escriptura uma só vez se acha esta palavra escrupulo. Quem propoz o escrupulo foi uma mulher, que o era de um lavrador, e se chamava Abigail: a quem se propoz, era um homem tão grande, que pouco depois foi rei, e já sabia que o havia de ser, David. Andando pois David homisiado pela morte do Gigante (na qual grangeou as invejas e odios de Saül) por certas descortesias, que lhe tinha feito

aquelle lavrador chamado Nabal Carmello, não só tinha resoluto, mas jurado, que elle e toda a sua familia, que era grossa, e até os cães da mesma casa morressem. [1] Já marchava com um troço dos seus soldados a executar este castigo, quando lhe sahiu ao encontro Abigail para o aplacar; e a principal razão que lhe deu, foi, que se não desistisse daquella vingança, em todos os dias de sua vida havia de trazer atravessado na garganta este escrupulo: *Erit tibi in singultum, et scrupulum cordis.* [2] E que faria então David, posto que tão offendido, irado e resoluto? O que fez, foi desistir no mesmo ponto da execução, e ficou tão agradecido a quem lhe propoz aquelle escrupulo, que lh'o não agradeceu com menos, que com a sua propria corôa, casando-se com Abigail, depois que morreu Nabal, e elle foi rei.

Tão venturosa, e tão victoriosa como isto se mostrou a palavra *escrupulo* a unica vez que se nomeou na Escriptura: e posto que os Escribas e Phariseus não declarassem o seu escrupulo com o mesmo nome, nas palavras da sua proposta o significaram ainda mais expressamente; porque nellas o definiram: *Licet censum dare Cæsari, an non?* Todo o escrupulo por uma e outra parte consiste em *licet*, ou *non licet*, em ser licito ou não ser licito. E como na mesma proposta entrava o nome de Cesar, *Censum dare Cæsari;* este nome, o respeito delle, e suas dependencias, são as que tapam as boccas aos prégadores, e queira Deus que não seja tambem aos confessores, para não declararem livremente aos Cesares, o que lhes é licito, ou não. Herodes era o Cesar do seu reino, assim como tambem o foi David: mas vêde a differença com que um e outro ouviram um *non licet:* ao Baptista, porque disse a Herodes, *non licet*, custou-lhe a cabeça: a Abigail, porque disse a David, *non licet*, grangeou-lhe a corôa. Mas notem os que teem obrigação de declarar os escrupulos, que melhor corôa foi a da cabeça do Baptista cortada, que a de Abigail coroada. Eu tambem prégo diante de corôas, e corôas que não só teem obrigação de viver sem escrupulo, mas de os intimar e tirar aos que não teem medo

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXV, 22.
[2] *Ibid.*, 31.

de viver com elles. Para que todos nesta tão importante materia façamos nossa obrigação, peçamos a graça. *Ave Maria.*

II

Licet censum dare Cæsari, an non?

Por onde começará o sermão dos escrupulos? Já dissemos a sua definição, vamos agora á divisão, que é o melhor methodo, e o mais claro. Deixando os homens que de nada teem escrupulo, como os demonios, e já estão com elles no inferno; os outros, ou teem escrupulo de tudo, ou teem escrupulo das coisas grandes e não das pequenas, ou teem escrupulo das pequenas e não das grandes. A consciencia dos primeiros é boa; a dos segundos é arriscada; a dos terceiros é pessima. Isto mesmo, que está proposto em poucas palavras, declaremos agora em muitas.

Os homens de boa consciencia, que de tudo teem escrupulo, são aquelles de quem diz o Propheta, que teem medo onde não ha que temer: *Illic trepidaverunt, ubi non erat timor.* [1] O virtuoso, confiado na sua virtude, tem medo dos vicios; o escrupuloso, desconfiado de si, tem medo até das suas virtudes. De Job dá testemunho a Sagrada Escriptura no principio da sua historia, que era homem simples, recto, temente a Deus, e que fugia de todo o mal, que é o peccado: *Et erat vir ille simplex, et rectus, ac timens Deum, et recedens à malo.* [2] Isto diz delle a Sagrada Escriptura: e elle que dizia de si? *Verebar omnia opera mea, sciens quia non parceres delinquenti.* [3] Dizia que sempre andava tendo medo a todas suas obras, porque sabia que Deus nenhum peccado deixa sem castigo, conforme aquella sentença depois declarada pela Igreja: *Nil inultum remanebit.* Mas assim como Job diz que sabia que Deus nenhum peccado deixa sem castigo: *Sciens quia non parceres delinquenti;* assim sabia tambem, e elle o affirma, que nunca com advertencia tinha offendido a Deus: *Scias*

---

[1] *Psal.*, LII, 6.
[2] *Job.*, I, 1.
[3] *Ibid.*, IX, 28.

quia nihil impium fecerim. [1] Dizia mais, que desde a sua infancia, e desde o ventre de sua mãe, nascêra, e crescêra juntamente com elle a misericordia e a piedade: *Ab infantia crevit mecum miseratio, et de utero matris meæ egressa est mecum.* [2] Que nunca comeu a sua fatia de pão sem que a partisse com o pobre, nem que o fizesse esperar, quando lhe pedia esmola: que elle era os pés do manco, os olhos do cego, o pae do orphão, o amparo da viuva, o vestido do nú, a cura do enfermo, a defeza do perseguido, e tudo o mais que se lê no seu livro, e seria infinito relatal-o. Pois se estas eram as obras de Job, tão pias, tão santas, tão louvaveis, e com uma caridade tão commum a todos; como diz, que se recciava e temia de todas ellas: *Verebar omnia opera mea?* Porque tal como isto é a consciencia dos timoratos e escrupulosos.

Oiçamos agora não em outro, senão no mesmo sugeito o maior exemplo, ou o maior encontro e batalha dos escrupulos dentro na estreita campanha de uma consciencia timorata, já affirmando o que nega, já negando o que affirma, contradizendo não a outrem senão a si, e implicando-se comsigo mesma. No Cap. 7.º diz Job: *Peccavi, quid faciam tibi ó custos hominum?* [3] Pequei, que vos hei de fazer, Senhor? No Cap. 17.º diz: *Non peccavi, et in amaritudinibus moratur oculus meus:* [4] Não pequei, e não cessam meus olhos de chorar amargamente. Pois se Job primeiro confessa que peccou, *peccavi:* como depois diz, que não peccou, *non peccavi?* Póde haver maior implicancia, que, pequei e não pequei? Não: e isto que não póde ser, e não ser, cuida e crê de si o escrupuloso. Umas vezes, olhando para a mesma acção sua, cuida e crê que é peccado, e outra vez, como se não fôra a mesma, nem os mesmos olhos, com que a via, cuida e crê que não é peccado. Mais. Quando diz que não peccou, chora: *Non peccavi, et in amaritudinibus moratur oculus meus:* e quando confessa que peccou, não chora, antes diz que não sabe o que ha de fazer a Deus: *Peccavi, quid faciam tibi?* Tanta é a confu-

[1] *Job.*, x, 7.
[2] *Ibid.*, xxxi, 18.
[3] *Ibid.*, vii, 20.
[4] *Ibid.*, xvii, 2.

são que causa em uma alma o escrupulo! De sorte que o que havia de fazer, quando confessa que peccou, era chorar; e então não chora: e o que não havia de fazer, quando diz que não peccou, era não chorar; e então se desfazem os seus olhos em lagrimas e lagrimas amargosas, devendo ser alegres: *Et in amaritudinibus moratur oculus meus.* Mais ainda. No primeiro *peccavi* confessa que peccou; e no segundo *non peccavi* torna a negar o mesmo peccado que tinha confessado: e tudo isto é o que faz e desfaz um escrupuloso, não se confessando só uma, senão muitas vezes, e não só tornando a confessar o mesmo peccado, como se o não tivera confessado, mas tornando a desdizel-o, como se tivera mentido na confissão. Póde haver maior labyrintho que este, duvidosa sempre a alma, e posta a consciencia em balança, não menos que entre peccado e não peccado, como se estivera suspensa entre o céu e o inferno?

Ninguem melhor declarou os dois polos desta suspensão que David, quando disse, que Deus o livrára da pusillanimidade do espirito e da tempestade: *Qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus, et tempestate.* [1] Que pusillanimidade é esta de um homem tão valente, como David, e que tempestade da qual Deus o livrou, pois não lêmos delle que navegasse? Responde Santo Antonino, commentando o mesmo Texto: *Quia scrupulus dicitur pusillanimitas, et conscientia scrupulosa inducit tempestatem.* O que David chama pusillanimidade do espirito, é o escrupulo (diz o Santo): e dá-lhe o Propheta com grande propriedade este nome, porque os escrupulos só se acham em almas e consciencias muito timoratas, que temem e tremem de offender a Deus. E a mesma consciencia escrupulosa causa e levanta dentro em si uma tempestade tão terrivel e horrenda, qual os poetas a costumam descrever, e a descreve o mesmo David; porque se vê a alma suspensa, como diziamos, entre o céu e o inferno; já subindo ás estrellas, e já descendo aos abysmos: *Ascendunt usque ad cælos, et descendunt usque ad abyssos*, diz o Propheta. [2] E tudo isto é o que padece a alma escrupulosa na consideração e exame das suas

[1] *Psal.* LIV, 9.
[2] *Psal.* CVI, 26.

mesmas acções, umas vezes persuadindo-se como Job a dizer: *Peccavi:* e outra vez animando-se com elle a dizer: *non peccavi.* O *peccavi* é uma onda, que a abysma, e mette entre os condemnados no inferno: o *non peccavi* é outra onda que a levanta e põe entre os bemaventurados no céu: sendo porém certo, posto que ella o não entenda, que este mesmo temor de offender a Deus, ou pavôr de o ter offendido, a faz já nesta vida bemaventurada: *Beatus homo, qui semper est pavidus.* [1]

III

Os escrupulosos do segundo genero são aquelles que só fazem escrupulo das coisas grandes, e nenhum das pequenas. A consciencia destes digo que é muito perigosa e arriscada, porque não póde faltar a verdade daquella sentença, ou proverbio do Espirito Santo: *Qui spernit modica, paulatim decidet:* [2] O homem que despreza e não faz caso nem escrupulo das coisas pequenas, pouco a pouco descahirá de maneira que venha a cahir e commetter as grandes. As pequenas são os peccados veniaes, que se chamam leves; as grandes são os graves e mortaes. E para que vejamos quão grande é o risco e perigo que está encoberto nesses mesmos a que damos o nome de leves, diz S. Gregorio Papa elegantemente, que se os desprezamos pelo pezo, que os temamos muito pelo numero: *Facta sua si despiciunt temere cum pensant, debent formidare cum numerent.* As gotas de agua, cada uma por si é gota, juntas ellas, são as que enchem os rios, e fazem os mares. Aquella que pela costura de um dedo mal calafetada entra no navio, se não tornar ao mar pela bomba, bastará continuada para o metter a pique. Que coisa menor que a unidade, a qual por si não é numero? E das unidades multiplicadas se fazem os milhares e os milhões. Um homem só, pouco temor póde causar; mas de muitos homens juntos se formam os exercitos formidaveis que fazem tremer os muros, e rendem as cidades. Com enxames de mos-

[1] *Prov.*, XXVIII, 14.
[2] *Eccl.*, XIX, 1.

quitos e gafanhotos assolou Deus o Egypto armado de toda a sua cavallaria; e maiores damnos teem feito sempre no mundo as pragas destes bichinhos, por muitos, que as balêas no mar, ou na terra os elephantes, por grandes. Taes são os effeitos dos peccados menores, que, desprezados por leves, sem escrupulo nem temor se deixam crescer e multiplicar dos que sómente os pezam e não contam: *Facta sua despiciunt temerè cum pensant.*

Mas supposto que estes escrupulosos mal entendidos não fazem caso nem escrupulo dos peccados menores, porque sómente os pezam, eu me contento, deixado por agora o numero, com os tomar tambem pelo pezo. E porque as balanças dos homens são muitas vezes falsas e enganosas: *Mendaces filii hominum in stateris*, [1] façamos este pezo pelas balanças de Deus, que não podem ser senão justissimas, e vejamos nellas quanto peza um peccado venial. Começando pelos exemplos mais sensiveis e palpaveis, peccado venial foi em David mandar fazer resenha por todo o seu reino de quantos soldados tinha para a guerra; e esta venialidade castigou Deus com sentença de tres dias de peste, a qual em uma só manhã lhe matou setenta mil vassallos. Peccado venial foi o de Moysés em dar dois golpes na pedra, para que della brotasse uma fonte, tendo-lhe dito Deus que lhe fallasse sómente; e por esta venialidade, depois dos trabalhos e peregrinações de quarenta annos do dezerto, o condemnou, sendo tão valido, a que não entrasse na Terra de Promissão. Peccado venial foi em Nabucodonosor gloriar-se, olhando para Babylonia, de ter edificado uma cidade tão grande e tão magnifica; e por esta venialidade o converteu Deus em bruto, e que entre os brutos pastasse, e se sustentasse das hervas sete annos inteiros. Tanto pezam nas balanças da Justiça Divina aquellas coisas, de que, por pequenas e leves, se não faz caso nem escrupulo!

Peccado foi, não venial mas mortal, aquelle porque Deus lançou do paraiso a Adão; mas se não fôra mortal, senão venial, que havia de succeder no mesmo paraiso? Os Theologos, com Santo Thomaz, respondem, que esta supposição é falsa, e resolvem que no

[1] *Psal.* LXI, 10.

paraiso podia haver peccado mortal; mas peccado venial por nenhum modo. E porque? Se o paraiso era capaz de nelle se commetter, como commetteu, um peccado mortal e grave; um venial e leve porque não? A razão é muito subtil, mas egualmente bem fundada. Commettendo-se no paraiso um peccado mortal, perderia o homem o paraiso, como perdeu Adão; mas se o peccado que commettesse, fosse sómente venial, não perderia o homem o paraiso, porque a culpa não era bastante; mas perder-se-hia o mesmo paraiso. E porque, outra vez? Porque o paraiso era um estado felicissimo, incapaz de toda a infelicidade e miseria: e como repugna e implica, que um estado incapaz de toda a infelicidade e miseria se conservasse, admittindo em si uma tal miseria e infelicidade, qual é a do peccado venial; d'aqui se segue, como se seguiu, que o peccado possivel naquelle estado só havia de ser mortal, pelo qual o homem perdesse o paraiso: e que não fosse possivel no mesmo paraiso peccado venial, para que o mesmo paraiso se não perdesse. A consequencia é manifesta. O homem podia perder a felicidade do paraiso, e por isso podia commetter peccado mortal; mas o paraiso não podia perder a felicidade do seu estado, sem que o mesmo paraiso se perdesse e por isso não admittia peccado venial.

Só neste caso, se os escrupulosos, de quem fallamos, estivessem no paraiso, podiam temer os peccados graves, e não fazer escrupulo dos que teem por leves. Mas para que façam maior conceito do pezo delles, posto que nunca o poderão fazer adequado, passemos do paraiso ao inferno. Tornando á nossa balança, se de uma parte puzermos o inferno com toda a sua eternidade de penas, e da outra um só peccado venial; qual peza mais, o peccado venial, ou o inferno? Parece paradoxa a pergunta, e não duvido que muitos dos que me ouvem escolheriam antes para a sua alma muitos peccados veniaes, que um momento de inferno, quanto mais toda a sua eternidade. Mas, se são christãos, são obrigados a crêr de fé, que mais peza um peccado venial que todo o inferno. E se são doutos, ainda que não fossem christãos, assim o haviam de entender só com o lume da razão. O fundamento desta tão notavel verdade é porque o peccado, ainda que venial, é mal de culpa, o inferno é mal de pena; e qualquer mal de culpa, por minimo que

seja, é maior mal e mais digno de se temer e aborrecer, que todos os males de pena, ainda que sejam eternos e tão horrendos e intoleraveis como os do inferno. No inferno é castigado o peccador; no peccado venial, ainda minimo, é offendido Deus, e tanto maior mal é esta offensa pelo que toca á Magestade offendida, quanto excede o infinito a todo o creado. E se eu agora perguntasse a estes escrupulosos, qual é a razão porque só fazem escrupulos das coisas grandes e não das pequenas, dos peccados graves e não dos veniaes, é certo que se fallarem verdade, hão de dizer, porque os peccados mortaes levam ao inferno, e os veniaes não. O' ingratos e ignorantes no mesmo peccado venial! Em quanto venial, ingratos á misericordia divina, que o perdoa: e em quanto peccado, ignorantes; porque pezando mais que todo o inferno, o teem por leve: *Despiciunt, cum pensant.*

IV

Confundidos assim e convencidos estes máus escrupulosos, quanto á primeira parte do pezo; quanto á segunda do numero, cuidam que podem defender o seu erro, e arguem desta maneira. E' theologia certa que mil e cem mil peccados veniaes não podem fazer um mortal: logo não se deve temer tanto o seu numero, como diz S. Gregorio: *Debent formidare cum numerent:* nem a consciencia dos escrupulosos deste genero está tão perigosa e arriscada, como eu digo. Primeiramente esta sentença que pronunciou S. Gregorio com auctoridade de Summo Pontifice, repetem muitas vezes S. Agostinho, S. Jeronymo, S. Basilio, S. João Chrysostomo, todos quatro Doutores da Igreja. O mesmo dizem S. Cypriano, S. Isidoro, S. Pedro Damião, S. Bernardo, S. Nylo, S. Efrem, Cassiano, Ricardo Victorino, e todos os grandes mestres de espirito de todas as edades. E em que se fundam? Na fé, na razão, e na experiencia. Porque ainda que todos os peccados veniaes não podem fazer um mortal, todos e cada um delles são as disposições naturaes, de que o peccado mortal se segue. Ha alguma enfermidade, que seja morte? Nenhuma: e todos os que temem a morte, temem egualmente as enfermidades,

porque são as disposições para a morte: logo não menos se devem temer os muitos peccados veniaes, que o mortal, pois são as disposições que naturalmente introduzem a fórma, ou a deformidade nelle na alma. O peccado venial não mata a graça, mas esfria a caridade, em que a mesma graça consiste; e assim como o calor é disposição para accender o fogo, assim é disposição o frio para o apagar. Os peccados veniaes com os seus actos enfraquecem os habitos das virtudes; e as virtudes enfraquecidas, como hão de resistir aos vicios? Isto ensina com evidencia a philosophia. E d'aqui se segue outra consequencia em theologia mais formidavel. E é, que os grandes peccados, e as grandes tentações não se podem vencer sem grandes auxilios, e justissimamente nega Deus os auxilios grandes, provocado pelos peccados veniaes, posto que pequenos. Os que mais attenuam o peccado venial, dizem que não é rigorosamente offensa, senão desagrado somente de Deus; e quem não tem medo de desagradar a Deus muitas vezes, vêde se se atreverá facilmente a offendel-o. Aquella gotta que continuando a cahir na pedra, faz nella o mesmo effeito que o cinzel, não é porque a agua seja tão forte como o ferro, mas porque cáe muitas vezes: *Non vi, sed sæpe cadendo.* Se cahis muitas vezes nos veniaes, tende por certo que haveis de cahir nos mortaes.

Acabae de conhecer quão mal entendido é o vosso escrupulo e o vosso témor, se é que o tendes. Temeis os peccados mortaes, porque são grandes, e não fazeis caso dos veniaes, porque são pequenos, como se os pequenos não cresceram, nem se fizessem grandes. Uma leoa, diz o Propheta Ezechiel, tomou um leãosinho dos que creava, e metteu-o entre os leões para que aprendesse a o ser; e crescendo sahiu tão leão e tão feroz, que comia as gentes e despovoava as cidades: *Didicit prædam capere, et homines devorare: didicit viduas facere, et civitates in desertum adducere.* [1] Dos leõesinhos se fazem os leões, dos tigresinhos os tigres, e dos peccados pequenos os grandes. Coisa notavel é naquella lavradora de Salomão (a qual por ser de Salomão, não devia ser ignorante), que mandasse tomar as rapozas nomeadamente pequeninas, porque destruiam a vinha: *Capite nobis vulpes*

[1] *Ezechiel*, XIX, 6 e 7.

parvulas, quæ demoliuntur vineas. [1] Pois se mandava que lhe tomassem as pequenas ou pequeninas, porque não mandava tomar as grandes? Porque as raposas são muito astutas, e se não se tomam em quanto pequeninas, depois de grandes não se podem tomar. Neste sentido dizia allegoricamente David: Ditoso aquelle que quebra a cabeça aos seus vicios, em quanto são pequeninos: *Beatus qui tenebit, et allidet parvulos suos ad petram.* [2] A palavra *parvulos suos* não tem uma só, senão dobrada energia. *Parvulos*, em quanto pqueninos, porque não cresçam e se façam grandes: *suos*, em quanto seus, e em quanto os domina, porque crescidos e grandes, não os dominará, antes será dominado delles. Os vicios, commenta aqui Hugo Cardeal, se ao principio se deixam crescer, de cabellos se fazem traves, e os que d'antes podia dominar facilmente a alma, elles depois de crescidos a dominam e fazem escrava: *Parvuli in principio debiles sunt, sed crescentes paulatim fortiores fiunt. Sic mali motus in anima, si permittantur crescere, subito de capillo transeunt in trabem, et dominium sumunt in anima.*

Neste mundo só o céu não cresce: do céu abaixo, assim como todas as outras coisas crescem, assim crescem os vicios. Cresce o homem e cresce a inveja: cresce o animal e cresce a ira; cresce a arvore e cresce a cobiça; cresce o peixe e cresce a luxuria; cresce a ave e cresce a vaidade e a soberba. E se vós não venceis os vicios, em quanto são pygmeus, como os vencereis depois que forem gigantes? Não vos fieis em os verdes pequeninos, quando começam. Quando o demonio tentou a Judas que fosse ladrão, não lhe disse logo que havia de vender a Christo; mas porque começou cerceando as esmolas dos Discipulos, acabou vendendo o Mestre. Ponhamos este exemplo em praxe. Um ladrão formigueiro, que furta quatro reaes de prata a quatro homens, faz quatro peccados veniaes: e quem furta quatro a quatro, parece-vos que tambem não furtará quatro a um, que é peccado mortal? A peior coisa que tem o peccado venial, é o nome de venial. Significa perdão, e por isso não causa medo.

---

[1] *Cant.* II, 15.
[2] *Psalm.* CXXXVI, 9.

sendo que por isso mesmo o havia de causar maior. Ouvi um notavel pensamento de S. João Chrysostomo: *Mirabile quiddam, atque in auditum dicere audeo.* [1] Atrevo-me a dizer (diz o eloquentissimo Padre) uma coisa admiravel e inaudita. E qual é? *Solet mihi nonnunquam non tanto studio magna videri peccata esse evitanda, quanto parva, et vilia.* Representa-se-me, e muitas vezes, que se não devem evitar com tanto cuidado os peccados grandes e mortaes, como os pequenos e veniaes. E dá a razão: *Illa enim ut aversentur, ipsa natura peccati efficit; hæc autem hac ipsa re quia parva sunt, desides reddunt:* Porque nos peccados grandes e mortaes, o mesmo nome de mortal causa terror e espanto; e pelo contrario, nos pequenos o nome de leve e venial tira o medo e nos faz descuidados. E d'aqui se segue, conclue o Santo, que em quanto desprezamos e fazemos menos caso dos pequenos, elles por nossa negligencia de pequenos se fazem grandes: *Et dum contemnuntur, non potest ad expulsionem eorum animus generose insurgere. Unde citò ex parvis magna fiunt negligentia nostra.*

Aqui podéra acabar bem este discurso com uma coisa que o grande Chrysostomo chama admiravel e inaudita; mas eu lhe quero pôr fim com outra não inaudita, senão muito sabida de todos, porém muito mais admiravel e verdadeiramente tremenda. E qual será esta? Que não são necessarios muitos peccados veniaes, mas basta um só, para que Deus o castigue com a permissão de muitos mortaes. Quando S. Pedro disse (e levado do amor de Christo), que se os outros fugissem e o negassem, elle o confessaria até á morte; esta presumpção com que se antepoz aos demais não passou de peccado venial, e bastou este peccado, um e venial, para que o mesmo Christo e a S. Pedro, o permittisse cahir em tres peccados mortaes. Uma vez disse venialmente: *Non te negabo:* [2] e tres vezes o negou, peccando mortalmente. Para que veja a ignorancia e cegueira destes segundos escrupulosos, se está mais que arriscada, e mais que perigosa a sua consciencia, quando se dão por seguros no falso escrupulo das coisas grandes, sem o fazer das pequenas.

---

[1] Chry. Homil. 88 in Math.
[2] *Math.*, XXVI, 35.

V

Somos chegados aos escrupulosos da terceira especie, que só fazem grandes escrupulos das coisas pequenas, e nenhum totalmente das grandes. E porque tal barbaria se não póde imaginar de entendimentos racionaes, sejam os seus mesmos escrupulos a prova desta temeridade. Eram tão escrupulosos os Escribas e Phariseus em tempo de Christo na materia de pagar o dizimo a Deus, que até o pagavam das hortaliças mais vis, de que o rendeiro do verde não faz conta. E quando eu cuidava que o zelo do mesmo Senhor passaria em silencio estas miudezas, como assumpto menos nobre para um auditorio tão grave, como o da côrte de Jérusalem, ou como menos decente para um logar tão auctorisado, como o pulpito; leio em S. Mattheus, que nomeando o soberano Prégador as pessoas dos escrupulosos dizimadores, e declarando tambem por seu nome a vileza das verduras dizimadas, com voz mais alta, e um ai arrancado do peito, exclamou assim: *Væ vobis, Scribæ, et Pharisæi, qui decimatis mentham, et anethum, et cyminum:* [1] Ai de vós, Escribas e Phariseus, que pagaes o dizimo da hortelã, do endro e dos cominhos! Mais vae por diante o divino Mestre. Mas antes que oiçamos a segunda parte da mesma sentença, paremos no muito que tem que admirar esta primeira. Começa dizendo: *Væ*, e parece que havia de começar dizendo: *Euge!* Não era Christo Senhor nosso tão zelador da Lei, que dizia e ensinava se haviam de observar nella não só as palavras, as syllabas e as lettras, senão tambem aquelle pontinho, que se põe em cima do *I: Jota unum, aut unus apex non præteribit à lege, donec omnia fiant?* [2] Não era tão delicado estimador das coisas pequenas, que ameaçou com ser minimo no seu reino quem não observasse as minimas: *Qui solverit unum de mandatis istis minimis, minimus vocabitur in regno cœlorum?* [3] O fiar muito delgado não é o argumento mais

---

[1] *Math.*, XXIII, 23.
[2] *Ibid.*, V, 18.
[3] *Ibid.*, 19.

certo das boas consciencias, e que amam a perfeição? O pagar os dizimos não era um dos mandamentos de Deus, e o mesmo Deus não mandava que fossem os homens nimios na observancia dos seus mandamentos: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis?* [1] Pois como o mesmo Christo em vez de louvar aquelles ministros de sua Lei com dois *cuges* — *cuge*, *cuge* — os condemna e anathematisa com um *væ* tão aspero e tão tremendo, *Væ vobis?*

Agora entra a segunda parte da mesma sentença, que é o commento da primeira. Depois de dizer: *Qui decimatis mentham, et anethum, et cyminum;* accrescenta: *Et reliquistis quæ graviora sunt legis, judicium, et misericordiam, et fidem:* [2] Pagaes o dizimo das hervas, que não teem preço nem nome, e desprezaes e quebraes os preceitos da Lei maiores, e de maior necessidade e importancia, como são a justiça, a misericordia, e a fé. Notae como contrapôz o Senhor os tres peccados maiores aos tres dizimos e escrupulos das coisas menores. Pagaes o dizimo da hortelã, e não tendes fé: pagaes o dizimo do endro, e não tendes justiça: pagaes o dizimo dos cominhos, e não tendes misericordia. Homens sem misericordia, homens sem justiça, homens sem fé: é no cabo muito escrupulosos em coisas tão miudas, tão baixas e tão vis, que se envergonha a lingua de as pronunciar. Mas assim como a soberana rhetorica da eloquencia de Christo se abateu a nomear a materia dos escrupulos, assim levantando a voz, lhes descobriu e declarou a brados as injustiças e impiedades enormissimas, com que, sem nenhum escrupulo, sacrilegos profanavam as leis divinas, e crueis tyrannisavam as humanas: *Quia comeditis domos viduarum*, diz o Senhor por S. Matthæus; e por S. Marcos, e S. Lucas: *Qui devoratis.* [3] Com a salsa daquellas hervas, e daquelles adubos, comiam e tragavam as casas das viuvas e dos orphãos. Comer, é levar pouco a pouco, e a bocados: devorar é tragar e engolir de uma vez. E uma e outra coisa faziam devotissimamente estes escrupulosos. E digo devotissimamente, porque accrescenta o Tex-

---

[1] *Psalm.* 118, 4.
[2] *Math.*, XXIII, 23.
[3] *Math.*, XXIII, 14; *Marc.*, XII, 40; *Luc.*, XX.

to, que quando faziam isto, faziam juntamente umas orações mui compridas: *Longas orationes orantes.* [1]

Aqui entra em seu proprio logar o famoso epiphonema, com que em duas palavras elegantissimamente contrapostas, comprehendeu e definiu a Sabedoria divina toda esta materia: *Excolantes culicem, autem glutientes:* [2] Engasgavam (diz o Senhor) com um mosquito, e engoliam um camello. Ainda engoliam mais os nossos escrupulosos, a quem com razão podemos chamar cominheiros. Engasgavam com um cominho, e engoliam não só uma, senão muitas casas inteiras: *Qui devorant domos viduarum.* O' Jérusalem! O' Lisboa! Quantas casas se vêem hoje em pé nessas grandes ruas e praças, devoradas e engolidas sem nenhum escrupulo! Esta engoliu o amigo infiel, que ficou por tutor do orphão: aquella engoliu o parente esquecido do sangue, que ficou por testamenteiro: a outra engoliu o acredor fingido, por dividas falsas: a outra, e muitas outras, engoliram os trapaceiros por demandas injustas. E por estes, e por tantos outros modos, tantas casas engolidas, tantas viuvas desamparadas, tantos orphãos desherdados, tantas pobrezas, tantas miserias, tantas lagrimas sem compaixão, sem piedade, sem remedio? E tambem sem nenhum escrupulo? Isso não: com escrupulo, e com muitos escrupulos: com escrupulo da hortelã, com escrupulo do endro, e com escrupulo dos cominhos!

Parecem-me estas gargantas ou gorgomilos, com o que se diz das baleias. A baleia com aquella sua grande bocca, pesca de um lanço, ou de um bocado, um cardume de sardinhas: e dizem os anatomistas daquelle monstro, que tem o gorgomilo tão estreito, que não póde ir engolindo senão uma e uma. Mas eu leio, não nas fabulas, senão na Sagrada Escriptura, que quando a baleia, no meio da tempestade, chegou a bordo do navio que ia para Joppe, ou o seu gorgomilo fosse tão estreito, ou não, ella engoliu o Propheta Jonas vestido e calçado. [3] Se foi por milagre naquelle mar, eu não o nego; mas só posso affirmar, que vi similhantes milagres em outra terra. Como estive em

---

[1] *Math.*, XXIII, 14.
[2] *Ibid.*, 24.
[3] *Jon.*, I.

tantas, bem posso referir o exemplo, sem que se entenda quem foi o milagroso. Era um julgador de muito escrupulosa consciencia, o qual não só partiu deste porto com o mesmo escrupulo muito recommendado, mas chegou tambem com elle a um dos portos das nossas Conquistas. E noto, que não só partiu, mas chegou com o mesmo escrupulo; porque os escrupulos nesta navegação costumam ser como os assucares rosados, que refervem na Linha. Chegado pois o julgador, como lhe mandassem um cacho de uvas de moscatel de Jesus, por ser fructa do Reino, elle mettido nas conchas do seu escrupulo com o mesmo nome de Jesus na bocca se benzeu da tentação, e tornou a mandar as uvas para d'onde tinham vindo. Espalhou-se pela terra a repulsa, e todos deram graças a Deus de a ter provido de um juiz tão desinteressado, e tão inteiro. Mas esta inteireza, e este desinteresse, e este escrupulo tão isento, quanto durou? Não era passado ameiade do tempo da alçada, quando soube todo o mundo que o meu juiz, que tinha engasgado com o cacho de uvas, engoliu duas barcas, que lá teem outro nome, uma confeitada de fechos de assucar, e outra perfumada de rolos de tabaco.

VI

Mas tornando a Jérusalem, clima tão fecundo de escrupulos como de hypocrisias, porque ambas estas más plantas nascem da mesma raiz, que é o engano e a mentira; infinita coisa seria se eu houvesse de ponderar tudo o que referem os Evangelistas daquella terra e tempo. Contentar-me-hei só com ponderar dois casos muito particulares, um de escrupulos masculinos, outro de femininos, para doutrina de todos.

Prezo Christo, nosso Redemptor, e levado primeiro ao palacio de Annaz, e depois ao de Caifaz, iam com elle triumphando com a preza os Ministros e Principes da Synagoga, e como guardas mais fieis e seguras, entravam em um e outro palacio, porque ambos os Pontifices eram hebreus. Presentado porém o Senhor diante de Pilatos, todos os hebreus ficaram fóra do Pretorio; e a causa deste retiro foi, diz o Evange-

lista: *Ut non contaminarentur*, [1] para se não contaminarem. Como Pilatos era gentio, e elles Judeus, tinham para si, que só com metterem o pé em casa de um gentio, a santidade da sua Lei, a pureza da sua Religião, e a innocencia immaculada da vida que professavam, ficava manchada e perdida. Tudo isto quer dizer: *Ut non contaminarentur:* e isto é o em que só reparo, e me admira. Que os chamados Principes dos Sacerdotes procurem tão descoberta e impiamente tirar a vida a quem a dava aos seus enfermos, e aos seus defuntos; que multipliquem contra a sua innocencia tantas accusações: que busquem e tragam a juizo tantas testemunhas falsas; que negoceiem a absolvição e liberdade de Barrabaz; que peitem os algozes, para que os açoites sejam tantos e tão crueis, que nelles acabe a vida, porque viam inclinado Pilatos a o livrar; que provoquem e subornem os clamores do povo, e que intimidem ao juiz com a inimizade do Cesar; e finalmente que se não satisfaçam com outra morte senão a de cruz, tão cruel, tão infame, e tão atroz; não me admira, nem o estranho, quanto por outra via merece; porque tudo isto faz o odio, a inveja, a ira, a vingança, o interesse e ambição desatinada e cega: mas que estes mesmos homens, por tantos modos perfidos e sacrilegos, sem lei, sem religião, sem verdade, sem fé, sem consciencia, no mesmo tempo façam tantos escrupulos, tantos retiros, e tantos ascos de entrar em casa de Pilatos seu governador, e que digam que se não querem contaminar por ser gentio; esta é a minha admiração, e a minha raiva. Pilatos é o que havia de fazer asco de vós, e o que não havia de querer que tão maldita e infame gente entrasse das suas portas a dentro, e lhe contaminasse a casa. Mas estes são os escrupulos, e estas são as consciencias pharisaicas. Grandes escrupulos de entrar em casa de um gentio, e nenhum escrupulo de crucificar ao Filho de Deus entre dois ladrões. *O' impia, et stulta cæcitas!* (Exclama S. Agostinho) *Habitaculo videlicet contaminarentur alieno, et non contaminarentur scelere proprio:* [2] Basta que vos ha de contaminar a casa alheia, e não vos contami-

[1] *Joan.*, XVIII, 28.
[2] *August. Tract.* 114.

nam tantas maldades proprias! Em uma cerimonia da lei de Moysés tantos escrupulos, e na maior traição, na maior ingratidão, na maior aleivosia, na maior injustiça, na maior tyrannia, na maior abominação, no maior sacrilegio, no maior crime de lesa magestade, humana e divina, nenhum escrupulo! Taes são os escrupulos dos que só o fazem das coisas pequenas, e não das grandes, ainda que a sua grandeza seja tão immensa e infinita.

Este é o escrupulo que eu chamei do genero masculino: vamos ao feminino, menos cruel, mas muito mais delicado. Chegado Christo, Senhor nosso, ao poço de Sichar, fatigado do caminho, e abrazado da calma, pediu um pucaro de agua a uma mulher, que no mesmo tempo alli a veiu buscar, samaritana de nação. [1] E que responderia ao Messias encoberto, uma mulher publicamente de cantaro? Não só teve escrupulo de lhe dar a agua, mas o arguiu de pouco escrupuloso em lh'a pedir: *Quomodo tu Judæus cum sis, bibere à me poscis, quæ sum mulier samaritana?* [2] Como vós, sendo judeu, me pedis de beber a mim, sendo eu samaritana? Tão delicada e mimosa era a sua consciencia, que não só a picavam os escrupulos proprios, senão tambem os alheios. E não póde ser mais fino o escrupulo, nem subir mais o encarecimento delle, que chegar uma mulher a metter escrupulos ao mesmo Christo. Mulher em fim, e mettida a beata, posto que sem manto, nem capello. Era erro corrente entre os Hebreus, que só os da sua nação eram proximos. Mas propondo esta mesma questão a Christo um Doutor da Lei, respondeu-lhe o Senhor com o caso de um samaritano, o qual achando em um caminho, despojado e ferido dos ladrões um hebreu, não só o curou com suas proprias mãos, mas o soccorreu com casa, cama, e dinheiro; e ficou ensinado e confessando o lettrado, que a differença das nações não encontrava, nem impedia o exercicio da proximidade. Logo se foi licito a um samaritano curar as feridas a um judeu, porque não seria licito a uma samaritana matar a sede a outro? Mas ella, como se fôra mais doutora que o Doutor, e mais christã que o mes-

[1] *Joan*, IV, 8.
[2] *Ibid.*, 9.

mo Christo, especulou no seu caso, não um, senão dois escrupulos.

Os Samaritanos do tempo de Christo, eram Assyrios transplantados a Samaria, côrte que tinha sido dos reis de Israël, e assim como, segundo o uso da sua patria, adoravam os idolos, assim, segundo o da terra em que viviam, adoravam o Deus verdadeiro. E sendo tal a fé da samaritana, que não tinha escrupulo de adorar dois deuses, tinha escrupulo de dar uma sede de agua a um homem. O Deus verdadeiro mandava-lhe que désse a esmola, o falso devia de lhe mandar que a não désse, e d'aqui lhe vinha o escrupulo. Porém o que mais me escandaliza, é que dizendo a samaritana a Christo, que aquelle poço fôra edificado por Jacob, chamou a Jacob pae seu: *Nunquid tu major es Patre nostro Jacob, qui dedit nobis hunc puteum?* [1] E outra vez como tão lettrada, tornou a repetir o mesmo: *Patres nostri in monte hoc adoraverunt.* Pois se Jacob é teu pae, e tu não podes negar que és judia, porque põe o teu escrupulo a Christo a excepção de ser judeu: *Quomodo tu Judæus cum sis?* Prouvera a Deus que este escrupulo, e esta consequencia, ficára sepultada no mesmo poço. Mas os caldeirões que chegam ao fundo, muitas vezes tiram a agua misturada com lodo.

Finalmente, disse Christo á samaritana que fosse chamar seu marido; e como ella respondesse que o não tinha, equivocando o Senhor na palavra *vir*, que quer dizer, homem e marido; assim é, lhe disse, porque cinco homens que já tiveste, não eram teus maridos, nem é teu marido o que agora tens. E esta era a santinha dos escrupulos. De sorte que o escrupulo de se dar a seis homens, que não eram seus maridos, esse bebia ella como um pucaro de agua: e sobre dar um pucaro de agua a um homem morto á sede, não só arguia um grande escrupulo, senão dois: um, com que ella a não podia dar, outro, com que elle a não podia pedir: *Quomodo tu Judæus cum sis, bibere à me poscis?*

[1] *Joan.*, IV, 12.

VII

Parece-me que tenho bastantemente declarado as tres especies de escrupulosos que propuz ao principio: e quão boa e temente a Deus é a consciencia dos primeiros, quão arriscada e perigosa a dos segundos, e quão pessima e maldita a destes ultimos. Resta agora saber a qual destas especies pertence o escrupulo dos Escribas e Phariseus do nosso Evangelho, e que censura merece o caso de consciencia, ou a consciencia do caso sobre que vieram consultar a Christo.

Digo que este escrupulo dos Escribas e Phariseus, não era de alguma especie das tres referidas, mas de outra quarta especie muito peior que pessima, e digna de mais infernal e diabolica censura do que cabe em significação de palavras. Era um escrupulo que não era; porque o pretexto do escrupulo era fingido, e debaixo desta ficção vinha dissimulada e encoberta uma tal maldade, e traçada e armada uma tal traição e aleivosia, que se Christo não fôra Deus, não pudéra escapar della como homem: *Bicipiti complexione insidiantes, ut quodlibet eligens caperetur. Si licere responderet, tanquam reus esset adversus populum Dei: Si autem diceret non licere, tanquam Cæsaris adversarius perimeretur.* A pergunta fraudulenta e traidora, diz Santo Agostinho, vinha dividida e armada sobre dois laços, compostos e tecidos com tal artificio, que se Christo escapasse de um, não podia deixar de cahir no outro. A questão se resumia toda em um *licet, an non?* Se era licito, ou não era licito, pagar o povo de Deus o tributo a Cesar: se dizia que não era licito, incorria na indignação do imperador, e ficava réo de lesa magestade humana: se dizia que era licito, incorria no odio do povo, no desprezo da Lei, da Religião, e do mesmo Deus, com que ficava réo de lesa magestade divina: e por qualquer destes dois crimes, ambos de primeira cabeça, sujeito á pena não só de morte, mas de morte infame, como aquelles que tanto odio lhe tinham á vida, como inveja á honra. Pelo contrario os Escribas e Phariseus ficariam honrados e celebrados por religiosos e santos, como zeladores da liberdade, da patria, das immunidades da Lei, e do culto e reverencia de Deus: e tudo isto contra Christo, e para si, de-

baixo da capa fingida de um escrupulo. Os outros escrupulos maiores ou menores, só fazem mal á consciencia propria; este dos Escribas e Phariseus, desprezada a propria consciencia, e a propria condemnação, todo se armava contra a vida, contra a honra, e tambem contra a consciencia alheia: com tal apparencia porém de virtude e santidade, que sendo forjado no inferno, parecia cahido do céu. Lá faz menção o Propheta de certos laços que chovem do céu: *Pluet super peccatores laqueos:* [1] e taes eram estes dos ministros ecclesiasticos armados contra Christo.

Mas d'onde lhe acharemos exemplo para maior declaração? Tenha Deus de sua mão aos reis, porque tres que acho na Escriptura, todos tres são em palacio. Muito havia que Herodias desejava tirar a cabeça ao Baptista, tambem por um *non licet:* e que traça inventaria aquella má mulher para uma execução tão abominavel como esta? A invenção concertada com Herodes não foi outra, que um escrupulo muito bem fingido. No dia em que festejava os seus annos, Herodes, sahiu a dançar na sala do banquete a filha de Herodias: celebraram todos os aduladores o ar, que propriamente se devia chamar desenvoltura, e o rei para encarecer o extremo do seu agrado, disse na ultima mesura á menina, que pedisse, confirmando com juramento, que ainda que fosse ametade do seu reino cumpriria a promessa. Por não parecer a petição ensaiada, entrou a dançante a consultar a mãe, do que pediria: tornou a sahir, e pediu a cabeça do Baptista em um prato, e logo: *Volo, ut protinus des mihi in disco caput Joannis Baptistæ.* [2] Ah, rei, que se souberas responder, seria digna a tua resposta de se escrever com lettras de oiro! Dize que não prometteste tanto: porque um só cabello da cabeça do Baptista vale mais que todo o teu reino. Mas como a fatal iguaria antes de pedida já estava guizada: *Contristatus est rex propter jusjurandum:* [3] entristeceu-se o rei, ou mostrou-se muito triste, de haver jurado o que tinha promettido; e por escrupulo de não quebrar o juramento, mandou cortar a cabeça ao maior dos nasci-

[1] *Psalm.*, x, 7.
[2] *Marc.*, vi, 25.
[3] *Ibidem.*, 26.

dos. Veio á meza ainda quente com o sangue o prato horrendo e sacrilego, e foi recebido sem horror, antes com lisonjas á fé da palavra e juramento real, porque vinha encuberta nelle a vingança e tyrannia com pretexto de religião, e o sacrilegio mais impio e cruel com nome de escrupulo.

Acompanhe o de Herodes o de Achaz. Em prova de que não seria vencido da liga ou conjuração, que contra elle tinham feito dois reis, cada um egualmente poderoso, mandou-lhe dizer Deus por Isaias, que pedisse o milagre que mais quizesse, ou do céu, ou da terra, ou do inferno. E que responderia Achaz, não menos empenhado nesta guerra que com a corôa e a vida? *Non petam, et non tentabo Dominum:* [1] De nenhum modo pedirei, porque não quero tentar a Deus. Notavel razão, ou semrazão. Se Isaias dissera a el-rei Achaz, que pedisse milagres a Deus em confirmação do que lhe promettia, ainda no tal caso não era tentar a Deus: porque assim o fez Gedeão, não só uma, senão duas vezes; e Deus lhe concedeu, não outros, senão os mesmos milagres que elle pedia: mas se Deus era o que convidava a Achaz com os milagres, e lhe mandava offerecer que os pedisse, em que fundava o dizer, que não queria tentar a Deus? S. Jeronymo, S. Cyrillo, S. Basilio, e commummente os outros Interpretes, dizem, que se fundava Achaz em uma tão refinada maldade, qual só podia imaginar um homem tão máu e tão impio como elle. Achaz era idolatra, e se pedisse os milagres a Deus e não aos idolos, que os não podiam fazer, offendia aos idolos: e se Deus fizesse os milagres, ou sem os fazer lhe désse a victoria, como havia de dar, pois a tinha promettido, ficava acreditado Deus, e os idolos desacreditados. E porque o máu e impio idolatra quer tirar a gloria e honra a Deus, e dar as graças aos seus idolos: para não declarar a Isaias a impiedade destes seus pensamentos, fingiu o escrupulo de que não queria tentar a Deus: *Non petam, et non tentabo Dominum.* De sorte que a falta da fé, o sacrilegio da idolatria, o roubo da gloria do verdadeiro Deus, e o credito e honra dos deuses falsos, tudo isto encobriu e disfarçou um homem chamado rei, debaixo da capa de um

[1] *Isai.*, VII, 12.

escrupulo, e esse fingido. Se eu prégara em Constantinopla, grande materia se me offerecia neste caso d'el-rei Achaz, e no d'el-rei Herodes para fazer uma tremenda exclamação sobre estes escrupulos. Mas tambem não quero ir ao Egypto, nem ao palacio d'el-rei Pharáo, que era o terceiro exemplo: póde ser que tenha logar depois.

VIII

O que agora se segue, e sómente resta para complemento da materia e obrigação deste logar, é, que assim como dividimos e definimos os escrupulos, assim examinemos os remedios e qualifiquemos o verdadeiro. A maior coisa que neste mundo intentou e executou a temeridade humana, foi a morte do filho de Deus, e nenhuma com maiores e mais conhecidos escrupulos. Quantas vezes affirmou Pilatos, que nenhuma coisa achava naquelle homem: *Ego nullam invenio in eo causam?* [1] Quantas vezes respondeu ás instancias dos accusadores, que nenhum mal tinha feito: *Quid enim mali fecit?* [2] Por isso commetteu aos Principes dos Sacerdotes que elles o julgassem: *Accipite eum vos, et secundum legem vestram judicate.* [3] Por isso, sabendo que era galileu, o remetteu a el-rei Herodes: *Ut cognovit, quod Herodis potestate esset, remisit eum ad Herodem.* [4] Tudo isto eram escrupulos de não ser elle o que julgasse a causa de Christo, a que se accrescentou tambem a visão e recado de sua mulher: *Nihil tibi, et Justo illi:* [5] que se guardasse de ter parte alguma nas coisas daquelle Justo. Sem embargo porém de todos estes escrupulos, podendo mais os clamores do povo, que a razão, e o respeito e dependencia do Cesar, que a justiça, e prevalecendo a fraqueza, a covardia e a pusillanimidade do juiz á obrigação do officio, aqui foi o maior escrupulo de Pilatos; porque já não era sobre a duvida de condem-

[1] *Joan.*, XVIII, 38.
[2] *Math.*, XXVII, 23.
[3] *Joan.*, XVIII, 31.
[4] *Luc.*, XXIII, 7.
[5] *Math.*, XXVII, 19.

nar ou não o innocente, mas sobre a resolução de o ter condemnado. E que remedio tomaria para aquietar a consciencia que naturalmente estava tremendo de um tão horrendo escrupulo? *Accepta aqua, lavit manus coram populo dicens: Innocens ego sum à sanguine Justi hujus.* [1] Tomou a agua, e lavou as mãos diante de todo o povo, protestando e dizendo: Eu estou innocente no sangue deste Justo. E quantas cerimonias destas se tomam por remedios de escrupulos, que não são cerimonia! Condemnava a innocencia, e declarava-se por innocente! O escrupulo era o sangue do Justo, e o purificatorio da consciencia do juiz, lavar as mãos com uma pouca de agua! O' Pilatos, que ha tantos annos estás no inferno! O' julgadores que caminhaes para lá com as almas envoltas em tantos e tão graves escrupulos de fazendas, de vidas, de honras; e cuidaes, cegos e estupidos, que essas mãos com que escreveis as tenções, e com que firmaes as sentenças, se podem lavar com uma pouca de agua! Não ha agua que tenha tal virtude. A agua benta lava os peccados veniaes, a agua do baptismo lava dos veniaes e mortaes passados; mas nem a agua que corre dos olhos, que é a mais poderosa de todas, póde lavar destes escrupulos; porque sem restituição dos damnos que causaes, não póde haver contrição verdadeira.

Reprovado o remedio de Pilatos contra os escrupulos, que foi o da agua, qual será o que agora se segue? Estou certo que ninguem o imagina. E' o do vinho. Pois o vinho remedio contra os escrupulos? Sim. Luthero, por uma causa e vingança tão leve como todos sabem, rebellou-se contra a Igreja, e fez-se não só herege, senão heresiarca. Mas como era grande letrado, e fôra creado em uma Religião tão santa, eram tambem continuos os escrupulos com que a consciencia o accusava, e fortissimamente lhe batia e combatia a alma. E que remedio tomava Luthero para se livrar da bateria, da afflicção e da tristeza que naturalmente causam escrupulos, ainda nas mais depravadas e obstinadas consciencias? O que fazia Luthero era fazer-se Calvino: *Calvinus, quia mane cales et vespere vino.* Tinha sempre presto muito e bom

[1] *Math.*, XXVII, 24.

vinho; bebia valente e alegremente, perturbava-se-lhe o juizo, e posto desta maneira fóra de si, tinha paz comsigo. *Cum acres ob novatam fidem, et adinventam hæresim paterctur conscientiæ scrupulos, ut eos vino sopiret, vel extingueret, quotidie perpotabat, et pergræcabatur strenuè, ut videretur semper vinolentus, et temulentus.* São palavras de Cocleo na vida do mesmo Luthero. E porque os seus discipulos e sequazes, como antigos filhos da Igreja Catholica, tambem não podiam aquietar naquella nova doutrina, e padeciam os mesmos escrupulos, diz o mesmo auctor, que quando recorriam a Luthero com as suas duvidas, elle os brindava logo, e com o mesmo antidoto lhes carregava juntamente e alliviava o cerebro: *Atque suæ perfidiæ asseclis, qui similibus conscientiæ scrupulis exagitabantur, idem remedium suggerebat, ut scilicet scrupulos vino obruerent.* [1]

Depois de ouvida uma tão admiravel historia, quasi dos nossos tempos, em terras d'antes tão catholicas, parece-me que todo este auditorio está dando graças a Deus por nos vermos livres por mercê sua, tanto de similhante escrupulo, como de similhante remedio. Do escrupulo, porque todos somos fidelissimos filhos da Santa Madre Igreja, sem heresia: e do remedio, porque aos portuguezes as fontes são as que nos matam a sede, e não as vides. Comtudo em outras materias, não poucas, nem pouco graves, vejo entre nós viver muito leves e muito alegres sem nenhum escrupulo algumas almas, e não das menores, como falla Seneca *umbræ minores*, [2] as quaes pelo que obram, ou teem obrado, assim no Reino, como fóra delle, deveram andar muito tristes e muito escrupulosas. Aquellas dividas que não se pagam, aquellas violencias e os damnos dellas, aquelles votos injustos e suas consequencias, aquellas informações falsas antepostas ao merecimento verdadeiro, aquellas riquezas adquiridas não sei como, ou como todos sabem, não são materias bastantes para causar grandes escrupulos? Pois como é possivel que o não façam homens christãos, e que se confessam, e commungam? E' porque lhes diverte o escrupulo, e por-

[1] *Cocl. relat. a Cornel. in C. 31. Proverbior. 4.*
[2] *Senec. in Traged. Troas.*

que lhes perturba e tira o juizo, não o remedio de Luthero, mas outro muito similhante.

Falla com a côrte de Samaria o Propheta Isaias, e chama-lhe com esta mesma excepção: *Ebria et non a vino.* [1] Não é só o vinho, senhores, o que embebeda. E se me estranhaes a palavra, perdoae-me a licença, como a quem veiu ha poucos dias de Côrtes muito auctorisadas, onde nem a palavra, nem a significação se estranha. E basta que usem della os Santos e Prophetas, e o mesmo Deus, para que não sejam tão mimosos, ou tão escrupulosos os nossos ouvidos. O mesmo Propheta Isaias em outro logar: *Væ coronæ superbiæ ebriis Ephraim.* [2] O Propheta Joël: *Expergiscimini ebrii, et flete.* [3] S. Paulo: *Alius esurit, alius ebrius est.* [4] Salomão: *Vinum, et tumultuosa ebrietas:* [5] e Job (que é mais) fallando dos principes e seus conselheiros, debaixo da censura do mesmo nome, diz que permitte Deus nelles esta alienação do juizo, para que não acertem com o que devem fazer: *Palpabunt quasi in tenebris, et non in luce, et errare eos faciet quasi ebrios.* [6] Assim que, não é só o vinho o que embebeda. Embebeda a soberba, embebeda a ambição, embebeda a cobiça, embebeda a luxuria, embebeda a ira, embebeda a inveja, e até aos que não teem que invejar embebeda a sua mesma fortuna, como de Cleopatra disse o Poeta: *Fortunaque dulci ebria.* Por este modo, sem perder a fé, bebendo-se docemente os vicios, se adormentam nelles os escrupulos, e se divertem os estimulos da consciencia, como fazia Luthero. Na mocidade esperando pela velhice, na velhice não crendo a morte, e na mesma morte por amor da familia, que cá fica, levando o escrupulo atravessado na garganta, e sendo levados delle aonde já não teem remedio.

---

1 *Isai.*, LI, 21.
2 *Isai.*, XXVIII, 1.
3 *Joël*, I, 5.
4 *1.ª ad Corinth.*, XI, 21.
5 *Prov.*, XX, 1.
6 *Job.*, XII, 25.

IX

Excluidos estes dois, que só seus auctores podiam chamar remedios, taes como elles; segue-se receitar os verdadeiros e qualificados. Mas estes a que botica os iremos buscar? Será d'onde menos se espera. Digo, que o unico remedio que teem, ou podem ter os escrupulos de todos os tres primeiros generos, e tambem do quarto, é fazermos com sinceridade e verdade o que os Escribas e Phariseus fizeram com fingimento. Duas coisas observaram os Escribas e Phariseus neste caso: a primeira, que não quizeram, sendo lettrados, resolver o seu escrupulo por si mesmos. A segunda, que buscaram para a resolução o Sugeito da maior sabedoria e virtude, e mais independente e isento de todos os respeitos humanos, como elles mesmos confessaram.

Primeiramente nenhum homem, e muito menos os maiores, se deve fazer juiz dos escrupulos da sua consciencia, pelo grande perigo a que se expõe de errar. Entre os Egypcios todos os seus mysterios se declaravam por geroglificos, e é notavel a nosso proposito a propriedade do que agora direi. Conta a Historia Sagrada, que estavam prezos no carcere daquella côrte dois officiaes maiores da casa real, um o copeiro-mór, outro que não tem similhante officio no palacio dos nosos reis, mas responde ao veador da casa. De ambos diz o Texto, que tinham peccado contra el-rei seu senhor: *Accidit ut peccarent duo eunuchi, pincerna regis Ægypti, et pistor domino suo*. [1] E posto que do mesmo Texto não conste qual fosse o peccado, é tradição dos Hebreus, que a culpa do copeiro foi vêr el-rei no vinho da taça um mosquito, e a do veador achar com os dentes no pão uma pedrinha. Veio pois o dia em que o mesmo rei fazia annos, e estando á meza com muitos convidados, mandou que o copeiro viesse exercitar nella o seu officio, e que o veador o pozessem na forca. Quem esperára tal sentença, e em tal dia? Mas não ha reino sem o seu Herodes, nem Herodes sem morte de innocentes. Se combinarmos

[1] *Gen.*, XL, 1.

as culpas, não ha duvida que a do copeiro foi maior, e a do veador, se culpa se póde chamar, tão merecedora de desculpa e de perdão, que com nenhum cuidado ou vigilancia se podia evitar. Aquella pedrinha, se foi da eira, como devia ser, da eira passou ao celleiro, do celleiro á joeira, da joeira ao crivo, do crivo ao moinho, do moinho á peneira, da peneira á maça, da maça ao pão, e do pão á bocca do rei, sem a poder vèr, como o mosquito, o pobre veador. Pois se o copeiro, por defeito tão manifesto, que o viram os olhos do rei, não desmereceu ser restituido, o veador pelo que não podia vèr, nem adivinhar, porque o condemna o mesmo rei á forca? Eu não vejo nem sei a razão: só digo, que livre Deus ao criado, ou vassallo, não de que veja o rei os seus defeitos, ainda que grandes, mas de que os seus, ainda que minimos e sem culpa, os tome o mesmo rei entre dentes.

Esta é a resposta historial, vamos á geroglifica. Que significa geroglificamente aquella pedrinha? Com toda a propriedade do nome e da etymologia, significa o escrupulo, porque escrupulo quer dizer pedrinha. E porque basta uma pedrinha mettida entre o sapato e pé, para que o pique e magoe, de modo que não possa dar passo sem molestia; d'aqui se tomou a metaphora e etymologia de se chamarem escrupulos aquelles estimulos e molestias da consciencia, com que se affligem e inquietam os escrupulosos. Sendo pois a pedrinha geroglifico do escrupulo, se o rei do Egypto mandára julgar o caso dos dois criados por José, ou outros ministros rectos, não ha duvida que o veador havia de sahir absolto, e julgado por innocente. Mas como elle, estimulado da pedrinha que lhe tocou nos dentes, quiz ser o juiz daquelle escrupulo, por isso julgou injustamente por culpa mortal a que verdadeiramente o não era; e condemnou no mesmo acto o seu proprio juizo, julgando a do companheiro, que não tinha desculpa, por venial, pois lhe deu perdão.

E já que estamos nas significações da palavra escrupulo, nos pezos e nas medidas se acha tambem este mesmo nome. Nos pezos uma onça se divide em vinte e quatro escrupulos: nas medidas um escrupulo, contém e se estende a cem pés quadrados de comprimento. O' quão enganados andam os juizos, e muito mais os affectos humanos em pezar e medir os es-

crupulos! De um defeito alheio, leve e levissimo, que, quando muito, peza uma onça, fazem vinte e quatro escrupulos: e de uma centopea de peccados proprios, tão quadrados, que por nenhuma das quatro faces podem deixar de ser e parecer peccados, apenas fazem um escrupulo. Mas a maior injustiça, a maior maldade, e a maior hypocrisia destes escrupulosos é, que os compassos com que medem, e as balanças com que pezam os vicios, nos proprios e nos alheios são muito differentes. Oiçamos esta differença da bocca da mesma verdade: *Quid autem vides festucam in oculo fratris tui, et trabem in oculo tuo non vides?* [1] Como é, ou póde ser, diz Christo, que não vendo tu, ó hypocrita, nos teus olhos uma trave, vejas nos de teu irmão um argueiro? Tal modo de chimera ninguem a inventou jámais, com olhos juntamente de lince e de toupeira! De toupeira, para não veres em ti os vicios grandes e enormes; e de lince, para notares e descobrires nos outros os atomos e argueiros, que não merecem nome de vicio! De um argueiro, que não peza a quarta parte de uma onça, tantos escrupulos: e de uma trave quadrada de cem pés, que póde ser quilha a uma náu da India, nenhum escrupulo! E como neste medir e pezar, ou accrescentando, ou diminuindo, não só os juizos e affectos, mas até os olhos proprios, erram e se enganam tanto: se a tenção dos Escribas e Phariseus não fôra tão perversa e fingida, é sem duvida que o dictame era muito verdadeiro, acertado e prudente, em não quererem elles, posto que lettrados, ser os arbitros e juizes do seu escrupulo: *Licet censum dare Cæsari, an non?*

X

Quanto á eleição da Pessoa que escolheram para a segurança de suas consciencias (se ellas foram sinceras e bem intencionadas), nenhuma houve nunca, nem podia haver, em que concorressem tão altamente todas as qualidades e supposições necessarias para aquelle juizo, como as pintou a sua lisonja, e enfeitou o seu engano. As palavras que disseram, foram

[1] *Math.*, VII, 3.

estas: *Magister, scimus quia verax es, et viam Dei in veritate doces, et non est tibi cura de aliquo, non enim respicis personam hominum: dic ergo nobis quid tibi videtur?* [1] Se o Evangelista ou o mesmo Christo, quizera descrever ou definir, não digo um sugeito humano, mas um oraculo do céu e da verdade, que nas duvidas, ou escrupulos da consciencia se deva consultar com segurança, e aquietar e socegar a alma com o seu parecer; com nenhumas outras clausulas se poderá formar a definição, nem mais serias, nem mais solidas, nem mais exactas, nem mais santas. Nem eu tenho que tirar ou accrescentar, nem que dizer nellas.

Todo o escrupuloso, pois, que verdadeiramente quizer sarar desta tão molesta enfermidade (digo verdadeiramente, porque os que de verdade quizeram adoecer, raramente teem verdadeiro proposito de sarar: não querem quem os cure, senão quem lhes dê certidões de saude). Mas se verdadeiramente, como dizia, querem estar seguros della, assim para a vida, como para a morte; eu não lhes receito o remedio, senão o medico. Seja tal, qual os Escribas e Phariseus o pintaram em Christo. Oiçamos, e ponderemos as clausulas uma por uma.

Magister. A primeira clausula ou condição é, que seja douto, e não mestre pelos gráus, nem ainda pelas cadeiras da Universidade, senão pela sciencia e theologia solida e bem fundada, e onde ella tiver opiniões, pela mais segura e que não deixe a salvação e eternidade em duvida. *Scimus quia verax es:* segunda condição: que não seja verdadeiro só pela verdade, senão pela veracidade: isto é, que não só saiba a verdade para a conhecer e distinguir, senão que tenha valor e constancia para a dizer claramente, e não a dissimular. *Et viam Dei in veritate doces:* terceira condição: que não só creia, mas ensine, que para o céu não ha mais que um caminho, e esse estreito, como ensinou Christo, e não dois, que é encaminhar as almas com um pé para o céu, e com outro para o inferno. *Et non est tibi cura de aliquo:* quarta condição: que não tenha outro cuidado, nem outra pertenção, ou dependencia: porque no tal caso tratará mais de agradar

[1] *Math.*, XXII. 16 e 17.

ao conselheiro, de quem depende, que de fundar bem o conselho que se lhe pede. *Non enim respicis personam hominum:* quinta e ultima: que se deixe levar de respeitos humanos, nem olhe para quem é o homem que o consulta, ou a quem póde tocar a verdade da sua resolução, ainda que seja o mesmo Cesar, e esse tão injusto e cruel como Tiberio, para que o tema.

Finalmente, depois de cada um eleger um tal medico, e lhe declarar os seus escrupulos, sem encobrir ou dissimular circumstancia alguma que o possa aggravar ou favorecer; a doutrina commum de todos os Santos, de todos os Theologos, e de todos os Mestres da vida espiritual (não beatos ou beatas, que são a peste da salvação e das consciencias) é, que com a resolução que lhe der a pessoa consultada, tal qual fica dito, e com a confissão geral (se por seu conselho fôr necessaria) se aquiete de tal sorte na consciencia, como se por uma revelação do céu fôra certificado de estar seguro. Não quero citar ou allegar mais Auctores que dois, os que mais exactamente trataram esta materia — Santo Antonino, e o grande Cancellario de Pariz, João Gerson. Santo Antonino, depois de ensinar o que tenho dito, confirma a sua doutrina com a resposta de um religioso de São Domingos, defunto, que appareceu a outro muito fatigado de escrupulos: e perguntado que remedio tomaria para se livrar daquellas molestias da sua alma, respondeu: *Consule discretum, et acquiesce ei:* Consultae um confessor discreto, e aquietae-vos com o que elle vos disser. Com o mesmo conselho curou S. Bernardo outro religioso muito escrupulo da Ordem de Cister. E como replicasse outro: Se eu tivera um confessor tão douto e tão santo como S. Bernardo, tambem eu me aquietara: respondeu e concluiu Gerson: *Quisquis ita dicis, et sapis, erras, et deciperis. Debes ergo sibi obedire non ut homini, sed ut Deo jubenti, cujus vices gerit:* Tu, escrupuloso, que isso dizes, e assim o entendes, erras, e te enganas: porque a esse confessor, posto que não seja tão santo, nem tão douto, deves obedecer, não como a homem, senão como a Deus, que assim o manda e em seu logar te guia.

Agora determinava eu tratar da materia em que se fundava o escrupulo dos Escribas e Phariseus, que é a dos tributos dos Cesares; mas fique para sermão particular sobre o mesmo thema: ***Licet censum dare Cæsari, an non?***

SERMÃO

DE

S. GONÇALO*

Si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. [1]

I

Onde ha muito em que eleger, não póde haver pouco sobre que duvidar. Celebra hoje a nossa devoção um santo, sobre cujo estado duvidaram os historiadores, sobre cuja profissão duvidou elle mesmo, e sobre cujas grandezas, para eleger as maiores, eu sou o que mais duvido. Duvidaram os historiadores sobre o seu estado; porque uns o fizeram da Gerarchia clerical, como filho de S. Pedro; outros da monastica, como monge de S. Bento; outros da mendicante, como religioso de S. Domingos: controversia em que é mais gloriosa a duvida que a decisão. Assim duvidaram e contenderam as mais nobres cidades da Grecia sobre qual fosse, ou houvesse sido a patria do famoso Homero. Duvidou o mesmo santo sobre qual seria a profissão em que Deus mais se agradaria que elle o servisse: porque não basta servir a Deus, mas é necessario servil-o como elle quer. E como neste requerimento empenhasse muitas horas, e muitos dias de fervorosa oração, e, porque já era sacerdote, muitos Sacrificios, finalmente lhe respondeu o divino Oraculo, que se dedicasse a seu serviço naquella Religião em que se dá principio aos Officios Divinos pela Ave

* Este sermão muito popular, como popular é a festa de S. Gonçalo, é longo e rico, cheio de reflexões moraes. Este sermão foi prégado no Brasil.

[1] *Luc.*, XII.

Maria. Com este indicio, no qual era significado claramente o sagrado Instituto dos Prégadores, resolveu o santo a sua duvida: e com o mesmo espero eu resolver a minha. Para dar pois bom principio ao nosso discurso, antes de saber, nem propor qual ha de ser, comecemos tambem saudando a Mãe da graça, e digamos *Ave Maria.*

II

Si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi. [1]

Duvidoso eu, e muito duvidoso, como dizia, entre as grandezas do nosso santo, para eleger e prégar delle as mais admiraveis, sobre esta minha duvida encontro no Evangelho com outra maior. Diz Christo, Mestre divino e Senhor nosso, que os servos que elle achar vigilantes, ou venha na segunda vigia da noite, ou na terceira, esses são os bemaventurados. A supposição, e phrase é militar; porque já os soldados naquelle tempo dividiam a noite em quatro vigias, de cujo numero persevera hoje o nome de se chamarem quartos. E porque a nossa vida, como diz Job, é milicia, e neste mundo vivemos ás escuras, ou com pouca luz como de noite; divide o Senhor a mesma vida do homem em quatro partes com nome de quatro vigias. A primeira parte, ou idade, é a de menino, a segunda a de mancebo, a terceira a de varão, a quarta a de velho. Supposto, pois, que estas partes ou idades, no curso da vida humana são quatro; porque deixa o Senhor a primeira e a ultima, e só faz menção da segunda e da terceira? *Si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit?* A razão natural quanto ás vigias, é, porque na segunda e na terceira é mais carregado o somno, mais trabalhosa a resistencia, e mais difficultosa a vigilancia. E quanto ás partes, ou idades da vida, é tambem a mesma, ou similhante; porque na idade de mancebo e de varão,

[1] *Luc.*, XII, 38.

assim como as tentações são mais fortes, assim é mais trabalhosa a resistencia dos vicios, è mais difficultosa a observancia das virtudes. Na primeira idade, que é a dos meninos, ainda os não tenta o mundo; na ultima, que é a dos velhos, já os não tenta: e a virtude sem batalha, que nos meninos é innocencia, e nos velhos desengano, quanto mais está em paz, e fóra de guerra, tanto menos tem de victoria, e de solida e forte virtude.

S. Gregorio Nazianzeno, concordando este Texto com a lei em que Deus nos manda que o amemos, dá outra razão igualmente propria e natural, mas muito mais sublime: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota anima tua, et ex omnibus viribus tuis, et ex omni mente tua.* [1] Amarás a Deus teu Senhor com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, e com todas as tuas forças. De sorte que destas quatro partes, ou destes quatro todos ha de constar o amor de Deus, para ser legitimo de todos os quatro costados. Amor de todo o coração, amor de toda a alma, amor de todo o entendimento, e amor de todas as forças. Pois esta é a razão porque Christo só falla da segunda, e da terceira vigia, e não da primeira, nem da quarta. E porque só chama bemaventurados aos da segunda e terceira idade, que são os mancebos e os varões, e não aos da primeira e da quarta, que são os meninos e os velhos? Sim, e clarissimamente. Porque Deus quer ser amado não só com todo o coração e com toda a alma, senão tambem com todo o entendimento, e com todas as forças: e posto que os meninos e os velhos teem coração e teem alma: os meninos ainda não teem entendimento, e os velhos já não teem forças: logo só os da segunda e terceira vigia, só os mancebos e os varões podem amar e servir a Deus com todas as quatro partes, ou todos os quatro todos do inteiro e perfeito amòr: com todo o coração, *ex toto corde:* com toda a alma, *ex tota anima;* com todo o entendimento, *ex tota mente:* com todas as forças, *ex omnibus viribus.*

Entendido assim (pois assim se deve entender) o Evangelho, parece que elle por si mesmo nos tem já di-

[1] *Luc.*, x, 27.

vidido o discurso em duas parts, e que, segundo ellas, devemos tractar das duas principaes idades do nosso santo: a segunda, que nos mancebos é florente; e a terceira, que nos varões é madura; sendo uma e outra na sua perfeição, ambas foram cheias de flôres, e ambas de fructos. Mas posto que assim pareça a outros, a mim, cuja é a eleição, não me parece. Não são as excellencias de S. Gonçalo tão pouco grandes, que caibam em tão estreitos limites. Quando o rio sáe da madre, tambem as margens são rio. Não só havemos de alargar o Evangelho, senão tambem o numero das vigias. Digo, pois, ou determino dizer, que S. Gonçalo não só foi santo da segunda e da terceira vigia, senão tambem da primeira e da quarta: e não só da primeira, da segunda, da terceira e da quarta, senão tambem da quinta. Santo, e admiravel santo na primeira idade de menino: santo e admiravel na segunda de mancebo: santo e admiravel na terceira de varão: santo e admiravel na quarta de velho: e, finalmente, santo e admiravel na quinta depois de morto, em que tem já cinco vezes tantos annos, quantos teve de vida. Se o discurso fôr largo, facilmente se accommodará a devoção com a paciencia.

III

Começando pela primeira vigia: foi santo, e admiravel santo S. Gonçalo na primeira edade de menino, porque não foi menino menino, senão menino homem. Os outros meninos, para chegarem a ser homens, hão de esperar muitos dias; S. Gonçalo não esperou nem um só dia, porque no mesmo dia em que, nascendo, sahiu á luz do mundo, já era homem, e grande homem no ser, posto que fosse menino na estatura. Fallando o Propheta Zacharias do futuro Salvador do mundo, excita primeiro as admirações do que havia de dizer com a palavra *Ecce:* e o que disse, é, que o seu nome seria: O que nasce homem: — *Ecce vir oriens nomen ejus.* [1] E se é prodigio digno de admiração e admirações, que um homem, que era juntamente Deus, nascesse menino e homem, *Vir oriens;*

[1] *Zach.*, VI, 12.

quão admiravel santo devemos entender que foi o nosso, sendo desde seu nascimento não homem menino, senão menino homem? Um só homem houve no mundo, que nascesse homem. Este foi Adão, a quem Deus creou em edade e estatura perfeita. Mas este homem, que unicamente nasceu homem, nem por isso deixou de ser menino. Vós o julgae. O de que era senhor, e o que tinha de seu Adão, não era menos que todo este mundo; e um homem que tendo tanto, deu quanto tinha por uma maçã, vêde se foi menino. Adão nascido homem, mas homem menino; Gonçalo nascido menino, mas menino homem.

E quando começou este grande menino a mostrar publicamente que era menino homem? Oito dias depois de nascido, que foi o de seu baptismo. Sahiu da pia onde os outros meninos estranham tanto o rigor da agua, e quando a ama o recolheu nos braços para o acalentar do choro e lhe dar o peito, o prodigioso infante em vez de chorar e mamar, fitou os olhos em um Christo crucificado, e com o rosto alegre, e os bracinhos abertos e estendidos, parecia que lhe dava as graças da graça que recebera. Assim esteve por largo espaço com admiração e pasmo dos circumstantes, sem o poderem divertir da vista firme e contemplação attenta do sagrado objecto. E quem negará que foi isto receber o baptismo não como menino, senão como homem? O baptismo, ou o recebem os adultos, que são os homens, ou os innocentes, que são os meninos: mas com grande similhança no baptismo, e com grande differença nos baptisados. No baptismo com grande similhança; porque assim a uns como a outros communica aquelle Sacramento a graça, e infunde os habitos de todas as virtudes: mas nos baptisados com grande differença; porque nos innocentes ficam os habitos das virtudes como amortecidos, sem poderem exercitar os actos dellas; e nos adultos ficam vivos e promptos; porque logo, ou produzem, ou podem produzir os actos virtuosos, a que os mesmos habitos os inclinam. Assim se viu no baptismo de S. Agostinho, que foi baptisado em edade de trinta e tres annos, e assim elle como S. Ambrosio que o baptisou, e tambem tinha sido baptisado em edade adulta, compuzeram extemporaneamente, e cantaram, o hymno *Te Deum*, em que se contcem tantos e tão excellentes actos, e tão ardentes

affectos de todas as virtudes. Agora pergunto: E a qual destas duas differenças, ou classes de baptizados pertence o nosso santo? E' certo que não á dos meninos e innocentes, senão á dos homens e adultos. Porque logo, como se o baptismo lhe infundira não só os habitos, senão os actos de todas as virtudes, em não chorar, exercitou o da fortaleza; em não tomar o peito, o da temperança; fixar os olhos, e estender alegre os bracinhos para a imagem de Christo crucificado, o da prudencia, o da justiça, o da religião, o da fé, o da caridade; e em o não poderem divertir daquella devota e constante attenção, o da perseverança.

Lá diz o Real Propheta do homem que logo começa e ha de ser grande santo: *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo:* [1] Que será como a arvore nova e tenra, plantada junto ás correntes das aguas, a qual dará o fructo a seu tempo. As aguas correntes são as do baptismo: as plantas novas regadas com ellas, são os baptisados não adultos, senão meninos e innocentes: e destes diz o Propheta, que não dão logo o fructo, senão que o darão a seu tempo. Porque? Porque naquelle estado imperfeito da natureza, que é a infancia, assim como teem emmudecida a lingua e enfaixados os braços, assim as potencias da alma, como dormentes, não estão promptas, e expeditas para exercitar logo os actos das virtudes. Crescendo, porém, depois e tomando forças, então sáe ou amanhece, como o sol, o lume do entendimento e da razão, e então é o tempo determinado pela natureza, e esperado pela graça, para poderem produzir e produzirem os fructos: *Et fructum suum dabit in tempore suo.* Assim succede a todos os meninos. Porém o nosso, como excepção dos demais, antecipando os limites e vagares da natureza: fez seu o tempo que não era seu, e seus os fructos que não eram do tempo. Reparou e considera discretamente Santo Agostinho, que os meninos vão ao baptismo com pés não seus, e crêem com coração não seu, e confessam o que crêem com lingua não sua: *Parvulis mater Ecclesia aliorum pedes accommodat ut veniant, aliorum*

[1] *Psalm.*, I, 3.

cor ut credant, aliorum linguam ut fateantur. E tudo isto fizeram seu os olhos do nosso menino, fixando-se em Christo crucificado. Aquelles olhos fizeram sua a lingua com que confessaram a fé, aquelles olhos fizeram seu o coração com que a creram, e aquelles olhos fizeram seus os pés, ou para melhor dizer, as azas, com que venceram as distancias que ha de menino a homem, sem deixar espaço em meio. Assim ficou o nosso santo, e se mostrou publicamente menino e homem juntamente no mesmo tempo; porque não sendo o tempo seu em quanto menino, em quanto homem, e com acções de homem, o fez seu: *Et fructum suum dabit in tempore suo.*

Não parou o prodigio naquelle primeiro dia; mas depois se continuou com novas e maiores circumstancias: porque o mesmo menino que então não chorou, agora chorava irremediavelmente, e o que então não tomou o peito, agora estava constante em de nenhum modo o querer admittir. Não se entendia ao principio o segredo destas lagrimas e abstinencias; até que finalmente se conheceu que eram saudades dos seus primeiros amores. Para que não chorasse, e se deixasse alimentar, de que industria usaram? Levavam a Gonçalo ou a Gonçalinho á mesma Igreja, e tanto que punha os olhos na mesma imagem de Christo crucificado, esta vista lhe enxugava logo as lagrimas, e lhe tirava o fastio, com que, já contente e gostoso, acceitava o natural alimento. Este era o unico remedio, sem haver nenhum outro: caso verdadeiramente raro, e mais se consultarmos nelle a S. Paulo. Para intelligencia do grande prodigio que encerra, se ha de suppor que o homem é composto de duas partes, uma animal, e outra espiritual: a animal consta de duas vidas, que são a vegetativa, e sensitiva; e a espiritual consiste em uma só, que é a racional. E que diz S. Paulo? Tudo o contrario do que acabamos de contar do nosso menino. Diz que posto que a parte espiritual seja mais nobre no homem que a animal, a animal comtudo é primeiro que a espiritual, e que a espiritual não tem logar senão depois da animal: *Non prius quod spirituale est, sed quod animale, deinde quod spirituale.* [1] Uma e outra coisa

[1] *1.ª ad Corinth.*, xv, 46.

confirma o Apostolo com o exemplo de Adão, homem da terra, de quem recebemos a vida animal, e foi primeiro que Christo: e com o exemplo de Christo, homem do céu, de quem recebemos a vida espiritual, e foi depois de Adão. Isto é o que ensina S. Paulo. Vamos agora ao que se via no nosso santo. O chorar, ou não chorar, pertence á vida sensitiva: porque o chorar é effeito do sentimento: o tomar ou não tomar o peito, pertence á vida vegetativa, porque a nutrição é effeito do alimento: do mesmo modo o chorar por vêr a Christo, e não admittir gosto sem elle, é effeito da vida racional, e o mais racional da mesma vida. Pois se S. Paulo diz que primeiro é no homem a parte animal, e depois a parte espiritual; como eram primeiro no nosso menino os actos da parte espiritual, e depois os da animal: primeiro o buscar e vêr a Christo, e depois o cessar do choro, e tomar o peito? Porque S. Paulo fallava conforme a lei ordinaria da natureza, e dos meninos, que primeiro são meninos, e depois homens; porém o nosso santo obrava como excepção da mesma lei, e não como menino sómente menino, senão como menino juntamente homem.

D'aqui se segue em maior assombro do caso, que o mesmo não cessar do choro, e o mesmo não tomar o peito, senão com Christo diante dos olhos, já não eram no nosso santo actos animaes, e de menino, senão racionaes, e de homem. Para prova desta grande consequencia, supponho com a fé, e com a theologia, tres coisas: primeira, que Deus é o ultimo fim do homem: segunda, que todas as acções humanas, e propriamente de homem, devem ser encaminhadas a este ultimo fim: terceira, que as acções que não levam diante dos olhos este fim, ainda que as faça um homem de cem annos, não são humanas, nem de homem, senão animaes, e de menino ou bruto. E digo indistinctamente de menino ou bruto, porque tão animal acção é o mamar e o chorar em um menino, como o mamar e o balar em um cordeiro. Nem o exemplo ou nome de menino de cem annos é novidade neste ponto, porque meninos de cem annos chamou o Prophela Isaias aos que deste modo obram: *Pueri centum annorum.* [1] E como o nosso menino cessava do

[1] *Isaias*, LXV, 20.

choro, e tomava o peito com Christo diante dos olhos, que é o ultimo fim do homem, o mesmo cessar do choro, e o mesmo tomar o peito, que nos outros meninos são acções animaes e de menino, nelle eram racionaes e de homem. O' que grande menino, e que grande homem sois, meu santo! O mesmo S. Paulo dizia de si: *Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus: quando autem factus sum vir, evacuavi quæ erant parvuli:* [1] Eu, diz o Apostolo, quando era menino, fallava como menino, entendia como menino, e cuidava como menino; porém depois que cresci, e fui homem, deixei tudo o que era proprio de menino. S. Gonçalo era muito mais menino que S. Paulo; porque S. Paulo na edade em que se chama menino já fallava: *Loquebar ut parvulus*, e S. Gonçalo ainda não fallava nem começou a fallar senão d'ahi a dois annos: e quando o Apostolo do terceiro céu era menino, e obrava como menino, e lhe faltavam ainda muitos para ser homem; não nessa mesma edade, senão muito antes della, ainda mudo, e ainda totalmente infante, já o nosso menino era juntamente homem. Tire pois S. Gonçalo das mesmas palavras do Apostolo o *quando autem*, e applicando a si as primeiras e as ultimas, diga confiadamente: *Cum essem parvulus, factus sum vir.*

IV

Quanto á segunda vigia, foi santo, e admiravel santo S. Gonçalo na edade de mancebo; porque feito naquelles annos pastor de almas (officio tão perigoso para a propria, como util para as alheias) de tal sorte acudiu a uma obrigação sem faltar a outra, que a ambas satisfez adequadamente. Faltavam-lhe ao novo Prelado as cãs, que no sacerdocio são os esmaltes da corôa, e na prelazia o ornamento da dignidade; mas não lhe faltava nada do que as mesmas cãs significam, e não poucas vezes desmentem. São como as neves de que sempre está coberto o monte Ethna, de-

[1] 1.ª *ad Corinth.*, XIII, 11.

baixo das quaes se occultam vulcões e incendios: são como as que o divino Mestre chamou sepulturas caiadas: *Sepulchra dealbata*, [1] brancas por fóra, e corrupção por dentro. E tambem podem ser como aquella arvore, a que já comparámos o nosso santo em mais levantado sentido. Della diz o Propheta, que nunca lhe cahirá a folha: *Folium ejus non defluet:* [2] e as arvores que não mudam a folha, tão verdes são de poucos annos, como de muitos. Mas quanto com maior indecencia se devem estranhar nos velhos as verduras, tanto é digna de maior veneração nos moços a madureza. As verdadeiras cãs, diz o Espirito Santo, são o juizo sizudo, e não consiste a velhice na côr dos cabellos, senão na pureza da vida: *Cani autem sunt sensus hominis, et ætas senectutis vita immaculata.* [3] Os melhores cabellos e a peior cabeça que nunca houve, foi a de Absalão: os cabellos vendiam-se a peso de ouro, e a cabeça nenhum peso tinha. Mais lhe tomara eu o chumbo na testa, que o oiro na gadelha. Tambem ha cabellos que parecem oiro, e são de prata sobre-dourada: e isto é o peior que teem as cãs, poderem-se tingir. Não assim os cabellos negros, que não admittem outra côr. Por isso a Pastora das Eglogas de Salomão, o que louvou nos cabellos do seu Pastor, foi serem da côr do corvo: *Coma ejus sicut elatæ palmarum, nigræ quasi corvus.* [4]

Sendo pois o melhor e o maior de todos os Pastores, pastor e mancebo, grande louvor é do nosso santo ser eleito pastor na mesma edade. Mancebo era Abel: e que pastor mais religioso? Mancebo era Jacob: e que pastor mais vigilante? Mancebo era David: e que pastor mais mimoso e esforçado? Se o leão (diz o Texto) lhe tomava o cordeiro pela cabeça, tirava-lho da garganta pelas pontas dos pés; e se lh'o engolia pelos pés, arrancava-lho das entranhas pelas orelhas. A edade da velhice é já muito fria para acções tão alentadas e tão ardentes. O peior gado de guardar, é o homem. Quarenta annos guardou ovelhas Moysés sem nenhum perigo, e não havia dois

---

[1] *Matth.*, XXIII, 27.
[2] *Psalm.* I, 3.
[3] *Sap.*, IV, 8 e 9.
[4] *Cant.*, V, 11.

annos que era pastor de homens, quando só Deus lhe pôde guardar a vida dos mesmos a quem elle guardava. Elle levava-os a beber nas correntes purissimas do Jordão, e elles suspiravam pelos charcos do Nilo e lodos do Egypto. A maior falta que hoje se experimenta nos Pastores, é a do valor. Se S. Gonçalo o não tivera mostrado antes, tanta culpa teria quem lhe metteu o cajado na mão, como elle em o aceitar. Se não tens valor para arcar com os vicios auctorisados, e temes o rosto dos poderosos, não aceites o officio, diz Deus: *Noli fieri judex, nisi valeas irrumpere iniquitates, ne fortè extimescas faciem potentis.* [1] No rebanho manso das ovelhas tambem ha valentes de testa tão dura e armada, que se batem uns com os outros, mas todos temem e reverencèam o pastor. Assim foi antigamente, quando os pastores eram Chrysostomos e Ambrosios, posto que os mais poderosos da manada fossem Theodosios e Arcadios. Se os pastores não guardaram tantos respeitos, elles foram mais respeitados. E assim o foi S. Gonçalo posto que mancebo.

Do tempo em que governou a sua Igreja, dizem muitas coisas os historiadores, todas proprias de um bom pastor. Dizem que não se vestia da lã das ovelhas, nem se sustentava do seu leite, e muito menos do seu sangue. Dizem que o patrimonio de Christo não o gastava com creados, cães ou cavallos, nem com acrescentar a casa, ou lhe vestir as paredes. Dizem que excepta a limitada congrua do proprio sustento, tudo o demais distribuia aos pobres, e não como proprio com nome de caridade, senão como seu delles, e por obrigação de justiça. Dizem que não só prégava aos ouvidos, senão tambem, e muito mais, aos olhos, porque os exemplos da sua vida eram a alma de toda a sua doutrina. Estas, e outras muitas coisas, dizem os historiadores, mas todas em commum. E porque do tempo em que o nosso santo foi pastor, um só caso referem em particular: por este colligiremos os demais; e vendo como obrava, reconheceremos qual era. Havia entre os freguezes de S. Gonçalo o abuso, que ainda dura em outros, de terem perdido o medo ás excommunhões. Eram daquella gen-

[1] *Eccles.*, VII, 6.

te que não crê o que não se vê, e sentiam mais a pena que os multava na bolsa, que a que os condemnava na alma. Prégando pois um dia o santo, e afeando este abuso como tão alheio da fé e religião christã, viu passar uma mulher que levava uma cesta de pão, chamou-a, mandou-lhe que puzesse a cesta a seus pés, e repetindo com voz temerosa a fórma da excommunhão sobre os pães, que eram muito alvos, subitamente se converteram em carvões. Ficaram assombrados todos, e muito mais a pobre mulher, que deu por perdido o seu pão. Mas depois que com a vista de tão estranha e repentina mudança os viu persuadidos a o que não acabavam de entender, agora, diz o santo, para que vejaes tambem quão contrario é o effeito que obra a absolvição nos excommungados, repetiu sobre os carvões as palavras da absolvição, e no mesmo momento, e do mesmo modo ficaram outra vez convertidos em pães tão alvos como d'antes eram.

Feita a demonstração de um e outro milagre, disse S. Gonçalo á mulher, que levasse o seu pão com a benção de Deus: e aqui reparo muito. Sendo o pão não uma, senão duas vezes milagroso, dobrada razão tinha o santo para o applicar á Igreja. O' tempos! Parocho sei eu, que á conta de uma excommunhão teve pão com que sustentar muitos dias a sua familia, e era muito mais numerosa que a de S. Gonçalo. E porque não fez elle outro tanto? Ao menos parece que devêra mandar reservar alguns daquelles pães convertidos em carvão, para perpetua memoria e horror do caso. Porque tornou pois a entregar á mulher todo o seu pão, tão inteiro no numero, e tão branco na côr como era d'antes? Porque entendeu o bom e desinteressado pastor, que era coisa muito fóra de razão querer fazer milagres á custa do pão alheio. Quantos milagres vemos neste mundo, e quantos homens e alvitres milagrosos, e todos á custa do pão alheio, e nenhum do seu? A Elias sustentava Deus cada dia com dois pães, e a S. Paulo, primeiro ermitão, tambem cada dia com meio pão: e sendo os ministros de um e outro milagre corvos, sempre o pão era da meza de quem mandava sustentar os famintos, e não tomado a outrem. O maior milagre neste genero foi o dos pães, que sendo cinco, se multiplicaram a tantos milhares, que sustentaram cinco mil homens, e sobejaram tantas alcofas. Mas estes sobejos para quem

foram? Para os donos dos cinco pães, que eram os Apostolos. Similhante milagre já o vimos e estamos vendo. O que hontem se contava por unidades, hoje se conta por milhares e por milhões. Mas á custa de quem? Dos mesmos que dão a materia e o cabedal para o milagre. E em vez de terem parte na multiplicação, e quando menos nos sobejos, até os seus cinco pães lh'os excommungam de maneira, que antes os querem perder, que lograr; porque só lh'os permittem convertidos em carvão.

O remedio desta grande perdição e desta grande lastima já o ensinou S. Gonçalo, se houver quem lhe queira tomar a lição. E em que consistiu o remedio? Consistiu em tornar a converter o carvão em pão, assim como o pão se tinha convertido em carvão. Não está a perfeição do milagroso em poder fazer os milagres, senão em os saber desfazer. E a razão no nosso caso é, porque quando os milagres são damnosos, para refazer o damno do milagre, é necessario que desfaça o segundo o que fez o primeiro. Tendo um Anjo feito uma grande promessa a Gedeão, que tambem era pastor, pediu-lhe elle em confirmação dois milagres; mas com tal condição, que o que fizesse o primeiro, desfizesse o segundo. Tomou pois Gedeão um vello de lã das suas ovelhas, e pondo-o no meio da eira, disse: Quero que todo o orvalho desta noite cáia na lã, e nada na eira: e assim succedeu. Ao outro dia, posto o vello no mesmo logar, disse: Agora quero ás avessas, que todo o orvalho desta noite cáia na eira, e nada na lã: e tambem succedeu do mesmo modo. Mas porque se não contentou Gedeão com um só milagre, senão com dois, e que desfizesse o segundo o que tivesse feito o primeiro? Porque se quiz certificar da promessa do Anjo, e conhecer que eram milagres de Deus. E entendeu que sendo o orvalho bem commum de toda a terra, não podia Deus defraudar uma parte della com o primeiro milagre, sem que lhe refizesse o damno com o segundo. Isto é o que pediu Gedeão, isto o que fez S. Gonçalo, e isto o que não ha quem imite. Basta que tudo ha de ser para o particular, e nada para o commum; tudo para o vello de Gedeão, e nada para a eira? Assim o executam sem nenhuma egualdade os que querem ter jurisdição até no que cáe do céu; e por mais que as queixas cheguem ao mesmo céu, nenhum dos que fazem

os milagres os quer desfazer. Se cuidam que é descredito, e menos auctoridade do poder, desfazer o que fizeram, enganam-se; porque muito mais poderosos se mostrarão no desfazer do milagre, que em o fazer. Vède-o no nosso caso. Converter o pão em carvões, póde-o fazer o fogo queimando-o; mas converter os carvões em pão, só o póde fazer a omnipotencia, obrando sobre as leis de toda a natureza.

Finalmente, neste milagre se retratou o nosso bom pastor a si mesmo, e mostrou qual era. Este milagre teve avesso e direito: e taes hão de ser os homens que governam homens. O bom pastor não ha de ser todo bondade: *Cum electo electus eris, et cum perverso perverteris.* [1] Nem tudo ha de ser indulgencia, nem tudo censura. Ha de ter excommunhões para os rebeldes, e absolvições para os arrependidos: e tanto para os brancos como os pães, como para os pretos como os carvões. Ha de saber fazer e desfazer, converter e desconverter. Deus converteu a Nabucodonosor de homem em bruto, e depois tornou-o a converter de bruto em homem. A vara de Moysés era o mesmo cajado com que elle governava as suas ovelhas. E que propriedades tinha este cajado? Umas vezes se convertia de vara em serpente, e outras de serpente em vara. Nem por ser a lei de Christo lei da graça, ha de ser nella tudo graça. A cerimonia com que o Auctor da mesma lei constituiu a S. Pedro supremo Pastor, foi metter-lhe na mão as chaves do céu e da terra. E porque, ou com que mysterio chaves? Porque a chave tem uma volta para fechar, e outra para abrir. Nem ha de fechar tudo com rigor, nem deixar tudo aberto com demasiada benignidade. Quando fôr necessario, fechar de pancada; mas se não fôr necessario, não andar ás pancadas. Com serem, porém, as insignias do poder pastoral as chaves, já eu notei n'outra occasião, que não disse Christo, o que fechares, será fechado, e o que abrires, aberto: senão, o que atares, será atado, e o que desatares, desatado. E porque? Porque quer Christo que os seus pastores saibam atar e desatar, e não sejam homens que não atam nem desatam. Porque não atam, andam os vicios soltos; e porque não desatam, estão as virtudes

[1] *Psalm.* XVII, 27.

prezas. Oh se resuscitára hoje S. Gonçalo, como havia de vêr trocado tudo! Mas temo que o não haviam de merecer os nossos tempos, como tambem os seus o desmereceram.

V

Quanto á terceira vigia, foi santo e admiravel santo S. Gonçalo na edade de varão: porque tanto que entrou nella, sahiu da patria e se partiu peregrino a Jérusalem a visitar os Sagrados Logares de nossa Redempção, e viver, como viveu, na Terra Santa todo o restante da mesma edade. Não admiro nesta notavel resolução o deixar a patria, onde o amor natural costuma lançar aquellas fortes e doces raizes, que tão difficultosamente se arrancam: mas quando vos vejo, meu santo, com o cajado de pastor trocado em bordão de peregrino, deixando as vossas ovelhas e de Christo, por ir correr e venerar os passos que o mesmo Senhor andou nesta vida para as apascentar, e rematou na morte para as rèmir, isto é o que não sei admirar bastantemente, nem acabo de entender.

Uma vez sabemos que mudou Christo os trajos e se vestiu de peregrino: mas quando, ou para que? Era no mesmo dia da sua Resurreição, tendo dito tres dias antes, que quando tirassem a vida ao pastor, se derramariam as ovelhas: *Percutiam pastorem, et dispergentur oves gregis.* [1] E porque duas dellas iam desgarradas, e quasi perdidas de Jérusalem para Emaüs, esta foi a causa daquella peregrinação, querendo-as reduzir outra vez o Senhor, e unir com o seu rebanho. Pois se Christo, como bom Pastor, se faz peregrino para trazer duas ovelhas de Emaüs a Jérusalem; como S. Gonçalo, que devia imitar a Christo, se parte peregrino a Jérusalem, deixando em Emaüs não duas ovelhas, senão todo o rebanho de que era pastor? Emaüs quer dizer, conselho temeroso: *Timicus consilium;* e este conselho parece que não foi temeroso, senão temerario. Nota o Evangelista, que Emaüs estava distante de Jérusalem sessenta estadios:

[1] *Math.*, XXVI, 13.

Stadiorum sexaginta, [1] que fazem da nossa medida tres legoas: e se Christo não soffreu que duas ovelhas se ausentassem do seu rebanho tres legoas, e as foi buscar ao meio do caminho: *Ipse Jesus appropinquans ibat cum illis;* [2] como se ausenta S. Gonçalo das suas ovelhas em não menor distancia, que de mil legoas, quantas disfa Portugal de Jérusalem? Mais nota o Evangelista, que esta diligencia a fez Christo no mesmo dia, *In ipsa die;* [3] e se o bom Pastor no mesmo dia acode a uma tão pequena parte do seu rebanho: como S. Gonçalo deixa e desampara totalmente o seu, e se vae viver tão longe delle, não por menos espaço de tempo, que quatorze annos inteiros?

Se alguem quizer buscar escusa a uma tão notavel resolução do nosso santo, difficultosamente a achará tal que satisfaça. Se dissermos que quiz trocar a sua terra pela Terra Santa, esta razão, ainda que parece pia, não é bastante para deixar o seu rebanho, sendo pastor. Porque ainda que trocar a sua terra pela Terra Santa, fôra trocar a terra pelo céu, devêra trocar o céu pela terra, não digo por acudir a todo o rebanho, senão a uma só ovelha delle. Que pastor ha, diz Christo, o qual tendo cem ovelhas, se acaso se lhe desgarrou e perdeu uma, não deixe as noventa e nove no deserto, e vá buscar a ovelha perdida? Assim o fez o mesmo Christo. A ovelha perdida era um homem: as noventa e nove eram os nove Coros dos Anjos: o deserto onde as deixou, era o céu: e se o bom e verdadeiro Pastor deixou o céu, e veiu á terra para acudir a uma só ovelha perdida: ainda que trocar S. Gonçalo a sua terra pela Terra Santa, fôra trocar a terra pelo céu, devêra não fazer tal troca, mas deixar e trocar o céu pela terra, não só para conservar todo o seu rebanho, como dizia, mas para acudir a uma só ovelha delle. E se quizermos considerar, que a jornada da Terra Santa foi feita com espirito e desejo de lá converter os infieis mahometanos que a dominavam e habitam, tambem esta escusa é insufficiente e alheia do exemplo de Christo. Quando os Apostolos pediram ao mesmo Senhor que ouvisse os clamores da Cana-

---

[1] *Luc.*, XXIV, 13.
[2] *Ibid.*, 15.
[3] *Ibid.*, 13.

néa, que era gentia, respondeu, que as ovelhas que Deus lhe encommendára, eram os filhos de Israël, e não os Gentios: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israël.* [1] E em consequencia desta mesma doutrina, mandou a seus Discipulos que só prégassem aos Judeus, e não á gentilidade: *In viam gentium ne abieritis.* [2] E como as ovelhas que S. Gonçalo deixava na sua patria e na sua Igreja, eram as que Deus lhe tinha encommmendado; ainda que a sua peregrinação a Jérusalem fosse com intento de converter outras do paganismo, comparado este zelo com a sua obrigação, não só não parece louvavel, mas nem ainda licito.

Primeiramente respondo, que a peregrinação de S. Gonçalo á Terra Santa, não só foi licita e louvavel, mas verdadeiramente santa; porque elle a emprehendeu não só por espirito, e devoção particular sua, senão por impulso e vocação especial de Deus. Vejamos o caso resoluto e definido na Historia Sagrada. Era pastor Moysés, e andava nos desertos de Madian guardando as ovelhas que Jethro lhe tinha encommendado, quando viu de longe a sarça que ardia, e não se queimava. Resolveu-se então a ir vêr de mais perto aquella maravilha: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam:* [3] e diz o Texto Sagrado, que vendo Deus que elle voluntariamente ia, o chamou, e lhe mandou que fosse: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum.* [4] Pois se Moysés já ia por sua propria vontade; porque o chamou Deus? Porque este era o caso, como o do nosso santo, em que não basta a inclinação e deliberação propria; mas é necessaria especial vocação divina. A sarça ardente juntamente, e illesa, como dizem todos os Santos, significa o mysterio e mysterios da Redempção humana; e assim disse o mesmo Senhor, que descêra a libertar o seu povo: *Descendit ut liberem eum:* [5] a terra em que estava a sarça, significava a terra a que hoje chamamos Santa, e assim lhe chamou a voz da sarça: *Locus enim, in quo*

[1] *Math.*, XV, 24.
[2] *Ibid.*, X, 5.
[3] *Exod.*, III, 3.
[4] *Ibid.*, 4.
[5] *Ibid.*, 8.

stas, terra sancta est. [1] E para um pastor como Moysés, deixar como elle deixou a assistencia das suas ovelhas, por vêr e contemplar de mais perto os mysterios de nossa Redempção, e venerar com os pés descalços a Terra Santa, não basta só a vontade e deliberação propria; mas é necessaria particular e especial vocação de Deus: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum.* Assim o fez Moysés, que totalmente deixou então o officio e o rebanho: e assim o fez o nosso santo, chamado tambem e inspirado por Deus, e por isso não só licita e louvavel, senão santamente, e com acto de maior perfeição.

Mas se foi grande a duvida em que da sua parte nos metteu a deliberação do nosso peregrino em deixar as suas ovelhas; muito maior é a que devemos admirar da parte de Deus na vocação divina, tão especial, rara, e não usada do mesmo Deus, como agora veremos. Pediu a Pastora dos Cantares ao seu divino Pastor, lhe manifestasse os logares onde apascentava as suas ovelhas, e onde descançava pelo meio dia, para que o não buscasse erradamente, e debalde por outras partes: *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* [2] E que lhe responderia o soberano Pastor? Primeiro lhe disse, que não conhecia quem era: *Si ignoras te:* porque se conhecesse suas obrigações, não faria similhante petição: e sem deferir a ella, lhe mandou que seguisse as pisadas do seu rebanho, e que tratasse de o apascentar como os outros pastores: *Egredere, et abi post vestigia gregum, et pasce hædos tuos juxta tabernacula Pastorum.* [3] Quem não reconhece nesta breve historia, quão similhante foi a petição da Alma santa ao desejo do nosso santo: e quão differente a resposta que elle alcançou de Christo, á que ouviu de sua bocca a mesma Alma, em que se representavam as de todos os pastores de sua Igreja que mais o amam? A petição da Alma santa, e o desejo do nosso santo era de vêr os logares onde Christo em sua vida apascentou suas ovelhas com a doutrina que trouxe do céu, e onde fi-

[1] *Exod.*, III, 5.
[2] *Cant.*, VI, 1.
[3] *Ibid.*, 7.

nalmente descançou ao meio dia, não á sombra da arvore da cruz, senão pregado e morto nella. Isso quer dizer: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Mas se ao nosso santo, sendo actualmente pastor, lhe concedeu o mesmo Christo esta peregrinação, e que fosse vêr e viver naquelles Sagrados Logares; como á Alma e pastora santa, em que eram significados os outros Pastores, de nenhum modo lhe defere o Senhor a estes mesmos desejos, e resolutamente lhe manda que apascentem as suas ovelhas, e que trate cada um de seguir, não as pisadas de Christo em Jérusalem, senão as do seu rebanho na sua terra: *Abi post vestigia gregum?*

O que desta admiravel differença se segue, é, quão singularmente estimou Christo os affectos tambem singularissimos, com que S. Gonçalo, na sua peregrinação, acompanhou os passos da vida e morte do mesmo Senhor, pois antepoz esta devoção e desejo, á obrigação e cuidado da guarda das suas ovelhas. De uma e outra parte foi desusada fineza; mas muito mais admiravel da parte de Christo, a qual ainda não está bastantemente ponderada, e só se póde dignamente encarecer ouvindo ao mesmo Christo com S. Pedro, isto é, ao primeiro e supremo Pastor com o segundo. Perguntou Christo Redemptor nosso a S. Pedro, se o amava mais que os outros Discipulos: *Simon Joannis, diligis me plus his?* [1] E como S. Pedro respondesse com a devida modestia: *Tu scis Domine, quia amo te:* Bem sabeis vós, Senhor, que vos amo: Pois, Pedro, se me amas, disse o Senhor, *Pasce oves meas*, apascenta minhas ovelhas. Feita esta primeira recommendação, repetiu Christo a mesma pergunta; e como Pedro respondesse do mesmo modo: Pois, Pedro, torna a dizer o Senhor, se me amas, como dizes, *Pasce agnos meos*, apascenta os meus cordeiros. Já as perguntas sobre o amor eram duas, e as recommendações do rebanho tambem duas, e ainda acrescentou o Senhor a terceira: *Dicit ei tertio;* [2] de sorte que Pedro se entristeceu, como se o divino Mestre, a quem são manifestos os corações, duvidasse do seu amor, ou desconfiasse do seu cuidado. Pois se tres vezes exami-

[1] *Joan.*, XXI, 15.
[2] *Ibid.*, 7.

na Christo o amor de S. Pedro, não só como grande, senão como maior de todos, e as prendas que lhe pede deste amor uma, duas, e tres vezes, é que apascente as ovelhas e cordeiros do seu rebanho: *Pasce oves meas, pasce agnos meos;* que novo, ou que outro amor é este de S. Gonçalo para Christo, e de Christo para S. Gonçalo, pois em logar de lhe dizer, que continuasse em apascentar as ovelhas que lhe tinha encommendado, lhe inspira que deixe as mesmas ovelhas, e se parta peregrino a Jérusalem, não só a visitar, senão a viver nos Logares Sagrados, onde o mesmo Senhor tinha passado a vida, e padecido a morte?

A mesma vida e morte de Christo, sempre fixa e ardente na memoria do nosso peregrino pastor, não ha duvida que foi, como de Jacob, a sua amada Rachel, pois por ella serviu duas vezes sete annos naquelle voluntario desterro, sendo as suas saudades as ovelhas, e os seus desejos e suspiros os cordeiros que apascentava, começando desde Nazareth, e acabando no monte Olivete, e repetindo este amoroso circulo com tantas pausas e estancias, quantos eram ou tinham sido os passos do seu ausente amor. Mas quem nos acabará de descobrir o mysterio desta tão singular novidade, e sem exemplo na estimação de Christo? O primeiro pensamento que me occorreu, foi, que em premio da pureza virginal, que perpetuamente guardou o nosso santo, lhe quiz Deus conceder na terra, o que se concede ás Virgens no céu. E' privilegio concedido no céu ás Virgens, diz S. João no Apocalypse, que ellas só sigam ao Cordeiro, que é Christo, a todas as partes por onde, e para onde fôr: *Virgines enim sunt: hi sequuntur agnum quocumque ierit.* [1] Porém as Virgens no céu não só seguem os passos do Cordeiro, mas vêem o mesmo Cordeiro; e S. Gonçalo na terra, sem vêr nem poder vêr o Cordeiro, lhe seguia e adorava os passos. Ellas seguem os passos do Cordeiro onde está o Cordeiro: mas S. Gonçalo não seguia os mesmos passos onde o Cordeiro estivesse, senão onde tinha estado, e só porque tinha estado alli, se não podia apartar delles. O' singular e admiravel fineza! E esta digo em conclusão, que foi a que Christo assim amado tanto estimou. A pri-

[1] *Apoc.*, XIV, 4.

meira pessoa a quem Christo appareceu na manhã da sua Resurreição, foi á Magdalena. Assim o dizem os Evangelistas. Mas porque mereceu a Magdalena não só com excepção de todas as outras devotas mulheres, mas tambem dos mesmos Apostolos, este tão singular privilegio? Lêde a Historia Sagrada, e o que ella fez, e os outros não fizeram, e achareis a razão. As outras Marias, como os Anjos lhe disseram que o Senhor resuscitára, e não estava alli, foram-se: S. Pedro e S. João, como acharam no sepulchro a mortalha e o sudario, e não o sagrado corpo, tambem se foram: porém a Magdalena sómente porque sabia, como os demais, que aquelle era o logar onde o Senhor fôra sepultado, isto só bastou para que perseverasse alli, e não se apartasse do mesmo logar. De maneira que os outros deixaram o sepulchro, porque Christo não estava nelle; porém o amor da Magdalena não se soube apartar do mesmo sepulchro; porque ainda que o Senhor não estava nelle, tinha estado. E assim como bastou que Christo tivesse estado dentro daquellas pedras, para que a Magdalena se não podesse apartar dellas, esta foi tambem da sua parte a fineza, e da parte do mesmo Senhor a razão porque tanto estimou o seu amôr, e o antepoz ao de todos.

Deste mesmo modo assistia S. Gonçalo, não só ao sepulchro de Christo, senão a todos os outros Logares em que o Senhor, vivo ou morto, tinha estado: respondendo e pagando com esta fineza o amôr com que o mesmo Christo em quanto Verbo tinha todas as suas delicias *ab æterno* em estar com os homens na terra. Notae muito. Traçava este mundo *ab æterno* a Sabedoria divina, que é o mesmo Verbo, e diz que recreando-se pelos logares da terra, eram as suas delicias estar com os homens: *Delectabor per singulos dies, ludens in orbe terrarum, et deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* [1] Mas se ainda então não havia homens que estivessem naquelles logares, como tinha as suas delicias o Verbo em estar com elles? Porque ainda que os homens então não estivessem alli, haviam de estar depois. Como se dissera o Verbo: Aqui ha de estar o Paraiso terreal; e as suas delicias eram estar com Adão: Aqui se ha de fabricar a Arca; e as

[1] *Psal.* VIII, 30 e 31.

suas delicias eram estar com Noé: Aqui se fundará a cidade de Hebron; e as suas delicias eram estar com Abrahão: Aqui será a terra de Hus; e as suas delicias eram estar com Job: Aqui se levantará o monte Sinay; e as suas delicias eram estar com Moysés: e assim dos outros homens, e dos outros logares. Do mesmo modo S. Gonçalo. Em Nazareth dizia: Aqui encarnou o Verbo: em Belem, aqui nasceu: no monte Thabôr, aqui se transfigurou: no Calvario, aqui morreu: no Olivete, d'aqui subiu ao céu: e em todos estes Logares eram as suas delicias estar com Christo, não porque alli estivesse, mas porque alli tinha estado. De sorte que o Verbo suppondo o futuro, e S. Gonçalo suppondo o passado, ambos com o mesmo amôr, e com a mesma fineza: o Verbo tinha as suas delicias com os homens, onde não estavam, porque haviam de estar; e S. Gonçalo tinha as suas com Christo, onde não estava, porque havia estado. E por este modo excellente e singular cumpriu melhor que todos o nosso peregrino o que Deus prometteu por Isaias, que havia de fazer gloriosos os Logares onde tinha posto os seus pés: *Et locum pedum meorum glorificabo.* [1]

VI

Quanto á quarta vigia, foi santo e admiravel santo S. Gonçalo na edade da velhice; porque passando-se a um deserto a fazer vida eremitica, soube deixar o mundo antes que o mundo o deixasse. Não quiz que o achasse a morte dentro dos muros do povoado: mas elle se sahiu ao deserto para a esperar em campanha. O' que valente resolução, e que bem entendida! Como a velhice é o horizonte da vida e da morte, o horizonte onde se ajunta a terra com o céu, e o tempo com a eternidade; que resolução póde haver mais bem aconselhada e mais digna da madureza de umas cãs, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias e incertos, que póde durar a vida? Não foi admiravel o nosso santo velho, porque

[1] *Isai.*, LX, 13.

isto fez, mas é verdadeiramente admiravel, porque fez o que deveram fazer todos os velhos, e não vemos algum que o faça. Notou judiciosamente Seneca, que de todos os outros generos de morte, sendo tantos e tão varios, póde haver esperança de escapar; só a morte que traz comsigo, ou após si a velhice, é morte sem esperança. [1] Mata a doença, mata o incendio, mata o naufragio, mata a espada, mata a setta, ou descoberta ou atraiçoada; mas de todos estes generos de morte muitos escaparam; só da morte e da velhice ninguem escapou: *Alia genera mortis spei mixta sunt, nihil habet quod speret quem senectus ducit ad mortem.* E sendo tão desesperada esta esperança, mais dignas são para mim de admiração as nossas velhices, do que foi a de S. Gonçalo, pois nos não desenganamos com ellas. Quanto mais temos vivido neste mundo, tanto mais amamos o mesmo mundo e a mesma vida, e quanto mais são os annos que contamos, tanto mais são as raizes com que estamos pegados á terra. Mas consideremos quão differentemente tinha passado o nosso santo velho as outras suas edades, do que nós temos vivido, ou desbaratado as nossas, e esta seja a maior advertencia de o reconhecermos por singular e venerarmos por admiravel.

Em fim, não tendo S. Gonçalo porque fugir de si, fugiu de nós para o seu deserto, e levantando uma pequena ermida sobre as ribeiras do rio Tamega, fabricada pelas medidas do seu espirito, alli, só por só com Deus, empregava os dias e velava as noites na altissima contemplação daquelle Summo Bem, que cedo esperava gozar com a vista. Não havia ou se ouvia naquelle bemaventurado logar algum ruido que perturbasse a quietação do santo anacoreta, senão a tempos de inundações e tempestades, os gemidos e vozes mortaes dos que, arrebatados da furia e correntes do rio, tão impetuosas como subitas, ou despedaçados nos penhascos, ou afogados no remoinho das aguas, pereciam lastimosamente e sem remedio. Eram muitos todos os annos os miseraveis naufragantes, e muito mais as lagrimas dos que nelles perdiam filhos, paes, ou maridos. E que faria quando isto ouvia e via um coração tão cheio e abrazado do amôr di-

[1] *Sen. Ep.*, 30.

vino? Quanto maior é nos santos o amôr de Deus, tanto mais forte é e mais sollicito o amôr do proximo. Orava continuamente, mas porque de ordinario para remediar os trabalhos humanos não bastam as mãos ociosas, posto que levantadas a Deus, resolveu-se o espirito de um pobre e solitario ermitão ao que nunca se atreveram a intentar os braços poderosos dos reis, que foi unir as duas ribeiras do Tamega com uma ponte, e metter debaixo dos pés dos passageiros a braveza e furia do rio, que a tantos tinha tragado.

Grande empreza; mas tão alheia do sujeito que a emprehendia, como difficultosa e impossivel por todas suas circumstancias. Assim se riam agora do imaginario remedio os que tantas vezes tinham chorado os verdadeiros perigos. E certamente, pareceria imaginario o remedio quando se não considerasse no novo architecto mais que o peso e debilidade dos annos: a velhice é edade para ter trabalhado, e não para trabalhar; para ter feito, mas não para fazer. E que proporção têm (diziam) as contemplações de um anacoreta com as execuções e actividades de uma tão grande obra? Se S. Pedro foi chamado nescio, porque sendo um pescador quiz fazer tabernaculos; que se diria do nosso ermitão determinado a fabricar pontes? A superficie desta desapprovação do vulgo ainda tem muito maior fundo na theologia espiritual e ascetica. Quando Martha se queixou de que Maria sua irmã a não ajudasse, o que lhe respondeu o Divino Mestre, foi: *Martha, Martha, solicita es, et turbaris erga plurima. Maria optimam partem elegit:* [1] Esse vosso cuidado, Martha posto que bem intencionado, não serve mais que de vós perturbar e divertir em muitas coisas alheias da profissão de Maria: e se cuidaes que ella assentada a meus pés e ouvindo-me está ociosa, enganaes-vos; porque escolheu a parte que lhe está melhor, e mais me agrada. E isto mesmo parece que estava dizendo, ou dictando a S. Gonçalo a doutrina de Christo naquelle caso, e contra a sua determinação. Maria significa a vida contemplativa e interior, que é a que professam os eremitas: Martha significa a vida activa, que é a que se emprega em acções exteriores, pos-

[1] *Luc.*, x, 41 e 43.

to que em serviço de Deus e do proximo: e se esta das portas a dentro de uma casa, e occupada só em preparar o que lhe parecia necessario para uma meza, divertia e perturbava tanto a Martha; qual seria a perturbação e perpetuos divertimentos do nosso ermitão, empenhada a sua velhice na fabrica de uma ponte tão difficultosa? Parece-me que estou ouvindo os ruidos dos carros, dos penhascos, dos madeiros, e a continua bateria dos instrumentos dos officiaes e trabalhadores, uns desbastando, outros lavrando, outros fabricando e levantando as machinas para sustentar os arcos, e guindar e assentar a pedraria já lavrada; e o auctor e superintendente da obra no mesmo tempo dividido em tantas partes, com o cuidado e os olhos nas mãos de todos. Vède se competia a esta sua fadiga melhor que a Martha o *Solicita es, et turbaris erga plurima.*

Mas esta mesma era a maior prova do altissimo gráu da contemplação a que o espirito do santo eremita tinhá subido. A alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acções lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe impede as acções; mas toda dentro e toda fóra de si, juntamente está obrando no exterior, e no interior contemplando. Que vida mais activa e mais actuosa que a dos Anjos, sempre occupados e nunca jámais divertidos? *Omnes sunt administratorii spiritus in ministerium missi.* [1] Os Anjos da guarda de dia e de noite estão velando, cada um sobre o homem que lhe está encommendado; os Custodios dos reinos e monarchias, sempre attendendo ao governo e conservação dellas na paz e na guerra, e em tantos outros accidentes, que nunca param; os que guiam com tanta ordem e concerto os astros, cada um movendo a sua estrella, quasi todas maiores que este mundo. E de todos diz Christo: *Semper vident faciem Patris, qui in cœlis est:* [2] Que estão sempre contemplando a face de Deus, como se estiveram no descanço e socego do Empyreo, sem outra occupação ou cuidado. E tal era a contemplação verdadeiramente angelica do nosso anacoreta, tão quieta e sem perturbação no meio do tumulto e trafego da sua obra, como se não tivera sahido

[1] *Heb.*, I, 14.
[2] *Math.*, XVIII, 10.

da sua ermida, podendo-se dizer delle o que do mesmo Deus, de cuja vista nunca se apartava: *Immotusque manens das cuncta moveri.*

Vencida esta primeira apprehensão, e conhecida a concordia e harmonia que conservam dentro no mesmo espirito, se é perfeito, a vida activa e contemplativa, a qual não entendiam os que consideravam o nosso eremita divertido do exercicio da sua profissão, segue-se a segunda, em que toda a prudencia e providencia humana podia reparar muito. E qual era? Que um homem só, e desassistido de toda a outra companhia e poder, se atrevesse a uma empreza, que muitos e mais poderosos juntos já mais emprehenderiam, nem imaginavam possivel. Se os fabricadores da torre de Babel, sendo todos os homens que havia no mundo juntos e unidos no mesmo pensamento, o fim e effeito que conseguiram, foi a confusão e desengano da sua temeridade; verdadeiramente parece que não faziam grande injuria ás cãs e prudencia do nosso santo velho, os que reprovavam que elle sendo um e só (ainda que a sua edade fosse mais viva e mais robusta) intentasse uma tal obra. Mas o que ninguem cria, nem esperava, intentou, proseguiu e levou ao fim em S. Gonçalo a caridade e amôr do proximo, do qual diz S. Paulo, que tudo crê, tudo espera e com tudo póde: *Omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.* [1] Um dos que se acharam entre os edificadores da torre de Babel, foi Noé; e é coisa bem notavel, que a elle só encommendasse, e delle só fiasse Deus a fabrica da Arca: *Fac tibi Arcam de lignis laevigatis,* [2] lhe disse o supremo Architecto daquella nova machina, e prescrevendo-lhe a traça, a fórma, e as medidas com tanta miudeza, nem em commum, nem em particular faz menção de outro artifice, ou companheiro, que houvesse de ter parte na obra senão o mesmo Noé sómente: *Mansiunculas in arca facies, et bitumine linies intrinsecus, et extrinsecus: et sic facies eam.* [3] Pois se a fabrica era tão grande, e tão nova, e prevía Deus que todos os homens do mundo, entrando neste numero o mesmo Noé, não haviam

[1] *1.ª ad Corinth.*, XIII, 7.
[2] *Gen.*, VI, 14.
[3] *Ibid.*, 14 e 15.

de poder conseguir, nem continuar aquella torre na terra, havendo de ter esta fabrica os alicerces sobre a agua; como a encommenda e fia de um só homem? Porque o intento da torre era a vaidade, o intento da Arca a caridade. O intento da torre era celebrarem os homens o seu nome antes de se dividirem: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur:* [1] O intento da Arca era salvar os homens da inundação universal do Diluvio: *Ut possint vivere:* [2] e quando para conseguir os intentos da vaidade, não bastam todos os homens: para os da caridade, por arduos e difficultosos que sejam, basta um só homem. Trocae agora o nome de Noé em Gonçalo, o da arca em ponte, e o do diluvio em rio, e vereis quão bem fundada foi a caridade do nosso santo na esperança de levar ao cabo a sua obra, pois assim como a de Noé era para salvar os homens da inundação do Diluvio, assim a sua era para os salvar das inundações do rio.

Mas ainda aqui nos falta por dar satisfação a uma grande maxima da doutrina de Christo. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt: ne posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei?* [3] Que homem ha de vós, o qual querendo edificar uma torre, não lance primeiro as suas contas muito devagar, e computando o cabedal com as despezas, não veja se é bastante porque lhe não aconteça começar a obra e não a poder acabar, ficando ella e elle expostos ao riso das gentes? Isto é o que ensina Christo Senhor nosso, e estas são as contas e o computo que devia fazer o nosso eremita antes de pôr, não digo a mão, senão o pensamento á obra: vêr primeiro se tinha com que comprar os materiaes, com que pagar aos mestres, com que fazer a feria e sustentar os trabalhadores, e isto não só para começar a obra, senão para a pôr em perfeição. Agora pergunto se fez S. Gonçalo este computo? Digo que sim, e com tão nova e abreviada arithmetica, que todo o resumiu a duas addições sómente: primeira, eu não posso nada: segunda: Deus

3

[1] *Gen.*, XI, 4.
[2] *Ibid.*, VI, 20.
[3] *Luc.*, XIV, 28 e 29.

póde tudo. O mesmo tinha já feito S. Paulo, quando disse: *Omnia possum in eo qui me confortat:* [1] Eu pelas minhas forças nenhuma coisa posso; mas pelas que Deus me dá, sou todo poderoso. Tal era o espirito, e tal a consequencia do nosso santo: porque eu não posso nada, eu sem Deus não poderei mover uma pedra; mas porque Deus póde tudo, eu com Deus, e Deus commigo bem poderemos fazer a ponte. E assim foi. Não deu Deus a S. Gonçalo a vara de Moysés; mas para lhe dar ainda mais, deu-lhe a cithara de Orpheu, fazendo-a de fabulosa verdadeira. Contam as fabulas, que Orpheu com a sua cithara edificou os muros de Thebas, porque era tal a doçura e suavidade daquelle pequeno instrumento tocado por elle, que levava após si as arvores, os montes, os rios, as feras, e até a liberdade dos homens. Assim cresciam fabulosamente em Thebas os muros, e assim em Amarante verdadeiramente a ponte.

Deram-lhe a S. Gonçalo uns toiros bravos e feros, e elle com a voz de uma só palavra os amansou de maneira, que logo tomaram o jugo, e tiraram pelo carro, seguindo a quem os guiava, como se tiveram ensino de muitos annos. Chegava á ribeira do rio, chamava os peixes, e elles correndo em cardumes saltavam aos pés do santo, em quanto elle não dizia basta, e os demais com a sua benção se retiravam para tornarem outra vez quando fossem chamados. Era necessaria agua para mais facil serviço da obra, tocou o santo velho com o seu bordão em uma pedra, e correu logo uma fonte: mas porque a agua bastava para satisfazer a sede, e não para alegrar e dar forças aos trabalhadores, tocou do mesmo modo em outra pedra, e sahiu della outra fonte de vinho. Trabalhavam muitos braços, e muitos instrumentos, para abalar um grande penedo, sem elle se mover, mas com o impulso de uma só mão do santo, mais como andando por si mesmo, que levado por força, se foi pôr onde era necessario. Porém como ha homens mais duros que as pedras, e mais irracionaes que os brutos; assim como com estes persuadindo-os o santo suavemente a quanto queria, se mostrava mais evidentemente a occulta divindade que lhe governava a lingua; assim houve

[1] *Phil.*, IV, 13.

um tão duro e tão astuto, que pedindo-lhe o pobre ermitão, em cuja santidade não cria, algum soccorro para a sua obra, por ser muito rico, elle escusando-se por estar fóra de casa, lhe respondeu que sua mulher o soccorreria, dando-lhe para ella um escripto. Recebeu-o a mulher, e rindo-se para o santo, lhe disse: Padre ermitão, este credito não vale nada: porque o que nelle me diz meu marido, é que vos dê de esmola quanto pezar este papal. Despedido tão seccamente, replicou comtudo o santo, que se pezasse o papel como mandava o dono da casa, e que elle pelo pezo se contentaria com a esmola. Caso verdadeiramente da mão occulta de Deus! Põe-se o papel em uma parte da balança, e quando parece que bastavam poucos grãos de trigo para a pôr em equilibrio, vieram saccos e mais saccos e pudéra vir todo o celleiro, sem egualar o pezo do papel, que não chegava a uma folha. Lá se queixava Job de que a omnipotencia divina para o mortificar, ostentasse seu infinito poder contra uma folha que leva o vento: *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam tuam:* [1] e cá para canonisar a S. Gonçalo ostenta seu poder a divina potencia em fazer tão pezada uma meia folha, que nenhum pezo a podesse egualar, nem levantar, nem mover. Assim concorreu Deus juntamente com o nosso santo no começar, no continuar, e no aperfeiçoar a sua obra; e assim a deixou perfeita e acabada para tanto bem de tantos, antes que a ultima edade lhe acabasse a vida.

VII

Concluidas tão felizmente as quatro vigias e edades da vida humana, qual cuidamos que seria a quinta vigia, que eu prometti do nosso santo, não já de vivo e mortal, senão de immortal, e depois da morte? Esta nova prerogativa mais parece que lhe convem a S. Gonçalo de Amarante pelo sobrenome, que pelo nome. O amarantho, como diz Plinio, é uma flôr, a qual porque nunca se murcha mereceu desde a antiguidade o nome de immortal. Isso significa o mesmo nome que lhe

[1] *Job.*, XIII, 25.

puzeram os Gregos, por onde lhe cantou a immortalidade o Poeta latino: *Immortalesque amaranthi.* E se buscarmos no Evangelho esta quinta vigia, acharemos que depois de fallar expressamente na segunda e terceira, e suppor nesta mesma conta a primeira e a quarta, introduz em quinto logar outra indeterminada, e nella um pae de familias muito vigilante: *Quoniam si sciret pater familias, qua hora fur veniret, vigilaret utique.* [1] Esta, pois, não das edades que teem fim, mas da vida immortal que não acaba, foi, e é a quinta vigia do nosso santo, na qual lhe quadra admiravelmente o nome de pae de familias; porque elle verdadeiramente é o pae universal não só daquella grande e numerosa provincia, mas de todas as visinhas e confinantes, as quaes em tudo o que hão mister de perto e de longe, a elle recorrem. Só quem o viu, o póde contar e crêr. Se não teem filhos, a S. Gonçalo os pedem; e se teem muitos, a S. Gonçalo consultam se os hão de mandar á guerra, ou ao estudo, ou applicar ao arado. Se hão de casar as filhas, S. Gonçalo é o casamenteiro, e se os proprios paes, ou não podem, ou se descuidam de lhes dar estado, a lembrança que ellas por modestia se não atrevem a lhes fazer, a fazem em segredo ao santo, que como mais poderoso e mais vigilante pae, se não descuida. A elle encommendam os pastores os gados, e os lavradores as sementeiras: a elle pedem o sol, a elle a chuva: e o santo, pelo imperio que tem sobre os elementos, a seu tempo, e fóra do tempo, os alegra com o despacho de suas petições. Elle os remedêa nas pobrezas, elle os cura nas enfermidades, elle os reconcilia nas discordias; elle em fim, se andam desgarrados, os encaminha, e talvez os castiga tambem amorosamente, para que não degenerem de filhos de tal pae.

Por todas estas razões, confirmadas com infinitos exemplos, me parecia ao principio, que com o nome de pae de familias, satisfazia S. Gonçalo ás obrigações da quinta vigia, que lhe acrescentamos á vida. Mas bem considerado o que depois de morto, e immortal, obra e está obrando cada dia em beneficio dos que o invocam, não ha duvida que lhe vem muito curto este nome. E para inventarmos algum que eguale

[1] *Luc.*, XII, 39.

as medidas, e encha o conceito de suas maravilhas, assim como ao principio disse, que no seu nascimento foi menino como homem, assim digo por fim, que depois da sua morte foi homem como Deus. Alguns annos depois de morto S. Gonçalo em occasião de uma extraordinaria tempestade, vinha tão cheio e furioso o rio Tamega, que não só levava envolto comsigo quanto encontrava nas ribeiras, mas tambem nos montes. Entre outras coisas vinha atravessado na corrente um carvalho de tanta grandeza, que julgaram attonitos quantos o viam, que batendo com o pezo seu e das aguas a ponte, arruinaria os arcos, e a derrubaria sem duvida. S. Gonçalo (gritaram todos), S. Gonçalo, acudi á vossa ponte; eis que no meio destes clamores vêem sahir da Igreja um fradinho vestido de branco, com o manto negro, e um cajadinho na mão, o qual voando pelo ar ao rio, lançou a volta do cajadinho a um ramo do tronco, e fazendo-o encanar, e embocar direito pelo olho do arco maior, elle passou precipitado com a corrente, e a ponte, sem damno nem perigo, ficou tão firme e inteira como fôra edificada. Com eguaes clamores e triumphos deram todos graças a S. Gonçalo, que pelo habito e logar d'onde sahira, visivelmente se lhes manifestou quem era. E eu torno a repetir, como dizia, que nesta acção, bem entendida, mostrou o nosso santo, que para com as suas obras não se portava como homem homem, senão como homem Deus.

Entre as causas segundas, como são homens, e a causa primeira, que é Deus, ha tal differença commummente no obrar, que das causas segundas, como fallam os philosophos, dependem as obras sómente *in fieri;* mas da primeira causa dependem *in fieri, et in conservari:* das causas segundas dependem as coisas quanto á creação; mas da causa primeira não só dependem quanto á creação, senão tambem quanto á conservação. Quanto á creação, Deus e o Pae geram o Filho: quanto á conservação, Deus é só o que o conserva, sem dependencia nem concurso do Pae. D'aqui se entenderá aquelle modo notavel de fallar com que diz a Escriptura, que Deus ao dia septimo descançou de todas as obras que tinha feito: *Requievit die septimo ab universo opere, quod patrarat:* [1] e logo acres-

[1] *Gen.*, II, 2.

centa, que todas as mesmas obras as tinha Deus creado, e feito para as fazer: *Ab omni opere suo, quod creavit Deus, ut faceret.* [1] Pois se as tinha já feito, como as fez e creou para as fazer? Porque a primeira vez fel-as de novo pela creação, e depois de creadas, para que não deixassem de ser, sempre as havia de estar fazendo pela conservação. E' o que respondeu e declarou Christo, convencendo admiravelmente aos que o calumniavam de obrar ao sabbado: *Pater meus usque modo operatur, et ego operor.* [2] Por ventura Deus no mesmo dia do sabbado em que descançou das suas obras, deixou de obrar? Não; porque se deixára de obrar conservando-as, deixaram ellas de ser. Pois assim como meu Pae obrou ao sabbado, não servil, senão soberanamente, assim o faço eu. Isto é o que faz Deus conservando as suas obras; e isto é o que fez S. Gonçalo sahindo por si mesmo a conservar a sua. Conservou-a então, e ha tantos centos de annos, que a conserva, e a conservará sempre; porque nas suas obras não obra como homem homem, de quem dependem só *in fieri*, senão como homem Deus, de quem dependem *in fieri, et conservari.*

Vamos a outras obras de Deus homem, e de S. Gonçalo. Foram os Discipulos do Baptista perguntar em nome de seu Mestre a Christo, se era elle o verdadeiro Deus e homem promettido pelos Prophetas, e esperado do mundo: *Tu es, qui venturus es, an alium expectamus?* [3] E que respondeu o Senhor? Em presença dos mesmos Discipulos deu olhos a cegos, ouvidos a surdos, lingua a mudos, mãos a aleijados, pés a mancos, saude e limpeza a leprosos, e vida a mortos. E esta foi a resposta com que os despediu, dizendo: *Euntes renuntiate Joanni, quæ audistis, et vidistis:* [4] Ide, dizei a João o que ouvistes e vistes. O mesmo respondo eu a quem por ventura duvidar do que tenho dito, ou estranhar que se diga de S. Gonçalo, que não obrava como homem homem, senão como homem Deus. Ide, ide a Amarante, visitae no sagra-

[1] *Gen.*, II, 3.
[2] *Joan.*, V, 17.
[3] *Math.*, XI, 3.
[4] *Ibid.*, 4.

do mausoleu de S. Gonçalo as memorias de sua vida posthuma, e vereis o que me ouvis. Vereis, ou pintadas, ou de vulto, como tropheos das suas obras divinamente humanas, as muletas dos mancos, os braços dos aleijados, os olhos dos cegos, as orelhas dos surdos, as linguas dos mudos, as mortalhas dos mortos, ou moribundos: e porque os males interiores e invisiveis são os que mais atormentam e matam, tambem vereis os corações dos tristes, dos afflictos, dos perseguidos, dos desesperados, que só na invocação do nome de S. Gonçalo, acharam a consolação, o allivio, a respiração, o remedio.

Assim obra como immortal, depois de morto, o grande imitador de Deus homem. E porque o mesmo Senhor deixou dito, que depois de subir ao céu fariam seus fieis servos na terra, não só similhantes obras ás suas, senão maiores: *Opera quæ ego facio, faciet, et majora faciet, quia ad Patrem vado;* [1] se attentamente considerarmos as circumstancias destes milagres, acharemos que os de S. Gonçalo, comparados com os do mesmo Deus homem, têm hoje no modo de os obrar grandes excessos de maioria. Grandes eram os concursos dos que em fé dos milagres que obrava, buscavam e seguiam a Christo: *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant signa, quæ faciebat super his, qui infirmabantur,* [2] diz S. João. E se perguntarmos ao mesmo Evangelista a que numero chegaria a maior multidão destes concursos; não só com o nome de maior, senão de maxima, diz que chegaram a ser quasi cinco mil: *Cum sublevasset oculos Jesus, et vidisset multitudo maxima, venit ad eum:* [3] e logo declarando o numero: *Discubuerunt ergo viri numero quasi quinque millia.* [4] Ah, Senhor, com quanto excesso se prova no vosso fidelissimo servo a verdade daquella grande promessa! Quando na terra levantastes os olhos para vêr a multidão dos que pela fama e experiencia de vossos milagres vos seguiam, a maior e mais numerosa que vistes, foi de cinco mil homens. Porém hoje se do céu onde

[1] *Joan.*, XIV, 12.
[2] *Ibid.*, VI, 2.
[3] *Ibid.*, 5.
[4] *Ibid.*, 10.

estaes, abaterdes os mesmos olhos divinos, e os pozerdes em Amarante, vereis que pela fama e experiencias dos milagres de S. Gonçalo, os que concorrem neste seu dia a visitar suas sagradas reliquias, e encommendar-se a seu patrocinio, não são cinco mil, nem dez, nem vinte, senão trinta, e quarenta mil. Vereis que a multidão innumeravel de naturaes e estrangeiros, não cabe pelas estradas, que cobre os montes, que inunda os valles, e que não podendo todos entrar, nem chegar de perto, cercam tumultuosamente a Igreja, venerando e adorando de longe as paredes santas que encerram tão benefico e soberano deposito. E este é outro excesso de maioria, que tambem na comparação de vós mesmo lhe promettestes.

Para receberem a saude, dizem os Evangelistas, que a multidão dos que concorriam a Christo, todos procuravam tocar seu sacratissimo corpo, do qual sahia a virtude, que os sarava: *Omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* Cá tambem procuram o mesmo; mas porque o aperto e a multidão que contenciosamente se impede, lh'o não permitte, de longe veneram o santo, de longe se encommendam a elle, e de longe, ou recebem logo os milagrosos effeitos de sua virtude, ou a levam comsigo alegres a suas casas, como primicias, e penhores certos dos beneficios que na occasião da necessidade nenhum duvida lhe hajam de faltar. Mas que muito é que aquella venturosa provincia, e as outras visinhas e confinantes, logrem a felicidade de tão continuos e certos favores, se as remotissimas terras da Africa, da Asia e desta America, onde apenas ha logar, que não tenha levantado templos ou altares a S. Gonçalo, só com a invocação de seu nome, como se nelle se tivera sacramentado, pelo effeito maravilhoso de suas graças de tão longe o experimentam e teem presente! De Deus dizia o Propheta Isaias: *Invocabis, et Dominus exaudiet: clamabis, et dicet: Ecce adsum:* [1] Invocareis o Senhor, e elle vos ouvirá: chamal-o-heis, e elle dirá: Aqui estou. Aqui estou, diz Deus: e aqui estou, diz S. Gonçalo, homem emfim no obrar como Deus: ***Invocabis, et dicet: Ecce adsum.***

E porque alguma vez invocado S. Gonçalo, succe-

[1] *Isai.*, LVIII, 9.

derá que vos não conceda o que pedis, e pareça que vos não ouve, sabei de certo, que vos enganaes, e não quero por prova outro exemplo, senão o do mesmo Deus. Deus diz, que peçamos, e que receberemos: *Petite, et accipietis:* [1] e comtudo mostra a experiencia, que muitas vezes pedimos e não recebemos. Não ha tal, acode S. Agostinho. Que não recebemos o que pedimos, é verdade; mas que não recebemos, é falso, porque se não recebemos o que pedimos e queremos, recebemos o que deveramos pedir e querer. - *Negat Dominus quod volumus, ut tribuat quod mallemus.* [2] Assim faz tambem algumas vezes S. Gonçalo, e não fôra santo, nem amigo, se assim o não fizera. Tão milagroso é quando faz por vós o milagre, porque vos está bem, como quando cessa de o fazer, e o suspende, porque vos estaria mal. Vêde-o no mesmo santo. Já deixámos dito como para a fabrica da sua ponte abriu duas fontes nas pedras, uma de agua, outra de vinho: mas a de agua ainda hoje corre, e persevera e faz milagres, a de vinho seccou-se totalmente. E porque se seccou? Porque maiores naufragios podia padecer aquelle povo nesta fonte, do que d'antes no mesmo rio. O primeiro que espremeu as uvas e inventou o vinho, foi Noé: e sendo Noé aquelle grande piloto, que na maior tempestade do mundo soube governar a primeira náu, e levou nella a salvamento o mesmo mundo, gostando depois o mesmo licor que inventara, areou de tal maneira, que não só perdeu a modestia, senão tambem o juizo. Vêde o que succederia ao povo de Amarante, se perseverasse a fonte do vinho? Por isso o santo ainda no tempo da sua obra, como notam os Historiadores, abria e fechava a mesma fonte tres vezes no dia; a primeira vez a horas do almoço; a segunda a horas do jantar; e a terceira a horas de ceia: e nestes tres tempos que succedia? Tanto que os officiaes e trabalhadores recebiam cada um por medida a sua ração, a pedra se fechava outra vez, e a fonte não corria. Tão provido e vigilante era S. Gonçalo em que os seus milagres fossem para proveito, e não para damno daquelles por quem os fazia. E esta é a regra por onde haveis de

[1] *Joan.*, XVI, 24.
[2] *August. Epist.* 43. *ad Paul.*

conhecer os milagres e beneficios de nosso santo, tão agradecidos quando vos negar o que pedirdes, como quando vol-o conceder, pois vindo por sua mão uma ou outra coisa, sempre é para vosso bem.

Até aqui tenho fallado em tudo com os auctores da vida e milagres de S. Gonçalo. Por fim quero acabar com um caso, de que eu mesmo fui testemunha. Havia em Lisboa um devoto e confrade do mesmo santo, o qual todos os annos concorria para a sua festa com vinte e cinco cruzados. Um anno, porém, em que os officiaes eleitos eram ricos, sendo tambem rica a confraria, entrou elle em pensamento, que seria maior serviço de Deus despender aquelle dinheiro com os pobres. Assim o resolveu comsigo sem o communicar a outra pessoa: senão quando no mesmo ponto lhe sobreveiu uma dor interior, que de nenhum modo podia supportar; e chamados á pressa os medicos, resolveram que logo tomasse os Sacramentos, porque infallivelmente morria. Que faria, pois, com esta subita sentença, quem um momento antes estava são, e com todas as suas forças? Cuidando em seus peccados, lembrou-lhe o novo proposito que tinha feito, e arrependendo-se daquella que tivera por melhor obra, pediu perdão ao seu santo, ratificando com voto, que não faltaria jámais á sua antiga devoção, se escapasse daquelle accidente com vida. Não eram acabadas estas palavras, quando com segundo repente cessou totalmente a dor, e passando o moribundo das portas da morte á inteira saude, achando-se tão são como dantes, foi por seu pé dar graças ao santo, que tão aspero, e tão benigno tinha experimentado em dois momentos. Mas quem haverá que se não admire do novo estylo praticado neste caso contra a Lei geral da esmola, e contra a preferencia e privilegio dos pobres, tantas vezes publicado e prégado por bocca do mesmo Deus? Quando concorrem Christo e os pobres para a esmola, dae-a, diz Christo, aos pobres, porque dando-a a elles, m'a daes a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* [1] Pois se neste caso concorre S. Gonçalo com os pobres, como ameaça o mesmo Christo de morte a quem quer dar a esmola aos pobres, e não offertal-a a S. Gonçalo? Basta que

[1] *Math.*, XXV, 40.

eguala Christo os pobres a si mesmo, e quer que S. Gonçalo seja preferido aos pobres? Basta que antes quer Christo que seja festejado S. Gonçalo com maiores apparatos e maiores despezas, que os pobres mais soccorridos? Basta que sendo os pobres substitutos de Christo, não quer o mesmo Christo que o sejam de S. Gonçalo? Pois assim é, seja tambem o mesmo Christo seu prégador, e acabe o seu panegyrico, que eu enmudecido confesso que o não sei louvar. E este é o excesso de favor e logar a que S. Gonçalo subiu na sua quinta vigia, em que vive e reina immortal no throno da gloria.

VIII

Tenho acabado, ou deixado sem o acabar, o meu discurso. Mas se os sermões de S. Gonçalo todos eram encaminhados á doutrina dos ouvintes, e não é licito faltar á imitação do santo no seu proprio dia; que doutrina posso eu tirar deste sermão, que seja acommodada aos que me ouvem? Hei de exhortal-os a que sejam bons pastores, como S. Gonçalo? Isso pertence aos ecclesiasticos. Hei de exhortal-os a que vão em peregrinação do Brazil a Jérusalem? Assás peregrinos são os que tão longe se desterraram da patria. Hei de exhortal-os a que façam milagres? Basta que sejamos santos sem aspirar á canonisação. Que doutrina será bem logo a que tiremos da vida e obras de S. Gonçalo? A primeira que me occorria muito util e muito necessaria, é que o imitassemos em fazer pontes. Coisa é digna de grande admiração, e que mal se poderá crêr no mundo, que havendo cento e noventa annos, que dominamos esta terra, e havendo nella tantos rios e passos de difficultosa passagem, nunca houvesse industria para fazer uma ponte. Que rio, ou que regato na Europa sem nome, e que logar de quatro visinhos, que nas pontes não seja magnifico? Só por ellas se conserva em Hespanha a memoria de que os Romanos a dominaram. Porque Anco Marcio fez a ponte Sublicia, da ponte e de a fazer lhe formou Roma a dignidade de pontifice, cujo nome antes ainda de a mesma Roma ser christã, se uniu ao Summo Pontificado. Tanto honra este gene-

ro de fabricas a seus auctores! Pois por certo, que nem por pobre, nem por avarenta padece a nossa republica esta falta. Eu a attribuo á mercia natural do clima, porque não creio, como cuida o vulgo, que os que lhe administraram o erario, mais o querem para o Papado, que para o Pontificado.

Mas porque o descuido que estranha esta advertencia pertence a poucos, seja doutrina e exemplo geral para todos que ao menos procuremos acabar por onde S. Gonçalo começou. S. Gonçalo, como vimos, sendo menino, foi homem: nós, sendo na edade homens, na vida e nos outros costumes somos meninos. Melhor o disse Seneca do que se póde traduzir na nossa lingua: *Adhuc non solùm puerilia in nobis, sed quod est gravius, pueritas remanet: et hoc quidem pejus est, quod authoritatem habemus senum, vitia puerorum, nec puerorum tantum, sed infantium.* [1] Temos a auctoridade de velhos, e os vicios de meninos; e o peior é que não só se vê em nós a menínice, que é defeito da edade, senão as meninices, que o são do juizo: *Non solùm puerilia in nobis, sed puerilitas remanet.* A primeira coisa que fez S. Gonçalo, foi pôr os olhos em um Christo crucificado, e estender os bracinhos para se abraçar a elle: e isto é o que moços e velhos guardam para o fim da vida. Então vem o crucifixo, então se abraçam com suas chagas, e como é por força, e a mais não poder, muita graça de Deus é necessaria para que seja de coração. Quem quer começar bem e acabar bem, ha de começar pelo fim, e acabar pelo principio. Desde o principio do mundo ensinou Deus ao homem esta importantissima maxima nas primeiras palavras da Escriptura: *In principio creavit Deus cœlum, et terram:* [2] onde nota S. João Chrysostomo, que Deus na obra da creação começou pelo céu e acabou pela terra: por isso não diz o Texto: *Creavit terram, et cœlum*, senão *cœlum, et terram.* Mas crear primeiro o céu, e depois a terra, parece que é começar o edificio pelas abobadas, e acabal-o pelos alicerces. Quanto mais, que sendo a terra e o céu creados para o homem, assim como o fim do homem é o céu, e o principio a

[1] *Sen.*, Livr. I, Epist. 4.ª
[2] *Gen.*, I, 1.

terra, assim parece que devia começar pela terra, e acabar pelo céu. Antes não, por isso mesmo. Porque o homem tem o seu principio na terra, e o seu fim no céu, por isso lhe propõe Deus primeiro o céu e depois a terra; porque se quer começar bem e acabar bem, ha de começar pelo fim, e acabar pelo principio. Assim começou, e assim acabou S. Gonçalo. E sendo a sua vida e morte uma perpetua imitação de Christo, foi coisa maravilhosa, que assim como nascido tomou por exemplar a Christo morto na Cruz, assim morrendo imitou ao mesmo Christo nascido no Presepio. Morreu, emfim, S. Gonçalo, entregando a alma nas mãos da Rainha dos Anjos, de que foi devotissimo, e se achou presente a seu felicissimo transito; e tanto que expirou se ouviu no ar uma voz que dizia: Ide todos ao enterro do santo. Concorreram todos, e o leito em que acharam defuncto o sagrado corpo, foi deitado no chão sobre umas palhas. Assim acabou na morte, imitando a Christo nascido no Presepio, quem assim desde seu nascimento tinha imitado a Christo morto na cruz. O' ditoso nascer, e ditoso morrer! O' ditoso começar, e ditosissimo acabar! Este foi o ultimo exemplo que S. Gonçalo deixou ao mundo, e com que deixou o mundo, que todos tambem havemos de deixar. E pois o não imitamos no nascimento, ao menos comecemos desde este dia seu a o imitar na morte, trazendo sempre diante dos olhos o fim da vida, para que por seus merecimentos e intercessão consigamos a vida sem fim. Amen.

SERMÃO

DE

S. SEBASTIÃO*

Beati pauperes: quia vestrum est regnum Dei. Beati qui nunc esuritis: quia saturabimini. Beati qui nunc fletis: quia ridebitis. Beati eritis cum vos oderint homines. [1]

Cuidam os que peior conceito fazem do mundo (e assim o cuidava tambem eu) que só no céu ha bemaventurados. Mas hoje nos desengana Christo no Evangelho, que tambem ha bemaventurados na terra. No céu não ha pobreza; e são bemaventurados os pobres: *Beati pauperes.* No céu não ha lagrimas; e são bemaventurados os que choram: *Beati qui lugent.* No céu não ha fome, nem sede; e são bemaventurados os que a padecem: *Beati qui nunc esuritis.* No céu não ha odios, nem perseguições; e são bemaventurados os perseguidos e os aborrecidos: *Beati eritis cùm vos oderint homines.* E como a terra seja o hospital da pobreza, o valle das lagrimas, o deserto da fome, e a patria do odio e perseguição, bem clara fica a consequencia, ou demonstração evangelica, que tambem ha bemaventurados na terra. Os corpos dos bemaventurados do céu teem quatro dotes gloriosos; os espi-

---

* Este sermão é um pequeno panegyrico de S. Sebastião, pregado por Vieira, aos 26 annos d'idade, na igreja de Acupe, Termo da Bahia, no anno de 1684. O seu estylo é claro, figurado e elegante, qualidades oratorias que Vieira conservou sempre, nos 60 annos em que pregou. O assumpto d'este sermão parece allusivo á historia d'el-rei D. Sebastião, o "Encoberto„.

[1] *Luc.*, VI, 20.

ritos dos bemaventurados da terra teem outros quatro dotes, que, ainda que o mundo lhes não chame de gloria, não são menos para gloriar. A pobreza, que nos allivia do pezo e embaraço das coisas da terra, responde ao dote da agilidade: *Beati pauperes.* As lagrimas, que entre as sombras da tristeza são os claros do allivio e consolação, respondem ao dote da claridade: *Beati qui lugent.* A fome e sede que attenua e adelgaça a quantidade grosseira do corpo responde ao dote da subtileza: *Beati qui nunc esuritis.* A paciencia generosa, com que os odios e perseguições se fazem menos sensiveis, responde ao dote da impassibilidade: *Beati estis cum vos oderint homines.* Tão parecidos são como isto os espiritos bemaventurados da terra com os corpos bemaventurados do céu!

Mas entre esta similhança tão grande perguntará com razão alguem: em que se differença esta bemaventurança daquella bemaventurança; em que se distinguem estes bemaventurados daquelles bemaventurados? E' tão grande a distancia e a differença, que vae e chega do céu á terra. A bemaventurança do céu é bemaventurança descoberta e visivel; a bemaventurança da terra é bemaventurança invisivel e encoberta. A do céu é visivel e descoberta entre os resplandores da gloria; a da terra é invisivel e encoberta debaixo dos accidentes da pena: segue uma e outra bemaventurança as condições e estados do seu objecto. O objecto da bemaventurança é Deus; mas Deus no céu é descoberto á vista, e Deus na terra é encoberto á fé. Que muito logo que uma e outra bemaventurança, conformando-se com o seu objecto, e retratando-se nelle, no céu seja bemaventurança descoberta e visivel, e na terra bemaventurança invisivel e encoberta? Encoberta debaixo dos trajes vis da pobreza: *Beati pauperes;* encoberta debaixo das nuvens tristes das lagrimas: *Beati qui lugent:* encoberta debaixo dos horrores macilentos da fome: *Beati qui nunc esuritis;* e encoberta debaixo dos eclipses escuros do odio: *Beati eritis cum vos oderint homines.* Assim andam neste mundo encobertos os bemaventurados; e assim viveu, quando vivia nelle, aquelle grande bemaventurado, e aquelle famoso encoberto, cujas saudosas e gloriosas memorias hoje celebramos, o illustrissimo e invictissimo confessor de Christo, S. Sebastião. O' divino bemaventurado! O' divino encoberto! No céu vos celebra a

Igreja triumphante descobertamente bemaventurado; na terra vos festeja a Igreja militante bemaventurado, mas encoberto: assim vos chamo, e assim vos devo chamar, porque assim vos descreve, e assim vos pinta hoje o Evangelho, encoberto com quatro disfarces, mas todos quatro de bemaventurança, e de bemaventurado: *Beati pauperes: Beati qui lugent: Beati qui nunc esuritis: Beati eritis cum vos oderint homines.* Supposto este fundamento do Evangelho, resumindo o meu discurso só a duas palavras, todo o assumpto delle será este: *Sebastião o Encoberto.* Para sahir bem de tão antigo e tão novo assumpto, não poderá ser sem muita assistencia da graça. *Ave Maria.*

De quatro maneiras encobertos nos representa o Evangelho aos bemaventurados: e em outras quatro considerações (se bem o advertirmos) foi S. Sebastião o encoberto: encoberto na vida, e encoberto na morte: encoberto na fé, e encoberto nas obras: e a estas duas combinações de encobrir reduziremos toda a prova do nosso assumpto. Foi S. Sebastião encoberto na vida, e encoberto na morte: porque? Porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte; e encobriu a apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Foi tambem S. Sebastião encoberto na fé, e encoberto nas obras: porque? Porque encobriu a verdade da fé com a politica das obras; e encobriu a politica das obras com a dissimulação da fé. Assim como a Igreja nos deu o assumpto no Evangelho, que é a primeira fonte da verdade, assim nos ha de dar prova nas Lições que reza do santo, que é a segunda.

Primeiramente foi S. Sebastião o encoberto, porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte. São palavras formaes do Texto ecclesiastico da sua historia: *Quem omnium opinione mortuum, noctu sancta mulier Irene sepeliendi gratia jussit auferri; sed vivum repertur domi suæ curavit: et paulò post confirmata valetudine.* O' milagre! O' maravilha da Providencia divina! Na opinião de todos era Sebastião morto: *omnium opinione mortuum;* mas na verdade e na realidade estava Sebastião vivo: *vivum repertum:* ferido sim, e mal ferido; mas depois das feridas curado: *Irene domi suæ curavit:* deixado

sim por morto de dia na campanha; mas de noite retirado della: *noctu jussit auferri:* com vozes sim de sepultura e de sepultado: *sepeliendi gratia;* mas vivo, são, valente, e tão forte como de antes era: *confirmata valetudine.* Assim sahiu Sebastião daquella batalha, e assim foi achado depois della: na opinião morto, mas na realidade vivo: *opinione mortuum, vivum repertum.* Atam a Sebastião a um tronco (escusada diligencia para quem estava mais atado a Christo, mais prezo na sua fé, e mais seguro na sua constancia), voam as settas, empregam-se os tiros, despejam-se as aljavas, desapparece o corpo, pregam-se já umas settas em outras settas: quem não crerá que está morto Sebastião? Assim o creem os barbaros, que já se retiram; assim o crê o tyranno, que já está satisfeito; assim o choram os amigos; assim o lamenta a Igreja: assim o geme e suspira a Christandade: mas que importa que Sebastião esteja morto na opinião, se estava vivo na realidade? Isto é ser Sebastião o encoberto: porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte: *opinione mortuum, vivum repertum.*

Foi levada a Jacob a tunica de seu filho José, envolta falsamente no sangue supposto: e que fez Jacob tanto que a viu? Resolve-se, sem mais inquirição, que José era morto; assenta comsigo que uma fera o matara; e porque não apparece morto nem vivo, accrescenta, que tambem a fera o comêra e engulira: *Fera pessima comedit eum, bestia devoravit Joseph.* [1] A esta resolução seguiram-se os nojos, lutos, as lagrimas, os suspiros, as lamentações perpetuas, sem bastar um anno, nem muitos annos, para que Jacob admittisse allivio á sua pena, nem consolação á sua dôr: *Scissisque vestibus, indutus est cilicio, lugens filium suum multo tempore, et noluit consolationem accipere.* [2] O', como é certo que ha homens cegamente credulos contra si mesmos! Basta que assim se ha de crêr, e assim se ha de assentar por certa uma tamanha nova? Vinde cá, Jacob, quem vos trouxe essa tunica ensanguentada, disse-vos que o sangue era de Jacob? Não. Ha alguem que o visse matar; ha alguem que o visse comer, ha alguem que o visse engulir? Pois

[1] *Gen.*, XXXVII, 33.
[2] *Ibid.*, 34.

como assim assentaes tão apressada e precipitadamente, que José é morto? Mas não quero argumentar contra a vossa piedade, como pae, senão contra a vossa pouca fé como justo.

Não sabeis vós que está prophetisado a José, que o ha de adorar o sol, a lua, e as estrellas? Não sois vós o mesmo que interpretastes a prophecia? Não sois o mesmo que entendestes e dissestes que seu pae, sua mãe, e que seus irmãos o haviam de adorar? Pois se ainda não está cumprida esta adoração, como crêdes que é, ou póde ser morto José? Não é razão, que se dê mais credito á fé, que á vista? Não é razão, que se creia mais a prophecia que a tunica? E' verdade que tendes essa tunica ensanguentada nas mãos; mas *vide utrùm tunica filii tui sit, an non.* [1] Vêde bem se é mortalha de defunto, ou se póde ser tunica de vivo; vêde bem se esse sangue é vosso e seu, ou se póde ser alheio; tomae exemplo vós no successo de vosso pae.

Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho Isaac, pae de Jacob; levou Isaac a lenha, Abrahão o fogo e a espada; compoz o altar, atou a victima, levantou o golpe: tudo verdade infallivel: mas se alguem neste passo, movido de piedade, afastasse os olhos, e visse d'ahi a um pouco que depois de arder a victima ficavam sobre o altar aquellas cinzas, que havia de cuidar? Havia de cuidar que eram as cinzas de Isaac, e que alli acabára o mallogrado moço: e que aquelle mesmo tumulo, que tinha sido o altar de seu sacrificio, era a sua sepultura. Esta havia de ser a opinião: mas não era esta a realidade, porque o venturoso Isaac no mesmo tempo estava livre, vivo e alegre, e com as esperanças confirmadas de se haverem de cumprir nelle todas as promessas de Deus feitas a seu pae e á sua casa. Pois se assim se podem enganar os juizos dos homens; se assim se equivoca a morte com a vida em um só abrir e fechar de olhos; se as cinzas, que pareciam de Isaac, eram do cordeiro; sobre tudo, se assim acode Deus pela verdade de suas promessas; porque não crerá vossa fé, Jacob, que póde ter succedido a José, ainda que tivesse algum perigo, o que succedeu a Isaac? Se as cinzas de um bruto se não distinguem das de Isaac, quem vos disse a vós que

[1] *Ibid.*, 32.

esse sangue que cuidaes ser de José, não será tambem de outro bruto? Todos estes motivos, tão fortes e tão bem fundados, tinha Jacob para não crêr que José fosse morto; mas nem razões, nem conveniencias, nem prophecias, nem exemplos, nem coisa alguma do mundo era bastante para alliviar um momento de sua tristeza: nem a o persuadir ou alentar, a que admittisse alguma melhor esperança. Tão certo, tão firme, tão desenganado estava de que José era morto: esta era a opinião, vamos agora á realidade. O' quão admiraveis são os juizos e traças de Deus em homens fataes, que elle escolheu para coisas grandes!

No mesmo tempo em que isto se passava em Canaan, estava José no Egypto não só vivo, mas são, e muito bem disposto, mas com successão muito copiosa para herdeiros de sua fortuna; e com uma fortuna tão notavel, que era absoluto senhor de todo o Egypto: *Absque tuo imperio non movebit quisquam manum aut pedem in omni terra Ægypti:* [1] é verdade que foi José prezo e encarcerado: *miseruntque eum in cisternam veterem:* [2] é verdade que foi vendido: *vendiderunt eum Ismaelitis:* [3] é verdade que tractaram de o matar: *cogitaverunt illum occidere:* [4] é verdade que o despojaram da purpura: *nudaverunt eum tunica talari, et polymita.* Mas como Deus o tinha escolhido e reservado para restaurador do mundo: *Vocavit eum lingua ægyptiaca, salvatorem mundi:* o mesmo Deus o libertou das prisões: o mesmo Deus o resgatou da venda: o mesmo Deus o libertou da servidão: o mesmo Deus o revestiu de outra melhor purpura: *Vestivit eum stola byssina, et collo torquem auream circumposuit:* o mesmo Deus o levantou ao throno de Pharaõ com magestade e poder universal: *Constitui te super omnem terram Ægypti*, para ser adorado, para ser reverenciado, e para ser conhecido e obedecido de todos: *ut omnes coram eo genefluctterent, et propositum esse scirent universæ terræ.* Eis-aqui quão differente era a opinião, e quão diversa a realidade a respeito da vida e morte de José: mas como a Providencia Divina tinha determinado

---

[1] *Gen.*, XLI, 44.
[2] *Ibid.*, XXXVI, 24.
[3] *Ibid.*, 28.
[4] *Ibid.*, 18.

que elle estivesse tantos annos encoberto, sem saberem delle os de sua casa, nem os de sua nação, occulta-se a realidade da vida debaixo da opinião da morte, que é o que succedeu hoje ao nosso encoberto.

Mais maravilhosamente foi encoberto Sebastião, que José; porque em José estava a opinião em Canaam, e a realidade no Egypto. Em Sebastião não assim. A opinião e a realidade, tudo estava na mesma Roma: dentro em Roma encobria Sebastião a realidade de vivo com a opinião de morto. Na opinião de Irene e na de Diocleciano estava morto; mas em si mesmo estava vivo. Houve aqui, sem resurreição, a mesma maravilha da Resurreição de Christo. No mesmo horto do Sepulchro fallava Christo com a Magdalena: no mesmo caminho de Emmaüs fallava Christo com os dois Discipulos: e bastava um disfarce de hortelão, ou de peregrino, para que em Christo se encobrisse a realidade de vivo, e na Magdalena e nos Discipulos se continuasse a opinião de morto. Tambem estes tinham prophecias bem claras; mas eram incredulos. Onde está, ó incredulos, a memoria dos tres dias de Jonas, que ainda não são passados? Quando os marinheiros de Joppe viram a Jonas engulido da baleia, e a baleia sorvida no mar sem apparecer, deram todos a Jonas por morto; mas que importava que Jonas estivesse morto no conceito dos homens, se elle estava vivo (ainda que encoberto) no ventre da baleia? Que coisa era aquella grande baleia no meio do mar, senão uma ilha errante, em que ninguem podia tomar porto, que já apparecia, já desapparecia? Mas encoberto Jonas nesta ilha encoberta, por mais que a opinião o tenha por morto, como passarem os dias e as noites da prophecia de Christo, elle desembarcará vivo, e com assombro, nas praias de Ninive. Assim appareceu Sebastião ao imperador Diocleciano, como diz admiravelmente o nosso Texto: *Cujus aspectu cum ille primum obstupuisset, quod mortuum crederet.* Ficou pasmado e assombrado Diocleciano, quando viu diante de si vivo a Sebastião, a quem elle tinha por morto: mas isso mesmo foi ser Sebastião o verdadeiro encoberto, pois nos olhos do imperador do mundo, e nos do mesmo mundo pôde encobrir a realidade da vida debaixo da opinião da morte: *Opinione mortuum, vivum repertum.*

Assim como S. Sebastião encobriu a realidade da

vida debaixo da opinião da morte, assim encobriu tambem a apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Mas vejo que antes de provar esta proposição, me estão reprovando e impugnando com o meu Texto: *Rei novitate, et acri Sebastiani reprehensione Diocletianus escandescens, eum tamdiu virgis cædi imperavit, donec animam Deo redderet.* Assombrado Diocleciano com a novidade da primeira maravilha, e enfurecido da constancia, zelo e liberdade com que Sebastião o reprehendia, mandou de tal maneira continuassem os verdugos em o atormentar e ferir, não já de longe com settas, senão de perto, e aos braços com crueis açoites, que não parassem, nem desistissem do tormento, até que nelle désse a vida: e assim se executou. Pois a esta morte tão continuada e tão repetida, a esta morte tão cruel, a esta morte tão tormentosa, a esta morte tão conhecida, e tão verdadeiramente morte, chamo eu apparencia da morte; e não só apparencia da morte, senão apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Isto é morte na apparencia, e isto é vida na realidade? Sim. Esta é a excellencia da morte de quem morre em Deus, e por Deus, e para Deus. As outras mortes são descobertamente o que parecem: parecem mortes, e são mortes: a morte do que morre por Deus, e para Deus, não é o que parece, é uma apparencia de morte debaixo da realidade da vida. Diz o Sabio que os justos quando passam desta vida, por mais tormentos que padeçam, nenhum para elles é mortal: *Non tanget illos tormentum mortis.* E porque a novidade desta sentença parece ter contra si o testemunho de todos os olhos do mundo, que vêem morrer os justos nos tormentos, acode a esta objecção com outra sentença mais notavel: *Visi sunt oculis insipientium mori.* E' verdade (diz o Sabio) que muitos olhos podem testemunhar que viram, e vêem morrer os justos: mas esses olhos são os dos nescios: ainda que sejam testemunhas de vista, não valem testemunha. Entre os olhos dos nescios, e os olhos dos sabios ha grande differença: os olhos dos nescios, como param na superficie, vêem só as apparencias: os olhos dos sabios como penetram o interior das coisas, vêem as realidades. E como naquelles que morrem por Deus está encoberta a realidade da vida debaixo das apparencias da morte, por isso os nescios que só vêem as apparencias, presumem nelles a morte;

Visi sunt oculis insipientium mori. E os sabios, que penetram as realidades, reconhecem nelles sempre a vida: *Non tanget illos tormentum mortis:* e senão, oiçamos a um sabio *Mortui estis, sed vita vestra abscondita est in Christo cum Deo.* Estaes mortos (diz S. Paulo) mas a vossa vida está escondida em Christo com Deus. Glorioso Apostolo, explicae os termos desta postilla, que parecem implicados. A vida, ainda que seja escondida, tambem é vida; posto que ha poucos viventes que a queiram esconder, e esconder-se. Logo se estes com quem fallaes teem vida, como lhes chamaes mortos: *Mortui estis?* E se são mortos, como affirmaes que teem vida: *sed vita vestra abscondita est?* Nas primeiras palavras fallou S. Paulo pela nossa linguagem, e nas segundas pela sua: e conforme estas duas linguagens, eram aquelles com quem S. Paulo fallava, juntamente mortos e vivos. Para os nescios qu vêem as coisas por fóra, eram mortos na apparencia; para os sabios, que vêem as coisas por dentro, eram vivos na realidade: mas essa vida (diz o grande Apostolo) estava escondida em Christo: *sed vita vestra abscondita est in Christo;* porque os que morrem por Christo, e para Christo, teem escondida, e encoberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte.

Mandou o tyranno imperador que atormentassem a Sebastião, até que morresse: enganou-se o barbaro; porque para os que dão a vida por Christo, não ha tormento que chegue a matar: *Non tanget illos tormentum mortis.* Obedeceram os algozes furiosamente, e quando viram expirar a Sebastião, tiveram-no por morto: mas tambem se enganaram os nescios; porque os que dão a vida por Christo, só nos olhos dos nescios podem morrer: *Visi sunt oculis insipientium mori.* E assim no mesmo theatro aonde Sebastião despido, chagado, envolto em seu sangue, parecia que estava morto, ahi mesmo perseverava, ahi mesmo se conservava, e ahi mesmo triumphava vivo. Porque, como milagroso encoberto na vida e na morte, debaixo da apparencia da morte encobria a realidade da vida: *Donec animam Deo redderet.*

Notavel argumento foi aquelle de Christo contra os Sadduceos. *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Ja-*

cob, non est Deus mortuorum, sed viventium. [1] Deus é Deus de Abrahão, Deus de Isaac, Deus de Jacob; logo não é Deus dos mortos, senão dos vivos. Antes destas premissas, Mestre Divino, parece que se segue e se prova o contrario. Abrahão não morreu? Sim. Isaac não morreu? Sim. Jacob não morreu? Sim. Logo se Deus o é de Abrahão, de Isaac, e de Jacob, segue-se que Deus é Deus de mortos. Não se segue senão que Deus é Deus de vivos; porque os santos como Abrahão, Isaac, e Jacob, que vivem com Deus, e morrem para Deus, só passam pela morte na apparencia, e sempre conservam a vida na realidade. Na apparencia para os olhos da carne são mortos: na realidade para os olhos do espirito são vivos: *Non est Deus mortuorum, sed viventium.* Esta foi a razão altissima, porque dobrando Deus a Job na segunda fortuna tudo o que tinha perdido, lhe não dobrou os filhos: pois se Deus premeia a paciencia e constancia de Job com lhe restituir em dobro a fazenda, os gados, os escravos e criados; os filhos, que era o que mais estimava, porque lh'os não dá tambem em dobro? Porque Deus não dobrou a Job senão o que tinha perdido, e que lhe tinham morto os inimigos: e os olhos de Job nem elle os perdeu, nem lh'os mataram. E' verdade que os mensageiros lhe vieram dizer que todos ficaram mortos: mas Deus em lh'os não restituir, quiz dar-lhe um seguro de que estavam vivos. Se morreram fóra da graça e serviço de Deus, então era verdade certa e triste em todo o sentido, que estavam mortos; mas como tinham passado da vida como verdadeiros filhos de tão grande servo de Deus como Job: ainda que debaixo da ruina da casa pereceram mortos na apparencia, ficaram sempre vivos na realidade. E se os que morrem em Deus, e para Deus, não passam mais que pelas apparencias da morte, conservando sempre as realidades da vida; que direi de Sebastião, aquelle fidelissimo e animosissimo servo, que não só acabou a vida em Deus e para Deus, senão á força de tantos, tão exquisitos e tão repetidos tormentos a deu por Deus? Não deixou a vida a Sebastião no fim de seus annos, como deixou a Abrahão, Isaac e Jacob; não lhe cortou o fio da vida um caso inopinado, como aos

[1] *Math.*, XXII, 32.

filhos de Job; mas elle a deu voluntariamente, quando mais inteira; elle a deixou cortar por Deus, quando mais florida. Por isso, meu invictissimo encoberto, por mais que Diocleciano vos mande matar, por mais que os algozes vos deixem por morto, por mais que Irene vos queira sepultar, por mais que vós mesmo reveleis o logar de vosso sepulchro, e por mais que vossas reliquias, como despojos da morte, estejam repartidas pelo mesmo: eu comtudo vos reconheço vivo, vos confesso vivo, vos reverenceio vivo, e espero de vós favores como de vivo: porque debaixo destas apparencias da morte conservaes e encobris a realidade da vida: *Tamdiu virgis cædi imperavit, donec animam Deo redderet.*

Passando brevemente á segunda combinação do nosso assumpto, foi tambem Sebastião encoberto na fé e encoberto nas obras: porque (como diziamos) encobriu a verdade da fé com a politica das obras; e encobriu a politica das obras com a dissimulação da fé: *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat* (diz o nosso Texto); onde se devem notar muito aquellas palavras, *quorum fidem clam colebat.* Era chrisião, mas christão encoberto: e como era encoberto sendo christão? Encobrindo a verdade da fé debaixo da politica das obras: tudo é do mesmo Texto: *Diocletiano charus, dux primæ cohortis, christianos, quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat.* O' que grande christão por dentro, ó que grande politico por fóra! Sebastião visto por fóra e entendido por dentro: uma coisa era o que era, e outra coisa era o que parecia; parecia um cortezão do palacio da terra, e era um peregrino da côrte do céu: parecia um capitão que militava debaixo das aguias romanas, e era um soldado que servia debaixo da bandeira da cruz: parecia um grande privado de Diocleciano, e era o maior confidente de Christo. Sua fortuna, seu habito e trajo, seu nome, tudo era supposto: o nome era ironia. Debaixo do nome de Sebastião (que significava Augusto) encobria o principe a quem servia: debaixo das armas e do bastão encobria a milicia que professava: debaixo da privança e graça do imperador encobria a graça de Christo, de que só vivia. Toda a sua vida era uma dissimulação da vista, toda era um enigma da opinião, e toda era uma metaphora do que não era: porque pa-

recendo que toda se empregava em dar a Cezar o que era de Cezar, só dava a Deus o que era de Deus. Assim servia Sebastião encoberto a Christo, porque entendia (e cuidava bem) que o servia mais encoberto, que declarado.

Expira Christo na cruz em summo desamparo; deixam-no morto até os mesmos que lhe tiraram a vida; não ha quem o desça daquelle madeiro; não ha donde lhe venha uma mortalha; e até a terra lhe falta para o sepultar. Eis que apparecem personagens dos mais auctorisados de Jérusalem, com hollandas, com aromas, e, o que mais é, com licença de Pilatos para aquelles piedosos officios. Mas quem eram estes dois homens? Eram José e Nicodemus, dois discipulos nobres da escóla de Christo. Pois não tem Christo nos seus trabalhos, nem acha nos seus desamparos outros discipulos que o sirvam e soccorram, senão José e Nicodemus? Onde estão os Pedros, onde estão os Andrés, onde estão os Jacobos, onde estão os Filippes e os Bartholomeus? João bem sabemos que está presente; mas ainda que tomou á sua conta a Mãe, nenhuma diligencia fez para o Filho defuncto. Pois se estes Discipulos, tão antigos, tão obrigados, e tão frequentes da escóla de Christo, o deixam e desamparam todos; porque só se atrevem a o buscar, a o servir, e a o venerar José e Nicodemus? Porque os outros eram discipulos declarados, José e Nicodemus eram discipulos encobertos. Assim o notou e ponderou o Evangelista São João neste mesmo logar: *Joseph ab Arimathæa discipulus Jesu occultus propter metum Judæorum et Nicodemus, qui venit ad Jesum nocte.* [1] Eram José e Nicodemus, discipulos encobertos de Christo, e nos trabalhos de Christo e da Christandade (que é o seu corpo mystico desamparado na cruz) são-lhe de maior importancia e de maior serviço os amigos encobertos, que os amigos declarados: porque os declarados, ainda que desejem egualmente, porque são amigos; os encobertos podem mais, porque não são suspeitosos. Ninguem era mais amigo, nem ainda mais animoso que João; mas João não se atreveu a procurar a licença de Pilatos, como José;

[1] *Joan.*, XIX, 32.

porque em João a fé e a amizade declarada era suspeitosa, e em José a fé e a amizade encoberta era effectiva. Esta é a razão porque sendo São Sebastião tão fino e tão fiel chistão, e tão amigo de Christo, encobria comtudo com divina politica a sua fé, para a poder melhor empregar nas obras. Se Sebastião se declarára professor de Christo, publicava a fé, e perdia as obras: e como importava mais á Christandade o soccorro de suas obras, que a publicidade de sua fé, por isso com maiores quilates de christão encobria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera, et facultatibus adjuvabat.*

Quem não sabe aquella notavel resolução de David, quando se rebellou contra elle Absalão? O maior confidente e o mais fiel amigo que então tinha David para o acompanhar e servir em toda a fortuna, era Chusay; mas agradecendo-lhe a vontade, e não lhe aceitando a companhia, manda-o que se vá metter com Absalão, que o sirva em todos os postos que occupar, e que aceite qualquer logar que lhe der em sua casa, que, segundo a qualidade de Chusay, não podia ser senão muito grande. Pois, David, fugitivo e perseguido rei, que conselho é este vosso? Agora que todo Israël segue a Absalão, agora que todos vos deixam, e adoram o sol que nasce; a um só amigo que se acosta á vossa fortuna, ao maior homem e de maior valor e juizo que tendes, tirail-o de vós, e mandail-o metter em casa, e no serviço de vosso inimigo? Sim. E foi a mais bem entendida acção que nunca fez David: porque muito maiores serviços lhe podia fazer a fé de Chusay encoberta em casa de seu inimigo, do que a fé do mesmo Chusay declarada em sua propria casa: e assim foi, porque não obrou menos este confidente de David admittido á graça e serviço de Absalão, que tirar a corôa da cabeça a Absalão, e tornal-a a pôr na cabeça de David.

Quem é David, senão Christo? Quem é Absalão, senão Diocleciano? Quem é Chusay, senão Sebastião? Mette Christo a Sebastião, seu maior confidente, em casa de Diocleciano, seu inimigo, para que alli obre a sua fé encoberta muito mais do que pudéra fazer fóra d'alli declarada. D'alli encoberto ajudava aos Christãos, d'alli encoberto os defendia, d'alli encoberto os exhortava e sustentava na confissão constante de Christo; e desta maneira não sendo christão decla-

rado para os Gentios, era chistão mais effectivo para os Christãos, porque encobria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera, et facultatibus adjuvabat.*

Agora restava mostrar como encobriu o nosso Encoberto a mesma politica de suas obras debaixo da dissimulação da sua fé, sendo as obras da fé de Christo, que exercitava no secreto, contra a fé do imperador, que professava no publico; concordando as cautelas de politico com a sinceridade christã; servindo no mesmo tempo a dois senhores encontrados; e sendo homem de duas fés, sem ser infiel a nenhuma dellas. Mas porque nos falta o tempo (que sempre é forçoso faltar, onde o sugeito é maior que tudo o que se póde dizer) já que não posso continuar louvando, quero acabar pedindo.

Divino Sebastião encoberto, bemaventurado na terra, e descoberto defensor que sempre fostes deste reino no céu: ponde lá de cima os olhos nelle, e vêde o que não poderá vêr sem piedade, quem está vendo a Deus: vereis pobrezas e miserias, que se não remedeiam; vereis lagrimas e afflicções, que se não consolam; vereis fomes e cubiças, que se não fartam: vereis odios e desuniões, que se não pacificam. O' como serão ditosos e remediados os pobres, se vós lhes acudirdes: *Beati pauperes!* O' como serão ditosos e alliviados os afflictos, se vós os consolardes: *Beati qui lugent!* O' como serão ditosos e satisfeitos os famintos, se vós os enriquecerdes: *Beati qui nunc esuritis!* O' como serão contentes os odiados e desunidos, se vós os concordardes: *Beati estis cum vos oderint homines!* Desta maneira, Santo glorioso, por meio de vosso amparo conseguiremos a bemaventurança encoberta desta vida, até que por meio da vossa intercessão alcancemos a bemaventurança descoberta da outra: *Ad quam nos perducat, etc.*

SERMÃO

DE

S. PEDRO NOLASCO*

Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis? [1]

I

Estas duas clausulas de S. Pedro — deixar e seguir — são os dois polos da virtude, são o corpo e alma da santidade, são as duas partes de que se compõe toda a perfeição evangelica. A primeira, deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia:* a segunda, seguir a Christo: *et secuti sumus te.*

Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo christão, acharemos nelle quatro differenças de homens, em que este deixar e seguir do Evangelho está variamente complicado. Ha uns, que nem deixam, nem seguem: ha outros, que deixam, mas não seguem: outros que seguem, mas não deixam; outros que deixam e juntamente seguem. Não deixar, nem seguir, é miseria: deixar e não seguir, é fraqueza: seguir e não deixar, é desengano: deixar e seguir, é perfeição. Em nenhum destes quatro predicamentos entram os homens do mundo, ainda que sejam christãos: porque nenhum delles professa deixar e seguir. A sua profissão é obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo. Os que

---

* Foi este Sermão prégado no dia de S. Pedro Nolasco, em que se dedicou, em S. Luiz do Maranhão, com o Santissimo Exposto, na igreja de Nossa Senhora das Mercês. E' um panegyrico muita caracteristico e excessivamente admiravel em toda a sua argumentação. Engenhosamente, com um grande artificio oratorio, passa o orador por duas vezes a fallar do Sacramento.

[1] *Math.* XIX.

sómente professam deixar e seguir, somos todos os que temos nome de Religiosos. E para que cada um conheça em que predicamento destes está, e a qual pertence, se ao da miseria, se ao da fraqueza, se ao do desengano, se ao da perfeição; será bem que declaremos estes nomes, e que definamos estas differenças, e que saibamos quem são estes miseraveis, quem são estes fracos, quem são estes desenganados, e quem são estes perfeitos e santos.

Os miseraveis que não deixam nem seguem, são os que se mettem a Religiosos como a qualquer outro officio para viver. Fica no mundo um moço sem pae, mal herdado da fortuna, e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para cursar as lettras, sem talento, nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto: que faz? Entra-se em uma Religião das menos austeras, veste, come, canta, conversa, não o penhoram pela decima, nem o prendem para a fronteira, não tem coisa que lhe dê cuidado, nem elle o toma: emfim, é um Religioso de muito boa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal, nem deixa, nem segue. Não deixa, porque não tinha que deixar: não segue, porque não veiu seguir a Christo, veiu viver. Os fracos, que deixam e não seguem, são os que traz á Religião o nojo, o desar, a desgraça e não a vocação. Succede-lhe a um homem nobre e brioso sahir mal de um desafio; fazerem-lhe uma affronta que não póde vingar; negar-lhe el-rei o despacho e o agrado; não levar a beca ou a cadeira, ou o posto militar a que se oppoz, ou levar-lhe o competidor casamento em que tinha empenhado o tempo, o credito e o amor: enfadado da vida, e indignado da fortuna, entrega a sua casa a um irmão segundo, mette-se em uma Religião de repente; mas leva comsigo o mundo á Religião, porque olha para elle com dôr e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa, porque deixou o patrimonio e a fazenda: não segue, porque mais o trouxe e tem na Religião a affronta que recebeu no mundo, que o zelo, ou desejo de seguir e servir a Christo. Os desenganados que seguem, mas não deixam, são os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deus. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra, se acha ao cabo da vida carregado de annos, de serviços e de feridas sem

premio; e desenganado de quão ingrato e máu senhor é o mundo, querendo servir a quem melhor pague, e metter algum tempo entre a vida e a morte, troca o colete pelo saial, o tali pelo cordão, e a gola pelo capello, em uma Religião penitente, e não tendo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle peleja, a elle vence e triumpha. Este é o que não deixa, mas segue. Não deixa, porque não tinha que deixar, mais que os papeis, que queimou, que sempre foram cinza: e segue, porque já não conhece outra caixa, nem outra bandeira senão a voz de Christo e sua cruz. Finalmente os perfeitos e santos, que deixam e juntamente seguem, são os que chamados, e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição evangelica, imitam gloriosamente a S. Pedro e aos outros Apostolos, os quaes tudo o que tinham e tudo o que podiam ter, deixaram e renunciaram por Christo, e em tudo o que obraram e ensinaram, fizeram e padeceram, seguiram e imitaram a Christo. E por isso S. Pedro em nome de todos, e todos por bocca de S. Pedro, dizem hoje com tanta confiança, como verdade: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te.*

Estes são os quatro generos de homens que ha no mundo ou fóra do mundo, em que se vê variamente complicado, o deixar e seguir do Evangelho. Mas eu entre elles, ainda que vejo a S. Pedro Apostolo, não acho, nem posso descubrir a S. Pedro Nolasco. Que o não ache entre os miseraveis, claro se estava. Como havia de estar entre as infelicidades da miseria um santo tão dotado da natureza, tão favorecido da fortuna, e tão mimoso da graça? Que o não ache entre os fracos, tambem, e muito mais ainda. Como havia de estar entre os desmaios da fraqueza, um santo tão soldado, tão valente, tão animoso, tão resoluto, tão forte, tão constante, tão invencivel? Entre os desenganados cuidei que o poderia achar por seu entendimento, por seu juizo, por sua discrição, e pelo conhecimento e experiencia grande que tinha do mundo. Mas aquelle desengano, que descrevemos, era filho da necessidade, e não da virtude; e um achaque como este, não cabia na nobreza de seu coração. Porém que entre os perfeitos e os santos não ache eu a um tão grande santo? Que não esteja ao menos junto a S. Pedro, um Pedro tão parecido com elle? Isto é o que me admira e me admirou grandemente, em

quanto não conheci a causa. Mas porque ella ha de ser a materia do sermão, quero-a resumir em poucas palavras. Ainda que em tudo o mais, como já aqui vimos, foi tão parecido S. Pedro Nolasco a S. Pedro Apostolo; nos dois pontos de deixar e seguir ha grande differença de Pedro a Pedro. Porque? Porque S. Pedro Apostolo deixou, S. Pedro Nolasco fez mais que deixar: S. Pedro Apostolo seguiu, S. Pedro Nolasco fez mais que seguir. E como fez mais que deixar, e mais que seguir? Fez mais que deixar, porque professou pedir; e pedir é mais que deixar: fez mais que seguir, porque professou emparelhar, e emparelhar é mais que seguir. Sobre estes dois pontos faremos dois discursos, que eu desejo que sejam breves. Daeme attenção, e ajudae-me a pedir graça. *Ave Maria.*

II

Ecce nos reliquimus omnia.

Primeiramente digo que S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir. E é assim. A profissão de S. Pedro Nolasco, e da sagrada Religião das Mercês, é pedir esmolas pelos fieis, para com ellas remir os captivos que estão em terra de Mouros. E este pedir (ainda que não fôra para resgatar) é mais que deixar. O mesmo S. Pedro, e os outros Apostolos, quero que nos deem a prova. Chama Christo a S. Pedro e Santo André, deixam barcos e redes, e seguem a Christo. Chama Christo a S. João e Santiago, deixam barcos e redes, e a seu proprio pae, e seguem a Christo. Chama Christo a S. Matheus Publicano, deixa o Telonio, o dinheiro, os contractos, e segue a Christo: o mesmo fizeram os demais Apostolos, não havendo algum delles que dilatasse, nem por um só momento, o deixar tudo. Recebidos na escóla, e na familiaridade de Christo, passou um anno, passaram dois, passaram tres annos, e nenhum delles houve que em todo este tempo pedisse alguma coisa a Christo: até que o mesmo Senhor lh'o estranhou: *Usque modò non petistis quidquam:* [1] exhortando-os

[1] *Joan.*, XVI, 24.

a que pedissem confiadamente, porque tudo lhes seria concedido. Tres vezes leio no Evangelho, que exhortou Christo os Apostolos a pedir; mas ainda depois destas tão repetidas exhortações, não se lê no mesmo Evangelho que pedissem coisa alguma. Pois se Christo estranha aos Apostolos o não pedirem, e os exhorta tantas vezes a pedir; porque não pedem? E se para deixarem tudo quanto tinham, bastou só uma palavra de Christo, ou não foi necessaria uma palavra sua (porque Christo não lhes disse que deixassem o que tinham, quando o deixaram) porque não bastam tantas exhortações, porque não bastam tantos avisos, porque não basta tanta familiaridade para pedirem? Porque tanta differença vae de deixar a pedir. Para deixarem tudo, bastou o primeiro momento da vista de Christo: para pedirem alguma coisa, não bastaram tres annos de familiaridade de Christo: para deixarem, não foi necessario que Christo os mandasse deixar: para pedirem, não bastou que Christo os mandasse pedir.

Viu-se isto ainda melhor entre os doze, nos dois que se mostraram mais ambiciosos. Affectaram S. João e Santiago as duas cadeiras da mão direita e esquerda; mas não se atreveram elles a pedil-as: metteram por terceira a mãe, para que fizesse este requerimento. Pergunto: porque não pediram por si mesmo estes dois Discipulos, pois tinham tantas razões que os animassem a o fazer? A primeira seja, que elles tinham deixado por Christo mais que todos, porque os outros Apostolos deixaram as redes, que era o officio, e S. João e Santiago deixaram as redes, que era o officio, e deixaram o pae, que era o amor: *Relictis retibus, et patre*, nota o Evangelista. [1] Demais disso eram parentes muito chegados de Christo, e tinham as razões do sangue e tal sangue. Sobretudo, dos tres mais validos Apostolos, eram elles os dois, e S. João não só valido, senão conhecidamente o amado. Pois se tinham tantas razões de confiança estes dois Discipulos, porque se retiram, porque se encolhem, porque se não atrevem a pedir a Christo? Porque não ha coisa que tanto repugnem os homens, como o pedir. E' tal esta repugnancia, que nem o san-

[1] *Math.*, IV, 22.

gue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que é mais, a vence. Para não deixar o que deixaram, tinham estes dois irmãos as maiores repugnancias da natureza, que era o deixar paes e fazenda: para pedir o que desejavam, tinham as maiores confianças da natureza e da graça, que era o sangue e o favor: e que fizeram? Tendo as maiores repugnancias para não deixar, deixaram: e tendo as maiores confianças para pedir, não pediram. Tanto maior difficuldade é a do pedir, que a do deixar: tanto menor fineza é a do deixar que a do pedir. Deixar é grandeza, pedir é sujeição: deixar é desprezar, pedir é fazer-se desprezado: deixar é abrir as mãos proprias, pedir é beijar as alheias: deixar é comprar-se, porque quem deixa livra-se; pedir é vender-se, porque quem pede, captiva-se: deixar finalmente é acção de quem tem: pedir é acção de quem não tem; e tanto vae de pedir a deixar, quanto vae de não ter a ter. Mais fez logo neste caso, e mais fino e generoso andou com Christo S. Pedro Nolasco, que S. Pedro Apostolo, porque S. Pedro Apostolo deixou e professou deixar: S. Pedro Nolasco deixou, e professou pedir.

E se pedir, só por pedir, é maior acção que deixar: pedir para dar, e para dar em redempção de captivos (que são os fins deste glorioso pedir) quanto maior acção, e perfeição será? A regra de perfeição que Christo poz aos que quizessem ser seus discipulos, foi que vendessem o que tinham, e o dessem a pobres: *Si vis perfectus esse, vende quæ habes, et da pauperibus.* [1] Esta foi a primeira coisa que fez S. Pedro Nolasco. Vendeu todas as riquezas que possuia, como grande senhor que era no mundo, e deu o preço para redempção de captivos. Mas depois de se pôr neste gráu de perfeição, ainda subiu a professar outro mais alto, que foi não só dar o que tinha, senão pedir o que não tinha, para tambem o dar. Que dê um homem tudo o que tem, não o manda Christo, mas aconselha-o: porém, sobre dar o que tem, que peça ainda o que não tem para dar: isso nem o mandou Christo nunca, nem o aconselhou. Aconselhou que dessemos a quem nos pedisse: *Qui petit à te, da ei:* [2] mas que pedissemos para dar a outrem, parece

[1] *Math.*, XIX, 21.
[2] *Ibid.*, V, 42.

que não fiou tanto do valor humano. E isto é o que fez, e o que professou S. Pedro Nolasco, excedendo-se a si mesmo, e a todos os que deram a Deus, e por Deus, quanto tinham. Quem dá o que tem, dá a fazenda: quem pede para dar, dá o sangue, e o sangue mais honrado e mais sensitivo, que é o que sáe ás faces. Quem dá o que tem, póde dar o que vale pouco; mas quem dá o que pede, não póde dar senão o que custa muito; porque nenhuma coisa custa tanto como o pedir. A palavra mais dura de pronunciar, e que para sahir da bocca uma vez, se engole e afoga muitas, é, *Peço. Molestum verbum est, onerosum, et dimisso vultu dicendum, rogo*, diz Seneca; e accrescenta, que até aos deuses não pediriam os homens, se o não fizessem em secreto. O certo é que houve homem a quem Deus convidou e offereceu que pedisse: e respondeu: *Non petam.* [1] Considerae a que chegam muitas vezes os homens, por não chegar a pedir, e vereis, os que o não experimentastes, quando deve custar. Finalmente é sentença antiquissima de todos os sabios, que ninguem comprou mais caro que quem pediu: *Nulla res carius constat, quam quæ precibus empta est.* Quem para dar espera que lhe peçam, vende: e quem pede, para que lhe deem, compra, e pelo preço mais caro e mais custoso. Donde se infere claramente, que aos Religiosos da redempção dos captivos, mais lhes custam os resgates, que os resgatados; porque os resgatados compram-os dando; os resgates compram-os pedindo. Para comprar os resgatados, dão uma vez: para comprar os resgates, pedem muitas vezes. E se os Turcos cortam muito caros os resgates dos captivos, S. Pedro Nolasco ainda os cortou mais caros, porque os cortou a resgates pedidos e mendigados.

Sendo despojados de todos os seus bens os fieis da primitiva Igreja, na perseguição que se levantou contra elles em Jérusalem, depois da morte de S. Estevão, mandou S. Paulo a Corintho seu discipulo Tito, para que dos christãos d'aquella opulenta cidade recolhesse algumas esmolas (que depois se chamaram *collectas*) com as quaes fossem soccorridos os de Jérusalem. Exhortando pois o Apostolo aos Corinthios,

[1] *Isai.*, VII, 12.

para que ajudassem nesta obra de tanta piedade a Tito; propõe-lhes o exemplo de Christo, admiravel ao seu intento, e muito mais admiravel ao nosso, e diz assim: *Scitis enim gratiam Domini nostri, Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis.* [1] O original grego, em que foi escripta aquella Epistola, com maior expressão e energia, em logar de *egenus factus est*, tem, *mendicavit.* [2] E quer dizer o Apostolo: para que entendaes, ó Corinthios, quão gratas serão a Deus as esmolas que vae pedir Tito, lembrae-vos da graça que nos fez o mesmo Senhor, quando por amor de nós mendigou, para que nós fossemos ricos.

Isto posto, é questão entre os Theologos, se Christo foi tão pobre que chegasse a mendigar. [3] E parece que não; porque o Senhor até á edade de trinta annos, vivia do officio de S. José, e do trabalho de suas proprias mãos. Depois que sahiu em publico a prégar, era assistido, sem o pedir, das esmolas de pessoas devotas, das quaes sustentava todo o Collegio Apostolico, e não eram tão escassas estas esmolas, que não abrangessem tambem a outros pobres, e ainda á cubiça de Judas, como tudo consta do Evangelho. Esta é a opinião de muitos e graves Auctores. Outros porém teem por mais provavel, que Christo verdadeiramente mendigasse, não sempre, mas algumas vezes; e o provam com o logar do Psalmo: *Ego autem mendicus sum, et pauper:* [4] e com este de S. Paulo. Mas, ou o Senhor mendigasse por este modo, ou não; como o Apostolo diga, que mendigou, para com a sua mendiguez e pobreza enriquecer aos Corinthios, e a todos os homens: *Mendicavit, ut ejus inopia divites essetis.* Bem se vê que não é este o sentido daquellas grandes palavras, senão outro muito mais universal e mais sublime. Qual foi logo a mendiguez e o cabedal mendigado, com que o Filho de Deus, fazendo-se pobre, nos fez ricos? S. Gregorio Nazianzeno, e S. João Chrysostomo, os dois maiores lumes da theologia e eloquencia grega, e que por

---

[1] *2.ª ad Corinth.*, VIII, 9.
[2] Ita Suarez ex versione S. Basilii, et Cornel. ex vers. Erasmi.
[3] *D. Th. in 3. p. q. 40.*
[4] *Psal.*, XXXIX, 18.

isso podiam melhor penetrar a força e intelligencia do Texto escripto na sua lingua, dizem que fallou S. Paulo do mysterio altissimo da Redempção, e que o cabedal mendigado, com que o Filho de Deus nos enriqueceu, foi a carne e sangue, que mendigou da natureza humana, e deu e pagou na cruz pelo resgate do genero humano: *Nostræ salutis causa eo paupertatis devenit, ut corpus etiam acciperet:* diz Nazianzeno. E Chrysostomo ainda com maior expressão: *Ut ejus paupertate ditesceremus. Qua paupertate? Quia assumpsit carnem, et factus est homo, et passus ea, quæ passus.* Ora vêde.

Pelo peccado de Adão estava o genero humano captivo e pobre: como captivo gemia e padecia o captiveiro: como pobre não tinha cabedal para o resgate: e como a Justiça Divina tinha cortado o mesmo resgate, não em menor preço que o sangue de seu Unigenito Filho: que fez a immensa caridade deste Senhor? Aqui entra o *mendicavit.* Não tendo nem podendo ter, em quanto Deus, o preço decretado para a Redempção, mendigou da natureza humana a carne e sangue, que uniu á sua Pessoa divina: e por este modo, como altamente diz o Apostolo, nós que eramos captivos e pobres, com a pobreza e mendiguez de Christo ficámos ricos: *Ut ejus inopia divites essetis;* porque elle mendigando como pobre, teve com que ser Redemptor; e nós com este cabedal mendigado tivemos com que ser remidos. De maneira que na obra da Redempção, que foi a maior da caridade divina, não se contentou Deus com dar o que tinha, senão com mendigar o que não tinha, para tambem o dar. Deu a divindade, deu os attributos, deu a Pessoa, que é que o tinha; e mendigou a carne e sangue que não tinha, para o dar em preço da Redempção. E isto é o que diz S. Paulo: *Propter vos mendicavit, ut ejus inopia divites essetis.* Mas o que sobretudo se deve notar, é que a esta circumstancia de mendigar o preço do nosso resgate, chamou o Apostolo a graça e a excellencia do beneficio da Redempção: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam mendicavit.* Como se fizesse mais o Filho de Deus na circumstancia, que na obra, e mais no mendigar, que no remir. Para nos remir tinha a Divina Sabedoria e Omnipotencia muitos modos; mas quiz que fosse pelo preço de seu sangue: e sendo este preço por si mesmo

de valor infinito, para que fosse dobradamente precioso, quiz que sobre ser infinito, fosse mendigado: *Mendicavit.* Tão gloriosa acção é, e tão heroica, mendigar para remir. E tal foi a empreza e Instituto do S. Pedro Nolasco: ordenou que seus filhos professassem pobreza, e juntamente redempção de captivos. Para que? Para que pelo voto de pobreza deixassem tudo o que tinham, que é o que fez S. Pedro: e pelo voto da redempção mendigassem para ella o que não tinham, que é o que fez o Filho de Deus.

E porque nos não falte com o exemplo, como nos assiste com a presença o mesmo Redemptor Sacramentado, seja o divino Sacramento a ultima confirmação e clausula desta gloriosa fineza. Falla deste divino Sacramento, e tambem dos outros, Tertulliano, e diz assim profundamente: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris, nec aquam reprobavit, qua suos abluit: nec oleum, quo suos ungit, nec panem, quo ipsum Corpus suum repræsentat.* Em nenhuma parte é Christo mais liberal, que nos seus Sacramentos, e muito mais no maior de todos: alli está continuamente despendendo os thesouros de sua graça, e applicando-nos os effeitos da Redempção. Mas porque modo faz estas liberalidades Christo? Agora entra a profundidade de Tertulliano. Traz Christo estas liberalidades como Redemptor, pedindo primeiro esmola para ellas e mendigando-as de si mesmo como Creador: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* Deus Redemptor nos Sacramentos, faz-se mendigo de Deus Creador, e para nos applicar a redempção no Baptismo, pede primeiro esmola de agua: *Aquam qua suos abluit:* Para nos applicar a redempção na Unção, pede primeiro esmola de oleo: *Oleum, quo suos ungit:* para nos applicar a redempção na Eucharistia, pede primeiro esmola de pão: *Panem, quo corpus suum repræsentat.* De sorte, que é tão alta, tão soberana, tão grata, e tão preciosa obra diante de Deus o mendigar para remir, que não tendo Deus a quem pedir, nem de quem receber, fez distincção de si a si mesmo: de si em quanto Redemptor, a si mesmo em quanto Creador, e mendigando primeiro esmolas da natureza, como pobre, reparte dellas liberalidades, e liberdades de graça, como Redemptor: *In Sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* E se pedir, só por pedir, vale tanto, e pedir para remir vale tanto mais:

sem fazer aggravo a um Pedro, nem lisonja ao outro, podemos repetir e assentar o que dissemos: que fez mais S. Pedro Nolasco em pedir, que S. Pedro Apostolo em deixar: *Ecce nos reliquimus omnia.*

III

Desta primeira vantagem de S. Pedro Nolasco, comparado com S. Pedro Apostolo, se segue outra grande vantagem á sagrada Religião das Mercês, não comparada com as outras Religiões (como depois faremos) senão comparada comsigo mesma. E que vantagem é esta? Que por este liberalissimo modo de pedir, e por este nobilissimo modo de mendigar, ficaram os Religiosos das Mercês maiores redemptores do que pretenderam ser, e maiores do que se cuida que são. Porque não só são redemptores dos captivos que estão nas terras dos infieis; mas são tambem redemptores dos livres que estão nas terras dos christãos: não só redemptores na Africa, mas tambem redemptores na Europa, na Asia e na America. E isto como? Eu o direi. Os Religiosos deste sagrado Instituto não pedem esmolas em todas as terras de christãos, para irem resgatar os captivos nas terras dos infieis? Sim. Pois nas terras dos infieis são redemptores pelos resgates, que dão: e nas terras dos christãos são redemptores pelas esmolas que pedem. A esmola tem tanta valia diante de Deus, que é uma como segunda Redempção do captiveiro do peccado. Assim o prégou o Propheta Daniel a el-rei Nabucodonosor, aconselhando-o, que pois tinha a Deus offendido, remisse seus peccados com esmolas: *Peccata tua eleemosynis redime.* [1] No captiveiro do peccado estão os captivos atados a duas cadêas, uma da culpa, outra da pena; e é tal o valor da esmola, que não só os rime e livra da cadêa da pena, como obra penal e satisfatoria, que é, senão tambem da cadêa da culpa; ou formalmente, se vae informada, como deve ir, com acto de verdadeira caridade, ou quando menos dispositivamente, porque entre todas as obras humanas

[1] *Dan.*, IV, 24.

é a que mais dispõe a Misericordia Divina para a remissão do peccado. Assim o ensina a theologia, e o prégaram depois de Daniel todos os Padres. E como a esmola resgata do captiveiro do peccado a quem a dá por amor de Deus; e destas esmolas dadas e pedidas por amor de Deus fazem os Religiosos das Mercês os seus resgates, por meio das mesmas esmolas veem a ser duas vezes redemptores daquelles por quem as dão; e redemptores daquelles a quem as pedem. Redemptores daquelles por quem as dão, que são os christãos de Berberia, a quem livram do captiveiro dos infieis; e redemptores daquelles a quem as pedem, que são os fieis de todas as partes do mundo, a quem por meio das suas esmolas livram do captiveiro do peccado: *Peccata tua eleemosynis redime.*

E é muito para advertir e ponderar, que estas segundas redempções das esmolas que se pedem, são muitas mais em numero, que as primeiras dos resgates que se dão. Porque como a esmola respeita á misericordia de Deus, e o resgate á avareza do barbaro: bastando para uma redempção uma só esmola, é necessario que se ajuntem muitas esmolas para um só resgate. E assim, ainda que sejam poucos os resgatados, são muitos mil os remidos, porque são regatados só aquelles por quem se dá o resgate, e são remidos todos aquelles a quem se pede, e dão a esmola. Nem obsta que o preço e merecimento da esmola seja daquelles que a dão, para que os que a procuram e solicitam, não sejam tambem, como digo, seus redemptores. Um redemptor, que primeiro foi captivo, me dará a prova. Quando José livrou da fome o Egypto, e aos que do Egypto se soccorriam, o nome que alcançou por esta famosa acção, foi de redemptor do Egypto e do mundo: *Vocavit eum lingua aegyptiaca Salvatorem mundi.* [1] Mas se considerarmos o modo desta redempção, acharemos no Texto sagrado, que assim os estrangeiros que concorriam de fóra, como os mesmos Egypcios, compravam o trigo com o seu dinheiro. Pois se uns e outros remiam as vidas do poder da fome, não de graça, senão pelo seu dinheiro: como se chama José o Redemptor, e não elles? Porque ainda que elles concorriam com o preço, José

[1] *Genes.*, XLI, 45.

foi o inventor daquella industria, e o que a solicitava e promovia. Elles remiam-se a si, cada um com o que dava, e José remiu-os a todos com o que recebia, não para si, senão tambem para o dar. Por isso dobradamente redemptor, não só do Egypto, senão do mundo: *Redemptorem mundi.* Oh familia sagrada, sempre e de tantos modos redemptora! Oh redemptores sempre grandes, e sempre gloriosos! Grandes e gloriosos redemptores, quando daes o que pedistes: e maiores e mais gloriosos redemptores, quando pedis o que haveis de dar. Para que em vós tambem, como em vosso fundador, se veja que fazeis mais, segundos Apostolos, em pedir todos, do que fizeram os primeiros, em deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia.*

IV

Et secuti sumus te. S. Pedro Apostolo seguiu a Christo: e digo que S. Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emparelhar. E assim foi. A profissão que fez S. Pedro Nolasco, e a que fazem todos os Religiosos do seu Instituto, é resgatar os christãos captivos em terra de Mouros, não só para os pôr em liberdade, mas para os livrar do perigo em que estão, de perder a fé. De maneira, que uma coisa é a que fazem, outra a que principalmente pretendem: o que fazem, é libertar os corpos, o que pretendem, principalmente, é pôr em salvo as almas. Isto é o que profesou S. Pedro Nolasco, e nisto (como dizia) não só seguiu os passos de Christo: *Et secuti sumus te:* mas do modo que póde ser, os emparelhou. E digo do modo que póde ser, porque estas parelhas sempre se hão de entender com aquella differença soberana e infinita, que ha de Filho de Deus a servo de Deus. Mas vamos a ellas.

Fallando Christo dos prodigiosos signaes, que hão de preceder ao dia do Juizo, diz que quando virmos estes prodigios, que nos alentemos e animemos, porque então é chegada a nossa Redempção: *Respicite, et levate capita vestra: quoniam appropinquat redemptio vestra.* [1] Bem aviados estamos! Eu cuidava e

[1] *Luc.*, XXI, 28.

ainda cuido; e não só cuido, mas creio de fé, que a Redempção ha mil seiscentos e cincoenta annos que veiu ao mundo, e que na sua primeira vinda nos remiu Christo a todos, dando o seu sangue por nós. Pois se o mundo já está remido, e a Redempção é já passada ha tantos centos de annos, como diz Christo que quando virmos os signaes do dia do Juizo, então entendamos que é chegada a nossa Redempção? A duvida é boa; mas a resposta será tão boa como ella, porque é litteral e verdadeira. Ora vêde. O genero humano pela desobediencia de Adão ficou sujeito a dois captiveiros: o captiveiro do peccado, e o captiveiro da morte: o captiveiro do peccado pertence á alma, e o captiveiro da morte pertence ao corpo. D'aqui se segue, que assim como os nossos captiveiros são dois, tambem devem ser duas as nossas redempções: uma redempção que nos livre as almas do captiveiro do peccado, e outra redempção que nos livre os corpos do captiveiro da morte. A primeira redempção já está feita, e esta é a redempção passada, que obrou Christo, quando com o seu sangue remiu nossas almas: a segunda redempção ainda está por fazer, e esta é a redempção futura, que ha de obrar o mesmo Christo, quando com sua omnipotencia resuscitar nossos corpos: *Ipsi intra nos gemimus, adoptionem Filiorum Dei expectantes, redemptionem corporis nostri*, diz o Apostolo S. Paulo. [1] E como esta segunda parte da nossa redempção está ainda por obrar, e não estão ainda remidos do seu captiveiro os corpos, posto que já o estejam as almas, por isso diz absolutamente Christo, que no dia do Juizo ha de vir a redempção, porque a redempção inteira e perfeita, e a redempção que dá a Christo o nome de perfeito e consummado Redemptor, não é só redempção de almas, nem é só redempção de corpos, senão redempção de corpos e de almas juntamente.

E senão vêde-o no primeiro effeito, ou no primeiro acto de Christo Redemptor. O ponto em que Christo ficou Redemptor do mundo, foi o momento em que expirou na cruz: e que succedeu então? Desceu o Senhor no mesmo momento aos carceres do Limbo, a libertar as almas que nelle estavam detidas: e no tem-

[1] *Rom.*, VIII, 23.

po que lá em baixo se abriram os carceres das almas, cá em cima se abriram tambem os carceres dos corpos: *Monumenta aperta sunt; et multa corpora sanctorum, qui dormierant, surrexerunt*, diz S. Matheus: [1] abriram-se as sepulturas, e sahiram dellas muitos corpos de santos resuscitados. Notae, que não diz muitos homens, nem muitos santos, senão muitos corpos, em correspondencia das almas do Limbo. Dos carceres do Limbo sahiram as almas, e dos carceres das sepulturas sahiram os corpos; porque quiz Christo, naquelle ponto em que estava libertando as almas do captiveiro do peccado, libertar tambem os corpos do captiveiro da morte, para tomar inteira posse, e não de meias, do inteiro e perfeito nome de Redemptor: não só Redemptor de almas, nem só Redemptor de corpos; mas Redemptor de corpos e mais de almas.

Tal foi, e tal ha de ser a consummada redempção de Christo; e tal é, e tal foi sempre a redempção que professou seu grande imitador S. Pedro Nolasco, e todos os que vestem o mesmo habito. Perfeitos e consummados redemptores, porque são redemptores de corpos, e redemptores de almas. Cuida o vulgo erradamente que o Instituto desta sagrada Religião é sómente aquella obra de misericordia corporal, que consiste em remir captivos; não só é obra de misericordia corporal, senão corporal e espiritual juntamente: corporal, porque livra os corpos do captiveiro dos infieis; espiritual, porque livra as almas do captiveiro da infidelidade. Comprehende esta obra suprema de misericordia os dois maiores males, e os dois maiores bens desta vida e da outra. O maior mal desta vida é o captiveiro, e o maior mal da outra é a condemnação; e destes dois males livram os Redemptores aos captivos, tirando-os de terra de infieis. O maior bem desta vida é a liberdade, e o maior bem da outra é a salvação. E estes dois bens conseguem os mesmos Redemptores aos captivos, passando-os a terras de christãos. Pelo bem e mal desta vida, são redemptores do corpo; pelo bem e mal da outra vida, são redemptores da alma: e por uma e outra redempção, são redemptores do homem todo, que se compõe de alma e corpo, como o foi Christo.

---

[1] *Math.*, XXVII, 52.

E' verdade que o que se vende e se paga em Berberia, o que se desenterra das masmorras, o que se allivia dos ferros, o que se liberta das cadeias, são os corpos: mas o que principalmente se compra, o que principalmente se resgata, o que principalmente se pretende descaptivar são as almas. Almas e corpos se rimem, almas e corpos se resgatam; mas as almas resgatam-se por amor de si mesmas, e os corpos por amor das almas. São os contractos destes mercadores do céu, como o d'aquelle mercador venturoso e prudente do Evangelho. Achou este homem um thesouro escondido em um campo alheio: e que fez? *Vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agram illum.* [1] Foi vender tudo quanto tinha, e comprou o campo. Não reparo no tudo do preço, porque já fica dito que dão estes liberaes compradores mais que tudo. Este comprador do Evangelho deu o que tinha: *Omnia, quæ habet;* mas não pediu. Os nossos dão o que têm, e mais o que pedem. O em que reparo, é no que se vendeu, e se comprou, porque foi com differentes pensamentos. O que vendeu, vendeu o campo; o que comprou, comprou tambem o campo; mas não comprou o campo por amor do campo, senão o campo por amor do thesouro. Assim passa cá. O barbaro vende o corpo que alli tem prezo e captivo, e o redemptor tambem compra o corpo; mas não compra principalmente o corpo por amor do corpo, senão o corpo por amor da alma. Sabe que a alma é thesouro, e o corpo terra; e compra a terra por amor do thesouro: compra a terra, porque o infiel não semêe nelle zizania, com que venha a arder o thesouro e mais a terra. Assim o fez este homem do Evangelho. Mas quem era, ou quem significava este homem: *Quem qui invenit homo?* [2] Era, e significava aquelle que sendo Deus, se fez homem para resgatar e ser Redemptor dos homens. A este soberano Redemptor imitam os nossos redemptores, e o acompanham tão par a par (posto que reverencialmente) que bem se vê que os leva seu generoso intento mais a emparelhar que a seguir: *Et secuti sumus te.*

E para que este glorioso emparelhar se veja, não

---

[1] *Math*, XIII, 44.
[2] *Ibid.*

só nos objectos da intenção, senão tambem no modo e modos de remir, é muito de considerar a differença que estes redemptores fazem no resgate dos corpos, e no das almas. Os corpos resgatam-os depois de captivos, e as almas antes que o estejam: os corpos depois de perderem a liberdade; as almas antes que percam a fé, e para que a não percam. De sorte que a redempção dos corpos é redempção que remedeia: a redempção das almas é redempção que preserva, que é outro modo de remir, mais perfeito e mais subido, de que tambem (posto que uma só vez) usou Christo. Fazem questão os Theologos, se foi Christo Redemptor de sua Mãe? E a razão de duvidar é, porque remir é resgatar de captiveiro: a Virgem, como foi concebida sem peccado original, nunca foi captiva do peccado: logo, se não foi captiva, não podia ser resgatada nem remida, e por consequencia, nem Christo podia ser seu Redemptor. Comtudo, é de fé, que Christo foi Redemptor de sua Mãe. E não só foi Redemptor seu de qualquer modo, senão mais perfeito Redemptor que de todas as outras creaturas. Porque aos outros remiu-os depois; a sua Mãe remiu-a antes: aos outros remiu-os depois de estarem captivos do peccado; a sua Mãe remiu-a antes, preservando-a para que nunca o estivesse. E este segundo modo de redempção, é o mais subido e mais perfeito. Assim foi Christo Redemptor de sua Mãe; e assim são estes filhos da mesma Mãe redemptores das almas que livram com os corpos. Redemptores são dos corpos e mais das almas; mas com grande differença: aos corpos resgatam; ás almas preservam: aos corpos livram do captiveiro; ás almas livram do perigo: aos corpos livram de uma grande desgraça; ás almas livram da occasião de outra maior: aos corpos livram do poder dos infieis, depois que estão já em seu poder; ás almas livram do poder da infidelidade, não porque estejam em poder della, mas porque não venham a estar. E é esta uma vantagem, não pequena, que faz esta illustrissima Religião ás outras que se occupam em salvar almas. As outras fazem que os infieis sejam christãos; e ella faz que os christãos não sejam infieis: as outras tiram as almas do peccado; esta tira as almas da tentação: as outras conseguem que Christo seja crido: esta consegue que Christo não seja negado: as outras guiam a Zacheu, para que seja discipulo; esta tem

mão em Judas, para que não seja apostata: em fim, as outras tratam as almas como Christo remiu universalmente a todas; esta trata universalmente a todas, como Christo remiu singularmente a de sua Mãe. Vêde se seguem ou se emparelham!

Mas falta por dizer neste caso a maior fineza. Além dos tres votos essenciaes, e communs a todas as Religiões, fez S. Pedro Nolasco, e fazem todos seus filhos, um quarto voto de se deixar ficar como captivos em poder dos turcos, todas as vezes que lá estiver alguma alma em perigo de perder a fé, e não houver outro meio de a resgatar, entregando-se a si mesmos em penhor e fiança dos resgates. Que eloquencia haverá humana que possa bastantemente explicar a alteza deste voto verdadeiramente divino, nem que exemplo se póde achar entre os homens, de fineza e caridade que o eguale? David, aquelle homem feito pelos moldes do coração de Deus, é nesta materia o maior exemplo que eu acho nas Escripturas sagradas; mas ainda ficou atraz muitos passos. Estava David com muitos que o acompanhavam, nas terras de Moab, aonde se recolhêra, fugido de Saül, que com grandes ancias o buscava para lhe tirar a vida. Eis que um dia subitamente sáe-se com todos os seus daquellas terras, e vem-se metter nas de Judéa, que eram as mesmas d'el-rei Saül. Se David se não aconselhára neste caso, como se aconselhou com o propheta Gad, ninguem julgára esta acção senão pela mais arrojada, e mais cega de quantas podia fazer um homem de juizo e sem juizo. Está David retirado e seguro em terras livres, e vem-se metter dentro em casa de seu proprio inimigo, e de um inimigo tão cruel e inexoravel como Saül, que por sua propria mão o quiz pregar duas vezes com a lança a uma parede? Sim, diz Nicoláu de Lyra. E dá a razão: *Ne viri, qui erant cum David, declinarent ad idolatriam, si diu manerent in terra idolatriæ subdita.* A terra dos Moabitas era terra de idolatras: os que acompanhavam a David era gente pouco segura, que dava indicios e desconfianças de poder inclinar á idolatria: pois, alto, diz David, não ha de ser assim: sáiam-se elles da terra onde corre perigo a sua fé, e esteja eu embora na terra do meu maior inimigo a todo risco. Assim o fez aquelle grande espirito de David; mas ainda que se arriscou, não se entregou. Os Reli-

giosos deste Instituto, não só se arriscam, mas entregam-se. Quando não teem prata nem oiro com que resgatar os captivos, resgatam-se com os seus proprios ferros, passando as algemas ás suas mãos, e os grilhões aos seus pés, e fazendo-se escravos dos turcos, porque uma alma o não seja do demonio. Só de Paulino, bispo de Nola, celebra a Igreja uma acção similhante a esta, porque não tendo com que resgatar o filho de uma viuva, se vendeu e captivou por elle a si mesmo. Esta façanha fez S. Paulino; mas vêde onde a fez. Em Nola. Já isto eram raizes da caridade de Nolasco: em S. Paulino de Nola se semeou, em S. Pedro Nolasco nasceu, em seus gloriosos filhos cresce e floresce. Muitos a executam em Berberia hoje, e todos em qualquer parte do mundo estão apparelhados para a executar, porque todos o teem por voto.

Sim. Mas onde temos em Christo a parelha desta fineza, que é a obrigação deste discurso? Christo, como perfeito Redemptor, remiu-nos; mas nunca se prendeu, nunca se captivou, nunca se encarcerou por nossa Redempção. Que seria, Senhor, se não estivereis presente nessa Custodia? Digo, que sim se prendeu, sim se captivou, sim se encarcerou Christo por nós. Aquella Custodia é o carcere, aquelles accidentes são as cadêas, aquelle Sacramento é o estreitissimo captiveiro em que o piedosissimo Redemptor se deixou prezo, encarcerado e captivo, por libertar nossas almas. No dia do Juizo chamará Christo aos seus para o Reino do céu, e um dos particulares serviços que ha de relatar por merecimento de tão grande premio, será este: *In carcere eram, et venistis ad me:* [1] estava encarcerado e visitastes-me na minha prizão. Não é necessario que nós ponhamos a duvida que trazem comsigo as palavras, porque os mesmos premiados a hão de pôr naquelle dia. *Domine, quando te vidimus in carcere, et venimus ad te?* [2] Senhor, quando estivestes vós no carcere, e quando vos visitamos nós nelle? Leiam-se todos os quatro Evangelistas, e não se achará que Christo fosse jámais encarcerado. E se é certo que esteve o Senhor em algum carcere (pois elle o diz) diga-me alguem, onde? S. Boaventura o disse

[1] *Math.*, XXV, 36.
[2] *Ibid.*, 39.

e affirma, que no Santissimo Sacramento: *Ecce quem totus mundus capere non potest, captivus noster est.* Eis alli aquelle immenso Senhor, que não cabe no mundo todo e está feito nosso prisioneiro e nosso captivo. Vós não vêdes, como o fecham, como o encerram, como o levam de uma para outra parte, prezo sempre ao elo dos accidentes? E senão dizei-me: aquella pyramide sagrada, em que está o divino Sacramento, porque lhe chamou a Igreja, Custodia? Porque custodia quer dizer carcere: assim lhe chamam não só os Auctores da lingua latina e grega, senão os mesmos Evangelistas. S. Lucas, referindo como prenderam os Apostolos, e os metteram no carcere publico, chama ao carcere, custodia: *Injecerunt manus in Apostolos, et posuerunt eos in custodia publica.* [1] Assim está aquelle Senhor: se exposto, em carcere publico: se encerrado, em carcere secreto; mas sempre encarcerado, sempre prisioneiro, sempre captivo nosso: *Captivus noster est.* E como Christo chegou a se prender e captivar pelo remedio de nossas almas, obrigação era destes gloriosos emuladores dos passos de seu amor, que tambem se prendessem e se captivassem por ellas. Christo captivo por vontade: elles captivos por vontade: Christo por remedio das almas: elles por remedio das almas: Christo como Redemptor: elles como redemptores: elles acompanhando a Nolasco, e Nolasco emparelhando com Christo: que chegou a o emparelhar este grande Pedro, quando o outro, mais que grande, fez muito em o seguir: *Et secuti sumus te.*

V

Desta segunda vantagem de S. Pedro Nolasco, com S. Pedro Apostolo, se segue tambem outra grande vantagem á sagrada Religião das Mercês, não já comparada comsigo mesmo, senão com as outras Religiões. E que vantagem é esta? Que pela perfeição e excellencia deste quarto voto (e mais não é atrevimento) excede esta religiosissima Religião a todos as outras

[1] *Act. Apost.*, v, 18.

Religiões da Igreja. Bem mostra a confiança da proposição, que não é minha, nem de nenhum Auctor particular, senão daquelle Oraculo supremo, que só tem jurisdição na terra, para qualificar a verdade de todas. Assim o disse o Papa Calixto III por palavras, que não podem ser mais claras, nem mais expressas: *Ratione quarti voti emissi pro redimendis captivis, quo se pignus esse captivorum Fratres hujus Instituti promittunt, merito potest Ordo iste aliis Ordinibus celsior, et perfectior judicari.* Tenhamos paciencia as outras Religiões, que assim o disse o Summo Pontifice. Querem dizer as palavras: Que em respeito do quarto voto, com que os Religiosos deste Instituto promettem de se entregar aos infieis, em penhor dos captivos que resgatarem, se póde com muita razão esta Ordem julgar por mais sublime e mais perfeita, que todas as outras Ordens. Quando isto escreveu Calixto III, que foi no anno de 1456, ainda a Companhia de Jesus, e outras Religiões de menos antiguidade, ficavam de fóra; mas no anno de 1628 Urbano VIII, por suas Bullas, confirmou e repetiu este mesmo elogio da sagrada Religião das Mercês, com que todas as Religiões, sem exceptuar nenhuma, ficam entrando nesta conta. E o Papa Matinho V, pela altissima perfeição do mesmo voto, declara que os Religiosos das outras Religiões se podiam passar para a das Mercês, como mais estreita; e que os Religiosos della se não podiam passar para as outras, como Religiões menos apertadas. Tanto pezo fez sempre no juizo dos supremos Pontifices esta notavel obrigação: e tanto é atar-se um homem, para desatar a outros, e captivar-se, para os libertar. Mas nesta vantagem, que reconheram e approvaram, nenhum aggravo fizeram os Pontifices ás outras Religiões. Porque, que muito que esta Religião neste voto nos exceda a nós, se nelle se emparelhou com Christo? Assim o diz a mesma Constituição sua, posto que com palavras de gloriosa humildade: *Exemplo Domini nostri Jesu, qui semetipsum dedit pro nobis, ut nos à potestate demonis redimeret.* Ao exemplo de Nosso Senhor e Redemptor, Jesus Christo, que para nos remir do poder do demonio se entregou a si mesmo por nós.

E como as palavras dos Summos Pontifices são vozes da bocca de S. Pedro, as mesmas soberanias que todos concedem e confessam deste sagrado Ins-

tituto, S. Pedro as concede e as confessa. Concede e confessa S. Pedro, que este soberano Instituto tem eminencia sobre todos os Institutos: concede e confessa S. Pedro que seu illustrissimo fundador foi o primeiro, e o maior exemplar delle: concede e confessa S. Pedro, que vê as glorias do seu nome, não só multiplicadas, mas crescidas: concede e confessa emfim, que em materia de seguir, como de deixar, se vê vencido de outro Pedro: de outro Pedro, que tendo Pedro deixado tudo, fez elle mais que deixar: de outro Pedro, que tendo Pedro seguido a Christo, fez elle mais que seguir: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te.*

VI

Tenho acabado o sermão, breve para o que pudéra dizer, posto que mais largo para o tempo, do que eu determinava. E se a vossa devoção e paciencia ainda não está cançada, e me pergunta pela consequencia, ou consequencias de todo elle, concluindo com a de S. Pedro: *Quid ergo erit nobis?* seja a consequencia de tudo, darmos todos o parabem á Senhora das Mercês, e darmol-o a nós mesmos pela gloria que á Senhora, e pelo proveito que a todos nós nos cabe na Dedicação desta obra e deste dia.

Sendo este sagrado Instituto tão excellente entre todos, e de tanta gloria de Deus, e bem universal do mundo, e uma como segunda Redempção delle, não me espanto que a mesma Rainha dos Anjos (com privilegio singular desta Religião) se quizesse fazer fundadora della, e que descesse do céu a revelar seu Instituto, e a solicitar em pessoa os animos dos que queria fazer primeiros instrumentos de tão grande obra. Foi coisa notavel, que na mesma noite appareceu a Senhora, primeiro a S. Pedro Nolasco, logo a el-rei D. Jayme de Aragão, logo a S. Raymundo de Penaforte, declarando a cada um em particular a nova Ordem que queria fundar no mundo, debaixo de seu nome e patrocinio: porque communicando todos tres a apparição, não duvidassem da verdade della, e puzessem logo em execução, como puzeram, o que a Senhora lhes mandava, sendo o primeiro que tomou o habito e professou nelle, o nosso S. Pedro Nolasco.

Christo Senhor Nosso, no dia da Resurreição appareceu, se bem notarmos, a tres generos de pessoas differentes. Appareceu ás Marias, appareceu aos Apostolos, appareceu aos Discipulos, que iam para Emaús. Pois tanta pressa, tantas diligencias, tantas apparições, e todas no mesmo dia e em tal dia? Sim, que o pedia assim a importancia do negocio. O fundamento de toda a nossa fé e de toda a nossa esperança, é o mysterio da Resurreição. *Si Christus non resurrexit, vana est fides vestra*, diz S. Paulo. [1] E como a Christo e ao mundo lhe não importava menos a fé deste mysterio, que o fundamento total e estabelecimento de sua Igreja, por isso anda tão solicito, por isso faz tantas diligencias, por isso apparece uma, duas e tres vezes, no mesmo dia, em diversos logares, e a differentes pessoas. Assim o Filho, assim a Mãe. O que Christo fez para fundar a sua Igreja, fez a Senhora para fundar a sua Religião. Na mesma noite vae ao paço e falla com el-rei D. Jayme, na mesma noite vae ao convento de S. Domingos e falla com S. Raymundo, na mesma noite vae a uma casa particular e falla com S. Pedro Nolasco. Pois a Rainha dos Anjos, a Mãe de Deus, a Senhora do mundo, pelos paços dos reis, pelos conventos dos Religiosos, pelas casas dos particulares, e no mesmo dia e na mesma noite, que é mais? Sim, que tão grande é o negocio que a traz á terra: quer fundar a sua Religião das Mercês e anda feita requereute, não das mercês que espera, senão das mercês que deseja fazer. E como esta soberana Rainha se empenhou tanto em fundar esta sua Religião no mundo, oh que grande gloria terá hoje no céu, em que se vê com nova casa neste Estado, e com o seu Instituto introduzido em Portugal depois de quatrocentos annos! Note o Maranhão de caminho, e preze muito, e preze-se muito desta prerogativa, que tem entre todas as Conquistas do nosso reino. Todos os Estados de nossas Conquistas, na Africa, na Asia e na America, receberam de Portugal as Religiões com que se honram e se sustentam: só o Estado do Maranhão póde dar nova religião a Portugal, porque lhe deu a das Mercês. Cá começou, e de cá foi, e já lá começa a ter casa, e quererá a mesma Senhora, que cedo tenha Casas e Provincia.

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, XV, 17.

Mas tornando a esta, que hoje consagramos á Virgem das Mercês, não quero dar o parabem aos filhos desta Senhora, de ter tal Mãe (pois é privilegio este mui antigo); á mesma Senhora quero dar o parabem de ter taes filhos: filhos, que com tão poucas mãos trabalharam tanto: filhos, que com tão pouco cabedal, despenderam tanto: filhos, que com tão pouco tempo, acabaram tanto: filhos, em fim, que não tendo casa para si, fizeram casa a sua Mãe. Não sei se notaes o maior primor da architectura desta Igreja. O maior primor desta Igreja, é ter por correnpondencia aquellas choupanas de palha em que vivem os Religiosos. Estarem elles vivendo em umas choupanas palhiças, e fabricarem para Deus e para sua Mãe um templo tão formoso e sumptuoso como este: este é o maior primor, e a mais airosa correspondencia de toda esta obra; acção, em fim, de filhos de tal Mãe, e que parece lhe vem á Senhora por linha de seus maiores. Salomão vigesimo quarto, avô da Mãe de Deus, edificou o Templo de Jérusalem, e nota a Escriptura Sagrada, no modo, duas coisas muito dignas de advertir: a primeira, que em quanto o templo se edificou, não tratou Salomão de edificar casa para si, nem poz mão na obra: a segunda, que sendo a obra dos paços de Salomão, que depois edificou, de muito menos fabrica que o Templo, o Templo acabou-se em sete annos, e os paços fizeram-se em treze. Grande caso é, que se achasse o juizo de Salomão nos edificadores deste Templo, sendo entre os filhos desta Senhora, não os de maiores annos. Bem assim como Salomão, fizeram primeiro a casa de Deus, sem pôrem mão na sua; e bem assim como Salomão, acabaram esta obra com tanta pressa, deixando a do convento para se ir fazendo com mais vagar. Digno verdadeiramente por esta razão, e por todas, de que todos os fieis queiram ter parte em tão religiosa obra, e tão agradavel a Deus e a sua Mãe.

Mas que parabens darei eu ao nosso Estado, e a esta cidade cabeça delle, vendo-se de novo defendida com esta nova torre do céu, e honrada com esta nova casa da Senhora das Mercês? A Senhora, que tantas raizes deita nesta terra, grande prognostico é de que a tem escolhido por sua: *In electis meis mitte radi-*

ces. [1] Nossa Senhora da Victoria, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora das Mercês: vêde que formosa corôa a cabeça do nosso Estado! Que influencias tão benignas choverão sobre todos nós estas cinco formosas estrellas! Todas são mui resplandecentes; mas, com licença das quatro, a de Nossa Senhora das Mercês promette influencias maiores, porque são mais universaes. Nossa Senhora da Victoria é dos conquistadores, Nossa Senhora do Desterro é dos peregrinos, Nossa Senhora do Carmo é dos contemplativos, Nossa Senhora da Luz é dos desencaminhados; mas Nossa Senhora das Mercês é de todos, porque a todos indifferentemnete está promettendo e offerecendo todas as mercês que lhe pedirem. Nos thesouros das mercês desta Senhora, não só ha para o soldado victoria, para o desterrado patria, para o desencaminhado luz, para o contemplativo favores do céu, que são os titulos com que veneramos a Senhora nesta cidade; mas nenhum titulo ha no mundo, com que a Virgem Maria seja invocada, que debaixo do amplissimo nome de Nossa Senhora das Mercês não esteja encerrado, e que a esta Senhora se não deva pedir com egual confiança. Estaes triste e desconsolado, não é necessario chamar pela Senhora da Consolação, valei-vos da Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vos consolar. Estaes afflicto e angustiado, não é necessario chamar pela Senhora das Angustias, valei-vos da Senhoa das Mercês, que ella vos fará mercê de vos acudir nas vossas. Estaes pobre e desamparado, não é necessario chamar pela Senhora do Amparo, valei-vos da Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vos amparar. Estaes embaraçado e temeroso em vossas pretenções, não é necessario chamar pela Senhora do Bom Successo, valei-vos da Virgem das Mercês, e ella vos fará mercê de vos dar o successo que mais vos convem. Estaes enfermo e desconfiado dos remedios, não é necessario chamar pela Senhora da Saude, acudi á Senhora das Mercês, e ella vos fará mercê de vol-a dar, se fôr para seu serviço. Estaes, finalmente, para vos embarcar, ou para embarcar o que tendes, não é necessario chamar pela Senhora da Boa Viagem, acudi á Senhora

[1] *Eccles.*, XXIV, 13.

das Mercês e ella vos fará mercê de vos levar em paz e a salvamento. De sorte que todos os despachos que a Senhora costuma dar em tão differentes tribunaes, como os que tem pelo mundo e no nosso reino, todos estão advocados a esta Casa das Mercês, porque nella se fazem todas.

E porque vos não admireis desta prerogativa da Senhora da Casa, sabei que a Casa da Senhora tem a mesma Prerogativa. Que Casa e que Igreja cuidaes que é esta em que estamos? Padre, é a Igreja nova de Nossa Senhora das Mercês do Maranhão. E é mais alguma coisa? Vós dizeis que não, e eu digo que sim. Digo que esta Igreja é todas as Igrejas, e todos os sanctuarios grandes que ha e se venderam na christandade, e ainda fóra da christandade tambem. Esta Igreja é a Igreja de Santiago em Galiza, e a Igreja de Guadalupe em Castella, e a Igreja de Monserrate em Catalunha, e a Igreja do Loreto em Italia, e a Igreja de S. Pedro, e de S. Paulo, e de S. João de Laterano, e de Santa Maria Maior em Roma. E para que passemos além da christandade, este é o Templo de Jérusalem, não arruinado, este é o Monte Olivete, este o Tabôr, este o Calvario, esta a cova de Belem, este o Cenaculo, este o Horto, este o Sepulchro de Christo. Assim o torno a affirmar, e assim é. Sabeis porque modo? Porque todas as graças e indulgencias que estão concedidas a estes templos, a todos esses sanctuarios, a todos esses Logares Sagrados de Jérusalem e do mundo todo, todas estão concedidas por diversos Summos Pontifices a esta Igreja, por ser da Senhora das Mercês, e da sua Religião. De modo que passeando de vossa casa a fazer oração nesta Igreja, é como se fosseis a Compostella, a Loreto, a Roma, a Jérusalem. Póde haver maior thesouro, póde haver maior felicidade, e facilidade, que esta? O que importa é que nos saibamos aproveitar, e nos aproveitemos destas riquezas do céu. Não nos descobriu Deus as minas da terra, que este anno com tanta ancia se buscaram, e descobre-nos as minas do céu sem as buscarmos, para que façamos só caso dellas. Façamol-o assim, christãos, frequentemos de hoje em diante muito esta Igreja, e de tantas casas de ruim conversação, que ha em terra tão pequena, esta, que é de conversar com Deus e com sua Mãe, não esteja deserta; seja esta de hoje em diante a melhor sahida

da nossa cidade, sahida que vos fará sahir, onde não vos convem entrar nem estar. Aqui venhamos, aqui continuemos, nos trabalhos, para o remedio; nas tristezas, para o allivio; nos gostos, para a perseverança: e em todos nossos desejos e pretenções, aqui tragamos nossos memoriaes, aqui peçamos, aqui instemos, e d'aqui esperemos todas as mercês do céu, e ainda as da terra, que sendo mercês da Senhora das Mercês, sempre serão acompanhadas de graça, e encaminhadas á gloria: *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DO

ESPOSO DA MÃE DE DEUS S. JOSÉ *

Joseph fili David noli timere. [1]

I

Sonhou José, o que depois foi vice-rei do Egypto, que o sol, a lua, as estrellas, abatendo do céu á terra a magestade luminosa de seus resplandores, humildemente prostrados o adoravam. Quiz interpretar este sonho seu pae, e disse que elle Jacob era o sol, Rachel sua esposa a lua, seus filhos desde Ruben a Benjamim as estrellas; e que viria tempo a José, em que Deus o levantaria a tão soberana fortuna, que seu mesmo pae, sua mãe e seus irmãos com o joelho em terra o adorassem. Os Doutores communmente têm esta interpretação do sonho por verdadeira; mas o certo é que um José foi o que sonhou, e outro José foi o sonhado. O José que sonhou, foi José o filho de Jacob: o José sonhado, foi José o esposo de Maria. O José filho de Jacob sonhou sómente; porque ainda que digamos, que em seu pae o adorou o sol e em seus irmãos as estrellas, é certo, que em Rachel sua mãe lhe faltou a adoração da lua; porque quando Jacob e seus filhos adoraram a José no Egypto, já era morta Rachel, e ficava sepultada em Belem. Segue-se logo

* Foi este Sermão prégado na Capella Real, em dia dos Annos d'El-Rei D. João IV.

Tendo sido prégado, commenta o padre Honorati, trez annos depois da Independencia de Portugal, dá preceitos mui ajustados com a politica d'aquelle tempo.

[1] *Math.*, I.

que o José verdadeiramente sonhado foi José o esposo de Maria; porque nelle se cumpriram cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a José o sol; porque a titulo de sujeição filial lhe guardou reverencia e acatamento o mesmo sol de justiça, Christo: *Et erat subditus illis:* [1] adorou a José a lua; porque a titulo de verdadeira esposa lhe deveu obediencia e amor aquella Senhora, que é como a lua formosa: *Pulchra ut luna:* [2] adoraram a José as estrellas; porque a titulo ou reputação de pae de seu Mestre o respeitaram com grande veneração os Apostolos, aquelles de quem diz o Espirito Santo: *Fulgebunt quasi stellæ in perpetuas æternitates.* [3] E quando só a Virgem Maria adorasse a José seu esposo, nesta só adoração se cumpria todo o sonho inteiramente, porque nella o adorava o sol, nella a lua, nella as estrellas: o sol, *Mulier amicta sole:* a lua, *Luna sub pedibus ejus:* as estrellas, *Et in capite ejus corona duodecim stellarum.* [4]

Este é S. José, senhor, e este é o soberano planeta que predominou neste formoso dia, dia em que com o felicissimo nascimento de vossa magestade nasceu outra vez aos portuguezes a esperança, ao reino a liberdade, e Portugal a si mesmo. Justo era que ao nascimento de tão grande e novo rei melhorasse suas constellações o céu, e lhe assistissem novos e maiores planetas. Nos nascimentos dos outros principes e monarchas do mundo, ou predomina o sol, ou predomina a lua, ou predomina alguma das estrellas: mas neste nascimento singular, para que fosse mais feliz que todos, predominou um planeta novo e superior, a quem o sol, a quem a lua, a quem as estrellas adoram. Parecerá isto modo de fallar, e consideração só minha; mas é doutrina mui assentada não menos que desde o antiquissimo Tertulliano. Notou este grande Doutor, que os Magos, no nascimento de Christo, não renunciaram a astrologia, mudaram-a. Antes de Christo nascer observavam-se as estrellas do céu; depois de seu nascimento observavam-se as estrellas de Christo: *De Christo est mathesis hodie, stellas Christi, non Saturni.*

---

[1] *Luc.*, II, 51.
[2] *Cant.*, VI, 9.
[3] *Dan.*, XII, 3.
[4] *Apoc.*, XII, 1.

et Martis observat. Parece que para este dia foram cortadas estas palavras: *De Christo est mathesis hodie.* A astrologia do dia de hoje é de Christo: *Stellas Christi, non Saturni, et Martis observat;* não observamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos juizos são tão errados como fabulosos seus nomes: observamos uma estrella de Christo, estrella a quem todas as demais adoram, que é, não José o filho de Jacob, senão José o filho de David: *Joseph fili David noli timere.*

Sendo pois tão superior a estrella deste dia, sendo tão divino o planeta deste nascimento, quaes serão, ou quaes seriam suas influencias? Ora eu para satisfazer a todas as obrigações desta solemnidade, e para que com devoto agradecimento conheçamos os portuguezes o muito que devemos ao divino Esposo da Virgem, pretendo mostrar hoje com alguma evidencia, que a liberdade a que este reino se restituiu, e todos os bens que com elle gosamos, são e foram influencias de S. José. Tudo o que havia mister e tudo o que podia desejar, influiu neste seu dia a Portugal este soberano planeta. Tudo o que Portugal havia mister, e tudo o que podia desejar, era ser reino e ter rei. Porque ainda que na realidade uma e outra coisa tinhamos, nem o reino sem rei era reino, nem o rei sem reino era rei. Pois que fez neste seu dia S. José? Para que o rei tivesse reino, influiu ao reino restituição de liberdade: e para que o reino tivesse rei, influiu ao rei qualidades e perfeições reaes. Esta será a materia. Para fundamento e prova de toda ella não quero mais que ametade das palavras do thema: *Joseph fili David.* Todas as palavras do Evangelho serão prova destas duas: e estas duas palavras serão resposta de todas as duvidas do Evangelho.

II

Joseph fili David noli timere. Estando cuidadoso e afflicto S. José entre as perplexidades do mysterio da Encarnação, cujos effeitos via, e cujas causas ignorava, diz o nosso Evangelista que lhe appareceu um Anjo em sonhos, o qual lhe disse assim: *Joseph fili David noli timere:* José, filho de David, não temas. Depois póde ser que pondere o *não temas*, agora reparo

só no *filho de David*. Filho de David José a estas horas!... Com que fundamento? Se a soberania daquella prosapia estava já tão envelhecida, ou tão envilecida em José, que o sceptro real de David pela injuria e inconstancia dos tempos tinha já degenerado em suas mãos a instrumentos mecanicos, como lhe chama filho de David o Anjo? Chame-lhe o que não é, não lhe chame o que foi, que isso já não lembra. S. Pedro Chrysologo respondeu a esta duvida com umas palavras, que sendo escriptas em Italia ha oitocentos annos, parece que se escreveram em Portugal de tres a esta parte: *Videtis fratres in persona genus vocari; videtis in uno totam prosapiam nuncupari; videtis in Joseph seriem Davidici stemmatis jam citari. Trigesima octava generatione natus quomodo David filius dicitur, nisi quia gentis aperitur arcanum, fides promissionis impletur?* Largas, mas divinas palavras! Chamou o Anjo a S. José filho de David, sendo a trigesima oitava geração daquelle rei (diz Chrysologo), para que se lembrasse o santo das prophecias antigas, e entendesse que o reino de Israël tyrannisado pelos Romanos em seus ditosos tempos se restituia a seu legitimo successor, conforme o juramento feito a el-rei David, primeiro fundador daquella corôa: *Juravit Dominus David veritatem, et non frustrabitur eum: de fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* [1] D'onde é bem que notemos as palavras do juramento, nas quaes diz Deus a David que o fructo do seu ventre se assentaria no throno real de Judá: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* Se Deus fallara com alguma rainha, parece que estava dito com propriedade: o fructo do teu ventre se tornará a assentar no throno real: mas fallando com um rei, fallando com David? Sim; porque, como diz Santo Ireneu, Tertulliano, e Santo Agostinho, quiz Deus significar, que quando o reino se restituisse, havia de ser preferindo a prole feminina á masculina, como verdadeiramente aconteceu; porque ainda que José e Maria eram filhos de David, Christo, que foi o rei promettido, era filho de David por Maria, e não por José. O caso é tão similhante ao de nosso reino, que não necessita de accommodação. De maneira que temos a restauração de um

[1] *Psal.*, CXXXI, 11.

reino tyrannisado, restituido depois de muitas gerações a seu legitimo senhor, preferindo na successão a prole feminina á masculina, e tudo conforme as prophecias antigas, e juramento do primeiro fundador do reino. Ha propriedade mais propria? Pois estas foram as primeiras influencias do nosso grande planeta: — para que o rei, que hoje nascia, tivesse reino, influir ao reino restituição de liberdade. — E ninguem me diga que se não prova, que foram isto influencias suas; porque os planetas quando dominam, influem conforme suas qualidades, e sendo este o dia e estas as qualidades de S. José, não se póde negar que foram estas suas influencias.

III

Esta é a primeira razão do *fili David*. Para a segunda difficulto as mesmas palavras com diversa ponderação. Este Anjo que aqui appareceu a S. José, tornou-lhe a apparecer outras tres vezes: appareceu-lhe em Belem, quando lhe notificou, que se desterrasse para o Egypto: appareceu-lhe em Egypto, quando o avisou da morte de Herodes: appareceu-lhe no caminho da Judea, quando o assegurou que podia vir a Názareth; e de todas estas vezes nenhuma lemos que lhe chamasse filho de David. Pois se este titulo de filho de David o não dá o Anjo em nenhuma outra occasião a S. José; neste caso de sua perplexidade porque lhe chama José filho de David: *Joseph fili David noli timere?* Varias razões dão os Santos, eu darei tambem a minha, porque a quero provar. Chamou o Anjo a S. José nesta occasião filho de David, porque se houve o santo nesta tão difficultosa acção com tanta realeza de animo, que bem mostrava que ainda que a fortuna lhe tirara a corôa da cabeça, tinha muito de rei no coração. Chamou-lhe filho de rei, porque viu que se portara muito como rei. Esta foi a segunda influencia, que diziamos do nosso planeta José neste seu dia: — para que o reino tivesse rei, influir ao rei qualidades e perfeições reaes. Bem conheço que parece coisa difficultosa na acção de uns ciumes formar a idéa de um principe perfeito; mas o discurso me desempenhará, e não nos ha de desajudar o Evangelho. Vamos com elle.

IV

Joseph autem cum esset vir justus et nollet eam traducere, voluit occultè dimittere eam. Diz o Evangelista, que vendo S. José os indicios tão manifestos da conceição de sua Esposa, como fosse varão justo, e a não quizesse entregar á justiça, para que a castigasse conforme a Lei... Aqui reparo, antes de ir mais por diante. Uma grande implicação parece que tem este Texto. Que quer dizer, que a não quiz entregar á justiça, porque era justo? Se dissera que a não quiz entregar á justiça porque era piedoso, então parece que estava mais propriamente advertido. Perdoar, não accusar, são actos de piedade, não são actos de justiça. Pois porque troca o Evangelista os termos, e em logar de chamar a José piedoso, lhe chama justo: *Joseph autem cum esset vir justus?* Chama o Evangelista a S. José justo, quando fazia uma tão grande acção de piedade, porque como José tinha tanto de rei, *Joseph fili David*, tinha obrigação de justiça a ser piedoso; e quem tem obrigação de justiça a ser piedoso, quando é piedoso é justo. A piedade nos outros homens é piedade, no principe é justiça.

Quiz o Bom Ladrão que uzasse Christo com elle de piedade, e disse assim: *Domine memento mei, cum veneris in regnum tuum:* [1] Senhor, lembrae-vos de mim depois que chegardes ao vosso reino. Depois que chegardes! E antes porque não? A quem tanto padecia, não lhe estava melhor o soccorro antes mais cedo, que mais tarde? Sim, estava. Pois porque não diz, lembrae-vos, Senhor de mim agora, senão depois de chegardes a vosso reino? A razão foi, diz S. Chrysostomo, porque a lembrança e piedade que o Ladrão pedia antes de Christo ser rei, era favor que lhe podia fazer; depois de ser rei, era justiça que lhe não podia negar. Foi tão astuto requerente o Ladrão, que sendo a sua petição de misericordia, quiz que fosse o seu despacho de justiça. E como os reis teem obrigação de justiça a ser piedosos, por isso lhe disse, lembrae-vos, Senhor, de mim, não antes, senão depois de virdes ao vosso Reino; porque a mesma piedade

[1] *Luc.*, XXIII, 42.

que antes de Christo ser rei era piedade, depois de ser Rei era justiça. E' verdade que a miseria que o Ladrão padecia, era presente: mas como a misericordia que esperava antes de Christo reinar, era voluntaria, e depois de reinar devida; por isso regulou sabiamente o seu requerimento, não pelo tempo, em que experimenta em si a necessidade, senão para o tempo, em que considerava em Christo a obrigação: *Cum veneris in regnum tuum.* Não peço a piedade para agora, senão para depois que estiverdes no vosso Reino; porque ainda que eu a não mereço agora, por ser culpado, vós m'a devereis depois, por serdes rei. E Christo, que já na cruz era rei, e Christo, que já na cruz estava no seu Reino, que é o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.* [1] O Ladrão pedia a piedade para depois, porque cuidava que Christo ainda não era rei: e Christo concedeu-lhe a piedade logo, para mostrar que já o era: Hoje, hoje estarás commigo no Paraiso. Como se dissera o Senhor: Pedes-me piedade a titulo de rei: pois já t'a dou, porque t'a devo: Rei sou. E se a piedade nos reis é divida, se a piedade nos reis é justiça, que muito que se chame justo, quando foi piedoso, quem tinha tanto de rei como José? *Joseph fili David.* Sendo piedoso foi justo, porque perdoando a offensa que suspeitava, pagou o que devia a quem era. O perdão de sua Esposa foram obrigações de seu Pae: *Joseph fili David.*

V

Et nollet eam traducere, voluit dimittere eam. Não a quiz entregar á justiça, quiz deixal-a, e ir-se. A segunda coisa em que S. José mostrou ser filho de David, foi aquelle *nollet*, e aquelle *voluit*. Quiz deixal-a, e não a quiz entregar. Quiz, e não quiz? O' quanto tendes de rei, divino José! Em nenhuma coisa se mostra mais o ser de rei, que em ter querer, e ter não querer. A liberdade da vontade humana, como dizem os Theologos, consiste em uma indifferença, que se chama quero, ou não quero. Tal ha de ser a vontade real: livre, e não sujeita. O principe não ha de ter a sua vontade sujeita a outrem, nem ha de estar

[1] *Luc.*, XXIII, 43.

sujeito á sua vontade. Se tem a sua vontade sujeita a outrem, não é rei dos seus; se está sujeito á sua vontade, não é rei de si. Pois para reinar sobre si, e sobre os seus, ha de ter a vontade em uma indifferença tão livre, e tão senhora, que seja seu o querer, e seu o não querer: *nollet, voluit.*

Quiz Deus tirar o reino a Saül, e sendo que tinha Saül a Jonathas seu filho herdeiro, não deu Deus o reino a Jonathas, senão a David. Pois porque razão a David, e não a Jonathas? Jonathas era um principe muito generoso, muito liberal, muito benigno, muito esforçado, e sobretudo era filho herdeiro de um rei, que para o respeito dos vassallos importa muito. David, pelo contrario, era um pastor, filho de outro, de quem se não sabiam mais talentos que atirar uma funda, e tocar uma harpa. Pois porque desherda Deus a Jonathas, e dá a corôa a David? Eu o direi. Diz o Texto, fallando de David e de Jonathas: *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David:* [1] que a alma de Jonathas se atou á alma de David. De sorte que ainda que ambas as almas estavam atadas, a que se atou foi a de Jonathas a David, e não a de David a Jonathas. Advertiu-o agudamente S. Gregorio Thaumaturgo: *Vincula inferre præstantioris erat, non inferioris, agglutinari autem deterioris: ita quidem ut vinculis expedire se quodammodo non posset.* E como Jonathas se atou a David; e David a Jonathas não, por isso tira Deus a corôa da cabeça a Jonathas, e mette na mão o sceptro a David: porque principe como Jonathas, que ata a sua vontade á vontade do vassallo, tem talento de vassallo, não tem talento de rei: e vassallo como David, que não sabe atar a sua vontade á vontade d'outrem, ainda que seja um principe, este tem talento de rei, não tem talento de vassallo. E como Deus reparte os officios conforme os talentos, e não conforme as qualidades, seja vassallo o principe Jonathas, seja rei o pastor David. Rei que tenha a vontade atada, não faz isso Deus.

E porque razão importa tanto que o principe não seja sujeito á vontade alheia? Por duas razões, uma da parte do rei, outra da parte do reino. Da parte do rei, porque não é rei, é subdito: da parte do reino,

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII, 1.

porque não é reino, é confusão. Comecemos por este segundo. Quando o sol parou ás vozes de Josué, aconteceram no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o movimento celeste, consideram os philosophos. As plantas por todo aquelle tempo não cresceram: as qualidades dos elementos e dos mixtos não se alteraram: a geração e corrupção com que se conserva o mundo, cessou: as artes e os exercicios humanos de um e outro hemispherio estiveram suspensos: os antipodas não trabalhavam, porque lhes faltava a luz: os de cima cançados de tão comprido dia, deixavam o trabalho: estes pasmados de verem o sol, que se não movia; aquelles tambem pasmados de esperarem pelo sol, que não chegava: cuidavam que se acabára para elles a luz: imaginavam que se acabava o mundo: tudo eram lagrimas, tudo assombros, tudo horrores, tudo confusões. Que é isto? Quem desordenou a compostura do universo? Quem descompoz a harmonia da natureza? D'onde tanta desordem? D'onde tanta confusão ao mundo? Sabeis d'onde? A Escriptura o disse em duas palavras: *Obediente Domino voci hominis:* [1] Obedecendo o Senhor á voz de um homem. E em um mundo onde o subdito manda, e o senhor obedece; em um mundo onde manda o criado, que havia de obedecer, e obedece o senhor, que havia de mandar; que muito que haja confusões, que haja desordens, que haja descomposturas? Que muito que nada cresça, que nada se obre: que muito que os de cima triumphem, e os de baixo chorem: e que nascendo o sol para todos, os de cima levem todas as luzes, e os de baixo todas as trevas?

Com grandes exemplos destes se tem infamado o mundo em todas as edades, e sem pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nem de Tiberio, os nossos olhos são boas testemunhas. Nós o vimos, e nós o vemos. Pergunto: Portuguezes, vós que vistes o que padecestes, vós que vedes o que gozaes, d'onde veiu tanta differença em tão poucos annos? A differença não a pondero, porque a vêem os olhos; a causa porque a vêem é só o que pergunto. Sabeis porque? Porque então tinhamos um rei sujeito a uma vontade alheia, hoje temos um rei senhor das

[1] *Jos.*, x, 14.

vontades alheias, e mais da sua: então tinhamos um rei captivo, hoje temos um rei livre: então tinhamos um rei obediente, hoje temos um rei obedecido: então tinhamos um rei senhoreado, hoje temos um rei senhor. Esta é a differeuça. Rei senhor digo (e é a segunda razão) porque o rei sujeito á vontade alheia não é senhor. E' rei subdito, é rei não rei.

Quando Christo foi levado á presença de Pilatos, perguntou elle aos ministros daquella justiça: *Quid vultis faciam de Regi Judæorum ?* [1] Que quereis que faça do Rei dos Judeus? Responderam os Escribas e Phariseus: *Tolle, tolle, crucifige eum:* [2] Queremos que o crucifiqueis. E que fez Pilatos ? *Tradidit eum voluntati eorum:* [3] Entregou-o á vontade delles. Pergunto agora: Quem fez maior injuria a Christo em quanto Rei dos Judeus, os Escribas e Phariseus na sua petição, ou Pilatos na sua permissão ? Os Escribas em o pedirem para a cruz, ou Pilatos em o entregar á sua vontade ? Todos os Doutores communmente condemnam mais a Pilatos, e com muita razão. Muito maior injuria fez Pilatos a Christo com sua permissão, do que os Phariseus em sua petição. Porque os Phariseus no que pediam mostravam que Christo era verdadeiro rei; e Pilatos no que permettia, mostrava que Christo não era rei verdadeiro. Os Phariseus mostravam que era rei verdadeiro, porque pediam a Christo para a cruz; e não ha maior prova de ser verdadeiro rei, que chegar a dar o sangue e a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permittia, mostrava que não era rei verdadeiro, porque entregou a Christo á vontade dos seus; e não ha melhor prova de não ser verdadeiro rei, que ser rei entregue á vontade alheia: *Tradidit eum voluntati eorum.* E senão vejamos o que se seguiu. Tanto que Pilatos entregou Christo á vontade delles, immediatamente o vestiram de uma purpura de farça, deram-lhe um sceptro de cana, puzeram-lhe uma corôa de espinhos, e faziam-lhe grandes adorações zombando: *Illudebant ei dicentes: Ave Rex Judæorum.* [4] De maneira que antes de

[1] *Marc.*, XV, 12.
[2] *Joan.*, XIX, 15.
[3] *Luc.*, XXIII, 25.
[4] *Math.*, XXVII, 29.

Christo estar sujeito á vontade alheia, ainda em suas boccas era verdadeiro rei: *Quid vultis faciam de Rege Judæorum?* Mas tanto que o entregaram á vontade alheia, logo foi rei de farça e de zombaria: *Illudebant ei dicentes: Ave Rex Judæorum.* Rei entregue á vontade d'outrem terá purpura, terá sceptro, terá corôa, terá adorações; mas a purpura não é purpura, o sceptro é cana, a corôa espinhos, as adorações zombarias: *Illudebant ei dicentes: Ave Rex Judæorum.* E como é tão grande qualidade de rei ter a vontade sua, e não sujeita; por isso o Anjo chamou a S. José filho d'el-rei David, quando o viu tão isento senhor de sua vontade, que era seu o querer e o não querer: *Cum nollet eam traducere, voluit dimittere eam.*

VI

Hæc autem eo cogitante. Resoluto S. José a deixar sua Esposa, diz o Texto que andava o santo considerando: *Hæc autem eo cogitante.* Esta consideração de S. José me dá muito que considerar e que reparar. Não estava já o santo deliberado e resoluto? Sim, estava; que por isso quer dizer aquelle *voluit*, deliberação da vontade. Pois se a vontade estava deliberada e resoluta, que é o que considerava José? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou devem fazer todos; mas depois de resolver considerar ainda? Sim. Porque as materias de grande importancia (qual esta era) hão-se de considerar antes, e mais depois. Antes de resolver ha-se de considerar o caso, depois de resolver, ha-se de considerar a resolução. Esta differença acho entre a philosophia natural e a moral e politica; que a philosophia natural pede um conhecimento antes da deliberação: *Nihil volitum, quin præcognitum;* a philosophia moral e politica pede um conhecimento antes, e outro depois: um conhecimento antes, que guie a vontade a tomar a resolução; e outro depois, que examine a resolução depois de tomada. Assim o fez S. José. Conheceu e considerou primeiro e logo resolveu; *voluit:* e depois de resoluto e deliberado, tornou ainda a considerar: *Hæc autem eo cogitante.*

Peccou Adão, escondeu-se, e antes de Deus lhe notificar a sentença de desterro, diz o Texto, que andava o Senhor passeando, e fallando comsigo no Paraizo: *Audivit vocem Dei deambulantis.* [1] As vozes e os passeios tudo era improprio em Deus: porque o fallar comsigo encontrava o attributo de sua sabedoria, e o passear de uma parte para a outra encontrava o attributo de sua immensidade e immutabilidade. Pois que obriga a Deus a fallar comsigo contra o attributo de infinitamente sabio? Que obriga a Deus a passear de uma para outra parte contra o attributo de immutavel e immovel? Se vinha castigar a Adão, porque o não castiga? Se vinha desterral-o do Paraiso, porque o não desterra? Porque? Porque era materia grande, e quil-a Deus considerar primeiro. Por isso passeava só, como pensativo; por isso fallava comsigo, como irresoluto. Procedu Deus em desfazer o homem, como havia procedido em o fazer. Quando o fez, fel-o com conselho: *Faciamus hominem:* [2] quando o desfez, desfel-o com consideração: *Audivit vocem Dei deambulantis.* Passear Deus de uma para outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão honra. Com Deus ser por natureza immovel e immudavel, honra-se muito de haver uma coisa que o possa mudar e mover, que é a razão; e como no caso de Adão havia razões por uma e outra parte, por isso passeava Deus e se movia de uma parte para a outra; porque de uma e outra parte havia razões que o movessem. As razões que havia para castigar, o levavam; as razões, que havia para perdoar, o traziam. Que me desobedecesse Adão! Hei-de castigal-o. Esta razão o levava. Que haja de lançar do Paraiso um homem que ainda agora puz nelle! Não o hei de castigar. Esta razão o trazia. Fazer um homem de nada, foi credito de minha bondade; dsfazel-o por pouco mais de nada, por uma maçã, parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoe-se-lhe. Voltava Deus ao passeio. Mas que um homem levantado de nada se atrevesse contra quem o creou! é grande soberba. E que um homem por pouco mais de nada, por uma maçã, arrastasse tantos

[1] *Gen.*, III, 8.
[2] *Ibid.*, I, 26.

respeitos! é grande ingratidão. Não lhe hei de perdoar. Tornava a voltar Deus, e ir por diante. De maneira que assim andava o supremo Rei como fluctuando de uma razão para outra; considerando antes de resolver, e depois de resolver tornando a considerar. Bem assim como S. José neste caso. Uma vez sobre considerado resoluto, e outra vez sobre resoluto considerado: *Hæc autem eo cogitante.*

Se fôra n'outra materia, não me espantara muito; mas em materia de ciumes, em materia em que lhe não ia menos que honra e amor, que não se arrojasse José, que não se precipitasse! Grande capacidade de animo. Lá diz Christo, que um cego guia outro cego, ambos se despenham: *Cæcus si cæco ducatum præstet, nonnè ambo in foveam cadunt?* [1] Aqui guiou um cego a outro cego, e não se despenhou nenhum. O ciume guiava a José, o amor guiava o ciume; e sendo cego o ciume, e cego o amor, não foram bastantes dois affectos cegos, e tão cegos, para que a prudencia de S. José se precipitasse. Disse affectos cegos e tão cegos: porque os ciumes de S. José eram fundados nas evidencias do que via, e não ha mais perigosas cegueiras, que as que teem da sua parte os olhos. Dois olhos e dois cegos guiavam a José neste caso: ó que occasião para um precipicio! É que elle se tivesse tão firme nos estribos de sua prudencia, que nem a vista lhe deslumbrasse a cegueira, nem a cegueira lhe escurecesse a vista, para que se arrojasse! Grande valor. Mas era José filho de David: e quem tinha tanto de rei, como havia de ser arrojado?

Quizeram matar a Christo os de Capharnaüm, e com este intento o levaram a um monte alto, para d'ahi o despenharem. Que faria Christo neste passo? Fez-se invisivel; e passando occulto pelo meio delles, escapou de suas mãos. Senhor, que resolução é esta? Vós não viestes ao mundo a morrer pelos homens? Sim, viestes. Morrer a mãos dos mesmos por quem se morre, ainda é maior credito do amor, que seja o instrumento, quem é a causa. Pois se tendes tão boa occasião de dar a vida, porque a não lograes? Porque fugis da morte? Direi: Christo Senhor nosso no dia de sua morte tinha determinado tomar o titulo

[1] *Math.*, XV, 14, e *Luc.*, VI, 39.

de rei, de que na vida fugira: estes homens queriam-o matar arrojando-o de um monte abaixo: *Ut præcipitarent eum;* [1] e posto que o Senhor desejasse muito morrer, não admittiu este genero de morte, porque não dizia bem o nome ou similhança de arrojado com o titulo de rei. Rei e crucificado, isso sim, que assás cruz é o reinar: mas rei e arrojado, não; porque encontra o titulo dessa cruz. Lá outra vez o diabo aconselhou a Christo que se arrojasse elle: *Mitte te deorsum.* [2] Estes homens aqui quizeram-o arrojar com suas mãos: *Ut præcipitarent eum;* mas Christo nem se sujeitou a esta violencia, nem quiz tomar aquelle conselho; porque o principe nem se ha de arrojar a si, nem o ha de arrojar outrem. Nem por impeto proprio, nem por impulso alheio. E como é tão grande parte de rei não ser arrojado, por isso S. José o foi tão pouco nesta occasião, que o achou o Anjo temeroso, quando o podera achar temerario: *Joseph fili David noli timere.* O' que glorioso *não temas!* que desçam Anjos a socegar temores em occasião, que deveram descer a resistir temeridades! Mas assim obra quem assim considera, e assim considera quem é filho de David: *Hæc autem eo cogitante.*

VII

Já reparamos no *cogitante:* reparemos agora no *eo: Hæc autem (eo) cogitante.* Com ser uma palavra de só duas lettras tem muito que reparar. Diz o Evangelista que as considerações que José fazia sobre este caso, elle as discorria comsigo: *eo,* elle. Muito pondera Euthimio que as não communicassem com outrem; e tem razão. Porque o cuidado e afflicção de S. José havia mister allivio e remedio; o allivio estava na communicação, o remedio no conselho; pois porque se não aconselha S. José em um caso tão duvidoso, porque o não communica com outrem? Porque em materias grandes, como era esta, muitas vezes importa mais o segredo que a resolução: e negocio em

[1] *Luc.,* IV, 29.
[2] *Math.,* IV, 6.

que importava tanto o segredo, não fôra S. José filho de David, se o communicara com outrem. Materias em que póde ser perigosa a falta do segredo, não hão de sahir do peito do principe nem para o maior valido, nem para o maior confidente, nem para o maior amigo.

E' certo que perguntou S. João a Christo quem era o traidor, que o havia de entregar: é certo que Christo lhe respondeu: é certo que dormiu reclinado em seu peito S. João; mas não é certo quando adormeceu. Pergunto: Em que ponto adormeceu S. João? Dizem alguns Doutores que adormeceu tanto que acabou de perguntar: de maneira que quando Christo respondeu, já S. João estava dormindo. Fundam este parecer no Texto: porque diz absolutamente que nenhum dos que estavam á meza soube o que Christo disse a Judas, quando logo foi executar o mesmo segredo: *Hoc autem nemo scivit discumbentium.* [1] Se nenhum, logo nem S. João. E se S. João, a quem se disse, o não ouviu, logo já estava dormindo. Pois que mysterio teve este somno subito, que em tal occasião não podia ser acaso? Porque adormeceu S. João á resposta de Christo? O mysterio foi este. Viu-se Christo Senhor nosso naquella occasião constrangido a faltar a uma de duas: ou ao respeito de amigo, ou á obrigação de rei. Se não digo a João o que me pergunta, falto aos respeitos de amigo: se descubro um segredo de tanta importancia, falto ás obrigações de rei: pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segredo? O remedio foi ordenar Christo que S. João adormecesse, tanto que perguntou, para que não podesse ouvir o mesmo que lhe respondia. E desta maneira ficou o Senhor satisfazendo juntamente ás obrigações de rei, e aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo, porque respondeu ao que S. João lhe perguntara: e ás obrigações de rei, porque não communicou o que convinha encobrir-se. De sorte que na bocca de Christo, e nos ouvidos de S. João esteve o segredo juntamente encoberto e revelado: revelado na bocca de Christo, como segredo de amigo: encoberto nos ouvidos de João, como segredo de rei. Tanto devem os principes recatar algum segredo, ainda dos maiores

[1] *Joan.*, XIII, 28.

privados, qual era João. E senão considerem-se os inconvenientes, que do contrario se seguiam. Se o Senhor descobrira o segredo a João, João havia-o de dizer a Pedro, que para isso o perguntava: se João o dizia a Pedro, Pedro havia de matar a Judas, que a esse fim o queria conhecer: se Pedro matava a Judas, não se executava a venda e morte de Christo: e não morrendo Christo ficava impedido o remedio do mundo, o genero humano sem redempção, e o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha maiores inconvenientes? De maneira que de se conservar aquelle segredo, que não parecia nada, dependeu a conservação do imperio de Christo. Não importa menos um segredo, que um imperio.

Tanto que Christo expirou, rasgou-se o veu do Templo, em signal de que tambem a Synagoga expirava e se acabava a monarchia Hebrea. Assim o dizem todos os Doutores; mas eu replico. O signal sempre ha de ter proporção com o que significa, e muita, se é natural: pois que proporção tinha rasgar-se o veu do Templo com se haver de acabar o imperio da Synagoga? Grande proporção, diz S. Leão Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus Summus Pontifex jussus fuerat intrare, reseratum est.* Aquelle veu do Templo era a cortina que cobria o *Sancta Sanctorum*, onde estavam escondidos os segredos e mysterios daquella Lei, vedados a todos, e só ao Summo Sacerdote permittidos: e por isso tinha grande proporção rasgar-se o veu do Templo, para significar que se acabava a Synagoga; porque não ha mais proprio signal de se acabar um imperio, uma monarchia, que romperem-se as cortinas dos seus mysterios, e rasgarem-se os veus de seus segredos. Os reinos e as monarchias sustentam-se mais do mysterioso, que do verdadeiro: e se se manifestam seus mysterios, mal os defendem as suas verdades. A opinião é a vida dos imperios; o segredo é a alma da opinião. A prevenção sabida ameaça a uma só parte: secreta, ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendem a attenção do inimigo; manifestos, são a guia mais segura de seus acertos. Reino cujas resoluções primeiro forem publicas que executadas, ó que perigosa conjectura tem de sua conservação!

Que bem entendia esta politica el-rei David! Levantou-se Absalão com o reino, começou a fazer gran-

des levas de gente, grandes exercitos contra David: e David que faria contra Absalão? Chamou Chusaï, um grande seu conselheiro, disse-lhe que se passasse á confidencia de Absalão, e que como fosse admittido aos conselhos, lhe revelasse por vias occultas tudo o que lá passasse: *Omne verbum quodcumque audieris de domo Regis indicabis.* [1] Isto fez David, e não fez mais. Pois David, se veem contra vós tão numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E já que vos descuidaes destas prevenções, a que fim mandaes lá Chusaï? Que ha de fazer um homem contra Absalão? Obrou David como soldado tão experimentado, e como rei tão politico. Querendo-se oppor ao poder de Absalão, tractou sobre tudo de lhe metter um confidente seu no conselho; porque entendeu que maior guerra fazia a Absalão com um homem que lhe rompesse os seus segredos, que com muitos mil homens, que lhe rompessem os seus exercitos. Um exercito roto póde-se refazer; mas um segredo roto não se póde remediar. Um exercito roto póde-se refazer com soldados; um segredo roto não se póde soldar com exercitos. Qualquer grande poder sem segredo é fraqueza; com segredo é grande poder. Em quanto Samsão encobriu o segredo dos seus cabellos, destruiu exercitos inteiros; como descobriu o segredo a Dalila, cortaram-lhe os cabellos os Philisteus, e poderam atar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes foram vencidos. O' que grande poder do segredo! De maneira que sete cabellos, com segredo, faziam tremer exercitos armados; e esse mesmo poder que fazia tremer exercitos armados, sem segredo, bastou um golpe de uma thesoura para o desbaratar. Por isso David contra Absalão tractou de lhe conquistar os segredos, e não de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimação fazia de um segredo David, porque era rei; que muito que fizesse tanta estimação do segredo José, porque era filho de David? *Joseph fili David.*

Fez tão grande estimação do segredo S. José, que não só o não fiou de outrem, mas tambem não o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, não só o havemos de recatar dos outros, mas tambem o havemos de

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XV, 35.

recatar de nós. O meu segredo ha-o de saber alguma parte de mim, mas todo eu não o hei de saber. Hei de fazer um repartimento entre eu e mim, e se o souber a metade de mim, não o ha de saber a outra metade. Parece doutrina paradoxa, e é conselho expresso de Christo: *Cum facis eleemosynam, nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua:* [1] Quando fizeres alguma esmola com a mão direita, não o saiba a mão esquerda. Pergunto: E porque não disse Christo, quando fizeres alguma esmola com a mão esquerda, não o saiba a mão direita? Porque a mão direita é mais nobre, a mão esquerda menos: e da mais nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguem; mas havendo de ser, ás maiores qualidades. Diz, pois, Christo: O que souber a mão direita, não o saiba a esquerda. Como se dissera: Haveis de fazer um repartimento entre vós e vós, e o segredo que souber aquella ametade que chega da mão direita até o coração, não o saiba a outra ametade que chega do coração até á mão esquerda. Assim o fez S. José. O seu segredo sabia-o parte de S. José; mas todo S. José não o sabia. Sabia-o a parte mais nobre da alma com suas potencias; mas não o sabia a parte menos nobre do corpo com seus sentidos. Sabiam-o as potencias d'alma, porque o sabia a vontade, *noluit*, e o entendimento, *cogitante;* mas não o sabiam os sentidos do corpo; porque nem a bocca o pronunciou, nem os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se viu indicio. D'onde se verá a razão porque o Anjo appareceu a S. José em sonhos: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.* [2] E porque não accordado, senão dormindo? Porque como S. José fiara o segredo só ás potencias d'alma, e não aos sentidos do corpo, esperou o Anjo que os sentidos estivesem dormindo, para acudir ao remedio, sem violar o segredo: *Angelus Domini apparuit in somnis Joseph, quòd nulli fuerat ipse confessus, sed inclusum tantummodo mente volvebat,* disse advertidamente S. João Chrysostomo. Tanto recato guardou S. José, e tanto respeito o Anjo a um segredo!

[1] *Math.*, VI, 3.
[2] *Ibid.*, I, 20.

VIII

Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Joseph. Estando S. José cuidando nestas coisas, appareceu-lhe um Anjo em sonhos, diz o Evangelista. Notavel consequencia! Se sonhava logo dormia: e se dormia, como cuidava? Dormir, e cuidar juntamente, parece que não póde ser. Pois se estava cuidando, *hæc autem eo cogitante*, como estava juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Joseph?* Dormia, e mais cuidava S. José, porque era filho de David. Esta differença faz o somno dos principes ao dos outros homens — que os reis cuidam dormindo, e dormem cuidando. O somno dos reis é um somno desvelado, é um dormir cuidadoso, um descançar inquieto, um desattender advertido, um descuidar-se vigiando. Nos outros homens o somno é prizão dos sentidos; nos reis é dissimulação sómente. Por isso ao leão lhe deram o imperio dos animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum rei fechou os olhos, que lhe não fizesse sentinella o coração: *Ego dormio, et cor meum vigilat*, dizia o Rei mais sabio. [1]

Dormindo estava Pharaö quando viu aquelle sonho admiravel das sete vaccas fracas, que comiam as sete robustas, em que se significavam os sete annos de fartura, e os outros sete de fome, que haviam de succeder no Egypto. [2] Era rei, por isso lhe inquietavam o somno estes cuidados. Quatorze annos antes levava Pharaö adiantado o governo de seus vassallos, e já então sonhava com seus bens, e o desvelavam seus males. Isto é dormir como rei. Nos outros homens o somno é uma morte: nos principes o somno são duas vidas. Pharaö accordado, vivia no tempo presente; dormindo, vivia no presente e mais no futuro: no presente por duração, no futuro por cuidado. Mais via Pharaö dormindo com os olhos fechados, que accordado com os olhos abertos: accordado com os olhos abertos, via o que já era; dormindo com os

[1] *Cant.*, v, 2.
[2] *Gen.*, 41.

olhos fechados, via o que ainda não era, só porque havia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esphera da vista. Com os olhos abertos, via poucos espaços de logar; com os olhos fechados, alcançava grandes distancias de tempo. Assim dormia o rei do Egypto Pharaõ. E o rei dos Assyrios Nabuco como dormia? Dormia sonhando com o seu reino e com os estranhos. Viu Nabucodonosor aquella prodigiosa estatua, que representava os quatro imperios, dos Assyrios, dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos: [1] o corpo estava descuidado com os sentidos prezos; e a alma andava cuidadosa, levantando e derrubando estatuas, phantasiando reinos e monarchias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, que accordado: porque accordado cuidava no governo de um reino, e dormindo imaginava na successão de quatro. Pois se Nabuco era rei dos Assyrios, quem o mettia com o imperio dos Persas, com o dos Gregos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio que tinha. Era rei e quem quer conservar o reino proprio, ha de sonhar com os estranhos. Do reino proprio ha de ter cuidado, e os reinos alheios lhe hão de dar cuidado. Ninguem governou bem o seu reino, que não attendesse ao governo de todos. O bom rei tem por esphera o mundo. E' rei do seu reino pelo dominio, e rei de todos os reinos pelo cuidado. E como o dormir e o cuidar não é contradição nos reis, senão natureza, ou obrigação quando menos, tendo S. José tanto de rei, não é muito que estivesse cuidando e dormindo juntamente: *Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.*

IX

Ora eu não me espanto tanto de que S. José dormindo cuidasse, senão de que cuidando dormisse. Que dormindo podesse ter taes cuidados, não me espanta, mas que tendo taes cuidados podesse dormir, isto me admira. O certo é que tanto mostrou S. José a realeza do seu animo em dormindo poder ter taes cuidados,

[1] *Dan.*, 2.

como em tendo taes cuidados poder dormir. No meio dos maiores cuidados ter magnanimidade de coração para dar algum allivio aos sentidos, tambem é parte de rei.

Transfigurou-se Christo no monte Thabôr, dando um bom dia a sua humanidade sagrada, o melhor que nesta vida teve; acção em que sempre reparei muito, não tanto pelo descostume, quanto pelo tempo. [1] O tempo em que Christo se transfigurou, foi quando trazia entre mãos os negocios da redempção do mundo, e andava em vesperas de a concluir, como bem mostraram as praticas que teve com Moysés e Elias. Pois, Senhor meu, se andaes com um negocio de tanta importancia entre as mãos, se andaes em vesperas de concluir não menos que a redempção do mundo, como vos ides ao retiro do monte Thabôr? Como tomaes horas de recreação? Como vos pondes a ouvir vozes do céu? No meio de tão grandes cuidados esse divertimento? Sim. Foi Christo alegrar-se ao monte Thabôr, quando mais cuidadosamente tractava o negocio da redempção, para mostrar que não é contra a obrigação de rei, nem de Redemptor, no meio dos maiores cuidados tomar um dia de monte: *Duci in montana pars regni est*, disse discretamente S. Jeronymo. Tomar um dia de monte, tomar uma hora de recreação no meio dos maiores cuidados, tambem é parte de rei. Descançar para cançar mais, antes é ambição de trabalho, que desejo de descanço. Quando as potencias da alma estão fatigadas, justo é que se dê algum allivio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palavras do Santo: *Pars regni est:* se dissera S. Jeronymo que os moderados passatempos são privilegios das magestades: se dissera que são gages do poder supremo: que são divertimentos licita e honestamente soberanos, bem estava: mas dizer que são qualidades de rei, e parte de reinar, *pars regni est?* Sim. Porque o principal attributo de reinar é attender ao cuidado do reino, e tambem é parte de attender aos cuidados descuidar-se por uma hora delles. Para digerir o negocio, é necessario desafogar o animo: parte é logo de cuidado o divertir-se, quando o recrear os sentidos vem a ser habilitar as potencias. Não quero outra

[1] *Math.*, 17.

prova mais que a do nosso Evangelho. Dois estados teve S. José neste seu caso, um de cuidadoso, quando imaginava, outro de divertido, quando dormia. Pergunto: E quando resolveu S. José o negocio que tanta pena lhe dava? Quando? Quando se divertiu um pouco delle. Quando cuidadoso imaginava, tudo eram duvidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades: quando se divertiu um pouco dormindo, sanaram-se as tempestades do animo, e desfez a verdade a confusão que o trazia perplexo. De maneira que o demasiado cuidado lhe embaraçava a resolução, e o moderado descanço lhe resolveu o cuidado. Quando deu a recreação aos sentidos, então achou a solução dos negocios: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.* E como tambem é parte de rei no meio dos maiores cuidados tomar algum descanço, por isso o Anjo, quando achou dormindo a S. José no meio dos seus, lhe chamou filho d'el-rei David: *Joseph fili David noli timere.*

X

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta, que foi, para que o reino tivesse rei, influir ao rei qualidades e perfeições reaes. Na applicação dellas se me offerecia agora larga materia a um agradavel discurso, se prégara em outro logar. Mas aconteceu-me hoje o que a Plinio com a magestade de Trajano, que a presença de tão moderado principe lhe impedia a maior parte de sua oração, quasi offendendo com o silencio suas virtudes, por não offender com o discurso sua modestia: *Orationem meam ad modestiam Principis moderationemque submittam, nec minus considerabo, quid aures ejus pati possint, quàm quod virtutibus debeatur.* E assim para que os louvores sejam só de S. José, e para que se não falte da nossa parte ao reconhecimento agradecido das grandes obrigações que lhe devemos, saibamos que não só foram influencias deste benigno Planeta as qualidades do nascimento, senão a conservação da vida, que sua magestade logre por compridissimos annos, para que contemos muitos dias destes. Nenhum rei teve mais arriscada a vida, e com ella o reino, que aquelles tres reis que no nascimento de Christo o adoraram; porque

estavam debaixo da jurisdição de Herodes, e sujeitos ás temeridades de sua tyrannia. Comtudo Deus os levou por taes caminhos, que elles conservaram as vidas e se restituiram a seus reinos. Mas porque merecimentos? Ouvi umas palavras de S. Jeronymo de poucos até hoje bem entendidas: *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum Dominum, ut meritorum Joseph privilegium demonstraretur.* Ensinou-lhes Deus immediatamente o caminho por onde se haviam de restituir salvos a seus reinos, porque se vissem os privilegios de S. José: *Ut Joseph privilegium demonstraretur.* Salvarem-se os reis apesar do tyranno, privilegio dos reis parece, porque elles o gozaram: pois como diz S. Jeronymo, que não foi senão privilegio de S. José: *Ut privilegium Joseph demonstraretur?* Como S. José era do real sangue de David, ainda por força natural do sangue estão tão vinculados seus merecimentos ao patrocinio das pessoas reaes, que quando Deus guarda os reis, fal-o pelos privilegios de S. José. Dos reis foi o beneficio, mas de S. José foi o privilegio: *Ut Joseph privilegium demonstraretur.* Assim que conservar Sua Magestade a vida apesar do Opposito (que lhe não quero dar outro nome) dentro em suas proprias terras, e restituir-se a seu reino por caminhos tão outros do que se podia esperar: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam:* [1] fortunas são de Sua Magestade; mas foram privilegios de S. José: *Ut Joseph privilegium demonstraretur.* A S. José devemos a vida e os annos do rei, que nos deu em seu dia.

Mas quero eu por fim que advirtamos, que ainda que nos deu o rei e os annos, mais lhe devemos pelos annos, que pelo rei. Ora notae. O reino de Portugal não se perdeu por falta de rei; perdeu-se por falta de annos. Não se perdeu por falta de rei, porque nas mãos de dois reis se perdeu: nas mãos d'el-rei D. Sebastião, e nas mãos d'el-rei D. Henrique. Perdeu-se, porém, por falta de annos, porque el-rei D. Henrique tinha tantos annos que nos não pôde deixar successor: e el-rei D. Sebastião tinha tão poucos, que sem nos deixar successor se foi matar á Africa. E como o reino se perdeu por falta de annos, e não por falta de

[1] *Math.*, II, 12.

rei, não devemos tanto a S. José pelo rei, como pelos annos. Porque nos deu um rei de tal edade, e em tal mediania de annos, qual o haviamos mister. Nem tão poucos annos como os d'el-rei D. Sebastião, porque havia mister mais annos o governo; nem tantos annos como os d'el-rei D. Henrique, porque havia mister menos annos a successão. Um rei que tivesse vivido os annos que bastassem para a experiencia, e que lhe faltassem por viver os annos que são necessarios para a conservação. Annos maduros para o conselho, efficazes para a execução, robustos para o trabalho, fortes e animosos para a guerra, em fim annos que se hão de continuar com muitos e felicissimos, que debaixo do patrocinio de José não ha annos infelizes, ainda que os prometteu o tempo. Pharaö sonhou com sete annos de fartura e sete de fome: pozse debaixo do patrocinio de José, e todos os quatorze annos foram de fartura. De maneira que na previsão do rei havia annos felizes e infelizes; mas na protecção de José os felizes e os infelizes todos foram ditosos. Assim serão os annos que esperamos (por mais que o mundo padeça calamidades) felizes todos por favor de S. José: felizes na vida de suas magestades e altezas: felizes em gloriosas victorias de nossas armas: felizes na conservação e perpetuidade do nosso reino: felizes, em fim, na reforma dos costumes e augmento das virtudes christãs por meio da graça. *Quam mihi, et vobis, etc.*

SERMÃO

DO

GLORIOSISSIMO PATRIARCHA S. JOSÉ

Prégado na cathedral da Bahia, no anno de 1639.

Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph. [1]

I

Todos os prégadores neste dia, accommodando-se, como devem, á historia do Evangelho, tractam dos zelos e duvidas de S. José meu Senhor. Eu como o menor de seus servos, pela obrigação com que devo zelar sua honra, não determino fallar nas suas duvidas; mas, quanto fôr possivel á fraqueza do meu discurso, fazer indubitavel e certo, o que muitos até-gora se não atreveram nem a duvidar. As bodas já passadas, não de Maria, filha de Joaquim, mas de Maria, Mãe de Jesus com José, refere com ponderosa energia no Texto, que ouvimos cantar, o Evangelista S. Mattheus: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* Digo que as refere com ponderosa energia; porque não haverá entendimento tão rude, que não pasme, considerando um tal casamento, e em tal casa. O casamento tão alto, que não é menos que da Mãe do proprio Deus; e a casa tão humilde, como de um pobre official, que com o trabalho de suas mãos, e o suor do seu rosto, lavrando lenhos seccos, e sem raizes, delles recolhia o duro pão, com que sustentava a mesma casa. Para dizer, pois, o que entendo, é-me necessario entrar nesta mesma officina, e tomar della emprestados tres instrumentos, — uma serra, uma

---

[1] *Math.*, I.

plaina, e um compasso — : a serra para dividir e apartar a verdade da opinião: a plaina para aplainar todas as difficuldades que póde ter a mesma verdade: e o compasso para medir a immensidade das grandezas de S. José, que nelle estão encerradas. Este é o argumento do sermão, já dividido nas tres mesmas partes. E posto que o Espirito Santo seja Esposo da mesma Esposa de S. José, sem zelos nos favorecerá com a graça que lhe pedirmos por sua intercessão: *Ave Maria.*

II

O fim para que pedi a S. José o primeiro instrumento da sua officina, foi para cortar e metter a serra entre o falso e o verdadeiro, ou entre o solido e o mal fundado da sua reputação, vária sempre, mas sempre mais crescida. Quando Christo Redemptor nosso vivia neste mundo, foi reputado por Filho de José, como nota S. Lucas: *Ut putabatur, Filius Joseph.* [1] Uns diziam isto sem malicia; porque assim o entendiam: outros maliciosamente por desprezo, e para abater e affrontar o Filho com o officio do Pae: *Nonne hic est fabri Filius?* [2] Depois correndo o tempo, e dando o mundo as voltas que em todas as coisas costuma, esta mesma que d'antes se reputava por injuria de Christo, chamando-lhe Filho de José, se converteu em louvor do mesmo José, contando-se até hoje por uma das suas prerogativas mais singulares. Assim o reza o hymno do mesmo Santo: *Jesu Christi Domini Pater nuncupatus.* Porém como este nome é contrario á sua propria significação, e em ser sómente reputado por Pae de Christo, se suppõe e affirma que o não era; que dirão os que sabem que a essencia, ou a energia e alma do louvor não consiste na opinião, ou nas vozes, senão na realidade solida do que é, ou não é? Chegados á precisão deste ponto, já sou obrigado a me declarar, e dizer o que sinto. Digo pois (e este será o meu assumpto) que S. José não só foi Pae putativo, como dizem, senão verdadeiro e legitimo Pae de Christo.

---

[1] *Luc.*, III, 23.
[2] *Math.*, XIII, 55.

III

Não faltará quem chame a esta proposição demasiada ousadia. Mas se eu a provar, não ha duvida que será um grande louvor de meu Senhor José: e quando a não prove, servirá de consolação ao meu desejo e affectos; e a mesma ousadia morta merecerá o epitaphio de Phaetonte: *Magnis tamen excidit ausis.* Para prova do que disse, supponho duas coisas. A primeira, que S. José foi verdadeiro e legitimo Filho, isto é, descendente de David. Consta authenticamente para todo o mundo pelo livro da matricula dos Romanos; e para os que creem no Evangelho, pelo de S. Lucas, quando por obedecer José ao edicto de Augusto Cesar, foi pagar o tributo a Belem, cidade de David: *Eo quod esset de domo, et familia David;* [1] porque era da casa e familia de David. O mesmo Evangelista, narrando a embaixada de S. Gabriel, diz que veiu á cidade de Nazareth enviado por Deus: *Ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph de domo David:* [2] a uma Virgem desposada com um varão da casa de David, por nome José. E no nosso Evangelho o Anjo que revelou a S. José o mysterio da Encarnação, ou fosse o mesmo, ou outro, expressamente o nomeia por Filho de David: *Joseph, fili David, noli timere.* [3]

A segunda, que supponho, é que o matrimonio de S. José com a Virgem Maria Senhora nossa, foi verdadeiro e legitimo matrimonio, celebrado antes da conceição do Verbo Divino. Esta ultima circumstancia duvidaram alguns Auctores, fundados nas palavras do nosso Texto: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph:* nas quaes chamar-se a Senhora desposada, parece que significa sómente desposorios de futuro, e não consenso mutuo por palavras de presente, em que consiste a essencia do matrimonio. Mas o contrario se declara e convence do mesmo Texto por duas clausulas affirmativas, manifestas, e ex-

---

[1] *Luc.*, II, 4.
[2] *Ibid.*, I, 27.
[3] *Math.*, I, 20.

pressas: uma, com que o Evangelista S. Mattheus no mesmo tempo dá a José o nome não de Esposo, senão de Marido: *Joseph autem vir ejus cum esset justus:* [1] e outra, com que o Anjo nomeia a Senhora com a palavra *conjux*, que significa mulher legitima e casada: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* [2]

Não quero passar sem reparo o termo, *accipere:* e dizer o Anjo a S. José, que não tema de receber a Senhora, alludindo á deliberação em que estava de a deixar occultamente: *Voluit occultè dimittere eam.* [3] Onde se vê que as bodas de S. José com a Virgem Maria foram como as de Jacob com Rachel, a qual elle recebeu duas vezes: uma vez, sem saber o que recebia, de que se lhe seguiu aquella sua grande tristeza; e outra vez, sabendo e vendo claramente que era Rachel, com os extremos de alegria e festa, de que era merecedora. Do mesmo modo S. José. A primeira vez estando já a Senhora levantada sobre todas as creaturas á dignidade suprema de Mãe de Deus, recebeu-a sem saber o que era, como filha de Joaquim; e posto que dotada de muitas graças, capaz, como mulher, de lhe causar as tristezas e angustias em que agora se via. Mas a segunda vez? O' homem mais venturoso e bemaventurado de todos os nascidos! Recebeu-a a segunda vez com aquelle assombro, e pasmo de ter concebido em suas entranhas o Verbo Eterno por virtude do Espirito Santo: *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est:* [4] e que sendo ella tal, os mesmos Anjos que a adoravam como Rainha, lhe chamavam mulher sua: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.*

Provada este supposição de ser verdadeiro e legitimo matrimonio o da Virgem Santissima com S. José, verdadeiro e legitimo Filho, e descendente de David; sobre estas duas premissas, passaremos á conclusão da nossa proposta. E só advirto, para que a equivocação dos nomes não faça duvida, que sendo os proprios extremos do verdadeiro e legitimo matrimonio, mulher e marido, em que necessariamente have-

---

[1] *Math.*, I, 19.
[2] *Ibid.*, 20.
[3] *Ibid.*, 19.
[4] *Ibid.*

mos de fallar; eu só usarei commummente da palavra Esposo e Esposa, assim para maior reverencia de uma tão sagrada união, de ambas as partes virginal, como porque o Evangelista S. Matthæus no Texto do nosso thema usou da mesma urbanidade, não dizendo: *Conjugata*, ou *nupta:* senão *Desponsata: Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

IV

Chegando pois já á prova do nosso grande assumpto (que como medrosa parece que tem tardado) digo assim: S. José foi verdadeiro e legitimo Filho de David; o matrimonio de S. José foi verdadeiro e legitimo matrimonio: logo S. José foi verdadeiro e legitimo Pae de Christo. Para confirmação desta consequencia não tenho menos Auctores, que dois Evangelistas, S. Matthæus, e S. Lucas. S. Matthæus assentando por primeiro fundamento do seu Evangelho a genealogia de Christo Senhor nosso, diz: *Liber generationis Jesu Christi Filii David:* [1] Livro da geração de Jesus Christo Filho de David. E depois de referir quarenta e uma gerações, todas de pae a filho até José, fecha o mesmo livro com esta clausula: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*: [2] Jacob gerou a José Esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Christo. Mas se Jesus, que se chama Christo, de tal sorte nasceu da Virgem Maria, que José não teve parte alguma na sua geração; como mette S. Matthæus a José na genealogia de Christo, e nomeadamente como Esposo de Maria: *Joseph virum Mariæ?* A resposta deste fecho, que em outro tempo foi não pouco difficultosa, hoje é facil; mas dependente de muitas circumstancias e noticias.

A primeira, que a Virgem Maria era unica herdeira da casa de seus paes: a segunda, que as herdeiras assim unicas eram obrigadas a casar com tal esposo, que fosse não só da sua Tribu, senão da sua

[1] *Math.*, I, 1.
[2] *Ibid.*, 16.

propria familia: a terceira, que a exacta derivação destas descendencias se havia de fazer pela linha, ou via masculina, e não pela feminina, como o Evangelista fez a de S. José. E de toda esta junta e concurso de condições (que naquelle tempo eram publicas) concluiu S. Matthеus a verdade da sua proposta, que era a geração de Christo Jesus, desta maneira: Jesus Christo foi Filho de Maria; Maria foi da mesma Tribu e familia de José; José foi da Tribu e familia de David: logo Jesus Christo, que nasceu de Maria, foi Filho de David: *Liber generationis Jesu Christi Filii David.* Disse que estas condições nequelle tempo eram publicas, para dar a razão de S. Matthеus as não referir, mas suppor reduzidas a tres palavras: *Joseph virum Mariæ.* E a razão é, porque S. Matthеus escreveu em hebreu, e para os Hebreus, entre os quaes o ser Christo Filho de David era coisa tão vulgar que a sabiam os meninos, os quaes quando entrou em Jérusalem o receberam cantando: *Hosanna Filio David.* [1] E não só os Hebreus, senão tambem os Gentios o não ignoravam; como a Cananea: *Miserere mei, Domine, Fili David.* [2] E até os cegos, como o da estrada de Jericó, o qual sentindo tropel de gente, perguntou quem era: e respondendo-lhe que era Jesus Nazareno, chamando por elle, não disse: Jesus Nazareno, senão, Filho de David: *Fili David, miserere mei.* [3]

V

Até aqui não apparece ainda a minha consequencia; mas ha de ser tambem minha a duvida. Reparo em não só dizer o Evangelista: *De qua natus est Jesus;* mas accrescentar: *Qui vocatur Christus.* Para declarar que Jesus era Filho da Virgem Maria, e a Virgem Maria Mãe sua, bastava dizer: *De qua natus est Jesus:* que era o seu proprio nome. Assim o nomeou o Anjo á Virgem antes de ser concebido: *Vo-*

[1] *Math.*, XXI, 9.
[2] *Ibid.*, XV, 22.
[3] *Mar.*, X, 47.

cabis nomen ejus Jesum: [1] assim, depois de concebido, a S. José pelas mesmas palavras: *Vocabis nomen ejus Jesum.* [2] E finalmente no dia da Circumcisão, que andava junta com a imposição dos nomes: *Vocatum est nomen ejus Jesus.* [3] Pois se o seu nome proprio era Jesus; porque accrescenta o Evangelista S. Mattheus o de Christo: *Qui vocatur Christus?* Tambem aqui é necessaria a serra, e dividir e distinguir em Jesus o ser Jesus, e o ser Christo: e do mesmo modo na Virgem o ser Filha de David, e o ser Esposa de José. Porque para Christo ser Jesus, bastou ser Filho de Maria: *Mariæ, de qua natus est Jesus.* Mas para Jesus ser Christo, era necessario que Maria fosse Esposa de José: *Joseph virum Mariæ.* Declaremos o que está encerrado nesta notavel complicação. Christo quer dizer, ungido; e foi ungido, não só por Rei, senão nomeadamente por Rei do reino e sceptro de David; o qual por isso entre tantos outros reis desta genealogia, elle só se chama Rei: *David autem rex.* [4] A successão e herança deste reino, foi o principal fim e intento do livro da geração, que escreveu o Evangelista S. Mattheus, não só do Filho de David Jesus, senão do Filho de David Jesus e Christo juntamente: *Liber generationis Jesu Christi Filii David.* E porque esta successão e herança não pertencia á Pessoa da Virgem Maria, senão á de S. José, successor e legitimo herdeiro do sceptro de David (como dizem graves Auctores, e se infere efficazmente do mesmo Texto): esta é a forçosa razão, porque foi necessario o verdadeiro e legitimo matrimonio entre José e Maria, para que Christo, como prole do mesmo matrimonio, podesse ser herdeiro de José, como foi: *Jesus Nazarenus, Rex Judæorum:* [5] Rei, e pelo matrimonio de Nazareth. Donde se segue, que assim como o mesmo Christo, por razão e beneficio do matrimonio de sua Mãe teve legitimo direito filial para herdar a José, como seu Filho; assim José reciproca-

[1] *Luc.*, I, 31.
[2] *Math.*, I, 21.
[3] *Luc.*, II, 21.
[4] *Math.*, I, 6.
[5] *Joan.*, XIX, 19.

mente teve o direito paterno, tambem legitimo, para o fazer seu herdeiro, como Pae.

Entre agora o Evangelista S. Lucas, e ponha admiravelmente o sello a esta consequencia. Introduzindo S. Lucas a embaixada do Anjo á Virgem, fallou com esta formalidade de termos: *Missus est Angelus Gabriel à Deo in civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth, ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David, et nomen Virginis Maria:* [1] Foi mandado o Anjo Gabriel por Deus a uma cidade de Galilêa, por nome Nazareth, a uma Virgem desposada com um Varão por nome José, da casa de David, e o nome da Virgem era Maria. Pois se o Evangelista foi tão exacto em declarar o nome da provincia, da cidade, do Varão e da Virgem: e ao nome do Varão accrescentou a familia e descendencia: porque a não accrescentou tambem ao nome da Virgem? O Varão e a Virgem ambos eram da familia de David: porque não declarou logo, que a Virgem era tambem da mesma familia? Digo mais, que havendo de declarar a familia de um só dos dois contrahentes, esta havia de ser a Virgem, e não a do Varão: porque só a Virgem havia de ser a Mãe do Filho annunciado, e o Varão não: *Quoniam virum non cognosco.* [2] Pois, outra vez, se o Varão não havia de ter parte no Filho, e todo havia de ser da Virgem, porque declara a familia do Varão, e a Virgem não a declara? Porque tanto importava a S. Lucas para a consequencia da sua historia declarar uma, como não declarar outra. E qual foi a consequencia? *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus.* [3] Havia de dizer o Anjo, como disse, á Virgem, que ao Filho annunciado lhe daria Deus o throno e sceptro de seu Pae David: e como este sceptro, e a herança delle pertencia a Christo, não pela descendencia da Virgem, senão pela do Varão, que era José, *Virum Mariæ*, por isso só ao nome de José ajuntou o da familia de David: *Cui nomen erat Joseph, de domo David.* Como se dissera: O Filho ha de ser da Mãe; mas o sceptro ha de ser do Pae: o Filho ha de ser da Virgem; mas o sceptro ha de ser do Varão;

[1] *Luc.*, I, 26.
[2] *Ibid.*, 34.
[3] *Ibid.*, 32.

porque pela herança do Varão, *Virum Mariæ*, o Filho de Maria não só será Jesus, que quer dizer Salvador, senão Christo, que quer dizer Rei: *Jesus, qui vocatur Christus:* e isto é o que quiz provar S. Matheus no seu livro quando disse: *Liber generationis*, não só, *Jesu*, senão, *Christi Filii David.*

VI

Aqui se deve notar, que nenhum Evangelista diz expressamente que a Virgem era descendente de David, e todos expressissimamente, e em muitos logares o repetem de José; porque a elle deireitamente pertencia o jus hereditario, e legitimo direito do reino de David. Mas deixadas consequencias, vamos a testemunhos dos mesmos Evangelistas, em que com evidencia se prova ser o gloriosissimo José, verdadeiro e legitimo Pae de Christo.

Quando a Virgem Santissima, e seu Esposo S. José levaram a Christo Menino ao Templo de Jérusalem a ser presentado, conforme a Lei, diz o Evangelista, que o introduziram seus Paes: *Cùm inducerent Jesum parentes ejus.* [1] E quando refere que todos os annos pela Paschoa tornavam ao Templo, lhes chama segunda vez seus Paes: *Et ibant parentes ejus per omnes annos in Jerusalem in die solemni Paschæ.* [2] E depois que foi de edade de doze annos, na mesma jornada em que o perderam e não acharam, terceira vez lhes torna a dar o mesmo nome de Paes seus: *Remansit Puer Jesus in Jerusalem, et non cognoverunt parentes ejus.* [3] E se quizermos vèr os dois santissimos Esposos até aqui comprehendidos debaixo do nome commum de Paes, distinctos e divididos cada um com o seu proprio de Pae e Mãe; com esta distincção e propriedade os nomeia o mesmo Evangelista, quando refere, que ouvindo a Simeão se admiravam do que prophetisava daquelle Menino: *Et erat Pater ejus, et Mater mirantes super his, quæ dicebantur de illo.* [4]

---

[1] *Luc.*, II, 27.
[2] *Ibid.*, 41.
[3] *Ibid.*, 43.
[4] *Ibid.*, 33.

Agora pergunto, e haja quem me responda: Quando os Evangelistas a um e a outro Esposo lhes chamavam ou em commum Paes, ou em particular a José Pae, e a Maria Mãe de Christo, em que sentido fallavam? Por ventura no sentido vulgar, em que o povo, ignorante do mysterio, reputava a José por Pae de Christo, *Ut putabatur Filius Joseph*, e erradamente lhe dava este nome? De nenhum modo. Porque no tal caso diriam os Evangelistas uma coisa não só falsa (o que não póde ser): mas injuriosa á Virgem, a seu Filho, a seu Esposo, e á mesma verdade do Evangelho. E' certo logo e infallivel, que o sentido em que fallavam os Evangelistas, era o verdadeiro, e proprio, conforme a realidade do que as suas palavras significavam. E assim como estas eram proprias, certas e verdadeiras, quando chamavam a José, *Pater ejus*, assim José era proprio, certo e verdadeiro Pae de Christo.

Ainda temos outro testemunho mais qualificado, não na verdade, que não póde ser maior, mas maior sem comparação na auctoridade, e na dignidade. Quando a Virgem Santissima Senhora Nossa, e S. José, depois de haverem perdido o Menino de doze annos, o acharam no Templo, disse-lhe a Mãe Santissima com palavras muito suas: *Fili, quid fecisti nobis sic? Ecce Pater tuus, et ego dolentes quærebamus te:* [1] Filho, e que é isto, que nos fizestes? Eis aqui vosso Pae e Eu, que ha muito vos andamos buscando com grande dôr. De sorte que da mesma bocca da Mãe de Christo é José Pae de Christo: *Ecce Pater tuus, et Ego.* Onde se deve notar muito, que os tres, entre os quaes se repartia este colloquio, Jesus, Maria, e José, todos sabiam o mysterio e segredo da Encarnação de Christo, para não ser necessario usar de alguma metaphora, ficção, ou cautela: José sabia que não tinha parte alguma na conceição do Filho: o Filho sabia que todo unicamente era de sua Mãe: a Mãe sabia que fôra concebido pelo Espirito Santo. E que a mesma Mãe, fallando com o mesmo Filho, chamasse a José seu Pae: *Ecce Pater tuus!* Que é isto? E' que S. José, sem concorrer, nem ter parte na geração natural de Christo, não só podia ser, mas realmente era legitimo e verdadeiro Pae do mesmo Christo.

---

[1] *Luc.*, II, 48.

VII

E para tirar qualquer duvida, ou escrupulo, que possa occorrer nesta verdade, tomemos a plaina, e façamos toda a difficuldade ou admiração desta grande materia, plaina, corrente e liza. S. Mattheus começou a geração de Christo desde David, e desde Abrahão: *Filii David, Filii Abraham:* Eu hei de ir buscar a sua primeira origem muito mais acima. Esta palavra, *paternitas*, que é paternidade, d'onde se deriva o ser, e se significa o nome de pae, só uma vez se acha em toda a Escriptura, que é o Capitulo terceiro da Epistola aos Ephesios: *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in cœlis, et in terra nominatur.* [1] Prostrado de joelhos, diz S. Paulo, dou graças ao Pae de nosso Senhor Jesus Christo, do qual se deriva toda a paternidade do céu e da terra. De sorte que a primeira e originaria fonte, donde mana toda a paternidade, e todo o ser pae em todas as creaturas, é o Eterno Padre. E diz o Apostolo: *Omnis paternitas:* Toda a paternidade; porque as paternidades que Deus fez e póde fazer, não são uma só, senão muitas, todas legitimas e verdadeiras, cada uma em seu genero. A primeira e natural foi a de Adão e seus filhos. A segunda é legal na Lei velha, em que o irmão defunto sem filho, era pae legal do que nascia de seu irmão. A terceira é a adoptiva, com que Deus nos fez filhos seus, e nós lhe chamamos verdadeiramente Pae nosso: *In quo clamamus: Abba (Pater.)* [2] A quarta é a da geração espiritual, da qual propriamente fallava S. Paulo, e a declarou aos Corinthios: *Nam in Christo Jesu per Evangelium ego vos genui.* [3]

E quanto ás paternidades que Deus póde fazer, baste o que disse S. João Baptista mostrando as pedras do Jordão, onde baptisava, que daquellas pedras poderoso era Deus para fazer filhos de Abrahão: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ.* [4]

---

[1] *Ephes.*, III, 14 e 15.
[2] *Rom.*, VIII, 15.
[3] *1.ª ad Corinth.*, IV, 15.
[4] *Math.*, III, 9.

A palavra *Abrahæ*, no Texto original está em dativo. E se de uma pedra póde Deus dar filhos e fazer pae a Abrahão (qual era José), porque o não poderia fazer Pae do Filho de uma Virgem? Faz Deus commummente os matrimonios de mulher fecunda, como o de Adão com Eva; fel-os muitas vezes de mulher esteril, como o de Abrahão com Sára, o de Zacharias com Isabel; e porque o não faria uma só vez de mulher virgem, como o da Virgem Maria com seu Esposo José? A primeira paternidade é natural; a segunda é milagrosa; a terceira é sobre toda a natureza, e sobre todo o milagre; mas nem por isso impossivel. Torne o Texto de S. Paulo, com o que nelle é mais admiravel: *Ex quo omnis Paternitas in cœlis, et in terra.* Diz o Apostolo que do Eterno Padre se deriva toda a paternidade, assim no céu como na terra. E no céu póde haver paternidade? A palavra *Omnis*, e a palavra *Ex quo*, excluem a paternidade do Padre Eterno: logo no céu ficam só os Anjos, que não são capazes de geração. Pois se os Anjos não são capazes de geração, como suppõe S. Paulo nelles paternidade? O como, sabe-o Deus, e tambem o podia saber S. Paulo, que foi ao céu. O que a nós nos serve é, que os Virgens são como Anjos; e em um matrimonio tão angelico como o de S. José e Maria, em que ambos eram virgens, admiravel coisa é, mas não impossivel, haver a paternidade, com que S. José fosse Pae, e com que foi Pae de Christo.

E para que vejamos quão verdadeira, quão legitima, quão propria, e quão chegada á natural foi esta paternidade de S. José, oiçamos ao grande lume da Igreja, Santo Agostinho: *Omne nuptiarum bonum inventum est in parentibus Christi:* [1] Todos os bens, que teem as bodas, se acham no matrimonio dos Paes de Christo. E nomeando-os logo, diz: *Prolem, fidem, sacramentum:* a prole, a fidelidade, e o Sacramento. E declarando qual é a prole, ou o Filho deste matrimonio: *Prolem* (diz o Santo) *agnoscimus Dominum Jesum Christum:* A prole, e o Filho deste matrimonio de José e Maria, é o Senhor Jesus Christo. Vède o que diz, e o que não diz Agostinho. Não diz que o Senhor Jesus Christo é prole e Filho da Virgem Maria, senão que é prole e Filho das bodas e do ma-

[1] Aug. lib. 1. ad Val. tom. 7.

trimonio da Virgem Maria com S. José. E porque? Porque ser Filho de Maria, é ser Filho da Esposa, que é uma só Pessoa, e essa Mãe: porém ser Filho do matrimonio, que consta de Esposa e Esposo, é ser Filho de duas pessoas, e essas Mãe e Pae, qual foi José.

Esta é a razão evidente e manifesta no Texto sagrado, por que S. Lucas antes da conceição de Christo, e S. Matheus depois do parto, ambos notaram, que antes de nascido e concebido, já as bodas de Maria e José eram celebradas. S. Lucas: *Ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph.* E S. Matheus: *Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus:* porque se fosse antes do matrimonio, seria o Filho só de Maria; mas depois do matrimonio, como prole do mesmo matrimonio, era de ambos. Assim o tornou a notar o mesmo Santo Agostinho em outro logar, como se commentasse o já referido. Dá a razão porque S. Matheus deduziu a genealogia de Christo por S. José, e até S. José: *Joseph virum Mariæ. Neque enim fas erat, ut ob hoc eum a conjugio Mariæ separandum putaret, quòd Virgo peperit Christum.* [1] Porque não era licito apartar a José do matrimonio de Maria, a titulo de haver concebido a Christo sendo Virgem; porque ainda que eram ambos Virgens, a ambos sem mutua communicação podia nascer um Filho, como verdadeiramente nasceu Christo, não só a Maria, senão a Maria e a José: *Præsertim quia nasci eis etiam potuit Filius sine ullo complexu carnali, qui solùm propter gignendos filios adhibendus est.* Onde muito se deve notar aquella grande palavra, Nasci eis: nascer a elles; não só á Esposa, senão a ambos os Esposos: não só a ella Maria, *De qua natus est:* senão a elle José, com quem estava desposada: *Joseph virum Mariæ.*

VIII

Só resta que vejamos praticamente como isto foi. Fez-se o Filho de Deus homem; mas a phrase com que o diz o Evangelista S. João, é, que se fez carne: *Verbum caro factum est.* [2] E que carne era esta que

[1] Aug. lib. I. de Cons. Evang. Cap. 1.
[2] *Joan.*, I, 14.

uniu o Verbo a si, e de quem era? Era a carne purissima e santissima da Virgem Maria Senhora nossa. E era só sua? Se não fora desposada, sim. Mas sendo desposada, como verdadeira e legitimamente o estava com José, pelo vinculo do legitimo matrimonio, tanto era d'elle como sua. Assim o definiu o soberano Instituidor do mesmo matrimonio, por bocca do primeiro que atou com elle: *Erunt duo in carne una.* [1] E se a carne de que se vestiu o Verbo, sendo de dois, era uma; não é contra a razão desta unidade, senão muito conforme a ella, que o Filho que della nasceu, sendo tambem um, pertença aos mesmos dois, a Maria como Esposa, com o nome de Mãe, e a José como Esposo, com o de Pae.

Grande Texto em confirmação com auctoridade divina, e sobre divina jurada. *Juravit Dominus David veritatem, et non frustrabitur eam:* [2] Jurou Deus a David uma verdade, cuja promessa infallivelmente se cumprirá, e não será frustrada. E que verdade, não só promettida, senão jurada pelo mesmo Deus, é esta? *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam:* [3] E' que do fructo do ventre de David havia de pôr Deus sobre o seu throno um Filho tambem seu. Assim se cumpriu em Christo, Filho de David, e Rei do seu proprio Reino. Mas se o Texto com o mesmo sentido podia dizer: *Ex fructu fæmoris tui;* porque disse: *Ex fructu ventris tui?* A réplica é de Santo Agostinho, o qual responde: *Significantius dicere voluit, ex fructu ventris, quia de fæmina natus est Dominus.* Disse: *De fructu ventris*, com significação mais propria, porque Christo propriamente nasceu de mulher. Bem. Mas se nasceu de mulher, porque chama ao ventre de David: *De fructu ventris tui?* E que David era este, se quando Christo nasceu do ventre santissimo, havia vinte e oito gerações, que David era morto? *A David usque ad transmigrationem Babylonis generationes quatuordecim: et à transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.* [4] O David, que então havia, era o ultimo descendente de David,

[1] *Gen.*, I, 24.
[2] *Psal.*, CXXXI, 11.
[3] *Ibid.*
[4] *Math.*, I, 17.

immediato antes de Christo, S. José: *Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus.* E o ventre desta Mãe era deste David? Não só era seu, senão mais seu, que da mesma Mãe. Assim o diz S. Paulo, e é de fé, pelo vinculo e direito do legitimo matrimonio: *Mulier sui corporis potestatem non habet, sed vir.* [1] Mas este poder em matrimonio virginal era só quanto ao dominio (em que se verifica o *ventris tui*), e não quanto ao uso, como bem nota Santo Thomaz. E como o ventre de que nasceu Christo, era de David, e o David em que se verificou, era José, vêde se era José verdadeiro, legitimo e propriissimo Pae de Christo.

Replicará alguem, que José de nenhum modo cooperou á geração do bemdito fructo de sua Esposa, senão o Espirito Santo: logo o fructo não podia ser seu. Nego a consequencia: porque ainda que a cooperação não foi sua, senão do Espirito Santo, a Esposa de quem nasceu o fructo, era verdadeiramente sua. Adão em dois estados era senhor de dois fructos muito differentemente plantados. Em quanto esteve no Paraiso, eram seus os fructos que plantára Deus: *Plantaverat autem Dominus Deus paradisum voluptatis.* [2] Depois que esteve fóra do Paraiso, eram seus os fructos que elle plantava: *Ut operaretur terram, de qua sumptus est.* [3] Pois se uns fructos eram plantados por Deus, em que não teve parte, e os outros plantados por elle com o trabalho de suas mãos, e o suor de seu rosto; porque eram egualmente seus, assim uns como os outros? Porque segundo os differentes estados da sua fortuna, uma e outra terra era sua. Porque era sua a terra do Paraiso, eram os fructos do Paraiso seus, ainda que não fosse elle, senão Deus o que os tinha plantado. O mesmo digo, e se ha de entender de S. José. Como a Esposa, de que nasceu o bemdito fructo do seu ventre, era sua, *Conjugem tuam;* ainda que elle não tivesse cooperação alguma na sua geração, e toda fosse do Espirito Santo, o fructo, comtudo, era seu, porque o era o ventre: *De fructu ventris tui.*

Falta ainda, ou póde haver mais prova? Não por-

---

[1] *1.ª ad Corinth.*, VII, 4.
[2] *Gen.*, II, 8.
[3] *Ibid.*, III, 23.

que falte, mas para que sobeje, quero que o mesmo purissimo ventre deste fructo nos diga que o fructo é de S. José. Mas antes que a Mãe Virgem nol-o affirme, é necessario que dêmos dois passos atraz. S. Jeronymo buscando a razão porque a Senhora primeiro houve de ser Esposa de seu Esposo, que Mãe de seu Filho, achou-a natural na agricultura, e no Texto de Isaias: *Egredietur Virga de radice Jesse, et flos de radice ejus ascendet.* [1] As palavras do Doutor Maximo são estas: *Maria virga est, flos Christus. Et nunquam flos ascendit de virga foliis nudâ. Prius virga filiis obumbratur, et honestatur, quam flos ascendat: prius ergo Maria erat viro honestanda, quam Christus nasceretur:* Na arvore (diz S. Jeronymo) primeiro nascem as folhas para a sombra, depois a flor para o fructo. Logo primeiro havia de estar a Virgem á sombra de José, do que ter a Christo nos braços. E que se segue d'aqui? Mais disse Jeronymo naquelle *obumbratur*, do que quiz dizer. Dêmos agora outro passo ao mysterio da Encarnação. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi:* [2] A virtude do Altissimo, ó Maria, vos fará sombra; e o Filho que debaixo desta sombra conceberdes, será Filho de Deus: *Ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei.* [3] E se o Filho concebido á sombra de Deus, é Filho de Deus; diremos tambem, que o mesmo Filho concebido á sombra de José, é Filho de José? Eu não me atrevo a affirmar a similhança; mas dando o ultimo passo, oiçamos o que diz a mesma Virgem.

Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi: et fructus ejus dulcis gutturi meo. [4] Assentei-me á sombra daquelle que eu tinha desejado, e o seu fructo foi para mim muito dôce. E quem é aquelle a quem a Virgem tinha desejado? Excellente periphrase de S. José! Quando a Virgem, tendo estado no Templo até edade competente, foi obrigada pelo divino Oraculo a sahir daquelle recolhimento, e tomar Esposo; como esta obediencia era contraria ao voto que tinha feito de perpetua virgindade, pediu a Deus que fosse tal o

[1] *Isai.*, XI, 1.
[2] *Luc.*, I, 35.
[3] *Ibidem.*
[4] *Cant.*, II, 3.

seu Esposo, que tivesse a mesma virgindade por voto, ou ao menos por proposito firme. E tal foi José, de pureza tão virginal e constante como a sua. Assim o dizem os Santos antigos, e Doutores modernos. E porque Deus satisfez á Virgem este seu desejo, por isso chama ao seu Esposo, aquelle que ella tinha desejado: *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi.* Assentada pois á sombra do seu desejado José, então é que o Altissimo a assistiu com a sua: *Virtus Altissimi obumbravit tibi:* e nasceu o fructo bemdito do seu ventre: *Ideoque et quod nascetur ex te sanctum.* Segue-se o ponto principal. E esse fructo de quem diz a Virgem que é? Não diz que é seu, do que não se podia duvidar; mas diz que é do seu Esposo, o que só podia ter duvida. *Et fructus ejus;* e o fructo delle. De sorte que a sombra era do seu desejado: *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi;* e o fructo tambem do mesmo desejado: *Et fructus ejus dulcis gutturi meo.*

IX

Desfeitas assim, e satisfeitas, ou, como diziamos, aplainadas as difficuldades que podiam occorrer na nossa proposta, tempo é já de deixar a plaina, e tomar o compasso para medir as grandezas que della se seguem, ou sobre ella se levantam. Christiano Druthmaro, Padre antigo e eloquente, chamou a José Esposo da Virgem, equivoco de José, filho de Jacob: *Fuit autem tuus æquivocus castus inventus, et bonus.* [1] E pareceu tão bem a Alberto Magno este equivoco, que accrescentou ao de José do Egypto o de José de Arimathea, um por casto, outro por pio: *Clarorum virorum æquivocatio est Joseph: Patriarchæ præcedentis, et Joseph ab Arimathæ â sequentis.* Mas nenhuma destas equivocações me parece digna de eu abrir o compasso, porque se levantam pouco da terra, e porque eu não busco em José as parelhas do nome de José, senão as do nome de Pae. Abrindo o compasso ponho uma ponta fixa delle na officina de Nazareth, e com a outra, fazendo um meio circulo até o céu empy-

[1] *Christ. Druth. in Math.*, 2.

reo, no mais alto delle (que é o throno do Eterno Padre) acho o equivoco de José Pae. E de que bocca pronunciado? De uma parte pela Mãe de Deus, e da outra pela do Filho de Deus. Que disse Maria quando achou a seu Filho no Templo? *Ecce Pater tuus, et ego dolentes quærebamus te.* E que respondeu o Filho? *In his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse.* [1] De maneira que Maria, alludindo a José, diz a Christo: *Pater tuus;* e Christo, alludindo ao Eterno Padre, diz a Maria: *Patris mei.* De uma parte a primeira Pessoa da Santissima Trindade Pae: da outra a Pessoa de José Pae, e não de outro indifferente Filho, senão do mesmo Filho de Deus: *Patris mei:* e do mesmo Filho de Maria: *Pater tuus.*

Só o mesmo Filho de Deus nos póde ponderar o altissimo e profundissimo encarecimento deste estupendo equivoco. Prégando Christo Senhor nosso em uma Synagoga de Capharnaüm, e tendo diante de si aos seus Discipulos, deram-lhe recado, que estava fóra sua Mãe e seus irmãos, e lhe queriam fallar: *Ecce Mater tua, et fratres tui foris stant quærentes te.* [2] Christo não tinha irmãos, mas os Hebreus chamavam irmãos aos parentes. E que respondeu o Senhor ao recado? *Quæ est Mater mea, et qui sunt fratres mei?* [3] Quem é a minha Mãe, e quem são os meus irmãos? E aqui estendeu a mão, e apontando para os Apostolos disse: *Ecce Mater mea, et fratres mei:* [4] Eis alli minha Mãe, e os meus irmãos; porque todo aquelle que fizer a vontade de meu Padre, que está no céu, esse é meu irmão, minha irmã, e minha Mãe: *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in cœlis est, ipse meus frater, et soror, et mater est.* [5] O que nesta resposta noto e pergunto, é: Assim como Christo disse: O que fizer a vontade de meu Padre, é minha Mãe: porque não disse tambem, é meu Pae? Do mesmo Texto se prova a paridade desta instancia. Porque quando disseram ao Senhor, que o buscavam seus irmãos, elle não só respondeu, que os que fa-

[1] *Luc.*, II, 48 e 49.
[2] *Math.*, XII, 47.
[3] *Ibid.*, 48.
[4] *Ibid.*, 49.
[5] *Ibid.*, 50.

ziam a vontade do seu Padre eram seus irmãos, senão tambem as suas irmãs: *Ipse meus frater, et soror est.* Logo quando lhe disseram que o buscava sua Mãe, não só havia de dizer (como disse) que os que faziam a vontade de seu Padre, eram sua Mãe; mas coherentemente havia de accrescentar, que eram sua Mãe e seu Pae. Pois porque não disse do mesmo modo: *Ipse Mater mea, et Pater est?* Porque ser Pae de Christo é uma grandeza tão superior a toda a esphera humana, que a nenhum homem a promette Christo. A primeira e mais alta dignidade entre os homens, é a dos Apostolos, como diz S. Paulo: *Primum quidem Apostolos:* [1] e a esses apontando-os com o dedo, concede Christo o nome de irmãos seus e mãe sua: *Ecce Mater mea, et fratres mei:* mas o de Pae seu, nem a Pedro, nem a outro concede tal coisa. João, que é o mais amado, seja filho de minha Mãe: *Ecce filius tuus:* [2] mas Pae meu, que é dignidade maior, só o Eterno Padre, e José.

Em outro genero foi José tambem Pae: como Pae daquella familia, que em tão pequena casa habitava em Nazareth. Tambem aqui, e sem sahir d'aqui, faz o compasso um circulo maior que o mundo. Todo o mundo habitado não egualava a grandeza, que dentro daquellas quatro paredes tão estreitas, estava encerrada. Aquella pequena familia, de que José era cabeça, compunha-se de duas partes tão immensas, que uma era o Filho de Deus, outra a Mãe de Deus: e se esta era a magestade do corpo, qual seria a dignidade da cabeça? O Padre, o Filho e o Espirito Santo são a Trindade do céu: Jesus, Maria, José, são a Trindade da terra. Mas na Trindade do céu nenhuma pessoa manda, nem obedece: porque não ha, nem póde haver entre ellas sujeição, ou imperio. Na da terra, porém, com assombro das Gerarchias, uma manda, e duas obedecem: e sendo Jesus e Maria as que obedecem, José é o que manda e governa.

Quando Josué mandou ao sol e á lua que parassem: *Sol contra Gabaon ne movearis, et luna contra vallem Aialon:* [3] parece que foi aquella a maior delega-

---

[1] *I.ª ad Corinth.*, XII, 28.
[2] *Joann.*, XIX, 26.
[3] *Josuë*, X, 12.

ção da omnipotencia. Mas que comparação tem mandar ao sol e á lua, com mandar a Jesus e a Maria? Josué (que como Cesar escreveu as suas batalhas) atreveu-se a dizer, que neste caso obedeceu Deus á voz do homem: *Obediente Domino voci hominis.* [1] Mas para moderar a proposição, accrescentou ao *Obediente Domino*, como tão grande soldado, *Et pugnante pro Israel:* que naquella occasião Deus tambem pelejava pela parte de Israël. Quando os reis se acham presentes nos exercitos, ao tempo de dar a batalha, costumam obedecer aos generaes, e não se movem do logar que elles lhes signalam. E deste modo (com grande exemplo aos soldados) obedeceu aqui Deus. Apertando, porém, a propriedade deste *Obediente Domino:* a obediencia suppõe no obediente duas coisas: ser inferior, e ter vontade. O sol era inferior a Josué, mas não tinha vontade: Deus tinha vontade, mas não era inferior. E que fez então Deus? Assim como depois uniu duas naturezas (em cuja união foi capaz do que não era cada uma dellas) assim nesta occasião, unindo a vontade propria á sujeição e inferioridade alheia, com nome mais prodigioso que o mesmo milagre, pôde ser obediente: *Obediente Domino voci hominis.* Mas quanto vae deste nome, ou desta obediencia á com que José era obedecido? Em Gabaon nem Deus era sol, nem o sol era Deus: em Názareth aquelle Menino maior que o mundo, que obedecia a José, tão verdadeiramente era homem, como era Deus, e tão verdadeiramente era Deus, como era homem.

Deixo de ponderar aqui, que Josué foi obedecido em um só dia, uma só vez, e em uma só acção: e José em tantos dias, ou tantos milhares de dias, quantos são necessarios para compor o espaço de trinta annos: e cada dia tantas vezes, e em tantas acções (além das ordinarias e domesticas), quantas eram as que se multiplicavam no concurso do mesmo officio, do mesmo trabalho, e da mesma obra, sendo José o que, como Pae e como mestre, ordenava; e Christo o que, como Filho e como discipulo, obedecia. Tudo isto, tão incomprehensivel na continuação e no numero deixo, por ponderar nesta obediencia do Filho

[1] *Josuë*, x, 14.

de Deus a José, unicamente um só acto e uma só circumstancia, que pesa mais que tudo isto. Quando o Menino Jesus, sendo de doze annos, ficou em Jérusalem, não o manifestou a seus Paes: *Non cognoverunt parentes ejus.* [1] Quando o acharam no Templo, o logar em que estava, era entre os Doutores, disputando com elles: *Audientem illos, et interrogantem eos.* [2] E quando lhe perguntaram a razão do que tinha feito: *Quid fecisti nobis sic?* Respondeu, que por importar assim ao serviço de seu Padre: *In his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse.* De sorte que neste caso o dictame do Menino, que sabia tanto como Deus, era emancipar-se e governar-se por si mesmo: a sua inclinação e devoção estar em Jérusalem, e no Templo: o seu genio e engenho applicar-se ás lettras e ás sciencias: sobre tudo, o fim destes intentos a importancia do maior serviço e honra de Deus.

E qual foi o fim destes parenthesis da sua vida, e edade, tão contrario aos exercicios della? Por ventura ficou em Jérusalem? Ficou no Templo? Ficou entre os Doutores? Ficou assistindo ao que era mais importante ás conveniencias de seu Padre? Não. Deixa as lettras, deixa as assistencias do serviço divino, e torna para a tenda de Nazareth, e para os cavacos, só porque assim o julgou e entendeu, e lh'o ordenou José. Então era de doze annos: depois destes se seguiram dezoito, até os trinta; e em todo este discurso e variedade de tempo, e de edades, sem mostrar jámais outro movimento de inclinação e vontade propria, obediente sempre, e sujeito em tudo a José, e a sua Mãe: *Et erat subditus illis.* [3]

X

A esta sujeição de Filho se segue em S. José outro titulo de Pae, que é o da creação e sustento em cinco edades, desde a infancia e puericia até á de perfeito varão. Deste titulo e razão de Pae faz menção Hugo

---

[1] *Luc.*, II. 43.
[2] *Ibid.*, 46.
[3] *Ibid.*, 51.

Cardeal, allegando o do mesmo S. José: *Propter nutrituram sicut Christus fuit Filius Joseph, et dixit Beata Virgo: Ecce Pater tuus.* [1] Deus é o que sustenta todas as coisas, como quem as creou, e não sei se é mais admiravel na sua magestade o querer ser sustentado, ou na de S. José (que não merece menor nome) o ser elle o que o sustentasse.

Naquella tão celebrada escada chamada de Jacob, o que mostrava a pintura e a visão, era o mesmo que no primeiro Capitulo de S. Mattheus dizem as lettras e Escriptura. Em uma e outra se significava o mysterio da Encarnação, e genealogia de Deus feito homem, e só havia de differença, que a escada era mais curta dois degraus; porque esta começava em Jacob, e S. Mattheus em Abrahão seu avô. Subindo pois pela escada, de geração em geração, e de degrau em degrau, o ultimo e o mais alto é S. José; porque nelle se acaba o *Genuit: Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ.* Agora se segue na historia desta visão de Jacob uma proposição digna de reparo: Jacob viu a Deus no summo da escada; e diz o Texto, que Deus estava sustentado nella: *Et Dominum innixum scalæ.* [2] Parece que se havia de dizer, ou ser o contrario, e que Deus estava sustentando a escada, para que estivesse firme em tanta altura; e não que Deus se sustentasse nella. A duvida é de Ruperto Abbade, e tambem a solução por estas notaveis palavras: *Supremus scalæ gradus, cui Dominus innixus est, iste est beatus Joseph vir Mariæ, de qua natus est Jesus. Quomodo iste Deus, et Dominus huic innixus est? Utique tamquam tutori pupillus, quippe qui in hoc mundo sine Patre natus est. Ita innixus est huic beato Joseph, ut esset infantulo iste Pater optimus.* [3] O ultimo e supremo degráu da escada é José Esposo da Virgem Maria, da qual nasceu Jesus. Mas como se póde verificar, que este Jesus, este Deus, e este Senhor estivesse sustentado, e se estivesse sustentando naquelle supremo degráu, que é José? O modo e a razão é manifesta, diz o insigne Doutor; porque como Deus feito homem nasceu neste mundo pupillo e orphão

[1] Hug. in Psalm. II.
[2] *Gen.*, XXVIII, 3.
[3] Rupert. de glorios. Filio hominis lib. I. in Math.

sem Pae; José foi escolhido por Deus para que em logar de Pae, e Pae optimo, qual é Deus, o sustentasse como Filho: *Ita innixus est huic beato Joseph, ut esset infantulo iste Pater optimus.*

Tão annexo andou a S. José, e tão altamente confirmado desde o céu pelo mesmo Deus este terceiro titulo de Pae de seu Filho, o qual elle exercitou com summa vigilancia, amor e cuidado, não só em quanto Menino, senão em todas as edades, sustentando-o com o trabalho de suas mãos e suor de seu rosto, na patria, no desterro, e em toda a parte. Mas se a Elias o sustentou Deus por um Anjo, a Daniel por um Propheta, e a todo o povo de Israël por espaço de quarenta annos com o Manná chovido do céu todos os dias; a seu Filho porque lhe não proveu os alimentos, como diz David, das dispensas occultas da sua omnipotencia; e a meza que lhe poz, e á que o poz, foi a de um pobre official, ganhada com o trabalho, e provida com o jornal de cada dia, e em que tambem o mesmo Filho tivesse a sua parte? A razão desta, não menor, mas muito maior providencia que Deus teve com seu Filho, foi aquella que deu S. Paulo, quando disse: *Debuit per omnia fratribus similari.* [1] Como o Filho de Deus se tinha feito homem, era conveniente que em tudo se fizesse similhante aos outros homens, aos quaes tinha o mesmo Deus condemnado em Adão a comer o seu pão com o suor de seu rosto. Este é o sustento e modo de os homens se sustentarem, o mais decente, o mais natural, o mais innocente, e o mais justo. Os reis sustentam-se dos tributos dos vassallos; mas quantas injustiças vão envoltas nestes tributos? Os grandes sustentam-se dos seus morgados; mas quantos, como o de Jacob, por astucias e enganos foram roubados a Esaü? Outros se sustentam pelas armas nas guerras, outros pelas lettras nos tribunaes, outros pelos governos nas provincias remotas e sendo tanto o pão que alli se recolhe, e que talvez não chega a se comer, qual é o que não seja amassado com as lagrimas e sangue dos innocentes?

O' ditosos, ó bemaventurados (que com isto devia e quero acabar) aquelles de quem cantou David: *Labores manuum tuarum quia manducabis; beatus es,*

[1] *Hebr.*, II, 17.

et bene tibi erit! [1] Aquelle *es*, e aquelle *erit;* o que cada um é, e o que ha de ser; o que é nesta vida, e o que ha de ser na outra, são os dois cuidados maiores de todo o homem que tem fé, e uso de razão: e ambos reduz o Propheta á fortuna tão pouco estimada neste mundo dos que comem os trabalhos das suas mãos, e se sustentarão dellas. Estes ou destes são os que militam debaixo da bandeira de S. José, e vivem do honrado soldo da sua imitação nesta nobilissima irmandade. De proposito lhe chamo nobilissima, para desaffrontar o nome com que os ignorantes queriam affrontar a Christo pelo officio de seu Pae: *Fabri Filius*. O primeiro Fabro que houve no mundo, diz S. Ambrosio, foi Deus, que fabricou o mesmo mundo, que ensinou a Noé a fabricar a Arca, a Moysés a fabricar o Tabernaculo, a Salomão a fabricar o Templo, com todas as medidas, com todas as proporções, e com todos os primores, d'onde depois os tomou e aprendeu a arte. Mas deixado o Fabro Divino, que era o Pae de Christo no céu, vamos ao Fabro da terra; que se o nosso discurso provou alguma coisa, já não haverá quem lhe duvide ser seu legitimo e verdadeiro Pae. Para que acabemos por onde começámos, pergunto: Qual é o mais nobre homem, e de mais alta e qualificada nobreza que houve neste mundo? Por ventura o primeiro Cesar entre os Romanos, ou o ultimo Alexandre entre os Gregos? Não. Pois quem? Aquelle humilde official chamado José, que em uma pobre tenda de Názareth, com um dos instrumentos da sua arte, estava cortando ou acepilhando um madeiro. Os padrões desta nobreza são os livros dos Evangelistas S. Mattheus, e S. Lucas. E todas as outras nobrezas, por mais que se chamem reaes ou imperiaes, é certo que não são Evangelho. Em S. Mattheus conto a S. José até el-rei David vinte e oito avós, e até Abrahão quarenta e dois. E em S. Lucas, subindo a ascendencia do mesmo José mais acima, e contando de paes a filhos setenta e quatro avós, não só chega até Adão, mas passa a Deus: *Qui fuit Adam, qui fuit Dei.* [2] Blasonae agora lá das vossas ascendencias, que a melhor coisa que podem ter, é não se

[1] *Psal.*, CXXVII, 2.
[2] *Luc.*, III, 38.

saber d'onde começaram. E tudo isto o ordenou assim a Providencia Divina, para que? Pasa abater e confundir a soberba humana. David do cajado subiu ao sceptro, e é mais facil o descer, que o subir. E quantos governaram reinos e monarchias, cujos descendentes estão hoje vivendo ou do remo no mar, ou do arado na terra? Ninguem se estime a si, nem despreze a outro pelo que póde dar ou tirar a fortuna. Ditosos os que contentes com a sua imitam e servem a S. José! Neste mundo o sangue de José foi a maior nobreza: no outro o merecimento de José é a maior valia; porque o Filho de Deus em toda a parte o reconhece por Pae: e como na terra lhe obedeceu em tudo, assim no céu lhe concede tudo. Ditosos pois outra vez os que na confiança de imitar a tão humilde Official, e servir a tão grande Principe, nelle, por elle e como elle, esperam de seus trabalhos o premio eterno. Amen.

SERMÃO

DE

S. JOSÉ*

Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph [1]

I

Questão foi duvidada entre os antigos, qual dia desta vida era mais feliz: se o primeiro, se o ultimo; se o do nascimento, se o da morte. D'aqui veiu, que seguindo varias gentes varias opiniões, umas se alegravam nos nascimentos, outras os celebravam com lagrimas: umas se entristeciam nas mortes, outras as solemnisavam com festas. Chegou finalmente a duvida ao tribunal d'el-rei Salomão, o qual inclinando-se á parte que parecia menos provavel, resolveu, que melhor é o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nativitatis.* [2] Com isto estar resoluto e definido assim na Escriptura, hoje parece que temos a mesma questão ou concordada, ou resuscitada; porque estamos por mercê de Deus em um dia tão glorioso por uma morte, tão feliz por um nascimento, que bem se póde competir dentro em si mesmo, ou a vencer feliz suas glorias, ou a vencer

---

* Se o sermão transacto é caracterisado por um estylo mais escolastico que oratorio e o seu assumpto é muito digno d'attenção pois que versa a doutrina fundamental de todos os elogios e glorias de S. José — este outro em nada desmerece do valor oratorio do orador, distinguindo-se sobretudo pelo esforço engenhoso e erudito empregado por Vieira em concordar o Evangelho e a festa do santo Patriarcha com o dia em que fez annos D. João IV, Restaurador da Independencia de Portugal. Este sermão foi prégado na Capella Real, em 1642.

[1] *Math.*, I, 18.

[2] *Eccl.*, VII, 2.

glorioso suas felicidades. Consagrou-se este dia ás glorias do céu com a morte do maior santo que nelle reina, o divino Esposo da Virgem Maria, S. José: e consagrou-se outra vez o mesmo dia ás felicidades de Portugal, com o nascimento felicissimo do mais desejado rei, e mais benemerito, el-rei nosso senhor D. João, o Quarto, para que sobre os trinta e oito, que hoje conta, continue por muitos e mui compridos annos as prosperidades que gosa. Morre hoje José, e nasce sua magestade. Que ventura tão reciproca! Nem José morrendo podia deixar no mundo melhor substituto: nem sua magestade nascendo podia entrar no mundo com melhor planeta.

Estando Christo Redemptor nosso na cruz, olhou para S. João, o discipulo amado, e encarregou-lhe que tivesse cuidado de servir e acompanhar a sua Santissima Mãe. Reparam alguns Santos em o não dar o Senhor este cargo a outro Apostolo, senão a S. João; porque ainda que em S. João concorriam todas as qualidades, em algumas era egualado, e em alguma excedido; e para mordomo da Rainha dos Anjos todos o excediam no attributo da anciedade. Pois se era mais moço João, e havia outros amados, e mais parentes, porque não escolheu Christo a outro discipulo, senão a S. João para este officio? A razão foi, porque o officio de acompanhar e servir á Senhora, era o officio de S. José em quanto viveu: e para substituir em ausencias de José quem havia de ser, senão João? Não é menos que de S. Cypriano o pensamento: *Ut non tam Joseph oneretur tanti ministerii præpositura, sed Joannes.* Morrêra José: vagára no mundo aquelle grande logar, e para substituir em sua morte, para succeder em sua ausencia, ninguem havia no mundo que estivese a caber, senão quem? João, o amado de Deus. João, o amado de Deus, substitue a José: *Non tam Joseph, sed Joannes.*

E isto quando? No dia de seu nascimento. Parece que não póde ser, porque nem o real, nem o nascimento podem competir a S. João aqui. Ora tudo foi. Quando Christo deu a S. João o cuidado de servir á Senhora, as palavras que disse foram estas: *Mulier, ecce Filius tuus:* [1] Mulher, eis ahi teu filho: *Dein-*

[1] *Joan.*, XIX, 26.

de dicit discipulo: Ecce Mater tua: [1] João, eis ahi tua Mãe. Mãe e Filho de que maneira? Mãe tinha S. João, mas era Maria Salomé: Filho era, mas de Zebedeu. Pois se estes eram seus paes, como se chama João filho da Senhora, e a Senhora Mãe de João? E' porque João tornou a nascer nesta hora, e nasceu só da Virgem por força das palavras de Christo. Auctores houve, e entre elles expressamente S. Pedro Damião, que disseram, que assim como as palavras, *Hoc est Corpus meum*, ditas uma vez por Christo, tiveram força para converter o pão em corpo do mesmo Christo, assim as palavras, *Mulier, ecce Filius tuus*, tiveram força para fazer a S. João, e o converterem de filho do Zebedeu em filho de Maria.

De maneira, que S. João teve dois nascimentos; um nascimento natural, com que nasceu filho de Zebedeu: outro nascimento sobrenatural, com que nasceu filho da Mãe de Deus. Pelo primeiro nascimento nasceu nas praias do Tiberiades; pelo segundo nascimento nasceu ao pé da cruz. Pelo primeiro nascimento nasceu de geração humilde; pelo segundo nascimento nasceu da mais illustre e real prosapia que havia no mundo, filho de uma Senhora, herdeira de um rei morto á mão de seus inimigos: *Jesus Nazarenus Rex Judæorum.* Assim nasceu S. João segunda vez, e assim foi necessario que nascesse, para succeder no logar de S. José como succedeu; porque só se póde substituir dignamente a morte de José, com que? Com o nascimento real de um João, o amado de Deus: *Discipulum, quem diligebat: Mulier ecce Filius tuus: Non tam Joseph, sed Joannes.*

II

Só vejo me podem reparar os curiosos em fallar no dia de S. José por termos de morte, sendo que mais devia com um e outro intento chamar-lhe nascimento: porque assim chama a Igreja ás mortes dos Santos: *Natalitia Sanctorum.* Se eu não fôra mais amigo da verdade, que da propriedade, assim o fizera; mas

[1] *Joan.*, XIX. 27

as mortes de outros Santos podem-se chamar nascimentos; a morte de S. José, não. As mortes de outros Santos podem-se chamar nascimentos, porque quando morreram á vida temporal, nasceram á vida eterna. Não assim S. José. Como não estava ainda aberta a porta do céu, quando S. José morreu, não foi o Santo no dia de sua morte á gloria, senão ao Limbo. Ao Limbo S. José neste dia? Valha-me Deus; que duvidoso horoscopo! Não sei eu como poderei provar o que entrei dizendo que não se podia nascer com melhor planeta. Dizem os mathematicos que nascer com os planetas debaixo da terra, é prognostico de infelicidades. Pois se S. José neste dia seu o temos todo debaixo da terra, o corpo na sepultura, a alma no Limbo; que influencias podemos esperar deste planeta em tão funesto sitio? Ora digo que é felicissimo auspicio ter neste nascimento a S. José debaixo da terra: porque ainda que os planetas debaixo da terra tenham perigosas influencias, tiram-se por excepção os planetas que são Josés: os planetas que são Josés, para influirem felizmente, não de estar debaixo da terra.

Estava o patriarcha José em Egypto; morreu, e diz o Texto sagrado, que depois de sua morte, cresceram muito os Israelitas em numero e poder: *Quo mortuo, creverunt filii Israël quasi germinantes multiplicati sunt, ac roborati nimis, impleverunt terram.* [1] Que os filhos de Israël crescessem pelos merecimentos de José, não me admira; antes assim havia de ser, que isso quer dizer José, augmento e crescimento: *Joseph accrescens.* O que me admira é que crescessem os Israelitas depois delle morto: *Quo mortuo.* Se José quer dizer crescimento, e os filhos de Israël cresceram por sua influencia, porque não cresceram em sua vida, senão depois de sua morte? A razão é porque para se lograrem as influencias de José, ha de estar debaixo da terra. Delicadamente o tirou Hugo Cardeal do mesmo Texto. Diz o Texto que: *Crevcrunt quasi germinantes*, cresceram os filhos de Israël, assim como crescem as plantas. Bem dito, diz Hugo: *Uno grano emortuo, multa creverunt:* Cresceram os filhos de Israël como as plantas; porque assim como as plantas, para nascerem e crescerem, é necessario que a virtude

[1] *Exod.*, I, 6 e 7.

de que nascem, se enterre primeiro debaixo da terra: assim para que a virtude de José influisse augmentos nos filhos de Israël, foi necessario que elle morresse e se enterrasse primeiro: *Quo mortuo, creverunt.* Os outros planetas hão de estar em cima, mas os Josés debaixo da terra.

Grande advertencia de Philo. Póde-se duvidar a razão por que José se mostrou tão benigno, e fez tantos favores e mercês a seus irmãos, de quem recebêra tantos aggravos. Digo que se póde duvidar; porque bem mostraram os primeiros dois irmãos Caim e Abel, que não basta a razão de irmandade para abrandar corações. E se um irmão respeitado mata; um irmão offendido que fará? Pois se José estava tão offendido de seus irmãos, como se mostrou tão benigno e liberal com elles? A razão, disse Philo, que foi por umas palavras que disseram a José os irmãos. Quando lhe deram conta de si, disseram que eram doze; os dez que alli estavam, um que ficára com o pae, e outro que morrêra, que era o mesmo José. As palavras foram estas: *Duodecim fratres sumus: minimus cum patre nostro est, alius non est super.* [1] O menor de todos, Benjamin, ficou com o pae, o outro, que era José, *Non est super*, já não está em cima, está debaixo da terra. Já está debaixo da terra José? Por isso se mostrou tão benigno e liberal com os irmãos, diz Philo: *Alius non est super, de se loquentes audiens, quid animi habere potuit?* Ouvindo dizer José que já não estava em cima, senão que estava debaixo da terra, que outra coisa póde fazer senão amar, favorecer, e influir beneficamente liberalidades? Os outros planetas, para influirem benignamente, hão de estar em cima: mas José, quando não está em cima, senão debaixo da terra, como hoje (assim tem o hebreu: *Hodie non est super*) no dia em que não está em cima, senão debaixo da terra, então influe vida, mercês, felicidades e augmentos.

[1] *Genes.*, XLII, 13

III

Temos visto o nascimento real de João o Amado, e o sitio do Planeta, em que nasce debaixo da terra, no mesmo, ou similhante dia; e porque os dias, como diz David, tambem se fallam e se entendem uns com os outros: *Dies diei eructat verbum;* [1] com razão perguntará o dia do nascimento de sua magestade ao dia, em que nasce, de S. José, que influencias póde ou deve esperar de tão divino Planeta. A resposta não é como a dos mathematicos, duvidosa e incerta; mas tão certa e sem duvida, como tudo o que dizem os Evangelistas. Vamos ao nosso Evangelho que é de S. Mattheus, no Capitulo primeiro, e oiçamos com admiravel propriedade o que diz, como se fallára deste dia e do nosso caso. *Cùm esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* Estava, diz, a Mãe de Jesus, Maria, desposada com José. Onde se deve advertir, que a palavra desposada não significa promessa reciproca de bodas futuras, senão verdadeiro e actual matrimonio por contracto, e palavras de presente como consta do mesmo Texto: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam:* [2] mas a cortezia do Evangelista não disse, *casada*, senão *desposada*, como termo mais decente e *decoroso*. O que supposto, era a Senhora já Mãe de Jesus, porque tinha concebido ao Verbo Eterno; mas antes de Mãe, primeiro desposada, porque? Como era e havia de ser sempre Virgem, tanto importava ser primeiro desposada, como depois; porque razão logo ordenou a Providencia Divina, que não concebesse ao Filho de Deus, senão depois de desposada: *Cùm esset desponsata Mater Jesu?* A razão principal é, porque convinha e era necessario que a conceição e parto da mesma Virgem estivesse encoberto: *Ut virginens partus celaretur.* Assim o dizem S. Jeronymo, S. Basilio, S. João Damasceno, S. Ambrosio, S. Bernardo, e é commum dos Santos Padres. Constava da Sagrada Escriptura, pelo oraculo e testemunho do Propheta Isaias, que o Messias e Rei promettido para Redem-

[1] *Psal.*, XVIII, 3.
[2] *Math.*, I, 20.

S. Isaí: *Joseph cui dor nati Regis.*

[illegible] estes dois reis nascidos ambos reis. [illegible] ¹ o segundo [illegible] Deus Emanuel Salvator; ² o segundo [illegible]

¹ *Isaí.*, VII, 14.
² *Isaí.*, XLV, 15.

nha, não com outro nome, ou antonomasia, senão a do Encoberto; vejamos quão particularmente encobriu a um e outro, o que a um e outro deu Deus por guarda o cuidado e vigilancia de S. José. A Christo encobriu-o, como Esposo de Maria, nove mezes e treze dias, desde sua conceição até depois de seu nascimento, em que o descobriu a estrella no Oriente aos Magos e os Magos em seguimento della a toda a Judèa. E como o encobriu? *Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbravit tibi.* [1] A Virgem Senhora nossa tinha dois Esposos, um divino, outro humano. O Esposo divino era o Espirito Santo; o humano, S. José. Do primeiro Esposo era obra o Filho concebido, como disse o Anjo á mesma Virgem: *Spiritus Sanctus superveniet in te:* accrescentando: *Et virtus Altissimi obumbravit tibi:* que a virtude do Altissimo lhe faria sombra. E que sombra foi esta, ou quem foi esta sombra? Foi sem duvida o segundo Esposo, a cuja sombra esteve a Virgem depois de desposada, e com a sombra e nome de Pae, encobriu o que verdadeiramente não era seu Filho. Assim ficou o Rei e Redemptor que havia de ser do mundo, encoberto desde sua Encarnação nove mezes até seu Nascimento, e treze dias, até que a estrella e os Magos, e Deus por elles, o descobriu ao mundo: *Ubi est, qui natus est Rex Judæorum?* [2]

Mas se S. José guardou encoberto a Christo nove mezes e treze dias; que comparação tem este tempo, que não chega a um anno, com trinta e seis annos inteiros em que teve encoberto ao rei encoberto de Portugal, desde o dia de seu nascimento até o felicissimo de sua restituição? Vejo que me respondem, que S. José não só encobriu a Christo naquelle primeiro anno não acabado, mas em outros, cujo numero certo se não sabe. Sabendo pelo Anjo, que Herodes, entre os Innocentes de Bethlem, queria tirar a vida a Christo, fugiu da Judèa para o Egypto, e depois da morte do mesmo Herodes, sabendo tambem por aviso do céu, que reinava em Judèa Archelau, seu filho, retirou-se para Galilèa. De sorte que para encobrir o primeiro Rei nascido, tomou por meio tirai-o diante dos olhos dos

[1] *Luc.*, I, 38.
[2] *Math.*, II, 2.

dois reis seus inimigos, e escondel-o em terras estranhas. Porém para encobrir o segundo rei, não só no seu nascimento, nem na sua infancia, puericia, ou adolescencia senão na edade de varão perfeito em tantos annos, a traça com que o encobriu a outros dois reis, que não menos lhe podiam tirar a vida e a corôa, qual seria? Verdadeirmente milagrosa, e digna da Omnipotencia Divina. Dentro na mesma Hespanha, dentro no mesmo Portugal, e adiante dos olhos dos mesmos reis, escondeu e encobriu de maneira ao encoberto, que vendo-o, o não viam, nem viram. E' certo que assim foi, mas duvidoso, como podia ser.

No dia da Resurreição ajuntou-se Christo aos dois Discipulos que iam para Emaüs, os quaes, em todo aquelle caminho, o viam e ouviam, sem o conhecerem. Por ventura transfigurou-se Christo, ou mudou as feições do rosto? Pois se eram seus Discipulos, costumados a vel-o todos os dias, e agora o estavam vendo, e no seu rosto não havia mudança, como o não conheciam? Responde o Evangelista: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* [1] A palavra *tenebantur*, melhor se póde entender, do que declarar na nossa lingua: *Tenebantur*, estavam detidos: *Tenebantur*, estavam presos: *Tenebantur*, estavam suspensos: *Tenebantur*, estavam em si e fóra de si, como extaticos os olhos que o viam e não conheciam. Fazendo este milagre nos Discipulos a omnipotencia de Christo, e nos reis, que tanto podiam temer e acautelar-se do que hoje é nosso, a mão invisivel de S. José. Desde o principio em que se fizeram senhores de Portugal aquelles reis estranhos, Filippe II tinha diante dos olhos a senhora D. Catharina; Filippe III ao duque D. Theodosio; Filippe IV a sua magestade, que finalmente lhe tirou da cabeça a corôa; e vendo-os, não conheciam o que nelles deviam receiar e temer, cegando-os S. José com a mesma luz de seus olhos, e cobrindo o seu e o nosso encoberto com o descobrir.

Assim desempenhou o grande santo a obrigação que tinha de encobrir e provar o nome de encoberto no novo rei, nascido no seu dia: mas ainda lhe falta, ou nos falta uma maior consideração e vigilancia deste seu empenho. O odio, a emulação, a cautella, o receio

---

[1] *Luc.*, XIXV, 16.

de perder o ganhado em Portugal, que tinham os reis estranhos, a grandeza do poder, e a doçura do possuir, podia lisongear e adormecer todo este cuidado; mas da nossa parte, e em nós os portuguezes, além da dôr do perdido, estava com os olhos abertos ao remedio o amôr, o desejo, e a necessidade. O amor ainda que é cego para vêr, é lince para adivinhar: o desejo é um affecto sempre ardente e inquieto, que não sabe socegar um momento: sobre tudo a necessidade da redempção, da liberdade, e de rei natural, era a que mais apertava os cordeis a este tormento, e tinha com a çoga na garganta todos estes affectos. E como podia ser, que sendo elles tão vigilantes, e tendo sempre o direito da corôa, e a pessoa do rei a quem pertencia, diante dos olhos, de tal sorte a encobrisse S. José, que a ninguem viesse ao pensamento ser elle o que o havia de recuperar? Mas em encobrir o nosso encoberto neste grande perigo de o declararem as evidencias, ou conjecturas de algum destes affectos, mostrou o santo, quão alta e delicadamente observou as obrigações do officio de o guardar: *Custos nati Regis*, equivocando milagrosamente um rei com outro rei, e encobrindo um vivo com outro morto. Perdeu-se, ou morreu na batalha de Africa el-rei D. Sebastião, e poderam tanto as saudades de um rei, que se tinha perdido a si e a nós, que sem se divertirem aonde deviam, deram em esperar delle, e por sua vida e vinda, a nossa redempção: e este foi o altissimo conselho, com que S. José, debaixo das cinzas do rei passado e morto, conservou e teve encoberto o rei futuro e vivo. Não vemos conservar-se vivo o fogo debaixo das cinzas que o encobrem? Pois assim conservou e encobriu S. José a vida d'el-rei, que Deus guarde, debaixo das cinzas d'el-rei D. Sebastião defunto. E' o que diz expressamente Isaias, no Capitulo LXI. Promette Deus alli de alegrar os tristes, de consolar os desconsolados, de libertar os captivos, e conclue, que pelas cinzas lhes dará a corôa: *Ut mederer contritis corde: et prædicarem captivis indulgentiam: ut consolarer omnes lugentes;* [1] e finalmente: *Et darem eis coronam pro cinere.* Assim estava Portugal triste, assim estava desconsolado, assim estava capti-

[1] *Isai.*, LXI, 1, 2 e 3.

vo, e assim lhe promettia S. José a corôa perdida debaixo das cinzas do rei morto reputado por vivo; e assim conservava vivo e encoberto aquelle que verdadeiramente havia de restituir aos tristes, desconsolados e captivos a corôa perdida. De maneira que encoberta a verdade debaixo do engano, a esperança debaixo da desesperação, a vida debaixo da morte, e a corôa debaixo das cinzas, aos principes estranhos, que tudo isto tinham por riso, não lhes dava cuidado o remedio; e os vassallos, amigos e naturaes, que o tinham, pouco menos, quasi por fé, com milagrosa providencia, enganada a sua dôr, o seu amor, o seu desejo, e a sua necessidade, se consolavam e animavam da falsa e equivocada esperança até que a verdadeira, debaixo della encoberta, ao tempo destinado pelo céu, lhe trouxe a felicidade que hoje logramos.

IV

Certo que ponderar cabalmente esta felicidade, será causa de não faltar nunca Portugal ao eterno agradecimento a S. José. Que uma vida (não sejamos ingratos, por não saber o que devemos a Deus), que uma vida, em que estavam fundadas as consequencias, que hoje se logram, apesar da emulação de dois reis, debaixo de sua mesma jurisdicção se conservasse! Que nasça a decima sexta geração de Portugal tão esperada, e que sendo decima-sexta por tres vias, nem o amor dos naturaes, nem os ciumes dos estranhos em trinta e sete annos o descobrisse! Vivo apesar de tantas advertencias politicas encoberto apesar de tantas evidencias manifestas! Grandes milagres da Providencia Divina; e este segundo, a meu vêr, ainda maior. E senão, pergunto: Qual foi a razão, por que ordenou Deus que o libertador que havia de ser de Portugal, se conhecesse tantos annos antes no mundo, não pelo nome de libertador, senão pelo nome de *encoberto?* A razão foi, porque maior milagre da Providencia era conserval-o encoberto, que fazel-o libertador. Fazel-o libertador, foi deliberarem-se os homens a uma coisa muito util; conserval-o encoberto, foi cegarem-se os homens a uma coisa muito manifesta: e maior milagre é encobrir evidencias ao en-

tendimento, que persuadir conveniencias á vontade. O que todos ponderam, o que todos admiram, o de que todos fazem maior caso é, que se unissem e concordassem as vontades de todo um reino, para fazer o que fizeram. Muito bem; mas bem considerado, não foi muito, porque, que muito que as vontades dos homens se persuadissem a uma coisa tão util e tão honrosa, como ter reino, ter rei, ter liberdade, viver sem captiveiro e sem oppressão? Porém que o auctor felicissimo de todo este bem nascesse e vivesse entre nós tão retratado pelos oraculos divinos, e ainda nomeado pelo proprio nome, e o tivesse Deus encoberto, sem que o amor, nem a emulação, que são os dois affectos mais linces, o descobrissem! Que o vissem os olhos, e que guardasse segredo o entendimento! Que suspirassem os desejos, e que não bastassem as maiores advertencias! Dissimulado a evidencias, e encoberto a olhos vistos! Este é o maior milagre, esta a maior maravilha, mas agora exercitada, e muitos seculos antes já ensaiada: por quem? Pelo auctor da mesma protecção, S. José.

Conta o Texto sagrado no quarto Livro dos Reis, Capitulo onze, que em uma occasião quizeram tirar a vida tyrannicamente os herdeiros do sangue real de Israël ao menino Joás; porém que Josabá o livrou do perigo, e o creou escondidamente: *Abscondit eum, ut non interficeretur*, [1] até que passados alguns annos, os nobres do povo se uniram, e todos com as armas nas mãos entraram no paço real, e impedindo as guardas em um sabbado, acclamaram por rei a Joás, e o metteram de posse do reino, que lhe pertencia, lançando do paço a Athalia, uma senhora que então governava. Desta maneira refere o Texto este caso, e bem se vê que é tão proprio do que succedeu em Portugal, que se ao nome de Joás se mudára o *s*, em *m*, se poderá trasladar este capitulo, e escrever-se em nossas chronicas. Bem está; mas quem fez isto? A quem se deve esta façanha? Quem ha de levar a gloria desta maravilha? Quem? S. José. Diz Isidoro Isolano, que Josabá, a cuja industria deve sua vida e restituição Joás, foi figura de S. José, Esposo da Virgem: *Joseph profecto in Josaba præfiguratus est, quæ Joas Infan-*

[1] *4.º Livr. dos Reis*, XI, 2.

tem clam nutrivit, et aluit, ac regem Israël tandem constituit. Hei de construir as palavras ao pé da letra, para maior gloria de S. José, e com maior evidencia do nosso caso. *Joseph profecto in Josaba præfiguratus est.* Verdadeiramente S. José foi figurado em Josabá: *Quæ Joas infantem clam nutrivit, et aluit:* que guardou ao infante Joás vivo e encoberto: *Ac regem Israël tandem constituit,* e finalmente o fez rei Israël, mettendo-o de posse do reino que lhe tocava. E não é isto mesmo o que fez S. José com o rei e reino de Portugal? Nem o caso póde ser mais proprio, nem eu quero dizer mais nesta materia.

Estas são as obrigações em que S. José tem empenhado a vossa magestade, Senhor; e as consequencias dellas são, que assim como S. José foi não só Salvador do Salvador, senão tambem do mundo; assim não foi só Salvador do nosso Libertador, senão tambem do reino libertado. Espero em Deus que o hei de provar litteralmente. *Benedictio illius, qui apparuit in rubo, veniat super caput Joseph.* [1] A benção daquelle que appareceu na sarça, desça sobre José. Esta benção foi lançada ao patriarcha José, e diz o Pelusiota e outros, que se cumpriu em S. José, Esposo da Virgem. E qual foi a benção daquelle que appareceu na sarça a Moysés? Elle mesmo o disse: *Vidi afflictionem populi mei, et descendi ut liberem eum:* [2] Vi a afflicção do meu povo debaixo do poder de um rei estranho, e desci do ceu a liberta!-o. Pois a benção do que appareceu a Moysés na sarça, é ser libertador do povo opprimido do poder de um rei estranho, e esta benção se cumpriu em José. Esposo da Virgem; digam-me agora os Historiadores, quando se cumpriu esta benção, senão na restauração de Portugal. Viu o Santo as afflicções deste povo verdadeiramente seu; e desceu do ceu a liberta!-o guardando com particular providencia a vida do nosso felicissimo libertador, como fez á de Christo, segundo a protecção que tomou em um e outro nascimento: *Custus nati Regis,* que foi o fim com que se desposou com a Virgem: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

---

[1] *Deut.,* XXXIII, 16.
[2] *Exod.,* III, 7 e 8.

V

Tenho acabado o sermão : de todo elle quizera tirar sómente uma coisa : queira o Senhor que seja tão bem recebida nos animos de todos, como é a todos necessaria e importantissima. O que concluo de todo este discurso é, que deve o reino de Portugal tomar solemnemente a S. José por particular advogado, e protector de sua conservação e augmentos. A razão que tenho para isto, é a mais efficaz que póde ser : querer Deus que seja assim, nem nós devemos querer outra coisa. Sonhou el-rei Pharaö que haviam de vir a seu reino aquelles quatorze annos de varia fortuna, e dizendo-lhe que importava prevenir-se de algum varão de grande prudencia, que superintendesse á conservação e remedio do reino. *Placuit Pharaoni consilium*, [1] contentou o conselho ao rei, e voltando-se para José, disse : *Numquid sapientiorem, et consimilem tui invenire potero?* [2] Por ventura, José, posso eu achar algum que seja mais sabio, mais prudente, e em cujas mãos e conselho esteja mais segura minha monarchia? O sceptro e a corôa ponho debaixo do vosso patrocinio, mandae, ordenae, despendei, não como vassallo, mas como pae. O mesmo digo no nosso caso.

Isidoro de Isolanis, já acima allegado, auctor que ha muitos annos que escreveu, admirando-se muito de que em seu tempo não fosse celebrado na Igreja o glorioso S. José, conclue assim : *Suscitabit Dominus sanctum Joseph ad honorem nominis sui, caput et patronum peculiarem imperii militantis Ecclesiæ*. Esteja embora esquecido por agora S. José, e não seja sua memoria tão celebrada como merece, que Deus levantará este grande santo a seu tempo, para que seja particular padroeiro do seu imperio na Igreja militante : *Patronum peculiarem imperii militantis Ecclesiæ*. Duas coisas havemos de saber para entendimento destas palavras : uma, quando se começou a celebrar S. José : outra, qual é no mundo o imperio de Christo. O tempo em que se começou a celebrar S. José, foi pontual-

[1] *Genes.*, XLI, 37.
[2] *Ibid.*, 39.

mente depois da perda d'el-rei D. Sebastião, de triste memoria, e antes da felicissima restituição á corôa d'el-rei D. João nosso senhor; para que posto entre a ruina do reino, e o remedio, compadecido da ruina a remediasse. E o imperio de Christo qual é? O mesmo Senhor foi servido de nol-o explicar, quando disse ao nosso fundador, o senhor rei D. Affonso Henriques: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire.* Quero em vós, e em vossa descendencia estabelecer o meu imperio. Pois se Deus levanta no mundo a S. José, quando quer levantar a sua magestade por rei: se o imperio de Christo na Igreja militante somos nós; e S. José ha de ser particular padroeiro deste imperio: que resta, senão, que effectivamente se conclua de nossa parte, que é o constituir e reconhecer com publica solemnidade a S. José por protector particular do reino de Portugal, e sua conservação: dizendo a este José, o que os Egypcios disseram ao outro: *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum Dominus noster, et læti servienus regi?* [1]

FIM DO TOMO VI

[1] *Gen.*, XLVII, 25.

INDICE

	PAG.
1.º Sermão do Santissimo Sacramento (Em dia do Corpo de Deus)	5
2.º Sermão do Santissimo Sacramento	45
3.º Sermão do Santissimo Sacramento	65
4.º Sermão do Santissimo Sacramento	83
5.º Sermão do Santissimo Sacramento	117
Sermão da Dominga Decima Sexta (Post Pentecosten)	147
Sermão da Dominga Decima Nona (Depois do Pentecostes)	181
1.º Sermão da Dominga Vigessima Segunda (Post Pentecosten)	213
2.º Sermão da Dominga Vigessima Segunda (Post Pentecosten)	241
Sermão de S. Gonçalo	273
Sermão de S. Sebastião	313
Sermão de S. Pedro Nolasco	327
Sermão do Esposo da Mãe de Deus S. José	355
Sermão do Gloriosissimo Patriarcha S. José	379
Sermão de S. José	405

9108

252
V 673 VIEIRA, ANTONIUS

AUTHOR

Sermoes VI

TITLE

DATE LOANED	BORROWER'S NAME	ROOM NUMBER
	STORAGE - CBPL	

9108